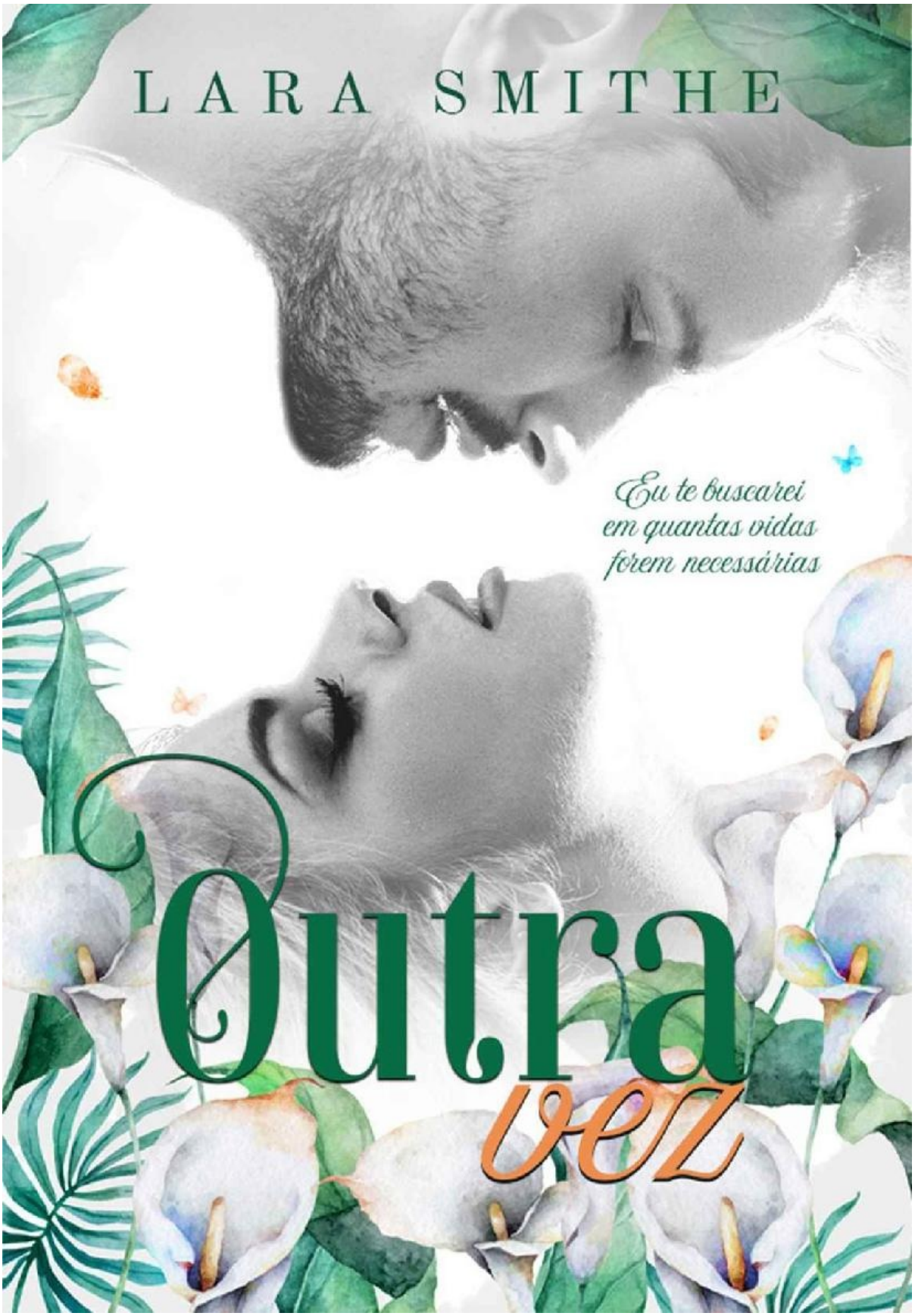
OUTRA VEZ

LARA SMITHE


LARA SMITHE
Eu te buscarei
em quantas vidas
forem necessárias
Outra
vez

LARA SMITHE

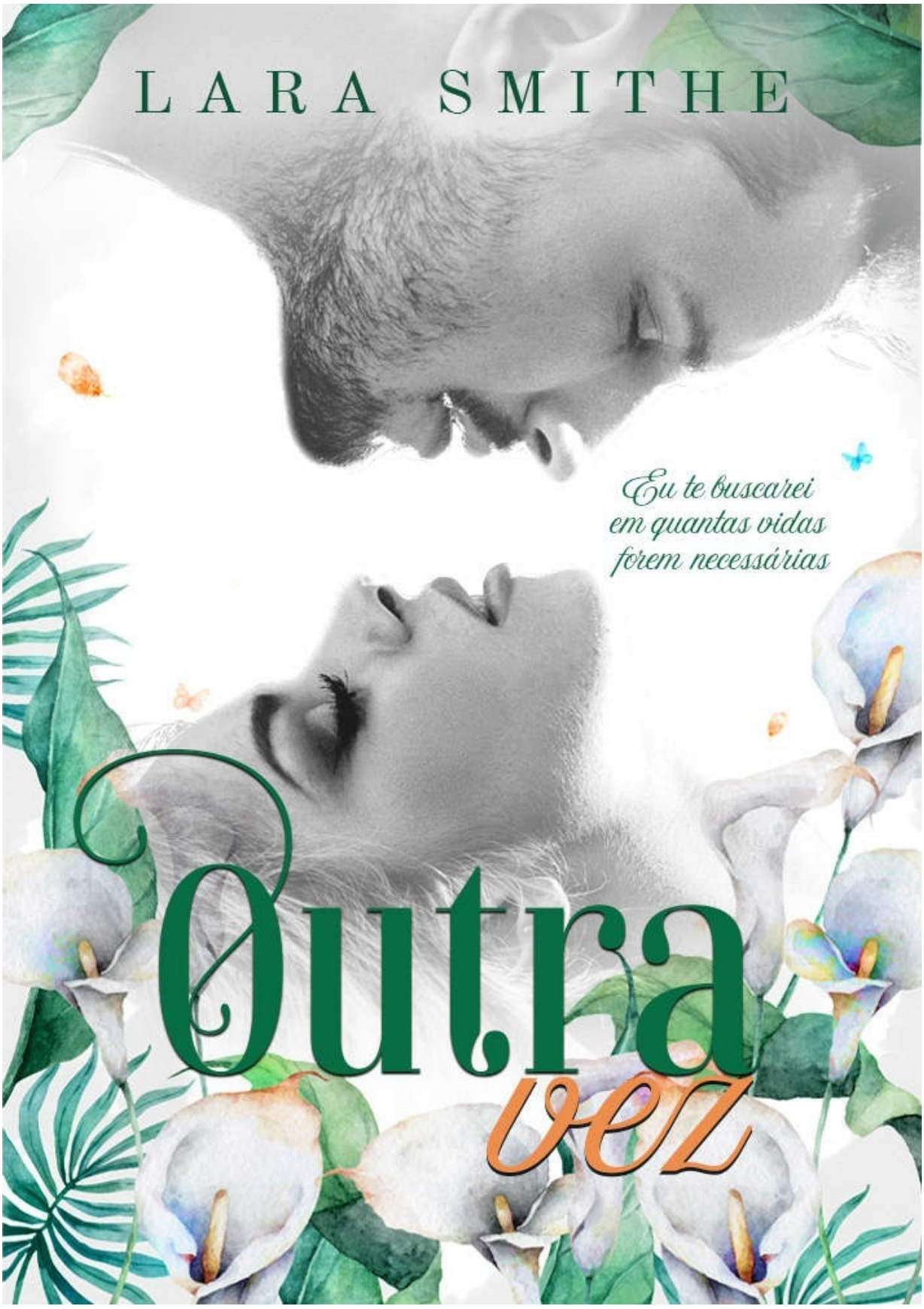
OUTRA VEZ

Romance HOT com fatos ESPÍRTAS

Primeira edição

Salvador/Ba

Brasil


LARA SMITHE
Eu te buscarei
em quantas vidas
forem necessárias
Outra
vez


Outra
vez







PLAYLIST

Fábio Jr. - Amor de Outras Vidas

Sebastian Yatra - Como Mirarte

Sebastián Yatra - Falta Amor

Sebastián Yatra - Nunca Nos Preparamos Para Tanto Amor

Sebastián Yatra - Yo Te Extraño

Sebastian Yatra - Oye

James Arthur - Can I Be Him

Natalie Taylor - Come To This

Natalie Taylor - Loved You Before

Natalie Taylor- Surrender

Shawn Mendes - Always Been You

Shawn Mendes - Wonder

Shawn Mendes - Use Somebody

Shawn Mendes - Why

QR Code Spotify QR Code Youtube

https://open.spotify.com/playlist/6pRoRuDjHwkX0E9uuXEBTb?si=d65490cb1f364e1e

Capa: Joice S Dias

Revisão: Hellen Caroline

Diagramação: Lara Smithe

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184

do Código Penal

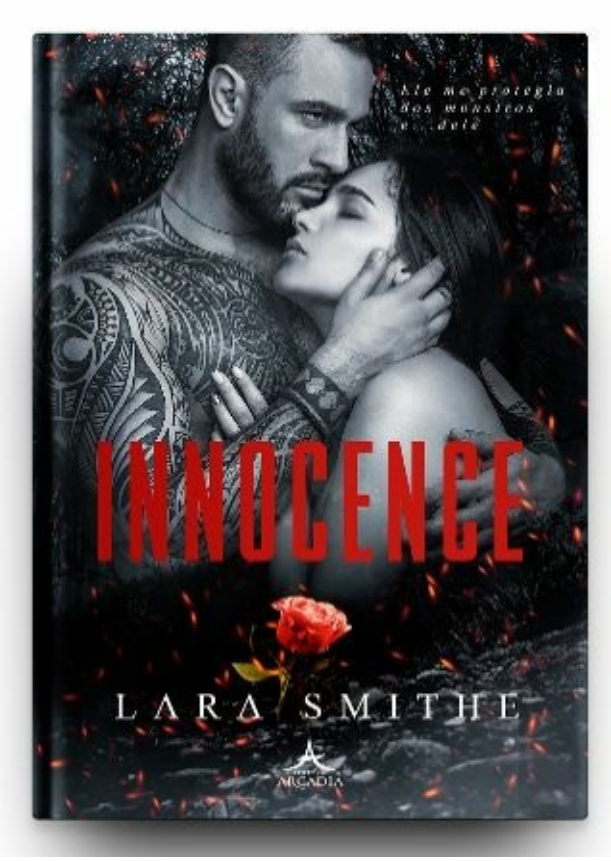
Edição digital | Criado no Brasil

Título original: OUTRA VEZ

Todos os Direitos reservados

Copyright © 2021 by Lara Smithe







Siga a autora em suas redes sociais

Fanpage: @autoralarasmithe

Facebook: lara.smithe.14

Site: www.larasmithe1.wix.com/meusite

Instagram: @autora_lara_smithe

Livros físicos sites:

Custe o que Custar e INNOCENCE; www.editoraarcadia.com.br

A Luz do Seu Olhar; www.lojabezz.com.br/

Outros Romances da Autora

SALVE-ME

TOQUE-ME

LIBERTE-ME

CEO DOMINADO

INNOCENCE

LUKE

LÓTUS

Apenas Amigos

Minha – Série os Lafaiete – Livro 4

Escolhas

Minha Insensatez

Sensibilidade

A Luz do Seu Olhar

Sr. Estranho

Tão Minha – Série Os Lafaiete – Livro 3

Hands that Heal

The Exchange

50 Tons de Mulher

O Contador

KAEL – nos braços do amor – livro 2

KAEL – renascendo para o amor – Livro 1

Ela é Minha – livro 2 da série Os Lafaiete

Ele é Meu – livro 1 da série Os Lafaiete

Nossa História

Depois de Tudo, Você

Recomeço

A Viúva

Emma

Cold Heart

Incontrolável

Pequenos contos:

Depois de Você, Tudo Mudou

A Despedida

Índice

Agradecimentos

Mensagem

SINOPSE

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Epílogo

PRÓXIMO ROMANCE



Agradecimentos

Deus, obrigada por ter permitido desenhar em palavras esta história fantástica. Foram alguns anos para enfim vir a autorização, e ela veio, e sua inspiração soprou em meus ouvidos cada vírgula, cada ponto. Foi emocionante escrevê-la, estou imensamente grata por acreditar e confiar em mim.

Agradeço às minhas leitoras amigas do grupo do WhatsApp, Instagram e do facebook: meninas vocês são maravilhosas é sério, adoro nossas brincadeiras e interação.

Obrigada família linda, por sua paciência e compreensão.

Não posso de maneira alguma deixar de agradecer as minhas BETAS; meninas vocês foram muito importantes a cada capítulo.

Mensagem

AMOR DE OUTRAS VIDAS

Como te reconhecer quando de novo te encontrar

Se nem mesmo vou saber como, quando, em que lugar?

O mundo guarda muitas voltas

Em outro tempo eu vou parar

Sem perguntas nem respostas eu te encontro num olhar

Em outro corpo, outro universo

Outro poema em outro verso

Em outro sol, em outra lua

Nos braços de outra pessoa

Vou abrir as portas do meu desejo

Reviver nosso último beijo

Embriagar de loucura a lucidez

Só pra poder te tocar e te amar outra vez

Se eu pudesse congelar pelo menos um momento

Depois imortalizar um sonho nosso, um sentimento

Esse amor de outras vidas transcende as leis do coração

Não aceita despedidas e a vida eterna, essa paixão...

(Música/Fábio Jr.)



SINOPSE

Sabe quando você pensa que tem uma vida toda certinha, na qual nada poderá mudar o que foi planejado? Eu tinha essa vida.

Filho único e herdeiro de um poderoso industrial, formado com honras em economia. Noivo de uma linda moça e respeitado por todos que me cercavam.

Perfeito, não é?!

Eu também achava, até que tudo se desmoronou como peças de dominó.

Não que eu me lembrasse de muitas coisas, mas as poucas peças que consegui montar em minha cabeça perdida, era que nem todos que me cercavam eram meus amigos, me queriam bem, ou eram fiéis.

Por algum tempo fiquei preso em um pesadelo, onde eu podia vagar por entre as pessoas, mas elas não me viam, não me escutavam, e eu não podia tocá-las. O desespero me tomou e as noites eram eternas, nunca era dia, sempre escuro e frio, e a cada segundo — que eram infindáveis — eu me distanciava da luz e as sombras começavam a me assustar.

Não sei por quanto tempo vaguei pela escuridão sem conseguir me comunicar com alguém, era possível escutar apenas os gritos e murmúrios torturantes.

O pensamento de que a morte havia chegado me consumia.

Passei algum tempo sentindo raiva, praguejando contra o Criador, até que aceitei meu destino.

Então, em meu desespero, orei pedindo para que alguma alma boa me ajudasse a encontrar o caminho de casa, ou pelo menos o caminho da paz. Foi então que percebi que alguém me escutava, que podia me ver e que, enfim, poderia me ajudar.

A doce voz me acalmava, me aquecia. Sua voz suave me guiou, e pude vê-la e ela pôde me ver, para finalmente trazê-la até mim.

E, ela me salvou.

Meu nome é Lucca Stein e esta é a minha história.



Prólogo

África 1902 – Tribo Motubh

Os últimos clarões da tarde haviam caído sobre a tribo Motubh. Hoje seria o dia mais feliz do casal apaixonado, Katuh e Lakuf. As águas do grande rio que cercava a tribo refletiam o crepúsculo, enquanto os guerreiros se reuniam para começar a grande cerimônia.

A cantoria já começava quando o grande príncipe da tribo Zatub surgiu com seus enormes músculos adornados com pinturas tribais.

Ele esbanjava sorrisos, sabia que a partir dali sua vida se uniria à linda feiticeira que foi escolhida para ser sua companheira e mãe dos futuros guerreiros invencíveis.

De repente, gritos de mulheres tribais foram ecoados, era o aviso do grande momento.

Sua futura rainha estava vindo. Tochas foram acesas para dar passagem à linda jovem que caminharia em sua direção. Eles se amavam, era um amor de espírito. Assim que foram apresentados, seus olhares se iluminaram e não precisaram fazer promessas com palavras. Seus espíritos já estavam unidos bem antes do nascimento.

Ela surgiu.

Tão linda, tão leve.

Seu corpo escultural estava coberto por pinturas coloridas, os cabelos trançados com flores e em suas mãos um punhal. O punhal sagrado, no qual, através dele, o sangue de ambos se uniria e assim seus destinos seriam selados.

— Katuh — ele disse segurando sua mão. Quase não conseguia respirar, inebriado com a beleza de sua futura rainha.

— Lakuf.

Ela mal conseguia pronunciar as palavras. Respirou fundo e segurou firme a mão de seu amado, pois nesse momento suas pernas fraquejaram de tão emocionada que estava. Finalmente, hoje ela entregaria sua virgindade ao guerreiro maior, o homem que roubou seu coração.

— Para sempre minha. — Sorriu. Sua vontade era tomá-la nos braços e beijá-la, provar seus lábios, sentir a maciez de sua pele.

A partir do momento em que foram prometidos, eles não se tocavam. Eles sequer se falavam, apenas se viam ao longe. Desde o dia em que seus pais fizeram a cerimônia de comprometimento.

— Sim, meu guerreiro, sou sua, para sempre. — Katuh sentia que não cabia em si de tanta felicidade. Ela esperou tanto tempo por este momento.

— Katuh, Lakuf... — O feiticeiro se fez presente e o silêncio cobriu a todos.

O ritual começou.

Primeiro foi a dança da fertilidade, depois da prosperidade, da vitória e por último, e a mais importante, a do amor. Quando a música finalmente silenciou, o punhal sagrado talhou um corte na

palma da mão de cada um dos amantes. Suas mãos se uniram e o beijo selou a eternidade.

As mulheres começaram a rodopiar em volta deles, gritando a música da união.

Já era tarde quando o casal entrou na grande tenda, onde Katuh derramaria seu sangue virgem.

Os seus corpos nus se uniriam, formando uma só pessoa. E os espíritos que acompanhavam Katuh, a jovem feiticeira, perpetuariam a paz entre as tribos por mais algumas décadas.

O ato se concretizou. Katuh deu seu sangue virgem para o guerreiro e ele se pintou com ele.

Lakuf deixou sua jovem rainha na tenda e foi dançar com os guerreiros, onde dividiria um pouco do sangue sagrado com aqueles que seriam os guardiões da próspera tribo.

E enquanto Lakuf dançava e cantava, outro guerreiro se aproximara dele e, sem perceber, foi apunhalado no peito. Ele fixou os olhos em seu assassino enquanto seu corpo escorregava para o chão.

— Ela será minha, Lakuf! Eu a vi primeiro! Morra pensando que a partir de agora sua rainha será minha.

Lakuf não viu o guerreiro, pois o homem estava pintado, mas ele sabia quem era. Pagut, o guerreiro de confiança do pai de Katuh, e ele tinha certeza, sim, agora ele tinha, Pagut iria roubá-la da tribo.

Desesperado, Lakuf reuniu todas as forças e gritou:

— Protejam a rainha!

O fez o mais alto que pôde. Até então, ninguém havia percebido que seu corpo estava ferido.

Todos se calaram e olharam em direção ao corpo caído de Lakuf. Ele segurava o peito e apontava para sua tenda. E assim que todos olharam na direção de seu dedo, viram Pagut ameaçando Katuh com um punhal.

Os guerreiros ficaram parados, não queriam que Pagut machucasse Katuh.

— Adeus, minha rainha, nos veremos entre os espíritos... — Em um último suspiro, Lakuf se despediu de sua amada.

— Não! — ao ver o corpo de seu amado no chão, sem vida, Katuh gritou, e tão rápido quanto seu grito, ela se curvou contra o punhal que Pagut segurava contra o seu peito esquerdo.

Assustado, Pagut a soltou. Ele não esperava por isso, não pensava que Katuh pudesse tirar a própria vida ao ver o amado morto, afinal, ela era uma feiticeira, e os feiticeiros sabiam que se tirassem suas próprias vidas, seus espíritos ficariam vagando pelo breu do além.

Katuh rastejou-se até que conseguiu alcançar a mão de seu amor, e assim soltou seu último suspiro.



Capítulo 1

Brasil, dias atuais...

Todos dizem que sou bonita. Talvez até seja. Minha beleza simplória e natural faz um bonito conjunto quando me olho no espelho. No entanto, não sei se chamo atenção por ser delicada, sensível, e como minha avó dizia, “elegante”, ou por ser um pouco esquisita.

Eu falo com os mortos.

Sim, isso mesmo, nasci com essa esquisitice. Às vezes, chamo de *dom*, outras de maldição.

Minha avó, Genoveva, gostava de dizer que sou sensitiva, ou médium. Desde muito pequena, tinha sonhos estranhos — ou pesadelos —, geralmente com pessoas que já haviam falecido.

Costumava não acreditar nisso, até o dia em que minha avó faleceu e dias depois ela resolveu me fazer uma visita. Acontece que eu não estava dormindo, estava bem acordada, e o pior, tínhamos visita em casa, uma vizinha que vozinha não gostava muito. E quando a fulana começou a falar bem de dona Genoveva, escutei todos os xingamentos dóceis que vozinha costumava chamá-la. Não só escutei, como vi minha vozinha próxima à vizinha, xingando-a com seu jeito gesticulador — ela era aquele tipo de pessoa que falava com o corpo inteiro —, e danei a gargalhar, quase fiz xixi na calcinha. A pobre da mulher não entendeu nada. Minha mãe me olhava com aqueles olhos acusadores e o meu pai quase

teve uma síncope.

Não quis aborrecê-los, então corri para meu quarto, mas assim que entrei, lá estava dona Genoveva, com aquele sorriso afável de vó.

A partir desse dia, vovó sempre vinha me visitar quando podia, seja em sonhos ou quando estava acordada.

Um dia fiz a pergunta que tanto me intrigava.

Perguntei por que ela não seguiu a luz — é o que todos dizem, não é?! —, e vovó respondeu que não estava pronta para ir para o outro lado, sentia que eu precisava dela.

Então fiz outra pergunta.

— Como assim? Como não está pronta?

Esse não é o certo? Se você morre, precisa seguir, seja qual for o seu destino — céu ou inferno, se é que essas coisas existem mesmo.

Na época, eu ainda não sabia sobre isso.

Ela respondeu que cabia a ela decidir, se ficava zanzando ou se seguia àqueles que foram buscá-

la, foi então que descobri que, até após a morte, o tal livre arbítrio existia. Mas a insubordinação de minha avó foi a minha salvação.

Com o passar do tempo, minhas visões se tornaram mais amplas, mais audíveis. E isso não me ajudava em nada, pois a cada visita, a cada voz, ficava difícil fingir que algo muito estranho não estava acontecendo comigo. Muitas vezes meus amigos me flagravam conversando com alguém, só que eles não viam meus amigos invisíveis e eu não podia simplesmente lhes dizer que estava conversando com um morto, então passei a ser chamada de maluca e foi por este motivo que comecei a me afastar dos vivos.

Eu me calei, não dava ouvidos ou olhos para os espíritos. Sabia que eles estavam lá, mas me fingia de “morta”, pois começava a me cansar dos apelidos maldosos dos adolescentes. Contudo, nem sempre podia afastá-los, principalmente quando

algum vivo corria um perigo iminente.

Quando tinha treze anos, um espírito veio até mim e suplicou que ajudasse a Clara, uma menina que estudava na mesma sala que eu. Vovó já havia me dito que eu não podia intervir na vontade de Deus, afinal, tudo que nos acontecia tinha um porquê. O danado do espírito leu meus pensamentos e rebateu, dizendo que meu dom poderia ser usado para ajudar àqueles que estavam sofrendo influência de espíritos malfazejos. Ele jurou que não era a hora de a menina partir para o outro plano, pois ela tinha uma missão especial naquela encarnação. No entanto, a tarefa dela não seria fácil e obstáculos seriam colocados diante da menina. Contudo, Deus em sua infinita sabedoria, colocaria anjos em seu caminho, e eu era um dos anjos.

O tal espírito me contou que escutou uma conversa entre alguns espíritos malfazejos, e que eles estavam planejando fazê-la sofrer um acidente mortal. Iriam induzi-la a mudar a rota de seu caminho para casa, e para isso usariam uma amiga dela, já que as duas eram inseparáveis. Ao invés de seguirem para casa, como sempre faziam, iriam ao shopping ver vitrines.

A bem da verdade, segundo o espírito, aquele dia era o último da vida da amiga de Clara. Eles só a usariam como escada. Confesso que aquela conversa não saía da minha cabeça. Pedi auxílio à minha avó, orei muito antes de dormir, só que minha vozinha não apareceu para me aconselhar.

Fiquei ansiosa, com dor de cabeça, enjoada, dor na nuca...

Estava convicta de que não diria nada para Clara. Ela conhecia meu apelido e, certamente, seria mais uma vez motivo de chacota de toda turma. No entanto, quando entrei na sala, não consegui prestar atenção na aula, eu só via Clara estirada no asfalto, coberta de sangue, e aquela imagem não era nada agradável. Então, quando todos estavam saindo e eu vi Clara seguindo na direção do ponto de ônibus, a chamei em particular. Ela ficou me olhando com aquele olhar medroso, pois não era de puxar conversa com nenhum colega, mas, mesmo desconfiada, ela foi. Comecei a lhe contar que havia sonhado com ela e sua outra amiga, e nesse sonho eu a vi morrer. A menina ficou tão assustada que não quis ir com a amiga. Uma hora depois, um motorista bêbado invadiu o sinal vermelho, ferindo dez pessoas e matando uma — a amiga da Clara. A partir desse dia, tudo mudou. Meus pais ficaram preocupados com as minhas esquisitices, achavam que estava sendo influenciada por algum demônio e por

isso passei a frequentar a igreja, fiz o catecismo, primeira comunhão, até crisma.

Não resolveu.

Acho até que fiquei mais sensitiva.

Então, meus pais deixaram de ser católicos e passamos a ser evangélicos. Nossa! Era um tal de

“sai demônio deste corpo que ele não te pertence” que até hoje ainda escuto os gritos do pastor em meus ouvidos. Até tentei explicar aos pastores — sim, foram mais de um, pois meus pais ficaram mudando de congregação — que, segundo a ciência, dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço, e como somos feitos de espírito, não tinha como outro entrar em meu corpo, já que eu tinha meu próprio espírito e para isso acontecer, minha alma teria que sair do corpo. Acontece que isso só se daria se eu estivesse morta. Eles acharam que eu estava fazendo pouco caso e não tiro a razão deles.

Por fim, depois de tantas tentativas, passamos para os médicos. Eles decidiram que meu caso

não era espiritual. Começaram a pensar que eu era doida, mas também não posso tirar a razão deles por isso. Quem em sã consciência conversa com gente morta?

Só um louco!

Será?

Meu corpo e minha mente foram virados pelo avesso, só que não encontraram nada de errado com eles. Eu era uma adolescente normal, apenas com uma imaginação fértil, mas, por desencargo de consciência, me receitaram algumas bolinhas brancas. Uma para dormir e outra para adormecer minha mente de louca. Bem, elas resolveram. Os espíritos se afastaram e eu não os ouvia, não os via e nem sentia, porém, perdi minha identidade, meu humor, minhas vontades.

Não vivia, vegetava.

Era uma drogada com consentimento dos pais, e fiquei assim até completar a maior idade e decidir não tomar aquelas pílulas do diabo — era assim que as chamava. Demorou um tempo para meu corpo se ajustar e minha mente reagir.

Dez anos mais tarde, estava estudando para as provas finais da faculdade quando, depois de um longo tempo, escutei um sussurro em meus ouvidos. A voz suplicava para que eu fosse imediatamente para a casa de um amigo, o Luiz. Ele era o esquisitão da nossa sala, se vestia feito um gótico e mal abria a boca para interagir nas aulas, mas éramos amigos e de alguma forma eu gostava dele. Talvez, porque éramos parecidos.

Não sei por que, mas acreditei no sussurro. Imediatamente fechei os livros, peguei minha bolsa e corri para a casa do Luiz. Ele havia perdido o pai há pouco tempo, andava mais triste do que de costume e tinha dias que não aparecia nas aulas. Por sermos amigos, eu sabia onde ele escondia a chave reserva, então a usei para entrar em sua casa. Tudo estava silencioso, mas pude escutar um choro, era quase uma lamúria. Corri em direção ao quarto dele e, quando entrei, o vi começando a retalhar um dos pulsos.

Deus!

Meu coração foi à boca, só tive tempo de me jogar na cama e segurar a mão trêmula de Luiz.

Com um olhar triste, ele me encarou e suplicou para que o deixasse morrer, pois não merecia estar vivo. Chorava e entre soluços alegou ser o responsável pela morte do pai. Ele pensava que o pai havia morrido por ter descoberto que ele era homossexual. Então, a voz soprou em meu ouvido, dizendo-me que já sabia sobre a orientação sexual do filho. Soube no dia do aniversário de quinze anos dele, quando Luiz estava conversando com o namorado, escondido dentro do banheiro. Meu amigo me encarou, atordoado, e perguntou como eu sabia disso, pois não havia ninguém em casa na ocasião, apenas o pai e ele.

Eu lhe disse que alguém muito especial havia soprado em meu ouvido, e só então entendi que havia sido o pai de Luiz quem me pediu ajuda.

Luiz me abraçou naquele momento, chorou, pediu perdão, falava comigo como se estivesse conversando com o pai. Eu podia sentir aquele amor me cercando, e acho que através do meu abraço, pai e filho se despediram. As lágrimas saíam dos meus olhos sem controle, e as palavras vieram.

Luiz parou para escutar a última mensagem que seu pai amado enviou através de mim.

“Filho, não tenha vergonha de amar, independentemente de quem quer que seja. Só se ame antes de tudo, se respeite antes de tudo, e se orgulhe de suas escolhas, seja feliz.”

O espírito se foi e Luiz seguiu sua vida de cabeça erguida.

E foi após esse momento lindo que resolvi ir em busca de respostas. Mesmo já entendendo um pouco o que eram minhas “alucinações”, pois começava a ficar com medo das minhas premonições, ainda que tentando fugir, as pessoas me procuravam para pedir conselhos ou sugestões, outras me chamavam de bruxa ou amaldiçoada. Com isso, vi que já estava na hora de entender o que eram as vozes, as visões e as sensações que me acompanhavam por tanto tempo.

Durante dois anos mergulhei em diversos estudos e crenças. Já agora, adulta, posso me proteger, portanto voltei às igrejas, mas elas continuavam gritando, exorcizando. Algumas diziam que estava sendo perseguida por espíritos malignos e eu precisava ter mais fé, mas nenhuma delas conseguiu explicar, ou parar com os fenômenos.

Resolvi voltar à medicina, talvez ela pudesse me dar uma luz. Acreditava na possibilidade de a psicanálise me ajudar. Em uma das minhas visitas ao hospital universitário de psicanálise, conheci uma médica, a senhora Emília, e nos tornamos amigas. Após algumas consultas, ela me convidou para frequentar o centro espírita “Nos braços de Jesus”. Eu já havia frequentado alguns centros espíritas e em nenhum deles encontrei a resposta para as minhas perguntas e a ajuda para o meu problema, mesmo assim resolvi aceitar o convite.

— Papai, estou indo! — grito antes de fechar a porta. Emília já me espera em frente à casa.

— Filha, espera...

Avisto papai, que vem correndo, e já sei o motivo da desabalada carreira. Ele está querendo me convencer a não ir. Desde o momento em que disse que iria visitar o centro espírita, ficou com aquela cara de desaprovação. Não entendo meus pais, sinceramente. Eles passaram quase a minha vida toda entrando e saindo de congregações, tentando encontrar uma cura para minha “maldição” —

é assim que eles chamam —, e justo agora que tudo indica que erei encontrar respostas, estão querendo sabotar minha descoberta.

Mamãe não fala comigo desde que comecei a ir às reuniões semanais, são duas por semana e aos sábados vou à palestra.

Faz exatamente quatro meses que estou em tratamento espiritual e frequentando aulas mediúnicas, e exatamente hoje será meu primeiro dia para pôr em prática todos os ensinamentos sobre reuniões de educação mediúnicas. Segundo o orientador, Carlos, estou pronta para ajudar nossos amigos invisíveis. Ele me disse que sou uma médium completa e só preciso estudar e praticar, e é o que farei hoje. Confesso que estou ansiosa e curiosa, mas medo não é um sentimento que está em mim. Já tive minha parcela de experiência com espíritos desencarnados, então eles não me trazem receios.

— Filha, desista desta besteira, esse povo não é de Deus, pense melhor...

Estou a ponto de perder a paciência com meus pais. Eles não entendem que só agora eu encontrei as respostas para todas as minhas perguntas. Eles não querem entender que a vida não acaba com a morte, ela recomeça.

— Papai, respeite minhas escolhas. Se o senhor não acredita que podemos, sim, nos comunicar com os espíritos desencarnados, respeito sua opinião. No entanto, respeite minha crença e minha natureza. Posso conversar, ver e sentir nossos irmãos que já se foram, e isso não é uma maldição ou uma possessão demoníaca, é um dom que todos nós temos. Agora, por favor, deixe-me seguir meu caminho, ok?!

— Filha, aquelas pessoas fizeram uma lavagem cerebral em você, eles não são de Deus, são o demônio. Por favor, desista! Olha, já falei com...

— Chega, papai! Sou uma médium e, aceite ou não, vou trabalhar para ajudar meus irmãos. Se vocês dois não querem, não se agradam da minha decisão, posso perfeitamente procurar um apartamento para morar sozinha. Agora tenho que ir. Quando eu voltar conversamos melhor sobre isso. — Puxo-o para um beijo no rosto e ele não recusa o carinho, só me encara com um olhar de decepção. — Papai, eu o amo muito, entendeu?!

— Eu sei, minha filha, mas estamos preocupados.

— Não se preocupe. Pela primeira vez estou bem comigo mesma — declaro. — Agora tenho que ir. Tchau.

Ele permanece segurando a porta aberta enquanto me afasto, me observando sair pelo portão de ferro que protege nossa casa.

Emília acena para ele e olho para trás, então vejo o sorriso morno que papai oferece para minha amiga, para depois fechar a porta.

— Ele ainda está tentando convencê-la a desistir? — Emília conhece a aversão dos meus pais à doutrina espírita, mesmo depois de termos ido a várias sessões quando ainda era criança.

— Você acredita que chamaram o padre Olavo para abençoar a casa? Até pediu para que o coitado do padre me desse alguns conselhos.

— Eles só querem protegê-la, Honna, releve. — Ela sempre age assim, ainda que mamãe a tenha chamado de farsante. Emília não disse nada, apenas sorriu e a chamou de irmã.

Mamãe respondeu que não era irmã do demônio.

São essas atitudes esdrúxulas que não consigo entender. Por muitos anos meus pais entraram e saíram de ceitas religiosas, buscando entendimento pelas coisas que se passavam comigo. Eles nunca sequer reagiram de maneira descrente, aceitavam as versões que os representantes diziam sobre os meus sonhos, premonições, ou seja, lá o que eles imaginavam, até no terreiro de candomblé eles me levaram. No entanto, quando eu lhes disse que havia encontrado meu caminho, que finalmente havia encontrado as respostas para os meus questionamentos, eles simplesmente acharam um absurdo, disseram que estava sendo influenciada.

Talvez o Carlos tenha razão. Enquanto meus pais só queriam me livrar das visões, eles aceitavam qualquer tipo de ajuda. Porém, quando passei a aceitar minha mediunidade e usá-la para ajudar nossos irmãos espirituais, eles entenderam como uma afronta à crença que lhes foi ensinada

— o que eu não acredito —, pois vozinha quando descobriu que eu era diferente, jamais tentou me persuadir a ignorar o que eu via e escutava, pelo contrário, ela sempre me incentivou a escutar o que eles queriam me dizer, por isso eu duvido muito que os pais de minha mãe algum dia tenham ensinado



a ela que quem vê espírito tem parte com o demônio.

— Emília, meus pais não são pessoas ignorantes, eles sabem perfeitamente o que significa mediunidade, apenas não querem aceitar. Mas creio que um dia eles aceitem, por enquanto terão que me engolir. Agora vamos ou chegaremos atrasadas.

Passo o cinto de segurança em volta do corpo e ligo o som do carro, deixando o mantra de Enya purificar o ambiente.

— Eita! Está mesmo ansiosa por esse momento — ela comenta e dá partida no carro, e assim saímos lentamente do acostamento.

Bem que disseram que quando estamos trabalhando para ajudar nossos irmãos espirituais, sempre alguma coisa acontece para nos impedir de chegarmos ao nosso destino. Quando não é um mal-estar, é o trânsito ou algo físico. No nosso caso é o trânsito provocado por um acidente que resulta em um congestionamento medonho, mas juntamos as mãos e oramos para que tudo dê certo e cheguemos a tempo.

Graças a Deus, chegamos.

Hoje a reunião não é aberta ao público, só os trabalhadores da casa estão presentes, no total de doze pessoas. A mesa enorme está forrada com uma toalha branca, quatro jarras de água estão sobre ela e os copos nos lugares onde todos os trabalhadores irão se sentar. As luzes azuis estão acesas, e uma música com cânticos de paz toca bem baixinha. Todos já estão acomodados, orando, nos aguardando. Nos dias das reuniões, sejam elas de educação mediúnica ou assistência espiritual, temos algumas regras a serem cumpridas, sendo elas: não comer carne vermelha, nos abstermos de sexo, fumo, bebida alcoólica e qualquer tipo de pensamento ruim ou discussão. Precisamos manter nosso corpo e mente em plena harmonia.

Nos sentamos em nossos lugares. O coordenador dos trabalhos nos manda respirar profundamente, relaxar os ombros, o corpo e a mente, damos as mãos e ele começa a orar.

Bem, estava ciente do que iria acontecer, estudei durante meses sobre o que aconteceria. Sabia, também, qual seria minha função, então não estou com medo, apenas muito ansiosa, pois é a primeira vez que irei oferecer ajuda.

Encaro a luzinha azul, ela está bem diante dos meus olhos, volto meu olhar para meus amigos em volta da mesa e fixo meus olhos nas duas pessoas que estão ao meu lado, seguro suas mãos com firmeza, fecho os olhos e me concentro na oração do coordenador.

Música.

Oração.

Mãos segurando minhas mãos.

Abro um dos olhos novamente... a luzinha azul está lá. Respiro profundamente e solto o ar lentamente...

— *Socorro... Socorro... Alguém me ajude... Por favor, tem alguém aí? Socorro...*

Choro...

— *Oi... por favor, ajude-me, não consigo enxergar. Por que não consigo enxergar?*

Choro...

Tento abrir os olhos, tento encontrar as mãos que as minhas seguram...

Nada.

Por fim, consigo abrir os olhos, no entanto não estou mais no salão do centro espírita. As pessoas que estavam comigo, não estão ao meu lado.

Estou sozinha. Em um corredor branco há várias portas e o cheiro de éter me dá enjoo.

— *Socorro!*

A voz continua clamando por ajuda. E quanto mais eu caminho, mais ela fica próxima.

— *Socorro! Ajude-me, não consigo ver nada, onde estou? Que lugar é este, onde estão meus pais?*

Soluços.

— Oi, onde você está? — pergunto.

— *Oh, Deus! Alguém me escutou. Estou aqui. Por favor, ajude-me! Meus olhos... meus olhos ardem muito e não consigo ver nada, é tudo um breu.*

— Fique calma, ficará tudo bem, você ficará bem.

— Onde estou? Quem é você? Que cheiro é esse? Estou em um hospital? Por que as pessoas estão chorando?

— Honna, o que você está vendo? — Escuto a voz da Emília, ela é a doutrinadora.

— Um corredor. Vejo um corredor longo e no final um clarão — respondo.

— Peça ao nosso irmão para seguir o clarão, ele precisa seguir até lá.

— Ei... você ainda está aí? O que aconteceu, por que as pessoas estão chorando e por que elas não conseguem me ver, nem me escutar?

— Qual é o seu nome?

Questiono e assim que fecho a boca eu a vejo, é uma moça pequena com cabelos negros, veste uma calça jeans e está muito assustada. Não consigo ver seu rosto direito, mas parece muito jovem.

— Lia. Meu nome é Lia. O que aconteceu? Por que só você me escuta?

— Lia, vai ficar tudo bem.

— Onde estou? Eu me lembro que estava voltando para casa no carro de um amigo, era o aniversário dele e ele se ofereceu para me deixar em casa... Eu... me lembro de uma luz forte vindo em nossa direção... e acordei aqui. Onde está meu amigo? Por que não consigo enxergar? Por que meus olhos ardem?

— Lia, você consegue sentir um calor logo atrás de você?

— Sim, eu sinto, o que é? É tão bom, tão reconfortante.

— Você precisa seguir esse calor, Lia. Tem pessoas lá que irão ajudá-la, elas estão esperando por você.

— Não sentirei mais dor se for para lá?

— Não sentirá mais dor.

— Meus pais estão lá me esperando?

— Não, seus pais não estão lá, mas há outras pessoas que irão ajudá-la.

— *Meus olhos ardem, ardem muito...*

Os meus também estão ardendo, e de repente não consigo enxergar mais a moça, fica tudo um breu, meus olhos queimam, começo a esfregar minhas mãos nos olhos e o desespero cai sobre minha cabeça. Estou cega.

Cega.

— Deus, ajude-me! — grito.

— Honna, você precisa fazer com que ela vá para a luz, ela precisa seguir. Eu não consigo fazer, ela está ligada diretamente a você, então só escutará sua voz.

— Não a vejo, não vejo...

— Ore, estamos orando também, respire, Honna, acalme seu coração, ela precisa de sua orientação.

Respiro. Oro.

— Lia, siga o calor, você precisa seguir adiante.

Então escuto um sussurro, alguém a chama. Uma voz calma chama por Lia. Então, de repente, a luz azul está a minha frente e as lágrimas nublam meus olhos, aliviando o ardor que eu estava sentindo.

— Você está bem, Honna? — Emília me abraça e aos poucos minha visão volta, vejo os trabalhadores passistas se afastarem, o que significa que estavam me dando passe.

— Agora estou bem, meus olhos não ardem mais.

Voltamos aos nossos lugares. Quando o coordenador fecha os olhos e começa a oração, somos agraciados com a presença espiritual de um dos mentores espirituais da casa. Ele se comunica através do coordenador e é a mensagem mais linda que já escutei.

Encerrados os trabalhos, tomamos a água fluidificada, conversamos um pouco

mais e, meia hora depois, estamos a caminho de casa.

— Então, o que achou? Foi difícil? Afinal, foi sua primeira comunicação assistida. Não ficou assustada?

— Só quando não consegui enxergar — respondo com sinceridade.

Nunca antes experimentei aquela sensação, era como se eu fosse o espírito desencarnado, consegui sentir tudo o que ele sentia.

— Carlos já a havia explicado sobre isso, não foi?

— Sim, mas viver a situação é bem diferente.

— Eu não sei, só doutrino os espíritos, nunca os vi ou os senti. Mas de uma coisa tenho certeza, as próximas você tirará de letra, você nasceu para fazer isso.



Capítulo 2

Três anos depois...

Estar sentado nesta cadeira de presidente, sendo o CEO de uma empresa renomada, e politicamente correta, é algo que eu queria desde que meu pai me trouxe aqui quando ainda era um moleque de calças curtas e cheirava a pirulito de framboesa, – Não sei por que eu adorava aquela porcaria.

Tinha apenas seis anos e me encantei com tudo o que via meu pai fazer. Passei o dia inteiro ao lado dele. O vi comandar uma reunião durante quase três horas,

depois fiquei atento nas intermináveis ligações com clientes e fornecedores, e o mais esperado de todo aquele momento, a hora da inspeção nas duas indústrias. Só paramos para almoçar e fazer um lanche.

Caminhávamos, eu ao lado dele, todo orgulhoso, e papai segurando minha pequena mão, com um sorriso esticado nos lábios. Sempre que parava diante de alguém, me apresentava com as palavras certas e orgulhosas.

— *Este é meu filho Lucca, o futuro desta indústria.*

Nossa!

Acho que se não fosse a mão do meu pai segurando a minha, acabaria flutuando de tão inflado que meu peito ficava. E com minha pouca idade e meu pouco conhecimento, já me via comandando tudo aquilo, sentado nesta confortável cadeira, lendo, assinando contratos audaciosos e tão importantes.

Agora, com trinta e cinco anos, estou à frente de todo este império e amo fazer isso. Faz sete anos que assumi a frente dos negócios, infelizmente papai adoeceu e os médicos exigiram que ele se afastasse de aborrecimentos, se quisesse ter mais alguns anos de vida.

É grave, é assustador, mas não podemos fazer nada, a não ser dar a ele o tratamento adequado, conforto, e fazê-lo feliz.

De todo modo, eu previa algo assim... Não, não sou nenhum vidente. Mas convivendo com meus pais, vendo a imensidão de amor que os cercava, algo em meu coração dizia que se acontecesse alguma coisa com um dos dois, o outro não resistiria por muito tempo. Eles necessitam um do outro.

Papai e mamãe são dependentes um do outro.

E quando mamãe foi diagnosticada com um linfoma nível quatro, fiquei preocupado, pois eu sabia o que nos esperava. Estava terminando minha pós-graduação e já planejando meu doutorado, mas tive que adiar minha tão sonhada viagem para a Inglaterra. Precisei assumir responsabilidades maiores na empresa, já que papai passou a administrar de casa, as indústrias. De estagiário passei a diretor. Com meus vinte quatro anos, comecei a tomar decisões importantíssimas.

Dois anos depois, mamãe faleceu e a vida de papai desmoronou. Ele até tentou esconder a dor, se entregando ainda mais ao trabalho, mas um ano depois descobrimos que ele também está doente, seu coração não anda bem, o pulmão também não. Portanto, rapidamente eu o afastei e assumi seu lugar.

Mamãe nos faz falta, aquele sorriso aberto e o seu jeito de só ver o lado bom das pessoas, que era seu cartão de visitas. Ela era uma mulher extraordinária.

Dizem que puxei à beleza dela, os olhos brilhantes e claros, a cor dos cabelos e a pele morena, do papai o jeito mandão e a personalidade marcante. Somos destemidos e determinados, quando queremos algo, corremos atrás, mas tem uma característica que ganhei dos dois: o grande coração amoroso.

Tive a sorte de crescer em um lar onde o amor, respeito, solidariedade, são vividos a todo momento, a cada segundo.

Amor é o tempero de nossa família.

Meus pais se amavam e aquele sentimento era demasiadamente viciante e cercava a todos que se aproximavam, era muito difícil não se apaixonar pelo casal que formavam.

Por isso está muito difícil para o papai ficar longe dela, e eu sinto que a cada dia que passa ele vai se distanciando do mundo, se enterrando dentro de casa. Ele tenta se entreter com o trabalho, –

continua fazendo algumas coisas, mas em casa –, acho que trabalhar é como deixar a mente entorpecida, e até entendo, sentia-me assim também nos primeiros meses. Eu pensava nela todos os dias e ainda hoje penso, mas não com aquele desespero congelante. No início cheguei a praguejar contra Deus por levá-la para longe de nós. Estava com raiva, amargo e perdido, no entanto, após semanas cheguei à conclusão de que foi melhor ela ter ido, acho que teria sido pior, tanto para mim quanto para papai e mamãe, vê-la sofrer sem podermos fazer nada para aliviar suas dores. Os médicos nos disseram que, com o passar do tempo, nem a morfina iria aliviar as dores, portanto, foi mesmo melhor assim.

— Senhor Lucca, sua reunião no escritório central foi confirmada.

Lívia, minha secretária, me arrancou dos pensamentos e lembranças. Estou sentado com a cadeira virada para a janela, com os olhos fixados em um lugar

qualquer. Viro-me para ela, sorrindo, ela faz o mesmo. Lívia já me conhece, foi secretária do meu pai por algum tempo e agora se dedica a mim. Papai até tentou lhe dar a aposentadoria, mas ela se recusou, dizendo que sua única diversão é trabalhar.

— Senhor Lucca, onde está sua cabecinha hoje? Seu pai tinha a mesma mania, ficava sentado aí, olhando para o nada, ele dizia que era o momento nostalgia.

Ela sorriu. Aquele sorriso de mãe, reconfortante, caloroso e feliz.

— Meu pai sabe das coisas, Lívia. Ele sabe. — Levanto-me, pego meu paletó, minha chave, carteira, e sigo para porta. — Será que dará tempo de voltar para almoçar com o papai? Ele ficou de vir hoje, espero que não me amolem com conversas fiadas e queiram encobrir a falta de organização.

Hoje alguns fígados serão comidos.

— Até parece... — Lívia me ajuda a vestir o paletó. — Seu coração é quente e bondoso, jamais cometeria algum desatino. Acho que alguns podem até ser chamados a atenção, mas será só isso. —

Ela toca a palma da mão no lado do meu rosto. — Sua nobreza é maior do que sua brabeza. — ela finaliza e sorri.

— Sou justo, mas não besta, Lívia, você sabe disso. Aprendi a ser assim com o homem mais justo da face da terra, meu pai.

— Eu sei, eu sei, mas sei também que sua justiça não é mal-educada.

Passo por ela e já estou quase na porta do elevador quando ela vem correndo em minha direção.

— Seu celular. — ela diz e estende o aparelho em minha direção. — Acho que é a menina Suzanne.

Agradeço mudamente. Tenho o costume de esquecer o celular em qualquer lugar.

— Oi, meu amor, já está com saudade? Dormimos agarradinhos e já está querendo meus beijos?

— Sorrio enquanto aguardo a resposta melosa, ou a malcriada.

— Meu lindão, sempre sinto sua falta. Acho que quanto mais se aproxima a data do nosso casamento, mais sinto necessidade de tê-lo por perto... Sabe... — Lá vem ousadia. Ela costuma fazer uma pausa quando quer dizer algo picante. — Estou sem calcinha e com meus dedos me tocando, não consigo parar de pensar em nossa noite de amor.

Fico excitado, muito excitado. Passamos quase toda a noite fazendo amor, quando fomos fechar os olhos era quase quatro da manhã. Suzanne me deixa completamente enlouquecido, nossa relação é puramente pecaminosa e só de pensar nela fico duro.

— Suzanne... — Arrasto seu nome longamente e sorrio no final. — Não faça isso comigo, tenho uma reunião na fábrica agora mesmo, não posso me atrasar. Você sabe o quanto me deixa louco quando começa a dizer sacanagens por telefone.

— Eu sei, e é por isso que falo. Mas tudo bem, espero você chegar à noite. Ficarei nua, de pernas abertas, e com o vibrador todo enfiado naquele lugar, só para provocá-lo.

Merda! Tenho a visão do seu corpo nu e com um vibrador fazendo o trabalho que seria do meu pênis. Ela vai me pagar por essa.

— Suzanne, você quer que eu entre de pau duro em uma sala de reunião? Quer mesmo que isso aconteça? Sabe a executiva do Hernandes? Ela estará lá.

Vingo-me. Suzanne é muito ciumenta e vive dizendo que a Deodora só falta me comer com os olhos.

— Parou a brincadeira! — Ela faz biquinho, tenho certeza de que faz. — Amor, será que você poderia passar na casa da mamãe e pegar uma caixa? Eu prometi a ela que passaria lá, mas como você está indo para a mesma direção, daria para fazer isso por mim? Por favor, meu lindão, estou tão cansada... Preciso descansar para estar pronta para você mais tarde. Você faz isso, faz?

— O que você não me pede com dengo que eu não faço correndo? — Enquanto converso, caminho em direção ao carro, abro a porta e entro. — A caixa é para levar para você?

— Então... — Eu sei que nada é fácil quando se trata da minha linda noiva. — São roupas para a caridade, o local para a doação fica no seu caminho também, é só deixar lá, mamãe vai explicar onde fica.

Aperto o botão de ignição e saio lentamente da minha vaga.

— Ok, amor, agora preciso desligar. Quando sair da reunião ligo para você. Beijos, minha vida.

Amo você demais, sabia?!

— Eu sei, lindão, também o amo demais. Se cuide e dirija com cuidado.

Ligo a seta que indica esquerda e saio do prédio das indústrias *Stein*. Vinte minutos depois, estou no portão da casa de minha sogra, Marli. Buzino e desço do carro para ajudá-la com a caixa.

— Bom dia, querido! — Beijo-a na bochecha, pego a caixa e deixo no banco do carona. —

Desculpe o incômodo, querido, mas prometi às moças do centro de caridade que levaria essa caixa hoje, tem uma semana que me cobram.

— Não é incômodo algum. Está no meu caminho, é só me dizer como chego lá.

— Sabe a estrada que dá na fábrica? Ao invés de você seguir direto, vire à direita e siga em frente, fica na comunidade de Buraquinho. Aqui o papel com o endereço. — Suzanne não falou que fica tão longe. — Tem algum problema para você? Se não puder ir, encontro outro meio de enviar.

— Não, Marli, prometi para Suzanne que levaria. Agora, deixe-me ir ou chegarei atrasado na reunião.

— Você é um anjo, meu querido, o genro que sempre pedi a Deus. Vá com Deus.

Beijo outra vez o rosto dela com carinho, sorrindo carinhosamente. Entro no carro e lá vou eu para mais uma aventura criada por minha linda noiva.

Sigo o endereço, mas não é fácil encontrar, até que vejo o nome que está no papel.

Centro Espírita nos Braços de Jesus.

Não sabia que a família de Suzanne frequentava esse tipo de lugar. Estaciono o carro no acostamento, pego a caixa e vou até a entrada da casa. É uma casa grande e várias crianças brincam na frente dela. Chamo um menino que joga bola com outro garoto.

— Oi. Sabe me dizer onde e com quem posso deixar esta caixa?

— O senhor pode entrar. A moça da recepção *tá* lá. — Ele aponta para uma porta grande de alumínio.

Agradeço e sigo. A casa por dentro é bastante grande e logo após a recepção há outra porta. Dou alguns passos, encostando-me no balcão. A recepção está vazia.

— Olá! Há alguém aqui que possa me atender? — Aumento o tom da minha voz, mas ninguém aparece e já estou invadido a recepção quando uma senhora com uma vassoura na mão surge.

— O que o senhor quer? — diz isso me olhando com uma expressão de desconfiança, até penso que arremessará a vassoura em minha cabeça.

— Onde deixo esta caixa? É para doação. — pergunto e a senhora suaviza as feições, até sorri.

— Só um minuto, vou ver se a Honna ainda está por aqui. É ela quem recebe as doações.

Ela desaparece por uma porta antes mesmo de me dar a chance de dizer alguma coisa, porém, não demora muito para retornar.

— O senhor pode deixar aí mesmo. Honna já foi embora, mas obrigada por sua colaboração.

Não sei explicar, mas gostei do lugar. Nos transmite uma paz interior tão boa, as pessoas são humildes e têm... como dizia minha mãe, uma aura boa. Deixo a caixa no balcão e volto para o carro, mas antes de dar partida fico observando as crianças brincando e percebo o quanto elas parecem estar felizes.

Sigo meu caminho, só que devido ao desvio que precisei fazer para ajudar

Suzanne, agora eu terei que ir por outro trajeto. Seria uma mão de obra fazer o retorno e seguir a estrada asfaltada em direção à fábrica. Precisei cortar caminho, então sigo por uma estradinha de terra que fica cercada por uma mata. Já estou dirigindo a mais ou menos vinte minutos quando escuto um barulho, parece o estalo de fogos explodindo. Chego até a pensar que são tiros. Acelero o carro, então escuto outro estrondo, desta vez bem perto do carro. E é então que eu vejo pelo espelho retrovisor duas motos.

Tudo fica terrivelmente assustador. Os homens sentados no carona das motos estão armados e começam a atirar em minha direção. Acelero o carro mais uma vez e só vejo a poeira da estrada, penso até ter despistado os motoqueiros, no entanto, escuto dois estrondos, um deles no pneu do meu carro. Perco o controle da direção e bato de frente com uma árvore, os airbags são acionados, mesmo assim eles fazem pressão em meu rosto e peito. Fico zonzo e um zumbido apita em meus ouvidos. De repente meu carro é alvejado por tiros.

Vou morrer, meu Deus!

Penso em meu pai. Ele não suportaria outra perda. Penso em Suzanne, ela ficará viúva antes mesmo de se casar.

Os tiros não param. Sinto uma dor no abdômen, na coxa, na costela, no ombro, até que algo atinge o lado esquerdo da minha cabeça, então tudo fica confuso e passo a um estado que oscila entre o consciente e o inconsciente. Consigo abrir a porta do carro, mas não tenho chance de escapar. A dor não deixa que eu faça muita coisa.

Alguém me puxa.

— Ele está morto? — alguém pergunta.

— Não, mas não vai demorar. O que fazemos? Terminamos o serviço ou o deixamos para morrer? — o homem que me puxou para fora do carro articula, ele parece estar nervoso.

— Espere, vou ligar para a chefia, ele quem decide. — *Chefia? Quem será a pessoa que me quer morto? Não tenho inimigos, pelo menos eu pensava que não tinha.* — Chefia, o cara ainda está vivo. O que fazemos? Terminamos o serviço ou o largamos em algum lugar? — Outra pausa e a tortura vai me matando aos poucos. *Por que eles não acabam logo com isso?* — Olha, chefia, pelo que estou

vendo, o pobre coitado não durará muito... — Outra pausa. — Sim, ele vai sofrer *pra* caralho até a morte agarrar *ele*. — *Deus, o que eu fiz para estes homens?* — Certo, não se preocupe, conheço um lugar que ninguém o encontrará. Ele morrerá aos poucos e deixaremos o carro bem longe daqui, ok, chefia?! Estou mandando as fotos.

Os homens me olham, um deles me chuta nas costelas, me contorço de dor e o outro cospe em mim.

— É, cara, não sei o que você fez, mas a pessoa que nos contratou quer que sofra muito antes de morrer. Eu em seu lugar, pediria a Deus para o levar logo. Vá por mim, as dores que irá sentir não chegarão nem perto da que está sentindo agora.

Eles começam a gargalhar e chutam-me outra vez.

— Por favor... — com bastante dor, tento articular as palavras. — Eu pago o dobro para que me deixem viver, pago quanto quiserem...

— Sinto muito, mas somos assassinos de palavra. Já fechamos com a chefia, então poupe suas energias.

Eles não estão brincando, e assim que o homem se cala recebo um tiro na outra coxa. A dor é dilacerante.

Quase inconsciente, sou arrastado, puxado pelos braços mata adentro. As pedras machucam minhas costas, galhos cortam minha pele, estou no inferno. Antes de morrer eu só quero saber quem é a pessoa que tem tanto ódio de mim.

— Aqui. Acho que este buraco está ótimo. — Mesmo com a pouca claridade, posso ver onde estamos. É um tipo de gruta rochosa. — É, cara, talvez você tenha sorte e logo um animal o encontre e acabe com seu sofrimento.

Tiram algumas fotos e enviam não sei para quem, depois vasculham meus bolsos e pegam todo meu dinheiro, celular, só deixam minha carteira. Antes de eles irem sou chutado novamente, desta vez no rosto. Saem gargalhando e em poucos minutos só me resta o barulho do vento, das cigarras, e as dores. Dói tudo, até minha alma, mas chega o momento em que não consigo sentir mais nada e a escuridão diante dos meus olhos me cobre.

Acho que morri.



Capítulo 3

Meus olhos estão tão pesados que fica até difícil piscar. Meu corpo dói, minha boca está seca, sinto frio e mal consigo respirar. Escuto um barulho e tento me acostumar com a escuridão, lembrando de um artigo que li e dizia que nossos olhos aprendem a enxergar no escuro. Pisco os cílios com dificuldade, mas consigo, sinto algo se movendo perto de mim. Ele se aproxima e passa por cima da minha mão até chegar bem perto do meu corpo, eu o vejo, é um rato. Eu o tanjo, ele corre assustado.

— Onde estou? — Faço a pergunta em voz alta. Está muito escuro, provavelmente já é noite. —

Pense, Lucca, você precisa se lembrar? — Sento-me, minhas costas se apoiam na pedra fria. — Os tiros, as motos... meu Deus! Sofri um atentado, eles me largaram aqui para morrer! Não, não posso morrer! Isso não irá acontecer, sou forte, preciso sair daqui, preciso procurar ajuda.

Reúno todas as minhas forças e me ancorando nas pedras, levanto-me. Tonto, em desequilíbrio, saio da gruta, a escuridão e o frio gelado me tomam. Mesmo assim, inspiro e sigo trôpego, apoiando-me nos galhos das árvores. Não faço ideia de quanto tempo se passa, sequer sei para que lado seguirei, só sei que há uma necessidade de seguir, em algum lugar chegarei, morrer nesta gruta eu não vou.

Ando por um período longo...

Acho que a pontaria dos homens que atiraram em mim não era boa, pois já não sinto tanta dor e o sangue de minhas roupas desapareceram. Será que foi tudo coisa da minha imaginação? Bati o carro e de alguma maneira me arrastei até aquela gruta, devo ter perdido os sentidos e sonhado com toda aquela loucura.

Saio da mata e vejo uma estrada.

Graças a Deus!

Continuo andando, meio sem rumo, pois ainda não faço ideia de onde estou. Ando por mais algum tempo até que vejo uma pessoa.

— Ei! — grito. A pessoa está parada, olhando-me. — Graças a Deus! Até que enfim uma alma viva. Por favor, o senhor tem um celular? Eu preciso ligar para minha família, eles devem estar preocupados.

— Olá, meu irmão. Sinto muito, mas não tenho celular. — *Como assim? Quem hoje em dia não tem um celular?* — Mas eu posso levá-lo a um lugar onde pessoas poderão ajudá-lo.

— Sim, sim, vamos. Talvez essas pessoas tenham um celular. — Começamos a andar, então percebo que ele está me guiando para o mesmo lugar de onde eu vim. — Não, meu amigo, lá não há ninguém, só mato. Eu preciso ir até um lugar habitado, por favor. — suplico.

— A ajuda só poderá ser feita se o senhor voltar. Ninguém poderá ajudá-lo no estado em que se encontra. Venha...

— Não! Ficou maluco? Se não quer me ajudar, seguirei meu caminho.

Ele permanece parado, olhando-me enquanto me afasto. Existem loucos em todos os lugares.

Continuo andando pela estrada de terra, sem iluminação, só as estrelas iluminam meu caminho. Não sei por quanto tempo estou andando, parece uma eternidade, até que encontro uma estrada asfaltada.

Bem ao longe avisto luzes, e à medida que ela se aproxima, percebo que são as luzes dos faróis de um carro. Do acostamento começo a acenar e gritar, o automóvel passa por mim, então grito o mais alto que posso. Acho que ele me

escutou, pois o veículo para e o motorista sai do carro, dá a volta nele, abre a porta do carona e olha lá para dentro, depois em minha direção, mas é como se não estivesse me vendo.

— Obrigado, muito obrigado. Será que o senhor pode me dar uma carona? Serve para qualquer lugar, desde que tenha pessoas que possam me ajudar.

Ele continua me olhando. A porta do carona continua aberta, então entro e ele a fecha, assumindo o controle do veículo em seguida.

— Cheguei a pensar que não encontraria ninguém neste fim de mundo... — Faço uma pausa e observo todo o veículo. — O senhor tem um celular? Será que eu poderia usá-lo?

Ele não responde, só segura o volante com força, como se estivesse muito nervoso.

— Eu sei que preciso parar de usar cocaína, eu sei disso, ela está acabando com a minha sanidade. — Ele diz e continua apertando o volante com força e olha para o meu lado de soslaio, como se não quisesse me ver. Acho que está envergonhado pelo que acabou de confessar. — Fui para meu esconderijo, só queria usar um pouquinho, mas eu acho que exagerei.

Sim, ele está envergonhado, por isso fico quieto. Minutos depois, avisto luzes e entramos em um lugar habitado, o qual começo a reconhecer. É a cidade, minha cidade.

— O senhor pode me deixar na rua... — O carro para bruscamente e ele sai do veículo, abre a porta do carona, me encara e busca algo que não sei o que é.

— Devo estar maluco. — Fica de pé e leva as mãos às orelhas. — Deixe-me em paz, deixe-me em paz.

Começa a gritar e a andar de um lado para o outro. Saio do veículo.

— Senhor, eu... — Tento conversar com ele, mas o senhor que aparenta ter a idade do meu pai, entra no veículo e sai rangendo os pneus. — Obrigado! — grito, mas eu acho que ele não me escuta.

Olho de um lado e do outro, à procura de um táxi, até mesmo um ônibus, mas

deve ser muito tarde, não vejo ninguém, nem veículo, só os latidos dos cães. Como já sei onde estou, decido ir caminhando. O prédio que Suzanne mora está próximo. Chego à frente das grades e começo a chamar o porteiro, mas ele não me escuta, deve estar dormindo. Grito o mais alto que posso, só que não tenho uma resposta, ninguém surge na janela para reclamar do barulho. Deve ser bem tarde, mesmo, as pessoas devem estar em um sono profundo.

Desisto. É melhor ir até a delegacia, há uma bem perto daqui.

Entro no local, noto as pessoas que aguardam atendimento, sentados em algumas poltronas, dois policiais conversam com duas moças e dois outros policiais conversam entre si. Os chamo, mas eles

sequer olham em minha direção. Bato forte no balcão, mas ninguém me dá atenção.

— Mas que diabos está acontecendo com estas pessoas? — Dou a volta e viro-me para a porta, é melhor tentar encontrar um táxi e voltar para casa. Desço as escadas e por sorte, logo adiante há um táxi parado. — Está livre? — pergunto ao motorista, ele nem me olha. — Cara, você está livre? —

Ele se inclina e aumenta o som do rádio. — Mas que merda! Por acaso está surdo? — grito.

— Não, cara, ele não está surdo — alguém diz, com deboche, atrás de mim. Viro-me e vejo dois homens mal-encarados sorrindo. — Não nos olhe assim. É sério, o taxista não está lhe ouvindo, nem o vendo.

— Beberam? Não estou para gracinhas. Estou tendo uma noite de merda, cansado, machucado, e quero muito voltar para casa.

— Ninguém está brincando aqui, cara, e depende *pra* que casa você quer voltar. — Eles se entreolham e sorriem ironicamente. — Pedro, ele ainda não entendeu o que está acontecendo. Vamos ficar com ele até a coisa acontecer, aí o usamos como escravo?

Eles conversam como se eu não estivesse ali, bem diante deles.

— Fumaram o cigarrinho do diabo? Estão loucos! Do que estão falando?

— Escute aqui, seu almofadinha de merda. Nesta área quem manda sou eu, entendeu? — O tal Pedro, de cara suja e dentes horríveis, me agarra pelo colarinho da camisa eu posso sentir seu hálito podre. — Não entendeu ainda que está quase morto, e é por isso que ninguém o escuta ou o vê? Olhe para você! Está todo ensanguentado, cheio de buracos de bala, acha mesmo que se alguém o visse desse jeito, já não teria lhe ajudado?

Ele está louco, só pode! Ensanguentado, eu? Quase morto? Mas do que ele está falando?

E é então que olho para a parede de vidro da delegacia, e quando vejo minha figura, solto um grito de susto.

— Deus, não! Não pode ser! Eu não estava assim quando vim para cá. Não estava!

Minha camisa está, realmente, toda ensanguentada. Meu rosto coberto de sangue, a calça completamente rasgada, praticamente em frangalhos, minha barba um pouco crescida.

— Agora caiu a ficha? Seu corpo deve estar em algum lugar, seu fim está próximo. Você ainda não morreu, mas não vai demorar para isso acontecer, e quando acontecer, só terá duas saídas: ou segue aqueles idiotas cheios de luz, que te fazem uma porção de promessas; ou fica aqui e procura se vingar daqueles que o mataram. Podemos ajudá-lo, mas terá que nos pagar trabalhando para nós. O

que acha?

— Afastem-se de mim, vocês são loucos! — Tento me afastar deles, mas minhas pernas se dobram, não consigo andar. — Quanto tempo? Há quanto tempo estou vagando?

— Pelo seu estado, acho que há alguns dias. Já vimos isso antes.

Eles se aproximam como urubus em busca de carne podre.

— Não pode ser. Ainda é noite, ainda é noite. — pergunto, entrando em desespero.

Não entendo. O que aconteceu com o tempo?



— Para nós, sempre será noite, sempre. E ficará pior quando seu espírito se separar de vez do seu corpo. — um deles diz, e ambos começam a gargalhar.

Preciso voltar para o meu corpo, preciso me prender a ele. Alguém irá me encontrar. Com certeza meu pai está me procurando. Não, não vou morrer, não vou. Fecho meus olhos com força e começo a orar.

— Deus, por favor, por favor, leve-me de volta para o meu corpo, preciso acordar deste pesadelo.

Então, algo acontece. É tudo muito rápido, quando abro os olhos estou na gruta escura e posso ver meu corpo estirado no chão, sangue me cobrindo, imóvel, sem vida, sem cor...

Deus, eu morri!

Abraço meus joelhos e começo a chorar. É o fim, não verei mais meu pai, e só consigo pensar na possibilidade de o coitado não suportar outra perda. Não, meu pai não merece isso. E a Suzanne?

Tão jovem, tão linda, nosso casamento está tão perto... Já temos tudo pronto, até nossa lua de mel já está planejada, ela já comprou o vestido de noiva, tudo pronto... Não, não posso ter morrido. Por que, por quê?

— Alguém precisa me ajudar! Se morri, não quero ficar preso aqui, não quero. Socorro! —

grito, desesperado.

Deito-me no chão, ao lado do meu corpo. Não quero ver os vermes me comendo, não suportaria isso.

Será que aqueles homens estavam falando a verdade quando disseram que, ao morrermos, pessoas vêm nos buscar? Se for, quero muito que elas venham, irei com elas, não posso ficar aqui deitado, vendo meu corpo ser comido por bichos, não posso. Por favor, Deus! Se o senhor existe mesmo, ajude-me, ajude-me a encontrar a luz, ajude-me.

Fecho os olhos e começo a orar fervorosamente.

— Ei... o que quer, meu irmão?

Meu Deus! Alguém finalmente me escutou. Será que são as pessoas que buscam os mortos? Só pode ser. Então eu morri, morri mesmo.

— Ei, estou aqui, não tenha medo. Oh, meu irmão, você está aqui?

— *Sim... você me escuta?*

— Escuto sim. O que está sentindo?

Você pode me ver?

— Se você quiser, eu posso. É só se concentrar, tenha fé.

— Estou muito sujo e... muito machucado. Acho melhor não me ver, posso assustá-la.

— Você não vai me assustar, confie em mim, eu quero ajudá-lo.

— Estou morto, não é?! Você é uma daquelas pessoas que buscam os mortos para levá-los

para a tal luz?

— Se acalme. Você ainda não está morto, ainda não chegou a sua hora, mas preciso que me ajude a saber onde está. Eu preciso que tente se lembrar. Deixe-me ser os seus olhos.

— Como sabe que não estou morto?

— Seu espírito ou perispírito se desdobrou do corpo, isso acontece quando dormimos ou quando sofremos um acidente muito sério, no qual perdemos a consciência.

— Quer dizer que estou inconsciente? E o que é perispírito? Mas, se meu espírito sair do corpo, não estou morto?

— Perispírito é também conhecido como fluídico dos Espíritos. Em uma linguagem fácil e prática, é como se fosse a cola que gruda o espírito ao corpo. Um envoltório semimaterial que mantém o espírito. Lembrando que o envoltório grosseiro é o corpo, que quando chega a morte é o único que se destrói. Você não está morto, porque seu perispírito ainda está ligado ao seu corpo material, podendo observar e sentir tudo, mas ao mesmo tempo acompanha a viagem do espírito.

— Mas eu posso morrer, não posso?

— Sim, se seu corpo não receber a ajuda necessária. Portanto, eu preciso que se recorde de onde está, para que eu possa ajudá-lo.

— Ok... Eu me lembro que estava andando de carro por uma estrada de terra cercada por uma mata...

Começo a visualizar o que aconteceu comigo, eu vejo tudo, e quando me perco em meus pensamentos, pois me sinto cansado, a voz dela me acalma. É tão bom escutá-la, me sinto tão bem, protegido. Como eu queria que ela estivesse ao meu lado, segurando minha mão, me dando força para não enlouquecer.

— O que você vê agora?

Ela me tira do transe. Eu queria muito poder vê-la, queria saber como ela é.

— Eu não sei, está tudo tão escuro...

— Não, não está, olhe em direção a luz.

Olho e posso vê-la, ela é tão linda, seus cabelos claros fazem um conjunto lindo com os olhos cristalinos, ela se parece um anjo.

— Você pode me ver?

— Sim, eu posso. Agora me mostre onde está, olhe ao redor e diga-me o que vê.

— Vejo árvores, muitas árvores, algumas tem flores amarelas, quase laranjas, e são lindas.

Também pássaros, borboletas, e escuto o som de água. Está chovendo?

— Você sabe em que cidade está? Onde morava? Sabe se o acidente foi em sua região ou em outro lugar?

— Foi em minha cidade, moro em Salvador, na capital. O lugar deve ficar perto da rodovia das indústrias... sim, é próximo.



Hanna



— Ok, acho que eu sei mais ou menos onde você está... ei, você está aí?

Não sei o que acontece, mas de repente a nossa comunicação vai se afastando. Eu posso vê-la e escutá-la, mas ela não pode. Começo a me sentir zonzo, um gosto amargo na boca, dores por todo meu corpo, quando dou por mim, tudo fica escuro outra vez e posso ver meu corpo no chão, convulsionando. Se eu entendi bem o que ela me disse, acho que meu perispírito está se descolando do meu corpo, e isso significa o fim.

— Honna, querida, estamos aqui. Vamos, volte...

Eu quero acordar, preciso acordar, o rapaz precisa de mim.

Escuto as vozes de Emília e do Carlos.

— Ela fez o desdobramento. Precisamos trazê-la de volta, mas com cuidado. — Enquanto Carlos tenta me acordar, os outros começam a orar e impor as mãos sobre minha cabeça. Eu vejo tudo, mas não consigo me mexer.

— Honna, querida, acorde. — Carlos conversa calmamente. — Querida, está na hora de voltar.

— Aos poucos meu corpo reage e posso finalmente abrir meus olhos. — Graças a Deus! Você está bem?

— Estou. Eu preciso ligar para a polícia. Eu sei onde ele está, precisamos agir rápido ou ele irá desencarnar.

— Honna, ficou maluca? E o que vai dizer à polícia? Alô, policial, é o seguinte, acabei de conversar com o espírito de um homem semimorto, e se o senhor não for ajudá-lo, ele irá morrer. —

ela diz e me encara. — É sério? É isso que vai dizer?

— Mais ou menos. Só sei que preciso fazer algo, ou ir até lá e ajudá-lo eu mesma.

Pego minha bolsa e procuro meu celular.

— Honna, você pode ser presa, eles vão suspeitar de você. — Emília tenta puxar o celular da minha mão.

Afasto-a, ligo o celular e deixo-o como número privado.

— Alô? Por favor, quero falar com o delegado, é um caso de vida ou morte. — Alguém pede para que eu aguarde, minutos depois uma voz grave pergunta qual é o problema. — Anote tudo o que vou dizer. O senhor tem que ir até esse lugar e leve uma ambulância junto. O rapaz não tem muito tempo de vida, vá o mais rápido que puder.

Passo o endereço e explico tudo como eu vi, e sem dar a chance de ele me

perguntar qualquer coisa, desligo.



Entre consciência e inconsciência, escuto um barulho vindo do lado de fora da gruta. Tento me comunicar com a moça novamente, mas não consigo, não escuto sua voz que me acalma e começo a temer por minha vida. E se ela não conseguir ajuda? Morrerei aqui, ninguém irá me encontrar.

Latidos.

Vozes.

Meu Deus! Há pessoas vindo.

Reúno as forças que eu não tenho e grito.

Aqui! Aqui! Socorro!

Cães.

Os latidos estão perto, eles vão sentir o cheiro do sangue. Eles vão me encontrar. Luto para me manter consciente, mas estou tão fraco, tão sem forças...

— Senhor, a gruta!

Alguém está lambendo meu rosto. É um cão. Deus! É um cão! Finalmente, finalmente eles me encontraram.

— Aqui, senhor, eu o encontrei. Meu Deus! Acho que ele está morto.

Não, não, não estou! Estou vivo, vivo! Não diga isso, não diga!

— Chamem o paramédico, rápido. — Alguém segura minha mão. — Hei, rapaz,

a ajuda chegou, aguente firme. — Mãos começam a vasculhar minha roupa. — Achou alguma coisa para identificá-

lo?

Meu nome é Lucca, Lucca Stein...

Eles não escutam.

— Então, doutor, ele está vivo? — Alguém me examina, posso sentir cada toque.

— Os sinais vitais estão muito fracos, precisamos ser rápidos. Sinceramente, senhor delegado, no estado em que ele se encontra, é um milagre ainda estar vivo. — Me posicionam em algo duro, colocam algo em minha cabeça, me amarram.

— Encontrei uma carteira aqui, senhor.

Começam a andar e estou sendo carregado em cima de alguma coisa.

— O nome dele é Lucca Stein...

Sim, sou eu, sou eu.

— Senhor, não é aquele cara que desapareceu há cinco dias?

Cinco dias! Não é possível, não se passaram cinco dias, eles estão enganados.

— Sim, é ele mesmo. Mas o carro dele foi encontrado do outro lado da rodovia, foi por isso que não o encontramos. Meu Deus! Só pode ser um milagre ele estar vivo. Cinco dias no estado em que se encontra, é coisa de Deus.

Colocam-me dentro de um carro.

— Aguente firme, rapaz. Se você não morreu até agora, é porque não era a sua hora. — alguém cochicha em meu ouvido. — Vou ligar para o seu pai. Ele ficará muito feliz.

Começam a fazer uma porção de coisas em mim, então eu sinto uma dor no peito e na cabeça, e um barulho ensurdecedor de uma máquina começa a apitar, escuto o médico falar:

— Parada cardíaca...



Capítulo 4

O entorpecimento cai sobre mim e minha mente está em branco, e é assim que eu vejo tudo desaparecer em minha frente. Quero ficar perto do meu corpo, quero me agarrar a ele.

Não... Não... não estou morto!

Grito. Grito o mais alto que minha garganta possa suportar, ela quase se rasga de tanto esforço que faço para ser ouvido.

Mas, não há ninguém que possa ouvir minhas lamúrias. Estou sozinho, sem caminho, sem retorno, sem vida...

Anjo! Anjo, ajude-me!

Grito outra vez, mas ela também não me ouve. Ela desapareceu, assim como a luz que trilhava meu caminho. Então, deixo-me ir, fecho os olhos e entrego-me a total escuridão, flutuo para o nada, para o caos, a minha alma anestesiada com uma escuridão que não se separa do meu caminho. Para onde estou indo?

E isso importa?

Estou morto.

Acabou!

Toda minha existência agora é um pesadelo. Sem fim. E a dor que me rasga se torna insuportável.

Meus pés tocam em algo úmido, abro os olhos. Está frio, nublado, e eles se afundam com a terra molhada. Caminho e sequer sei para onde estou indo, que direção seguir. Mas isso não tem importância. Aonde eu for, será um nada. Escuto ao longe gemidos, choro e xingamentos. Não é possível!

Será que estou no inferno?

Não, acho que não. Não fui um exemplo de pessoa, mas não fui tão ruim assim para merecer parar no inferno.

Caminho mais um pouco, até perceber que meus pés estão em solo seco, duro. O clima se torna quente, rochas cercam o imenso deserto, no entanto, não há sol, nem brisa, só poeira. Aqui não é o inferno.

Com certeza, não é. Pelo que eu me lembro das histórias, o inferno é feito de fogo e brasa. E

onde está o diabo? Dizem que ele fica na porta com um sorriso escroto nos lábios, de boas-vindas.

Aqui não é o purgatório, nem é o céu.

Deus! Onde estou? Que diabo de lugar é esse?

De repente, sinto um frio na espinha, uma dor no peito, vozes, todas ao mesmo tempo.

Caio de joelhos, levo as palmas de minhas mãos às orelhas.

O que é isso?

... O encontraram. Encontraram, seus idiotas, e agora?...

... Ele não vai resistir a tanta bala, não se preocupe, ele já deve estar morto...

... Para o bem de vocês, espero mesmo que ele morra a caminho do hospital.

Escuto sussurros. As vozes são familiares, mas não consigo reconhecê-las.

Elas não acabam, fazem bagunça em minha mente.

... Lucca, tenha fé, não se deixe influenciar por energias negativas. Viva! Viva, meu filho.

Mãe!

Não é possível, escutei a voz de minha mãe... mãe!

... Viva! Viva, meu filho!

Mãe!

Algo me puxa, fecho os olhos e deixo-me ser levado mais uma vez. Então escuto um barulho intermitente.

— Doutor, sem pulso... — Estou ao lado do meu corpo, vendo o desespero do médico e dos dois enfermeiros.

— Massagem cardíaca, rápido. — Eles começam a luta e eu sinto a agonia do meu corpo.

Não desistam de mim, por favor, não desistam de mim...

— Doutor, não está adiantando, o coração parou...

Não... Não... continuem tentando, meu espírito ainda está ligado ao meu corpo, não desistam.

— Desfibrilador.

Meu corpo convulsiona com os choques. Nunca pensei que um dia iria assistir a minha própria luta pela vida.

— Doutor, acabou, ele se foi...

Não... não, estou vivo, ainda estou vivo. Não desista, doutor, continue tentando.

— Mais uma vez, aumente a carga.

— Doutor, não adianta, nós o perdemos.

Não, doutor, continue. Continue, por favor.

Sussurro no ouvido dele.

— Aumente a carga, faça o que eu mando.

E a carga de choque vem com força, meu corpo arqueia-se. Então o barulho do aparelho volta a bipar.

— Ele voltou, temos pulso e batimentos cardíacos. Deus, este homem quer mesmo viver. Depois de tudo que ele passou, ainda tem forças para lutar contra a morte.

O enfermeiro fala com euforia e entusiasmo na voz. O médico respira aliviado e olha para meu corpo.

— Seja bem-vindo de volta, guerreiro, mas sua luta está apenas começando, você precisará ser muito mais forte. — Ele bate no vidro que dá acesso à cabine da ambulância. — Avise ao hospital para preparar o centro cirúrgico, este homem tem pouco tempo. — Então me sinto sufocando. —

Parada respiratória, precisamos intubá-lo.

Sufocamento é a pior sensação que existe no mundo. Eu posso sentir todo o desespero que meu corpo está passando.

Sinto-me ser puxado outra vez para escuridão, nada sinto, ou vejo, só o escuro de um sono profundo. Talvez, seja agora a hora de minha morte. Não fui tão forte, não lutei como deveria ter lutado, deixei a morte vencer a vida. Meu pai querido estará sozinho.

Não sei quanto tempo durou minha escuridão, mas ao acordar percebo que não estou em meu corpo, pois assim que abro meus olhos, eu me vejo deitado em uma cama, meu corpo coberto por fios ligados em algumas máquinas, um tubo enfiado em minha boca. Estou sozinho, não há ninguém cuidando de mim. Minha cabeça está envolvida em ataduras, uma das minhas pernas sustenta-se no alto, meu rosto está inchado, mal consigo ver meus olhos.

Fodido. Estou muito fodido.

Uma enfermeira entra e examina os aparelhos. Talvez ela possa me escutar, talvez ela seja igual ao anjo que me salvou. Não custa tentar.

Moça, como estou, vou sobreviver?

Ela sequer sente minha presença. Alguém precisa me escutar, alguém precisa saber que estou vivo. Onde está o meu anjo?

Hei, por favor, você me escuta?

A enfermeira sai, e quando penso em segui-la, um homem de barba branca entra e começa a me examinar.

Hei, você pode me escutar?

Tento encostar nele, mas minha mão desaparece dentro de sua roupa. Não entendo. Por que consegui me comunicar com aquela moça? Por que ela é diferente dos demais? Sei que não estou morto, meu corpo está ligado àqueles aparelhos. Respiro, meu coração bate, então por que as pessoas não me escutam?

Alguém dentro deste hospital há de me ouvir. Decido seguir o médico. Ele passa por alguns leitos e logo escuto um barulho intermitente vindo de uma das camas onde uma menina está deitada.

Ela deve ter uns oito anos, o médico corre em direção à cama e toma o lugar de uma das enfermeiras.

Ele usa desfibrilador no peito da garota, então vejo uma espécie de fumaça saindo do corpo dela e logo depois a vejo olhando para baixo, vendo o desespero do médico para trazê-la de volta. Ela não faz nada, só fica observando, olha para mim e sorri, em seguida olha para trás e estende a mão. Duas pessoas flutuam em sua direção, sorriem para ela e a levam com eles. Uma luz azul se abre e dura alguns segundos, é tão linda, sinto vontade de ir até lá, mas, na mesma velocidade do meu pensamento, a luz se apaga.

— Ela se foi. Marquem a hora do falecimento e avisem a família.

O clima é de tristeza, mas não me sinto triste, a garota parecia tão feliz ao partir, era como se estivesse em paz.

Sigo o médico. Pode até ser bom seguir a luz, mas não quero ir para lá, quero voltar à minha vida de vivo. Por isso, preciso lutar, preciso encontrar ajuda, eles precisam saber que estou vivo.

Portas se abrem, acelero para acompanhar os passos do médico. Passamos por muitos corredores e mais corredores, até que finalmente saímos e consigo ler o nome em uma placa.

Centro cirúrgico.

Ele passa por outro corredor e em seguida passa por outra porta. Já estava querendo seguir outro caminho quando meus passos vacilam. Vejo meu pai logo à frente. Ele parece dez anos mais velho do que me lembrava. Meu velho está com a aparência tão cansada, tão triste...

— Doutor Osmar, graças a Deus, já estava quase tendo um infarto! Como meu filho está? Ele vai sobreviver?

Silêncio.

Sim, eu vou sobreviver, fala para ele, Osmar, fala que estou bem, só estou dormindo.

Besteira, ele não me escuta, e isso me deixa fulo. Não estou gostando do estado físico do papai, ele é um homem doente, a esta hora devia estar dormindo e não em um hospital. E por falar em horas, estou perdido no tempo, não sei nem as horas, nem que dia é hoje.

— Felipo, fizemos tudo o que estava em nossas mãos, mas após a cirurgia, a mais complicada, que foi a extração do projétil da cabeça, o Lucca entrou em coma. Ele não responde a nenhum estímulo. Vamos aguardar quarenta e oito horas e faremos novos exames. Eu sinto muito, só nos resta esperar a reação dele.

Vejo papai ser amparado pelo médico e enfermeiras serem chamadas na sequência. Ele não suportou a notícia de saber que seu único filho está em um coma, e talvez não volte mais...

Mas, estou vivo. Vivo! Entendeu?

Grito bem próximo do médico, mas ele sequer se mexe. Eu não existo para ele. Queria poder tocar nas coisas, talvez, se jogasse algumas bandejas no chão, ou fizesse alguns papéis voarem, as pessoas possam perceber que há mais alguém aqui além delas. Pelo menos nos filmes é assim, os espíritos conseguem chamar a atenção jogando coisas no chão e no ar, por que não acontece comigo?

— Não vai funcionar. Apesar de você não estar morto, é de alguma forma um espírito vagante. Só as pessoas que são sensitivas podem nos ver ou ouvir. Acredite, já tentei, faz algum tempo que estou zanzando por este hospital e não encontrei ninguém preparado para me ouvir.

Olho para trás e vejo um homem, ele deve ter a mesma idade que eu e está vestido com a roupa do hospital, puxando um suporte de soro. Como ele pode tocar naquilo, e por que não joga aquela merda no chão? Ia fazer um barulho dos diabos.

— Não posso jogar no chão, mesmo que pudesse não faria barulho. Estou segurando isto porque quando entrei em coma estava a caminho do banheiro, passei mal, caí no chão e quando acordei ninguém me via ou ouvia, estou há muito tempo deitado em uma cama, no mesmo andar



que você, dormindo, igual a um vegetal.

Ele leu meus pensamentos.

— Não entendo. Como você continua segurando o suporte se está em coma?

— Pelo tempo que ando pelos corredores deste hospital e o que vejo acontecer com os outros que fazem a passagem, é que trazemos a aparência da hora do nosso desencarne, ou do nosso desdobramento. Você, por exemplo, está com a suas roupas ensanguentadas porque ela é sua última lembrança.

Não, ele está enganado, não estou sujo, claro que não estou... Viro-me em direção a uma porta de vidro, é então que vejo minha aparência. Ele tem razão, estou todo ensanguentado, mas eu me lembro de ter me visto com a roupa hospitalar e deitado na cama, coberto por fios, como isso pode ser possível?

— Você viu o seu corpo, ele está deitado na cama, imóvel, coberto com todo aquele aparato, mas o seu espírito está do mesmo jeito que você se lembra.

— Você morreu, ou está igual a mim, entre a vida e a morte?

— Estou muito pior do que você. Eles já vieram me buscar duas vezes, mas preciso me despedir da minha irmã, ela fez tanto por mim, não posso ir sem antes vê-la. Eu sei que quando atravessar a passagem, levará muito tempo para que possamos nos reencontrar. Eu não devia ter tomado todos aqueles remédios, agora o preço das minhas escolhas será cobrado, ficarei algum tempo me recuperando do estrago que fiz, minhas escolhas, minhas consequências, mas eu preciso vê-la antes de partir. Acontece que ela sequer sabe onde estou.

— Eu sinto muito... a propósito, meu nome é Lucca, e o seu?

— Nestor. Eu preciso ir... preciso voltar para o meu corpo. Minha irmã... encontraram minha irmã... adeus, Lucca, seja forte, você vai precisar.

Ele some bem diante dos meus olhos. Fico feliz, pelo menos Nestor verá a irmã. Volto a atenção para meu pai, mas não o encontro. Ele sumiu, para onde o levaram? Saio à procura dele, entrando e saindo dos quartos, em alguns eu vejo espíritos se desligando dos seus corpos, outros, quando percebem que não estão mais entre os vivos, saem correndo gritando, inconformados.

São gritos, lamúrias, choro, alguns sentados nas camas, grudados em seus corpos sem vidas, outros sorrindo com a partida, abraçando aqueles que vieram buscá-los.

É uma loucura os corredores e quartos do hospital.

Quando eu ia imaginar que por detrás do silêncio hospitalar existia uma imensa luta entre a vida e a morte? Alguns aceitam a partida e outros se desesperam, ou ficam desesperados com o desespero dos seus entes queridos, ficam destroçados a ponto de não aceitarem seguir aqueles que vieram buscá-los, só para ficar ao lado dos parentes que choram sua perda. Mesmo que eles não se vejam, não se

toquem, os espíritos ficam lá, perto deles. Eu vi alguns enquanto procurava meu pai.

Cinco dias depois...

— Tio, o senhor precisa descansar. Não seja teimoso e escute o que o médico lhe disse, pelo amor de Deus, tio. Faz cinco dias que o senhor está internado. Quer fazer companhia ao Lucca?

Como assim cinco dias? Não tem nem horas que estou andando pelos corredores do hospital à procura do papai. Como pode ser *dias*?

— Estou bem Othon, quero ver meu filho, quero que ele saiba que estou aqui...

Eu sei, papai, eu sei que o senhor está aqui para ficar ao meu lado, mas eu gostaria que o senhor descansasse.

— Tio, o Lucca está sendo muito bem cuidado, há muitos médicos cuidando dele nesse momento. O senhor precisa pensar em sua saúde, isso sim.

— Besteira, estou bem, quem não está bem é o Lucca e eu quero ficar ao lado dele.

Papai tenta se levantar, mas Othon o impede, o mantendo sentado na cama.

— Nada disso! O senhor só sai daqui se o médico autorizar. Fique aqui que eu vou à procura de um.

Eu o sigo, quero saber o que está acontecendo com o papai.

Othon nunca foi de se preocupar com papai, ele sempre se preocupava com o que o tio poderia lhe oferecer. Digo em espécie. Othon é ambicioso e não se conforma em assumir um simples cargo de advogado. Quer dizer, ele faz parte de um grupo de cinco advogados que trabalham para as indústrias Stein. Meu tio Patrício, pai de Othon, é um dos diretores, e ambos não se conformam em não assumir um cargo mais alto.

Desde que papai ficou doente, tenho ficado à frente de todos os negócios, sou eu quem toma todas as decisões, isso fez com que meu tio e o Othon discutissem com papai. Precisei até intervir, pois eles se alteraram diante da decisão de papai.

Achavam que eu não estava preparado para assumir o cargo de presidente e CEO. Meu tio até sugeriu deixar Othon assumir até que eu voltasse da Inglaterra, no entanto, papai foi bem categórico. O herdeiro de todo o patrimônio dele sou eu, e ninguém mais terá o direito de administrar as indústrias, a não ser que ele e eu morrêssemos. E, mesmo assim, papai afirmou que algumas pessoas teriam uma surpresa, caso uma tragédia acontecesse.

Não sei o que papai quis dizer com isso, mas o que eu sei é que papai e o tio Patrício não se dão muito bem, apenas se suportam. Meu velho é muito família, e mesmo que ela não valha nada, é família.

Othon continua andando a minha frente, em busca do médico, e antes de ele passar por uma porta, paro, estagnado.

Eu a vejo, linda e triste.

Minha noiva, Suzanne.

Othon a vê e desiste de ir atrás do médico, ele segue na direção de Suzanne e a pega pelo braço, levando-a por uma porta que dá acesso às escadas. Acho estranho, então os sigo.

— Que porra você está fazendo aqui? Você deveria estar descansando. Quer que o velho desconfie?

Mas, o que está acontecendo? Suzanne e Othon não se davam bem, ela não o suportava e ele a chamava de interesseira. E vendo os dois juntos, juntos demais para o meu gosto, parecem tão íntimos.

— Eu... eu quero vê-lo.

— É sério isso? Quer ver o morto-vivo? Está com saudade do aguado do meu primo?

— Othon, ele é meu noivo, estávamos de casamento marcado para daqui a alguns meses, é claro que estou triste. Mesmo que você não acredite, eu gostava dele.

Gostava de mim? Onde está o... amava?

— Ah, *tá*! Você quer dizer, gostava da vida que ele lhe proporcionava, o apartamento de luxo, o carro do ano, as roupas de grifes, os tratamentos caros de beleza, o emprego do seu pai, porque era só isso que ele lhe dava. Porque gozar, você só goza gostoso comigo.

Preciso agitar minha cabeça com força para colocar todas as informações jogadas em minha cara no lugar. Não, a Suzanne e o Othon, não! E fica pior. Othon a empurra para um canto, encostando-a na parede e grudando a boca na dela. O beijo devasso embrulha meu estômago, e se não fosse a minha condição física já teria vomitado, pois Othon segura um dos seios de Suzanne com a mão e começa a apalpá-lo enquanto a beija.

Deus! Será que toda minha vida não passou de uma mentira?

Conheci a Suzanne quando estava terminando a faculdade de economia. Passamos a sair e um mês depois estávamos namorando, após um ano ficamos noivos. Fizemos um acordo de só nos casarmos quando ela se formasse, e faltava um semestre para a formatura dela. Nunca duvidei do amor que ela dizia sentir por mim, nunca tive motivos para me sentir enciumado ou inseguro. Sempre confiei plenamente nela, aliás, sempre achei que ela era mais apaixonada por mim do que eu por ela.

Suas declarações de amor eram tão tocantes, tão reais...

— Quero foder você, estou cheio de tesão. Só de pensar que o idiota do meu primo está imóvel naquela cama, sem reação a nenhum estímulo, fico morrendo de vontade de foder a noivinha dele, e se fosse possível, na frente dele. Já pensou? Você gozando com meu pau todo enfiado na sua xoxotinha, bem ao lado do idiota do Lucca?!

— Pare, Othon, isso não é coisa que se diga. Isso não é decente, sabia?

— Porra de decente! Você nunca foi decente. Vem cá, gostosa.

Ela o empurra e ele a leva de volta para seu corpo. Tento esmurrá-lo, mas meu soco não levanta um fio sequer de seu cabelo. Como ela pôde fazer isso? Antes do atentado, lembro que estávamos falando sacanagens no celular. Será que, realmente, ela me achava ruim no sexo?

— Toca nele. — Ele segura a mão dela e leva à frente de sua calça. — Viu? Está

sentindo meu pau pulsar? É tesão por você, só você me deixa desse jeito.

— Oh, Deus! Você me deixa maluca, sabia?! — declara ela, beijando-o apaixonadamente.

Othon levanta uma perna dela, juntando seus sexos, e vê-los se roçarem desse jeito me dá nojo.

Ela nunca me amou, nunca me desejou, só queria meu dinheiro.

E eu que pensei que ela era diferente. O Othon sempre soube que era um invejoso, vivia como uma sombra, constantemente atrás de mim, sempre desejando o que eu tinha. Minhas namoradas, meus amigos, meus pais... então já estava acostumado com suas traições. Mas Suzanne, ela não, nunca esperei por isso.

— Othon, eu não aguento mais...

— Nem eu, então é melhor pararmos, antes que a foda aqui mesmo.

Eles se separam e não sei por que continuo parado aqui, assistindo a traição de minha noiva, vendo-a se roçar em meu primo. Acho que sou masoquista.

Othon arruma a calça, a camisa, e Suzanne sua saia, a blusa e o cabelo. E quando eu penso que eles vão sair, Othon segura o queixo dela e a encara.

— Pensou no que vai fazer quanto àquele problema? Já disse, não quero, e se você quiser continuar comigo, livre-se disso.

— Mas Othon, será que não é uma boa oportunidade? Imagine a alegria do Felipo...

Do que eles estão falando? Que tipo de alegria Suzanne poderia dar ao meu pai? A cada palavra, as frases vão ficando mais interessantes.

— Eu tenho certeza de que o Lucca não irá resistir. Sabe quantas balas retiraram do corpo dele?

Oito! Sem contar a que atingiu a cabeça. Ele não vai acordar, e se não morrer, ficará em coma por muito tempo e isso levará à morte cerebral. Entende isso? É

por isso que, se você quiser se casar comigo, terá que se livrar desta porra. Não irei criar o filho de outro homem.

Filho? Suzanne está grávida... e de um filho meu?



Lucca

Capítulo 5

Ainda impactado com a revelação, vejo Suzanne empurrar Othon e correr em direção à porta.

Ele apressadamente a alcança e a encurrala outra vez na parede.

— Se você quiser se casar comigo, terá que se livrar do bebê.

— Não, Othon, não posso abortar, é pecado.

— Que se foda! Desde quando você se importa em pecar? Quer dizer que trair seu noivo não é pecado? Além do mais, você nem sabe se esse filho é do Lucca. E se for meu? Como vai explicar isso ao meu tio? Não, acho melhor não arriscarmos. Aborto e pronto! Já consegui até um médico.

Não se preocupe, ele é de inteira confiança.

Não, não, Suzanne, não faça isso. Mesmo que o filho não seja meu, você não tem o direito de fazer isso.

Sussurro no seu ouvido. Por um momento ela parece prestar atenção, fica com os olhos fixos e eu sinto sua insegurança.

Não faça isso, não é certo.

Sussurro outra vez.

— Não, Othon, não é certo, é assassinato.

— Como se você se importasse com isso, — ele articula, olhando-a fixamente, as mãos espalmadas na parede nos dois lados de sua cabeça. Ela está encurralada. — É pegar ou largar. Se quiser continuar com a mordomia que o Lucca lhe dava, terá que fazer o que quero. Assim que acabar as esperanças da recuperação do Lucca, meu tio irá me nomear como herdeiro.

— Quanta pretensão, Othon. Quem garante isso? — Agora ela o encara e vejo seu olhar ambicioso.

— Sem o Lucca meu tio só terá uma opção: eu. Porque meu pai é um zero à esquerda e não quero um herdeiro com o sangue do Lucca. Os nossos filhos serão herdeiros de todo o patrimônio do meu tio. Felipo a ama como uma filha, é claro que irá abençoar nosso casamento.

Sinto seu olhar vacilar. Não, não, ela não pode fazer isso. Não pode concordar com um absurdo desse.

Suzanne, não faça isso, é uma vida que você carrega no ventre.

Sussurro mais uma vez em seu ouvido.

— Não, eu não posso fazer...

Isso, garota, seja forte, decidida, ele não pode obrigá-la.

— Jura? E o que vai fazer? Vai assumir a gravidez? E se o filho for meu? Pense, Suzanne, se o bebê ao nascer tiver alguma complicação, precisar de algum procedimento, e quando testarem o

DNA perceberem que o filho é de outro homem, ou pior, que o filho que carrega é de um parente próximo do Lucca, você não só irá para o fundo do poço, como me levará junto. Mas de jeito nenhum isso acontecerá. Se quiser continuar mamando na teta dos Stein, livre-se desse estorvo, ou acabamos aqui e agora.

— Você irá comigo?

Não, não, ela está cedendo à chantagem...

— Claro, não a deixarei sozinha. Poxa, Suzanne, nós dois faremos uma excelente dupla. Pense, quando o velho descobrir que você sofreu um aborto com o choque da notícia, ganhará o coração dele para sempre, e em contrapartida me aproximarei de você, será a desculpa que temos para tempos depois confessarmos nosso amor.

— Você é terrível, Othon! Já pensou em tudo...

Terrível! Não, ele não é terrível, é ardiloso. E agora, o que eu faço? Não posso simplesmente deixá-los se aproveitarem da situação, se aproveitarem da fragilidade do meu pai. Preciso descobrir uma maneira de desmascarar os dois.

— Agora vamos, vou levá-la até o médico. Felipo já percebeu que você não está bem de saúde, seus dois desmaios e os enjoos já estão despertando a curiosidade dele, então, antes que junte os fatos, vamos nos livrar desse bebê.

Observo quando ele pega sua mão e a puxa. No entanto, Suzanne retrocede e o puxa de volta.

— Othon, você não tem remorso? E se for seu filho? Não pensa nisso?

— Assim que nos casarmos teremos quantos filhos quisermos, portanto, deixe de choramingar e vamos ver meu amigo médico.

Não, não, seu escroque, pare, você não fará isso!

Grito enquanto parto para cima dele. Ele passa por mim como se passasse por uma sombra, e a minha maior vontade é esmurrá-lo, chutá-lo. Juro, eu o quero morto!

— Você escutou isso? — Ele para, olha em volta e encara Suzanne.

— Escutei o quê?

— Um sussurro. Como se alguém estivesse gritando, mas de uma distância bem longa.

— Deve ser sua consciência — ela responde.

A consciência dele, neste momento, sou eu.

Sigo os dois, quero ver para qual açougueiro Othon está levando a Suzanne, mas quando passo pelas portas de vidro do hospital, volto imediatamente para o interior do mesmo. Ainda tento umas duas outras vezes, mas acontece a mesma coisa, então chego à conclusão de que não posso sair do hospital, estou preso aqui.

Começo a perceber que estar semimorto tem vantagens e desvantagens, e uma delas é não poder fazer o que quero. Ainda estou preso a fios e isso é uma porcaria. Estou de mãos atadas e tudo o que posso fazer é assistir a pessoa que mais amo, sofrer e ser enganada sem ter um meio possível para ajudar.



Seria melhor estar morto. Talvez, assim, não estivesse vendo o tanto de maldade que me cerca.

Volto para o andar onde fica a UTI, e antes de voltar ao meu quarto escuto uma voz a qual já estou muito acostumado. Meu tio Patrício.

— Não, ele não morreu, o filho da puta não morreu, mas tenho certeza de que não demorará muito, e em breve o sacana do meu irmão irá fazer companhia ao filho. Ele não resistirá ao choque de perder duas pessoas que ama, tenho fé, então, por enquanto, faça o que eu mandei, seja discreto. Logo todo esse

patrimônio estará em minhas mãos.

Malditos vermes. Escória. Como uma pessoa pode se corromper assim? Desejando mal ao próprio irmão... Como ele pode fazer isso? Meu pai sempre o ajudou. Não só a ele, como também ao Othon, e papai nem tinha obrigação de fazer tanto por eles.

Fico enojado.

Desolado com toda a descoberta, volto para o meu quarto e encontro meu pai debruçado sobre a cama, segurando minha mão.

— Filho, você precisa reagir, os médicos disseram que só depende de você. Reaja, meu filho, não posso continuar neste mundo sem você. Sua mãe me deixou, ela se foi, e agora você... Como posso suportar tanta dor, hein, me diga?! Você é tudo que tenho na vida, não me deixe, por favor, não me deixe.

Papai, não chore, estou vivo, estou escutando, sentindo sua carícia. Eu quero voltar, só não sei como. Não fique assim, o senhor também tem que ser forte, ou se esqueceu de sua saúde frágil?

Pare, pare de chorar, por favor.

— Filho, se estiver me escutando, aperte minha mão, mova um pé, um dedo, abra um olho, sei lá... só me mostre um sinal de que ainda está aí dentro, que ainda está em seu corpo, por favor...

Tento mover minha mão, tento apertar a mão dele, mas não consigo. Queria muito poder lhe dar uma esperança.

Papai, não sofra. Juro que ficarei bom, voltarei para o senhor e juntos vamos desmascarar os falsos que nos rodeiam. Eles são uns escroques, uns merdas! Meu tio, o Othon, a Suzanne, todos estão tentando passar a perna no senhor, mas eu juro, papai, que quando voltar me livrarei deles, irei desmascarar um por um, prometo. Se cuide, tenho medo de que eles façam alguma coisa ruim com o senhor... Pai, pai, por favor, diz que está me escutando!

— Sim, filho. — Ele faz uma pausa e por um momento eu penso que ele está me escutando. —

Está muito difícil continuar sem você. Reaja, volte para mim.

Ele encosta a cabeça em meu braço e chora. Sinto suas lágrimas quentes molharem minha pele e isso corta meu coração. Fico desesperado, com ódio. Agora tenho quase certeza de que, ou meu tio, ou o Othon, são os responsáveis pelo meu atentado, e temo pela vida do papai.

Não sei quanto tempo se passa, estou preso no tempo, como um sonho. No instante você está dormindo e no outro está acordado, fora de sua rota, é como o vento, é tão rápido que você nem sente passar.



Estou vagando pelos corredores do hospital, vendo espíritos desencarnarem e outros fugirem da tão sonhada luz. Passo também por alguns espíritos não muito amigáveis, eles ficam rondando os quartos em busca de escravos – é assim que eles chamam – e alguns sequer sabem que estão caindo em uma armadilha, eu sei.

Conversei com um homem que está na mesma situação que a minha, nem morto, nem vivo. Está em coma há dois anos e seis meses, e já escutara de seu filho mais velho a possibilidade de desligarem as máquinas que o estavam mantendo vivo. Ele não vê a hora disso acontecer, disse que já tinha visto coisas demais

entre seus familiares. Como ele mesmo falou, são todos porcos, nem seus filhos se salvam. Nenhum deles quer ficar com ele, caso volte do coma, pois sabem que ele nunca mais será o mesmo, ficaria dependente da ajuda dos outros em tudo. Seus filhos já estão cogitando a venda da casa para interná-lo numa casa de repouso. Então, seria melhor desencarnar. É assim que chama a morte. Ele me contou que alguns espíritos malfazejos tentaram convencê-lo a ficar do lado deles, em troca eles fariam seus filhos sofrerem, induzindo-os a fazerem coisas erradas. Seria fácil, já que os filhos dele não atraem boas energias.

O senhor me disse, em um tom engraçado:

Se em vida nunca fui escravo de ninguém, na morte também não serei. Eles que sigam os caminhos que escolheram, eu prefiro a luz. Ficar na Terra só se fosse para continuar vivo e bem de saúde, caso contrário, partirei em paz. É só desligar as malditas máquinas.

Saio do meu corpo mais uma vez assim que vejo Suzanne ao meu lado. Ela segura minha mão, e se não soubesse o que fez, acreditaria em toda sua encenação.

— Meu amor, acorde, preciso tanto de você, o amo tanto... — Mentirosa dos infernos! Como uma pessoa tão linda pode ser tão ardilosa? — Lucca, precisei mudar nossa data de casamento, remarquei para daqui a um ano, acho que é tempo suficiente para se recuperar quando acordar. Sabe, meu vestido já ficou pronto e está tão lindo...

Filha da mãe mentirosa, vagabunda! Eu já sei de tudo, de tudo, sua vaca maldita! E quando minha consciência voltar, darei um chute em sua bunda!

Grito, embora ela não possa me ouvir. Como eu queria poder fazer alguma coisa que ela pudesse perceber que estou vivo. Se eu pudesse escrever em algum lugar, algo como *"Eu sei de tudo"* , como acontece nos filmes... Qual seria sua reação? Será que ela tentaria me matar?

Talvez! Não duvido disso.

— Você está aqui. Passei no seu apartamento e o porteiro me disse que havia saído. Por que não me ligou? Você está bem, não está sentindo nenhuma dorzinha?

Othon, o descarado do meu primo, acaba de chegar e logo a agarra por trás, beijando seu pescoço. Suzanne se arrepiava toda quando eu beijava seu pescoço. Quando queria fazer amor com ela, era o primeiro lugar que começava a acariciar.

— Othon! Como entrou aqui? Só pode uma pessoa de cada vez. É perigoso, se afaste, alguém pode entrar e vê-lo me agarrando.

Cretina! Falsa. Dois filhos da put...

— Não se preocupe, paguei a enfermeira para vigiar. Ela gosta de dinheiro, está sendo muito bem recompensada para bancar o cão de guarda. Agora venha cá, vou realizar um desejo.

Ele levanta sua saia, afasta a calcinha e enfia os dedos na vagina de Suzanne. Meu Deus! Eu sabia que o Othon não gostava muito de mim, mas fazer isso enquanto estou em uma cama, e o pior, em coma?! E a Suzanne, ela é muito pior do que ele.

— Othon, ficou louco?

— Não, estou muito lúcido, quero foder a noivinha do meu primo bem na frente dele. — Ele olha para mim com aquele olhar escroto enquanto usa os dedos no sexo da Suzanne. — Lucca, e agora, quem está se dando bem? Ela é minha, minha, e você ficará aí nesta cama feito um verme imprestável.

Filho da mãe, escroto! Eu juro que quando voltar, eu o mato!

Grito e tento agredi-lo, mas minha mão em punho passa por ele.

— Pare, Othon! Às vezes eu acho que você só quer me usar. Solte-me.

Você acha, querida? Eu tenho certeza! Ele só quer usá-la para me ferir, e você caiu direitinho.

Digo com amargura na voz.

— Senhor Othon, seu tio está vindo.

A enfermeira avisa do lado de fora da cortina. Othon se afasta e Suzanne alisa a saia.

— O que vocês dois fazem aqui? Não sabem que apenas um pode ficar com o Lucca?!

Papai olha com desconfiança para Othon.

— Eu sei, tio, mas fiquei preocupado com a Suzanne, ela não estava bem. Lembra que eu precisei levá-la para casa no meu carro, por que quase desmaiou?

— Foi mesmo, agora me lembrei.

Papai se aproxima de Suzanne.

Não acredite nela, pai, nem nele. Os dois são farinha do mesmo saco, eles estão juntos, eles estão me chifrando, são dois malditos escrotos.

— Suzanne, você está bem? Está melhor?

Meu pai olha para ela com carinho e preocupação.

— Não, não estou...

Mentirosa! Não acredite nela, papai, pois segundos atrás ela estava de sacanagem com o Othon. Como uma pessoa pode ser tão dissimulada, como pode fingir tão bem?

Ela se encolhe, espalmando a mão na barriga.

— Suzanne, o que você está sentindo?

Nada, papai, é puro fingimento, grito.

— Uma dor no meu abdômen. É muito forte, não estou aguentando.

— Sangue! Suzanne, você está sangrando!

Othon exclama, assustado. Meus olhos são dirigidos para onde Othon aponta e vejo o sangue escorrendo entre as coxas da minha noiva. Ela finalmente conseguiu o que queria. Acho que, ou o meu filho, ou o filho do Othon, acabara de ser assassinado.



Capítulo 6

Não*, pai! Ela é uma assassina de bebês, não se apiede dela. Esta mulher não merece sua compaixão. Nem ela, nem o Othon, eles são dois traidores de merda*, grito, embora nenhum deles possa me ouvir.

Pensando bem, acho até melhor papai não saber. Ele não suportaria tamanha

traição. Quando acordar, darei um jeito nesses dois de uma maneira que o papai não fique sabendo.

— Suzanne... — Othon a pega nos braços. — Enfermeira, rápido, a noiva do Lucca está passando mal.

Ela aperta o ventre com as mãos, uma expressão de dor tomando conta de suas feições.

— Merda! Onde estão os médicos quando mais precisamos deles? Enfermeira! — papai grita e eu respiro fundo. Odeio vê-lo assim, nervoso, agitado, e tudo culpa desses dois.

— Oh, meu Deus! Rápido coloquem-na deitada na maca.

A enfermeira sai apressada e eu só assisto, olhando com ódio para Othon. Como queria que ele estivesse me vendo agora... Estou o encarando, nossos ombros quase se tocando.

— Quem é o responsável por ela?

— Eu...

Othon e meu pai respondem ao mesmo tempo. Ambos se entreolham por alguns instantes.

— Sigam-me... — A enfermeira sai empurrando a maca, papai e Othon atrás, e eu os seguindo.

— Vocês só podem vir até aqui. Sentem-se e esperem.

Papai faz o que ela sugere, mas Othon anda até a porta, encosta a cabeça nela e fica pensativo.

Não sei se ele está preocupado com a Suzanne, ou se está com medo de ser descoberto. Afinal, foi ele quem a levou para o “açougueiro”.

Bem, a vantagem de ser um quase morto é que posso entrar em qualquer lugar. Eles não me veem, mesmo.

— Você sabia que estava grávida? — o médico pergunta após terminar de examinar a Suzanne.

— Grávida? — Ela finge surpresa. Dissimulada de merda! — Por favor, doutor, me diga que o bebê está bem. Ele está bem? Está?

A filha da mãe chora e as lágrimas são de verdade. Oh, ódio!

— Se acalme! Você perdeu muito sangue, precisa ficar calma.

Ela segura nos braços do médico firmemente, sua mão apertando a manga do jaleco dele.

— Meu filho... meu filho está bem? Ele é tudo que me restou do Lucca. Por favor, salve *ele*...

salve *ele*.

Maldita! Fingida do caralho! Eu vou matar você!

Grito bem perto da sua orelha.

— Suzanne, se acalme. — O médico consegue afastar sua mão. — Eu sinto muito, mas você sofreu um aborto. Infelizmente, a placenta se deslocou do útero e teremos que fazer uma curetagem...

— Não! — ela grita, abraçando o abdômen como se tentasse protegê-lo. — Ninguém tocará no meu bebê, ele ficará bem, ele não morreu. — A enfermeira tenta segurá-la, mas Suzanne a chuta. —

Afasta-se! Não deixarei ninguém o arrancar de mim.

O médico sai. Enquanto isso a enfermeira tenta, em vão, imobilizar Suzanne. Ela parece uma louca, e se não soubesse a verdade, poderia jurar que está mesmo abalada com a perda do bebê.

— Segurem-na. — Dois enfermeiros acompanham o médico. Um a segura enquanto ela se debate, tentando se soltar das mãos que a imobilizam. — Suzanne, é para o seu bem. Precisamos fazer o procedimento o quanto antes.

— Soltem-me! Socorro! Senhor Felipo, Othon! — grita ela, desesperada. — Ajudem-me.

Nesse instante papai e Othon entram na sala e eu vejo o rosto preocupado do meu pai.

— Por que diabos estão fazendo isso com ela? — Papai tenta afastar os enfermeiros.

— Eles querem tirar meu bebê, querem arrancá-lo de dentro de mim. Não permita, por favor, não permita. Ele é tudo que me restou do Lucca, tudo...

Enquanto papai luta contra um dos enfermeiros, o médico aplica uma injeção no braço de Suzanne. Othon só observa, acho que se sente aliviado por saber que seu plano deu certo.

— Filho? Ela está grávida? — Atordoado, papai se afasta com um olhar dolorido, pois ao ver as roupas ensanguentadas da Suzanne, ele já sabe o que aconteceu. — Não! Por Deus, não! Meu filho e agora meu neto... O que fiz? O que eu fiz? Por que Deus está me castigando desse jeito?

— Tio! — Othon segura meu pai e o leva para se sentar em uma cadeira.

É sua culpa, seu traste, sua culpa!

Parto para cima dele e tento esmurrá-lo, tento chutá-lo, mas todos os meus movimentos são em vão.

Não, papai, não chore, não sofra. O senhor não fez nada, não é castigo, não blasfeme contra o Criador, ele não tem nada a ver com a sujeira desses dois. Os culpados são eles, eles que provocaram este aborto.

Ajoelhado diante do meu pai querido, tento consolá-lo. Queria tanto poder o abraçar, beijar...

No entanto, ele não me sente, sequer me ouve. Ele só chora inconsolavelmente.

— Senhor Felipo, sinto muito. A Suzanne perdeu muito sangue, — diz o médico e em seguida a maca carregando minha noiva passa bem na frente do meu pai. Ele só olha para ela, ameaçando chorar. — Faremos uma curetagem. A Suzanne

ficará bem, poderá ter outros filhos.

— Não do meu filho... Sinto que ele nunca mais acordará...

Não, papai, estou vivo, vou acordar, juro que vou. Só quero um tempo para descobrir quem me queria morto, mas não se preocupe, eu darei outros netos para o senhor, com uma mulher digna de

concebê-los. Por favor, papai, não chore.

— Senhor Felipo, precisamos ter fé, o Lucca sairá desse sono profundo.

— Será? — Ele encara o médico com um olhar descrente. — Já faz tanto tempo que ele está naquela cama, tenho minhas dúvidas. E caso ele acorde, será que continuará sendo um homem normal?

— Tio, claro que o primo acordará e se casará com a Suzanne. Eles lhe darão muitos netos, se acalme.

Dissimulado filho da mãe.

— Seu sobrinho tem razão. A Suzanne é jovem, poderá ter outros filhos, e com o seu filho. — O

médico espalma a mão no ombro do papai.

— Pelo que pude perceber, ela não sabia que estava grávida, não é isso? — Othon, o cínico, pergunta.

Se eu pudesse daria um murro bem no meio do nariz dele.

— Não, ela não sabia.

— Meu Deus! O susto, o medo... Ela mal comia, mal dormia, seu organismo não suportou. Meu neto... Jesus! Se soubéssemos teríamos tido cuidado. E o Lucca, quando ele acordar, ficará arrasado.

Eles se amam tanto.

Não, papai, não se preocupe, não ficarei arrasado. Nem sei se esse filho era meu. Minha noiva, sua nora, é uma vagabunda, uma put... e o seu sobrinho é o

amante dela, talvez até seja o pai da criança, então não sofra, ela não merece sua piedade.

Tento segurar a mão dele e juro que quase senti o calor de sua pele. Ele respira fundo e fica me encarando, como se estivesse me vendo.

— Tio. — Othon o tira do transe. — O senhor está bem?

— Sim, sim, estou. Por um momento pensei ter escutado a voz do Lucca. Talvez seja ele, talvez ele esteja em espírito nos vendo e chorando a perda do filho. Nem quero imaginar a dor dele quando acordar e descobrir que a Suzanne perdeu um filho que ele tanto desejou ter um dia.

— Eles poderão fazer outro, tio. Não fique assim. O importante é que a Suzanne ficará bem. Ela ficará bem, não é, doutor?

Fingido do caralho!

— Sim, ficará. O procedimento é rápido, depois só precisará ficar em repouso, uns sete dias será o suficiente. Não se preocupem, Suzanne é jovem, saudável, ela logo se recuperará.

— Cuide bem dela, doutor — meu pai pede. — Aquela moça é como uma filha.

— Não se preocupe. Agora tenho que ir. Mandarei um colega vir examiná-lo, fiquem aqui.

O médico se vai e papai parecia bem, mas resolve ficar e esperar o outro médico vir vê-lo.

Ele é levado para um quarto, está com a pressão alta e respirando com dificuldade, Othon o acompanha. Não os deixo, pois meu medo é de que o traidor tente algo contra meu pai. Eu sei, minha

presença não adiantaria de nada, não posso impedi-lo, mas me sinto melhor estando com ele, e é o que faço, inclusive o observo enquanto dorme.

Othon se aproxima, sempre atento. Ele puxa a coberta, toca na mão do papai, depois se afasta.

Pega o celular no bolso, disca um número e, assim que a pessoa atende, ele sai do quarto. Eu vou atrás.

— Mas que merda você deu *pra* ela? Você nos disse que seria indolor e que ela perderia o bebê sem sintomas! Era para ser como se estivesse menstruando? — Ele faz uma pausa, acho que a outra pessoa está explicando a merda que fez. — Cara, ela sangrou muito, pensei que ia morrer e foi dolorido, caralho! Juro que se algo acontecer com ela, eu acabo com a sua raça!

Ele tecla *encerrar* na tela de seu celular e passa os dedos entre os fios dos cabelos. Está nervoso. Othon pega o celular novamente e olha para ele por um longo momento antes de mover os dedos sobre a tela. Respira fundo e, em poucos segundos, leva o celular até a orelha.

— Marli. — Ele está falando com minha sogra. — A Suzanne sofreu um aborto... Se acalme, ela está bem, mas acho melhor vir até o hospital. Ela vai precisar de você quando acordar.

Ele finaliza a ligação, e quando penso em ir embora, escuto-o dizer:

— Menos um problema. Agora, é só bancar o primo preocupado e cercar a Suzanne de atenção.

Quando Lucca morrer, tenho que convencer o velho de que sou o homem certo para casar-se com a Suzanne. Eu sei que ele vai adotá-la, ela será o prêmio de consolação dele.

Filho da mãe...

Deixo o escroto do meu primo sozinho e vou à procura de notícias da Suzanne. Espero que ela tenha perdido o útero também, assim nunca mais poderá engravidar.

Sigo por um corredor, entro em várias salas, mas em nenhuma delas a Suzanne está. Então eu vejo uma moça de cabelos castanhos encostada na parede, ela parece triste, desolada. A mulher não pode me ver, então não me preocupo em chegar perto. Olho em direção à cama e encontro a Suzanne, ela dorme pacificamente e parece estar bem. A filha da mãe está pronta para voltar para os braços do Othon.

— Por que eles não me quiseram? Eu não entendo. Eles prometeram, disseram que me amariam, foi por isso que aceitei...

A moça fala comigo. Ela me vê e eu a encaro.

— Você me vê?

— Vejo. Estamos quase na mesma situação, só há com uma diferença, você ainda pode voltar para o seu corpo. Eu não... O corpo que seria meu foi destruído... por ela.

Ela move a cabeça na direção de Suzanne, então consigo compreender. A moça tristonha é a filha de Suzanne e, talvez, seja minha também.

— Não, você não é meu pai. Bem que gostaria que fosse, mas não foi você quem se comprometeu a cuidar de mim. Eles assumiram este compromisso e mais uma vez falharam, sempre é assim, eles nunca me aceitam, nunca. Eu os odeio, odeio! — Ela corre em direção à cama e se aproxima de Suzanne. — *Vaca! Sua vaca! Odeio você, sua fraca de merda! Deveria ter dito não!*

Suzanne se contorce, começa a murmurar palavras ininteligíveis e sua cabeça começa a balançar de um lado a outro. E toda vez que a moça a xinga, ela geme e se agita com mais força.

— Querida, venha, não é assim, você precisa perdoá-los. Venha, vamos embora...

Duas pessoas surgem no quarto, falam com carinho e afastam a moça da cama.

— Vamos, querida, está na hora de ir. Você precisa se curar dessa terrível sensação.

Uma senhora a abraça e a moça joga a cabeça em seu ombro.

— Odeio eles *, odeio os dois...*

Ela repete com a voz cheia de rancor.

— O aborto é a pior sensação para um espírito. Você nem imagina o que ele sente. São todas as dores sentidas quando encarnado.

Olho para o lado e um senhor muito simpático me encara. Ele sorri.

— Olá! Não se preocupe, não viemos buscá-lo, não é a sua hora. Mas você precisa de cura, ou não conseguirá voltar.

Ele toca em meu ombro, fico igual a um idiota, boquiaberto, só observando os três desaparecerem através de uma luz ofuscante.

Assim que todos vão embora, Suzanne volta a dormir tranquilamente e eu me aproximo.

— Você não perde por esperar, noivinha linda. Sei de todos os seus podres, sei que a filha que esperava não era minha, era do Othon. Assassina, vaca maldita! Vou acordar e darei um chute na sua bunda.

— Lucca, meu amor, perdoe-me...

Ela sussurra enquanto sua cabeça se agita de um lado a outro. — Lucca, amor, amo você, não me deixe, não me deixe...

— Mentirosa! Não precisa fingir, já sei de tudo, você e o Othon não perdem por esperar.

— Não! — ela grita e o aparelho que está ligado a ela começa a apitar. — Lucca... Lucca...

Uma enfermeira entra, mexendo em algo na máquina imediatamente.

— Está tudo bem, querida, é só um pesadelo, seu noivo está bem, se acalme.

— Fingida, vagabunda!

Murmuro na orelha de Suzanne e saio do quarto, deixando-a se debatendo.

Volto para perto do papai e o encontro dormindo tranquilamente. Descubro que o Othon foi ficar com a Suzanne, mas não quero vê-los juntos. Eles se merecem e meu pai precisava mais de mim do que eles. Quando penso em me deitar ao lado do papai, uma força me leva de volta ao meu corpo.

Abro os olhos e me vejo deitado na cama, coberto por fios, com um tubo enfiado

em minha boca, só respiro porque os aparelhos me ajudam. Sinceramente, não gosto de me ver assim.

— Lucca!

Eu conheço essa voz tão calma.

— Mamãe!

Olho para trás e lá está ela, muito mais linda do que me lembro. Seus olhos brilhantes, sua pele de pêssego, aquele sorriso de colorir o mundo. Meu Deus, é ela, minha mãe tão querida!

Ela abre os braços e suas mãos me chamam. Corro e me jogo no calor que emana dela, como sempre foi.

Quantas saudades!

— Filho amado, meu rapaz de coração enorme. Tão lindo, lembra-me tanto seu pai quando tinha sua idade, meu menino travesso.

Ela me aperta nos braços, bagunça meu cabelo, beija meu rosto diversas vezes. Sinto-me tão vivo...

— Mamãe, você está aqui, não é um sonho? Posso segurá-la, posso beijá-la.

A beijo e sinto seu cheiro bom.

— Sim, meu filho. Recebi permissão para vir vê-lo, mas meu tempo é curto.

— Não, fica comigo, fica perto de mim. Oh, mamãe, descobri coisas horríveis, temo pela vida do papai, temo pela minha vida...

— Lucca, você precisa voltar, precisa se livrar das energias ruins.

— Sim, mãe, eu sei que preciso voltar, preciso acabar com aqueles que querem o mal de nossa família...

— Lucca, pare, não é por aí. Enquanto estiver cercado por essas energias, não conseguirá voltar, filho. Tudo o que está vivendo agora será esquecido quando voltar, apenas o que lhe é permitido lembrar será lembrado, então, pare, não se

encha de ódio, rancor, mágoa, esses sentimentos só retardarão sua volta, ou pior, se você demorar muito a voltar, poderá ficar preso aqui e o seu corpo não se recuperará. É isso que quer? Filho, se isso acontecer, você partirá deste mundo e não é a sua hora. Você precisa voltar, tem muitas coisas a fazer.

— Mãe, eu quero voltar, mas não consigo.

— Consegue sim, filho. Volte enquanto há tempo. Não se preocupe, se você deixar essas energias ruins irem embora, logo alguém o encontrará e ela irá trazê-lo à vida.

— Quem? Quem irá me ajudar?

— Logo saberá. Apenas não permita que a raiva tome conta do seu espírito. Seja amor, filho. O

amor é um remédio milagroso. Quando o amor se encontra com outros sentimentos, tudo fica bem, filho. Agora volte para o seu corpo e lute, lute pela vida, lute por seu amor. Você é um guerreiro, filho! Um guerreiro poderoso. Adeus, meu filho amado...

— Mãe, não, não se vá! Espere! Sinto sua falta...

Ela se vai, meus braços ficam vazios e as lágrimas saltam dos meus olhos. Desolado, volto para o meu corpo, deito-me e espero a morte vir me buscar.



Lucca

Capítulo 7

Oito meses depois...

Fico deitado na cama, inerte, perdido em meus próprios pensamentos. Vejo, ouço, sinto todas as sensações, até as picadas das agulhas, quando as enfermeiras trocam o acesso das medicações, tudo. O mais doloroso são os curativos dos ferimentos à bala, principalmente da minha cabeça.

Felizmente esses já sararam, até já tenho cabelo e sei disso porque me vejo quando saio de meu corpo e resolvo passear um pouco pelos corredores do hospital. Fiz alguns amigos passageiros e outros que lutam, assim como eu, contra a morte. Não tem sido fácil saber de tantas coisas, suportar a devassidão da minha noiva com meu primo, pois sempre que estão juntos fazem questão de se amassarem em minha frente, só faltam foder diante de mim, e acho que não fazem isso por medo de serem pegos. Mas o Othon adora mostrar seu poder, até já passou seu dedo sujo com a umidade da Suzanne em meu nariz. Foi nojento e fiquei tão enraivecido, que se estivesse acordado naquele momento, juro que voaria nele e o mataria.

E pensar que quando éramos crianças brincávamos juntos. Othon e eu costumávamos ir pescar quando papai nos levava para a praia, era muito divertido, mas éramos duas crianças inocentes e víamos diversão em tudo, pescar, jogar bola, até os nossos intermináveis banhos de mangueira; essas são algumas das minhas memórias favoritas. Mas o tempo passou e as coisas mudaram. Othon se tornou meu adversário, ele disputava tudo, vivia em torno de mim, sempre querendo me passar a perna. Com o tempo aprendi a ignorá-lo, foquei em outras coisas, até que ele se tornou minha sombra e mal nos falávamos. Sabia que ele não gostava de mim, só não sabia e nem sei os motivos, mesmo assim, nunca me incomodei com ele, até descobrir sua traição.

Eu sei, eu sei, o mundo está cheio de traidores, cheio de pessoas ruins e fingidas. Nesse tempo que estou passando neste hospital, pude perceber isso, sei quem gosta e finge gostar de mim. Foi um choque descobrir tudo isso, mas hoje estou tentando ignorar alguns sentimentos que nasceram em mim.

Talvez minha mãe tenha razão.

Preciso deixar para trás alguns sentimentos, se quiser voltar, se quiser seguir em frente.

Deus!

Onde estás? Ajude-me, não quero morrer.

Quero viver... viver.

Fecho os olhos, penso em algo bom, talvez assim eu possa sair um pouco deste hospital, talvez, quem sabe, seja levado para algum lugar onde eu possa, enfim, ter a esperança de que o Universo conspira a meu favor.

Sinto meu corpo flutuar, a brisa refrescante, cheiro de terra molhada, então sinto meus pés tocarem o chão e ao abrir meus olhos, consigo sentir o brilho dos raios do sol... Deus! É tão lindo, fazia tanto tempo que não via a luz do dia, o calor do sol, o cheiro das flores. A vida é tão colorida, tão linda.

Ando em direção à vegetação e não consigo deixar de pensar no quanto era bom tocar nas flores, sentir o aveludado das folhas, a maciez das pétalas. Mas, não sinto, não posso tocar.

Caminho um pouco mais e de longe consigo ver um rio, ele corre entre as pedras, nada o impede de seguir. Como o invejo, como gostaria de ser ele. Sento-me, fecho meus olhos, inspiro.

Anjo, onde está você?

Será que foi um sonho?

Será que no momento de desespero, sonhei com alguém e este alguém tentou me ajudar?

Será que ela não existe?

Se ela existe, gostaria que soubesse que sou muito grato. Mesmo estando preso entre a vida e a morte, ela fez o que pôde para me salvar.

Para muitos, esta situação em que me encontro está sendo longa até demais. Escutei uma conversa do Othon com a Suzanne, enquanto eles se esfregavam bem perto da minha cama, e ele dizia que meu médico, doutor Osmar, conversou com o meu pai e disse que se eu não acordar em dois meses, será melhor pensar na possibilidade de desligar os aparelhos, já que meu corpo não está respondendo aos estímulos, pois se demorar a reagir, meu cérebro morrerá.

Segundo a Suzanne eu estou nesta situação há oito meses e ela não entende as explicações dos médicos, pois há casos de pessoas que permanecem em coma por anos.

Claro que o Othon concorda com os médicos.

Ele quer se livrar de mim e eu tenho certeza de que, se ele conseguir, o próximo será meu pai.

Filho da mãe pretencioso.

Tenho que encontrar alguma maneira de proteger meu pai, caso contrário ele ficará sozinho no meio das cobras.

No decorrer do tempo em que as visitas vêm, mesmo elas só podendo me ver de longe, eu posso ficar perto de cada cobra. E todos que vêm me visitar têm pensamentos ruins a meu respeito. Nunca pensei ser tão odiado assim. Não sou uma má pessoa, mau patrão, mau amigo. Sempre me importei com o bem-estar dos meus colaboradores, amigos, e até com meus fornecedores e clientes.

Merda! Sempre agi com honestidade e, nunca, digo, nunca, passei a perna em ninguém.

Então, por que eles me odeiam? Eu leio seus pensamentos e...

“Bem-feito”, “isso é pouco”, “tomara que esse imbecil morra”, “metido dos infernos, agora comerá terra”, “presunçoso de merda”, “riquinho idiota”, “corno”.

Sim, descobri que muitos sabiam da traição de minha noiva. Muitos.

Até alguns enfermeiros que são pagos para cuidar de mim, riem da minha situação. Alguns dizem:

“Do que adianta tanto dinheiro, nem a própria bunda pode limpar.”

“É, idiota, até seu pau murchou.”

“Cara, com o dinheiro que você tem, deveria contratar uma enfermeira gostosa. Acho que você foi um imbecil quando podia andar.”

Alguns me machucam enquanto me limpam, ou são brutos quando vão me trocar de posição. Um

deles, ao fazer minha barba, me cortou, esse nunca mais eu vi, e a partir desse dia ninguém fez minha barba, por isso estou parecendo o papai o Noel, com a diferença de que minha barba não é branca.

Fecho os olhos e quando os abro estou em meu quarto outra vez.

— Isto é o inferno — murmuro.

Tão perdido em meus próprios pensamentos, não noto quando a porta se abre e a luz de cabeceira é acesa.

— Bom dia, senhor Lucca? Como o senhor está hoje? Sou a Honna, sua nova enfermeira. Eu sei, eu sei, está estranhando uma mulher vir cuidar do senhor, não é?! Não se preocupe, posso garantir que isso é normal hoje em dia, mas pode ficar tranquilo, cuidarei do senhor como se fosse meu irmão, ok?!

Conheço essa voz, conheço essa moça...

Não! Não! Não pode ser, é ela, o meu anjo! Ela veio me ajudar outra vez.

Chego perto dela. Bem perto, o mais perto que posso ficar. Ela é tão linda! Tão perfeita! Só pode ser um anjo, anjos são perfeitos.

— Anjo, sou eu, lembra-se?

Ela sequer se move, não vejo nenhuma reação, nenhum espanto, nenhum retorno.

— Anjo, sou eu, o rapaz da caverna, aquele que há alguns meses você salvou. Foi você, não foi?

— Bem, senhor Lucca, começarei a despir suas meias, depois limparei entre os dedos com este paninho umedecido em água morninha, e depois passarei um lencinho umedecido que tem um cheirinho bem gostoso. Eu sei, eu sei, não preciso fazer isso, mas todos nós merecemos um pouquinho de amor, não acha?! E se eu estivesse no seu lugar, iria gostar que me tratassem com carinho e respeito.

Ela não está me escutando. Mas, por quê?

— Anjo, por favor, não faça isso, responda-me. Preciso tanto de você...

— E então, senhor Lucca, o que está achando do carinho nos pés? Está gostoso? Relaxante?

Estou fazendo cócegas?

— Não, anjo, eu não sinto nada. Nada, entendeu?! Não te contaram? Estou em coma. Em coma! Estou quase morto! Mas que merda!

Irritado, grito. Grito com a única pessoa que pode me ajudar. Mas por que ela não me escuta?

— Pronto, senhor Lucca. Vamos despir seu pijama, ok?! Preciso limpá-lo... Não fique envergonhado, serei gentil.

— Hei... o que pensa que vai fazer? Não!

Caralho! Caralho! Ela vai ver meu pau peludo... Só escuto o barulho da fralda sendo aberta.

Fecho meus olhos de tão nervoso. Ninguém merece esta situação, é extremamente perturbador. Ela não deveria ver essas coisas, não deveria me ver nu, não desse jeito. Estou muito magro, quase sem músculos, meu pau está encoberto por tufos e tufos de pelos, é a coisa mais horrível que uma mulher

pode ver.

Ela começa a cantarolar uma música. O som vem através de sua garganta. Sinto suas mãos em minha pele e sei que ela está de luvas, mas é desconcertante, por isso não abro meus olhos e ela continua. Posso sentir tudo, só que desta vez é diferente, muito diferente.

Os outros enfermeiros eram impacientes, estúpidos. Eu sei que não é nada agradável limpar as fezes de outras pessoas. Se limpar nossas próprias merdas já é ruim, imagine a dos outros, mas, afinal, alguém tem que fazer, e não é de graça. Talvez o salário não seja suficiente, mesmo assim eles se propuseram a fazer isso quando fizeram o curso. No entanto, ver meu anjo limpando minha

bunda não é algo muito agradável.

Mas a sensação é boa, muito boa. Ela não faz por obrigação, ela realmente quer que eu me sinta bem. E sinto-me assim. Sua musiquinha baixa, suas mãozinhas me acariciando, sua paciência...

Deus! Estou no céu! É a primeira vez que me sinto bem, poderia viver assim.

— Pronto, sua higiene corporal foi feita. O senhor agora está cheiroso, fresquinho e limpinho...

humm!

Abro os olhos, mas ela não vê meus olhos abertos. Acontece que eu a vejo, observo seus olhos lindos e claros me admirando.

— Não olhe assim para mim, não olhe, devo estar horrível.

— Senhor Lucca, vamos pentear os cabelos, o que acha? E quando vir o seu pai, perguntarei se posso aparar sua barba. Ela não é digna do senhor, está muito feia.

Estou sonhando. Esta moça não existe, ela só pode ser um anjo.

— Onde você estava todo esse tempo, anjo? Por que não veio cuidar de mim desde o início? E

respondendo a sua pergunta, sim, sim, eu quero pentear meus cabelos, quero me livrar desta barba, quero viver, quero conhecê-la, levá-la para sair, comprar flores para você. Por favor, me diga que é solteira, que não existe um anjo em algum lugar que é dono do seu coração.

Deus, acho que estou apaixonado!

— Humm, assim... não... assim é melhor. Ficou bonito, senhor Lucca. Acho que seu pai deveria chamar um cabeleireiro para cortar o seu cabelo. A beleza do seu rosto está encoberta por todo esse pelo. Não que seus cabelos sejam feios, mas eles encobrem sua beleza.

Ela tem as melhores mãos do mundo. É como estar no paraíso. Continua... Continua, meu anjo.

Preciso tanto desse carinho, dessas palavras.

— Pronto, agora preciso verificar sua medicação...

Ela se afasta e eu me sinto só.

— *Volte, volte...*

— Bom dia!

Alguém entra no quarto e eu me sento. É um rapaz, este também é novo, nunca o vi antes.

— Bom dia!

Ela responde sorrindo. Seu sorriso é como uma linda manhã ensolarada e fresca.

— Você é nova aqui, não é? Meu nome é Beto, sou o novo fisioterapeuta deste moço aqui, o outro está de férias.

Graças a Deus! Aquele lá era um pedaço de cavalo.

— Sou a Honna, e sim, sou nova, hoje é o meu primeiro dia.

— Bem, Honna, é você quem cuidará dele ou é sistema de rodízio?

— Não, sou eu quem cuidará dele a partir de hoje.

— Então venha cá, vou ensinar alguns exercícios que você poderá fazer quando eu não estiver aqui. Esses exercícios, se forem feitos diariamente, ajudarão na circulação sanguínea do paciente, e são fáceis. Se você não se incomodar em fazer, será ótimo. Pergunto por que tem enfermeiros que não querem aprender, dizem que não são pagos para isso.

— Quero aprender sim, vamos lá.

Ela realmente é um anjo. Durante alguns longos minutos, fico em mãos que realmente se importam com meu bem-estar, e gosto muito disso, principalmente da minha nova enfermeira.

— Foi um prazer conhecê-la, Honna. Voltarei amanhã, só não sei se será nesse

mesmo horário.

O Beto é legal, mas não sei explicar, não gostei muito do sorriso esticado dele para Honna.

— Senhor Lucca, meu tempo com o senhor acabou, vou deixá-lo descansar. Mais tarde voltarei para ver como está, e talvez, quem sabe, possa ler um pouco para o senhor. O que acha? Gosta de ler? Qual o seu gênero de leitura...

Ela sorri. Sorri o riso dos anjos.

— Anjo, não sou um homem de ler, mas a partir de hoje serei um leitor viciado. Leia o que quiser, escutarei com prazer.

Ela continua me encarando e sorrindo.

— Por que tenho a impressão de que o conheço? Não sei explicar, mas desde que o vi deitado nesta cama, veio a sensação de conhecê-lo. Deve ser muito triste ficar preso dentro de um corpo, sem conseguir se comunicar, se mover... É uma prisão. Bem, o senhor deve me achar uma louca, não é mesmo? Mas, quem, não é? No fundo somos todos loucos.

— Sim, sim, você me conhece. Lembre-se, por favor, sou eu, sou eu...

Ela acaricia minha mão, cobre meu corpo, depois sua mão – agora sem luva – se espalma em meu rosto e os seus dedos quentinhos acariciam meu rosto peludo. Estou no céu, morri. Agora tenho a certeza de que estou morto. Ela é um anjo e veio me preparar para aceitar a morte.

— Fique bem, e se estiver me escutando, quero que saiba que eu me importo com o senhor. Lute por sua vida, porque algumas pessoas aqui fora precisam do seu sorriso. Lute, senhor Lucca!

Ela deixa o calor de sua mão sobre a minha pele, pega o material que trouxe consigo e sai, mas, antes de fechar a porta, olha uma última vez em minha direção, sorri e então se vai.

Não, não, não ficarei longe de você.

Vou atrás dela.

Ela atende mais três pessoas que estão em coma e eu vejo a felicidade dos espíritos que estão sendo cuidados por ela. Alguns tentam tocar nela, outros agradecem sem parar. Ela conversa com todos eles, fala sobre o dia lá fora, e é assim que descubro que está chovendo.

Para uma senhora, ela fala sobre uma novela; para um senhor, conta a história de um gatinho que ela salvou e levou para uma casa de adoção. Olho para a mesa de cabeceira do senhor e noto que ele tem uma foto de dois gatos. Ela é muito atenciosa e observadora. De alguma maneira, meu anjo leva alegria, paz e esperança para aqueles espíritos que estão presos entre a vida e a morte.

Eu a vejo almoçar. Come pouco e devagar. Gosta de ler, pois no horário de seu descanso abre um livro e começa a prestar atenção nele. Tento por algumas vezes me comunicar com ela, mas minhas palavras não chegam até seus ouvidos, o que não entendo. Naquele dia ela me escutou, conversamos, eu a vi, ela me viu, então, por que hoje nossa comunicação foi cortada?

Vencido, desisto, mas continuo ao seu lado, seguindo-a.

Quando percebo que ela está voltando para o meu quarto, corro e volto para o meu corpo.

— Olá, senhor Lucca, como foi o seu dia? O meu foi satisfatório. Estou cansada, mas estou feliz, pude ajudar uma porção de pessoas. Agora meu restinho de tempo é todo seu e eu trouxe um livro, o qual comecei a ler hoje, mas decidi continuar junto com o senhor. Primeiro vamos nos certificar de que está tudo bem por aqui.

E, mais uma vez, eu sinto suas mãos sobre mim. Mesmo com as luvas, mesmo com a máscara cobrindo a metade do seu rosto, é maravilhosamente agradável. Após todos os cuidados necessários, ela começa os exercícios que o Beto a ensinou. Os dedos dos meus pés são movimentados com cuidado, depois meus pés, minhas pernas, uma de cada vez. Em seguida os dedos das minhas mãos, pulsos, braços, e por fim minha cabeça.

Não sei explicar, mas tenho a sensação de que aquelas mãos já me tocaram antes.

— Pronto. Vamos à leitura?

Ela puxa uma cadeira e a aproxima da cama.

— É um romance da escritora Evanice Maria Pereira, o primeiro livro dela que estou lendo, se chama *Cidade dos Deuses*. Será que vamos gostar?

— Eu não sei, mas eu leria qualquer coisa com você, até uma bula de remédio. Estou pronto, pode começar.

— Vamos ver do que nos falará esta história... Bem, aqui na contracapa há uma descrição, vou ler...

“Chandra, o príncipe de Naripura, recusa-se a adorar uma deusa de pedra. Alheio ao jogo de interesses que cercam o trono, ele entrega-se a um amor impossível...”

E assim ela fica ao meu lado, lendo. Antes de terminar o primeiro capítulo ela se despede de mim com um “até amanhã”, acaricia minha mão, meu rosto, apaga a luz e vai embora. Então, pela primeira vez em meses, me sinto feliz, muito feliz. Surge dentro de mim uma vontade enorme de acordar do sono profundo e me agarrar à vida.



Lucca

Capítulo 8

— Eu *sinto muito, papai. Sinto muito, mesmo. Me desculpe, eu não queria que o senhor sofresse tanto assim. Não chore, papai, por favor, não chore. O senhor precisa continuar sendo forte, não perca a fé, não a perca. Juro, juro que estou fazendo de tudo para voltar, só não desista de mim.*

— Filho... meu filho querido, reaja. Pelo amor de Deus, reaja.

Meu querido pai chora segurando minha mão. Não suporto vê-lo assim, e se pudesse já estaria de pé diante dele, abraçando-o, beijando-o, mas por mais que queira acordar, não consigo. É como se uma força muito maior do que minha vontade estivesse me puxando.

— Filho, os médicos me disseram que se você não acordar em dois meses, o melhor será desligar os aparelhos. Não posso, Lucca, não posso fazer isso. Já perdi sua mãe, não quero perdê-lo também. Pelo amor de Deus, reaja... reaja...

Ele se levanta da cadeira e começa a sacudir meus ombros com violência. Grita enquanto sua voz desesperada ecoa entre as paredes do quarto frio e branco.

— Senhor, o que está fazendo? Não faça isso...

Ela, meu anjo, entra no quarto, e com sua voz costumeira, calma, melodiosa, e suas mãos delicadas, afasta meu pai do meu corpo.

— Ele precisa reagir! Será que não entende? Ele é tudo que tenho, não posso perdê-lo, não posso...

Deus! Ela o abraça e ele deita a cabeça em seu ombro, então chora. Só consigo escutar os soluços dele, e ela simplesmente acaricia a cabeça do meu pai sem nada dizer. A cena é linda, perfeita.

— Se ele não acordar, serei obrigado a desligar os aparelhos, mas não posso fazer isso, não posso perder meu filho.

Papai completa, ainda abraçado ao corpo do meu anjo.

— Senhor, mas não será o sacudindo que irá trazê-lo de volta.

Honna se afasta e seus olhos tranquilos encaram o rosto de meu pai.

— Talvez, não sei, só quero que ele sinta, sinta alguma coisa.

Papai diz entre lágrimas.

— O senhor é um homem de fé?

Que pergunta é essa? O que ela quer com esse tipo de pergunta? Espero a

resposta do papai, pois neste instante ele a encara, confuso.

— Claro que tenho. No momento, a fé é tudo que me resta.

Ela sorri. Meu Deus, estou apaixonado! Ela sorri com a alma.

— Então, faremos assim...

Honna pega uma caneta no bolso do jaleco e um bloquinho, anota algo nele, depois entrega ao papai.

— De quem é este número? Não é de um padre ou pastor, é? Porque se for...

— É o meu. Todas as vezes que o senhor vier visitar o senhor Lucca, me ligue e eu virei encontrá-lo e faremos isso...

Ela se vira em minha direção, ajeita minhas cobertas, depois vira-se para o papai.

— Confie em mim.

Ela está tão séria que posso jurar que há luzes ao redor dela.

— Minha filha, do jeito que estou desesperado, confio até em curandeiro.

Papai sorri. Ela fez papai sorrir.

— Não sou curandeira, mas tenho muita fé, só preciso saber se o senhor comeu carne vermelha hoje, bebeu algum tipo de bebida alcoólica, fumou ou fez sexo?

Mas que diabos de perguntas são essas? Por que ela quer saber essas merdas, e o que ela pretende fazer? Fico sentado olhando para a cena nada normal.

— Não comi carne, não bebo, não fumo, e sexo é algo que não pratico há um bom tempo, minha filha.

Pai... não precisa ser tão sincero.

— Ok, então eleve suas mãos espalmadas acima da cabeça do senhor Lucca. Farei o mesmo, só que minhas mãos ficarão acima do peito dele. Feche os olhos e ore, ore do jeito que quiser, diga as palavras do seu coração, peça a ajuda necessária. Deixe o amor vir, se for do merecimento do seu filho e se ele quiser

voltar, ele voltará. Faremos nossa parte. Está pronto?

Ela olha para o papai, e ele, mesmo sem saber quem é esta moça, sorri, eleva as mãos, fecha os olhos e ora. Honna faz o mesmo e eu posso escutar as preces dos dois, e a cada palavra, luzes coloridas vêm em minha direção. Eu as sinto e não consigo ficar sentado, então me deito. Meu corpo é coberto por luzes, elas transmutam meu espírito. O calor é muito agradável, como abraço de pai e mãe.

Não sei o que está acontecendo, mas algo mágico ocorre, uma força invade meu corpo, é como se estivesse acabado de acordar de um pesadelo.

Abro os olhos. Honna não está mais com as mãos sobre mim, agora ela as tem sobre a cabeça do meu pai, orando, circulando seu corpo. Papai continua orando de olhos fechados, só movendo os lábios, e a Honna faz o mesmo. No entanto, cuidando do papai.

— Obrigada, Deus pai, Deus filho e espírito santo. Obrigada, espírito de luzes, protetores e amigos, a ajuda de vocês foi necessária...

Esta moça não é da terra. Será que ela está morta? Será que foi a mamãe quem a enviou?

— Senhor, pode abrir os olhos, terminamos por hoje.

Papai despenca em seus braços e chora mais uma vez. Honna só o abraça, nada diz.

— Obrigado. Obrigado, minha filha. Meu coração está cheio de esperança. Você não sabe o que me fez e acho que fez a ele também.

Com os olhos marejados, ele aponta para mim.

— Não fui eu quem fez isso, foi sua fé. Apenas servi de instrumento para reacendê-la. Não perca a fé. Mesmo que tudo aconteça ao contrário do que deseja, não perca a fé. Tudo o que acontece em nossa vida, sejam coisas boas ou ruins, tem um motivo. Deus sabe o que faz, não duvide do amor dele. Nunca duvide.

— Quem é você, querida?

— Oh, meu Deus, me desculpe, nem me apresentei. Meu nome é Honna e sou a enfermeira do seu filho.

— Meu filho é um rapaz de sorte. Acho que tem pessoas lá no céu que gostam muito dele.

Enviaram um anjo para cuidar dele, então obrigado. Meu nome é Felipo Stein, o pai do Lucca.

— Muito prazer em conhecê-lo. Comecei a trabalhar com o senhor Lucca ontem, ele é um paciente muito comportado.

Eles apertam as mãos e sorriem juntos.

— Posso fazer uma pergunta?

Ela solta a mão do papai e vai até os aparelhos que estão ligados em meu corpo, começando a verificá-los.

— Todas as perguntas que quiser. Depois de toda essa energia boa que você me deu e deu ao meu filho, você manda e eu obedeço.

Olha... O senhor Felipo está até fazendo gracejos.

Ela devolve um sorriso tímido.

— O que aconteceu com o senhor Lucca? Desculpe-me perguntar, na ficha médica não consta a causa do acidente. Gostaria de saber o que o levou a ficar em coma, mas se o senhor não quiser contar, não há problema.

— Claro que posso contar. Meu filho sofreu um atentado, ele foi encontrado após cinco dias em uma gruta, estava quase morto. Sofreu várias paradas cardíacas e respiratórias, e acabou assim.

— Senhor, desculpe-me interrompê-lo, mas onde seu filho foi encontrado?

Honna fica pálida.

— Perto da rodovia das indústrias. Foram os piores dias da minha vida, pensávamos que ele havia sido sequestrado, mas graças a uma ligação anônima,

o encontramos. Até hoje não descobrimos quem foi a alma boa que o ajudou.

— Foi ela, papai. A alma boa foi ela.

Meus pensamentos são interrompidos quando vejo Honna quase despencando no chão. Só não

caiu porque papai a amparou.

— Meu Deus! Você está bem?

— Preciso me sentar. Acho que não me alimentei bem...

Meus olhos chicoteiam em sua direção. Eu estou paralisado no lugar, sem saber como reagir. Ela lembrou! Lembrou de mim, finalmente.

— Quer que eu chame alguém? Quer uma água?

Preocupado, papai pergunta, segurando a mão dela.

— Não, não precisa, já estou melhorando.

Ela olha para meu corpo estirado na cama. Estou do seu lado, ajoelhado, olhando diretamente para o rosto dela.

— Hei, sou eu. Agora você se lembra de mim? Você me salvou, foi você quem mandou a polícia me buscar. Sem você, a esta hora estaria morto. Anjo, fale comigo, eu sei que você pode fazer isso. Olhe para mim, por favor, olhe para mim.

Ela olha.

— Oi. Você me sente? Queria tanto tocar em você, queria tanto sentir a maciez de sua pele...

Fale comigo, Honna...

Dos seus olhos saltam lágrimas. Ela soluça, escondendo o rosto entre as mãos.

— Obrigada, meu Deus, obrigada. Ele está salvo, ele foi encontrado. Finalmente meu coração pode ficar tranquilo.

Honna murmura, mas posso escutar.

— *Sim, estou bem, só preciso voltar. Ajude-me, por favor.*

— Lucca. Seu nome é Lucca. Eu não sabia, procurei notícias suas por todos os jornais e televisões, não consegui encontrar nada, então nossos caminhos se cruzaram novamente, não foi?

Ela continua sussurrando, ainda com o rosto enterrado entre as mãos.

— *Sim, meu anjo. Acho que o Cara lá em cima nos quer juntos, eu também quero. Ajude-me a voltar, eu sei que você me ajudará.*

— Honna, querida, você está bem?

Os soluços de repente param e ela levanta a cabeça, minha respiração falha. Seus olhos marejados encaram os meus.

— *Honna, estou aqui, fale comigo.*

Ela inala profundamente como se estivesse me vendo, ou sentindo meu cheiro, então sorri. Fecha os olhos e move os lábios. Meu pai não escutou, mas eu sim...

— Lucca, se estiver me escutando, se estiver me vendo, quero que saiba que enquanto estiver aqui cuidarei de você com todo o amor que existir dentro de mim, mas não posso trazê-lo de volta se não for da vontade de Deus. Não o trarei, mas se Deus o quer entre nós, e há algo o prendendo do outro lado, desapegue-se. Se forem outras forças negativas, afaste-as. Se caso estiver preso à raiva,

mágoa, desejo de vingança, deixe esses sentimentos irem embora, pois eles só atraem espíritos malfazejos e tentarão de tudo para que você não volte. Portanto, preciso de sua ajuda também, tenha fé.

— Honna!

— Sim?

Ela não está me vendo, nem me escutando, mas de alguma forma ela sabe que eu posso escutá-la.

— Está melhor?

— Estou, obrigada.

Papai afaga os cabelos dela e diz:

— Preciso ir. Voltarei à noite, faço isso desde que o Lucca entrou neste hospital.

Ele vai até o meu corpo e deposita um beijo em minha testa, mas desta vez não posso sentir o calor do beijo, pois não estou em meu corpo, estou ao lado dela.

— *Honna!*

Murmuro o seu nome bem próximo a sua orelha. Ela encolhe os ombros e passa a mão na nuca.

Vejo os pelos do local se eriçarem.

— *Honna, estou do seu lado, olhe para mim.*

Mais uma vez ela leva a mão na nuca e encolhe os ombros.

— Preciso ir. Amanhã pela manhã, quando vier vê-lo, eu a chamarei para fazermos aquela prece, certo?

Ela se levanta.

— Ligue-me mesmo.

Papai sai na frente e ela o segue. Assim que ele entra no elevador, ela se encosta na parede e respira fundo, pega o celular e faz uma ligação.

— Emília? O nome dele é Lucca e sou a enfermeira responsável por cuidar dele. Acredita nisso?

Ela faz uma pausa.

— De quem estou falando? Ora, da pessoa que não sai da minha cabeça há meses, o rapaz da caverna, aquele que entrou em comunicação, lembra agora?

Faz outra pausa.

— Sim, isso não é incrível?! Estou em êxtase até agora, só não entendo por que ele não se comunica comigo...

Eu também não.

— Pois é, deve ser isso. Ok, preciso voltar ao trabalho. Conversamos depois sobre isso. Beijos, minha amiga.

Ela desliga, guarda o celular no bolso e volta para o meu quarto. Apressado, passo na frente

dela.

Honna abre e fechou a porta atrás de si, e vai caminhando em minha direção com um lindo sorriso esticado nos lábios, começando sua função do dia despindo-me de minhas meias.

— Podemos começar novamente, senhor Lucca. Bom dia! Meu nome é Honna e, sim, fui eu quem avisou à polícia sobre seu paradeiro naquele dia tão assustador. Passei todos esses meses à procura de notícias do senhor, mas não encontrava nada sobre algum homem ferido e encontrado em uma gruta. Mas, graças a Deus, o senhor está a salvo.

Deito-me em meu corpo e suspiro pelos carinhos que meus pés recebem.

Olhando para ela com esse ar de plena satisfação, regozijo do seu lindo rosto.

— Sim, eu sei disso, anjo, e você não achou nenhuma notícia porque minha família escondeu isso da mídia. Temiam, e ainda temem, que o responsável pelo meu atentado queira voltar e terminar o serviço. A bem da verdade, eu até acho que sei quem são os responsáveis, e eles estão bem pertinho de mim. Contudo, acho que não farão nada por terem medo do meu pai.

— Só não entendo por que não consigo me comunicar com o senhor...

Nem eu...

— Emília pode ter razão, a espiritualidade achou melhor não nos comunicarmos, mas talvez eu consiga quando for à casa de oração. Pedirei aos mentores espirituais que me ajudem e o ajudem.

Gostaria tanto de poder ao menos escutar um “oi” do senhor.

— Eu também, mas não quero só dizer um “oi”, quero contar tudo que descobri. Preciso que avise ao papai sobre todas as safadezas do Othon, da Suzanne, até do meu tio Patrício, e quero convidá-la para sair. Claro que isso só acontecerá quando eu deixar esta minha vida de vegetal...

só não entendi esse negócio de mentores espirituais. Quem são esses? São padres, pastores?

— Você não deve estar entendendo nada do que estou falando, não é? Eu com minhas palavras estranhas, é claro. Mesmo vivendo em um mundo estranho, e eu conheço o outro lado, sei que dependendo do grau de adiantamento do espírito, são guiados para locais diferentes. No seu caso, deve estar preso entre os dois mundos, e deve ser muito angustiante... Cá estou, novamente lhe enchendo de palavras, não é?

Ela começa a me limpar com a toalha umedecida em água morna e é uma sensação tão boa...

— Bem, acho que deve estar se perguntando o que é mentor espiritual. O Mentor Espiritual é aquele espírito com maior depuração moral, ou seja, mais evoluído do que nós. É ele quem nos guia e aconselha ao longo de nossa encarnação. Através da mediunidade conseguimos vê-los e até nos comunicarmos. Os mentores estão sempre ajudando os encarnados na atual reencarnação. Estes seres de luz estão conosco para nos ajudar a evoluir espiritualmente, iluminar, nos guiar no caminho do bem. São espíritos que podem estar ligados aos nossos antepassados, amigos, e até mesmo entes queridos. Eles nos conduzem ao entendimento, à solução ou à aceitação de determinado problema.

Ao nos ajudar, eles também encontram a própria luz e evolução no conhecimento. Estou sendo chata hoje, desculpe-me.

— Não, não está. Você não tem ideia das coisas que aprendi nesses últimos meses. Fico imaginando quando contar a todos sobre o que vi nesses corredores do hospital... E aqueles

espíritos fedidos que encontrei na frente da delegacia? Eles eram horríveis! Ah, anjo, temos tanto para conversar. Quero saber tudo.

— Acho melhor me calar e cuidar do senhor, não é mesmo?

— Não! Quero saber mais, continue.

— Vou retirar sua fralda, não fique envergonhado...

— Ah, não, ah, não! Não faça isso, não olhe para minhas partes baixas. Elas estão horríveis, não faça isso...

Fecho meus olhos. Penso no tempo em que lá embaixo era lindo de se ver, penso nas mulheres que passaram por minha vida. Elas ficavam boquiabertas quando viam meus países baixos, eu me orgulhava do tamanho e da grossura dele. Até aquela vaca traidora da minha ex-noiva amava fazer coisas deliciosas com ele...

Meu Deus! Ela está me tocando e eu pensando em sacanagens, isso é muito louco.

— Pronto, o senhor está limpinho e cheiroso. Falta pentear seu cabelo e tomei a liberdade de trazer uma tesoura para aparar sua barba. O senhor será outro homem depois de tudo isso.

Eu fico pensando como ela consegue me virar de um lado a outro para mudar minha roupa e os lençóis da cama sem a ajuda de ninguém. Outros enfermeiros sempre chamavam alguém para ajudá-

los, eles pareciam sentir nojo de me tocar, mas ela faz tudo sozinha e com a maior satisfação.

Bem perto do meu rosto, suas mãos manuseiam a tesoura. Seus olhos atenciosos, vez ou outra, olham para mim, e ela sorri. Deus! Ela é a mulher mais linda do mundo, será que há alguém que rouba seu sorriso, será que há alguém que a toca, que a beija, que faz amor com ela? Será que ela ama alguém? Ama desesperadamente... não, espero que não.

Estou amando esta moça e quero muito fazê-la me amar.

— O senhor está ficando muito mais bonito, sabia? Gostaria muito de saber qual é a cor dos seus olhos...

— Cinza. Mas às vezes são esverdeados, dependendo da luz.

— Lindo! O senhor está lindo! O azul lhe cai muito bem.

Ela escolheu um pijama azul. Concordo com ela, sempre gostei da cor azul.

— Bom dia!

Levanto-me imediatamente, a voz não me é estranha. A porta se fecha e vejo o Beto se aproximando.

— Bom dia, Beto. Já terminei a higiene do nosso paciente, ele está pronto para os exercícios.

Adoro o jeito como ela se refere a mim.

— Estou vendo. Até a barba do nosso guerreiro você aparou... Ficou bonito, hein, senhor Lucca?

Ele retira os lençóis que estão por cima do meu corpo, despe-me das meias e começa os exercícios.

— Vou deixá-los a sós. Tenho mais pacientes para atender.

— Não, não vá, fique, por favor...

— Honna...

Ele faz uma pausa e não gosto disso. Não gosto também das batidas do coração dele e o jeito com que está olhando para ela.

— Sim, fale.

— Não, não fale. Se for o que estou pensando, nem cogite a ideia. Juro, volto para o meu corpo e vamos ter sérios problemas, senhor Beto fisioterapeuta.

— Você tem namorado?

— Ela tem, eu! Diga que tem. Por favor, Honna, diga...

— Não, por quê?

Merda! Não sei se fico feliz ou preocupado.

— Minha folga é no sábado. Quer ir ao cinema? Depois podemos jantar ou o que quiser fazer, você escolhe.

— Não aceite, Honna. Ele quer outras coisas também. Sinto os batimentos do coração dele, diga não.

Ela fica pensativa. Me aproximo e encosto minha boca da orelha dela.

— Diga não.

Honna leva a mão à nuca e encolhe os ombros.

— Acho melhor não. Mas podemos continuar amigos e quem sabe outro dia eu possa aceitar seu convite?!

Isso!

— Perdeu, cara. Essa moça é minha. Ela nasceu para ser minha, entendeu?

Ela sorri, sem jeito, ele também.

— Tudo bem. Semana que vem tento novamente, quem sabe você não muda de ideia?!

— Ela não vai aceitar. Aceite que dói menos.

— Quem sabe?

— Como assim? Não dê esperanças para ele, Honna.

— Torço por isso.

— Ok, até amanhã, Beto. Até mais tarde, senhor Lucca.

Ela estica a cabeça, olhando em direção à cama, e sinaliza um tchau. Se ela soubesse que só meu corpo está lá, porque eu estou bem ao seu lado...

Eu poderia passar o dia inteiro com ela, até quando tiver que voltar para me ver novamente.

O dia transcorre normalmente. Acompanho Honna em todas as suas visitas e

posso comprovar novamente o tamanho da luz que ela leva consigo para cada paciente. Eu vejo os espíritos sorrindo,

agradecendo, alguns até choram. Os vivos... esses brincam com ela, alguns só a chamam de anjo. Ela é, sim. É um anjo, meu anjo. E quando percebo que já está na hora de ela voltar para meu quarto, corro na frente. Quando ela entra, fecha a porta atrás de si e já estou pronto para sentir seus carinhos e escutar sua voz terna.

— Boa noite, senhor Lucca, como passou a tarde?

— *Com você. Passei toda a tarde com você.*

— Preciso, examiná-lo, ver como o senhor está, depois faremos alguns exercícios e por último nossa leitura, ok?

— *Não vejo a hora. Estava ansioso por isso.*

Mais uma vez sou tocado por um anjo, mas desta vez ela fica calada enquanto suas mãos fazem os movimentos. Só vejo os lábios dela se moverem... Ela... ela está fazendo uma prece.

— Que seja feita a vossa vontade.

Ela encerra e me sinto tão bem...

— Vamos à nossa leitura?

— *Vamos.*

— Deixe-me me ver onde paramos...

— *No capítulo dois.*

— Ok, encontrei... “1NAquela manhã, os reis de Naripura despertaram diante de alguns problemas...”

Ficamos ali por alguns minutos. Eu, atento a cada palavra; ela, além de ler, vez ou outra troca informações sobre os acontecimentos que a história nos traz. Não quero que pare, mas no final do capítulo ela fecha o livro, acaricia minha mão,

apaga a luz e, antes de fechar a porta, olha para cama, dizendo:

— Bons sonhos, senhor Lucca. Fique em paz, e que os bons espíritos estejam ao seu lado. Até amanhã.

Não estou na cama. Meu corpo está, eu não, porque a acompanho até a porta de saída do hospital e, juro, se conseguisse sair dali, a seguiria e ficaria com ela.



Lucca

Capítulo 9

Estou andando pelos corredores do hospital quando escuto um choro. Uma moça chora tanto que chega a soluçar. Entro na sala e só então percebo que estou na capela. A moça franzina está sentada em um banco do lado esquerdo, bem no canto, e tem algo nas mãos. Aproximo-me um pouco mais, então eu vejo o que ela pretende fazer.

— *Não!*

Grito enquanto corro em direção a ela, mesmo que eu saiba que ela não pode me ouvir, mas não posso evitar minha reação.

Assustada, ela olha para trás... olhos esbugalhados, estática nem pisca. Ela sacode a cabeça como se quisesse organizar as ideias e eu quase caio em estado de choque. Finalmente ela pisca e nosso olhar fixa-se um no outro. Ela me ouviu.

— *Não faça isso!*

Digo, assustado. Meus olhos não se afastam dos seus, ela continua com eles arregalados e a boca aberta.

Ela me vê! Ela pode me ouvir!

— Não sei o que aconteceu, mas seja lá o que for, não vale sua vida.

Digo, tentando ser convincente. Ela limpa o nariz com o dorso da mão.

— Você pode me ver?

Ela pergunta e balanço minha cabeça, afirmando. Ela aperta o pulso e geme.

— Você também está morto, ou é uma daquelas pessoas que vê gente morta?

Não é uma pergunta, e sim uma afirmação. O silêncio cai entre nós. Não respondo, pois não sei o que pensar. Olho para as suas mãos, em uma há um estilete e na outra um corte de onde escorre sangue, pingando no chão de porcelanato branco.

— Você pode realmente me ver?

Pergunta novamente, como se quisesse ter a certeza de que não está louca.

— Você está morta ou em sono profundo? Ou devo ser um morto-vivo tendo alucinações.

Murmuro.

— Não é óbvio? Se posso ver e ouvir você, é claro que estou morta.

— Então por que você é diferente dos outros? Parece tão...

— Viva?

Ela vira o rosto e me encara.

— Sim, os outros que encontro pelos corredores ou nos quartos estão debilitados, ou vestidos

com suas roupas hospitalares, mas você parece estar viva.

— Eu não queria fazer isso. — Ela olha para o próprio pulso. — No fundo, queria viver, seguir em frente, sabe?! Eu era tão feliz, meus pais me amavam, tinha amigos maravilhosos, uma irmãzinha linda. Até...

Ela olha para o pulso cortado novamente. Tudo parece tão real, mas vendo-a agora, entendo, e lembro-me que um espírito me disse que, quando morremos ou quase isso, trazemos as impressões de antes da morte. Certamente ela se lembra do momento em que fez esta infeliz besteira.

— Até o quê?

Ela parece tão frágil, tão quebrada.

— Não importa mais.

— Importa sim.

Argumento.

— Deixe-me em paz, volte para seu corpo...

— Qual o seu nome? O meu nome é Lucca. Lucca Stein.

— Você é um idiota, sabia?

Ela ri histericamente, mas apenas soa enigmática.

— Você não pode me salvar, já fiz a merda, está vendo? Olhe, estou morrendo, morrendo...

Diz ela com amargura.

— Olhe aqui, cortei meu pulso, um corte profundo, foi tão profundo que não consegui cortar o outro. Ele venceu, venceu, agora ficarei escrava dele para sempre. Você não o viu, ele está lá fora, está me esperando. Aqui é o único lugar onde ele não pode entrar porque tem medo deles...

Ela aponta para um canto e vejo duas pessoas sentadas. Estão rezando, orando, não sei, só sei que estão de cabeça baixa.

— Vá embora, deixe-me em paz.

— Qual o seu nome?

— Ana. Ana Beatriz.

— O que aconteceu, Ana? O que a levou a fazer isso?

— Ele. Eu o amava e pensava que ele me amava também, ele vivia triste, dizia que ninguém o amava, até que me encontrou, então passei a ser o tudo dele. O início foi tão bom, mas com o tempo ele passou a me sufocar, e todas as vezes que tentava terminar ele dizia que ia se matar...

Ana me encara, então eu vejo a verdadeira Ana. Ela tem olheiras profundas arroxeadas, os lábios estão roxos e a pele sem cor. Está assustadora.

— Ele... ele me afastou de todos. Mesmo não querendo, fazia tudo o que ele queria. Não sei explicar, era como se ele ficasse o tempo todo dentro da minha cabeça, dando-me ordens. Deixei meus pais, minha casa, meus amigos, a faculdade. Fui morar com ele, fazia todas as vontades dele, comecei a beber, a fumar, e com o tempo a me drogar, tudo incentivado por ele.

A cada palavra ela aperta o pulso e o sangue esguicha. Eu sei que isso não é possível, pois, ou ela está morta, ou está igual a mim.

— De algum jeito ele sempre me convencia, e quando eu conseguia fugir, me livrar do domínio dele, ele me encontrava e me levava com ele. Até que um dia a notícia veio, alguém o matou em uma boca de fumo. Fiquei tão aliviada, finalmente estava livre. Voltei para meus pais, refiz minha vida, voltei para a faculdade, até comecei a namorar, então, um dia, fui a uma festa e conheci uma moça. Nos tornamos amigas e ela começou a me oferecer bebida. No início não aceitei, mas ela era muito convincente. Voltei a beber, a fumar e a me drogar, e quando estava muito louca eu o via, escutava a voz dele e ele voltou para minha vida. Meus pais me internaram, pensaram que estava louca, e por um tempo ficou tudo bem. Voltei para casa, mas fiquei viciada nas tarjas pretas e uma noite escutei uma voz dizendo que só tinha um jeito de acabar com tudo aquilo. Eu vi o estilete e cortei o pulso. Acordei com ele em cima de mim me fodendo, dizendo que agora ficaríamos juntos para sempre.

Puta merda! Que caralho! E espírito transa?

— Ele transa.

Ela responde. Não acredito nisso. Meu Deus!

— Meu destino é ficar com ele. Quando estou lá fora, não consigo deixá-lo, não consigo pedir ajuda. Os outros... os iluminados não podem intervir, só depende de mim, mas não consigo, não sei como. Ele me domina, fica murmurando, entra na minha cabeça. Meus pais são ateus, eles não acreditam em nada. Já tentei conversar com eles, até durante os sonhos, acontece que eles nem me escutam, sequer fazem uma oração para mim. Estou sozinha, completamente sozinha.

— Não está mais. Eu sei quem pode ajudá-la. Qual o número do seu quarto?

— Estou na ala 36B, quarto 302. Você vai mesmo me ajudar?

— Vou.

— Obrigada. Você pode ir comigo até meu quarto?

— Posso.

Eu a levo e juro que sinto uma sombra atrás de mim. Sinto uma presença nada boa, é como a escuridão se aproximando.

— Quando estiver em seu corpo, quero que pense o tempo todo nesse nome: Honna. Fique sussurrando esse nome. Não sei explicar, mas eu sei que o seu perseguidor não irá se aproximar de você. Promete que fará isso?

— Prometo.

Sua voz treme de emoção enquanto lágrimas enchem os seus olhos. Esfrego minha cabeça enquanto me esforço para encontrar as palavras certas. Ela está com medo, está perdida neste mundo novo, entre a vida e a morte. Acho que ela não conhece Deus, talvez nunca tenha sido apresentada a Ele.

Então começo a pensar.

Se existem tantas pessoas descrentes no mundo, algumas até sabem que existe uma força maior,

no entanto, não creem. Ela me disse que seus pais são ateus, então eu suponho que cresceu em um lar onde o material era o mais importante. Eu tive a sorte de

crescer com pais crentes. Não religiosos, mas que acreditavam em um Deus bondoso, um Deus pai. Cansei de ouvi-los falando o quanto eram abençoados, que Deus deu para eles muito mais do que haviam pedido. Apesar de não ser praticante, e de até então não acreditar em um mundo espiritual, eu creio em Deus. Acho que é por isso que não estou na mesma situação que ela.

— Ana, ficará tudo bem, ok?!

— Ok.

Ela se deita sobre o corpo magro e desforme. Corro para meu quarto, deito-me sobre o meu corpo e começo a pensar em meu anjo. Digo o nome da Ana Beatriz e o número do seu quarto. Não sei explicar, mas no fundo algo me diz que a Honna entrará em sintonia. Ela é minha única esperança de poder ajudar a Ana.

Não sei como, mas sinto a presença de Honna. Ela está perto, levanto-me e corro, preciso vê-la o quanto antes. Sei que ela faz a ronda antes de vir me ver, mas ela precisa ir até a Ana antes de qualquer outra visita, até da minha.

Chego a tempo. Honna está indo para o elevador.

— Anjo, ala 36B, quarto 302, você precisa ir até lá, Ana Beatriz...

Sussurro no seu ouvido. Ela estremece, leva a mão na nuca, encolhe os ombros.

— A senhora disse alguma coisa?

Honna olha para uma senhora que está atrás dela. A mulher balança a cabeça, negando. O

elevador abre as portas. Ela aperta o andar do vestuário, a sigo. Deixo-a entrar, lá não posso acompanhá-la. Fico esperando. Vinte minutos depois, ela sai.

— Honna, ala 36B, quarto 302, Ana Beatriz. Ela precisa de oração! Oração! Por favor, faça aquilo que fez em mim e no papai. Ajude-a, Honna.

Sussurro em seu ouvido outra vez e ela entra no elevador.

— Terceiro andar, Honna...

Honna já está com o dedo no botão do segundo andar.

— *Terceiro, Honna.*

Sussurro bem mais perto da sua orelha. Ela leva a mão na nunca e aperta o terceiro andar.

— Bom dia, meninas!

Diz ela quando chega na enfermaria do andar.

— Honna, errou o andar? O que faz aqui?

— Estou com tempo. Precisam de ajuda?

— Aqui toda ajuda é sempre bem-vinda. Escolha o paciente e boa sorte...

Uma enfermeira com feição de mãe protetora, bochechas rosadas e olhos que sorriem, oferece vários prontuários, os quais Honna começa a analisar.

— Quem é Ana Beatriz? Diz aqui que ela tentou suicídio?

— *É ela, anjo, é a moça que precisa de você.*

— Sim, faz alguns dias que chegou, tadinha. Ela não acorda. Os médicos já avisaram aos pais, ela não ficará muito tempo. Está com um coágulo no cérebro, muitas drogas, e a perda de sangue só piora a situação dela. Eles até estão admirados de ainda estar respirando.

— Posso vê-la?

— É toda sua. Mas não tem muito o que fazer. Doutor Bernardo disse que ela não passa de hoje.

— Carinho e amor nunca é demais.

— Boa sorte. Apesar de saber que ela não sente nada, está morta tecnicamente.

— A morte é só uma passagem, mulher. Não sabia disso?

Meu anjo pega os papéis e segue até o quarto da Ana. Vou atrás.

A porta se abre. Honna de repente estremece e abraça o corpo, como se tivesse levado um choque de um vento gelado. Ela geme.

— Deus! Esse quarto está cheio de energia ruim.

Ela percebe o mesmo que eu. Posso ver as sombras se espreitando pelos cantos, posso sentir o hálito fétido, olhos famintos nos espiando.

— Nem tentem chegar perto do meu anjo, ou se verão comigo. Nela vocês não tocam.

Digo, olhando para todos os lados. Honna esfrega os braços com as mãos, até eu estou sentindo frio.

— Mande-a embora, cara, ou a seguirei e farei da vida dela um inferno.

Escuto uma voz assustadora atrás de mim, então olho. O homem está horrível, a cabeça rachada e o sangue escorrendo. Posso ver seus miolos, há sangue entre seus dentes, está sujo, a roupa rasgada. Ele fede.

— Chegue perto dela e mandarei os iluminados pegarem você.

Desafio. Não sei de onde vem tanta coragem, mas é como se tivesse me transformado em um gigante, como se fosse outra pessoa, com outra aparência. Posso sentir minha força, meus músculos, então, olho para meu reflexo no vidro da janela e vejo um outro homem. Grande, meu corpo todo pintado com desenhos tribais, minha pele escura, meus cabelos trançados e longos. Quando pisco os olhos e encaro meu reflexo outra vez, o homem em uma outra versão de mim desaparece. Estou vendo coisas.

A voz se cala. Volto minha atenção para meu anjo.

— Olá, querida, como você está? Estou segurando sua mão. O que sente? Gosta do carinho?

Ana não surge diante dos meus olhos. Será que ela está ali? Será que fugiu?

— Ana, estamos aqui!

— Eu sei, eu a sinto.

Ela responde, mas não consigo vê-la.

— *Ana, não consigo ver você.*

— *Não posso. Ele está no quarto, ele está me esperando.*

Ana começa a chorar e sinto a presença do homem novamente. Então, entro em sintonia com a Honna e não sei o que ela está fazendo, mas tenho certeza de que preciso fazer isso.

— *Honna, ajude-a, ela precisa ir...*

Sussurro no ouvido do meu anjo.

— Querida, eu sei que está esperando o momento de partir, não é? Mas algo a prende aqui e, seja o que for, deixe-o e siga as vozes, o calor da luz. Você quer ir, você quer recomeçar, quer ser abraçada pelo amor?

— *Sim, eu quero, mas ele não vai me deixar ir, ajude-me...*

— *Ajude-a, meu anjo.*

Sussurro outra vez.

— Oh, pai de amor, Deus eterno, nosso Criador, nesta hora tão necessária, guia nossa irmã para o caminho do amor, da paz, que ela consiga ir até os braços daqueles que a esperam, que ela aceite o teu amor, tua paz...

Honna fecha os olhos, eleva os braços e estende as mãos sobre o corpo da pequena Ana, murmurando palavras de amor. Faço o mesmo. Não sei se estou fazendo a coisa certa, se tenho algo de bom para oferecer, mas o faço, estendo meus braços e deixo as palmas das mãos para baixo.

Fecho meus olhos e, sem perceber, estou orando, pedindo a Deus e aos amigos espirituais que ajudem a pequena Ana.

Uma luz invade o quarto e as trevas se vão, o frio congelante se vai, cheiro de flores invadem minhas narinas e um calor gostoso toma meu corpo. Foi tudo tão rápido que quando abro os olhos Honna já está saindo do quarto, não entendo. Olho para Ana e ela está imóvel, então vou atrás da Honna, mas antes de chegar

até ela, escuto alguém me chamar e viro-me.

— Obrigada, Lucca. Um dia talvez possamos nos ver novamente. Ela é um anjo, seu anjo.

Não desista dela. Aconteça o que acontecer, nunca desista do seu amor.

Ana está tão linda... Veste um vestido floral com rosas azuis, tem um sorriso esticado nos lábios, está corada, olhos brilhantes.

— Até um dia, meu amigo. Viva! Ainda não é sua hora. Agora irei para um lugar me curar, meu espírito está enfraquecido. Fiz uma bobagem, tentei tirar minha vida e não tinha esse direito, agora preciso curar meu espírito, mas estou feliz, em meu novo lar não há trevas, receberei ajuda, serei amada e cuidada. Adeus!

Ela se vai, acompanhada por uma luz brilhante. Fico feliz por ter ajudado alguém. Mesmo quase morto ajudei alguém.

Escuto a voz de papai e da Honna, eles estão em meu quarto. Rapidamente me transporto para minha cama e me junto ao meu corpo. Chego a tempo de receber o calor do amor dos dois.

— Obrigado, minha filha. Desde ontem, depois dessa oração, dormi perfeitamente. Suas orações fizeram milagre com esse velho.

Papai está segurando a mão da Honna e olhando para ela com aquele olhar amoroso, o mesmo que dirigia a mim quando estava ao seu lado.

— Senhor Felipo, não fiz nada, foi sua fé quem fez tudo isso. Como diz o ditado, “oração, se bem não fizer, mal também não fará”.

— As orações me fizeram muito bem, e espero que tenham feito ao Lucca.

— Fizeram sim, papai. Fizeram-me muito bem.

— Preciso ir. Quando voltar, certamente você não estará aqui, então até amanhã.

— Até amanhã, senhor Felipo.

Honna o segue até a porta, e assim que ela se fecha e meu anjo vira-se em minha direção, me deito e espero suas mãos sobre mim.

— Então, como meu paciente preferido passou a noite?

— Com saudade de você. Não via a hora de vê-la novamente.

— Espero que tenha tido sonhos bons. Sabe, hoje eu tive uma sensação estranha quando estava vindo para cá. Acho que algum espírito bondoso me guiou até o terceiro andar, uma menina estava precisando de minha ajuda. Percebi assim que entrei no seu quarto, depois desta visita me senti tão bem, muito melhor do que já estava.

— Eu sei, fui eu que a enviei para ver a Ana. Sabia que ela seguiu a luz e foi muito feliz?

— Bem, vamos começar?

— Vamos. Este é o momento mais esperado do meu dia.

Ela vai até o banheiro e enche a bacia com água quente. Traz até a mesa de cabeceira, joga as toalhas dentro dela, depois pega a caixa de lenços umedecidos. Vira-se para o armário e pega meu pijama limpo, desta vez ela escolhe um verde. Começa minha higiene pelos pés e... nossa, é a sensação mais deliciosa do mundo.

Tira a calça do meu pijama, mas antes cobre minha fralda. Ela não gosta de me constranger. Suas mãos começam a limpar minhas pernas, meus joelhos, minhas coxas...

Deus! Estou no céu! Sinto uma sensação de puro prazer, aquela sensação de calor, de satisfação.

Fecho os olhos e só sinto seus dedos escorregando em minha pele. Começo a imaginar suas mãos sem as luvas, seus dedos quentes escorregando em minha pele, apertando minhas carnes, chegando mais acima, acariciando entre minhas pernas, minha virilha.

Então, escuto o barulho da fralda se abrindo e um gritinho de surpresa. Suas mãos param a carícia.

— Nossa! Senhor Lucca, tem algo no senhor que está bem acordado...

Abro os olhos, me sento e olho para minhas partes baixas, estou de pau duro. Puta merda! Fiquei excitado, fiquei ereto, lá está meu pênis duro, envergado para cima, todo feliz e muito vivo. Honna!

Ai, Jesus! Que vergonha!

— Senhor Lucca, pelo amor de Deus, abaixe isso. Se alguém entrar aqui e o vir desse jeito, vai pensar que estou abusando do senhor. Meu Deus, o que faço?

Ela fecha a fralda, mas meu pênis continua duro. Então me levanto e começo a andar de um lado a outro.

— Honna, desculpa, desculpa, não sei como isso aconteceu. Estou semimorto, era para meu pau estar também. Desculpa, que vergonha, que vergonha.

Olho para meu corpo estendido na cama e lá está meu pênis escroto do caralho, todo duro...

— Cara, não me envergonhe, caia mole. Olhe para Honna, ela está vermelha de vergonha.

Fecho meus olhos e começo a pensar nas coisas ruins que a Suzanne fez comigo, e quando já não tenho mais nada para pensar, olho para meu corpo e para meu pênis, o volume da fralda diminui.

— Ufa! Até que enfim.

Volto para meu corpo e Honna lentamente puxa minha fralda. Quando percebe que o filho da mãe do engraçadinho do meu pau voltou ao normal, recomeça a minha higiene, só que ela fica calada e é assim até terminar de me vestir e trocar a roupa de cama.

Ela está envergonhada e eu puto comigo mesmo.

— Bem, hoje os exercícios no senhor serão comigo. O Beto não poderá vir, então farei os exercícios que ele me ensinou.

— Honna, não fique assim comigo, não tive culpa nem percebi que fiquei

excitado. Prometo que amanhã ficarei de olhos abertos e atento, não a farei passar mais constrangimento. Só não fica assim comigo.

— Senhor Lucca, perdoe-me se fui muito intensa quando estava fazendo sua higiene. Prometo que serei mais cuidadosa amanhã.

Ela está se culpando. Não, não é culpa dela, é minha.

— Será que o senhor sentiu algo? Se não fosse tão constrangedor, falaria com seu médico, mas tenho medo de que ele pense que fiz algo que não devia... posso perder meu emprego.

— Não, Honna, não diga nada. O safado sou eu, fiquei imaginando coisas com você, sou um devasso.

— Vamos esquecer isso, ok? Amanhã serei mais cuidadosa, agora preciso me concentrar nos exercícios. E então, estou fazendo direito?

— Muito melhor do que o Beto...

Escuto a porta se abrir e sinto um cheiro que estava acostumado a sentir, que para mim era o cheiro dos anjos...

— Quem é você?

..., mas agora é o cheiro de uma vaca filha da put... Suzanne.

— O que está fazendo com meu noivo?

— Seu noivo?

Surpresa, Honna para o que estava fazendo e encara a filha da mãe da minha noiva piranha.

Sinto uma raiva tão grande dela, que minha vontade é chutá-la porta afora.

— Sim, meu noivo, e quem é você?

— Sou Honna, a enfermeira do senhor Lucca.

— Como assim? Desde quando uma mulher pode ser enfermeira de um homem?

Isso não está certo, vou reclamar com a direção. Não quero uma mulher pondo as mãos no meu noivo.

— *Não se meta a besta, Suzanne. Não ouse afastá-la de mim, sua... sua...*

— Opa! Que porra está acontecendo aqui?

Era só o que me faltava. Abriram as portas do inferno e deixaram dois demônios escaparem.

— Oh, quem é esta moça linda?

— *Não chegue perto dela, Othon. Dela, não. Nessa você não encosta sequer um dedo.*

Tento evitar que ele se aproxime da Honna, mas não consigo, eu sequer encosto nele.

— Anjos existem, acabo de encontrar um.

Ele segura a sua mão e eu queria estar acordado, ou acordar nessa hora. Ele sentiria o peso de minha mão.

— *Afaste-se dela, seu estrume.*

— O que é isso, Othon, não me respeita?

Suzanne fica entre Honna e Othon, até agradeço. Assim ele se afasta dela.

Honna não entende nada, olha de Suzanne para Othon, percebendo os ciúmes da Suzanne.

— Se acalme, querida, só estou fazendo um elogio. E quem é ela?

— Sou Honna, a enfermeira do senhor Lucca.

— Ora, ora, meu primo é um homem de sorte, ganhou uma enfermeira linda. Prazer, me chamo Othon e sou primo do Lucca.

Ele estende a mão para ela.

— Não segure a mão dele. Ela pode queimar a sua, esse crápula é nocivo.

Para meu alívio, Honna não retribui o cumprimento, começa a juntar suas coisas e a guardar o material.

— Hei, para onde você vai? Não, não, você não vai embora. Quem tem que ir são eles.

— Já terminou, querida?

Suzanne pergunta.

— Já.

Honna responde e termina de recolher todo o material no carrinho.

— Então nos deixe sozinhos com meu noivo. Vá, vá, chispe daqui.

— Você ficará sozinha com esse aí porque eu ficarei com a Honna. Aqui, com você, não fico

mesmo, principalmente porque sei o que irão fazer, então se rocem à vontade.

Os deixo no quarto e vou atrás da Honna, mesmo assim posso escutar e sentir as sensações dos dois em meu quarto. Os risos debochados, o roçar dos seus corpos, até os gemidos de minha noiva desavergonhada. Eles que se fodam.



Capítulo 10

Faz cinco dias que estou no paraíso. À espera pelo próximo dia sempre é sinônimo de alegria.

Não faço mais minhas caminhadas pelo hospital, minha rotina se resume em Honna. A espero na entrada do hospital todos os dias e a sigo até o momento em que ela vem para meu quarto. Contudo, desde aquele incidente em que fiquei de pau duro, estou sendo cuidadoso, principalmente quando suas mãos percorrem meu corpo e quando percebo que ele está indo na direção dos países baixos.

Saio do corpo e a espero – de olhos fechados – terminar de me limpar *lá*. Depois relaxo e volto para a cama.

Honna fala pelos cotovelos, conta-me tudo que faz no hospital – como se eu não soubesse –, mas o que mais gosto de saber é o que ela faz quando sai do hospital.

Descobri que ela não tem namorado e quase saí saltitando de contentamento. Ah, e ela não tem muitos amigos. Não que ela não seja uma moça sociável, acontece que ela me contou que desde criança vê e conversa com gente morta, e isso se tornou um problema em sua vida. As pessoas não entendiam e a chamavam de maluca ou endemoniada, por essa razão, hoje em dia, ela prefere manter os vivos afastados, e isso inclui relacionamentos românticos. Disse-me que o último durou pouco mais de um mês, o rapaz a pegou conversando sozinha a respeito de uma tal carta que estava escondida na gaveta da mesinha de cabeceira dele.

Ele não quis saber de explicação e a acusou de bisbilhotar as coisas dele. Honna até disse que foi uma moça quem lhe contou, até detalhou a aparência dela, mas o rapaz ficou furioso.

Abriu a gaveta e Honna viu um porta-retratos com a foto da mesma mulher que conversava com ela, e junto da foto o rapaz pegou um envelope. Ela disse que ele foi rude, a pegou pelo braço e praticamente a expulsou do apartamento. Com raiva, disse-lhe que aquela carta era a única coisa que havia lhe restado da noiva. Meses depois, Honna descobriu que o rapaz era noivo e que a tal noiva terminou com ele, pois estava apaixonada por outro, algum tempo depois ela voltou grávida dizendo que o filho era dele e que estava arrependida, mas, ele, magoado, a mandou embora. Ela se matou dois dias depois e deixou aquela carta, pedindo para que ele fizesse o teste de DNA. Ele não quis fazer e seguiu em frente.

Honna, ao contar a história, pareceu triste, depois entendi o motivo da tristeza.

Ela disse que a moça ficava sempre ao lado dele pedindo perdão, e era isso que ela tentava dizer para o rapaz. No entanto, ele riu de sua cara e a chamou de maluca.

— Você não é maluca, você é especial. Se não fosse por você, por esse seu dom, eu estaria morto e não a teria conhecido e não estaria completamente apaixonado.

Eu sei, eu sei, ela não me escuta, não me vê, mas quando voltar de vez para o meu corpo, farei de tudo para conquistar seu coração. Seremos perfeitos juntos, acho que nascemos para ser um do outro.

Respiro fundo, deixo Honna fazer sua função. Fecho os olhos e vejo minha vida em

retrospectiva. Sempre fui uma pessoa feliz, nasci em um lar cheio de amor e respeito, meus pais me ensinaram a sempre ver o lado bom das pessoas, no entanto, eles sempre diziam que ser bom não é sinônimo de ser bobo.

“Seja uma pessoa boa, amiga, solidária, mas não deixe que as pessoas se aproveitem de você.”

Sabia do que eles estavam falando. Tinha uma referência em casa. Tio Patrício.

Papai não foi sempre milionário. Meus avós eram fazendeiros humildes, plantavam e colhiam, e foi com a colheita que sustentaram meu pai e tio Patrício. Os dois viveram modestamente em uma cidade no Sul da Bahia, estudaram em escola municipal e pública, fizeram faculdade estadual, no entanto, tio Patrício assim que se formou, pegou algumas economias que meus pais guardaram e veio para a Capital. Papai ficou com meus avós, eles precisavam de ajuda, pois já estavam cansados e não tinham muitos empregados para ajudá-los com a lida.

Quando papai conheceu mamãe, foi amor à primeira vista e em pouco tempo se casaram e foram morar na fazenda. Meus avós morreram com uma diferença de um ano um para o outro, e deixaram a fazenda como herança. A princípio, papai não queria vender a fazenda, mas tio Patrício quis a parte dele imediatamente, e como papai não tinha dinheiro para comprar a parte dele, precisou vendê-la e o dinheiro foi repartido em partes iguais.

Tio Patrício fez a festa. Ele já estava casado e minha tia grávida do Othon, então

comprou uma casa em um bairro nobre de Salvador, mobiliou em alto padrão, comprou um carrão do ano, montou uma loja de produtos importados, e segundo ele ficaria rico logo, por isso investiu o restante do dinheiro. Tudo confiando nos novos amigos que ele fez no mais bem frequentado clube da cidade, onde só iam os ricos.

Já papai, comprou uma casinha de dois quartos, sala, cozinha e banheiro na periferia da cidade, não comprou carro e se empregou em uma indústria de material orgânico, o restante do dinheiro investiu em várias coisas, seguindo o conselho do vovô. Ele sempre dizia que dinheiro pouco é muito, e o importante é a pessoa saber aplicá-lo em pequenas coisas que tenha a certeza de que não lhe dará prejuízo, pois a ganância arde o olho e quebra a perna. Escutava isso dele todos os dias.

Bem, ele pegava duas conduções todos os dias para ir ao trabalho e voltar para casa. Mamãe trabalhava como secretária em uma gráfica. Trabalhou durante dois anos até engravidar de mim, mas precisou sair, pois a gravidez foi de alto risco, com isso, só o papai passou a sustentar a família.

O tempo passou, meu tio faliu, mas não perdeu a pose. Meus pais, com dó do Othon, passou a enviar alimentos para a família e pagar as contas básicas. Papai comprou uma pequena empresa que estava falindo, usando uma parte do dinheiro e a outra parte ele foi ampliando o negócio. Após três anos nos mudamos para uma casa melhor, em um bairro mais perto do centro. Passei a estudar em escola particular e o papai bancou os estudos do Othon, que frequentava a mesma escola que eu.

Estava atrasado nos estudos, por isso ficamos na mesma sala.

E em um galpão pequeno, nasceu a Indústria Stein.

Já estava no ensino médio quando papai comprou nossa casa atual e tio Patrício passou a trabalhar para o papai. Meus pais nunca trataram o Othon diferente de mim. Tudo que era comprado para mim, era comprado para ele. Estudou nos mesmos colégios, na mesma faculdade, inclusive, quando ganhei meu primeiro carro, ele ganhou o mesmo também.

Papai o considera como um filho, ele nunca deu motivo para Othon se sentir menosprezado, então, por que ele nos quer tão mal?

Não entendo. Tio Patrício também não gosta do papai, e hoje, olhando para ele, vejo os seus olhos raivosos na direção do meu pai. Será que foi ele o mandante do meu atentado? Ou o Othon em parceria com a Suzanne, ou os três juntos.

Tudo isso por causa de dinheiro, poder.

Onde erramos? Foi falta de amor? Falta de humildade?

— Pronto, senhor Lucca, agora o senhor está fresquinho, cheiroso e vestido de azul. Adoro esta cor no senhor.

— Eu também, meu anjo.

Ela me arranca dos meus pensamentos.

— Agora vamos pentear seus cabelos e a barba.

Ela me olha com aqueles olhos claros que ilumina toda minha alma, seu olhar terno quase tira meu fôlego. É difícil explicar por que me sinto tão atraído por ela, é como uma chama correndo por todo meu ser. Mesmo estando nesta situação, olhando-a assim tão de perto, sinto-me vivo. É como se já nos conhecêssemos há muito tempo, como se já tivesse provado o sabor dos seus lábios, o calor do seu corpo.

Nossos olhares permanecem presos por um longo tempo, mesmo ela não me vendo, sequer sabendo que a amo com toda força do resto de vida que ainda me resta.

Seus olhos piscam, ela engole, molha os lábios com a ponta da língua. Se pudesse, seria eu a molhar seus lábios com minha saliva.

— Senhor Lucca, quando verei a cor dos seus olhos? Quando poderei escutar o tom da sua voz?

Como o senhor era quando estava acordado? Um cavalheiro? Mulherengo? Feliz?

— Sincero. Nunca fui mulherengo. Quando me envolvia com uma mulher, era só dela. Se caso me interessasse por outra, terminava um relacionamento para dar início a outro. Minhas namoradas nunca se queixaram de falta de atenção, não

era um homem ciumento, tampouco possessivo. Posso me considerar um homem apaixonante, procuro dar mais do que recebo. E sim, fui muito feliz.

— O senhor amou sua noiva? E ela, será que ela o ama? Desculpe-me, senhor Lucca, mas ao vê-

la não senti paixão nos olhos dela em sua direção, senti paixão no olhar dela para com o seu primo.

Perdão, eu sei que não tenho nada com isso, mas foi o que vi. O senhor nunca percebeu isso?

— Até você percebeu e bastou só um momento. Devo ser um imbecil, mesmo, ou como dizem, um corno manso. Nunca, nunca, meu anjo, nunca percebi nada. Eles souberam me enganar perfeitamente.

— Prontinho, cabelos penteados...

Ela se afasta neste momento, pois seu celular toca.

— Oh, meu Deus, esqueci de desligar o aparelho. É proibido usar celular durante o atendimento.

Olha para o aparelho, franze a testa e fico aflito. Quem é?

— Alô! Oi... sim, sim, claro que posso. Certo, pedirei para sair mais cedo...

Não, não, ela não pode, será que é alguém importante? Um homem! Ela me disse que não existia namorado..., mas... e se existir um homem candidato à namorado?

— Não, você não pode fazer isso, precisa me esperar, precisa me esperar, Honna. Diga não.

Por favor, diga não.

— Ok, então nos vemos mais tarde.

Ela está sorrindo. Não, não, esse sorriso era para ser meu.

— Honna, não faça isso, sou eu o homem que preencherá seus dias de risos, sou

eu quem a amará como se fosse a única mulher no mundo. Não me troque por ele, não faça isso... não...

Sinto um formigamento no corpo. De repente tudo dói, fecho os olhos e não escuto mais nada, sua voz desaparece, o seu cheiro se mistura com o ar, sinto-me ser lançado na escuridão e rapidamente vejo luzes diante dos meus olhos.

— *Não, não, não quero morrer, não agora, levem-me de volta, preciso voltar.*

Meu corpo flutua e sem conseguir dominar minhas vontades, sou levado pela escuridão, até que meus pés tocam em algo e de repente a luz surge. Estou em outro lugar, parece um filme antigo, não existem carros, é como se estivesse na época romana. Escuto gritos, sons de espadas, corro até lá.

Dois homens estão lutando. Um é enorme, músculos duros, barba grande; o outro um pouco menor, mas com a mesma proporção de músculos.

— Ela nunca pertencerá a você, mato-o primeiro antes que isso aconteça.

— Não seja insensato, Centauros. Thiara é minha noiva, contente-se com sua esposa, deixe-nos em paz.

— Ela é minha! Não importa se sou casado, o meu amor é todo dela e não será você, Petrônio, que atrapalhará meus planos.

— Eu não o amo, Centauros, nunca o amarei. Prefiro morrer a pertencer você.

Então, o homem que se chama Centauros, olha para a moça que está amarrada dentro de uma espécie de carroça, dá alguns passos, mas o tal de Petrônio avança em sua direção. O outro, que está atento, o chuta, mas desequilibrado com a força do coice, é jogado longe e, antes que possa praticar qualquer ação, Centauros crava a espada no peito da bela moça.

— Se não quer ficar ao meu lado, também não ficará ao lado dele.

Ainda com um pouco de vida nos olhos, a linda moça fixa os olhos no amado. Ele apressadamente levanta-se e corre para acudi-la, mas é tarde demais, ela só tem forças para mover os lábios.

— Amo você além da vida. Adeus, meu amor.

Petrônio, desesperado, joga-se por cima do corpo do assassino de sua amada e a espada que estava na mão de seu inimigo atravessa o peito dele. Seu corpo é jogado ao chão e logo muitos soldados chegam, e quando veem a cena, gritam:

— Centauros, você é um homem morto, acabaste de matar o General de Júlio Cesar.

Ele até tenta fugir, mas as espadas dos homens fiéis a Petrônio atravessam o seu corpo.

Olho para o homem caído ao lado de sua amada, me vejo nele e a linda moça é Honna, e o outro homem é... Othon, como poderia ser?

Não demora muito e sou levado outra vez para o vazio. Fecho os olhos e, quando os abro, estou em outro lugar, pelos detalhes parece ser Londres de 1800. Estou em um tipo de propriedade enorme, ao longe vejo um castelo, e entre árvores frondosas escuto um choro, sigo até lá.

— Richard, não faça isso, não o amo. Mesmo que vença, nunca ficarei com você, desista desse duelo.

— Só desisto se disser que é comigo que irá se casar, não com meu irmão.

Olho para os dois homens e eles são iguaizinhos, gêmeos, estão vestidos elegantemente e a moça também, certamente são da nobreza.

— Edgard, desista você, não faz sentido isso. Estamos noivos e é com você que me casarei.

Deixe seu irmão, ignore-o.

Ela suplica enquanto os dois homens faíscam ódio através do olhar.

— Nunca! Ele a desonrou, não permitirei isso, o sangue dele lavará sua honra. Dez passos, entendeu?

Sou eu. O tal Edgard sou eu... a moça é a Honna e o outro homem é o Othon. Que loucura é essa?

Escuto os tiros. Edgard cai no chão. A moça corre na direção dele e pega a arma.

— Richard, nunca serei sua, nunca! Tenho ódio de você e prefiro virar uma mulher da vida a ser sua. Passarei o resto da minha vida alimentando o ódio e o desprezo que sinto por você.

Ela cospe nele. Enfurecido com o desprezo da mulher que ama, ele aponta a arma para sua cabeça e atira. Ela cai sobre o corpo do amado, em seguida Richard aponta a arma para a própria cabeça e atira.

Deus! O que significa isso?

Sou levado novamente pela escuridão, e quando abro os olhos estou assistindo a um casamento.

Parece uma tribo africana. Reconheço o noivo, eu o vi refletido no vidro da janela no quarto da Ana Beatriz. Sou eu? Não pode ser... Vejo a noiva, uma linda mulher cor de chocolate, cabelos trançados cheios de flores. Ela é tão linda que meus olhos lacrimejam. Então, de repente, vejo a Honna. Deus!

Estou enlouquecendo.

Eles seguem para uma espécie de tenda, algum tempo depois o guerreiro sai e começa a dançar com os outros guerreiros, até que outro homem segue em sua direção e crava um punhal em seu peito.

Tudo acontece muito rápido, e quando eu vejo a linda moça está caída ao lado do marido, sem vida, e os outros guerreiros correndo em direção ao assassino do rei da tribo.

— Não!

Grito, quase sufocado.

— Não, por favor, levem-me de volta, não quero morrer, quero viver, preciso encontrá-la.

Desta vez não deixarei ninguém a tirar de mim.

As vozes se calam. O vento sopra forte e o meu corpo levita. O tempo passa por meus olhos, vejo tantos rostos, tantas cores...

Minha mente fica confusa, tento raciocinar, tento deixar meus olhos abertos, mas não consigo, o sono me toma em seus braços, e cansado de lutar, me entrego.

É o meu fim. Acabou...



Capítulo 11

Sinto meu corpo bater de encontro a algo macio. Escuto uma voz doce me chamando ao longe, quero acordar, quero abrir meus olhos, quero responder o chamado dessa voz tão adorável. Então, de repente sinto uma imensa paz, consigo sentir meu coração batendo contra o meu peito, mas há algo que me impede de falar, até de respirar.

O que será?

A voz chega mais perto.

— Acabamos com os exercícios, senhor Lucca, agora o deixarei descansar, mais tarde virei...

— A voz falha, a doce voz suga o ar, respira fundo e continua: — Senhor Lucca... o... senhor... está...

cho... chorando.

Abro meus olhos. Encontro dois lindos olhos me encarando, extasiada. Anjos existem e se eles existem, com certeza morri, devo estar no céu. Tento me mexer, mas meu corpo não obedece. Estou preso a fios e há um tubo enfiado em minha

boca. Estou em um hospital, não estou morto.

Graças a Deus!

Desesperado, fixo meus olhos aos dela e ela está chorando, mas por quê? Quero fazer perguntas, mas o tubo não deixa, apenas pisco os olhos.

Ela sai correndo.

Não vá, volte, tire isso de mim, tire isso de mim.

Escuto murmúrios vindo de fora do quarto e em instantes o quarto está cheio de pessoas de jalecos brancos.

— Retirem os tubos, rápido. — Um senhor simpático olha-me sorrindo. — Lucca, consegue respirar? — Tento falar, mas não consigo, dói minha garganta. — Não se preocupe, essa dor irá passar. Foram meses com esse tubo enfiado em sua garganta. — *Como assim meses?* — Pisque uma vez para "sim", e duas para "não". Consegue respirar? — Pisco uma vez. — Consegue se mexer? —

Pisco duas vezes. — Sente dor? — Pisco uma vez. — Ok, vamos levá-lo para fazer todos os exames e avisem à família.

Ele dá ordens para os enfermeiros que me cercam.

Logo minha cama é levada para fora do quarto e a linda moça vai ficando distante. Ela me olha com lágrimas nos olhos e o meu coração fica apertado só de pensar que sou eu o causador do seu desalento.

Só espero que as lágrimas sejam de alegria.

Não sei por quanto tempo fiquei naquele lugar gelado, já não aguentava mais ser virado de um lado para o outro. Fiquei grato quando alguém me pôs para dormir, talvez seja o soro da morte, pois meu corpo fica todo gelado e sinto meu coração disparar, e agora devo estar morrendo, pois nem as

vozes escuto mais. É, a morte veio me buscar e nem tive tempo de me despedir do meu pai.

— Oi. — Essa voz... Conheço esta voz.

Com esforço, abro os olhos lentamente e pisco.

— Morri? Estou no céu? Você é um anjo? — soletro as palavras sussurrando-as, mal conseguindo abrir minha boca. Não me importo, pois diante dos meus olhos há uma linda moça com lágrimas nos olhos, olhando-me assustada. — Moça, eu morri?

Será que ela não está vendo que não consigo falar direito? É doloroso mover meu maxilar.

— Senhor... senhor Lucca, meu Deus! O senhor finalmente acordou!

— Acho que sim, a não ser que esteja morto e no céu, e falando com um anjo.

Tento me mover, mas meu corpo não obedece, só minha cabeça, mesmo assim é doloroso.

— Espere, já volto.

— Não, ainda não — peço e ela para, fica com aqueles olhos tão lindos me encarando com certa adoração. Eu a conheço de algum lugar, mas de onde? — Onde está meu pai?

— O senhor ainda não pode receber visitas, risco de infecção, mas ele já sabe que acordou.

Aliás, todos já sabem, foi uma festa nos corredores deste hospital.

— Eu imagino — gaguejo. — Há quantos meses estou aqui?

Escutei quando o médico disse que estou aqui há meses.

— Oito meses. — Abro os olhos, espantado. — Não fique assustado, até que não é tanto. Tem pacientes que estão a mais de um ano entubado. Quer dizer, o caso deles é diferente do seu, mas... —

Ela percebe que falou demais. — Desculpe-me, às vezes falo mais do que a boca. — Sorri e percebo que ela tem um sorriso lindo. — Está sentindo alguma dor?

— Não — gaguejo, sussurrando. Não conseguir falar direito começa a me incomodar. — Não consigo me mexer. Estou paralisado?

— Não, já fiz cócegas nos seus pés e o senhor sentiu, mas não conseguirá se mover por algum tempo. Tem que ter paciência, a fisioterapia vai ajudá-lo. Logo o senhor irá andar e voltar às suas atividades normais.

— Espero que esteja certa. Odeio depender dos outros. — Olho para ela com mais atenção, continuando a ter aquela sensação de que já a conheço. — Qual é o seu nome e qual é a sua função?

— Oh, meu Deus, desculpe-me, esqueci de me apresentar novamente. — *Novamente? Não lembro de tê-la escutado se apresentar antes. Será que também perdi a memória?* — Meu nome é Honna e sou sua enfermeira.

Honna...

Que nome diferente. Mas é bonito, e olhando bem, combina com ela. Seus cabelos loirinhos e o rostinho angelical fazem um conjunto perfeito com seu nome.

Ela fica quieta, eu me calo, fecho meus olhos e respiro lentamente. Sinto-me tão confuso, minha mente parece que passou por um triturador. Está tudo em pedaços tão pequenos que fica difícil juntar

todas as peças, e as únicas inteiras são meus últimos instantes durante o acidente.

Lembro-me perfeitamente de todos os detalhes, as motos, os quatro homens, suas vozes, ainda sinto quando o carro encontrou com a árvore e os airbags explodiram em meu peito. Os tiros e as dores que senti quando fui atingido. O mato cortando meu corpo, meu rosto quando fui arrastado e a dor em meus ossos quando fui jogado dentro da caverna. Eles riram de mim, me bateram, mesmo sabendo que não sentia mais nada após o último chute em meu rosto.

O que eu fiz para a pessoa que mandou me matar?

— Senhor Lucca, precisa de mais alguma coisa?

Ela me puxa de volta para a realidade. Está tão próxima da cama que posso sentir seu cheiro doce. Lembro-me desse cheiro, já o senti, mas de onde, por que

ainda tenho a sensação de que a conheço?

— Não, estou bem. — respondo e ela olha para o relógio.

Será que tem algum compromisso? Claro que deve ter, é linda, alguém deve esperar por ela.

Por que isso me incomoda? Acabei de conhecê-la. E tenho uma noiva...

Noiva! Agora que me lembrei da Suzanne. Sequer perguntei por ela antes. Como será que ela ficou durante esses meses? Será que sentiu minha falta? Com certeza, sim. Ela me ama, eu a amo, era para estarmos casados e felizes.

— Tem certeza de que não precisa de mais nada, senhor Lucca?

Ela insiste nisso. O que a incomoda?

— Honna, se quiser ir embora, pode ir, não preciso de nada. — Não sei se ela vai mesmo para casa, talvez não, mas deve ter algum rapaz fora do hospital, ou dentro, esperando-a, e se ela realmente tiver alguém, daqui eles devem ir para algum lugar aconchegante, onde vão se amar...

Merda! Por que estou pensando nisso? O que tenho a ver com a vida desta moça?

— Posso ler para o senhor, se quiser.

Ler?

De onde ela tirou essa ideia? Tenho cara de criança que precisa escutar uma história antes de dormir?

— Não, Honna, não precisa. Já passei dessa fase de historinhas para dormir. Não se preocupe, estou bem e deve ter alguém para substituí-la, estou certo?

— Só as enfermeiras de plantão, as que ficam no andar, mas é que...

Ela esconde algo.

— Honna, quer me dizer alguma coisa?

— É que quando o senhor estava em coma eu lia para o senhor todas as noites antes de ir embora. Pensei que talvez quisesse terminar o livro.

Olho para ela com um olhar questionador.

Será que ela achava que eu via ou ouvia alguma coisa enquanto dormia?

— Honna, estava em coma! Não escutava, não via e tampouco falava, portanto, não lembro de nada do que você fez durante esse tempo que passou comigo.

— Desculpe-me. Pareço boba, não é, acontece que nessa semana que passamos juntos... Parece que já o conheço há muito tempo e costumava conversar com o senhor, inclusive ler, pensei que de alguma forma o senhor se lembrasse de algo, mesmo sem poder se comunicar. Às vezes achava que o senhor estava me escutando, mas é besteira, vou embora. Até amanhã.

Ela se vira, e a bem da verdade, não quero que ela se vá. Estou começando a gostar da moça falante.

— Honna, fique, quero que leia o livro. Pelo menos a história é boa?

Deus! Ela sorri e seu sorriso poderia iluminar um quarteirão inteiro.

— É ótima. — diz ela e puxa a cadeira. Vai até a mesinha de cabeceira, tira de dentro da gaveta um livro, senta-se e abre o livro. — Estamos no capítulo seis...

— Espere, Honna, acho melhor você começar do início, se não se incomodar, porque não me lembro nada desta história. Se esquece que eu estava em coma?

— O Senhor tem razão. Então começaremos do início.

Honna se ajeita na cadeira e começa a ler a bendita história, e surpreendendo a mim mesmo, a cada parágrafo fico empolgado com a leitura. Não sei se já li este livro, mas tem algumas frases que posso jurar que já conheço.

— Fim do capítulo. E aí, o que achou? Gostou?

— Gostei muito. É uma leitura interessante e diferente. Confesso que não sou fã de livros, a não ser os técnicos, mas se quiser podemos continuar a leitura amanhã, pode ser?

— Claro! Vou adorar ler para alguém que possa trocar ideias sobre a trama. Confesso também que não era muito bom ler para uma pessoa que só fazia escutar.

Quero rir, mas não consigo, pois dói meu rosto. Ela percebe.

— Oh, meu Deus! Perdão, senhor Lucca, eu e minha mania de falar mais que a boca.

— Está tudo bem, Honna, gosto do seu jeito feliz de ser.

Ela toca em minha mão e sinto um calor gostoso, uma vontade de abraçá-la... Não me lembro de sentir isso com outra mulher, é um calor diferente, uma vontade diferente, não sei explicar.

— Honna, você pode dormir aqui?

— Posso. Na verdade, fui contratada para cuidar exclusivamente do senhor aqui no hospital, mas o senhor estava em coma, então preenchia minhas horas cuidando de outros pacientes. Posso dormir sim, ali tem uma cama para o acompanhante.

— Tem certeza?

— Quer ver meu contrato?

— Não, não precisa. Obrigado, me sentirei melhor sabendo que há alguém ao meu lado.

— Senhor Lucca, logo, logo o senhor irá andar e falar normalmente, retornando com todas as

suas atividades, não se preocupe.

— Quero muito sair desta cama, muito.

— É só ter paciência. — Ela se afasta e eu sinto falta da sua mão sobre a minha. — Tenho que ir até a sala de descanso pegar minha bolsa, volto logo.

Honna sai, mas deixa o rastro de seu cheiro adocicado. Inspiro e é muito bom o cheiro. Penso na Suzanne, no que ela estará fazendo a esta hora. Será que esse tempo que passou sozinha, pensou que eu não acordaria? Será que ela...

Não, Lucca, a Suzanne o ama, ela é louca por você, não faria isso.

Sim, acho que não. No entanto, a Suzanne era louca por sexo, lembro-me que fazíamos sexo todos os dias, três ou quatro vezes ao dia, ela era insaciável, tinha vezes que era acordado durante a madrugada com ela por cima de mim, me fodendo. Cheguei a pensar que ela tinha problemas, mas com o tempo tirei isso da cabeça. Ela me desejava e isso era bom e normal na vida de um casal.

— Pronto, voltei, vou escovar os dentes e me deitar. Quer alguma coisa?

— Estou com sede — digo, ela vai até a mesinha e molha um algodão no copo d’água. — É

sério isso? — Olho para ela e para o algodão. Ela só sorri e mostra o algodão. — Ok, traz essa merda até aqui.

— Olha a malcriação! Só o seu médico pode liberá-lo para comer e beber, mas prometo que serei gentil.

Sua mão se espalma em meu queixo, seus olhos fixam-se em meus lábios e a magia acontece.

Enquanto o algodão molhado desliza entre meus lábios, meus olhos admiram a beleza feminina e angelical de minha enfermeira gentil. Ela é linda de se ver, perfeita em todos os detalhes.

Enquanto seus dedos gentis saciam minha sede, sua outra mão acaricia levemente meu maxilar.

Posso me acostumar com isso... para todo sempre.

Começo a gostar de gostar do seu toque...

— Pronto. Agora durma que farei o mesmo. Não se preocupe, meu relógio vai despertar nas horas indicadas das suas medicações. Boa noite.

Ela me deixa confuso. Não entendo essa sensação que tenho quando ela está perto de mim.

— Boa noite, Honna.

Fecho os olhos e tento não pensar em nada. Honna é uma estranha e minha enfermeira. E eu preciso ficar atento e, lembrar sempre, que sou comprometido e amo minha noiva.



Lucca

Capítulo 12

Acordo sentindo um arrepio em todo o corpo, sei que há alguém perto de mim, e sem coragem de abrir os olhos, espero, então eu a sinto. Não sei em que momento ela chegou tão perto. E mesmo que queira encontrar uma explicação plausível para entender toda aquela energia que me envolve, pois é confuso, muito confuso, quero encontrar palavras, pontos de reticências, ou qualquer coisa que faça-me entender este sentimento tão contraditório que está em meu coração e em minha cabeça.

Como posso me sentir assim em relação a uma pessoa, é caso para estudo. Há poucas horas acordei e já sinto como se conhecesse Honna há bastante tempo.

É como se ela já fizesse parte de mim. Sinto-a em uma amplitude elevada e inimaginável.

Enquanto dormia senti algo se movendo em torno de mim, até pensei que estava flutuando sobre meu corpo, no entanto, quando inalei aquele cheiro tão inconfundível, o cheiro de minha enfermeira falante, tive a certeza de que era a Honna. Ela estava por perto.

Crio coragem e abro um pouco meus olhos, então a vejo. De alguma forma não quero quebrar a magia do momento. Honna está com as mãos abertas por cima do meu corpo, elas não me tocam, mas consigo sentir o calor que vem através delas, seus olhos estão fechados e apenas move os lábios.

Não sei o que diz, não dá para escutá-la.

O que é tudo isso? O que ela está fazendo?

Minutos depois suas mãos relaxam e uma delas toca minha testa.

— Espero que agora o senhor fique tranquilo. — Ela acaricia minha testa, logo depois seus dedos escorregam para as maçãs do meu rosto.

É um carinho tão reconfortante, tão gostoso, que tenho vontade de pedir que ela não pare.

Contudo, ela para, afastando-se. Por alguns minutos permaneço quieto, até que ela sai do banheiro, completamente vestida em seu jaleco branco. E ao me ver acordado abre um vasto sorriso.

— Bom dia, senhor Lucca!

— Bom dia, Honna. — A observo. Ela prende os cabelos no alto da cabeça com um elástico, parece um gesto tão simples, mas vendo-a fazer isso, aos meus olhos é metodicamente perfeito.

— Vamos começar nosso dia? Preparado? — Não sei como era meu dia antes de acordar do coma, confesso que a curiosidade fervilha em cada célula do meu corpo. — Não se preocupe e nem se assuste, tudo que farei hoje já fazia alguns dias atrás, então, nada de ficar envergonhado.

Ah, caralho! O que ela quer dizer com isso?

Ajeita o jaleco com as mãos e vai até o banheiro. Eu fico quieto, e mesmo que quisesse me mover, não teria como, estou em posição de um inválido.

Nas mãos ela traz uma bacia de inox, a coloca sobre um carrinho. Depois traz uma jarra, também de inox, toalhas, um pacote de alguma coisa.

Espere um momento. Ela... não, ela não pretende me dar banho.

Claro que não, Lucca. Olha o seu tamanho, olha o tamanho dela, e no mais, ela é mulher, acho que o hospital não permitiria isso. Mas, pensando bem, não sei se gostaria que um marmanjo me desse banho. Não, com toda certeza prefiro uma mulher dando-me banho.

— Qual dos dois prefere usar hoje? Nas outras vezes, era eu quem escolhia, agora o senhor tem todo direito de escolher o que vestir.

Ela me mostrava dois pijamas, um marrom e outo cinza.

— Azul. — Seus olhos me encaram apertados, como se quisesse chamar minha atenção.

— Sua parcela de azuis acabou. Seu pai já os levou para serem lavados, sobraram esses, e um verde e outro preto.

— Preto. — Ela olha, decepcionada, para os dois pijamas sobre as palmas de suas mãos.

— Qual o problema com essas duas cores? Gosto deles.

— Mas quem vai vestir sou eu, portanto, quero o preto, já que tenho opção.

— O senhor tem toda razão. Então vamos começar.

Começar o quê?

Começo a ficar aflito.

Com explícita seriedade no rosto, ela empurra o carrinho até próximo à cama. Veste as luvas de látex e amarra a máscara no rosto. Ela sequer olha para meu rosto, se mantém concentrada no que está fazendo. E quando joga alguns pedaços de panos brancos dentro da bacia e toca a água com o cotovelo, começo a ficar nervoso.

Sinto suas mãos tocarem meus pés, despe minhas meias, aproxima-se um pouco mais e leva a colcha que me cobre até um pouco acima de minhas coxas, puxando a calça do meu pijama.

Engulo e aperto meus olhos.

Quero impedi-la. Então, sinto a suavidade do pano molhado em minha pele. Meu Deus! Espero que esse banho de gato só vá até as minhas coxas. Peço em pensamento um trilhão de vezes, enquanto sinto a carícia perturbadora em meus pés, pernas e coxas.

E sem esperar, ela retira completamente a colcha e quase grito.

— Que porra você pensa que vai fazer? — rispidamente, digo-lhe. Na verdade, queria puxar o lençol de volta, mas para a felicidade dela, não consigo mexer nada em meu corpo do pescoço para baixo. — Cubra-me, agora! Agora, entendeu?! — Assustada com o tom cru de minha voz, ela se afasta. — Honna, que porra é essa? Vai me dar banho, é isso mesmo?

Seu rosto assustado se desfaz, e no lugar dele forma-se um sorriso tímido.

— Senhor Lucca, não tem nada em seu corpo que já não tenha visto. Era eu quem lhe dava banho todos esses dias, portanto, não precisa ficar constrangido, sou uma profissional treinada. Mas se o senhor não se sentir à vontade, posso chamar um enfermeiro para fazer isso.

Ela me cobre e se afasta, aguardando minha resposta.

— Como isso vai funcionar? Você vai me limpar completamente, até as minhas partes íntimas?

— Não sei se gosto dessa ideia.

— Sim, farei sua higiene completa, inclusive trocar sua fralda...

— Fralda? Que porra está acontecendo comigo? Estou usando fralda? Merda! Merda! Mas nem fodendo você vai limpar minha bunda. Aliás, ninguém vai limpar minha bunda! Tem que ter outro jeito.

Honna franze a testa, olhando-me com um olhar de brava. Jamais, em todos esses anos, imaginei que teria que passar por isso. Quando mamãe voltou do hospital, papai não permitia que ninguém banhasse e fizesse sua higiene. Mesmo com uma enfermeira vinte e quatro horas em casa, ele fazia tudo. Não passou pela minha cabeça que alguns anos depois de sua morte, seria eu a passar por esse tipo de constrangimento.

— Senhor Lucca, eu sei que é difícil a situação pela qual está passando, não é nada fácil depender de alguém para tudo, principalmente para um homem, mas vou confessar uma coisa. Há alguns hospitais que não permitem que enfermeiros cuidem de mulheres e enfermeiras cuidem dos pacientes masculinos, contudo, a grande maioria dos pacientes homens não querem enfermeiros cuidando deles,

diferente das pacientes femininas, que não aceitam serem cuidadas por enfermeiros.

Se este for o seu caso, se realmente prefere uma pessoa do sexo masculino, eu mesma pedirei para ser substituída.

— Nem fodendo! Não quero um homem limpando minha bunda. Vai... vai... vai, faz logo essa merda! Se é para morrer de vergonha, que seja com você.

— Não seja dramático, senhor Lucca. Estou de luvas, de máscara, e acima de tudo sou uma profissional, então se acalme, serei gentil e o senhor nem vai perceber que estou lhe banhando.

Bem, a parte de não sentir as suas mãos em minha pele não dá para afirmar. Não sei como meu corpo irá reagir quando ela me tocar.

Deus, me ajude!

São os momentos mais atordoantes de toda minha vida. Ela respeita minha vergonha, fica o tempo inteiro com os olhos longe do meu rosto, mas cada movimento da pequena toalha umedecida escorregando por minhas pernas e coxas é como se ela estivesse roubando meu fôlego, e quando escuto o barulho da fralda se abrindo, juro que desejo estar em coma.

Por Deus! Ela está neste exato momento olhando para meu pênis, e o pior, nem sei como as coisas lá embaixo estão. Pela quantidade de meses, devem estar bem peludas... uma grande mata.

Se eu pudesse não sentir seu toque, seria mais fácil. Mas posso sentir tudo, é como se estivesse vendo tudo.

Meu corpo é virado de lado com cuidado, segundos depois sinto algo úmido deslizando entre as bandas da minha bunda.

Caralho! Caralho! Que vergonha do cacete. E se estivesse todo cagado?

— Chega! Chega, Honna, acho que já estou limpo o suficiente. — A filha da mãe finge não me escutar, continuando com a toalhinha em minha bunda. Para a sua sorte não posso me mexer, ou a

teria empurrado. — Honna, pare, pare, por favor, isso é muito constrangedor.

— Eu sei que é, senhor Lucca, mas se acalme que já estou terminando. — Fica quieta, só movendo a porra da toalha em meu rego.

Não desejo isso para meu pior inimigo.

— Honna!

— Shh... Se continuar reclamando, chamo um enfermeiro e ele é quem vai terminar seu banho.

— Não!

Fico quieto e aceito meu destino. Fecho os olhos e só sinto os movimentos de suas mãos. Acho que trocou de toalha, pois escuto o barulho do movimento da água, depois minhas costas são limpas.

Nas costas gosto do frescor, é um prazer de alívio, alívio por saber que a parte de baixo de minhas costas foi esquecida, e por sentir o alívio que a umidade da toalha traz ao escorregar por minha pele quente.

— Fique quieto, vou mudar os lençóis.

Como se tivesse outra opção. O pior é que estou com a bunda à mostra, e se alguém entrar, verá o espetáculo esquelético.

Não sei como ela consegue, mas os lençóis são trocados, com isso fico de costas para o colchão, então fecho os olhos. Não quero ver seus olhos olhando para meu pau murcho e peludo, deve ser uma visão dos infernos.

Eu sei perfeitamente o que acontece com todo esse movimento tímido. Sim, tímido. Acho que ela está vendo a careta que faço toda vez que a toalha desliza em minha virilha. Para minha felicidade, meu abdômen é limpo e depois meu peito, axilas, braços, e por último minhas mãos e dedos.

Mais uma vez fico constrangido quando sinto a fralda sendo colocada, o alívio vem quando ela veste a calça do meu pijama. Vira-me de lado e veste um lado da minha camisa, depois vira-me para o outro lado, em seguida abotoa os botões e me cobre. Junta todos os lençóis, separa o pijama usado e o coloca em um saco,

então o leva para o armário, pega o restante e joga dentro de um cesto.

Momentos depois, ela sai com o carrinho e o cesto de roupas sujas. Ao voltar, pega uma caixa e se aproxima da cama. Só observo, não sei o que irá fazer, acho que os momentos de horror já passaram, agora o que vier é lucro.

Abre a nécessaire e de dentro tira um pente e uma caixa com lenços umedecidos, em seguida ela pega uma escova de dentes e creme dental.

— O que vai fazer com isso? — Olho para ela com curiosidade.

— Limpar sua barba, escovar seus dentes e pentear seus cabelos.

— Você precisa mesmo fazer isso?

— Não, mas quero fazer. Sempre fiz isso, fui eu quem aparou sua barba, pois tinha muito pelo cobrindo seu rosto e os seus cabelos pareciam uma juba de leão. Acho que todo mundo merece um pouco de cuidado e carinho, mas se o senhor não quiser, não farei.

Começo a gostar também de gostar da atenção que ela tem por mim.

— Depois que você fizer tudo isso, quero um espelho. Preciso saber o quão horrível estou. —

Ela sorri e é um riso daqueles que você sente uma vontade danada de pedir um abraço.

Esta moça realmente mexe com meus pensamentos.

— Vá por mim, senhor Lucca, mesmo se fosse careca e banguelo, o senhor seria um homem bonito.

Ela me acha bonito, gostei de saber disso.

Acho que ela não percebeu que acabara de me elogiar, pois pega a escova de dentes e faz um gesto com a própria boca, mostrando a carreirinha de dentes alvos, faço o mesmo e meus dentes são escovados com cuidado. Depois dessa gentileza ela limpa meu rosto com o lenço perfumado e começa a pentear meus cabelos.

— Não sei como o senhor gosta de pentear os cabelos, eu só os jogo para trás.

Seu rosto está tão próximo, seu cheiro marcante e intenso invadindo meu nariz. Tão lindamente perfeita. Não sei se é carência, talvez seja, mas ficar perto dela está despertando alguns sentidos em meu corpo. É melhor continuar me fingindo de morto.

— Senhor Lucca!

— Sim?

— Deixo seus cabelos para trás ou os reparto?

— Para trás. Depois só bagunça um pouquinho com os dedos.

Ela o faz, e quando termina olha para meu rosto, neste momento suas duas bolinhas claras encaram meus olhos, quase perco o ar.

Ela sorri e, ainda me olhando, começa a passar o pente nos pelos de minha barba. Como queria que o tempo parasse, como queria ser outra pessoa...

Mas, que inferno está acontecendo? O que se passa em minha cabeça? Esta moça é minha enfermeira. Minha enfermeira! Preciso entender isso.

— O que está acontecendo aqui? O que é isso? Tire as mãos do meu noivo, sua atrevida!

Começo a perceber que as coisas neste hospital começam muito rápido. Mal tive tempo de agradecer o carinho que a Honna fez por mim, quando Suzanne entra no quarto tempestivamente.

Em um acesso de raiva, ela vem em direção a Honna e rapidamente a afasta de mim, puxando-a com força.

— O que pensa que está fazendo, sua oferecida? Acaso está fingindo que não sabe que ele é comprometido? O que quer? O dinheiro dele? É isso, sua putinha?

— Suzanne, pare! Cale-se!

— Não defenda esta oferecida. Eu vi, eu a vi dando em cima de você! A

intimidade dos carinhos. Não a defenda, Lucca. Esta vagabunda vai se ver comigo e será agora...

— Basta! Afaste-se dela, Suzanne. Agora — esbravejo, mesmo sentindo uma dor dos infernos na garganta. Suzanne já está com a mão aberta para esbofetear Honna, mas não posso permitir tal

desatino.

— Solte-me, senhorita Suzanne. Não estava dando em cima do senhor Lucca, estava cuidando dele, sou paga para isso. Meu Deus! Que absurdo pensar isso.

— Fingida de merda. Já havia notado seu interesse no Lucca, sua dedicação além do normal.

Claro, qual mulher não ia querer conquistá-lo? Só que ele é meu, sua vaca!

— Chega, Suzanne! Saia daqui, vá se acalmar. Se você abrir a boca para ofender a Honna novamente, não responderei por mim.

Não estou reconhecendo a Suzanne.

Ela não era assim tão agressiva, ao contrário, era uma mulher calma, gentil, educada, foram essas qualidades que me chamaram atenção. Me apaixonei por uma mulher doce e delicada, e não por uma mulher desbocada, ciumenta e barraqueira.

— Meu Deus, o que está acontecendo aqui? Lá do corredor estou escutando a voz da Suzanne.

— Papai entra no quarto exasperado, olhando-nos, buscando os motivos para toda aquela gritaria.

— Desculpe-me, senhor Felipo, a culpa foi minha. Estava penteando a barba do senhor Lucca e a...

— Fingida! Você estava quase beijando o Lucca, eu vi. Quero essa vagabunda fora daqui e longe do Lucca, e vai ser agora. — Suzanne segura Honna pelo braço e a puxa.

Como queria estar andando, pois colocaria a Suzanne no lugar dela.

Honna tenta afastá-la, e ela até que poderia empurrar Suzanne, mas eu acho que ela não quer piorar as coisas para o seu lado. Na certa está com medo de perder o emprego. Papai também tenta acalmar a situação, mas Suzanne perdeu completamente a compostura, então preciso agir o mais rápido possível.

— Suzanne, pare, largue a Honna. Ela é minha enfermeira, você querendo ou não.

As vozes se calam. Papai me olha, sério, Honna consegue se livrar das mãos de Suzanne.

Com os olhos marejados, a enfermeira me encara.

— Eu sinto muito, senhor Lucca. Não quero ser causadora de discórdia, acho melhor ir embora.

— Você fica! — digo rapidamente, antes que ela se vire em direção à porta. — Quem sairá é a Suzanne, e só voltará aqui quando lhe pedir desculpas.

Estou olhando seriamente para Suzanne e ela me encara boquiaberta, papai também.

— Como é? Você vai defender esta ordinária? Vai ficar do lado dela?

— Aqui não tem lado, Suzanne. A Honna estava fazendo seu trabalho, você que tirou conclusões apressadas. Então a errada é você! Agora saia e vá esfriar a cabeça, quando voltar irá pedir desculpas a Honna.

— Mas não vou mesmo. E quer saber? Se você vai defendê-la, então acabou, acabou tudo entre nós. Tome sua merda de anel, dê para ela.

Suzanne retira o anel do dedo e joga em Honna, se vira e sai às pressas do quarto, deixando a



todos atônitos.

— Suzanne! Suzanne, volte aqui. — chamo, mas ela sequer olha para trás.

— Vou atrás dela, filho. Ela vai esfriar a cabeça. Suzanne está com os nervos à flor da pele, ela passou por muitas coisas nesses últimos meses, é normal se sentir insegura. — Ele se direciona a Honna. — Desculpe-a, minha filha, foi ciúme, só isso. Vou colocar juízo na cabeça dela.

— Pai, não retiro uma vírgula do que disse. A Suzanne vai ter que se desculpar, se quiser voltar a me ver.

— Eu sei, vou conversar com ela. — ele diz, vai até Honna e segura uma das mãos dela. — Não se preocupe, vou conversar também com a chefe das enfermeiras, explicar o que aconteceu. Fique tranquila.

— Tudo bem, mas eu acho melhor contratar outra pessoa para ficar no meu lugar.

— Não, isso quem decide sou eu. Você fica, está decidido. — Afirmo e mais uma vez vem aquele medo de ficar sem a sua presença.

— Filho, depois conversamos sobre isso.

Papai vai atrás de Suzanne. No entanto, eu falei sério, a Honna continuará sendo minha enfermeira. Minha noiva, ou ex, está errada. Não é certo sacrificar a Honna por um erro de outra pessoa.

Honna agacha-se e pega o anel que a Suzanne jogou nela.

— Aqui o anel de sua noiva. — Ela o guarda dentro da gaveta da mesa de cabeceira, depois volta-se para mim. — Sinto muito, não foi minha intenção causar uma briga entre o senhor e sua noiva.

— Está tudo bem, Honna. Não conheço aquela mulher que entrou neste quarto, ela não é a mulher por quem me apaixonei. Acho que foi bom conhecer o outro lado dela, e sou eu que peço desculpas. Agora vamos esquecer tudo isso, tudo bem?!

— Eu não sei, talvez eu tenha razão, é melhor outra pessoa cuidar do senhor.

— Não, eu quero você cuidando de mim e não se fala mais nisso.

— Senhor Lucca...

— Bom dia!

Neste momento o médico entra no quarto. Honna se cala e se afasta, deixando-me sob os cuidados dele. Sou levado para fazer exames e Honna não me acompanha, só vejo seu rosto lindo desaparecer à medida que a maca se afasta.

Por que ele me tratou daquele jeito? Por que não me defendeu? Que inferno! Lucca sempre fez todas as minhas vontades, bastava fazer um biquinho ou choramingar que ele praticamente caía aos meus pés. Nunca me negou nada, às vezes eu achava que era só bastar pensar em algo que logo o Lucca realizaria meu desejo. E o que mudou agora?

Será que foi a chegada daquelazinha?

Ela é bonita, não nego, mas sou mais.

O que ele viu nela? Parece tão sem graça, inexperiente...

Não! Não, isso não ficará assim! Eu tenho meus truques, o Lucca voltará atrás e aquela enfermeirazinha sem graça irá lamber o chão.

Sei como fazer o Lucca esquecê-la.

Basta um pouquinho de safadeza, basta uns carinhos nos lugares certos, e ele logo voltará a fazer o que quero. Um boquete bem dado no pau morto do meu noivo e ele logo nem lembrará mais daquela piriguete intrometida.

Lucca nunca encontrará uma mulher que goste de sexo mais do que eu, e por gostar tanto de foder que ele virou meu tapete, por ser viciado em minha boceta. Apesar de ele não ser tão bom na cama como gostaria que fosse. Ele é meio morno, meio clichê...

Gosto de sentir dor, de ser humilhada. Fico muito mais depravada quando sou subjugada, por isso me envolvi com o Othon. Ele é o tipo de amante que eu preciso, sabe me dominar, dar ao meu corpo o que preciso. E quando o Lucca não sacia minhas vontades, corro para o Othon, e assim fico revezando. Tenho dois homens lindos e gostosos para o meu prazer.

Mas, posso viver sem o Othon, ele pode ser substituído, só não posso ficar sem a conta bancária do Lucca. Confesso que Othon me satisfaz mais, às vezes acho até que gosto mais dele do que do Lucca, no entanto, o primo do meu noivo é um pobre coitado, dependente da caridade do tio.

Portanto, filho da put... nenhuma vai tirar meu homem.

O Lucca é meu, meu brinquedinho milionário.

— Hei, onde vai com tanta pressa?

— Foda-me, Othon! Quero seu pau dentro de mim agora, preciso ser fodida ou irei enlouquecer.

Esbarro em Othon assim que saio do elevador. Estou puta da vida, e a única maneira de me acalmar é fodendo.

— Eita! O que aconteceu, cadelinha?

Lá vem ele com deboche. Gosto de ser chamada de cadela, mas só quando ele está enfiando aquela tora dura e grossa dentro de minha boceta.

— Foda-me, porra! — encosto minha boca em sua orelha e sussurro.

— Vadia... é *pra* já. — Ele segura meu cotovelo e saímos procurando uma sala, ou qualquer buraco que ele possa saciar minha vontade.

Entramos na sala de espera da UTI, lá sempre está vazio. Procuramos o banheiro, entramos e o Othon tranca a porta.

— Put... dos infernos, se ajoelhe e engula meu pau. — ordena com aquela cara de demônio que eu tanto amo. Ele fica sexy quando transa comigo.

Ajoelho-me, abro o zíper e puxo seu pau duro para fora. Engulo sua ereção e começo a chupar.

Othon segura meu rosto e começa a bater nele.

— Chupa direito, vagabunda.

Recebo vários tapas, quase gozo. Abro minhas pernas e começo a foder minha

boceta com meus dedos.

Othon puxa seu lindo pau da minha boca, e antes que possa reclamar, suas mãos me ajudam a levantar. Empurra-me sobre a bancada, de costas para ele, levanta minha saia e puxa minha calcinha para o lado. Recebo uma palmada dura na bunda.

— Primeiro foderei sua boceta, depois vou gozar no seu rabo grande, vadia. Porque vadias iguais a você têm que levar vara em todos os buracos e com muita força.

— Então coma mais e fale menos.

E ele come. O sexo violento me deixa inebriada, é como heroína agindo em meu cérebro.

Quando ele termina, fico vazia. Com raiva de mim, com raiva do Lucca, com raiva do Othon, com raiva do mundo.

Começo a chorar.

— Suzanne, o que foi? Não foi bom? Não gostou, quer mais?

— Não é isso, foi bom, mas estou me sentindo um lixo. O Lucca... o Lucca...

— Ah, não! Não vai chorar por causa daquele escroto. Acabei de satisfazer seus desejos e você vai chorar por causa de outro homem? Vá à merda, Suzan...

— Grosso! Não é nada disso. Ele... ele brigou comigo por causa da enfermeira. Fiquei tão put...

que terminei com ele e joguei o anel de noivado na idiota. Você acredita que...

— Você fez o quê? — Othon me interrompe abruptamente, sacudindo meu corpo com as mãos.

— Ficou maluca, foi? Oh, imbecil, se você terminar com ele acabou a mamata, pode dizer adeus ao luxo, porque eu tô fora. Se acha que vou bancar você, engana-se.

— E você queria que eu fizesse o quê? Ele defendeu aquelazinha. Ela estava dando em cima dele na cara dura. E se ele quiser me trocar por ela?

— Mas você é uma imbecil, mesmo! O Lucca nunca vai deixá-la. Nunca! Ele é louco por você, entenda isso.

— Eu vi os olhares que ele dava para ela. Ele está, sim, interessado na enfermeirazinha. Você acredita que ele disse que eu tenho que pedir desculpas para ela? Mas nem a pau farei isso.

— Ah, mas você vai fazer isso sim. Trate de pedir desculpas se quiser o Lucca de volta, ou quem vai morar no seu apartamento e guiar seu carro será a enfermeirazinha, sua anta.

— Será?

— Tenho certeza.

Não, o Lucca não faria isso. Ele me ama, é louco por mim. Darei um jeito disso, terei meu noivo de volta e na palma da minha mão, e sem precisar pedir desculpas àquela idiota.

— Darei um jeito, não se preocupe. — afirmo, manhosa, agarrando o Othon pela gola da camisa e o puxando para meu corpo.

— Acho bom mesmo.

— Quero mais. Quero ser chupada por sua boca cretina, e depois quero montar no seu pau. —

digo com um riso libertino, já roçando meu corpo no dele.

— Você é insaciável, mas gosto disso.

— Pare de falar e me foda, idiota. — Bato no rosto dele, que devolve o tapa.

Othon me pega no colo e senta-me na bancada. Abro as pernas e coloco uma perna de cada lado dos seus ombros, ele afasta minha calcinha para o lado e cai de boca em minhas dobras.



Capítulo 13

De todo esse tempo de experiência pós-morte que tenho tido com os meus amigos espirituais, hoje, depois do momento catastrófico que vivi, chego à conclusão de que os mortos são muito melhores que os vivos. Eles são menos complicados, buscam somente duas coisas: seguir o além-túmulo ou ficar vagando por um mundo que não lhes pertence mais. Os seres vivos são egoístas demais, pretenciosos demais, insensíveis demais. E eu, estou confusa demais. É engraçado como tudo a nossa volta pode mudar tão drasticamente dentro de um curto espaço de tempo. Minha vida estava metodicamente caminhando nos trilhos, eu tinha certeza disso. Mas, em seguida, eis que surge um homem que há pouco tempo pensei que tivesse feito a passagem do além-morte. Foram apenas alguns minutos o escutando, foram fracionados segundos vendo sua imagem, mas foi o suficiente para prendê-lo em minha mente. Como se não fosse o bastante, já que existem espíritos ao meu redor o tempo todo, Lucca Stein tinha que ser o “semimorto” para bagunçar minha vida nada organizada.

As engrenagens de minha vida nada tranquila já estavam quase calibradas, mas tinha que vir um homem lindo, sensível, carente, e completamente perdido, para me jogar no chão.

Ele estava tão perdido naquele dia em que pediu socorro. E eu... eu queria muito ajudá-lo, era como se minha vida dependesse disso. Salvá-lo seria algo necessário para minha própria sobrevivência. Nossas poucas palavras, sua pouca presença, não conseguiram desviar minha atenção para aquele homem que sequer sabia quem era, sequer sabia seu nome, sequer sabia se sobreviveria.

Louco! Tudo isso é muito louco!

Meu Deus! Como posso me sentir tão sensível em relação a um homem que surgiu em minha vida magicamente?

Quando descobri que Lucca Stein era o rapaz que entrou em comunicação em uma reunião mediúnica, não consegui conter minha emoção, e lá estava ele bem diante dos meus olhos, deitado em um leito de hospital, em coma, incomunicável... Pelo menos ele não conseguia se comunicar com os vivos.

Fiquei entre o terror e a emoção. Terror por ele, pois eu sabia que ele podia me ver, podia me escutar, no entanto, fiquei imaginando o trauma quando descobriu que a mulher que o ajudou a ser salvo, não conseguia escutá-lo, nem o ver.

As pessoas pensam que ser médium é poder se comunicar com um espírito a hora que bem entender, que é só apertar o botãozinho e pronto, todos os espíritos que estão próximos chegam em massa e começam a falar.

Misericórdia! Nem quero imaginar se fosse assim, acho que já estaria trancada em um manicômio.

Ele deveria estar bem assustado e confuso quando viu seu corpo deitado em uma cama, coberto de fios, com um tubo enfiado em sua boca, e o pior, ver o desespero das pessoas que o amavam, sem saber se ele ia voltar ou não. Imagino o choque quando ele percebeu que a mulher que lhe estendeu a

mão estava agora cuidando dele, no entanto, não conseguia responder às suas perguntas, que deviam ser muitas.

O que ele não sabia é que eu o sentia. De algum jeito que não sei explicar, podia senti-lo conversando comigo, rindo, ou simplesmente só me olhando com aqueles olhos lindos.

Saber quem era o homem que atormentava meus sonhos foi emocionante, e a cada dia ficar perto, tocar, cuidar, era um carinho em meu coração. Ele estava se tornando importante demais, afinal, o Lucca é só meu paciente, não posso, não devo, ter quaisquer sentimentos por ele, só empatia, apenas isso. No entanto, existe algo que não sei explicar, é como se já o conhecesse, como se fôssemos velhos amigos, como se já soubesse tudo o que se passa em seu coração. Sei que preciso me afastar, sei que é necessário ficar longe, antes que meu coração

carente comece a imaginar coisas em relação a nós dois.

E o fato de ele me defender, escolher o meu lado e não o da noiva, já estava iludindo minha cabecinha sonhadora. Aquele homem lindo, com um sorriso amoroso, é comprometido, pertence a um mundo completamente diferente do meu, ele é milionário, está acostumado com mulheres impressionantes e ricas, tipo a noiva insuportável dele, e ainda tenho suspeitas que ela o traí com o primo dele.

É, Honna, o mundo do seu paciente é bem diferente do seu, e você jamais pertenceria a um mundo de traições e mediocridades. Não que o Lucca seja medíocre, ou traidor, ele só está acostumado com esse tipo de vida e talvez até saiba do relacionamento da noiva com o primo e não se importe, afinal, quem é o dono do dinheiro, quem se casará com ela? Ele, e não o primo. Não é assim que os ricos pensam?

Deixo meus pensamentos irem embora quando vejo a maca com o senhor Lucca entrando no quarto.

— Humm... que bom que você me esperou. Pensei que quando voltasse dos exames precisaria mandar um batalhão ir atrás de você. — Ele me dá um sorriso torto; percebi que ele sempre sorri assim para mim. E este seu jeito de sorrir é sua melhor característica.

Puxo ar para meus pulmões, reviro os olhos e tento disfarçar exatamente o que aquele sorriso faz comigo. Ele me deixa completamente encantada.

— Garanto que não seria necessário fazer isso, é só perguntar no balcão da enfermaria onde estou, que elas certamente me encontrarão, — digo, enquanto ajudo os enfermeiros a colocarem a cama no lugar. Ajeito os lençóis sem encarar o rosto sério do Lucca.

— Olhe para mim. — Sua voz leve e melosa atinge meu coração como uma flecha pontiaguda.

Meus cílios se levantam lentamente até encontrar um par de olhos cinza esverdeados, ele ri e seu sorriso brilhante mais uma vez me traí. Não posso, não quero, e não posso desejar estes olhos me encarando assim.

— Honna, sinto muito pela cena de hoje. Se pudesse voltar o tempo, deletaria

esses minutos de sua vida. A Suzanne não tinha o direito de tratá-la daquele jeito.

— Ela tinha as suas razões para fazer o que fez. Talvez, se estivesse no seu lugar fizesse o mesmo — argumento, um pouco sem jeito com a situação.

Lucca está querendo ser gentil, afinal, é a noiva dele, e eu sou só a enfermeira, e querendo ou não, ele ainda depende dos meus serviços.

— Honna, não a conheço bem, mas posso jurar que se fosse você no lugar de minha noiva, não teria o mesmo comportamento. A Suzanne foi uma... imbecil. Digo isso para não articular uma palavra pior. Esse tipo de atitude é de uma pessoa completamente desequilibrada, e para ser muito franco, não reconheci aquela mulher. Aquela não era a Suzanne por quem me apaixonei, e se a tivesse conhecido hoje, nem minha amizade ela teria. Não compactuo com pessoas que humilham outras.

Ele está sendo sincero, vejo quando seu maxilar se contrai.

— As mulheres têm comportamentos diferentes quando se trata de defender seu território. Ela se sentiu ameaçada, se defendeu como pôde. — Ele balança a cabeça e mais uma vez sorri torto, como se dissesse, “bobagem”. — É sério, senhor Lucca, o senhor não reconheceu sua noiva porque ela nunca precisou defender seu homem com unhas e dentes, ou seja, nunca foi ameaçada. O

relacionamento de vocês era seguro, o senhor sempre esteve presente, mas a situação agora é diferente, o senhor está dependendo de outra mulher, e isso, com toda certeza, está fritando a cabeça dela.

— É tão gentil da sua parte defendê-la, mas continuo achando que foi completamente desnecessário toda aquela cena. Para mim foi vergonhoso e humilhante, e ela terá que lhe pedir desculpas.

— Não há necessidade disso, — murmuro através do choque de escutá-lo.

Não consigo ver a Suzanne me pedindo desculpas, ela jamais faria isso, mesmo que o Lucca a obrigasse.

— Escute, irei repetir mais uma vez, se a Suzanne quiser continuar com o nosso namoro, ela terá que baixar a crista.

Namoro? Não é noivado? Será que ele está pensando em não reatar o noivado?

— Não seja tão exigente. Vocês se amam e logo sairei da vida de vocês, então não vejo motivos para tanto. Esqueça isso, já esqueci, — respondo. — Agora preciso voltar ao trabalho, o médico já liberou sua dieta. Vou pegar seu almoço.

Viro-me, não quero continuar com o assunto “Suzanne”.

— Honna, sei que ficou triste, sei que ficou magoada, você foi acusada injustamente, então não deixarei *pra* lá. Comprei sua briga, e quando entro em uma, só entro para ganhar. Isso não ficará assim, não ficará mesmo. Agora pode ir, estou morrendo de fome.

É melhor concordar e encerrar o assunto.

— Sim, eu vou. — concordo.

Deixo a bandeja sobre a mesa redonda que faz parte dos móveis do quarto.

— Senhor Lucca, preciso levantar um pouco a cabeceira da cama. O senhor se sentirá um pouco tonto, é completamente normal esta sensação, já que o senhor passou muito tempo na horizontal e o seu sangue circulava lentamente, então peço que respire profundamente e solte o ar aos poucos, ok?

Se se sentir muito tonto, avise-me.

— Ficarei tonto só se for de felicidade. Não via a hora de ficar um pouco na vertical. — Ele sorri torto novamente, começo a desconfiar que sabe que quando ri assim, sinto um frio na espinha.

Quando chega a uma certa posição ele me pede para parar, pois começa a ficar enjoado.

— Respire lentamente, assim... — Passo a fazer os exercícios de respiração e ele repete. —

Melhorou?

É automático, passo a palma da mão em sua testa para em seguida escorregar os dedos em seu rosto, e esse gesto faz nossos olhares se fixarem um no outro.

— Honna, você me faz feliz, sabia?

Por que ele disse isso? Não precisava. Bastava... não dizer nada.

— Eu sei, o senhor está querendo é saber o que mandaram para o senhor comer.

Disfarço o embaraço que suas palavras causaram em todo meu corpo.

— Então! — Ele percebe, e acho que se arrependeu de ter dito toda aquela merda. Ficamos os dois, um fugindo do olhar do outro. — Essa gororoba sai ou não sai?

Olha para minhas mãos que trazem a bandeja. Coloco-a sobre o suporte da cama.

Abro a tampa da bandeja, revelando dois potes de iogurte e um copo de suco que parece de laranja, também um potinho de geleia. Ele solta uma respiração de insatisfação.

— Mas que porra é essa? Estão de brincadeira, só podem estar, ou mandaram a sobremesa antes do prato principal. — Ele me encara. — É brincadeira, não é?

— Não, não é, este é seu almoço, se chama dieta líquida, é só para o seu organismo ir se acostumando, aos poucos a dieta ficará mais sólida.

— Então, arroz com feijão só no próximo século? Acha mesmo que esta comida de bebê vai saciar minha fome?

— Eu sei que não, mas é o que o senhor tem, a não ser que queira voltar para as sondas. Quer?

— Nem fodendo! Manda essa coisa, comerei pensando que estou comendo uma feijoada com tudo que tiver de direito.

— Engraçadinho! Vamos, abra a boca.

Começo pelos iogurtes. Ele faz careta, mas come os dois potes. Aliás, come tudo.

— Espero que o lanche da tarde seja algo mais consistente e na janta me mandem um bife com batatas.

— Vá sonhando. Seu lanche é água de coco e sua janta uma canja cremosa, portanto, pare de sonhar com coisas apetitosas. Agora vamos escovar os dentes e descansar um pouco.

Ele dá de ombros e lhe dou um sorriso tímido.

— Você ficará aqui comigo?

— Não pretendo ir a lugar algum. — Lucca, tem aquele olhar intenso em seu rosto, fico sem saber o que fazer. Desde que ele acordou, tem esse dom de me deixar completamente sem reação só com um simples olhar.

E às vezes, quando encaro seu rosto, ainda tenho a impressão de que já o conheço, de que já vivemos uma vida juntos, é como se fôssemos íntimos. Não sei explicar, mas as coisas que se passam em minha cabeça não são normais. E já estou concordando com a Suzanne, eu sou sim um perigo para o relacionamento dela, pois nesse exato momento estou com uma vontade enorme de provar os seus lábios.

Honna! Ele é seu paciente, isso é antiético, você perderá o emprego e ainda será processada.

— Honna. — Ai, caramba, ele continua me encarando e a impressão que tenho é de que fará uma pergunta muito perturbadora. — Posso fazer uma pergunta? — Eu sabia, lá vem aquelas perguntas que com certeza vou me enrolar toda para responder.

— Nós já nos conhecemos de algum lugar? Pergunto por que desde que acordei e a vi, tive a impressão de conhecê-la, e não é uma impressão à toa, é uma sensação muito forte. Às vezes acho que fomos...

— Não. senhor Lucca, não nos conhecemos. Essas impressões devem ser porque ficava conversando com o senhor quando estava em coma. De tanto escutar minha voz inconscientemente. o senhor trouxe todas as sensações quando acordou, é isso. Agora feche os olhos e procure descansar um pouco.

Eu poderia ter dito que também sinto o mesmo, mas isso só aumentaria a curiosidade dele e o interesse. Nossas sensações são as mesmas, e isso é maluco demais para ser verdade.

Lucca continua me olhando suavemente enquanto aperto o botão para a cabeceira da cama descer um pouco. Ele fecha os olhos, me sento na poltrona que fica do seu lado esquerdo, pego uma revista e começo a folheá-la.

— Honna.

— Estou aqui. — digo, desviando minha atenção das páginas que eu nem sei qual é o assunto.

Não estou prestando atenção, meus pensamentos estão no homem lindo e gentil deitado na cama.

— Você tem namorado?

Mas que inferno de pergunta é esta? O que interessa para ele, se eu tenho ou não namorado.

— Não, não tenho namorado. — Por que não disse que tenho? Deveria ter dito. Burra, sou uma burra. — Por que quer saber?

Sim, o que ele pretende fazer com essa informação?

— Você é linda demais, inteligente demais, gentil demais para estar sozinha. Afinal, onde andam os homens que ainda não a enxergaram?

Os homens, não, o homem, e ele já é comprometido.

— Deve estar escondido, fugindo de problemas.

Se ele soubesse que a lindinha aqui fala com os mortos, mudaria de opinião na hora.

— Honna, você não é problema, você é a solução...

— Você precisa de óculos e um médico para avaliar sua cabeça, acho que está com problemas lá também. Vá descansar que seu mal é sono. — resmungo, impaciente, já ficando incomodada com

essa conversa.

— Sim, mamãe.

Ele suspira alto. Fico olhando para ele por um momento, pensando, e se ele pudesse se mexer?

Será que desceria da cama e viria até mim?

Claro que não! Se ele pudesse se mexer, você nem estaria aqui, imbecil.

— É sério, Lucca, durma um pouco. Você fez muitos exames hoje, e amanhã terá que fazer mais alguns. Portanto, feche os olhos e tente não pensar em nada.

— Como se fosse fácil. Não consigo parar de pensar. Desde que abri meus olhos, não paro de pensar nos homens que quase me mataram, e na pessoa que os pagou para fazer isso... — Faz uma pausa. — O que será que fiz para essa pessoa chegar ao ponto de me querer morto? Devo ter sido um puto com ela.

Levanto-me, chego perto da cama e percebo que ele está de olhos fechado. Tenho certeza de que luta contra seus pensamentos. Tenho vontade de abraçá-lo, beijar seu rosto, quero dizer-lhe que não está sozinho.

— Provavelmente, o senhor não fez nada. Deve ser algum espírito de porco desgraçado, invejoso, que não gosta de ver a felicidade dos outros, e por se sentir um fracassado, quer acabar com a vida de quem faz com quem se sinta um merda lenhado e sem nenhuma dignidade, portanto, não perca seu tempo tentando entender um monstro desse. Ele não é digno nem de sua raiva.

— Nossa! Viu que eu tinha razão? Você é especial e eu tinha que conhecê-la no momento mais fodido de minha vida.

Oh, Deus! Ele abre os olhos, encarando os meus, irradia um sorriso perfeito que faz minha barriga vibrar.

— Não seja bobo, senhor Lucca. Sou sua enfermeira, sou paga para fazê-lo feliz, é só isso. Se não fosse eu, seria outra pessoa. Agora durma.

— Você é um anjo enviado para ajudar um pobre mortal. Estou feliz por ser você. Obrigado, Honna, você é a paz que no momento preciso ter.

— Durma, senhor Lucca.

Precisava acabar com aquela conversa, então sigo para o banheiro e me tranco

lá. Espero alguns minutos e quando saio ele está dormindo.

Aproveito a chegada do senhor Felipo e vou almoçar, quando retorno, o Beto está fazendo os exercícios e logo depois a nutricionista entra no quarto. Às dezoito horas eu lhe sirvo o jantar, deixo-o vendo TV e vou tomar um banho. Antes de ir embora ele me pede para ler o próximo capítulo do livro que estávamos lendo. Sento-me perto da cama, abro no capítulo que paramos e começo a ler.

A leitura acaba e o clima fica estranho. Lucca está com os olhos fixados em meu rosto, e enquanto desço a cabeceira da cama, ele continua lendo minha expressão facial intensamente. É

perturbador, mas eu também não consigo afastar meus olhos do rosto dele, é como se fôssemos um imã. Nem eu, nem ele, conseguimos afastar o olhar.

— Boa noite, Honna. Tenha cuidado. Você vai de carro para casa?

— Quem me dera! Vou de ônibus, e lotado. Às vezes fico em pé até a parada da minha casa. É

dureza, senhor Lucca, mas já estou acostumada.

— Se quiser, amanhã peço para o motorista da família levá-la para casa.

— Não precisa. Já disse, estou acostumada. Fique bem. A enfermeira de plantão virá vê-lo de dez em dez minutos, portanto, descanse.

— Honna, obrigado!

— Só fiz meu trabalho. Adeus, senhor Lucca.

— Até amanhã, Honna.

— Até...



Capítulo 14

— Então, porco, está pronto para amargar o peso do passado? É, porco filho de uma cadela. Você sentirá nas costas o peso de perdê-la outra vez... nosso mestre vai arrancá-la de você, como fez em todas as outras vezes, não adianta cercá-la de cuidados, dessa vez ela ficará à nossa mercê...

Não! Nunca!

— Sim, idiota! Acha mesmo que só porque está do outro lado, está salvo? Estar morto tem suas vantagens, e uma delas é perseguir os vivos que acham que estão acima do bem e do mal. Nós só precisamos de uma brecha para entrar em suas cabeças. Lembre-se, idiota, energia atrai energia. Entre em nossa sintonia que mostramos nosso poder...

Nunca! Deixe-nos em paz!

— Meu Deus, que sonho foi esse? — Acordo sobressaltado, suado, coração quase na boca, o pior é que não consigo lembrar do sonho, só sinto aquela sensação angustiante, um aperto no peito.

Se pudesse me levantar, sairia para uma caminhada. Sempre fazia isso quando acordava de um pesadelo. Correr ou caminhar espantava todas as sensações ruins que surgiam em minha mente.

Merda! Acho melhor me conformar com minha sorte. Não sei o que é pior. Estar morto ou ficar preso em uma cama, dependente dos outros.

— Lucca?

Levanto a cabeça um pouco e olho em direção à porta. Suzanne está parada com um olhar costumeiro de pidona.

— O que você quer, Suzanne? — pergunto, impaciente.

Sei que ainda é cedo, e pelo que conheço da Suzanne, ela só acorda cedo quando quer transar ou quando há algo muito importante para ser resolvido. Na grande maioria das vezes, o motivo é sempre a primeira opção.

Ela sorri timidamente, mas de tímida não tem nada. Acho que acordar do coma abriu meu senso de julgamento. Começo a perceber coisas na Suzanne que antes não via, uma delas é sua notória forma de sedução.

— Nossa! Não me trate assim. Sou eu, se esqueceu? Sua noiva, a mulher que você ama. Ou não ama mais?

— Não comece, não estou bem para suportar drama. O que quer? E não venha com chantagem emocional. Quem terminou nosso noivado foi você, não foi?

— Lucca, me perdoa, por favor. Me perdoa. — Ela se joga sobre a cama e me abraça, começando a chorar. — Poxa, não seja insensível. Eu passei os diabos quando você desapareceu.

Não sabíamos se tinha sido sequestrado, ou sofrido um assalto, ou um acidente, e quando

encontraram seu carro todo furado à bala e com seu sangue dentro, entrei em desespero, quase morri, Lucca, quase fiquei louca! Poxa, eu... eu...

Ela aperta os braços em torno do meu pescoço e esfrega o rosto no meu peito. É, ela tem razão, talvez esteja sendo duro demais com ela. Antes de toda essa merda acontecer, éramos cúmplices.

Que eu me lembre, ela era meu mundo, tudo circulava em torno dela, pois ela era tudo para mim.

Então, o que mudou?

Por que não me sinto mais assim?

O fato de ela ter sido grosseira com a Honna, até vulgar, não é motivo para me sentir tão distante dela. Posso sim ficar fulo, decepcionado, mas distante? Não!

O que está acontecendo comigo?

— Lucca, senti tanto a sua falta. Todos os dias ficava aqui com você, desse mesmo jeito, abraçada ao seu corpo, chorando, pedindo para que você acordasse, dizendo-lhe que o amava. Sofri tanto! E quando me disseram que você tinha acordado, imagine a minha emoção. — Ela começa a acariciar meus cabelos, mas continua chorando e com o rosto escondido em meu peito. — Quando soube que podia vê-lo, corri desesperadamente, aí quando entrei no quarto e dei de cara com uma mulher acariciando seu rosto, fiquei cega de ciúmes. Eu sei que errei, sei que extrapolei, mas fiquei insegura. Aquela mulher estava dando em cima de você na cara dura e você ainda a defendeu. Não foi certo isso, não foi...

— Suzanne, olhe para mim. — Ela me encara, fazendo um bico de dor emocional. — Você se precipitou, agiu sem pensar, acusou uma pessoa inocente, humilhou e quase bateu na Honna, e por nada...

— Por nada? Olha a merda que está falando! Eu vi, Lucca. Ela só faltou beijar você, mas e se fosse eu? Se estivesse no seu lugar e um enfermeiro estivesse passando a mão em meu rosto, o que faria?

— Pare de drama, Suzanne. Em primeiro lugar, se fosse você não seria um enfermeiro a cuidar de você, e em segundo lugar, a Honna não estava me acariciando, ela estava penteando minha barba.

Eu permiti que ela fizesse isso. — Engulo em seco, irritado. Não gosto de ficar dando muitas explicações para alguém que não tem senso de justiça, mas é preciso esclarecer as coisas. — Olhe para mim, Suzanne. Estou horrível, barbudo, cabeludo, magro. Só queria ficar um pouco melhor, por isso permiti que ela me penteasse. Será que não percebeu? Eu nem consigo limpar minha própria merda, muito menos pentear meus cabelos.

— Lucca, era só me pedir, eu cuidaria de você.

— Vai limpar minhas merdas também? Porque é ela quem faz isso, é ela quem faz minha higiene.

Ela não tem um caso comigo, ela é minha enfermeira! Minha enfermeira, entendeu?

— Mas é mulher e você é rico. Está preso em uma cama, dependente dela, é uma presa fácil...

— Cale-se, chega! Não admito que pense assim dela. — Estou começando a perder minha pouca paciência, minha vontade é mandá-la à merda. — Olhe para mim, Suzanne. Não posso nem levantar um dedo, quanto mais meu pau. Que tipo de amante eu seria? O que só usa a língua? Porque é só o que posso usar, então pare de imaginar coisas. A Honna é minha enfermeira e exijo que a respeite.

Por isso, se quiser voltar a usar o anel de noivado novamente, terá que pedir desculpas para ela e na minha frente. Assunto encerrado.

— Lucca, por favor, você está sendo muito duro comigo. Estar arrependida não basta? Eu o amo, estava sofrendo, com saudade de você. — Ela tenta beijar meus lábios, viro o rosto. — Não faz isso. Acho que sei o que você precisa...

— O que pensa que está fazendo? Ficou maluca? — esbravejo. Suzanne já está com a mão no meu pênis, pronta para puxar o lençol.

— Não se preocupe, amor, a enfermeira sabe que estou aqui. Só quero fazê-lo gozar. Lembra como você gostava de gozar na minha boca?

Se eu pudesse me mexer, a empurraria. Não quero boquete, não quero beijo, não quero carinho.

Só quero que ela se afaste.

— Solte a porra do meu pênis! Estou de fralda, porra! Com uma merda de sonda enfiada no meu pinto. Que cacete, Suzanne! Estou na merda, meu pau está morto, e você está pensando em boquete?

Saia de perto de mim. Saia!

Grito.

— Só quero agradá-lo. Eu sei que quando minha boca ou minha mão tocarem

seu pênis, ele ficará duro. Deixe-me fazer...

— Suzanne, a única coisa viva em mim que pode lhe dar prazer é a minha língua, e no momento não há condições de fazer um oral, e eu nem quero isso, só quero que me deixe em paz.

— Eu o amo, Lucca. Por que está me tratando assim? Você não me ama mais, é isso? Se esqueceu de mim? Eu juro, Lucca, se você me deixar eu me mato! Me mato, viu? Passei um horror com você longe, não suportarei perdê-lo.

Ela cobre o rosto com as mãos e começa a chorar. Respiro fundo. É, estou sendo um filho da mãe egoísta. Ela me ama e eu estou com raiva. Não sei o que sinto por ela, não sei mais se é amor.

Talvez os meus sentimentos ainda estejam adormecidos. Talvez, com o tempo, eles voltem. Talvez.

No momento eu só tenho que ser um pouco mais gentil com ela, afinal, está frágil, insegura.

— Desculpe, Suzanne, estou sendo um idiota. Vem cá. — Ela vem, seu rosto bem próximo do meu. — Estou zangado e não sei o que está acontecendo comigo — digo com sinceridade. — Mas falei sério quando disse sobre o nosso noivado. Se quiser reatar, terá que se desculpar com a Honna.

— Você realmente é um idiota, sabia? Mas, se me humilhar o faz feliz, então tudo bem. Quando a sua enfermeira chegar, pedirei desculpas, satisfeito?

— Suzanne, venha cá... — Ela sai correndo e no instante em que some, outra pessoa entra em meu quarto. É, hoje o dia promete.

— Bom dia, senhor Lucca, está tudo bem por aqui?

— Está — respondo com mau humor.

— Então vamos começar nossa rotina. Seu café da manhã já está vindo, mas antes faremos sua higiene e trocaremos os lençóis.

— Como é? Você fará isso? — Ele assente. — Quem é você e onde está a Honna?

— Sou o Paulo, seu enfermeiro, e a Honna deve estar em outro andar. É protocolo do hospital mudar de enfermeiro quando...

— Protocolo o cacete! Não pedi para trocarem de enfermeiro. Pago caro *pra* ficar aqui, então pelo menos tenho o direito de escolher quem irá limpar minha bunda. Chame a enfermeira-chefe, por favor.

— Senhor...

— Você é surdo? Chame a sua chefe agora! — exijo.

Ele nada diz, apenas se vira e sai.

Não sei o motivo pelo qual substituíram a Honna, só espero que não tenha sido pelo que aconteceu ontem. Se foi isso, cabeças irão rolar. Eu sei quanto está custando ficar internado neste hospital, como também sei que nossa indústria é a principal acionista, então a Honna não será sacrificada por um faniquito de minha noiva.

— Senhor Lucca, em que posso ajudá-lo? — Uma senhora com um sorriso simpático entra no quarto, acompanhada do enfermeiro.

— Onde está a Honna? Não lembro de ter pedido para trocar de enfermeiro. Quem fez isso?

— Fui eu.

Nesse instante papai entra no quarto e nós três olhamos para ele.

— Com que direito o senhor fez isso?

— Com direito de ser o seu pai e querer o melhor para você. — Já ia argumentar, mas ele estende a mão à frente do corpo, me pedindo um segundo. Olha para o enfermeiro e a chefe dele. —

Vocês poderiam me dar licença? Preciso conversar com meu filho, — pede e eles saem. — Fiz isso pensando no seu bem e no da Suzanne. Ela não gosta da Honna, está enciumada, então...

— O cacete, papai! — vocifero. Mas que merda! — Pensando na Suzanne? E em

mim, quem pensa? Eu quero que a Suzanne vá à merda com o ciúme dela. Estou cansado de fazer as vontades dos outros, de bancar o bonzinho. Olha onde ser bonzinho me levou. Quase morri, então não quero nem saber se a Suzanne gosta ou não da Honna. Ela vai voltar a ser minha enfermeira e encerramos o assunto aqui.

— Não é simples assim.

— Ela foi demitida? Pai, o senhor não fez isso, fez?

— Claro que não! Eu gosto daquela moça, mas entre ela e a Suzanne, eu fico com minha nora, e você deveria fazer o mesmo. A Suzanne precisa de você, está doente por causa de toda essa situação, então seja razoável, esqueça aquela moça.

— Razoável, o escambau! Não quero um homem limpando minha bunda, meu pau e minhas merdas. A Honna, além de ser minha enfermeira, é minha amiga, e não aceito outra pessoa para cuidar de mim além dela. Pode inverter o que o senhor fez.

— Lucca, ela já foi enviada para outro andar e está cuidando de outro paciente, terá que ficar

com o Paulo ou podemos substituí-lo por uma enfermeira.

— Não!

— Sinto muito, filho, mas é melhor assim. Estou cansado, preciso que minha família volte ao eixo, preciso que você e a Suzanne voltem a ser um casal unido e apaixonado.

Oh, pai, não sei se isso será possível. Nem eu sei mais o que sinto por ela. Algo mudou, meus sentimentos não são mais os mesmos e acho que nunca mais serão.

— Pai, quero ir para casa. Fale com o médico, o quarto hospitalar que o senhor montou para mamãe em casa ainda está lá, então é só adequá-lo à minha situação. Compre o que for necessário e monte uma sala de fisioterapia, pois eu sei que irei precisar, e quero que chame um arquiteto e construa no lugar da sala de TV um quarto para a pessoa que irá cuidar de mim, porque eu sei que precisarei de um enfermeiro diário e não abro mão que seja a Honna. Eu a quero,

não importa o que tenha que fazer. Não aceito outra pessoa, e enquanto as coisas não acontecerem, é o senhor quem vai me dar banho e me trocar. Se vire, não mandei o senhor mandar substituir a Honna.

— Lucca, não é assim, o pai aqui sou eu, você não pode simplesmente...

— Fazer exigências? Claro que posso. Sei que tenho alguns exames médicos para fazer. —

Encaro papai com um olhar determinado, ele sabe que falo sério. — Um mês, pai. Eu lhe dou um mês para fazer as reformas necessárias e convencer a Honna a ser minha enfermeira até que eu possa andar sozinho.

— E sua noiva, o que faço com ela? Ela está doente, filho.

— Deixe que me entendo com a Suzanne. E ela está doente do quê?

— Depressão, filho. Anda tristonha, quieta, aquela moça sorridente se escondeu em algum lugar dentro dela. Está tomando remédios controlados, o Othon e eu estamos muito preocupados com ela.

— Othon? Mas ele não a suporta! A Suzanne também não gostava dele e de repente viraram grandes amigos?

— Pois é. Basta uma catástrofe para unir as pessoas, é o caso do seu primo e de sua noiva. Seja paciente com ela, é só isso que peço.

— Não se preocupe, eu sei que ela está assim por minha causa, então não irei magoá-la. Só não sei se quero reatar nosso noivado. Acho melhor darmos um tempo até me recuperar.

— Lucca, você não pode fazer isso. Pelo menos agora. Ela... — Lá vem bomba. Papai não é de fazer suspense. — A Suzanne sofreu um aborto. Ela não quer que conte para você, acha que irá culpá-

la por não ter se cuidado. — Uma tempestade de meteoro cai sobre minha cabeça. Aborto? Fico mudo, papai percebe. — Filho, a gravidez estava no começo, mas foi um choque para Suzanne. Ela se negou a fazer a curetagem e precisaram sedá-la, foi horrível. Por isso eu lhe peço, seja o que for que pretende fazer em reação ao noivado de vocês, espere mais um pouco, deixe-a se

recuperar totalmente... Lucca?

Papai me traz de volta do choque.

— Ela estava grávida? Meu Deus! Um filho... — Não sei explicar, mas não consigo sentir nada, nenhuma emoção. Como se esse filho não fosse meu, como se aquela perda não fosse minha. Ao

contrário, sinto-me angustiado, posso até dizer que... decepcionado. — Não entendo. Sempre me protegi, não queríamos filhos, ela não queria.

— Filho, acidentes acontecem. Preservativos não são cem por cento seguros, mas não se preocupe. Vocês são jovens, poderão ter outros filhos, o importante é não tomar nenhuma decisão precipitada. A Suzanne precisa se recuperar, será até bom, assim vocês, quem sabe, reacendem o amor novamente?! Promete não tomar nenhuma decisão até que a Suzanne esteja bem?

O que posso fazer? Eu sei que meus sentimentos mudaram, só não entendo o porquê da mudança.

Eu a amava tanto em um dia, e no outro — quer dizer, meses depois — acordo e não a amo mais. É

como se meus sentimentos por ela tivessem evaporado, e após essa notícia tenho a certeza de que não a amo mais, e agora estou preso a uma mulher por obrigação, por piedade, nada pode ser pior.

— Fique tranquilo, não magoarei a Suzanne. Continuaremos noivos até que ela esteja recuperada.

— E, por favor, não comente nada sobre o aborto. Ela não quer que você saiba.

— Não direi nada, papai. — Ainda estou em choque, por essa não esperava.

— Com licença. — O enfermeiro entra no quarto, tirando-me dos meus pensamentos atordoantes. — O senhor Lucca precisa fazer a higiene, antes que o café da manhã chegue.

— Está tudo bem, Paulo. Papai é quem vai me dar banho e limpar minha bunda a partir de hoje, é só ensiná-lo como fazer. Não é, papai?

— Que jeito? Não deve ser diferente de quando você era pequeno, então vamos ao sacrifício.

Quarenta minutos depois estou de roupas trocadas e tomando meu café da manhã, pelo menos hoje consigo comer uma fruta.

— Papai, não se esqueça de falar com meu médico sobre a continuação do meu tratamento em casa. O senhor sabe como fazer, já teve experiência com a mamãe.

— Estou indo agora falar com seu médico. — Recebo um beijo no alto da cabeça. — Volto no horário do almoço. Fique bem, se precisar é só me chamar.

Ele se vai. Minutos depois dois enfermeiros entram em meu quarto e me levam para fazer outra bateria de exames.



Capítulo 15

Semanas depois...

— Bom dia, meu nome é Honna Lordeiro, estou aqui a pedido do senhor Felipo Stein.

— Bom dia, querida. Sente-se ali, Honna. Assim que a reunião terminar, eu o aviso que já chegou. — articula a senhora de olhar bondoso e sorriso gentil.

Faz mais de um mês que não tenho contato algum com a família do Lucca e ontem recebi uma ligação do senhor Felipo pedindo para que viesse hoje pela

manhã em seu escritório. Ele não quis adiantar o assunto, só me disse que era importante.

Desde o dia em que fui chamada na coordenação de enfermagem do hospital, não me aproximei mais do Lucca. Já estava pronta para pedir que me mudassem de andar, quando o coordenador me avisou que a partir daquele dia eu ficaria na UTI infantil cuidando de um menino que estava em coma há dois dias. Fiquei aliviada e triste ao mesmo tempo.

Triste por ter partido do Lucca o pedido de desligamento dos seus cuidados. Foi uma semana lutando contra minha tristeza e a vontade de ir vê-lo. Chorava escondido, engolia a decepção, sabia que estava sendo tola, sabia que não havia sido profissional. Por isso já tinha tomado a decisão de me afastar dele.

Nossas emoções estavam atrapalhando nosso relacionamento de paciente e enfermeiro, mas partir dele a decisão de me afastar foi dolorido demais.

Talvez até soubesse que ele faria isso, por isso no mesmo dia que recebi o aviso, seria o dia que pediria minha transferência. Aliviada porque não precisei encarar o Lucca e dizer-lhe que não poderia mais cuidar dele.

Mas, mesmo afastada, sentia aquela força me puxando para ele. E por mais que tentasse evitá-la, não resisti. Todas as noites antes de ir embora, eu ia até o quarto dele e o observava através da porta.

Ficava só alguns minutos, aproveitava o horário da troca dos enfermeiros, pois o corredor ficava vazio. Geralmente, ele estava acompanhado pelo pai, os dois sempre estavam conversando, quase sempre o assunto era sobre negócios, outras sobre a mãe. Umas cinco noites eu o vi com a noiva. Ela ficava deitada na cama com a cabeça sobre o peito dele, eles sempre estavam calados, Lucca com os olhos fechados.

Não via emoção naquela cena, era como se tudo ali fosse forçado. Principalmente a maneira como a Suzanne acariciava o peito dele, tudo automático, sem uma gota de sensibilidade.

Muitas vezes pensei em ir visitá-lo, como se não quisesse nada, mas pensava melhor e chegava à conclusão de que ele tinha escolhido se afastar também, então, não tinha direito de provocar uma aproximação, o melhor era esquecê-lo. Meus sentimentos por ele eram recentes, não ficariam muito tempo em meu

coração, mas minha vontade de vê-lo era muito maior do que meu bom senso, e até ontem sempre estava espreitando-o. Vendo-o sorrir – o que não era muito comum –, mas as poucas vezes era algo bom de se ver, não era o riso torto que ele sempre me oferecia e sim um sorriso lindo, que fazia meu coração palpitar.

Não sei quando todo aquele sentimento nasceu. Só sei que me fazia bem. Mesmo estando longe um do outro, gostava de gostar dele.

Três dias depois que fui transferida, quando estava na reunião mediúnica, nosso coordenador recebeu uma comunicação de um espírito e o que ele disse veio direto para mim. Não diretamente no sentido literal, mas jurava que a pessoa estava falando comigo, ou se dirigindo a mim, principalmente quando ele foi tão exato na frase:

Não tenha medo de abraçar a felicidade, às vezes, o errado é o certo. Não endureça o coração por causa de outrem, dois corações cheios de amor nunca estarão errados, o amor nunca é vergonhoso, só não se deixe corromper por falsas palavras, tenha cuidado, sempre existirão sombras, e por detrás delas o mal observa e espera o momento certo de cobrir a luz com suas asas traiçoeiras. Faça as escolhas certas, ouça o vento em seus cabelos, este é o momento. Escute seu coração, ele sempre guiará o que é do amor, para o amor. A vida não acaba com a morte, nem o amor puro e verdadeiro. Seja forte, lute, não fraqueje outra vez.

Estas palavras ditas com tanto furor, pareciam serem ditas para mim. Até pensei que o espírito estava falando sobre mim e o Lucca.

— Quer beber alguma coisa? Um cafezinho? Hoje está frio.

A simpática senhora me puxou para o presente. Ultimamente ando absorta demais.

— Está mesmo. Quando saí de casa estava caindo um temporal, e sabe como fica a cidade quando chove. Sinceramente, Salvador não foi feita para a chuva.

— Concordo, querida. Por causa da chuva quase chego depois do senhor Felipo. — Ela se levanta e vai até a máquina de café expresso, onde prepara duas xícaras de café cremoso. — Tome.

Está bem quentinho. Quer um biscoito?

— Não, só o café está ótimo.

Levanto-me e sigo até a imensa janela. A chuva parou, olho para o céu e as nuvens escuras já estão se dissipando. O sol já nos oferece alguns raios tímidos, mas necessário para aquecer nossos corpos do frio que faz. Depois de um momento, a simpática senhora começa a falar novamente e eu olho para trás, seguindo o som de sua voz.

— As reuniões do senhor Felipo não eram tão longas quando ele era o presidente, mas depois do acidente do menino Lucca, ele ficou muito mais metódico, gosta de saber todos os prós e os contras, acho que não quer deixar brechas para quando o senhor Lucca voltar.

Lucca... É tão bom escutar o nome dele. Saber como ele é como homem de negócios.

— O senhor Lucca trabalhava aqui também? — Não consigo resistir, tive que saber. Preciso ver o Lucca com os olhos dos outros.

— Trabalha. Ele ainda trabalha, só está um pouco adoentado, por isso o senhor Felipo voltou a comandar as indústrias, mas quem manda em todo o império Stein é o senhor Lucca. — ela fala com orgulho. Esta senhora ama o Lucca. — Sabe, desde criança o senhor Lucca vivia correndo por este escritório e sempre dizia que eu ainda seria a secretária dele, e sou. Não vejo a hora de ver aquele riso lindo, aqueles olhos expressivos me cercando, trazendo-me alegria. Ele é uma pessoa incrível.

Oh, meu Deus, ela vai chorar. Engole o bolo da garganta e pica os cílios para cima. A senhora ama muito o Lucca.

— Desculpe-me, ando muito emotiva ultimamente. O menino Lucca nunca teve sequer uma gripe, e agora está acamado. Sabe como ele me chama? Pedra preciosa. Ele diz que sou a pedra preciosa desta empresa, pois estou aqui desde o início. Quando comecei a trabalhar aqui tinha dezenove anos, vi tudo isso crescer e o senhor Felipo todos os anos tenta me aposentar, mas não quero. Temo que se me afastar a morte virá me buscar, e não quero morrer, ainda verei os filhos do senhor Lucca. Ah, se verei!

Sorrio com o jeito que ela revira os olhos, depois me encara.

— Você é muito linda, sabia? E tem... tem... não sei explicar, mas olhando para você sinto uma vontade de abraçá-la. Você é o tipo de pessoa que irradia luz, muita luz.

Já ia argumentar, mas a porta da sala do senhor Felipo se abre e uns cinco homens muito bem-vestidos saem de dentro.

— Thank you, Mr. Stein.

Um dos engravatados diz enquanto aperta a mão do senhor Felipo, que sorri antes de os homens irem embora.

— Honna, está me esperando há muito tempo? — Assim que ele me vê, vem em minha direção e me abraça, beijando o lado do meu rosto.

— Um pouco, mas estava muito bem acompanhada. — Olho para a senhora simpática que ainda não sei qual é o nome.

— A Lívia é nosso cartão de visitas — ele comenta. Lívia... O nome combina com a pessoa.

Felipo passa o braço ao redor dos meus ombros e me mostra o caminho para sua sala. — Lívia, não quero ser interrompido.

Entramos em uma elegante e moderna sala presidencial, digna de um rei. Na mesa há uma placa, mas o nome que está escrito nela não é do senhor Felipo, e sim “Presidente Lucca Stein”.

Dá até um frio na barriga quando leio. É como estar vendo o Lucca sentado atrás daquela mesa.

Lindo, bem-vestido, recostado na cadeira com uma caneta na mão, me olhando perigosamente como se quisesse pular sobre a mesa, me agarrar e fazer uma porção de coisas eróticas em mim.

Jesus! Eu pensei isso mesmo?

— Sente-se, Honna. — Agito a cabeça, afastando meus pensamentos libidinosos. Sento-me. —

Como você está? Peço desculpas pela forma como as coisas aconteceram, mas precisei pedir para que substituíssem você por um enfermeiro, pois estava vendo a hora de a minha nora partir para cima de você com ignorância. Foi precipitado? Foi. Mas pensei no Lucca.

Então não foi o Lucca? E todo esse tempo fiquei sofrendo à toa? Como fui tola! Deveria ter imaginado que o Lucca jamais faria isso. Pelo menos vir até aqui serviu para aliviar a dor do meu coração.

— Estou bem, e não se preocupe, o senhor agiu certo. A noiva do senhor Lucca estava enciumada, não tiro sua razão. Estava frágil e ver uma mulher assumindo o lugar que seria seu é cruel.

— Mas agora está tudo bem. A Suzanne está bem, o Lucca está bem, e eu tenho uma proposta

para lhe fazer.

Proposta? Como assim? O que será agora? Será que ele quer me mandar para outro hospital, só para ter a certeza de que ficarei bem longe do Lucca?

— Espero muito que aceite, pois caso diga não, o Lucca comerá meu fígado. — Ele sorri igualzinho ao Lucca, torto.

Lucca? O que ele tem a ver com isso? Será que ele também me quer longe? Mas o que eu fiz?

— Honna, o Lucca já recebeu alta médica do hospital. — Fico surpresa. — E... — Ele olha para o relógio. — Nesse exato momento deve estar chegando em casa. Bem... Lucca será cuidado em casa, e quando precisar fazer algum exame uma ambulância o levará para o hospital. Como já tínhamos um quarto hospitalar em casa, fizemos só algumas alterações, e ampliamos a área externa construindo uma sala de fisioterapia, bem como também fizemos um quarto para a pessoa que cuidará do Lucca durante o tempo necessário.

Ele faz uma pausa e fica me encarando. Não entendo o que eu posso ter a ver com tudo isso.

Ainda não entendi o porquê de estar aqui.

— Estou feliz em saber que o Lucca melhorou e agora poderá seguir o tratamento de casa. Para o paciente é até melhor, pois ajuda muito na recuperação. O acolhimento da família é crucial. Só não estou entendendo uma coisa... Por que estou aqui?

— Porque quero contratá-la para ser a enfermeira do Lucca, e antes de dar sua resposta, leia o contrato.

Não sei como fica minha cara diante da surpresa. Nunca iria adivinhar que o senhor Felipo iria querer me contratar para ser enfermeira do filho.

Pego o contrato e começo a ler, e quando chego no valor proposto, meus olhos se arregalam.

Fecho a pasta, limpo a garganta.

— A ideia foi do senhor em me contratar? — pergunto, ainda surpresa com o choque do convite.

— Foi do Lucca. Ele não quer outro profissional. Caso você não aceite, ele prefere voltar para o hospital, o que sou completamente contra. Devo confessar que no início não concordei, pois pensei em minha nora, ela não gosta de você por sentir ciúmes, no entanto, o Lucca confia em você e foi você quem o ajudou com suas orações. Não pense que me esqueci.

— Senhor Felipo. — o interrompo. — Não fui eu quem o ajudou, foi sua fé. Deus ouviu suas preces, então não me dê o mérito de algo que não mereço.

— Você pode até ter razão, mas foi o veículo que me uniu a Deus naquele momento, então você tem sua parcela de culpa. Mas, vamos ao que interessa. Não me importo com o que minha nora pensa, eu me importo com meu filho, ele é minha prioridade, e se ele ficará feliz e se recuperará mais rápido tendo você como enfermeira, então que seja você. Aceita?

— Aceito. — Nem acredito que disse isso. — Mas antes quero mudar algo no contrato.

Felipo abre um riso de orelha a orelha. E eu... bem, eu queria sair pulando de alegria.

— Podemos mudar tudo, se quiser. O que é? É o salário? É só dizer o valor que aceito.

Ele está mesmo desesperado.

— Sim, é o salário...

— Certo. Diga-me quanto quer receber?

— Quero receber a metade do que o senhor está propondo. — Ele arregala os olhos, surpreso.

Acho que ele está me achando uma louca. Talvez seja. — Não é justo, é muito dinheiro, e mesmo sendo a metade do que o senhor está me propondo, ainda será o triplo do que eu ganho. Mas como tenho que dormir no local de trabalho, é justo.

— Honna, não me importo de pagar o valor do contrato, até acho muito justo, mas se você deseja diminuir, farei o seguinte: o restante do seu salário farei um depósito para uma outra conta, e depois você resolve o que fazer com ele, ok?

— Ok. Outra coisa, não preciso de folgas no domingo, só preciso de algumas horas no período da noite nas quartas-feiras e sábados, de duas a três horas, será o bastante.

— Certo. Mas caso precise de folga, você me avisa com antecedência para que eu possa me organizar.

Ele sorri novamente do mesmo jeito torto do Lucca. Pai e filho têm o mesmo sorriso quando estão felizes.

— Como o senhor disse que o Lucca já está em casa, preciso ir até o hospital pedir afastamento...

— Não precisa. — ele me interrompe. — Você continuará como funcionária do hospital, só que quem pagará seu salário serei eu, portanto, está tudo bem, e se puder começar hoje mesmo, agradeço.

O Lucca a está esperando.

— Mas eu preciso ir até minha casa pegar minhas coisas.

— Meu motorista a acompanhará e depois a levará para minha casa. Pode ser assim?

— Sim, claro que pode.

— Então, assine aqui e seja bem-vinda às indústrias Stein.

Está acontecendo tudo muito rápido. Tenho a impressão de que não é só o meu emprego que mudará a partir de hoje. Toda minha vida mudará, só não sei se mudará para melhor ou pior, pois ficar outra vez tão perto do Lucca será como o fogo muito perto da pólvora. Contudo, meu coração está aos pulos, e não é medo, é euforia. Novamente estarei ao lado do homem que tem o dom de tirar meus pés do chão.



Capítulo 16

Há dez minutos papai ligou avisando que a Honna aceitou ser minha enfermeira e que já está a caminho. Estou muito nervoso, não sei o que fazer e não sei o que direi. Faz mais de um mês que não a vejo, tenho notícias sobre ela porque o Beto me contou. Ele disse que ela estava trabalhando na ala infantil, cuidando de um garotinho, mas era só isso que ele sabia, pois os horários deles eram diferentes.

— Senhor Lucca, já arrumamos tudo.

— Traga o tablet para que eu possa ver como ficou. — Ruth, nossa governanta,

se aproxima da cama e me mostra. — Ficou perfeito! Comprou os shampoos de baunilha?

Honna tem um cheiro de baunilha e flores, é uma mistura perfeita, doce e excitante.

— Sim, a vendedora me disse que o que comprei é a marca mais cheirosa e marcante que existe no mercado, então comprei a linha toda. A senhorita Honna vai perfumar este quarto todo, aliás, a casa toda.

— Espero que sim, Ruth. Ela é muito linda e cheirosa...

— Sei... Tem certeza, filho, de que ela será apenas sua enfermeira?

— Claro que tenho! — Encaro a senhora a minha frente com aquele sorriso de desconfiança. —

Ela é minha amiga também, e quero que se sinta confortável e amada, entendeu, Ruth?

— Entendi... Não precisa morder. Se ela faz esta mágica de roubar o seu sorriso, pois desde que o senhor chegou não sorria, só sorriu quando o seu pai ligou e lhe contou a novidade, então, ela já virou minha enfermeira favorita. Pode deixar, vou mimá-la tanto que ela nunca mais vai querer ir embora.

— Será que ela vai querer ir embora?

Bate uma insegurança. Não sei por que, mas quero que a Honna se sinta em casa, que se sinta feliz por estar ao meu lado outra vez.

— Não pense besteira, menino! Ela vai amar o quarto, foi preparado exclusivamente para ela, só não sei como o senhor sabe que ela gosta de copos de leite. Tantas flores brancas lindas, tipo rosas, jasmim, margaridas, angélicas, o senhor cismou justamente com copos de leite. Nem cheiro elas têm.

— Foi por isso que escolhi. Não quero que nada se misture ao cheiro dela, e algo me diz que ela ama copos de leite, como também gosta da cor azul.

— Então foi por isso que todas as roupas de cama e toalhas têm tons de azul. Sei... só tenho um aviso e conselho para lhe dar. Tenha cuidado com seu

entusiasmo, lembre-se que o senhor tem uma noiva e cuidado para não se magoar. Pode ser que a moça em questão não esteja tão entusiasmada quanto o senhor está.

— Deixe de falar besteira, Ruth. Ela é minha amiga e eu só quero que ela se sinta bem, afinal, todo mundo merece um pouco de carinho, não acha?

— Sei... Se o senhor está dizendo, quem sou eu para não concordar? Mas estou prevendo dias de muita tensão nesta casa, quando a senhorita Suzanne sentir toda essa atenção em torno da sua

“enfermeira”. Prepare-se para apagar muitos focos de incêndio.

— Deixe que com a Suzanne eu me preocupo.

— Senhor Lucca, a moça chegou.

Everaldo, o segurança, bate na porta do meu quarto, avisando.

— Ruth, como estou? Meu cabelo está bom? E minha barba, está bem aparada?

— O senhor está lindo! Ela que diga o contrário...

Respiro profundamente, tão nervoso que o tremor do meu corpo vai me jogar *pra* fora da cama daqui a pouco.

— Pode trazê-la.

Deus! Ela veio, ela veio!

A felicidade invade meu corpo. Eu sei que estou fazendo papel de tolo, mas só em pensar que passaria muito tempo ao seu lado – tempo suficiente para que ela percebesse o quanto estou apaixonado –, é como estar entrando em algo desconhecido, contudo, o desconhecido não traz medo, apenas uma sensação de prazer supremo.

E como será que ela está?

Será que está nervosa?

Será que sentiu saudade de mim?

Deixe de ser idiota, Lucca! Claro que ela não sentiu, se tivesse sentido teria ido visitá-lo no hospital. Ela não era mais sua enfermeira, então, se quisesse poderia ter ido vê-lo, mas não foi.

Aporta se abre, eu espero, vejo sua sombra primeiro, meu coração acelera. Sinto-o batendo contra minha caixa torácica. Prendo a respiração quando ela surge.

Ela para.

Sorri daquele jeito que faz minha respiração acelerar, acho que para de respirar também e ficamos assim, ela de pé e eu esticado em minha cama hospitalar. Ela parece diferente à luz do dia.

Seus cabelos loiros, soltos sem aquele elástico que os prendem, estão mais brilhantes e mais sedosos. Seus lábios rosados estão sem batom, mas brilham. Ela usa um vestido azul – sim, ela gosta de azul, igualzinho a mim –, nos pés sapatilhas pretas que parecem confortáveis, e por cima do vestido um casaquinho. O vestido de tecido leve desliza em suas curvas, e com os olhos vejo o contorno dos seios dela, que parecem ser, não muito pequenos, a cintura fina e quadris redondos. Ela deve ficar linda nua.

Eu pensei isso mesmo?

Lucca, comporte-se, ela está aqui para ser sua enfermeira, nada além disso.

— Seja bem-vinda, querida. — Ruth nos tira do transe. — Meu nome é Ruth, sou a governanta, este é o Everaldo, o chefe dos seguranças. E aquele ali com cara de bobo é o Lucca, dono da casa...

Não é, senhor Lucca. Oi, Lucca.

— Sim... — Pareço um idiota, abobado. Não era para ser assim, mas ao vê-la parece que o mundo deixou de existir e só vejo ela. — Oi, Honna, como vai? — Sério? Eu disse isso? Mas o que há comigo? Limpo a garganta. — Seja bem-vinda! Espero que goste das acomodações... —

Acomodações? Estou parecendo um atendente de hotel. Acorda, Lucca! — Honna, estou feliz por você estar aqui. Não via a hora de revê-la.

Melhorou.

— Bem, vou deixá-los sozinhos. Qualquer coisa é só me chamar.

— Obrigada, Ruth, é um prazer conhecê-la. Senhor Everaldo, obrigada por ter pego minhas malas.

Deus, como é bom escutar a voz dela.

Ela se aproxima quando a Ruth fecha a porta. Estamos em sintonia, nossos olhares presos um no outro. Sinto o cheiro dela, quero tocá-la, quero beijá-la...

— Oi, senhor Lucca, como o senhor está? Já consegue mover alguma parte do corpo?

Agora, no momento, não consigo mexer nem meus olhos, estou completamente paralisado.

— Consigo mexer meus dedos, e um pouco meu braço esquerdo e a perna esquerda, mas só um pouco. — respondo.

Eu sei que me pareço um idiota, mas por mais que tente ser natural, controlado, sua presença não deixa. Se estivesse andando, ela já estaria em meus braços e meus lábios cobrindo os dela.

Suas mãos ajeitam o lençol que me cobre parcialmente. Daria qualquer coisa para tocá-la. Sei que não deveria estar pensando desta forma, mas não consigo evitar. Não posso negar o que estou sentindo, não posso ir contra a vontade do meu coração, só não sei até quando conseguirei fingir o que sinto. Começo a achar que não foi uma boa ideia tê-la contratado, não enquanto ainda estou comprometido, mesmo não sentindo mais nada por minha noiva, além de pena.

— Então tente apertar minha mão. — Ela toca minha mão e a eletricidade que corre através dela toma todo meu corpo. Juro que se conseguisse mexer meus braços, eu a agarraria.

— Assim. — Pareço tão tolo, um idiota babão, não consigo desviar meus olhos, acho até que estou tremendo. — Está com frio?

Ela percebeu.

— Um pouco — minto. — Na verdade, não estou, é só nervosismo. Vê-la

novamente mexeu com meus nervos, Honna. Por que não foi me visitar no hospital? O fato de não ser mais minha enfermeira não a impedia de ser minha amiga. Senti tanta falta das nossas conversas, senti falta da sua voz...

— Também senti falta das nossas conversas.

— Então, por que não foi me visitar?

— Quem disse que não fui? — Sinto a carícia dos seus dedos em minha mão. Peço em

pensamento que não pare, preciso muito de seus carinhos. — Todas as noites ia vê-lo, o senhor só não me via. Ficava o observando através da porta.

Ela baixa os cílios longos e eu aperto sua mão um pouco, ela torna a me encarar.

— E por que não entrou? Por que não foi falar comigo?

— Porque pensei que não quisesse me ver mais. Pensei que havia partido do senhor o meu afastamento, só soube hoje que foi ideia do seu pai. Sinto muito.

— Merda! Honna, deveria ter me procurado, mesmo que fosse para me dizer uma porção de desaforos. E eu pensando que você também queria ficar longe de mim.

— Não! Confesso que pensei em pedir meu afastamento porque estava causando a irritação de sua noiva, mas fiquei muito triste quando me passaram para outro paciente.

— Esqueça a Suzanne, ela não manda em mim, e eu prometo que ela nunca mais irá ofendê-la.

Estou muito feliz por você ter aceitado meu pedido, e espero que possamos recomeçar.

— Senhor Lucca, posso pedir uma coisa?

Tudo que você quiser. Farei tudo para vê-la feliz.

— O que quiser. Se estiver ao meu alcance, é seu.

— Um abraço. — ela diz. — Amigos se abraçam, então, para começarmos bem, que tal um abraço?

Paraliso.

Quase me engasgo.

Ela quer um abraço.

E o pervertido aqui quer um beijo, um beijo daqueles de deixar um homem de pau duro como uma barra de ferro.

Sou um obsceno.

— Você sabe que fará o trabalho todo sozinha. Não posso abraçá-la ainda.

— Quem disse isso ao senhor? É claro que pode me abraçar.

Não coloque ideias em minha cabeça, anjo. Fazendo isso começarei a pensar que, além de abraço, poderei fazer outras coisas e o cara lá embaixo ficará animado na hora que for trocar minha fralda.

— Honna, não me dê esperanças.

Ela só sorri. Segundos depois seu corpo se aproxima do meu. Vou parar de respirar daqui a pouco, talvez tenha uma parada cardíaca. Ainda bem que compramos um desfibrilador.

Honna segura meu braço direito e o leva até seu pescoço, depois faz o mesmo com o esquerdo e seus braços circulam meu corpo, sinto o aperto gostoso.

— Tente fazer o mesmo, senhor Lucca. Tente me apertar.

Apertar! Não quero apertá-la, quero jogá-la por cima do meu corpo e beijar seu pescoço, seus

seios que nesse momento roçam em meu peito por cima da camisa do meu pijama.

— Se esforce, senhor Lucca!

Não é justo ela me apertando e roçando os seios em mim, me inebriando com seu cheiro doce, e continuando a me chamar de “senhor”.

Faz-me parecer um pervertido.

Talvez o seja.

— Se você parar de me chamar de senhor, prometo que me esforço e darei meu melhor abraço.

— Quando o senhor... quer dizer, quando você se transformou em um chantagista? — Ela sorri contra minha orelha, o calor do seu hálito provocando o cara lá embaixo. Já o sinto crescendo.

— Quer assim?

Aperto meus braços um pouco, é sútil, mas é o que posso dar. Ela, sentindo meu tímido abraço, aperta mais um pouco seu corpo contra o meu. Deus! Os bicos duros dos seus seios formigam minha pele. Sou um idiota, muito provavelmente, mas estou parecendo um adolescente, daqueles bem espinhentos, que gozam só olhando uma revista de mulher pelada.

A sensação dos seus seios colados em meu peito faz despertar a vontade de provar a suavidade do seu corpo quente. É um desejo louco, que eu sei que se não saciar minha vontade, irei enlouquecer. É como se ela estivesse presa dentro de mim há muitos séculos, como se já soubesse o gosto do seu gozo, como se já conhecesse sua intimidade.

— Honna, estou começando a gostar de gostar de abraçar você.

Ela gargalha e se afasta.

— Eu também, senhor... Quer dizer, Lucca. Senti falta do seu sorriso torto, desse seu jeito gozador de falar, das nossas brincadeiras, até de sua teimosia.

— Eu sou teimoso? Tem certeza disso?

— Tenho.

Mais uma vez fixamos nossos olhares. Ela estende o braço e sua mão toca meu

rosto, suavemente seus dedos deslizam em minha pele, acompanhando os detalhes dele. Ela me admira não só com o olhar, mas com os lábios, eles se movem como se estivessem saboreando os pedacinhos de mim.

— Você está tão lindo... Gostei da barba assim, e do corte dos cabelos. Seu corpo está voltando ao normal...

Ela se cala. Acho que se arrependeu.

— Ganhei cinco quilos. Estão me engordando para o Natal. — Ela me encara outra vez.

— Eu tenho a sensação de já termos vivido isso. O senhor... você não tem a mesma impressão?

Sim, desde o primeiro dia que a vi tive essa sensação.

— Todas as vezes que a vejo é como se já conhecesse cada parte de você, e é uma sensação muito boa.

Seus dedos começam a subir e descer em meu rosto, ela brinca com minha barba. Não sei se ela percebe o quanto esta carícia está me afetando.

— Honna, não é justo.

— O que não é justo?

— Só você acariciar meu rosto. Acho que tenho o mesmo direito, não acha?

— Quer tocar meu rosto?

Que pergunta? Claro que quero! Não só o rosto, quero tocar cada pedacinho de você.

— Sim.

Ela pega minha mão e encosta em seu rosto, com esforço movo os dedos por sua pele.

— Macia, sedosa, como imaginava. É tão bom, não é?

— É...

Então ela se afasta de repente e olha-me assustada, como se tivesse feito algo muito errado.

— O que foi, Honna? Disse alguma coisa que não gostou?

— Isso. Está tudo errado, não podemos... fazer isso. Está errado, Lucca. Por que não consigo me afastar de você? Não podemos, sou sua enfermeira e só isso. O máximo que podemos ser, é amigos.

E você... você é noivo!

— Honna, se acalme.

— Não, não posso me acalmar. Precisamos manter a distância e sermos patrão e empregado. Se quiser que continue sendo sua enfermeira, temos que manter nossos sentimentos malucos longe.

Promete?

O que eu posso dizer? Não quero que ela vá embora.

— Prometo. Seremos só amigos e manteremos o profissionalismo. Pronto, pode voltar a respirar, certo?

— Certo.

Ela respira fundo e eu continuo encarando seu rosto rubro e lindo.

— Mas, que eu saiba, amigos se abraçam.

— Lucca! — Ela me dá um tapa de leve.

Sorrio torto e ela me encara com seu olhar encantador. E, mais uma vez, meu coração me traí.

— Gosto de gostar de olhar para você e você me faz feliz, é o que importa, o resto aprenderemos juntos. Só não quero lutar contra o que estou sentindo e não minta que não sente o mesmo. Posso escutar as batidas do seu coração, posso ver sua respiração ofegante. Não lute contra o que está sentindo, deixemos as coisas

acontecerem, o resto eu dou um jeito, não se preocupe.

— Com licença. — Ruth abre a porta. Já está na hora de avisar que antes de abrir a porta, precisam bater. — Quero saber se a Honna fará as refeições aqui ou na sala de jantar.

— Farei aqui, Ruth, junto com o Lucca. Mas primeiro traga o almoço dele, depois que eu

terminar, posso buscar o meu.

Ela sorri e pisca um olho.

— Acho que já sabia sua resposta, portanto, aqui está o almoço do Lucca. Quando ele terminar é só usar aquele telefone. — Ruth aponta para o aparelho que está na mesa de canto. — Eu mesma trarei seu almoço.

Ruth sai.

— Pronto para comer?

Não faça essa pergunta, não vai querer saber a resposta. Ou vai? Talvez queira.

— Vamos à gororoba?

— Você é impossível, Lucca.

Ela sorri, e eu adoro vê-la sorrindo, é como se no mundo não existisse feiura.

Ainda sorrindo, ela abre a tampa da bandeja. Faz um ar de surpresa, certamente achava que ainda estava comendo comida de bebê.

— Já sou gente grande, sabia? Nada de papinhas, agora é feijoada na veia.

Por essa ela não esperava. Passa o dedo no purê de batata e raspa no meu nariz.

— Honna! — Viro o rosto e ela aproveita para lambuzar minha boca. — Você faz isso porque não posso revidar. Queria ver se eu pudesse me mexer. — Ela passa o dedo entre meus lábios e o puxo, chupo seu dedo, enquanto minha cabeça se vira para encará-la.

Sugo o dedo e minha língua se move ao redor dele. Ela nem pisca, seu olhar permanece fixo ao meu, chupo o dedo um pouco mais e ele entra totalmente em minha boca.

Caralho! Ela fecha os olhos e solta um gemido. A porra do meu pau pulsa. É, estou vivo.

Vivo para ela, porque a Suzanne tentou diversas vezes me masturbar quando estava no hospital e nada de ele subir. Foi tão frustrante que ela nem tentou mais, até dei graças a Deus.

— Dispenso o garfo. — Mordo a ponta do dedo dela, que abre os olhos e puxa o dedo para fora de minha boca.

— Acho que exagerei na brincadeira. Olha para você... Está todo sujo de purê de batata.

— Então termine de alimentar seu paciente. Não precisa usar o garfo, seu dedo torna a comida muito mais saborosa.

Ela não quebra o nosso olhar, e eu tampouco. Sorri, mas continuo sério, varrendo meus olhos em todo o contorno do seu rosto, até fixá-lo em seus lábios.

— Não é bom brincar com a comida. Deixe-me limpá-lo.

Suas mãos trêmulas, eu percebi que estão, pegam o guardanapo e ela começa a limpar meu rosto, mas desta vez não olha para meus olhos.

Se você soubesse, Honna, o que minhas duas cabeças estão pensando em fazer com todo esse purê... Oh, porra! Acho que é por isso que não posso me mexer, porque se pudesse, este quarto já estaria uma zona.

— Pronto, agora o senhor vai comer. Sem brincar.

— Não fui eu quem começou, lembra-se?

— Eu sei... desculpe-me, é que você às vezes me faz esquecer minhas obrigações.

— Honna, não se sinta obrigada a nada. Quero que seja você mesma.

— Você não iria gostar de mim se eu fosse eu mesma, posso garantir isso.

— Duvido. Mas deixemos de conversa e manda a gororoba porque estou faminto.

— Gororoba... Isso aqui é um banquete. Só quero ver se vai comer tudo isso.

Ela monta o prato; um pouco de purê, um pouco de legumes e verduras grelhados, um pouco de arroz integral e um pouco de filé de frango fatiado.

— Tem mais? — brinco, ela está muito séria. — Ei, psiu! Dá uma risadinha, só uma...

Ela não resiste e sorri, mesmo sem me encarar.

— Onde está o Lucca mal-humorado?

— Morreu no momento em que você passou por aquela porta. Agora sou só sorrisos.

— Mesmo? Quer saber? Gosto mais de você assim, cheio de vida.

Você é o motivo, boba. Se pudesse, já a teria agarrado e mostrado todo meu furor possessivo.

Nossa! Não acredito que pensei isso!

— Sobremesa?

— E tem?

— Uhum! Pudim de leite e suco de maracujá.

— Quero não. No momento só quero descansar, estou um pouco cansado.

E estou mesmo, já sinto até um pouco de falta de ar. Acho que tive minha parcela de emoções por hoje, preciso me desligar um pouco.

Encosto a cabeça no travesseiro e fecho os olhos.

— Lucca, o que está sentindo? — A mão dela toca minha testa, mas continuo de

olhos fechados e controlo minha respiração. — Lucca!

Não respondo. Então ela aproxima o rosto do meu, encostando-o bem próximo ao meu nariz.

Não penso duas vezes, inclino um pouco a cabeça e a beijo, e nesse momento ela se vira e meus lábios tocam os lábios dela. O beijo inocente acontece e é a carícia mais foda de toda a minha vida.

Por que o tempo não para.

Por quê?

— Não resisti e não me arrependo. Já faz algum tempo que queria fazer isso. Me xingue, me bata, só não me deixe. Prometo que não farei mais isso, a não ser que queira. Só reafirmo que valeu a pena provar dos seus lábios. Eles são doces, suaves e macios. Obrigado.

— Você me deixa confusa, sabia? Não aceitei trabalhar para você para me tornar seu brinquedo

ou ser sua amante. — Continuamos bem próximos, ela com o rosto a um dedo de distância do meu. Se eu quisesse, a beijaria novamente. — Espero que isso não se repita nunca mais. Podemos ser amigos, mas será só isso. Você é comprometido, é milionário, e meu paciente, está fora do meu alcance.

Acabou. Agora vou tomar um banho e almoçar, e o senhor vai dormir um pouco. — Tento argumentar, mas dois dedos encostam em meus lábios. — Dormir! Até mais, senhor Lucca.

Honna se ergue, pega sua mala e segue para a porta que dá acesso ao seu quarto. Não olha para trás, só entra e fecha a porta atrás de si.

— Que porra foi essa? — Deito cabeça no travesseiro e fecho os olhos. — Cacete! Estou fodido, muito fodido!



Honna

Capítulo 17

Bato a porta atrás de mim e encosto-me na madeira, fecho os olhos e respiro profundamente.

Não acredito que o Lucca me beijou.

Por que ele fez isso?

Como se não bastasse a confusão que está minha cabeça, ele tem que bagunçar ainda mais.

Não, Honna, o Lucca está fora do seu alcance, e além do mais, ele é noivo!

Merda!

Por que aceitei esse emprego? Nem preciso dele.

Você tem cinco minutos, Honna, para pegar sua mala e ir embora.

É o que deveria fazer. Tenho que ir antes que seja tarde demais. Sim, é o que precisava fazer.

Mas não farei.

Suas escolhas, suas consequências, depois não reclame.

Puxo outra vez o ar para meus pulmões e dou um giro em meus calcanhares,

olhando para todos os lados do lindo quarto que foi feito para mim. Sim, ele foi feito para mim, e quem o decorou de alguma forma acertou em todos os detalhes, até as flores. Amo copos de leite e tons de azul. Como sabiam disso?

Será que andaram me investigando?

Não. Não fariam isso.

Ergo minha mala e a deixo sobre o estofado, eu a abro e retiro todas as minhas roupas de dentro, guardando-as nas gavetas e cabides do pequeno closet. Pego os sapatos – que não são muitos – e os arrumo na sapateira. Pego meus produtos de higiene e sigo para o banheiro.

Abro a porta do quarto e antes de sair fixo meus olhos em direção à cama onde Lucca está deitado. Ele está de olhos fechados, parece dormir, então, lentamente, me dirijo para o banheiro.

Bem, eles se esqueceram de um pequeno detalhe: um banheiro em meu quarto. Então terei que usar o do senhor Lucca – apesar de ele não o usar –, pelo menos por enquanto.

Eu sei onde fica, pois quando cheguei dei uma olhada de cento e oitenta graus em todo o quarto, e a porta do banheiro estava aberta.

Passo em frente à cama e apresso os passos, entro no banheiro e fecho a porta rapidamente.

Caramba!

O banheiro é enorme e luxuoso. E o que mais chama minha atenção é a grande banheira de hidromassagem. Eles pensaram em tudo. As grades de proteção, os pegadores, o piso antiderrapante, as pias não muito altas, dois vasos sanitários, um adaptado e outro normal, o box com todas as

medidas de segurança, e o chuveiro. Chuveiro, não. Chuveiro é o que tem no banheiro da minha casa.

As duchas, porque são várias.

Viva quem tem dinheiro!

Abro um armário, vejo que só tem coisas do Lucca. Pego a loção de barba e a cheiro. Deus! Eu dormiria com esse cheirinho todos os dias da minha vida. Perfumes, cremes, sabonetes, óleos, camisinhas...

Pego uma. Será?

Será que o Lucca já está fazendo sexo?

Não sei por que, mas esta ideia me deixa triste, pois, certamente, se ele anda praticando, só pode ser com a noiva.

Sim, idiota, com a noiva, ou você acha que essas camisinhas são para ele usar com você?

Acorda, Honna!

Fecho o armário com raiva e abro o outro.

Jesus!

Surpresa, pego um frasco de shampoo, abro a tampa e cheiro.

Baunilha...

Inspiro o perfume.

Dentro do armário está toda a linha, do shampoo ao sabonete.

Como ele sabia que uso essa fragrância em meus cabelos?

Leio o rótulo e vejo que ele comprou a mais cara. Fazia algum tempo que estava querendo comprar esta marca, mas por ser tão cara, sempre escolhia outra mais em conta.

Agora posso usar. E adorei o carinho. Lucca é uma pessoa muito observadora, tenho certeza de que ele sentiu o cheiro dos meus cabelos quando o segurava para mudar de posição no colchão.

Dispo-me e jogo minhas roupas no compartimento de roupas sujas. Pego o shampoo, condicionador e sabonete, e entro no box.

O difícil é acertar ligar a ducha certa. Elas ligam todas de uma só vez e o susto me faz soltar um gritinho. Só espero que o Lucca não tenha acordado.

Após ganhar a guerra com as duchas, meu banho é divino e me sinto uma diva com todo aquele cheiro. Uso todos os produtos. Acho que passo quase quarenta minutos dentro do banheiro, e quando termino de me secar, percebo que não trouxe minhas roupas.

E agora?

Procuro um roupão, mas não encontro. Deveria ter alguns nos armários. Oh, merda!

Embrulho-me novamente na toalha, respiro fundo e saio lentamente. Pé ante pé.

— Não precisa ser tão silenciosa, Honna.

— Oh, Deus! — solto um grito de susto e minha toalha quase cai totalmente. Seguro-a o quanto

posso, mas um dos meus seios fica à mostra. Rapidamente, o cubro. — Desculpe-me, não queria acordá-lo. — Não sei onde enfiar minha cara, fico pedindo em pensamento que ele não tenha visto meu pequeno deslize.

— Acordei no momento em que senti o seu cheiro. Impossível continuar dormindo sentindo um cheiro tão delicioso. — ele diz e a cabeceira da cama começa a levantar.

— Você já consegue apertar o botão?

Que pergunta idiota! Ele já havia dito que consegue mexer um pouco os dedos, então certamente já está fazendo algumas coisas que antes não fazia.

— Sim. — responde e a cama para. — Eu trocaria todos os meus movimentos só para vê-la sem esta toalha. O pouco que vi me deixou em transe.

Ele viu. A vergonha ruboriza todo meu rosto, tenho certeza disso, pois minhas bochechas queimam.

— Vou me trocar e já volto para começarmos com seus exercícios.

— Honna.

Não me chame assim, por favor, não me chame.

Não sei o que vai me pedir e se terei coragem de dizer não. Por favor, Deus, não permita.

— Oi?

— Vem cá.

Deus! Eu pedi. Não, eu supliquei. Como posso não ir? Olha o jeito como ele me chama... Aliás, ele não chama, ele ordena. Essa voz rouca, grave, dura, quente, esses olhos lindos e brilhantes, olhando-me tão intensamente. Não faça isso, comigo, não conseguirei resistir.

É muito tentador.

— Venha cá, Honna!

— Não, agora não. Primeiro vou me trocar, estou de toalha, meus cabelos estão pingando água e... e alguém pode entrar e me ver assim.

— Ninguém vai entrar aqui, eu tenho a chave programada. É uma das vantagens de estar parcialmente paralisado, pois quando não quiser ser incomodado, posso apertar alguns botões que estão no painel, na lateral de minha cama. Então venha cá, agora.

Não vou, não vou! Quem ele pensa que é?

— Honna...

Malditas pernas traidoras.

Caminho, reticente, em direção à cama. Paro a uma certa distância, não quero ficar muito perto.

— Mais perto. — ele pede. — Quero vê-la melhor, quero sentir o seu cheiro.

— Lucca, não faça isso, não se esqueça de sua promessa. Somos amigos, por favor.

— Conversa, Honna. Nós sabemos que essa distância entre nós não vai demorar muito a ser

encurtada. Eu sei o que sinto e você também sabe, mas prometo respeitar sua vontade, não farei nada que não queira. Acontece que no momento só quero sentir você, então, por favor, vem cá.

Quando essa voz aquecer meu ouvido eu farei tudo que ele pedir. Não, não, é melhor não correr o risco, pois se de onde estou ele nem precisa falar, basta me olhar desse jeito, imagino mais de perto.

Um olhar de pecado, quente como o inferno.

Vou pecar e vou parar no umbral.

Meu corpo mais uma vez me traí.

Dou mais dois passos e só preciso me inclinar para beijá-lo. Ele tem razão, não posso negar o que sinto, eu o quero, quero muito, quero com toda a força do meu espírito.

É louco! Talvez não seja, talvez tenha explicação, talvez sejamos um do outro e talvez não seja a hora de ficarmos juntos... Oh, meu Deus, por que sou espírita?

— Mais perto, Honna.

Jesus! Este homem será minha desgraça ou minha redenção.

Eu me inclino e ele ergue um pouco a cabeça. Todo meu corpo se arrepia quando sinto seu nariz ralando na pele do meu pescoço, bem lentamente, malditamente devagar.

Ofego. Gemo. Inspiro e quase gozo, pois ao deslizar a ponta da língua em minha pele, meus joelhos fraquejam e é preciso minhas mãos me sustentarem na lateral da cama.

— Sonhei com esse momento, sabia? Todas as noites quando estava no hospital, eu buscava seu cheiro, mas não encontrava, ficava como um louco viciado à procura de um vestígio seu. Você me viciou, você entrou em minha cabeça, em meu coração, e creio que se sair de dentro de um deles, morrerei. Olhe para mim,

Honna.

Não posso, não me peça isso. Não posso, não estrague tudo, Lucca, não estrague.

— Honna, não farei nada que não queira, mas preciso que olhe para mim.

A idiota aqui olha e me perco naqueles olhos lindos, expressivos, sedutores.

— Eu a quero, Honna. — Jesus! Leio cada palavra nos lábios dele, não tendo como desviar meus olhos, estou hipnotizada. — E eu sei que você me quer também, e quando você quiser me beijar, minha boca será toda sua.

Oh, espíritos protetores, não façam isso comigo.

Quero. Eu quero beijá-lo, Lucca, quero muito.

Fico tão próximo de sua boca que posso sentir a respiração dele. Minha posição já está me deixando desconfortável, mesmo assim não quero sair de perto dele. Ele é lindo demais, gostoso demais, sexy demais.

— Honna. — Consigo escutar sua voz, mas não consigo responder. Estou paralisada, estou sendo uma imbecil, estou completamente louca!

— Oi. — Oh, Deus, finalmente reajo, o transe acaba, então me ergo e me afasto. — Posso ir?

Preciso vestir uma roupa, está frio aqui e estou molhando seu pijama com os pingos dos meus cabelos.

— Se dependesse de mim, você estaria deitada debaixo destas cobertas, sem essa toalha, mas infelizmente não sou dono das suas vontades.

Você que pensa. Ainda bem, senão estaria perdida de vez.

— Lucca, pare de me dizer essas coisas. Acho melhor parar ou irei pedir para seu pai me substituir. — Aperto o nó da toalha, junto meu resto de coragem e viro-me. Dou só dois passos.

— Não posso prometer que farei isso, como também não posso prendê-la a mim,

nem aqui. Não quero que se vá, mas se você não estiver à vontade com as minhas confissões, é seu direito ir embora.

— Você tem uma noiva, é para ela que tem que dizer essas coisas. — ainda de costas, digo e começo a caminhar.

— Não amo mais a Suzanne. Só não a deixei ainda porque me importo com a saúde dela, devo esses cuidados a ela por tudo o que ela passou enquanto eu estava em coma. No entanto, não consigo esconder o que sinto por você.

— Então deixemos as coisas do jeito que estão. Fique com sua noiva, e quando você for livre, e se ainda sentir algo por mim, voltaremos a conversar. Por enquanto, respeite minha vontade e respeite sua noiva.

— Que inferno, Honna!

— Deixe as coisas acontecerem, Lucca, tudo tem seu tempo. Então, deixe-me fazer meu trabalho, que é cuidar de você. Por favor, não quero deixá-lo também, mas se continuar me dizendo essas coisas, serei obrigada a ir embora.

— Honna, volte aqui. Caralho! Honna, não faça isso, não me deixe falando sozinho.

Eu o deixo. Tranco a porta e me jogo na cama. As lágrimas saltam dos meus olhos, juntamente com toda a explosão de sentimentos que se misturam em meu coração.

Quando esse amor nasceu?

Em que momento eu me apaixonei tão desesperadamente por ele?

Eu deveria arrumar minha mala e ir embora enquanto ainda me resta um pouco de bom senso.

Era o que deveria ter feito antes de entrar no banheiro.

Sento-me, enxugo minhas lágrimas.

— Honna, por que você não escuta a voz da consciência?

Meu celular toca, procuro minha bolsa.

Olho o nome da pessoa e chego à conclusão de que é a voz da minha consciência.

— Emília, como adivinhou que precisava de um ombro amigo?

— Porque estamos sempre em sintonia, minha linda! O que foi? Está chorando? Foi a noiva do seu novo chefe?

Não sei explicar, mas eu tenho uma sintonia maior com a Emília do que com minha mãe. Se alguém me perguntasse de quem gosto mais, posso jurar que a Emília é a escolhida. Acho que é até pecado dizer isso, pois deveria amar mais aos meus pais do que a qualquer outra pessoa, mas tenho uma ligação de amor muito grande com a Emília e o Carlos, nosso coordenador do centro espírita.

Amo meus pais, os respeito, admiro, mas não existe essa ligação de cumplicidade que tenho com meus dois amigos. Com meus pais é algo mais biológico, com a Emília e o Carlos é mais espiritual.

— Honna, ainda está aí?

— Estou. — Respiro fundo. — Não é nada com a noiva dele, não. É com ele. As coisas estão acontecendo rápido demais e temo não conseguir ficar longe daqueles lábios tão convidativos.

— Eu sabia, sabia que havia uma ligação muito forte entre vocês. Honna, pense, minha linda.

Tudo aproxima vocês, é como se tivesse mesmo que acontecer.

Emília, desde que soube que o Lucca é o mesmo rapaz que fez comunicação em nossa reunião mediúnica, me avisou que temos uma ligação espiritual.

— Estou começando a acreditar nisso, e ele só piora as coisas.

— Ele sente o mesmo por você, não é?

— Acho que sim... — Jogo-me na cama, quero chorar outra vez. — Às vezes eu acho que estou vivendo um déjà-vu, principalmente quando estamos muito

próximos. São tão fortes as sensações. É

como se fôssemos imãs, entende?

— Sim. Se vocês são espíritos afins, não tem para onde correr, vocês estão tendo sensações de vidas passadas e isso é maravilhoso, Honna. Não são todos que têm a oportunidade de encontrar o parceiro celestial. Não fuja, talvez vocês precisem passar por isso, talvez precisem ficar juntos, mesmo.

— E talvez, não, talvez seja uma prova, hein?! O Lucca é noivo, e até antes do acidente ele era apaixonado por ela, estavam de casamento marcado. Meu Deus! E se não for para ficarmos juntos, se escolhermos seguir caminhos diferentes?

— E quem disse que seria fácil? Talvez tenha razão, talvez ele tenha que ter passado por tudo isso, talvez seja a prova para finalmente vocês ficarem juntos. Não pense muito. Se o sentimento de ambos está tão forte a ponto de não conseguirem ficar longe um do outro, se tudo que fazem sempre os aproxima, então, minha linda, lute, mas esteja preparada, as coisas nunca são fáceis.

— Eu sei, estou vivendo isso no momento. Ele, noivo, em uma cama, e eu cuidando dele, cheia de vontade de me jogar em seus braços. Oh, vida cruel...

— A dificuldade torna a jornada mais proveitosa. Se fosse fácil, não teria graça.

— Eu o amo, Emília. Amo! O que eu faço?

— Seja forte, minha linda. Ele é seu, e você é dele, mas no momento certo, por enquanto, cuide dele, o resto o Universo cuidará.

— O que seria de mim se não fosse você?

— É por isso que a conheci. Agora, fique firme com o seu amor de outras vidas. E a propósito, quarta-feira estarei aí na porta da mansão para pegá-la, às dezenove horas. Beijos, minha linda!

— Beijos.

Desligo. Emília tem razão, tenho que cuidar do Lucca, e se tiver que acontecer algo entre nós, o Universo irá continuar conspirando a favor.

Destino? Acaso?

Que seja. Mas por enquanto, só serei a enfermeira contratada para cuidar do senhor Lucca Stein.

Por enquanto.

Saio do quarto com meu uniforme de enfermeira, cabelos presos no alto da cabeça e com todo material necessário para cuidar do meu paciente. Sei que os olhos curiosos e devoradores dele me observam em todos os ângulos. Passo diante de Lucca, mas não paro, sigo direto para as cortinas que ladeiam todo o interior do quarto. De alguma forma até tento abri-las, até que de repente elas se abrem como por mágica.

— Deveria ter perguntado como se abre as cortinas, ou deveria ter entendido que tudo neste quarto é controlado eletronicamente.

— Idiota! — sussurro.

— Escutei isso, Honna. — Ele está se divertindo e eu estou fula com ele.

— Bem, bem, bem, acho que minha enfermeira está de mau humor, acertei? — Ele ri enquanto a cabeceira da cama se levanta.

— Não estou mal-humorada, só estou fazendo meu trabalho, e você deveria ter me avisado que as cortinas se abrem com controle remoto. — Sem encará-lo começo a abrir as enormes janelas. —

Por favor, desligue o ar-condicionado. Você precisa de um pouco de ar fresco natural.

Sigo até ele e destravo as rodas da cama, empurrando-a até chegar perto das janelas, de onde ele pode ver um pouco do jardim. A tarde não está quente, nem fria, a chuva já passou e o sol das dezesseis está gostoso.

— Nossa! Que lindo! — Olho para ele, seus olhos brilham pelo prazer de admirar a linda paisagem. Realmente, o jardim bem cuidado é divino. — Só valorizamos as coisas quando quase a perdemos, não é verdade? Vivo nesta casa desde quando era um adolescente, e nunca prestei atenção no jardim. Quando jovem, vivia apressado para sair com os amigos, e depois, quando adulto, nunca

tinha tempo. Precisei ficar preso em um quarto de hospital para apreciar o que me cerca do lado de fora daquelas paredes frias.

Visto as luvas, aproximo-me e retiro o cobertor que o cobre. Dispo-o de suas meias e começo a fazer movimentos em seus dedos, para cima e para baixo.

— Sente isso? — Faço pressão com meu polegar no centro da planta de um dos pés dele.

— Sim, sinto, faz cócegas. — Faço o mesmo com o outro pé. — Também sinto. — ele responde antes mesmo de eu perguntar. — Honna, não precisa ficar tão séria, nem precisa se vestir como uma velha chata.

Quero rir, mas não lhe dou essa ousadia e continuo séria, sequer olho para ele, apenas faço meu trabalho.

— E aqui, o que sente? — Seguro sua perna direita e a flexiono um pouco. Ele havia dito que só estava movendo um pouco o lado esquerdo.

— Sua mão macia em minha pele, gostaria de senti-la em outras partes do meu corpo.

Solto a perna rapidamente e ela cai sobre o colchão, fazendo um barulho. Imediatamente me arrependo de ter feito isso. Ele solta um palavrão.

— Caralho! Está tão zangada assim? Porra, Honna! É melhor enfiar a mão na minha cara.

— Que bom que reagiu, é sinal de que já sente dor no lado direito do corpo.

— Sádica! — Ele faz uma careta de dor. Acho que exagerei. — Não retiro uma letra da frase que acabei de dizer, e acrescento: aguentaria todas as suas torturas se pudesse beijá-la outra vez.

Aplico um pouco mais de força nos movimentos dos dedos do pé esquerdo.

— Caralho, Honna! Isso dói, porra!

— Jura? Não estou sentindo. Acho melhor o senhor ficar de boca fechada, deve ser por isso que está sentindo dor. — ironizo.

— Acho que estou apaixonado por uma monstrinha.

Puxo o dedão do pé dele com força.

— Honna, pode quebrar todos os meus ossos, se isso a agrada, não me importo. Só tem um jeito de calar a minha boca... — Continuo com os exercícios, finjo-me de morta. — Se quiser me calar, junte sua boca na minha, é a única maneira

de me silenciar.

Não digo nada. Sigo para o próximo passo, as mãos, faço os movimentos que o Beto me ensinou e os que aprendi em minhas apostilhas sobre fisioterapia em pacientes que estão em reabilitação de um coma.

Depois dos braços minhas mãos chegam ao pescoço dele. A partir daí tudo fica difícil. Ele me encara.

— Honna, olhe para mim. — pede, mas não olho. Meus olhos estão na curva de seu pescoço. —

Honna, desculpe-me, sei que sou um idiota. É que ficar perto de você e não poder tocá-la é torturante demais.

— Lucca, não torne o meu trabalho difícil. Neste momento sou sua enfermeira e você é meu paciente, portanto, se quiser que continue meu trabalho, sugiro que mantenha seus pensamentos para você, ou irei embora, falo sério.

Ele me encara, seus olhos lindos fixados nos meus, implorando para que eu me aproxime, meu coração louco para obedecer. Já estou prevendo uma luta indomável entre meu coração e minha consciência.

Rapidamente desvio meus olhos e volto a fazer meu trabalho.

Estou calçando as meias do Lucca quando a porta do quarto é aberta e Suzanne entra apressadamente. Ao me ver, fica pálida e para estática, no lugar.

— O que esta mulher está fazendo aqui? — A pergunta tem um tom odioso, ela dá alguns passos em minha direção e eu dou alguns para trás. — Não quero nem saber o que veio fazer aqui. Seja o

que for, acabou, você irá embora agora mesmo.

Ela vem em minha direção, pronta para fazer não sei o quê.

— Nem mais um passo, Suzanne! — Escuto a voz dura do Lucca. Encaro o rosto contrariado dele, acho que se ele pudesse ficar de pé e andar, Suzanne já estaria fora do quarto. — Atreva-se a tocar nela e verá o quanto posso ser cruel.

— Está falando sério, Lucca? Vai ficar do lado dessazinha aí, de novo? — Ela aponta o dedo para mim e me olha com despeito.

— Seu nome é Honna e é minha enfermeira, trate-a com respeito se quiser continuar vindo me visitar.

Fico firme no lugar, chego até a ficar com dó da Suzanne. Sinceramente, não gostaria de ver aquele olhar frio, duro, sem emoção em minha direção. Aquele Lucca que encara a Suzanne não é o mesmo que eu conheço.

— Lucca, sou eu, a Suzanne, sua noiva, não me trate assim. Por que está sendo tão duro comigo?

Custa contratar outra enfermeira? Custa fazer minhas vontades? Não gosto dela, ela quer conquistá-

lo, se já não conquistou. Vai mesmo ficar do lado dela?

— Senhor Lucca, vou deixá-los a sós. — Limpo a garganta, a situação está ficando constrangedora, o melhor a fazer é ir para o meu quarto ou para o jardim.

— Você fica! — ele quase grita, chego até a me assustar. — Continue o que estava fazendo.

Não consigo me mexer. Olho para a figura desconsolável da Suzanne, dos seus olhos saltam lágrimas, está trêmula, eu sei que mais da metade de toda essa emoção, é raiva. Se ela pudesse, me aniquilaria. Mas, mesmo assim, sinto por ela. Não queria receber tanta frieza do homem que amo, não suportaria isso, então sei mais ou menos o que ela está sentindo.

— Eu não mereço isso. Não mereço, Lucca. — Ela sai correndo para fora do quarto, batendo a porta atrás de si.



Capítulo 18

Suzanne saiu do quarto aos prantos, não senti nem um pingo de remorso. Se fosse a algum tempo atrás, ela já estaria em meus braços sendo consolada, e certamente faria todas as suas vontades. Hoje, tudo mudou, não sei explicar meus sentimentos em relação a ela. Lembro-me perfeitamente do nosso relacionamento, era muito bom, adorava estar ao seu lado e adorava muito mais o sexo, nesse ponto é o que sinto falta. Ela é muito boa sexualmente. Sei que fizemos planos de nos casarmos e sei que é isso que ela espera, no entanto, quando acordei do coma ela não veio comigo, e juro que se ela deixasse de existir, não teria sentido sua falta.

O último mês foi um dos piores, pois precisei fingir que me importava com ela, fingir que ainda tínhamos um relacionamento, e o pior, fingir que gostava de seus beijos, seus carinhos e suas carícias.

Não gosto de fingir.

Principalmente agora, que a Honna está aqui.

— Lucca!

Respiro fundo e os meus olhos são direcionados para o rosto assustado e confuso da minha linda enfermeira.

— Desculpe por tudo isso, Honna. Eu pensei que o papai tivesse conversado com a Suzanne, ele havia me prometido fazer isso antes de chamá-la para vir

para cá.

Não gosto do seu olhar tristonho. Não sei explicar, mas se pudesse eu a protegeria de todas as dores e decepções do mundo.

— Você foi muito duro com ela. Sinceramente, se fosse eu, já teria jogado aquele anel em sua cara.

— Ainda bem que você não é ela. — Fecho os olhos e respiro fundo, sentindo-me cansado.

Confesso, também não estou gostando dessa situação. — Eu sei como você está se sentindo, e não gosto de magoar ninguém, principalmente você. Estou cansado, Honna. Cansado de enganar a Suzanne.

— Lucca, se não quer mais se casar com ela, então a deixe. É melhor fazer isso a magoá-la desse jeito, doerá menos.

— Se eu pudesse faria isso agora mesmo, Honna, mas eu não posso, ela está doente, papai me contou que sofreu um aborto enquanto eu estava em coma e isso mexeu com sua cabeça.

— Meu Deus! Eu não sabia, Lucca, isso é sério. Se ela está com depressão você precisa ter muito cuidado com o que fala. Essa doença é uma porta para vários... digo, vários outros problemas.

— Eu sei, por isso ainda continuamos noivos. Ela está se consultando com um psiquiatra e usando medicação controlada. Quando o psiquiatra nos disser que ela está pronta para aceitar o término do nosso relacionamento, conversarei com ela. Mas confesso, Honna, não está fácil fingir

que estamos bem. Acho que no fundo ela sabe que não estamos, às vezes eu acho que ela está usando a depressão para me prender a ela.

Percebi isso no segundo dia em que a Honna deixou de ser minha enfermeira no hospital. Estava fulo da vida porque eu sabia que havia sido Suzanne a responsável pelo afastamento da Honna, então, todas as vezes que ela tentava se aproximar de mim, eu a evitava. Não queria mais ter intimidades com ela, que começava a chorar e a dizer que era melhor morrer a conviver com a minha indiferença.

Então eu a chamava e ela se deitava ao meu lado, começava a me beijar, passar a mão em meu corpo, me masturbar, e quando percebia que meu pau sequer endurecia, ela pegava minha mão e a levava para sua vagina, e era assim que ela gozava. Ela introduzia meus dedos em sua abertura e guiava os movimentos. Eu só fechava os olhos e pedia em pensamentos que ela gozasse logo, porque não sentia nada, só nojo.

Esses sentimentos foderam a minha cabeça, pois antes eu ficava duro só com uma sacanagem que ela articulava, e agora, todas as vezes que temos algum envolvimento, fico enojado. Cada toque, cada beijo, me dá vontade de vomitar.

— Lucca, você está bem?

A doce voz da Honna me traz de volta à realidade.

— Estou um pouco cansado, acho que por hoje chega de emoção. Preciso dormir um pouco.

Você se importa de ficar sem minha voz por algum tempo?

— Não seja bobo. Estou aqui para garantir sua recuperação, portanto, trate de descansar, estarei aqui do seu lado, vou aproveitar para ler um pouco.

— Qual livro está lendo? — Lembro-me das nossas leituras noturnas. Quando ela foi embora, foi difícil me acostumar ao silêncio da noite, e isso fazia com que eu demorasse a adormecer.

— Cidade dos Deuses. — ela sussurrou.

— O nosso livro? Pensei que já houvesse terminado. Em que capítulo parou?

— No mesmo capítulo que li para você dá última vez. Sem você não tinha graça, então desisti dele.

Se ela soubesse o quanto fico feliz por saber que ela não quis continuar a leitura sem mim...

— Você pode lê-lo agora? Sua voz acalma meu espírito.

Percebi seu riso tímido e ela até tentou disfarçar a felicidade, mas o brilho dos

seus olhos a entregou.

— Tem certeza?

— Ande logo, vá pegar o livro. — Saiu às pressas, parecendo uma criança em busca de seu brinquedo favorito.

— Paramos no capítulo onze, lembra dele?

— Sim, claro que lembro. Se quiser, posso fazer um resumo de tudo que você leu, quer?

— Não precisa, sei que você está gostando da história. Quando não gostamos do que lemos, não lembramos de quase nada. — Ela pega uma cadeira. Este é o melhor momento, sei que se sentará

bem perto de mim. — Pronto? Quer alguma coisa?

Sim, um beijo, e que se deite ao meu lado.

Sonha, Lucca.

— Não, está tudo perfeito, comece.

Ela ajeita-se na cadeira, limpa a garganta, olha para mim, sorri e começa a leitura.

— Após a oração matinal...

Fecho os olhos e viajo nas palavras serenas soletradas pela interlocutora. Antes da Honna só havia lido um livro de romance e isso foi no ensino médio, pois fui obrigado a fazer uma resenha valendo nota, e como o professor de literatura sabia que pagaria pela resenha de algumas das meninas que viviam suspirando por mim, ele me obrigou a ler o romance, capítulo por capítulo, no último horário, então, todos os dias, eu tinha que me apresentar na sala dos professores e ler um capítulo, e lá mesmo fazer um rascunho da leitura. Ele ficava com uma cópia só para ter a certeza de que no final não mudaria uma vírgula.

A leitura flui com Honna e passamos para o próximo capítulo. Fazemos pausas para conversarmos sobre o que acabamos de ler, ela com suas conjecturas e eu

com as minhas, mas no final sempre concordamos em tudo.

— Boa noite! — nos saúda meu pai, parado na porta de entrada. — Posso entrar?

Honna, assim que o escuta, põe-se de pé imediatamente. Percebo o nervosismo, tenho certeza de que o motivo é por estar sentada tão próxima a mim, e por estarmos sorrindo alto, com nossas próprias conjecturas sobre os personagens secundários do romance.

— Oi, pai. Faz muito tempo que chegou?

— Uns quarenta minutos. Não vim vê-lo antes por que pensei que estivesse descansando. — ele explica e olha para Honna. — Gostou do seu quarto, Honna? Se quiser mais alguma coisa, é só pedir.

— Está tudo perfeito, senhor Felipo, o quarto é lindo e quero aproveitar para agradecer o carinho. Como o senhor sabia que gosto das flores copos de leite e do tom azul?

— Não fui eu o responsável pela decoração, foi o Lucca, ele quem escolheu tudo.

Deus! Ela fica envergonhada e isso a torna muito mais linda. Não é que eu tenha adivinhado sua cor favorita e a flor predileta. Sou uma pessoa muito observadora, os dias em que ela ficou no hospital, pude notar que em suas roupas por baixo do jaleco branco, tinha sempre algo no tom azul.

Quanto à flor, escutei uma vez uma conversa que ela estava tendo com alguém, acho que pediram sua opinião sobre a escolha de flores e ela disse que se fosse para ela, iria amar ganhar copos de leite.

Guardei a informação sem saber que um dia iria usá-la.

— Honna, você já conhece a casa?

— Não, ainda não tive a oportunidade de conhecê-la.

— Não acredito que está trancada neste quarto desde que chegou!

— Ela estava cuidando de mim, papai. — Ele quer algo, eu o conheço. Certamente está querendo ficar a sós comigo e resolveu encontrar uma maneira de fazer isso sem ser mal-educado

com a Honna.

— Eu sei disso, mas já estou em casa, então podemos dar uma folga para a Honna. — Ele vai até o telefone. — Ruth, venha ao quarto do Lucca, por favor.

Não demora muito e a Ruth entra no quarto.

— Leve a Honna para conhecer a casa. — meu pai pede. — Depois leve-a para conhecer nosso jardim e a sala de fisioterapia que fizemos para o Lucca.

Eu leio a expressão corporal da Honna, ela percebeu a intenção do meu pai. Não sei por que, mas fico preocupado com olhar vago que ela oferece a mim.

A porta se fecha e papai vai até a geladeira, pegando uma garrafinha de água.

— Quer um pouco? — Assinto, balançando a cabeça, ele enche um copo com o líquido, pega o canudo e leva à minha boca. — Quer mais?

— Não, agora desembucha. O senhor não fez toda aquela encenação só para a Honna conhecer a nossa casa. Ela poderia fazer isso amanhã. O que foi?

— A Suzanne está no hospital, sabia? Claro que não sabia. Você não se importa com ela, não é mesmo? Se não fosse o Othon, ela teria feito uma besteira.

— Papai, calma aí, vai devagar. Não tenho como ficar atrás da Suzanne, acho que dá para perceber.

Mostro minha situação corporal com o olhar. Ser acusado desse jeito está me tirando do sério.

Não quero brigar com o papai, mas às vezes ele protege a Suzanne demais, dá vontade de lhe dizer para ficar com ela, já que está tão preocupado.

— Sim, claro que não pode, mas pode tratá-la com um pouco mais de respeito. Soube dos gritos entre você e ela hoje à tarde. O que pensa que está fazendo? Quer que ela se mate, é isso?

— Claro que não quero isso, mas não posso aturar a falta de educação e os chiliques dela. Ela precisa saber que existem limites. Qual é, pai, o senhor sabe o que ela fez?! Claro que não sabe, é mais fácil me acusar.

— Lucca Stein! — Ferrou, ele me chamou pelo nome completo. — A Suzanne ainda é sua noiva, e ela está com um problema sério de saúde. Aquela moça é um pavio curto e a qualquer hora tudo pode ir pelos ares. Entenda isso de uma vez por todas! Você deve isso a ela, não vai descartá-la como uma roupa velha. Você vai cuidar de sua noiva e da melhor forma possível, dará amor, carinho, e toda sua atenção. O que aconteceu com ela foi sério, perder um filho não é como ter um resfriado e depois só tomar uma vitamina C e pronto. Ela é sua responsabilidade, não interessa se você a ama ou não. Vai cuidar dela até que esteja equilibrada emocionalmente para que possa dispensá-la, estamos entendidos?

Engulo em seco. Estamos um olhando para o outro e ele fala sério. Não é que não me preocupe com a Suzanne, claro que me preocupo, mas não posso mais fingir algo que não sinto, e cuidar da Suzanne do jeito que o papai está impondo é fingir que ainda estamos noivos e a amo. E os meus sentimentos, quem se importa com eles?

— Entendi. Não se preocupe, vou me policiar de hoje por diante.

— É bom mesmo, porque a partir de hoje a Suzanne vai ficar nesta casa. Ela não está bem para morar sozinha, então o Othon foi buscá-la no hospital, já devem estar chegando, então trate de ser carinhoso com sua noiva. Eu disse *noiva*, não amiga. Ela sabe a diferença entre uma coisa e outra, entendeu?

— Não! Aqui em casa, não! O senhor sabe perfeitamente que ela não gosta da Honna, e vá por mim, se a Suzanne faltar com respeito com ela, não terei paciência. Acho melhor ela voltar para a casa dos pais, afinal, ela tem família...

— Cale-se, Lucca! A Suzanne vai morar aqui e já está resolvido. Se vire quanto à sua enfermeira, só não seja estúpido com sua noiva por causa de outra mulher, e tenha cuidado com seus sentimentos. A Honna é a sua enfermeira, nada mais do que isso. Trate de domar o seu pau, porque querendo ou não, a Suzanne ainda é sua mulher, então a respeite.

— Pai, não sou mais criança e não preciso do seu consentimento para nada. Não amo mais a Suzanne e posso até fingir que somos noivos, mas não posso fingir o

que sinto, portanto, não vou domar o meu “pau” nem meu coração, e chega desse assunto. Se quer que a Suzanne more aqui, por mim tudo bem, mas espero que o senhor tenha essa mesma conversa com ela, exija que respeite a Honna, ou não serei tão amoroso com ela caso faça algo que magoe a Honna. Estamos entendidos?

Se fosse dono dos meus movimentos, essa seria a deixa para sair do quarto e deixá-lo falando sozinho, mas, infelizmente, estou preso em uma cama e sou obrigado a ficar e a escutar todos os absurdos que vêm da boca do papai.

Já ia argumentar outra vez, quando novamente a porta do meu quarto é aberta. Penso até que seja a Honna e até sinto alívio, mas ao escutar a voz da Suzanne minhas esperanças de paz caem por terra.

— Posso entrar? — Pelo menos ela está calma, deve ter tomado um dos seus remédios.

— E desde quando você precisa de permissão para entrar no quarto do seu noivo, minha querida? Venha cá. — Ele sorri para ela enquanto abre os braços para recebê-la em um abraço fraternal. — Com você está? E o Othon, cadê ele?

— Estou bem. O Othon está no jardim, foi conversar com a enfermeira do Lucca. Ele está todo babão para o lado dela. Não vejo graça naquela...

A última palavra sai sussurrada, mas a bem da verdade, só escutei as primeiras, e foram essas que me preocuparam. Não gosto de saber que o meu primo está de conversa com a Honna. Ele não é confiável, e além disso é invejoso, sempre quer tirar proveito de tudo que me pertence. A única por quem ele não se interessou foi a Suzanne, já que não a suportava, vivia dizendo que era fingida e interesseira, mas eu acho que ele não quis nada com ela porque a própria tinha aversão a ele. Até acho estranha essa amizade tão repentina. Bem, não posso nem afirmar que seja repentina, eles tiveram meses para se aproximarem. Ele bem que poderia ter se interessado por ela, seria até um alívio.

— Bom, vou deixá-los a sós. — meu pai diz. — Vai lá, corra para os braços do seu noivo.

Não, papai, não faça isso, não me force a abraçá-la. Ele entende meu olhar de insatisfação, mas não se importa, simplesmente vira as costas e sai de mansinho, fechando a porta atrás de si.

Suzanne vem correndo em minha direção e quando dou por mim já está deitada do meu lado. Se

ela realmente fez alguma besteira que precisou ir parar em um hospital, se recuperou rapidamente.

— Amor, você me perdoa? — Faz aquele bico de mulher dengosa, lembro-me que adorava este gesto, mas hoje, não suporto. — Sei que falei merda, mas você tem que entender que estou insegura, depois que você acordou está me tratando de forma tão indiferente... Você não me ama mais?

Não, não a amo mais, já deveria ter percebido isso.

— Não é isso, Suzanne. — Sou um covarde, eu sei. — Olhe para mim, estou meio morto para a vida, dependente dos outros para tudo. Não é fácil, entenda isso.

— Eu entendo... — Mentirosa. — Mas, é... você se lembra como eu era importante para você?

— *Claro que lembro, só que agora não é mais*. — Às vezes eu nem precisava pedir algo, você só precisava me olhar e já adivinhava, sinto falta disso. — Ela sente falta de ser o centro da minha atenção, é isso. — Quero meu Lucca de volta. — Impossível! Seu Lucca ficou preso na outra dimensão do meu coma. — Quero *ele* de volta.

Ela enfia a mão dentro da minha fralda – ainda estou usando esta merda – e fico com vontade de tanger sua mão, mas só fecho os olhos e a deixo saciar sua vontade.

— Suzanne, pare, você sabe que ele não vai subir, não quero que fique magoada pensando que não a desejo.

Sou um filho da mãe mentiroso, mas não estou nem aí para o que ela sente.

— Deixe-me colocá-lo na boca, talvez assim ele endureça. — ela sugere.

Se fosse um filho da put... a deixaria fazer isso. Talvez minha fralda esteja cheia de merda e ela logo sentirá o fedor, mas não sou um sacana escroto.

— Suzanne, estou de fralda. Não está sentindo a porra de uma mangueira enfiada no meu pau?

Quer mesmo ver isso? Como vai fazer um boquete desse jeito?

— Posso lamber *ele*, só quero satisfazê-lo, quero que se sinta homem novamente.

Quando foi que disse que não me sentia homem? Ela acha mesmo isso?

— Suzanne, não me sinto menos homem só porque meu pau não endurece. Eu sei que logo voltarei ao normal, não precisa me masturbar.

Cada movimento da sua mão nas minhas partes baixas faz meu estômago embrulhar. Não consigo entender essa repulsa que sinto por ela, nós éramos muito bons na cama, ela me dava um tesão do caralho, era só pensar no seu corpo nu que ficava de pau duro.

— Então me faça gozar, estou fervendo de tesão por você.

Ela se estica no colchão, pega minha mão e enfia dentro de sua calcinha, meu dedo médio em sua abertura, começando a movê-lo dentro e fora, e enquanto se masturba, a boca cola-se à minha.

— Isso, amor, me fode gostoso. Que saudade de você, nossa! Não vejo a hora de sentir seu pau grande dentro de mim... — articula enquanto morde minha língua.
— Você sente a minha falta. Sente falta da minha boceta.

Não, não sinto, quero que você saia do meu quarto.

— Você sabe que sinto. — digo, lembrando-me do meu pai pedindo para eu ser gentil com ela.

Então eu minto.

— Então, diga, diga que sente falta da minha boceta.

Ela geme alto, soltando minha boca. Se eu disser o que ela tanto quer ouvir, a farei gozar logo, assim me deixará em paz. Então, por que não mentir?

— Suzanne, sinto falta da sua boceta...

— Humm... Oh... diz de novo. Vou gozar, amor...

— Sinto falta da sua boceta... muita falta.

— Oh, Deus! — Ela arqueia o corpo e, ao mesmo tempo que ofega alto, escuto um grito de surpresa.

Olho em direção à porta e a vejo. Seus olhos enevoados e decepcionados. A surpresa por vê-la parada no meio do quarto, olhando para meu rosto, e as lágrimas saltando dos seus olhos, são suficientes para encontrar forças para puxar minha mão de dentro da calcinha da Suzanne.

— Amor, ainda estou gozando... — Suzanne ergue a cabeça, e quando percebe que não estou olhando para ela, vira o rosto na direção do meu olhar. — Meu Deus! Você não tem o costume de bater antes de entrar no quarto dos outros?

Suzanne desce da cama, passa as mãos na saia e nos cabelos.

— Desculpem-me, volto outra hora. Eu não sabia que...

Ela já está saindo quando Suzanne começa a caminhar em direção à porta.

— Não precisa. Você já atrapalhou nossa foda, vá limpar o Lucca. Afinal, é paga para isso. —

Suzanne olha para mim, está sorrindo de satisfação, percebeu que a Honna está chorando. A filha da mãe conseguiu o que queria. Me fez magoar a mulher que eu amo. — Depois do jantar volto para dormir com você.

Ela diz e penso que não vai mesmo.

— Não, Suzanne, já chega de emoções por hoje. Preciso descansar. Até amanhã.

— Mas, Lucca...

— Até amanhã, Suzanne. — Olho para Honna, que está de cabeça baixa. Preciso fazer alguma coisa, antes que ela dobre os joelhos, pois eu sei que está prestes a desabar. — Tchau, Suzanne.

Estou sentindo dor, preciso que a Honna me examine. Vá embora.

— *Tá, tá*, já estou indo. — Ela sai, e quando escuto a porta se fechar, a tranco.

— Honna, venha cá. — Ela continua em pé, de cabeça baixa. — Honna, venha cá, por favor.

— Não, não quero chegar perto de você. Só estou tomando fôlego para criar coragem e ir arrumar minhas coisas. Não fico nem mais um segundo com você, foi um erro aceitar esse emprego, não posso...

Ela respira fundo e sai correndo em direção ao seu quarto.

— Caralho! Honna, o que você viu não era eu quem estava fazendo, era ela. Ela estava segurando a minha mão, e o que eu disse foi apenas para me livrar dela. Pelo amor de Deus, acredite!

— Respiro fundo e tento escutar algum som vindo do quarto dela. — Honna... Meu pau nem sobe, não sinto desejo por ela, não sei o que é uma ereção desde que sofri o atentado. Se não acredita, venha vê-lo.

Só escuto coisas caindo no quarto. Ela vai mesmo embora e não vou poder fazer nada, não vou poder impedi-la, porque estou preso nesta cama maldita.

— Honna, não me deixe. Por favor, não me deixe.

Tudo fica em silêncio, então escuto as rodinhas da mala. Ela vai embora de verdade.



Capítulo 19

Escuto sua respiração pesada, ela está vindo e eu preciso reagir, preciso impedi-la de ir. Então reúno todas as forças que eu tenho e consigo mover minha perna esquerda, depois meu braço, e viro-me, caindo no chão. É a dor mais terrível do mundo, mas se isso a impedirá de ir embora, vai valer a pena.

O barulho do meu corpo de encontro com o chão é assustador e muito dolorido.

— Lucca! Ficou louco? — Ah, valeu a pena, como valeu. Em poucos minutos estou em seus braços, vendo seus olhos lindos molhados de lágrimas. — Por que fez isso?

— Porque não quero que se vá, porque você é a única mulher que eu quero que me toque, porque eu a amo e não posso ficar longe de você. — Fecho meus olhos de dor. Caí por cima do meu braço direito e a dor é insuportável.

— Lucca, será que não vê que não há chance para nós dois? Mesmo que eu diga que o amo, nossa relação não poderá acontecer. Você ainda está preso à sua noiva e ela precisa de você. É

errado, não podemos continuar com isso.

— Cale-se e me beije. — a interrompo, e mesmo morrendo de dor, consigo levantar meu braço esquerdo e envolver meus dedos em seus cabelos, puxando sua cabeça na direção de minha boca.

Não é bem o beijo que eu queria dar, mas é o suficiente para roubar-lhe o fôlego. Quando ela se afasta, está chorando. — Só quero você, Honna, só você. Não quero outra mulher me tocando, nem outra boca me beijando, e será você, só você, a única mulher que me deixará de pau duro. Sinta-o, toque nele.

Um pouco reticente, mas com a minha insistência, ela toca e ele pulsa, mesmo preso em uma maldita fralda e com uma mangueira enfiada nele. A dor da ereção é real, e eu quase solto um grito.

— Caralho! Meu pau está doendo *pra* cacete... — Ela afasta a mão enquanto seus olhos me encaram com preocupação.

— Preciso de sua ajuda para levantá-lo do chão, ou precisarei chamar alguém.

Ela limpa as lágrimas com o dorso da mão, mas continua triste e não gosto de vê-la assim.

— Eu ajudo, mas só se prometer que não vai me deixar, e que a partir de agora não fugirá de mim. Não me importo com mais nada. Se preciso fingir que gosto de minha noiva, fingirei. Mas não fingirei para você que a amo mais do que tudo e que você é a única mulher a quem pertenço. Promete que ficará?

— Ajude-me, Lucca. Preciso trocar a sonda, você fez a maior sujeira. — Ela olha por cima dos meus ombros. — Tem xixi por todos os lados do quarto. Não está sentindo o cheiro?

— Merda! Desculpe-me, mas não vi outro jeito de chamar sua atenção. — Eu quero beijá-la, então aproveito que seu rosto está próximo e roubo outro beijo. E este é o melhor dos beijos, pois suas mãos circulam minha nunca e eu posso sentir, finalmente, o doce sabor de sua língua. — Lucca,

preciso levá-lo para cama. — Ela diz, quase sem fôlego.

— Só mais um, só um...

— Lucca, depois eu lhe dou quantos beijos quiser, e depois dos beijos conversamos, mas agora só preciso que me ajude.

Ela põe meu braço que não está muito bom ao redor de seu pescoço, eu me apoio na perna esquerda e meu braço esquerdo se apoia na barra da cama, e depois de

três tentativas frustrantes, consigo me levantar.

— Podemos dançar, se quiser. — Digo, sorrindo e encarando seu rosto lindo.

— Engraçadinho! Ainda não acabou, agora tenho que colocá-lo na cama.

Meu corpo grande se apoia em seu corpo pequeno. Desde que acordei do coma, esta é a primeira vez que fico de pé, que sinto o chão embaixo de mim, e não quero voltar para a cama. Quero andar pelo quarto, quero continuar abraçado ao corpo dela, sentindo seu cheiro.

— Lucca, eu preciso levá-lo para a cama. Você está todo sujo de xixi, não sei por que o hospital não retirou esta sonda.

— Eu acho que os enfermeiros preferem cheiro de merda ao de mijo. — E eu lá me importo se estou todo mijado? Só quero ficar de pé, com ela me segurando.
— Honna, quero ir ao banheiro, quero tomar banho no chuveiro, é possível isso?

Ela fica me encarando como se estivesse pensando em um meio de realizar meu desejo.

— Será que você consegue ficar sentado em uma cadeira de rodas?

— Não sei, só fico sentado na cama. O fisioterapeuta nunca tentou me deixar sentado sem apoio, mas estou de pé, mesmo que seja em uma perna só. Já é alguma coisa, não é?

— É. Então preciso ser rápida, porque não sou tão forte assim, não dá para ficar sustentando seu peso com o meu corpo. Minha coluna já está reclamando. Venha, preciso de você e da sua perna boa, vamos até aquela cadeira.

Vamos nos arrastando até a cadeira, então finalmente chegamos e ela me coloca sentado. Estou zonzo, minha lombar dói, formiga, minha perna quase boa começa a ficar dormente e não sinto nada no lado direito do meu corpo, mas estou feliz.

— Consegue ficar sozinho enquanto eu pego a cadeira de rodas adaptada? — Assinto com a cabeça, ela me olha de um jeito que demonstra estar preocupada.
— Tem certeza de que está bem?

— Tenho, vá logo, antes que eu desmaie. — Ela faz cara de brava. — Estou brincando.

Não estou, minto, e vejo pontos brancos diante dos meus olhos.

Ela vai até a cadeira de rodas. Há duas; uma normal e a outra adaptada para banho.

Sentado é mais fácil de ela me colocar na cadeira de rodas. Finalmente entro em um banheiro depois de meses.

— Vou despi-lo. Se ficar constrangido é só fechar os olhos.

— Não fico mais constrangido. Você já sabe meus verdadeiros sentimentos por você, então, se

eu ficar de pau duro, não se assuste, é muito tesão por uma mulher linda, cheirosa e gostosa.

— Isso não é hora para gracinhas. Você precisa de um banho e depois vou precisar retirar a sonda do seu pênis, e limpá-lo, mas isso dói, então não precisa bancar o machão, entendeu?

— Sim, senhora. Vai limpar minha bunda também?

— Agora não preciso mais, você tem um banheiro que fará tudo isso. Só terei que retirar sua fralda e jogá-la fora, o restante aquelas coisas ali farão. Bem-vindo à sua vida, agora ninguém limpará sua bunda, Lucca Stein.

Estou nu, sentado em uma cadeira de rodas, e finalmente posso ver meu pau outra vez. Vê-lo com uma mangueira enfiada nele é extremamente broxante. Peludo, murcho... Esse não é o meu pau.

Não mesmo.

— Lucca, está tudo bem? — Honna me flagra olhando fixamente para minhas partes baixas.

— Isso aqui está horrível! Que miséria é essa? Preciso rapidamente de um serviço de depilação íntima. — Ergo a cabeça e encaro o rosto delicado de

Honna, ela parece estar se divertindo com meu desespero. — Como você consegue olhar para isso? É horrível.

— Já estou acostumada, seu bobo. Agora venha...

— Espera um momento... Que história é essa? — a interpelo. Ela para o que ia fazer e fica me olhando com o olhar curioso. — Como assim está acostumada? Você anda vendo muitos paus, é isso que entendi?

— Hei, moço, se esqueceu que sou enfermeira e minha especialidade é UTI? Então estou acostumada a genitálias, sejam elas masculinas ou femininas. Portanto, pare de bancar o ciumento e vamos para o banho. Depois vamos retirar essa mangueira nada sexy do seu pênis não muito bonito.

Fodeu. Se ela está tentando me descontrair, não foi bem-sucedida.

— Saia, deixe-me tomar banho sozinho. Não quero que me veja assim. Saia, Honna, eu mesmo lavarei isso aqui.

Encaro, sem ânimo, o meu pênis.

— Deixe de faniquito, Lucca Stein. Vejo seu pênis há tanto tempo que já estou acostumada.

Então, pare de nervosismo.

— Honna, pare... — Ela liga a ducha principal e a água morna vem direto em minha cabeça. —

Ah, é guerra? Então tome! — Encho a boca de água e borrifo nela.

— Lucca, não me molhe, isso não tem graça. Ainda preciso secá-lo e cuidar do dreno.

Tento outra vez jogar água nela, mas ela se esconde atrás do vidro do box.

— Ok, ok, parou a brincadeira, eu me rendo. Preciso de ajuda — admito e estou mesmo precisando de ajuda. Meu corpo ainda está se adaptando à nova posição, e antes que eu desmaie, é melhor voltar o mais rápido para a cama.

— Lucca, respire devagar. — Ela percebe e entra no box sem se importar com jatos de água, agacha-se e me abraça.

Deus! Estou no céu!

— Honna, você está toda encharcada. Levante-se, estou bem, só preciso me deitar. Acho que chega de aventuras por hoje, não acha?

Ela está de joelhos diante de mim, olhando-me com seus olhos lindos e claros, um sorriso esticado nos lábios, e tão próxima do meu rosto que sinto medo de respirar para não a afastar de mim.

— Lucca, você tem o dom de me tirar o juízo, sabia?

— Não, mas agora que sei, pretendo tirar seu juízo todas as vezes que estiver próxima de mim.

E ela me beija. Não pedi, não implorei, simplesmente seus lábios encostam-se nos meus e o beijo acontece. É como se estivéssemos nos beijando na chuva, em pleno temporal.

Sugo sua língua para dentro da minha boca e dou suaves mordidas na carne macia e suculenta.

Ela faz o mesmo, e quando dou por mim está sentada em meu colo, acariciando meus cabelos e eu mordendo seus lábios. Sua boca se afasta da minha e quando já ia reclamar, sinto beijos por todo meu rosto, mordidas suaves em meu queixo, pescoço, orelha, um puxão em meus cabelos e um roçar leve de sua bunda em minhas coxas.

Ela se vira de frente, sentando-se de pernas abertas em meu colo. Deus! Eu quero voltar a andar o mais rápido possível. Quero segurá-la com firmeza, quero acariciar seu corpo com minhas mãos, língua...

— Lucca! — sussurra e me beija ao mesmo tempo.

— Oi... — ofego sem parar de beijá-la.

— Tem algo vivo entre as minhas pernas. — Murmura e nossos olhares seguem a mesma direção, minha ereção espessa.

É, os semimortos ainda podem ficar duros, com tesão. O que ela não sabe é que isso dói *pra caralho*. Tenho que disfarçar a dor com um sorriso sem graça, mas meu riso não dura muito e viro meu rosto para que ela não perceba minha careta de dor.

— Oh, Deus! Está doendo, não é? — Ela se levanta rapidamente e eu me amaldiçoo por isso.

Fazia tanto tempo que não tinha uma ereção, e justo agora a porra da dor vem para estragar.

— Honna, eu aguento, venha. Vamos terminar isso.

— Não senhor. Meu juízo já voltou ao lugar. — Que merda! Justo agora ela tem que ficar ajuizada? — Vamos voltar para o quarto. — Afirma ela, então desliga as duchas, pega toalhas e começa a me enxugar. — Consegue ficar aqui sozinho?

Pergunta, envolvendo o corpo com uma toalha.

Já ia pedir para que ela se despisse em minha frente, mas acho que não conseguiria admirar o espetáculo por muito tempo, já estou me sentindo mal.

— Acho que não, preciso me deitar. Desculpe-me, Honna, acho que decepcionei você.

— Eu que o decepcionei, não estou sendo uma boa profissional.

De repente ela fica séria e não gosto disso. É como se ela se distanciasse de mim. Não sei explicar, mas algo aconteceu depois que a conheci, é como se qualquer coisa pudesse de repente

arrancá-la de mim.

A cadeira de rodas sai do banheiro e Honna a encosta perto da cama, trava as rodas e rapidamente começa a mudar os lençóis. Quando tudo está pronto, ela vem até mim e, com cuidado, deixa meus braços ao redor de seu pescoço. Tento ajudá-la do jeito que posso e depois de duas tentativas, finalmente minhas costas encontram a maciez do colchão. Meu corpo recebe um cobertor quentinho e meu rosto recebe um beijo carinhoso.

— Está tudo bem?

— Agora está.

— Então vou me trocar e já volto para livrá-lo desta sonda.

Ela não demora, e em questão de pouco minutos está de volta, vestida em um lindo vestido azul e um casaquinho branco, os cabelos continuam molhados e sexy *pra caralho*. Honna vai até meu armário e volta com minhas roupas, inclusive uma cueca.

Nossa! Finalmente me sentirei homem novamente.

Suas mãos delicadas e amorosas secam meu corpo, meus cabelos, e em seguida ela vai pegar o material para a retirada da sonda. Não vejo nada, só sinto o toque dos seus dedos, e mesmo de luvas eu os imagino acariciando meu pênis.

— Lucca, se comporte, para de pensar sacanagens. Estou fazendo um trabalho sério aqui.

— Como sabe que estou pensando em sacanagens?

— Tem algo vivo entre meus dedos, e vá por mim, se você não se comportar, sentirá uma dor insuportável. Então, se concentre.

— É um pouco difícil fazer isso com você segurando meu pau, mas tentarei. — Sinto algo sendo puxado e começa a arder lá embaixo. — Caralho! — Puxo o ar entre os dentes, sinto a carícia discreta que ela faz em minha coxa e logo depois ela me veste.

— Pronto. Agora toda vez que sentir vontade de urinar, me avise, trarei o urinol.

— Mas nem fodendo! Irei ao banheiro como uma pessoa normal, não quero urinar naquela coisa.

É só me ajudar a ir para a cadeira de rodas.

— Lucca, entenda de uma vez por todas. Você ainda não está recuperado, então vá por mim, pelo menos hoje e amanhã você vai sentir vontade de urinar a todo momento, por isso é melhor se acostumar com aquela coisa ali. Daqui a dois dias

você já poderá sair desta cama e ficar mais tempo na cadeira de rodas. Ok?

— Sim senhora. — Queria poder acariciar o rosto dela, beijá-la, mas ainda não consigo fazer essas coisas. — Está com fome? Porque eu estou!

É melhor começar a pensar em outras coisas.

— Estava pensando nisso. Vou pedir nosso jantar, e enquanto ele não chega, vou limpar o quarto.

Não quero que os empregados saibam que você caiu da cama.

Honna já está fechando as janelas quando batem à porta, a qual me esqueci de destravar. Aperto o botão e Ruth entra com o carrinho trazendo o nosso jantar.

Antes de ir embora, Ruth nos observa. Ela não é de se meter em minha vida, sempre foi muito discreta, mas vejo um pequeno sorriso no canto de sua boca quando vê a Honna tentando empurrar o guardanapo dentro da camisa do meu pijama. Toda vez que ela tenta fazer isso, eu tento morder a mão dela.

Ruth nada diz, apenas balança a cabeça e sai.

— Quer tentar comer sozinho?

— Será que consigo?

— Se você não tentar, não saberá. — Adoro esse jeito gentil que ela tem, sempre me olhando de um jeito sedutor.

— Acho melhor não, vou derramar tudo e fazer a maior sujeira. Já é tarde, não quero lhe dar trabalho.

— Não seja bobo. Limpar você não é trabalho, é prazer... — Ela se cala e olho para seu rosto, está rubro, que linda! Minha enfermeira ficou envergonhada por ter confessado que sente prazer em cuidar de mim.

— Bom saber. De agora em diante farei todas as sujeiras possíveis.

— Como você é bobo, Lucca.

Ela joga um guardanapo em mim, viro o rosto e ele cai no chão. Honna dá a

volta para pegá-lo, e quando se levanta a porta do quarto se abre outra vez. Desta vez esqueci de travá-la.

— Boa noite. Como o meu amor está? — É a Suzanne. O ar fica pesado, não a quero no mesmo ambiente que a Honna. Não tem como as duas ficarem juntas e uma terá que sair. — Honna, pode ir jantar no seu quarto ou onde quiser. Pode deixar que alimento meu noivo.

— Suzanne, não precisa, a Honna fará isso.

Deveria dizer “saia fora do meu quarto, não a quero perto de mim”.

— Boa noite! — outra pessoa nos cumprimenta. Só o que faltava, meu primo Othon. — Oi, Honna.

— Olá, senhor Othon.

Honna fica sem saber o que fazer, e eu também. Não posso simplesmente mandá-los embora. Só peço em pensamento que a Honna não se sinta magoada.

— Othon, acompanhe a Honna até a sala de jantar e faça-lhe companhia. — Suzanne sequer olha para Honna, apenas articula as palavras e isso me deixa fulo de raiva. — Bom apetite, querida, e não precisa voltar tão cedo, quero um pouco de privacidade com meu noivo. Mas quando voltar, bata na porta antes de entrar, se não quiser nos pegar transando.

— Suzanne, pelo amor de Deus! Cale-se! Quer saber? Perdi o apetite, deixe-me sozinho, estou cansado.

— Senhor Lucca, nada disso, o senhor precisa comer. Tenho certeza de que sua noiva cuidará bem do senhor. Com licença.

— Honna! Honna, volte aqui.

Ela pega a bandeja com seu jantar e sai sem olhar para trás.

— Não se preocupe, primo, farei companhia à sua linda enfermeira. — Othon, que até agora só nos observava, oferece. Ele gira o corpo, mas antes de tocar na maçaneta da porta, vira-se com seu costumeiro ar arrogante. — Comporte-se, Lucca. Lembre-se de que ainda está todo fodido.

— Othon, mantenha suas mãos longe da Honna, ela é minha responsabilidade enquanto estiver trabalhando para mim, portanto, não tente nada que possa se arrepender depois.

Como quero arrancar o sorriso escroto dos lábios dele.

— Relaxe, não farei nada que ela não queira. Divirtam-se.

— Merda! — digo, enfurecido.

— Esqueça a enfermeira, amor, ela está em ótimas mãos. Othon saberá cuidar dela. Agora vamos comer uma comidinha e depois virá a melhor parte, a sobremesa! Que certamente, sou eu.

Esta é a pior comida que já engoli. Não mastigo, apenas engulo, e na terceira garfada já quero vomitar tudo.

— Chega, Suzanne, não consigo mais, leva isso daqui — digo, virando o rosto quando ela tenta empurrar uma garfada em minha boca. — Estou satisfeito, agora pode ir, preciso descansar. — Estou tentando, juro que estou. Não quero ser bruto, mas só a presença dela me dá aflição.

— Aff, Lucca, isso é falta de boceta! Quanto mau humor... Só um minuto, tenho algo para você.

Eu já sabia que viria alguma sacanagem. A Suzanne não dá ponto sem nó. Ela despe-se do vestido e fica nua em pelo. Não posso negar, ela é linda de se olhar, corpo escultural, cintura fina, coxas grossas, bunda grande e empinada, e uns peitões de encher as mãos.

Qualquer homem que olhar para ela agora, ficará de pau duro, no entanto, não fico, meu pau continua dormindo, muito bem-comportado.

— Quero que chupe meus peitos, você adorava mamá-los. — Ela sobe na cama e fica sobre meu abdômen, chego a sentir o calor molhado de sua boceta sobre o tecido da camisa do pijama. —

Chupe-os, Lucca, faça o que você adora fazer. — Não quero chupar caralho de peito algum, mas sou forçado a levá-los à boca. — Morda os biquinhos com força, amor, do jeito que você fazia. — Ela começa a se roçar em mim, enquanto

eu tento satisfazê-la. Sinto sua mão na frente da calça do meu pijama. — Não acredito, você tirou a sonda! Quando ia me contar?

— Suzanne, ainda não posso fazer sexo. — Ela não me escuta e sua mão já está me masturbando.

Eu sei que meu pau não ficará duro, mas ela é insistente. — Suzanne, para. — Ela se senta em minha pélvis, pega meu pênis murcho e tenta de todo jeito introduzi-lo em sua vagina. A raiva me sobe à cabeça. — Caralho! Sua maluca, não está vendo que meu pau não sobe? O que quer? Um milagre?

Ele não sobe, porra! Saia de cima de mim. Saia, sua maluca. Mas que merda! Está satisfeita? Seu noivo é um brocha. Essa porra que você está segurando só serve para mijar e olhe lá, então saia, deixe-me em paz.

— Lucca, se acalme, eu o farei ficar duro.

Merda! Ela desce da cama, mas não se afasta. Simplesmente pega meu pau e começa a sorvê-lo com a boca. Sim, ele começa a ficar duro, mas qualquer pau ficaria duro desse jeito. Entro em

desespero, porque se ele ficar muito duro será um convite para ela montar outra vez em mim, daí só terei dois caminhos: rejeitá-la ou transar com ela.

— Pare, Suzanne, por favor. Amor, pare. — Assim que ela escuta a palavra “amor”, larga meu pênis e me encara. — Será que não vê que isso é muito frustrante e humilhante para mim? Não posso mais dar prazer a você. Por que acha que ando distante?

Meu pênis volta ao tamanho normal. Decepcionada, ela se afasta, sobe minha cueca e minha calça.

— Amor, vamos superar isso juntos, não se preocupe. Só precisamos praticar, faremos todos os dias, até você ficar bem.

Fodeu!

— Suzanne, não posso fazer sexo até o médico liberar. Posso pegar uma infecção, pois fiquei muito tempo com uma sonda, é isso que estou tentando explicar, mas você não deixa.

— E quando poderemos fazer amor?

— Ah, meu amor, não se preocupe, você será a primeira a saber. — Sorrio para ela e, graças a Deus, ela se convence. Sobe na cama outra vez, e só preciso agora inventar algo para afastá-la. —

Meu amor, eu quero muito sentir o calor do seu corpo, mas você não pode se deitar na mesma cama que eu. Não fique triste, mas você não quer que o pau do seu noivo pegue uma infecção, quer?

— Ai, que horror, Lucca, claro que não.

— Então, precisa descer. Sente-se na cadeira, vamos conversar sobre o seu dia, certo?

— Certo. — Ela desce da cama e se senta na cadeira ao lado, começando a falar pelos cotovelos. Eu não escuto nada, meus pensamentos estão voltados para o lado de fora do quarto.

Preocupado com a Honna.



Capítulo 20

Não deveria estar aqui. Minha consciência repete esse mantra o tempo todo. E o pior é que eu sei que ela está certa, mas meu coração bandido repete do outro lado da orelha.

“Fique, ele é o amor de todas as suas vidas”.

“Lute por ele”.

“Não fuja”.

“Não desista”.

É, começo a acreditar que realmente nós temos dois gênios escrotos, um de cada lado do nosso ombro, e os dois apostam entre si todos os dias, para ver quem vamos escutar.

Começo a achar mesmo que a Emília tem razão.

O Lucca e eu temos uma ligação fortíssima, vinda de outras vidas, mas mesmo tendo conhecimento sobre tudo isso, sinto que estou entrando em um triângulo amoroso perigoso, onde um dos três certamente sairá muito machucado.

— Honna, espere-me. — Estou tão distraída que nem vejo o Othon. Ele me alcança. —

Acompanhe-me, conheço um lugar ótimo para você jantar, lá é tranquilo e podemos conversar à vontade sem os olhos curiosos da Ruth. Eu acho que ela não gosta muito de mim... — De repente ele para os passos e segura a bandeja que estava em minhas mãos. — Ah, deixa que eu levo sua bandeja.

Ele pega a bandeja e eu o sigo. Vou sem resistência, quero mesmo ficar longe de olhos curiosos.

Othon me leva para um canto reservado dos jardins, ele tem razão, o lugar é bem tranquilo e muito lindo. Árvores com flores brancas e muito perfumadas ladeiam toda a cerca, onde há uma plantação de rosas brancas.

— Sente-se aqui, este é o melhor lugar para relaxar. Olha o chafariz, é lindo, não é? Este era o lugar preferido de minha tia, ela sempre vinha para cá quando queria ler. Ah, espera, você não trouxe nada para beber. Não saia daí, já volto. — Ele se levanta e antes que siga eu tento fazê-lo desistir.

— Othon, não precisa, nem sei se quero comer. Não precisa, é sério.

Não adiantam as minhas súplicas, ele vai assim mesmo, e enquanto o espero

voltar, começo a comer.

Perco o apetite quando meus pensamentos se voltam para o Lucca e a Suzanne.

O que será que os dois estão fazendo no quarto? Será que eles estão transando?

Não! O Lucca não faria isso, ele disse que não sente mais atração por ela...

Mas eles são noivos, ela é linda! E o Lucca está há tanto tempo sem fazer sexo... Claro que ele não irá resistir.

Não, ele não vai cair na tentação.

E se ela não desistir? A Suzanne parece ser daquelas mulheres fatais, não aceita um não como resposta.

É, a esta hora eles devem estar fazendo todas as coisas possíveis e impossíveis, eu que sou uma iludida de pensar que o Lucca vai deixar aquele mulherão da Suzanne por mim... esquisita e virgem.

Se ele souber que nunca dei para nenhum homem, vai correr para longe, irá logo perguntar qual o meu problema.

Porque uma mulher na minha idade ainda ser virgem, só pode ser problemática

— Você não comeu nada ainda. Está tão ruim assim? — Othon pergunta quando olha para meu prato.

— Estou sem fome, mas o pouco que comi, estava uma delícia.

— Posso *?* — Ele pega meu garfo e começa a comer. — Agora é a sua vez. — Ele tenta me servir na boca, viro minha cabeça. — Vamos lá, aceita o carinho. Prometi ao Lucca que cuidaria de você, só uma garfada. — Segura o garfo a frente de minha boca, então aceito. — Viu? Não foi tão difícil assim roubar um sorriso seu. Sabia que quando sorri, meu coração bate mais rápido?

— Está bem, eu como. Se dizer palavras bonitas é o seu truque para me fazer comer mais um pouco, me convenceu. — Ele deixa escapar um suspiro audível. — Boa menina, é isso aí. Saco vazio não fica de pé, certo?

Não consigo comer toda a comida do prato, mas como o suficiente para me deixar satisfeita.

— Beba isso e coma isso. — Abre uma garrada de água mineral e me oferece uma barra de chocolate. — Chocolate é uma ótima sobremesa, e eu sei que você gosta de chocolate com castanhas.

Quando o Lucca estava no hospital eu a vi na maquininha de lanches, quase fui socorrê-la enquanto lutava desesperadamente para pegar a última barra deste mesmo chocolate, lembra-se?

Puxo na memória as lembranças e elas vêm.

— Você viu? Nossa, faz um bocado de tempo isso.

— Pois é, fiquei de longe vendo sua luta injusta com a coitada da máquina, quando pensei em ir ajudá-la, você ganhou da máquina, ela liberou seu chocolate e você saiu muito feliz do restaurante.

— Você é muito observador. Isso é muito bom, sabia? Suas namoradas devem gostar disso. Você sempre atento nos pequenos detalhes.

— Não tenho namorada, quanto mais namoradas... — Ele sorri, o riso descontraído mostra duas covinhas, o que o torna muito sexy.

Ele é um rapaz bonito, deve ter a mesma idade do Lucca ou um pouco mais velho, há algo nele que me é familiar, não sei o que é, mas é como se já o conhecesse, como se tivéssemos sido amigos.

Mas se eu o conhecesse, certamente, já teria me lembrado, já que é muito observador.

— Humm, não acredito. Um rapaz tão bonito, sem uma namorada? Mas o que há com essas moças que não o enxergam? Das duas, uma: ou você é exigente demais ou existe alguém que não tem olhos para você.

Lembro-me de como ele olhava para Suzanne quando ela ia visitar o Lucca. Até cheguei a

desconfiar que os dois tinham um caso, pois em algumas vezes ele tinha muita

intimidade com ela.

— Existiu, sim, mas eu acho que a chama está se apagando. Meu pai sempre diz que para se manter uma chama acesa, é necessário alimentá-la com o combustível certo, e acho que não estamos alimentando nosso fogo adequadamente. Estou cansado de correr atrás de quem não me valoriza.

— Nossa, sinto um pouco de mágoa nestas palavras. O que ela fez?

— O problema é esse, ela não fez. Eu quero alguém que me queira do mesmo jeito que a Suzanne quer o Lucca.

Acho que ele está comparando as Suzanne erradas. A Suzanne não olha para o Lucca com amor, ela olha com cobiça, com posse.

— Você precisava conhecer os dois antes do acidente. Nossa, era de dar inveja! Eles se amavam tanto, o Lucca era louco por ela, fazia todas as vontades dela e ela só tinha olhos para ele. Isso que é amor.

Os olhos dele brilham enquanto fala. Não sei explicar, mas tive a sensação de que ele queria muito estar no lugar do primo. Talvez minha primeira impressão em relação a ele e a Suzanne estivessem certas. O Othon é apaixonado pela Suzanne, só que ele não tem chance alguma. Ele não é o Lucca, esse é o problema.

— Entendo. — Aceno com a cabeça em compreensão. — Talvez a mulher de sua vida ainda esteja por vir. Talvez não seja essa desgramada que partiu seu coração, talvez sua cara metade ainda esteja por aí vagando à sua procura.

— Sim, é. Você pode ter razão.

— Sim.

— E você. Onde anda o dono do seu coração?

No quarto com a noiva dele e certamente tendo seu primeiro orgasmo depois de meses.

— Meu coração está desocupado, é um vagabundo, não quer complicação.

Ele solta uma gargalhada.

— Adoro pessoas com senso de humor. Sua frase até rimou, daria uma bela música, aquelas de sofrência. Poderia ganhar um dinheirinho.

— Não, obrigada. Mas falo sério, não tenho namorado, não tenho tempo. Quando não estou trabalhando, estou estudando, é sempre assim.

— Eu entendo, é o meu caso. Sempre trabalhando e viajando, e eu gosto, mas no dia em que eu encontrar essa tal de cara metade que você falou, juro que a seguro e não solto nunca mais.

— É isso aí. — Ele levanta a mão e espera que eu bata a minha na dele, faço isso.

— Honna.

— Oi. — Desembrulho a barra de chocolate. — Quer? — ofereço, ele balança a cabeça negando e eu começo a comer. — Fale.

— Não fique brava com a Suzanne, não ligue para as coisas que ela fala. Você sabe que ela

sofreu um aborto, não sabe? — Assinto com a cabeça e dou outra mordida no chocolate. — Então, ela nem sabia que estava grávida e era o sonho do Lucca ser pai, então aconteceu toda essa merda, a Suzanne pirou, ficou um pouco perturbada. Por diversas vezes eu a peguei conversando sozinha, e quando eu perguntava com quem ela estava conversando, dizia que era com a filha dela e que a menina a odiava. Eu pensei que ia passar, mas não passou, por isso nós a levamos para um psiquiatra e ela começou a tomar remédio controlado. Pelo menos melhorou, não fala mais sozinha, mas passou a ser extremamente irritante, ciumenta e agressiva. Ela não era assim, eu acho que é por isso que o Lucca está diferente, e não tiro a razão dele. Às vezes ela se torna insuportável, no fundo eu sei que o aborto ferrou com sua cabeça. Tenho até medo de que ela faça alguma besteira caso o Lucca não queira mais se casar, então não ligue para as besteiras que ela fala. Farei todo o possível para mantê-

la longe de você, eu prometo.

Por essa eu não esperava.

Uma confissão tão direta do Othon.

E quando ele me disse que logo após o aborto a Suzanne passou a conversar sozinha... não me resta dúvida, a Suzanne não está imaginando, ela provavelmente está sendo obsediada. Ou por sua própria filha ou por algum espírito zombeteiro ou malfazejo que está em sintonia com a energia da Suzanne. Ela precisa ficar atenta, orar bastante e trazer para si boas energias vibratórias.

Vou orar para o espírito dela quando for dormir.

— Desculpe-me. Falei demais, não foi?

— Não. Vou tentar ficar longe do senhor Lucca quando ela estiver por perto, talvez isso ajude.

— Honna, o problema não é você, pois se não fosse você seria outra. O problema é a Suzanne, ela está diferente e eu conheço o Lucca, ele se apaixonou por uma Suzanne e quando acordou do coma encontrou outra. Confesso que não gostava dela, a achava uma interesseira, sempre vivia pedindo coisas para o Lucca, mas depois do acidente tive bastante tempo para conhecê-la melhor, e agora só consigo sentir pena.

— Mesmo assim tentarei ficar longe. Se ela está com problemas de depressão, é melhor não a irritar. Pessoas com esse problema são imprevisíveis, podem surtar por qualquer coisa.

— Eu sei disso. Ela cismou que o Lucca iria terminar o noivado e engoliu alguns comprimidos, disse que queria dormir e nunca mais acordar, e ontem ela engoliu quatro antidepressivos com meio copo de uísque, a sorte é que ligou para meu celular pedindo que eu passasse um recado para o Lucca. Percebi na hora e corri para o apartamento dela, o zelador precisou arrombar a porta. Meu tio Felipo quase enlouqueceu, tudo isso porque o Lucca gritou com ela. Estou muito preocupado com estado mental da Suzanne.

E eu também.

Olho para o relógio. A conversa começa a me incomodar. Quanto mais eu sei da Suzanne, mas tenho certeza de que devo me afastar do Lucca. Por outro lado, algo me diz para ficar, e assim minha cabeça começa a rodar.

— Nossa! Já está tarde. — Digo, e o Othon também olha o relógio no pulso.

— Caramba! Quase uma hora da manhã. Amanhã tenho uma reunião no primeiro horário. Vamos,

vou levá-la até a porta do quarto do Lucca.

Ele pega a bandeja e deixamos na copa. Depois, como um bom cavalheiro, me acompanha até a porta do quarto.

— Boa noite, Honna. Até amanhã.

— Boa noite, Othon. Obrigada por me fazer companhia.

Ele acena e vai embora. Viro-me em direção à porta do quarto e bato na madeira levemente.

Ninguém responde. Está tudo escuro e não escuto nenhum barulho. Entro lentamente e vejo o Lucca deitado na cama, sozinho, a Suzanne não está em nenhum dos estofados que decora o grande quarto.

Lentamente me aproximo e me certifico de que está tudo bem com ele. Lucca dorme tranquilamente, então sigo para o meu quarto, mas deixo a porta aberta, caso ele acorde e precise de algo.



Lucca

Capítulo 21

Acordo e ela não está ao meu lado. O quarto está escuro, mesmo eu sabendo que

o sol já está lá fora, então dirijo meu olhar para a porta do quarto de Honna, que está escancarada, provavelmente ela não está lá dentro.

Onde ela foi? Será que dormiu em outro lugar?

Não! Ela não ficaria com o Othon!

Não consigo imaginá-la nos braços do meu primo.

Não! Não! Isso é completamente impossível!

Aperto o botão da cabeceira e ela começa a se erguer. Escuto o barulho do chuveiro. Sorrio e respiro aliviado. Pouco tempo depois vejo-a sair do banheiro, vestida em seu uniforme de enfermeira habitual, calça e camisa brancos, e o jaleco. Seu cabelo loiro preso no alto da cabeça em um coque e nenhuma maquiagem no rosto. Mesmo assim é a moça mais linda que meus olhos já viram. Está muito séria, olha para mim e apenas estica os lábios em um sorriso tímido.

O que mudou de ontem para hoje?

Othon?

— Bom dia, senhor Lucca! — Senhor? O que está acontecendo aqui? — Banho primeiro ou café da manhã? — ela pergunta enquanto vem até a cama e aperta o controle das cortinas, que começam a se abrir, vai até as janelas e abre os vidros.

— Bom dia, Honna! *Pra* mim tanto faz. — Eu dou de ombros e ela me encara sem nenhuma expressão no rosto, apenas me olha com indiferença. — Tem certeza de que não quer um banho antes?

Por que ela acha que preciso de banho?

— Acaso estou fedendo? — Essa conversa já está me irritando.

— Não sei, ainda não cheguei perto do senhor. Mas eu tenho certeza de que a sua noiva não o limpou ontem, então, talvez queira se limpar antes do café da...

Mas que merda ela está pensando? O que a incomoda?

— De que caralho você está falando? Que porra está acontecendo aqui?

— Caralho nenhum, desbocado! Só estou fazendo uma pergunta simples. Quer tomar banho para tirar o cheiro do sexo?

Ah, é isso, ela está pensando que a Suzanne e eu transamos.

— Foi por isso que acordou tão cedo e foi direto para o banho? — Ela me encara e eu vejo o brilho irado do seu olhar.

Prove do próprio veneno, querida!

— O que o senhor está insinuando? O senhor me respeite... — Quando percebo ela já está tão próxima que se eu fosse dono dos meus movimentos, a puxaria para meu corpo.

— Você e o Othon, é isso que estou insinuando. Eu sei que meu primo não dá ponto sem nó.

Quando a Suzanne foi embora era mais de onze horas e você ainda não havia chegado. Você dormiu aqui mesmo ou no quarto que é do Othon?

Ela levanta a mão e eu não sei como, mas consigo levantar meu braço e segurar seu pulso antes que a mão dela toque em meu rosto.

— Idiota! Como pode pensar isso de mim? — Sou um idiota mesmo! — Acha que sou capaz de algo tão baixo?

— Não sei, vocês ficaram muito tempo sozinhos, nem vi a hora que voltou, isso se voltou... —

Ela pisca e engole um bolo na garganta, tenta soltar o pulso, mas pressiono meus dedos o quanto posso. Acho que minha força está voltando. Ou é a raiva que estou sentindo, só de pensar que ela poderia gostar mais do Othon do que de mim.

Quando comecei a ser um ciumento e inseguro?

Seus olhos lindos se enevoam com lágrimas magoadas, e eu sou o culpado disso.

— Você pensa mesmo isso de mim? Acha que, mesmo sem conhecer o seu primo, iria para a cama com ele? Por Deus, Lucca! Ele foi um cavalheiro, ficamos conversando enquanto eu jantava, ele sequer se insinuou... E você, hein, acabou com sua seca por sexo? Porque quando saí daqui a “sua noiva” foi bem direta no que ela pretendia fazer.

Mas, que merda está acontecendo conosco? Estamos tendo nossa primeira briga?

— Está com ciúmes de mim? Acha mesmo que faria sexo com ela, depois de tudo o que lhe disse?

— E você? Está com ciúmes de mim?

— Estou, porra! Estou morrendo de ciúmes. Olhe para mim, Honna. Sou a metade de um homem, estou cheio de desejo por você e o que posso oferecer, me diga?

Estamos ambos gritando um com o outro, ambos alterados emocionalmente, e ambos enciumados.

— Você é mesmo um idiota, Lucca. — Ela desabafa e puxa o pulso do aperto da minha mão.

— Sim, sou mesmo, — grito. — Sou um idiota ciumento do caralho, e quero matar o Othon, e quero beijar você. — Confesso toda minha idiotice, e apesar de toda minha cena imbecil, ainda consigo roubar um sorriso dela.

— Você tem sorte por eu estar apaixonada por você e por não estar tão certa se preciso correr ou ficar. Não sei o que você fez comigo, mas sinto que a cada segundo se torna mais difícil ficar longe...

— Cala a boca e me beija, porra, ou eu juro que pulo desta cama novamente.

Travo a porta assim que ela se joga por cima do meu corpo. Não vejo mais nada e nem sinto mais nada. A não ser seu corpo quente e macio por cima do meu, e o seu gosto doce em minha boca.

O calor de sua língua tocando a minha, seduzindo-me como uma dançarina erótica, suas mãos acariciando meu corpo sem ousar, sem erotizar. É simplesmente a minha vontade e a dela.

— Honna, estou começando a gostar muito de gostar de brigar com você.

— Bobo...

E voltamos a nos beijar, a nos esfregarmos um no corpo do outro, a sussurrar gemidos, enquanto nossas bocas se devoram e nossas línguas se digladiam. É uma luta justa, na qual ambos os adversários querem o mesmo... amor.

Deus! Dai-me agora neste momento, os movimentos do meu corpo, nem que seja só por alguns segundos.

— Honna! — Afasto-me de sua boca ofegante. — Acho que devemos parar agora, porque caso você continue em cima de mim, terá que fazer tudo sozinha e sinceramente, não quero que a nossa primeira vez seja um monólogo. Quero tocá-la. Mas se você quiser eu topo, topo qualquer coisa para pertencer a você.

Eu disse isso mesmo? Estou ficando muito brega, quase um avô.

Ela ri e me encara com o rosto carregado de tesão, os lábios inchados e vermelhos dos meus beijos brutos, as bochechas rubras e o cabelo todo desgrenhado. Ela está de dar água na boca, mas infelizmente ainda não posso dar a ela tudo que merece, então o melhor a fazer é baixar meu fogo.

— Desculpe-me, decepcionei você, não foi? — Seu olhar carinhoso vai se aproximando, não fecho meus olhos e continuo olhando, ela fecha os dela e vejo, sinto, seus lábios tocarem sutilmente a ponta do meu nariz e depois... ah, e depois... minha boca. Suspiro. — Você sabe me jogar no chão, moça.

— Sério? Porque você ainda está na cama. — Recebo uma mordida no queixo.
— Então, você quer me pertencer? — Assinto um sim, agitando minha cabeça.
— Saiba que já pertence, mas temos muitos obstáculos a serem superados, e o primeiro é começar a comer sozinho. Está pronto?

— O quê? — Olho para ela como se estivesse esperando outra resposta. — Poxa, Honna, eu pensei que você ia começar a arrancar a sua e a minha roupa, e íamos nos amarmos como dois animais no cio. Caralho, Honna!

Inesperadamente, ela se engasga quando começa a rir sem conseguir parar. Corre para a geladeira e abre uma garrafinha de água.

— Lucca, você não existe. Quase morro de tanto rir.

Nasci para você, só para você, penso.

Estou ficando muito tolo.

— É claro que existo, e existo só para você. Vem cá...

Ela vem, sorrindo, com os olhos brilhando, pois já sabe o que quero e nem preciso pedir.

Simplesmente se inclina e oferece os lábios para serem beijados pelos meus.

— Lucca, deixe-me cuidar de você ou ficarei o tempo todo só o beijando, e beijos não alimentam. — Ela que pensa! Passaria toda a eternidade só a beijando.

Mas de onde eu tirei isso?

— Ok, mas exijo uma coisa. Não fique séria, não gosto desse seu lado, é como se você não estivesse ao meu lado.

Ela fica séria e me encara fixamente, com um olhar enviesado e sobrancelhas juntas. Isso me mata.

— Assim, desse jeito? — Começa a rir. — Lucca, não sei quem é mais bobo, você ou eu.

— Se amar é ser bobo, morrerei bobo. Agora venha cá. — Ela me olha novamente, de um jeito de quem diz: “beijo novamente, Lucca?”. — Anda, venha cá. — Ela se inclina e eu a beijo, mas desta vez ela cai sobre mim e o beijo é um furacão de sentimentos pecaminosos do caralho, fico de pau duro na hora.

— Lucca! — Ela percebe.

— O que quer que eu faça? Você é o fio condutor e eu sou a corrente elétrica, os dois juntos é uma explosão de energia. — Ela fica séria e sinto um frio na barriga. — O que disse foi tão ruim assim?

Ela não sorri, apenas me encara e depois baixa os cílios.

— Não, não é isso. Você não acha que as coisas entre nós estão rápidas demais? Não acha isso confuso? Eu o conheci no hospital e agora estamos aqui nos beijando e fazendo juras de amor, e nos esquecemos do mais importante...

— Minha recuperação?

— Não! Isso... — Ela levanta minha mão direita e mostra minha aliança. — Você é...

— Cale-se, Honna. Isso não significa nada para mim. Só uso porque sou obrigado, mas se esta aliança a incomoda tanto, eu a retiro, invento qualquer coisa e me livro dela. Quer que eu faça isso?

— Faço a pergunta, mas em vez de olhar para mim, ela continua olhando para a maldita aliança.

— Não sei, mas eu acho que deveríamos ir devagar. — Mais devagar do que isso? Impossível!

— Talvez você ainda ame a Suzanne. Talvez, quando se recuperar totalmente, chegue à conclusão de que não sou a pessoa...

— Merda, Honna, agora quem está falando besteiras é você. Nunca estive tão certo sobre meus sentimentos, como estou agora. — Começo a ficar preocupado com a insegurança dela, isso me dá uma sensação de vazio. — Honna, eu posso até ter amado a Suzanne um dia... — Inspiro. — Talvez fosse para isso ter acontecido. Havia um sentido para aquilo, talvez nos preparando para um próximo passo, para nos mostrar algo muito maior lá na frente, e você é meu algo maior, Honna. Você é a mulher que nasceu para ser minha, e há vezes em que eu acho que já a conheço de algum lugar, é como se tudo isso que sinto por você não fosse novo, fosse muito antigo. Eu a amo com toda força da minha alma. Entenda isso de uma vez por todas. E vamos acabar com essa porra de conversa, já deu.

Espero a explosão de desaforos, mas eles não vêm, mas ao invés disso duas mãos cercam os dois lados do meu rosto e lábios aveludados me beijam sedutoramente.

Alguns segundos depois, dois olhos cristalinos me encaram. Tanto eu como ela estamos ofegantes e inebriados de tesão, paixão, amor, fogo... e tudo o que o coração sente e o corpo fala.

— Lucca, não precisa ficar zangado. Só estou com medo, medo de perder todo esse amor. Não sei por que, mas só de pensar que posso acordar amanhã e não o encontrar, entro em desespero, é como se dentro de mim previsse isso.

Assim que ela se cala, meu corpo inteiro se estremece, vem um calafrio que faz meus pelos se eriçarem e uma sensação estranha me toma, como se estivesse entrando um lugar escuro, minha visão escurece e sinto um súbito mal-estar.

— Honna... — Vejo um corpo sendo lançado para o alto e logo depois caindo no chão. —

Honna...

— Lucca, meu Deus, você está gelado e pálido, o que está sentindo?

Ela me abraça e o seu calor aos poucos vai me acalmando, meu coração desacelera e minha respiração volta ao normal, a sensação de formigamento em todo meu corpo diminui.

— Estou melhor, deve ser fome. Minha última refeição foi o jantar de ontem, e quase não comi nada.

— Estou sendo uma péssima enfermeira. Não mereço o salário que estou ganhando.

Ah, não! Ela volta a ficar séria e se afasta completamente.

— Honna, não é nada disso! Eu só perdi o apetite quando a Suzanne entrou no quarto. Venha cá.

— Não, você precisa se alimentar primeiro, e eu mesma vou preparar seu café da manhã. Fique aqui quieto, já volto.

— Hei, então peça a Ruth para chamar meu pai, preciso falar com ele antes de ele ir para o escritório.

— Vai fazer alguma besteira, Lucca Stein?

— Não, não se preocupe, preciso fazer algo que já deveria ter feito desde o dia em que acordei.

Ela sai. Deixo a porta destravada e ligo a TV.

Estou cochilando quando sinto alguém tocar em meu pé, assustado abro os olhos. Peço em pensamento que não seja a Suzanne.

— Papai, que susto!

— Se assustando à toa, filho? Pensou que era quem?

— Suzanne, já estava buscando desculpas para mandá-la embora.

— Filho... — Puxa a palavra longamente, como se fosse me repreender. Ele se senta na cadeira que fica ao lado da cama. — Juro que estou tentando entender essa mudança repentina de sentimentos, você a amava tanto, não tinha olhos para outra mulher, estava tão empolgado com o casamento, até desistiu de vir morar aqui comigo para morar em uma cobertura em Alphaville. O que aconteceu, filho? Quando e onde o amor acabou? Se o que você sentia por ela era amor, porque amor quando é amor de verdade, não acaba, então, o que aconteceu?

Honna. Ela aconteceu.

Queria dizer isso, queria compartilhar com papai o meu amor. Queria lhe contar sobre esse

sentimento que invadiu meu coração, minha mente, meu corpo, minha alma. No entanto, acho melhor ele não saber, papai é uma excelente pessoa, mas é muito família, apegado à princípios, tenho medo de que reprove minha relação e resolva demitir a Honna.

— Não sei. Talvez o senhor tenha razão. O que eu sentia por ela não era amor, e foi preciso sofrer um atentado e ficar em coma para entender isso. Antes tarde do que nunca, mas não foi para falar dos meus sentimentos que o chamei aqui.

— Ok, mas antes preciso lembrá-lo que a Suzanne precisa de você. Ela está doente e é sua obrigação cuidar dela, então, não faça nada que possa se

arrepender depois. É isso. — Eu meio que já sabia que ele diria isso, mas poderia ter resumido para. “Você tem que ficar com ela”. — E então, para que me chamou?

— Quero saber como andam as investigações do meu atentado? O que descobriram até agora?

— O Mário e o Elias até agora não encontraram nada relevante que possa apontar para algum suspeito.

— Esses investigadores são uns bundões. São uns incompetentes. — Digo decepcionado.

— Filho, eles são policiais, dê-lhes um pouco de crédito. Eles praticamente não têm nada de concreto.

— Então, chame-os aqui, quero conversar com eles novamente. Agora que estou bem melhor, posso ter esquecido de algum detalhe. — Papai se levanta. — Calma, não terminei, quero que contrate um detetive particular, mas um dos bons, peça para a Lívia procurar, diga-lhe que quero um detetive policial que encontra até dinossauro.

— Lucca, se acalme, temos a polícia de verdade já investigando.

— Não quero ficar calmo. Quem garante que quem mandou fazer o serviço não mandará fazer novamente, e o pior, se resolverem começar dessa vez pelo senhor? Não, dessa vez eles não me pegarão desprevenido. E quero que contrate seguranças. O senhor não vai mais dirigir, temos um motorista, então use-o, e eu sei que ele tem porte de arma, quero-o armado.

— Não quer que eu mande instalar câmeras de segurança em toda a propriedade?

— Quero. Não só dentro como fora também.

— Quer também que eu ande armado?

— Se tiver porte de arma, é uma ótima ideia.

— Besteira, Lucca. Os idiotas que tentaram matar você, não tentarão mais. Eles

sabem que a polícia está de olho.

— Não se engane, papai. Alguém me quer morto e não facilitarei em nada para este crápula.

Faça como eu mandei, ou eu mesmo farei.

— Sim, papai. Mais alguma coisa? — Pergunta com ironia.

— Por enquanto, não, só chame aqueles imbecis, eu os quero aqui hoje mesmo.

— Sim, patrão. Posso ir agora? — ele zomba mais uma vez.

— Pode, e se cuide. Peça para o Everaldo usar a arma. Não estou brincando, pai. Chega de se

fingir de morto, quero ação com resultados, ou cabeças vão rolar.

— Eita! Ouvi vozes alteradas. — Estico o pescoço e vejo a Honna entrando com um carrinho.

— Bom dia, senhor Felipo! Com vai?

— Bom dia, minha querida! Estou bem, e você precisa oferecer alguns chás calmantes para meu filho nervosinho. — Ele dá alguns passos em direção a Honna. — Querida, você sabe que não precisa ir buscar a comida, é só ligar que a Ruth trará. — Levanta algumas tampas das bandejas, inspira. — O cheiro está ótimo — completa.

— Eu sei, senhor Felipo, mas eu quis eu mesma fazer o café do nosso nervosinho ali... — Ela apontou para mim, sorrindo como sempre. — Afinal, todo mundo merece um pouco de amor e atenção, e eu preparei um belo café da manhã, ele precisa ficar forte para sair da cama.

— Acho bom mesmo. Estou velho e cansado, ele precisa assumir o comando da vida e das indústrias dele. Bem, vou deixá-los. Alguém tem que trabalhar nesta casa, não é?

— Hoje o senhor está muito engraçadinho. — Digo.

— E você, muito irritante. — Ele finaliza e beija o alto da cabeça da Honna. — Boa sorte, querida.

— Deixe comigo, sou mais ranzinza do que ele. — Ela murmura.

— Eu ouvi, viu?

— Tchau, filho! Não se preocupe, anotei tudo em minha agenda memorial.

Papai sai, fecha a porta e a trava, assim ninguém irá nos incomodar.

— Venha cá!

Não peço, exijo.

— Sem beijos, Lucca Stein. Só depois que você comer a metade do que trouxe, afinal, passei um tempão preparando essa comida toda, vai me agradar, sim senhor.

— Honna, venha cá, não me obrigue a ir até você.

— Não vou! Primeiro comer comida, depois banho, depois fisioterapia, e depois, se der, beijos.

Com muito esforço me sento, sem a ajuda do encosto da cama, puxo meu braço esquerdo e me apoio nele, com dificuldade jogo minha perna esquerda para fora do colchão. Honna dá dois passos, mas para e fica só observando meus próximos passos. Fixo meus olhos na perna direita e aos poucos ela vai se mexendo. Já estou com gotículas de suor em toda a testa, mas não desisto, forço a perna, forço mais, até que ela pula para fora do colchão. Olho em direção a Honna, ela está com um olhar espantado e de felicidade, sorri, mas não sai do lugar. Continuo, agora é a vez do meu braço direito, aperto os olhos e tento movê-lo, consigo trazê-lo para frente do meu corpo.

— Honna, eu... eu consegui! Você está vendo isso? — Sem conseguir conter as lágrimas, elas saltam dos meus olhos, é a minha primeira vitória, eu consegui fazer isso tudo sem a ajuda de ninguém. — Honna, será que consigo ficar de pé...?

— Não! Devagar com a dor, Lucca. — Ela corre em minha direção e quando

vejo já estou em seus braços, ela me segurando para que não pule da cama. — Um passo de cada vez, lembre-se

disso, sem pressa, sem idiotices, ok?

— Ok, mas você viu, eu consegui. Consegui, Honna!

— Sim, você conseguiu, e logo andará, mas sem pressa. Não queremos que sofra um acidente, não é mesmo?

— Você não acha que todo esse esforço merece um beijo? Não... um beijo, não, um beijaço. E

agora.

— Você é impossível, meu Deus! Acho que já tinha esquematizado tudo. Confesse, Lucca.

Confesse seu crime.

— Sou inocente, só acho que mereço um beijo.

E eu ganho.

E dessa vez estamos de pé. Claro que a cama está me ajudando a não cair, mas não me importo, pois pela primeira vez eu posso, de alguma forma, abraçá-la, posso sentir seu corpo na vertical, posso até me esfregar. Um pouco tímido, mas consigo. E o beijo lento, lingual, com uma das minhas mãos em sua nunca, forçando minha boca na dela, é espetacular, como se tivesse sido meu primeiro beijo de toda uma vida.

— Lucca...

— Oi...

Falamos sem separar nossas bocas.

— Comer...

— Sim. De pé ou deitado?

— Lucca! — Ela se afasta, olhando-me com aquela carinha de brava. Eu gargalho. — Tarado!

— Uai! Eu estou quase a comendo com a boca, e você vem com essa pergunta? O que queria que respondesse?

— Cabecinha maliciosa... Quer ficar sentado na cadeira de rodas? E comer na mesa?

Assinto com a cabeça. Honna deixa-me encostado na cama e vai buscar a cadeira.

Estou feliz, sentindo-me vitorioso. Aos poucos minha vida está voltando ao normal. Preciso mesmo sair desta cama, sair deste quarto, preciso descobrir quem mandou me matar, quem me quer morto. Algo me diz que a pessoa que mandou fazer isso está bem próxima a mim, só preciso saber quem é.



Capítulo 22

Antes que eu possa pensar sobre isso, olho para ela com um olhar quente como o inferno.

Sorridente, ela se aproxima de mim com a cadeira de rodas. Gosto de gostar de olhar para ela, é como um dia lindo de sol, no qual não faz calor, só aquece se estiver frio.

— Pronto. você está bem? Está com uma cara... — Ela me encara com um ar de

preocupada.

Não, estou doido para fazer amor com você. — Lucca, está sentindo alguma coisa? — *Tesão*. —

Lucca!

— Oi, estou bem, só vendo pontinhos brancos diante dos olhos... — Ela joga meus braços ao redor de seu pescoço rapidamente. — Acho que vou brincar mais vezes com você...

— Idiota! — Sou jogado de qualquer jeito na cadeira. — Não brinque assim, Lucca, pois da próxima você pode estar falando sério e eu não vou acreditar.

— Ok, desculpa, não brincarei mais. — A cadeira é destravada e sou levado para a mesa.

Honna arruma a louça devidamente. Em uma tigela, cereal com morangos e bananas cortadas em pequenas rodelas, no pratinho ovos mexidos, em um pote branco iogurte, e na xícara café com leite e creme.

— Agora vamos ver se você consegue comer sozinho. Não se preocupe. Se derramar quase tudo, tem mais de onde veio isso. — Ela aponta para o carrinho.

Foi uma luta, fiz a maior bagunça, acho que uma criança de oito meses comeria melhor do que eu. Não sou canhoto e isso só piorou minha performance. Após umas oito tentativas, finalmente consegui levar uma colher de cereal à boca, depois daí foi fácil. Mesmo derramando mais da metade fora da boca, consegui comer bastante. Os ovos mexidos foram mais fáceis, o garfo ajudou bastante, quando cheguei no iogurte já estava craque. O café com leite a Honna não deixou, pois estava quente, então usei o canudo, mas fiz tudo sozinho. Ela só ficou observando.

— Mamãe, terminei, comi tudinho. — Eu estou uma miséria, todo melecado. Para onde se olha tem comida, e só o fato de ter me alimentado com as próprias mãos, valeu toda a bagunça. —

Mamãe, quero banhinho.

Ela me olha com uma carinha de brava, mas assim que faço um biquinho, não

consegue segurar a gargalhada.

— Palhaço! A mamãe aqui vai dar umas palmadas em você.

— Oba! Bate em mim, mamãe, fui um garoto mau, mereço umas palmadas.

Ela joga o copo de suco em meu rosto. Então faço um pequeno esforço e com minha mão esquerda pego o outro copo, jogando o suco nela.

— Lucca! Olha o que você fez! Agora terei que trocar a roupa. — Olha para si e para mim, faz aquela carinha linda de quem vai aprontar. — Ok! É guerra? Então, já que consegue arremessar suco

em mim, vai conseguir tomar banho sozinho.

— Ah, não, isso não. eu quero suas mãos em mim, Honna, não faz isso. — Fico sozinho por alguns minutos até ela voltar com a outra cadeira. — Honna, quero que me dê banho, esse é o momento mais esperado por mim, não o estrague.

Honna não responde, continuo reclamando e nem sinal de alguma palavra. Chegamos no banheiro, ela me despe completamente, depois leva a cadeira para dentro do box, liga a ducha e deixa tudo que vou precisar para o banho bem próximo. Cruza os braços e se encosta no vidro.

— Comece. Ficarei aqui orientando.

Está séria, sequer estica os lábios.

Começo a mover minha mão com a bucha em meu corpo, todo desajeitado, olho para ela, mas a enfermeira séria encarnou, só revira os olhos. Então deixo a bucha cair no chão e tento pegar, eu sei que ela não deixará que faça isso.

— Lucca, seu louco! — Quando ela agacha, eu a puxo, ela escorrega e cai sentada no meu colo.

— Louco! Você poderia ter caído.

Bate a mão em meu peito.

A água caindo em nossas cabeças, ela completamente encharcada, olhos nos

olhos... e não demora muito para nossas bocas se juntarem. Finalmente consigo tocá-la, minha mão vai direto para seu rosto, envolvo seu queixo com ela e forço nosso beijo.

— Sente-se de frente para mim, meu amor, preciso sentir seu calor...

Digo, ofegante, quase explodindo de tanto tesão. Ela gira o corpo e deixa uma perna de cada lado do meu. Seu quadril começa a balançar para frente e para trás. Se ela continuar fazendo isso, vou gozar. Meu pau está tão duro entre suas pernas, que caso meu gozo esguiche, irá direto para o seu rosto.

— Honna, camisinha... não posso segurar, preciso sentir você, preciso me enterrar em você... —

Quase não consigo falar, estou desesperado para afundar meu pau no calor de sua boceta.

— Posso me levantar mesmo? Você ficará bem? — Meu Deus! Ela é linda e fica muito mais quando está cheia de tesão.

— Seja rápida, meu amor, ou vou explodir.

Ela se levanta rapidamente, fico até com medo que ela escorregue no piso molhado, mas antes mesmo de abrir e fechar os olhos, ela já está de volta, com uma embalagem de preservativo.

— Abra-o e vista meu pênis. Você terá que fazer tudo sozinha, infelizmente, isso não poderei fazer. — Ela faz. — Meu anjo, agora você precisa se despir. Não posso fazer amor com você estando vestida.

Eu a imaginei nua, muitas e muitas vezes, e hoje poderei comparar sua nudez real com a dos meus pensamentos.

Honna fica de pé. Despe-se do jaleco, puxa a camisa por cima da cabeça, depois desce a calça.

Só de sutiã e calcinha é divina, sem estas duas peças ela vai me fazer gozar.

— Meu Deus! Tudo isso é meu?

Ela é a visão do pecado. Está de pé diante de mim, a água da ducha caindo sobre sua cabeça e escorrendo por seu rosto, colo, barriga... eu quero tudo isso.

— O resto, Honna. Se livre do resto. Mas bem perto de mim. — Ela vem. — Primeiro o sutiã.

— Ela o tira e os seus seios fartos pulam em minha frente, não resisto, chupo um mamilo e o mordo lentamente.

— Oh, Deus! — geme, segura os meus ombros e se inclina. Faço o mesmo com o outro e o sorvo longamente. — Lucca! Isso é tão bom...

— A calcinha, meu amor. Livre-se dela, não estou aguentando mais. — Digo enquanto me delicio com seus seios e ela se livra da calcinha.

Afasto-a um pouco para apreciar seu corpo nu. Tudo perfeito para a visão dos meus olhos. Ela não se depila completamente, há uma penugem ralinha de pelos clarinhos na forma de um V, sua xoxota é gordinha e isso faz minha boca salivar.

— Sente em meu colo, amor. — Ela se senta. — Desligue a ducha. — Ela está tremendo. —

Amor, olhe para mim? — peço e Honna me olha. — Está com medo? Não vou machucar você. O que pode acontecer é que eu seja rápido demais, porque estou cheio de tesão e faz muito tempo que não faço amor, mas serei gentil e carinhoso. — Ela começa a chorar.

Brocho na hora. O que eu fiz?

— Lucca! — Ela chupa o ar, inspira, e não consegue me encarar. Fico completamente perdido.

— Honna, o que eu fiz ou disse? Está com medo de quê? — Consigo segurar seu queixo e a forço a olhar para mim. — Hei, você não tem certeza de que é isso que quer? Fui apressado demais, é isso? Eu sei, estou parecendo um animal cheio de tesão, me desculpe, eu entendo, assustei você, não foi? Tudo bem, podemos fazer amor quando você estiver mais segura. Perdoe-me, fui um insensível...

— Eu sou virgem. Sou virgem, Lucca. É isso.

Ela se levanta e sai correndo do box. Recebo essa confissão na cara, e por alguns segundos, nem respiro. Ela é virgem...

Tenho trinta e cinco anos e nunca fiquei com uma virgem, todas as minhas namoradas já tinham doutorados em sexo.

Deus, o senhor gosta mesmo de mim!

O macho alfa, baixa em mim.

Saio do box.

— Honna, preciso de ajuda aqui. Por favor... — Eu a chamo, e se eu pudesse já estaria ao lado dela, mas ainda não consigo manusear as rodas da cadeira para que ela possa se mover. Se fosse a outra até poderia, ela é motorizada. Mas a de banho não é.

— Desculpe-me, não quis deixá-lo sozinho. — Honna vem, já está completamente vestida e com olhos inchados de tanto chorar.



— Hei, hei... Assim não. — Sou embrulhado em um roupão felpudo. — Honna, olhe para mim?

— Ela olha. — Sente-se em meu colo, precisamos conversar.

— Conversar sobre o quê? Que não me quer mais? Não precisa, eu já sabia disso, sabia que quando soubesse que a velhinha aqui é virgem, ia desistir de mim.

Eu tenho vontade de rir. Ela se acha velha e acha que não a quero porque é

virgem.

— Honna, eu a amo, e agora amo muito mais. O que mudará será apenas como faremos amor.

Não posso enfiar meu pau simplesmente em você e gozar como um animal raivoso. Será sua primeira vez e a nossa primeira vez, então quero ser o homem mais gentil da face da Terra. Minha mulher precisa de muito amor, carinho, em todas as partes do seu corpo virgem e intocado.

Eu sei, estou sendo um babaca pretencioso, convencido, machista filho da mãe. E quero ser tudo isso. Ela é minha enfermeira virgem. Que se foda.

— Olhe para mim. — Ela abre os olhos e as lágrima escorregam em sua pele delicada. — Você é meu amor e estou gostando muito de gostar de ser o primeiro. — Pisco um olho. Ela sorri. —

Agora tenho um motivo muito forte para recuperar todos os meus movimentos.

— Qual?

Meu Deus, como amo esta moça!

— Tirar a virgindade de minha mulher. Quer motivo maior?

— Lucca, você é impossível.

— Você ainda não viu nada. Acho que vou contratar um segurança para proteger meu bem mais valioso.

— Bobo.

— Linda!

— Acho melhor vestir sua roupa. O fisioterapeuta está vindo. Não quero que pense que estamos trancados fazendo coisas, e sua...

— A Suzanne, o que tem ela?

— Deve vir a qualquer hora ver você.

— Não se preocupe, a Suzanne só acorda após o meio-dia. Mas você tem razão, preciso mesmo me vestir e estar preparado para todos os exercícios que o Beto preparou, pois quero logo começar a andar, e você é a minha motivação.

Honna está arrumando a mesa para nosso almoço quando Suzanne e o Othon entram. Agora ele virou o motorista oficial de Suzanne, aonde ela vai ele vai atrás.

— Bom dia, meu amor! Bom dia, Honna!

Ela sequer olha para a Honna.

— Bom dia, Honna! — Não gosto do jeito que o Othon olha para Honna, não gosto mesmo.

— Bom dia, senhor Othon. Bom dia, Suzanne.

— O que vocês querem? Sejam rápidos, quero almoçar em paz. — Não estou com paciência para ser fingido. Tampouco um noivo amoroso.

— Nossa! Lucca, precisa ser grosseiro? Só vim buscar a Honna para almoçar, seu pai que mandou, não olhe assim para mim, a Suzanne vai ajudá-lo.

Mas que merda!

— Vá, Honna, se mande. Eu cuido do meu amorzinho! O que darei de sobremesa a ele, você não poderá dar. Ele só gosta da minha, não é, meu amor?

E ela vem cheia de dedos, lábios e língua em minha direção.

— Vamos, Honna, antes que esses dois resolvam trepar na nossa frente.

— Está com ciúmes, Othon? — Suzanne se deita do meu lado.

— Ciúmes? De quem? De vocês? — Ele solta uma gargalhada e estende a mão na direção da Honna. — Venha, Honna. Esse clima não é para você, isso aqui fede.

— Idiota, ciumento do caralho. Vá se foder, seu filho da puta.

Suzanne desce da cama, está furiosa. E não sei por que ou com quem. Ela parte

para cima do Othon e quase avança na Honna. Sento-me na cama e já procuro minha cadeira de rodas.

— Afaste-se, Suzanne. Se está com raiva, use-a em mim, não nela. — Othon protege Honna com o próprio corpo e recebe um tapa no rosto. — Que porra é essa, sua maluca? Já tomou a porra do seu remédio? Você precisa se acalmar. Não ficará aqui com o Lucca sozinha, está completamente desiquilibrada.

— Solte-me, seu verme. Até você a está defendendo. — Ela encara a Honna. — Sua vaca! Vou matar você, eu juro que a mato.

Honna corre em minha direção enquanto Othon tenta segurar a Suzanne. Ela começa a gritar, espernear, nunca tinha visto a Suzanne desse jeito, ela era sempre tão calma.

— Honna, ajude-me a sentar na cadeira e fique atrás de mim. — Ela não precisa mais fazer muito esforço para que eu fique de pé. Me apoio nos ombros dela enquanto minha outra mão se apoia na cadeira, até que me sento. — Não saia de trás de mim.

— Solte-me, Othon... — Os olhos de Suzanne me encaram, ficam fixos em mim e na cadeira de rodas. — Você saiu da cama! Quando ia me contar? E desde quando?

Ao me ver na cadeira de rodas, se acalma.

Othon também me olha espantado. Ele solta a Suzanne e ela corre em minha direção.

— Afaste-se, Suzanne. Não se aproxime ou serei obrigado a pedir que vá embora da minha casa.

— O quê? — Ela dá dois passos para trás.

— Senhor Lucca, não...

— Quieta, Honna. Não deixarei que ninguém a maltrate, e a Suzanne passou dos limites.

— Lucca, não precisa agir assim, ela só está alterada. — Othon defende minha

noiva. —

Suzanne, peça desculpas. O Lucca tem razão, você passou dos limites. Vamos, peça desculpas.

Suzanne fica estática, me encarando, com os olhos vazando lágrimas.

— O que está acontecendo aqui? — Papai entra no quarto, assustado, e quando me vê sentado na cadeira de rodas, esquece-se de tudo. — Quando você ia me contar sobre isso? — Ele se agacha e circula os braços em torno dos meus ombros. — Filho, você já consegue se sentar na cadeira! Que maravilha!

— Sim, papai, com sacrifício, mas consigo. Tenho uma excelente ajudante e incentivadora. —

Olho para Honna e pisco o olho, ela entende o jogo de palavras. — Logo já estarei andando e voltarei às minhas atividades.

— Não vejo a hora, filho. Você está sentindo alguma dor ou incômodo?

— Não, estou bem. — Respiro fundo, cansado, mas não é cansaço físico, e sim mental. — Olho para Suzanne, ela está nos braços do Othon, com o rosto escondido no peito dele e chorando. Othon, ao perceber que estou olhando, dá de ombros, como se dissesse “não posso fazer nada”. — Pai, tire-a daqui ela está descontrolada e estou sem paciência para chiliques. Será melhor ela ir.

— Está bem, vou levá-la para almoçar comigo e com o Othon. Fique com a Honna, volto depois com os investigadores. — Ele se levanta, beija o alto de minha cabeça e vai até a Suzanne. —

Vamos, querida, chega de escândalo por hoje. O Lucca precisa descansar.

— Lucca! Você... você me perdoa? Eu prometo que não farei mais isso...

Othon tenta levá-la, ela vira-se e antes de ir, começa a suplicar por perdão.

— Perdoo, Suzanne. Mas agora vá, preciso descansar.

Othon a abraça e ela deita a cabeça no ombro dele, começando a falar palavras desconexas. Eu não a reconheço, esta não era mulher por quem me apaixonei,

não é a Suzanne, alegre, divertida, meiga. Ela está completamente desiquilibrada. No início eu achava que a maior parte das coisas que ela fazia era fingimento, mas vendo-a hoje, não me pareceu fingimento, ela está completamente fora do normal.

— Acho que podemos finalmente almoçar, e depois, se você não se importar, preciso dormir um pouco. — Sugiro a Honna. — Estou exausto, como se toda a minha energia tivesse sido sugada.

Aliás, se você não se importar, será que posso comer na cama?

— Não me importo. Venha, vou ajudá-lo. — Suas mãos macias sustentam meu corpo e sou colocado sobre o colchão. Estou me sentindo muito cansado e não entendo, estava tão bem, tão feliz, bastou a Suzanne entrar no quarto para tudo ter mudado. — Lucca, eu posso fazer uma coisa logo depois que você almoçar?

— O que você quiser, meu amor. Se for para levantar meu ânimo, faça o que quiser. — Estou tão sem energia que nem consigo ser engraçado.

Almoçamos. Quer dizer, ela dá meu almoço na boca e deixa para almoçar depois. Assim que termino, ajeita minha cabeça no travesseiro e fecho os olhos, estou esgotado. Então sinto um cheiro gostoso, cheiro de alfazema, e um calor me envolvendo. Abro os olhos e vejo as mãos da Honna flutuando sobre meu corpo, ela está de olhos fechados e os seus lábios só se movem, como se

estivesse conversando, mas não é comigo. Suas mãos vão e vêm, e logo depois param na frente do meu rosto, depois sobre minha cabeça. Fecho os olhos e me permito sentir este prazer. Não sei o que ela está fazendo, mas começo a me sentir melhor e o sono vem.

— Honna, o Lucca está dormindo?

Escuto um sussurro e reconheço a voz do papai.

— Acordei. O que foi? — Abro os olhos e aperto o botão para a cabeceira da cama se erguer.

Honna está do meu lado, acho que também estava dormindo, pois está descalça. Ela despe os pés quando encolhe as pernas na poltrona. — Os investigadores chegaram?

— Sim, mas se estiver muito cansado, mando voltarem amanhã.

— Não. Quanto mais cedo começarmos, mais cedo terminamos. — Honna calça os pés e se levanta. — Onde pensa que vai? — pergunto, segurando seu braço com minha mão esquerda.

— Vou aguardar lá fora, não quero atrapalhar.

— Você fica, e ao meu lado.

— Senhor Lucca, não há necessidade. E eu preciso mesmo arrumar algumas coisas em meu quarto, então, enquanto seu pai está aqui, farei isso. Se precisar de mim, estarei por perto, é só me chamar.

Suplico com o olhar para que ela fique, mas não adianta, ela me dá as costas e desaparece através da porta de seu quarto.

— Lucca, a Honna é sua enfermeira, não sua secretária. Ela não precisava mesmo ficar. Às vezes eu acho que você está muito dependente desta moça. Lembre-se de que ela irá embora assim que você não precisar mais dela.

O senhor está estupidamente enganado. Eu sempre irei precisar dela.

— A Honna é assunto meu, pai. Agora vá buscar os investigadores.

Mario e Elias entram no meu quarto e se sentam na poltrona que fica em frente à cama.

— Senhor Lucca, vejo que está bem melhor. — Elias, articula. Não lembro muito dos dois, quando eles foram me visitar no hospital, tinha acabado de acordar do coma, estava confuso, ainda me adaptando à minha nova realidade. — O senhor Felipo nos disse que o senhor lembrou de algumas coisas que podem nos ajudar nas investigações.

— Sabe, não avançamos muito, é que temos pouca coisa para montar um caso, nosso chefe está querendo até arquivar. — O outro investigador, o tal Mário, comunica.

— Vocês não podem fazer isso! Ou podem? — Papai se levanta, encarando o Mário. — Meu filho quase foi morto e os assassinos estão soltos por aí dando

risada das nossas caras...

— Tio, posso entrar? — Othon surge de repente e não sei o que ele quer aqui, o assunto não lhe diz respeito.

— Entre, Othon. — Já ia mandá-lo embora, mas papai foi mais rápido e o deixa ficar. — Mário, Elias, como vão? — Eles se conhecem? — Como vão as investigações? Já têm alguma pista dos bandidos? Estou achando esta investigação muito parada. Estamos falando de um quase assassinato,

isso não foi um roubozinho à toa. É a vida do meu primo.

Nem reconheço o Othon. Ele está mesmo dizendo essas coisas?

O que aconteceu com você, cara? Andou fumando algum bagulho? Está preocupado mesmo comigo?

— Meu sobrinho tem razão. E aí? O que vamos fazer?

— Nós queremos saber o que o senhor Lucca tem de novidade, para que assim tenhamos material para trabalhar. Porque o que ele nos contou não ajudou em quase nada. As motos, mesmo se ele tivesse lembrado das placas, não iria adiantar. Elas já foram para o desmanche ou queimadas, temos que focar nos marginais. — Mário me encara e o Othon também.

— Lembro-me perfeitamente das vozes, essas nunca esquecerei. Um deles tinha a língua presa, falava engraçado, e tinha um que tinha uma cicatriz na mão, esse era o mais alto e corpulento... — As lembranças voltam e eu me vejo outra vez na mata. Sinto os chutes, os pontapés, os tiros, as risadas dos homens. — Havia um que tinha uma tatuagem de caveira no pescoço, os olhos verdes, era o mais inteligente dos quatro. Digo isso porque articulava as palavras corretamente, e foi ele quem ligou para o mandante. Lembro-me perfeitamente dos rostos deles. Na época em que vocês me perguntaram eu estava confuso, mas agora, podem mandar alguém aqui que faço o retrato falado dos quatro.

— Lucca, isso é impossível! Faz muito tempo e você estava muito machucado, e se acusar algum inocente?

— Othon, quem estava lá era eu, quem levou a surra fui eu, e os tiros também, então eu sei do que estou falando, podem mandar a pessoa. — Concluo.

— Sei não, acho isso muito precipitado. O Lucca estava quase morto, como ele pode garantir que viu os bandidos?

Todos que estão no quarto ficam encarando Othon enquanto ele fala.

— Mas que merda, Othon! Você acabou de dizer que a polícia precisa encontrar os caras, e agora vem com essa? Eu vi os quatro homens que tentaram me matar. Pronto, assunto encerrado.

— Ok, ok, senhores, vamos baixar os ânimos. Amanhã mandaremos um especialista com todo o material necessário para fazer o retrato falado. Agora temos que ir.

— Othon, quer se acalmar? Seu primo não está recuperado totalmente. — Papai sussurra para o Othon, ele sai do quarto sem se despedir. Não entendo a reação dele. No início quer a conclusão da investigação, mas momentos depois não acredita que eu tenha visto os indivíduos.

— Senhor Lucca, foi um prazer revê-lo. Espero que na próxima vez que voltarmos o senhor já esteja andando.

Eles se vão. Respiro fundo e deito a cabeça no travesseiro. Essa conversa foi cansativa.

— Honna, venha cá. — Chamo e ela vem. Vejo seu rosto preocupado, o que indica que escutou toda a conversa. — Agora não, meu amor, preciso de descanso. Deite-se aqui do meu lado, preciso dormir um pouco e preciso do seu calor. Venha cá, meu anjo.

Ela vem, se deita sobre meu braço esquerdo e assim eu posso abraçá-la, encosto o queixo no alto de sua cabeça, beijo-a e fecho os olhos. Ela não diz nada, respeita meu silêncio. Ela sabe

quando preciso só do silêncio e do seu abraço. Adormeço quando sinto sua respiração suave. Ela está dormindo, dormindo em meus braços.



Lucca

Capítulo 23

Honna está me colocando na cadeira de rodas quando o Beto chega, e ao me ver ele abre aquele sorrisão costumeiro de felicidade, surpreso e admirado. Beto e eu não nos tornamos grandes amigos, mas aquele distanciamento que existia entre nós foi eliminado quando descobri que ele estava namorando alguém. Então, o clima de rivalidade – da minha parte – acabara no instante em que ele me confessou sua paixão por outra mulher. Gosto dele como profissional, é muito competente e sempre está sorrindo, o que o torna uma pessoa muito agradável de conversar e as vezes brincar.

Posso dizer que nossa convivência profissional é muito mais verdadeira do que muitas amizades.

Honna deixa-me guiar a cadeira de rodas. Apesar de ela ser motorizada, ela quer me deixar à vontade para que possa guiar meu caminho e é a primeira vez, após meses, que me sinto dono de minhas vontades. Eu sei que parece bobo, mas há um bom tempo que estou me sentindo prisioneiro do meu próprio eu, e agora, mesmo não sendo nada, guiar uma simples cadeira de rodas é como estar dirigindo uma Ferrari.

— Nossa! Daqui alguns dias não serei mais útil. O lado esquerdo do seu corpo já está praticamente recuperado, e o direito... olha, Honna, nosso paciente já consegue mexer as mãos e os pés!

Honna não sai do meu lado, observando todos os movimentos que o Beto está fazendo. Tenho certeza de que ela irá usar alguns deles no período da manhã.

Beto estende minha perna direita para cima e flexiona meu pé para frente, a dor pungente vai direto para minha mente.

— Caralho, Beto! Isso dói. — Bufo de dor. Dói *pra cacete*.

— A intenção é essa, fazer doer para oxigenar os músculos, tendões e nervos. A dor muitas das vezes é benéfica. — Ele me ajuda a sentar. — Agora vamos para a barra paralela, vamos caminhar,

“guerreiro”!

— Não vou usar a cadeira de rodas? — A barra paralela está um pouco distante, então, quando ele me ajuda a ficar de pé e joga meu braço em torno de seu pescoço, começamos a andar, eu estranho.

— Enquanto eu estiver aqui, guerreiro, o senhor não precisa de cadeira de rodas, só precisa mover as pernas. O resto deixe comigo, se quiser podemos até fazer uma caminhada lá fora. Ah, a propósito, amanhã vamos para a piscina, e se quiser pode até providenciar o churrasco e a cerveja gelada...

— Beto, não dê ideias para o senhor Lucca!

— Gostei da ideia. Não liga para Honna, amanhã eu a proíbo de se juntar a nós. — Pisco um olho quando a encaro, que revira os olhos e me mostra a língua enquanto Beto presta atenção em meus passos lentos. Aproveito e mando-lhe um beijo mudo.

— Pronto, não tenha medo, estou do seu lado. Sustente todo o peso do seu corpo nos braços.

— Beto, ele não vai conseguir, ainda não recuperou totalmente o lado direito. Ele vai cair, pelo amor de Deus...

— Honna, eu consigo. Cale-se, por favor. Já estou ficando nervoso. — Ela certamente está vendo meu tremor. Meus braços tremem tanto que tenho medo de que se quebrem. Nunca pensei que andar fosse tão difícil.

— Honna, ele consegue, se acalme. Não deixarei que caia. — Beto fica mais perto e isso me dá mais confiança. Apesar do medo, dou meu primeiro passo, inspiro. A mente diz que não vou conseguir, mas sou teimoso, inspiro, dou o

segundo passo.

Depois do segundo, fica mais fácil, a adrenalina corre feito uma trilha de pólvora e consigo chegar do outro lado das barras.

— Acha que consegue voltar? Se estiver muito cansado, podemos parar aqui mesmo, só esses dez passos já foram uma grande vitória.

Não, não vou desistir. Se consegui vir, conseguirei voltar.

— Não, Beto. Tudo que vem, volta.

E voltei. Foi até mais fácil, pois já estava me adaptando às barras.

— Toca aqui, meu guerreiro! — Beto ergue a mão e espera a minha. Com um pouco de esforço, consigo dar um leve tapa em sua mão. — É isso aí! Acho que sábado já podemos dar uma corridinha no parque.

— Beto, não inventa! Você não conhece a teimosia do senhor Lucca.

— Não se preocupe, você irá junto, minha enfermeira desmancha prazer.

Honna faz cara de brava e o Beto e eu começamos a rir alto.

— Quer saber? Fiquem vocês dois sozinhos. Não precisam de mim, vou preparar seu banho de banheira e depois vou me arrumar. Tenho que sair às dezenove horas.

O choque das palavras ditas por ela fica escrito ao longo de toda a minha face. Eu não posso explicar o sentimento de insegurança que acabo de sentir, não estou preparado para ficar sem ela, nem que seja por algumas horas. Minha mente é uma desordem agora.

— Você não me disse que ia sair, Honna! — comento antes de esticar um sorriso triste nos lábios.

— Não disse? Desculpe-me, senhor Lucca, mas avisei ao seu pai que preciso de algumas horas de folga todas as quartas-feiras e sábados. Ele cuidará do senhor enquanto estiver fora, mas só serão algumas horas.

Deixo escapar um suspiro profundo de decepção. Não esperava por isso. Meus olhos olham para baixo, tentando esconder o quanto essa informação me afeta.

— Ok, então. Está dispensada, pode ir. — Digo friamente e sequer olho para ela. — Vamos, Beto. Você está com pressa?

— Não, o senhor é meu último paciente. Não está cansado?

Não, estou com raiva, e preciso de alguma forma jogar para fora toda a minha frustração.

— Não. Se não for atrapalhar, gostaria de continuar com os exercícios. — Honna, continua de pé, nos observando. — Pode ir, Honna. O Beto me ajuda no banho. Agora não preciso que ninguém esfregue meu corpo. Você pode fazer isso, Beto?

Continuo sem a encarar.

— De boa, guerreiro, ajudo sim. Pode ir tranquila, Honna, até amanhã.

— Tem certeza, senhor Lucca? — Ela continua de pé e eu tenho certeza de que está olhando diretamente para mim.

— Tenho, Honna, vá para seu encontro. — Minhas palavras soam magoadas, mas não me importo, eu quero mesmo que ela saiba que estou magoado.

— Está bem, então. Até mais tarde.

Espera a resposta, mas não há uma. Simplesmente ignoro.

Só escuto seus passos indo de encontro à porta de saída até desaparecerem por completo. Fui um idiota? Sim, eu fui.

Estou com ciúmes, inseguro, com medo, o caralho todo. Não sou assim, sou uma pessoa equilibrada, seguro, não costumo duvidar das pessoas – até que elas me provem o contrário –, mas quando se trata da Honna, o mundo inteiro desaba em minha cabeça. É como se a qualquer momento algo estúpido vá tirá-la de mim. Fica um nó apertado na garganta, um desespero pungente martelando a minha mente. E eu posso escutar minha consciência gritar, dizendo-me que não posso perdê-la. É

doido, eu sei disso, mas não consigo evitar esse medo de que ela um dia desapareça da minha vida. E

isso é muito dolorido.

— Senhor Lucca!

— Oi, Beto. Não está doendo, pode continuar...

— O senhor não precisava ter falado com a Honna daquele jeito. Ela saiu chorando, o senhor não percebeu? Ela é uma pessoa...

— Leve-me para o quarto, Beto. Agora!

— Mas não terminamos...

— Já terminamos. O babaca aqui precisa desfazer a merda que acaba de fazer. Vamos, homem, leve-me para o meu quarto.

— Nossa! Então vamos.

Sou o mais idiota de todos os homens. Eu posso até ficar puto, enciumado, inseguro, só não posso magoá-la. O problema sou eu, não ela. Como posso julgá-la se não sei os motivos?

Idiota! Você é um otário, Lucca.

— Deixe-me aqui, Beto. Posso perfeitamente seguir sozinho. Obrigado e até amanhã.

— Até amanhã, senhor Lucca.

Respiro fundo, abro a porta e entro. Sigo até a minha cama e travo a porta, não quero ser

interrompido.

Sigo para o quarto da Honna, mas ela não está lá, só suas roupas escolhidas para vestir que estão sobre a cama. Uma calça jeans, uma blusa de mangas compridas de seda branca e um casaquinho de algodão, no chão um par de sapatilhas pretas.

Bem, as roupas escolhidas certamente não são para um encontro amoroso.

E você, Lucca, continua sendo um imbecil!

Se ela não está aqui, só pode estar no banheiro, ou foi até a cozinha. Saio do quarto e sigo até o banheiro, escuto o barulho da ducha, a porta está fechada, então espero diante dela.

Silêncio.

Minutos depois a porta se abre.

— Meu Deus, senhor Lucca! Quer me matar de susto? — *Não, eu quero é cobri-la de beijos e depois fazer amor com você.* — Está esperando há muito tempo? Deveria ter batido, assim não ficaria tanto tempo no seu banheiro.

Ela baixa os cílios, não quer me encarar. Eu estou ciente de cada movimento do seu rosto, pois meus olhos não se desviam dele.

— O senhor pode me dar licença? — Estou bem na frente da porta, de onde estou ela não consegue desviar, a não ser que passe por cima de mim ou volte para o banheiro. As duas opções são ótimas para o que pretendo fazer.

— O banheiro é nosso, já que o compartilhamos. — Digo por fim, sem desviar os olhos do rosto dela. No entanto, ela continua com os cílios abaixados.

— Senhor Lucca, quero passar, preciso me trocar. — Ela está só de toalha. Deus! Seria só puxar e ela ficaria nuazinha.

— Para onde você vai com tanta pressa? Por que não me disse que ia sair hoje à noite?

— Para onde vou não lhe diz respeito, e o senhor Felipo sabia.

Ela tenta se desviar da cadeira, eu a empurro para frente e Honna dá um passo atrás, ficando ainda mais sem saída.

— Claro que me diz respeito. Ou não significo nada para você? Ou sou apenas um aleijado que você está com pena e quer consolar com alguns beijos? E tem mais, não é o meu pai quem tem que saber os seus dias de folga, sou eu,

entendeu? Eu. — Digo, completamente fora de mim, nervoso, agitado e querendo acabar com o mundo.

— Você é um idiota, Lucca. — Ela empurra minha cadeira, eu avanço na direção dela. Ela me empurra outra vez, eu pego seu braço e a puxo, ela perde o equilíbrio e cai sobre o meu corpo. —

Solte-me, Lucca. Não quero que me toque, não quero sequer que fale comigo.

— E quem pode tocar em você, quem? A pessoa com quem vai se encontrar hoje? — Sou um louco enciumado do caralho e só de pensar que ela vai encontrar uma outra pessoa que não seja eu, é motivo para querer acabar com o sujeito. — Quem é ele, Honna? Quem é ele?

— Não o interessa, não sou sua propriedade, não sou nada sua, entendeu? Não sou nada! Solte-

me!

Ela me empurra, bate em meu peito e agita o corpo tentando sair do aperto do meu braço direito.

O esquerdo ainda é uma merda.

— Eu a amo, Honna, a amo. Como pode dizer que não significa nada para mim? Como?

Encosto minha testa na dela, inspiro. Ela faz o mesmo. Estamos ofegantes, raivosos, ela ainda está sob o domínio do meu braço, sentada no meu colo, e eu ainda estou inseguro, enciumado.

— Solte-me! — ela exige, mas continua com os olhos fechados.

— Não! — articulo com a voz dura.

— O que quer de mim, Lucca?

— Quero tudo, tudo.

— Solte-me, não posso ser sua, nem você pode ser meu. Será que não entende?

— O caralho que quero entender essa porra! Eu a amo, cacete! Amo com toda força do meu coração e estou muito puto porque você vai me deixar para ver outra pessoa.

— Essa estupidez toda é por ciúmes?

— É! É, porra, estou morrendo de ciúmes! — Seguro seu cabelo pela nuca e ergo sua cabeça, fazendo-a me encarar. Ela tenta se soltar do puxão.

Caralho! Estou morrendo de ciúmes e eu nunca senti ciúmes. Nunca! E ela me deixa assim, completamente inseguro.

Beijo-a a força, ela até tenta recusar meu beijo, mas mesmo estando com a metade de minha força, ainda sou mais forte do que ela e a beijo com furor, beijo-a com possessividade, com desejo, com medo, com insegurança. Ela precisa sentir o que estou sentindo.

— Porra, eu a amo, a amo... — confesso sem soltar sua boca. — Você me deixa louco, louco em todos os sentidos. — E, finalmente ela se rende, suas mãos agarram minha nuca e os seus dedos se enterram em meus cabelos. E o beijo se torna dominante, lascivo, guloso.

Puxo a toalha que envolve seu corpo e a jogo longe. Honna fica nua, ela despe minha camisa, depois vira-se de frente para mim, deixando uma perna de cada lado do meu corpo, completamente esparramada em meu colo. Nossos corpos se juntam e eu sinto os bicos duros dos seus seios furando minha pele. Roça seu sexo no meu, o fogo do desejo explode, eu a quero, e a quero agora. Solto meus dedos dos seus cabelos e tento soltar o nó do meu calção e libertar meu pênis. Ela percebe e sua mão segura a minha mão ansiosa.

— Lucca, não... — diz, ofegante, ainda com a boca sobre a minha. — Não posso, agora não, precisamos parar.

— Por quê? Agora posso fazer amor do jeito que merece. — Tento beijá-la outra vez, ela se afasta. — Honna, o que há?

— Agora não posso, só confie em mim. Quando eu voltar podemos continuar, mas agora não posso.

Mas que merda está acontecendo? Por que ela não pode agora? Estou vazando

de desejo.

— Honna, você está insegura? Ainda não está certa se sou eu o homem da sua vida?

— Eu o amo. — Ela envolve as mãos em cada lado do meu rosto e fixa os olhos nos meus. —

Saiba disso, eu o amo mais do que você imagina, e quero fazer amor com você, mesmo correndo o risco de você me deixar quando ficar bom. Eu quero que você seja o primeiro, só não poderá ser agora, depois eu explico. Agora não posso, corro o risco de perder minha carona. Preciso ir.

— Promete que vai me explicar?

— Quando eu voltar, eu explico tudo que quiser. Agora preciso ajudá-lo no banho e deixá-lo na cama. Já falei com a Ruth para servir seu jantar na cama, seu pai só chegará às vinte horas.

— Honna... — Ela se levanta, nua e linda.

— Oi. — Seguro seu braço, ela olha para mim sorrindo.

— Desculpe-me, fui um babaca ciumento, preciso controlar minha insegurança, mas não sou assim, eu juro, mas com você não sei explicar, tenho tanto medo de perdê-la que chega ser angustiante.

Ela se inclina, beija-me, acaricia meu rosto e me olha daquele jeito que me deixa de pau duro.

— Se depender de mim, nunca o deixarei. Eu o amo, Lucca Stein. Agora vamos, você precisa de um banho.

— Estou fedendo? — Cheiro minhas axilas.

— Mais ou menos... — Ela empurra minha cadeira para dentro do banheiro.

— Jura? — Cheiro novamente.

— Estou brincando, seu bobo, mas tem alguém que precisa de água fria. — Ela

aponta para meus países baixos. Está duro como uma barra de ferro.

— A culpa é sua. — Tento beijá-la, mas ela desvia o corpo e o rosto.

— Já disse que não posso. — Liga a ducha. — Você ia usar a banheira, mas sozinho não pode ficar lá. — Aponta para a enorme hidro no lado esquerdo do banheiro. — Quer a cadeira de banho ou ficará de pé, se apoiando nas barras de proteção?

— Acho que consigo ficar de pé. Vai me fazer companhia?

— Não, você é uma tentação e no momento não posso cair em tentação, então seja breve.

Ela me ajuda no banho, mas não a convenço a me acompanhar.

Já estou na cama quando ela sai do quarto, usando as roupas que eu vi sobre a cama, cabelos presos no alto da cabeça e sem nenhuma maquiagem. Ela não gosta muito de pintar o rosto, já percebi isso. Mas o cheiro que ela deixa no quarto é inebriante.

— Já vou, minha carona me mandou uma mensagem dizendo que me aguarda. Se comporte, não vou demorar.

Fico quieto, quero saber quem veio buscá-la, mas não quero perguntar. Já extrapolei minha cota de idiotice por hoje. No entanto, meu coração não está nada calmo.

— Hei, não precisa ficar emburrado. — *Ah, tá, não é você quem vai ficar na cama morrendo*

de saudade. — Só para aliviar seu coraçãozinho, saiba que estou indo fazer o bem. — *Depende a quem você vai fazer o bem.* — Lucca, para de ficar imaginando coisas nessa sua cabecinha ciumenta.

Não vou para um encontro amoroso, bobo. — Ela me beija. Eu a puxo quando ela se afasta e a beijo do meu jeito possessivo.

— Tchau, Lucca Stein. A Ruth já está trazendo seu jantar.

— Honna. — Quebro meu silêncio inseguro e a chamo antes de ela se afastar muito. — Acho que estou gostando muito de gostar de amar você. Sentirei saudade.

— Eu também, e... eu também acho que estou gostando de gostar do seu jeito ciumento de ser e de amar muito você. Bye.

Ela se vai e eu me perco na saudade do seu corpo, do seu cheiro, do seu sorriso, de todo seu ser.

Por Deus! Estou me tornando tão repetitivo e tolo...

O que me resta é assistir TV, esperar meu jantar e contar os segundos para ela voltar.



Capítulo 24

Emília, assim que me vê, destrava a portado carro. Já estou com a mão na porta para abri-la quando vejo o senhor Othon entrando com seu automóvel pelos portões. Ele abre o vidro e acena com a mão, devolvo o aceno e entro. Ainda o vejo pelo retrovisor, ele desce do carro e põe as mãos nos quadris, como se estivesse decepcionado.

— Quem é o bonitão? — Emília, com aquele jeito divertido que ela tem, pergunta. Dou de ombros e sorrio.

— É o Othon, primo do Lucca.

— Ele não gostou muito de não termos parado.

— Depois eu explico para ele que estávamos com pressa.

— Pelo olhar brilhante que ele deu de dentro do carro quando a viu, acho que ele tem algum interesse em você.

— Emília, vamos parar de suposições. O Othon é o primo do Lucca e eu acho que ele gosta da Suzanne. — Não sei por que disse isso. Quem não deveria fazer suposições era eu.

— Garota sortuda. — Ela sorri, debochada, já sei que vem uma gracinha. — Eu, no seu lugar, ficaria louquinha. Já pensou, ter dois homens incrivelmente lindos e sexy perto de mim ao mesmo tempo, e ainda por cima me olhando daquele jeito? — Viro meus olhos para ela, e já ia abrindo minha boca para protestar, quando ela bate em minha perna. — Nem proteste, é a verdade. Eu sei que o Lucca é lindo, andei pesquisando o nome dele na internet, e acabo de ver outro homem tão lindo quanto. Eita, família de homens lindos! Não tem um *pra* mim sobrando, assim, um pouquinho mais velho?

— Você está impossível hoje. Deixa o Carlos escutar essas barbaridades. E para sua informação, os únicos mais velhos na família são o senhor Felipo e o senhor Patrício, mas o pai do Othon é casado, só sobrou o pai do Lucca. É um coroa muito bonito, mas eu acho que ele não quer se envolver com ninguém, ainda ama a esposa, ela desencarnou há alguns anos.

— Então deixa quieto, não quero competir com uma desencarnada. — Ela para no semáforo. —

E o Carlos e eu só somos amigos. Apesar de o achar um gato, ele nunca me deu a entender que quer algo além de amizade.

— Mas você quer? — Ainda bem que mudamos de assunto. — Eu acho que ele gosta de você.

— Se ele gosta, vai ter que me dizer, não sou adivinha. Tampouco vou me jogar no colo dele, vai ter que correr atrás. Mas não mude de assunto, quero saber como andam as coisas entre você e o Lucca.

— Nos beijamos... — Ela me encara, abismada, e as buzinas começam bem atrás de nós.

— Emília, o sinal! — Saímos lentamente.

— E quando você ia me contar? Aliás, a senhora não me liga mais!

— Estou contando agora, e não ligo e nem mando mensagem porque meu tempo é todo do Lucca, e só tem uns dois dias que estou na mansão, pare de reclamar.

— Minha nossa, só dois dias?! E já aconteceu tudo isso? Daqui alguns dias você vai me dizer que serei tia.

— Emília! Pare, não é bem assim. Eu e o Lucca... quer dizer, quase aconteceu...

Ela para o carro bruscamente.

— Honna, como assim? Já passaram para o próximo passo? Meu Deus! As coisas estão corridas demais, Honna. E aí?

Conto ou não conto? Emília é minha melhor e única amiga, gosto dela como se fosse minha mãe, mas não tenho esta mesma liberdade com minha mãe.

— Eu o amo, Emília, e sinto que ele me ama também. É como se este amor já existisse há muito tempo, quando estamos juntos é como se já nos conhecêssemos há um milhão de anos. Sabe aquela sensação de quando você acaba de conhecer uma pessoa, mas você tem a impressão de que já a conhece? Acontece comigo em relação ao Lucca. Quando o vejo, quando estou perto dele, parece que estamos tendo um déjà-vu, até as palavras que são ditas parecem que são repetidas.

— Não sou médium, mas repito, vocês são espíritos afins, tenho certeza disso, Honna.

Brincadeiras à parte, se vocês se amam de verdade, nada os impedirá de ficarem juntos, e se esta ligação entre vocês estiver impossível de suportar a distância,

agarre-se à vontade de vocês.

— Você se esqueceu de um pequeno e cruel detalhe: ele é noivo e a noiva dele não está bem da cabeça, o que torna impossível a nossa entrega.

— Honna, se vocês tiverem que ficar juntos, se o amor de vocês tiver que ser concretizado, nem a noiva irá impedir. O amor de vocês, a meu ver, é maior do que qualquer empecilho.

— Não quero magoar ninguém... principalmente a Suzanne. Ela sofreu um aborto com o choque do atentado do Lucca, eles se amavam, e agora ele não a suporta e eu acho que sou a culpada. Ela está sofrendo com a indiferença dele, e eu tenho certeza de que ela está sendo obsediada. Hoje eu presenciei um ataque dela, e me deu um calafrio na espinha. Enquanto olhava para ela via ao seu redor uma fumaça escura, meu estomago embrulhou e me veio aquela sensação de mal-estar.

— Temos que fazer uma prece para esta moça, não sabemos qual ou quais espíritos estão ao lado dela. Assim que chegarmos na casa de oração, vamos escrever o nome dela no caderno de preces assistidas.

Ela liga a seta para a esquerda, acabamos de chegar na casa de oração.

— Boa noite, senhores! Graças a Deus e aos nossos amigos espirituais, chegamos. — Emília toca o ombro do Carlos, que já está sentado em seu lugar, ele ergue a cabeça, toca na mão dela, e sorri do mesmo jeito que o Lucca sorri para mim. Não tenho dúvidas, Carlos está apaixonado. —

Falta alguém? — Emília sorri de volta, do mesmo jeito, enquanto faz a pergunta para ele.

— Não, só faltava vocês. — Ele olha para mim, sorri. — Olá, minha querida, como você está?

Especialmente hoje ele está com uma aura cintilante, o que será que nos espera?

Balançando a cabeça, eu estico os lábios e sorrio com o elogio tão delicado. Nem todos podem, algumas vezes, ver nossas auras, e o Carlos muitas das vezes vê a minha. Isso nem sempre acontece, mas quando acontece, sempre eu consigo me comunicar com um irmão que estava em uma aflição desesperadora. E sempre

conseguimos ajudá-lo.

— Assim esperamos. Então, vamos começar? — digo.

— Algo me diz que hoje teremos uma noite memorável. — Um dos membros do grupo comenta, puxa a cadeira e se senta. Fazemos o mesmo.

— Bem, meus irmãos, vamos dar início aos trabalhos e ajuda aos nossos amigos espirituais.

Alguém aqui acha que não há como participar da reunião?

Sabíamos de nossas responsabilidades para o dia de hoje.

Na noite anterior, até o horário da reunião, é aconselhável não fazermos sexo, comer carne vermelha, ingerir bebida alcoólica, fumar, ter qualquer pensamento ruim e até mesmo alguma discussão que possa influenciar nossas energias.

Carlos, que é o dirigente da reunião, começa a leitura, e quando acaba, as luzes brancas se apagam, e uma luz azul que fica no centro do salão, se acende. A música ambiente, calma, começa a tocar. As jarras de água já estão sobre a mesa que fica um pouco afastada da nossa, juntamente com os copos. Perto dos 2médiuns ostensivos, sou um deles, está um bloquinho e um lápis, caso algum espírito queira se comunicar através da 3psicografia. Damos as mãos, relaxamos nossos ombros, pescoço, fechamos os olhos e nos distanciamos de tudo que possa intervir em nosso trabalho.

— Então vamos à nossa oração inicial... Senhor nosso Deus, nosso pai...

Não é sempre que algum espírito vem até nós em busca de ajuda, esclarecimento ou até mesmo para uma comunicação cordial, e geralmente, quando isso não ocorre, os mentores da casa nos visitam, trazendo-nos grandes conselhos e ajuda, é como uma aula prática, daquelas que você nunca mais esquecerá.

De repente sinto uma onda de calor na nuca, e a luz azul desaparece, a música se cala e começo a sentir frio. Abro os olhos e só vejo escuridão. Escuto um choro...

— Oi, você me escuta? Por que está chorando? Sente dor?

— *Você me ouve? Consegue me ver?*

— Sim, querida eu a escuto, só não consigo vê-la, mas se sair da bruma que a cobre, acho que conseguirei vê-la.

— *Você não é um daqueles iluminados, é? Não vai tentar me afastar dela, vai?*

Ela cita os espíritos de luzes, acho que está tentando se esconder deles. Não sabendo ela que não há como se esconder de seres tão iluminados, no entanto, ela também não sabe que eles não podem obrigá-la a seguir com eles.

— Não, querida, só estou aqui para ajudá-la. Por que está chorando?

— *Eles prometeram cuidar de mim, mas me jogaram fora. Por que eles fizeram isso? Por que ela foi tão fraca? Eu os odeio, e odeio muito mais ela...*

Este espírito carrega muita dor, muito ressentimento, mágoa, raiva.

É uma moça, bonita, apesar de estar muito suja, com as roupas rasgadas, os cabelos desgrenhados. Devia estar com esta aparência devido os sentimentos que trouxe com ela quando desencarnou.

— Qual o seu nome, querida?

— *Meu último nome era Ella, mas faz muito tempo. Depois desse nome, não cheguei a ganhar um outro, eles se livram de mim mais depressa do que das outras vezes. Por que eles me odeiam tanto? Não entendo, eles sempre prometem, sempre juram estar arrependidos, mas sempre se livram de mim, sabe? Ainda me lembro quando eles me venderam para uma família, eu era tão pequena, fiquei tão triste que contraí uma doença e os iluminados vieram me buscar.*

Começo a entendê-la. É um espírito que provavelmente foi rejeitado pelos pais, isso acontece muito, e não são só mulheres jovens que rejeitam os filhos, casais e mulheres casadas também escolhem abortar seus filhos, por não se acharem preparados. Eles pensam em si, se esquecendo da dor daquele ser que está em seu ventre, que foi escolhido para vir ao mundo através deles, independente da situação em que ele foi concebido. A dor do aborto voluntário, é a pior dor do Universo para um espírito.

— Posso chamá-la de Ella?

— Sim, gosto desse nome, fui até feliz com ele, mesmo sendo por pouco tempo, até que eles preferiram o dinheiro a mim. Pode, sim, me chamar de Ella.

— Então, você precisa perdoá-los e seguir. O perdão é o melhor caminho, ele encurtará seu sofrimento, sua solidão e a dor da rejeição. Perdoe-os, Ella. No lugar do ódio e rancor, ame-os. Eles precisam do seu perdão, e você precisa seguir. Olhe para trás, aquelas pessoas querem ajudá-la a se curar, vá com elas. Se ficar aqui vai sofrer muito mais, e ficará sozinha na escuridão.

— Não, eles até tentaram me levar, mas resolvi ficar, desta vez não perdoarei, eles irão me pagar por toda dor que estou passando, principalmente ela. Agora que já entrei em sintonia com o espírito dela, está fácil demais e ela é muito fácil de manipular, tem fraquezas, é tudo que eu preciso para minha vingança. Dele ainda não consegui me aproximar, parece ser protegido por espíritos perigosos, pois toda vez que tento chegar perto, eles me afugentam, mas por enquanto estou contente em atormentá-la, ela sofrerá até não conseguir mais ficar neste mundo, aí ela virá para o meu lado e se tornará minha escrava, e você nem tente me atrapalhar, ou sobrará para você também.

— Ella, esqueça isso, você precisa perdoar, abrace o amor, abrace a oportunidade de evoluir.

— Não, eles precisam sofrer. Chega! Eles nunca mais me enganarão, nunca mais, agora sou eu quem darei as cartas, eles não perdem por esperar, e não se meta, não tente protegê-los. Se você soubesse o que eu sei, o que se passa na cabeça daqueles dois, você também os odiaria.

— Ella, minha irmã, perdoe-os, o perdão sempre é o caminho para a felicidade, siga em frente, abrace a oportunidade da evolução. Tenho certeza de que você ganhará uma nova oportunidade.

— Não, não quero, quero me vingar...

— Ella, aceite a ajuda, nossos amigos que estão próximos de você só querem guiá-la para um

novo recomeço. Siga-os, eles não irão obrigá-la, só depende de você. Aceite, querida.

Emília, como doutrinadora, começa a conversar com o espírito. Ela conversa comigo, já que não consegue vê-lo. Está próxima a mim, enquanto os passistas estão impondo as mãos sobre minha cabeça, jogando energias e preces acolhedoras.

— Não, não, já disse, não irei com eles. Nem sei por que vim parar aqui, não era para estar aqui, era para estar com ela, aquela maldita, aquela vaca. Acho que foi a luz da outra moça, ela às vezes me confunde. Mas a partir de agora ficarei bem longe daqueles dois. O amor que eles sentem um pelo outro me cega.

— Querida, a vingança só irá atrasar sua evolução...

— Não... chega, não quero mais conversar.

— Ella, Ella! Volte, por favor...

— Honna, querida, ela se foi. Talvez, na próxima reunião, quem sabe, ela volte, e tentaremos trazê-la à razão.

Abro os olhos e vejo a luz azul bem diante do meu rosto, meu corpo não está mais com frio, e volto a sentir as mãos dos meus amigos que seguram as minhas.

Todos que estavam de pé, voltam a se sentar. Carlos fecha os olhos e recebe uma mensagem de um dos mentores da casa.

Assim que a mensagem é terminada, nosso dirigente faz a oração final, agradecimentos, e encerra a reunião.

Ainda ficamos alguns minutos, conversando sobre a reunião e esclarecendo alguns fatos. Vinte minutos depois, estamos nos despedindo.

Percebo que Carlos está conversando com a Emília e consigo ler nos lábios dele que está a convidando para jantar.

Ela, certamente, iria rejeitar o convite, pois tem que me levar de volta para a mansão.

Corro até os dois e antes que ela diga não, eu me intrometo na conversa.

— Emília, preciso ir agora, o Lucca me mandou uma mensagem, e como eu sei

que você precisa abastecer o carro, já pedi um Uber. — Minto. Sei que não deveria fazer isso, mas foi uma mentira justificável, e antes que ela invente alguma solução, saio correndo em direção à saída. — Tchau, amores, o Uber chegou. Beijos, até sábado.

— Carol! — Eu a chamo. Uma das trabalhadoras da reunião está saindo do estacionamento. —

Você me dá uma carona até o Salvador Shopping? Surgiu um imprevisto e eu preciso sair antes da Emília.

— Claro, entra aí.

Carol não me deixa no shopping, deixa-me em frente à mansão.

Olho para meu relógio de pulso, são mais de vinte e duas horas, provavelmente o Lucca já deve estar dormindo, então resolvo passar na cozinha. Estou azul de fome, acabo de lembrar que não jantei.

Não encontro a Ruth, nem nenhum dos empregados da casa, está um silêncio de dar medo.

Ventava muito quando cheguei, e como a cozinha tem muitas janelas de vidro, o barulho que o vento faz, soprando contra elas, é muito assustador.

Abro a geladeira e retiro a vasilha dos queijos, presunto, pote de maionese temperada e outra vasilha que contém alguns pedaços de rosbife.

— Humm, isso cheira bem! — Abro o pote e dou uma cheirada na carne bem-preparada.

— Então, seja o que for fazer, também quero.

Assustada, levo uma mão ao peito e quase jogo a vasilha no chão.

— Senhor Othon, isso não se faz, que susto! — Olho enfezada para ele. — Caramba! De onde você veio?

— Desculpe-me, não era minha intenção assustá-la. — Ele vai até uma das pias e começa a lavar as mãos. — Cheguei agora, estava no escritório lendo alguns

processos. Sem o Lucca, aquela indústria fica sem umas das mãos. Tio Felipo é um excelente administrador, mas está afastado já faz alguns anos, então ele tem que aprender algumas coisas, e isso atrasa muitos procedimentos.

— Entendo, é como um corpo, ele funciona perfeitamente enquanto inteiro, mas se caso perder um dedo, tudo fica de cabeça para baixo.

— Bem isso. — Ele enxuga as mãos e vem até mim. — O que está fazendo?

— Sanduíche. Quer um também?

— Quero sim, minha última refeição foi um cafezinho que a Ruth me serviu no início da noite. A propósito, você nem falou comigo quando estava saindo.

— Desculpe-me, não deu para parar, estávamos em cima da hora. Mas eu acenei, não viu?

— Vi. — Ele pega um pedaço de carne e leva à boca, enquanto eu termino de fazer o meu e o sanduíche dele. — Namorado? Foram ao cinema? Jantar fora?

Dou uma risada divertida com a suposição dele.

— Não! Eu já lhe disse que não tenho namorado. Você não conseguiu ver a pessoa no volante? É

uma amiga. — Deixo os sanduíches no micro-ondas

— Não, não deu para ver. Só não acredito que uma moça tão linda quanto você não tem um namorado. O que esses homens têm na cabeça? — ele pergunta enquanto sirvo o sanduíche e o suco dele.

— Os homens até que me enxergam, senhor Othon, sou eu que não tenho tempo para namorados.

Minha vida é complicada demais para compartilhar com outra pessoa.

— Sempre encontramos tempo para o amor, Honna, e tem vezes que o próprio amor nos encontra, então, não há como fugir dele. — Ele para de comer de repente, ficando pensativo, é como se uma lembrança surgisse em sua frente.

— O amor ainda não me encontrou, e está tudo bem, não tenho pressa mesmo.

Othon bebe o suco, olha seriamente para mim e sorri.

Ele se parece um pouco com o Lucca, só a cor dos olhos é diferente. Tem os olhos cor de mel, o que lhe dá um ar misterioso, é muito bonito fisicamente, alto, músculos definidos, e tem um sorriso encantador. Não deve reclamar de solidão, deve ter muitas mulheres loucas por uma oportunidade para alcançar seu coração.

— Tem um pedaço de queijo aqui. — Nem percebi que se aproximou, só vejo seus dedos tocando o canto de minha boca e os seus olhos varrendo meu rosto lentamente. — Você é linda, Honna. Não me cansaria de ficar olhando para você o resto da minha vida.

— Obrigada, senhor Othon. — Limpo a garganta e me afasto, e nesse instante olho para a porta e vejo a Suzanne nos fitando. Não sei o quanto ela viu, só espero que não faça um escândalo. —

Suzanne, quer alguma coisa?

Othon não se afasta, apenas olha por cima do ombro em direção a ela.

— Estou atrapalhando? — indaga secamente. — Só vim pegar uma garrafa de água, acabaram as do meu quarto.

— Deixe que eu pego, aproveito e subirei com você, estou morto de cansado. — Othon olha para mim e pisca um olho. Depois segue até a geladeira, pega algumas garrafas de água e uma maçã.

— Essa é para você, princesa. — Mostra a fruta com um sorriso nos lábios para Suzanne. — Honna, obrigado pelo sanduíche. Boa noite! — Ele abraça a Suzanne e ela deita a cabeça no ombro dele, que automaticamente ele beija seus cabelos.

Fico admirando a cena. Eles estão tão envolvidos sentimentalmente que nem percebem que cedo ou tarde todos irão perceber, se já não perceberam. Não sei o que se passa na cabeça da Suzanne.

Agora, vendo-os juntos, não tenho certeza se ela ama o Lucca, ou se está usando

o Othon como tábua de salvação, já que Lucca a despreza. Ou pior, talvez ela ame o Othon e só queira o dinheiro do Lucca. Não sei o que é pior.

Limpo minha bagunça, lavo a louça e sigo para o quarto.

O silêncio e a pouca luminosidade faz parecer que o Lucca está dormindo. Faço o mínimo de ruído possível, entro no meu quarto, dispo-me, me enrolo na toalha e a passos lentos sigo para o banheiro. Tento não fazer barulho, o que é um pouco impossível, pois a ducha, mesmo sendo a mais fraquinha, faz um eco no banheiro. Desligo a ducha, me enxugo, uso meu hidratante, me enrolo outra vez na toalha, apago a luz antes de sair do banheiro e ando na ponta dos pés. Já estou com um dos pés dentro do meu quarto quando escuto um clique. A porta é travada.

— Honna, onde pensa que vai? Quero a senhorita aqui, deitada ao meu lado.



Capítulo 25

A vantagem de ter um quarto no térreo é que podemos escutar os barulhos existentes em todos os cantos da casa quando tudo está em total silêncio. Passei uma noite de merda desde o momento em que a Honna saiu para fazer não sei o que e não sei onde. E para piorar meu humor, Suzanne resolveu me infernizar. Achou-se no direito de bancar minha enfermeira e não tive como mandá-la embora. Ela hoje estava com aquela aparência de total desalento, então, deixei que fizesse o que quisesse, já que virei um boneco de cordas. Mas isso irá mudar em breve.

Ruth me deixou à mercê de minha “noiva” e ela me alimentou, apesar de já poder fazer isso sem ajuda. Me levou até o banheiro e nesse momento precisei ser rude, pois ela queria entrar e me fazer companhia. Depois deitou-se ao meu lado e como sempre, tentou me assediar.

Por mais que tentasse me concentrar para não deixar meu pau duro, não teve jeito. Estou vivo, tenho uma porra de um pênis no meio das pernas, e se ele for manipulado, o sangue, caralho, se concentra na porra... aí, fodeu! O cacete fica parecendo uma barra de ferro, e a Suzanne sabe fazer um pau ficar duro, ela é expert nesse assunto. Então, o que eu fiz?

Gritei. Fingi dor.

Ela se afastou na hora.

A escrota já estava de boca aberta, pronta para enfiar o sacana na boca. E qual o pau não cospe espuma quando sente um canal quente, úmido e apertado? Só se estiver brocha. Não é mais o meu caso. Depois da Honna, ele se assanha até com a imagem de um mamão partido no meio. Estou subindo pelas paredes, esta é a verdade. Por isso recorri ao desespero. Contudo, ela não desistiu, e os meus dedos foram usados para masturbá-la até gozar em minha mão.

Vendo-a naquele estado tão desesperador, cheguei à conclusão de que ela não estava tentando me agradar, ou simplesmente fazer-me sentir desejado. Não tinha a ver comigo e sim com ela. E foi naquele momento que percebi que a Suzanne tem um problema sério com sexo. Ela, posso garantir, é ninfomaníaca. Nunca está completamente satisfeita. Só então me lembrei das nossas relações, ela sempre queria mais, e muitas das vezes, quando estava dirigindo meu carro, eu precisava parar em algum lugar para satisfazê-la. Não nego, gostava daquele fogo, achava que ela sentia tanto desejo por mim que chegava a ser desesperador.

Só agora estou vendo que ela só me usava para satisfazer suas necessidades e isso é muito nojento.

Quando ela foi embora, com esforço me levantei, escorando-me na cama até alcançar minha cadeira, e fui tomar um banho. O cheiro do sexo dela estava impregnado, foi necessário muita água e sabonete para me livrar daquele cheiro.

Depois que estava de banho tomado e só com o calção do pijama, me deitei, no

entanto, o cheiro da Suzanne continuava na cama. Chamei a Ruth e pedi que trocasse todos os lençóis, só depois de toda essa mudança foi que finalmente a Suzanne *saiu* do quarto.

Vigiava o relógio a cada minuto, tentei dormir, mas não conseguia, e quando finalmente o sono estava vindo, escutei um barulho e passos sorrateiros. Soube na hora que aqueles passos pertenciam a Honna. Fiquei bem, a tranquilidade tomou meu coração.

Ela finalmente havia chegado.

Mas a tal paz durou pouco.

Escutei uma outra voz, e aquela eu conhecia perfeitamente.

Othon.

Ele estava sorrindo, e ela também.

Ah, maldito ciúme.

Maldita insegurança.

Maldito medo

Juro que quis descer da cama, subir na cadeira de rodas e surpreendê-los, mas não tive coragem.

Não quis bancar o idiota novamente. Esperei... Ela não vinha. Então o idiota ciumento do caralho se levantou, subiu na cadeira de rodas e foi atrás do que é dele, parecendo aqueles assassinos com sangue nos olhos. Já estava na metade da sala, quando vi a Suzanne seguindo para a cozinha, felizmente ela não me viu. Voltei para o quarto e para a cama.

Alguns minutos depois ela entrou silenciosamente, como uma ladra que não quer ser pega. Fingi estar dormindo e segui todos os seus movimentos, e inebriado com o cheiro que vinha do banheiro pacientemente esperei.

Inebriado e de pau duro.

Minha vontade é descer da cama e rastejar até o banheiro, dividir a ducha com ela. No entanto, me lembro que não poderei jogá-la na parede e fazê-la montar em mim, enchendo-a com meu pau duro. Não, ainda não posso fazer isso, mas hoje ela dormirá ao meu lado.

A porta se abre, sinto seu cheiro cada vez mais próximo, deixo-a passar por mim, então travo a porta que dá acesso ao quarto e ela para.

— Honna, onde pensa que vai? Quero a senhorita aqui, deitada ao meu lado.

Honna permanece no lugar. Então, aperto o botão da cabeceira da cama, deixo-a se erguer um pouco até que eu possa finalmente apreciar a mulher que amo.

— Honna, venha aqui! — exijo. Eu sei que estou me portando como um possessivo do caralho, mas no momento é assim que estou me sentindo. — Honna! — digo e acendo a luz.

Oh, Deus! Ela vira o corpo como se estivesse em câmera lenta. Tão linda, embrulhada em uma toalha branca, cabelos ainda presos no alto da cabeça, os fios comportados, e eu doido para bagunçá-los com o furor dos meus dedos.

— Posso pelo menos vestir uma roupa?

Que pergunta sem sentido, dona das minhas vontades. Você tem certeza de que quer ouvir a resposta?

Então lá vai.

— Não! — Ela revira os olhos e antes mesmo que pense em fazer o que penso que vai fazer, grito. — Nem pense, quero-a aqui, do meu lado, e agora.

— Lucca, acho que não é uma boa ideia. Você precisa descansar e eu preciso dormir, portanto, boa noite! — É, ela gosta de me provocar.

— Honna, ou você virá para a minha cama, ou eu irei para a sua, escolha.

Ela solta o ar com impaciência, joga os braços nos dois lados do corpo e vem. Para em minha frente, bem perto da cama, e me dá um olhar minucioso.

— Você promete se comportar? — Na altura do campeonato, só posso prometer

não ser rude, apenas isso.

— Tire a toalha. — Peço e ela mexe as sobrancelhas. Ela cora enquanto eu mesmo puxo a toalha e ela cai aos seus pés. — Caralho! O Criador a criou nos mínimos detalhes, meu amor. Vem cá, deite-se aqui do meu ladinho. — Bato a palma da mão no colchão.

Finalmente, ela se deita e posso matar toda a saudade que devorava minha alma.

— Lucca, eu...

Já sei mais ou menos o que virá, ela está com medo. Eu também estou. Talvez eu devesse esperar um pouco? Talvez. No entanto, há uma força que me empurra para o agora, é como se tivesse que ser já, não sei explicar, nunca fui apressado, sempre fiz as coisas com calma, mas com a Honna não há passividade, só uma tempestade de sentimentos, realmente eu não sei se estou sendo apressado. O que eu sei é o que sinto, e no momento eu a quero, e quero em todos os sentidos. Se pudesse já teria revelado meu amor para todos, já teria dado um final ao meu noivado.

Se pudesse já teria enfiado uma aliança em seu dedo anelar da mão esquerda.

Mas, ainda não posso.

Portanto, não quero esperar para torná-la minha, isso ninguém pode me proibir, somente ela.

— Shh, vire-se, quero olhar seu rosto lindo. — Até o momento ela está deitada de costas para meu peito, eu apenas estou a abraçando, sentindo o cheiro gostoso dos seus cabelos. Ela se vira e ficamos frente a frente. — Amor, não pense que sou apenas um monte de testosterona louco para saciar minha necessidade por uma boceta, claro que não. Sim, não nego eu quero sua deliciosa boceta virgem, mas quero você acima de qualquer outra vontade, e se você disser que não quer... —

Faço uma pausa e uma careta. — Claro que ficarei puto, pois estou vazando de desejo, mas como disse, você está acima de qualquer desejo. Ficamos aqui, você pelada, eu de pau duro, agarradinhos, e Deus me ajude, mas eu acho que consigo dormir um tiquinho.

— Lucca, você é terrível, meu Deus! Como consegue? Já estou me sentindo a vilã da história. —

Agarrada em meu abraço, ela articula.

— Você quem manda, neném. Diga-me que saída eu tenho, a não ser aceitar meu cruel destino de ter uma virgem nos braços e não poder fazer nada. A cruela é você, eu sou apenas um pobre coitado aleijado de pau duro, que no momento está cutucando sua barriguinha lisinha.

— Idiota! — Recebo uma tapinha no peito e uma mordida no queixo.

— Adorável. — Beijo a ponta do seu nariz e em seguida nossos lábios se encontram, e o beijo suave aos poucos se transforma em um avassalador furacão de sentimentos. — Preciso de você... —

sussurro e volto a beijá-la. — Necessito de você. — Murmuro e volto a beijá-la. — Por favor, não me rejeite. — Suplico e volto a beijá-la. — Diga que me quer.

Exijo e a encaro com aquele olhar de matador fodido do caralho.

Quando comecei a ser dramático?

— Lucca... — *Não pense, meu amor, não pense. Só se entregue.* — Eu quero, quero ser sua.

Ah, caralho! Onde está a música romântica de fundo, aquelas dos filmes?

— Tem certeza?

O idiota aqui, tem que fazer essa pergunta, e se ela disser não? Nesse momento estamos um olhando para o outro, respirando ofegante, coração acelerado, e o meu cu piscando, morrendo de medo que ela desista.

— Tenho, só não sei o que devo fazer. — Nem eu. Se estivesse em plena forma, já estaria por cima do seu corpo, tentando romper seu lacre, mas essa posição no momento não será possível.

E agora, caralho?

— Namore comigo, meu anjo, faça o que quiser, depois nossos corpos saberão o que fazer.

Imbecil! Estou parecendo um abestalhado, daqueles bem idiotas.

— Mas o problema é que eu não sei o que fazer... — Oh, meu pai! Minha namorada, além de virgem, é muito inocente, acho que Deus me ama, ou sou um filho da mãe sortudo do cacete. — Ok, eu sei, sou uma idiota, sem experiência, você tem o direito de desistir de mim.

— Hei, claro que não! — Mas que porra! ela pensa que vou desistir, se tudo o que quero na vida é ela. — Quieta, Honna.

Ela já ia descendo da cama.

Mas que cena mais tentadora... Ela nua, cabelos desgrenhados caindo no rosto e com lágrimas nos olhos... Pura dramaturgia. Eu com o pau pulsando feito um louco em uma camisa de força.

— Deixe-me, Lucca. Eu sei que sou esquisita, acho melhor você ficar com sua noiva, pelo menos ela sabe o que fazer...

— O caralho que eu quero aquela lá! Eu quero você, porra, e eu adoro sua esquisitice. Vamos ser um par de jarros esquisitos, e chega de drama, eu quero sua boca em mim.

— Lucca! Nem sei o que fazer! Tenho medo de machucá-lo.

— Caralho, mulher! O quanto você é virgem?

— Como assim? Ah, Lucca, essa conversa está mais esquisita do que eu.

Será? Não, não pode ser! Deus, o senhor gosta mesmo de mim!

— Honna, olha para mim? — Ela se ajeita no colchão e no meu braço, já que sua cabeça está apoiada nele, seus lindos olhos claros encontram os meus. Ai, que vontade de beijar essa boca e depois... bem, depois eu penso nisso. Seguro em seu queixo. — Amor, não ligue para meu jeito louco

de ser. Eu sei que às vezes assusto, mas, eu só mordo. — Brinco e ela me bate —

e você vai adorar minha mordida.

— Lucca, para de brincar, não vê que estou nervosa? Oh, meu Deus! Acho melhor eu ir para o meu quarto e dormir. Nossa história vai terminar muito antes de começar.

— Quieta! — Ela tenta novamente descer da cama. — Que porra de mulher teimosa do cacete!

Caralho, eu só quero saber se você já namorou, beijou, abraçou, roçou, recebeu línguada, chupada, se já chupou...

— Lucca! — Ela me olha com os olhos arregalados, suas bochechas estão vermelhas. É, assustei minha namorada. — Meu Deus! Esse é o seu jeito de me deixar calma? Não está funcionando.

Puxo-a, abraço seu corpo nu com amor. Isso é uma tortura, mas pelo jeito eu tenho que ser paciente. Que situação do caralho eu me meti.

— Desculpa, amor! Só quero saber o quanto você conhece sobre... você sabe... fuc, fuc, fuc... —

Faço o gesto com a mão.

— Oh, meu Deus! Você não pode ir direto na pergunta? Precisa fazer tantos rodeios? É só perguntar até onde eu fui em meus namoros.

— Mas eu perguntei, cacete. — Ela me encara com as sobrancelhas juntas. — Não perguntei?

— Balança a cabeça, negando. — Perguntei sim, perguntei o quanto você é virgem.

— Ah, *tá*! Bem, só tive dois namorados, e ao máximo que chegamos foi um beijo de língua e o último acariciou...

Quero o endereço do indivíduo, seja onde ele tocou, perderá a maldita mão.

— Ele... ele acariciou meu seio.

Vagabundo! Ele é um homem sem mão, caso eu o encontre.

— Mas foi só isso. Fiquei tão nervosa que retirei a mão dele.

Essa é a minha garota.

— Pedi para ter paciência e ele respeitou, no entanto, dias depois ele me mandou embora, chegou à conclusão, assim como o outro, de que sou maluca, e certamente você achará o mesmo quando me conhecer melhor.

— Certamente, não acharei, e eu a quero. Se você me pedir para que só façamos sexo depois que nos casarmos, respeitarei. — O caralho! Farei de tudo para ser antes. — Então, amor, isso quer dizer que você não conhece nada sobre sexo?

— Claro que eu sei, eu leio livros e assisto filmes de sacanagem, e me toco também, só não pratiquei com ninguém. — Ela baixa os olhos, toco seu queixo outra vez e ela levanta os cílios, me encarando com aquele rostinho de menina inocente, o que me deixa muito duro e quase uivando.

— Venha cá, serei sua cobaia... — Aleluia, senhor! — Põe a boquinha nesse corpinho todo fodido, mas que é todo seu, use-me, pratique em mim todas as sacanagens que viu nos livros e nos filmes.

Olho para ela com o olhar de tarado bem doido, mas bem doido para pegar a vítima e fodê-la até seu pau ficar roxo de tanto usar.

— Assim...? — Ela morde meu queixo. E eu fico só olhando e balançando a cabeça, igual uma criança louca por um sorvete. — Assim...? — Escorrega a língua em meu pescoço. — Caralho! Se ela demorar muito, quando chegar no meu pau já gozei. — Assim...?

Posiciona os joelhos, um de cada lado do meu corpo, quase ralando a boceta no meu peito.

Sacanagem, meu peito vai comer sua bocetinha antes do meu pau.

— Isso, amor, desce mais, chupa aí... assim, sacaninha, morde agora... caralho! — Sinto seus dentes cercando meus mamilos, quase grito quando ela morde e puxa para si. Dói, mas é bom, acho que virei um masoquista.

— Gosta disso? — ela pergunta, raspa o dente no outro mamilo e o chupa.

— Puta merda! Caralho, sua escrota, você aprende rápido. Mais, mais, amor, estou carente, estou de pau duro, estou quase gozando. Morde, chupa, coma tudo o que encontrar no caminho. —

Ergo a cabeça e só vejo um manto de cabelos loiros acariciando minha pele. — Assim, amor, mais embaixo.

Sinto sua boca logo acima da minha virilha, e seus dedos entram através do elástico do meu calção. Seus dedinhos tímidos passeiam para lá e para cá, deixando-me louco. Peço em pensamento que todo este tormento acabe e sua boca alcance o objeto de desejo dela... meu pau.

Vai, amor, pega ele , *morde* ele , *chupa* ele , *ou eu morro.*

Exagerado? Não! Eu *tô* é muito fodido de desejo.

— O que quer que eu faça?

Sério? Ela está mesmo fazendo essa pergunta?

Me chupa, porra!

— Mate sua fome de mim, amor. — Sou um cavalheiro, não iria falar isso.

Ai, caralho! Eu aqui pensando em sacanagens e nem vi quando meu calção foi puxado. Meu pau está tão duro que foi cueca e tudo, e o escroto pulou fora, todo libertino, ereto e todo babado, parecendo um cão raivoso do inferno. Não sei como minha linda virgem não se assustou.

— O que foi? Algum problema com ele? Não era o que esperava? — Ela está olhando para meu cacete erguido, boquiaberta, abobalhada. Será que não gosta do que está vendo?

Eu tive um trabalho do cão para me depilar, vou sofrer horrores com a coceira desgraçada quando meus pentelhos estiverem crescendo. Fiz tudo isso para agradá-la, e ela fica parada, olhando para ele, igual a uma lesada.

— Não, é perfeito... — Já sei, ela estava acostumada a ver um matagal, nem

conseguia ver a beleza do meu extraordinário membro.

Eu sei, não sou nada modesto. Mas falo sério, tenho um pau de dar inveja.

— Gosta do que está vendo, hein?! Quando ele estava coberto pela mata amazônica, era assustador, agora é todo seu, amor, faça o que quiser com ele, prometo que não vou reclamar.

Temo que quando ela o puser na boca, a porra vai esguichar feito uma garrafa de espumante.

Só tenho tempo de fechar os olhos.

— Put... merda! Que porra é essa? — A sacana engole meu pau, enfia todo na boca, tosse, mas não desiste. — Honna, assim vou gozar, porra!

Ela não me escuta, continua me chupando, lambendo, sugando.

Não era isso que você queria, seu escroto filho da mãe? Pois bem, ela está fazendo. E eu vou gozar...

— Honna, amor, pare, pare, meu amor, ou vou gozar na sua boca.

Puxo sua cabeça para cima, e ela solta meu pau. Ele fica lá, erguido, todo babado, pulsando e vermelho, a cabeça roxa. O desgraçado está quase cuspido a porra.

Ela fica olhando para ele com a boquinha aberta, quase suplicando para engoli-lo novamente.

Se acalme, Lucca. Faz tempo que você não faz isso!

— Meu amor, venha cá. — Ela está entre meus joelhos, com a boca quase roçando no escroto do meu pau. — Honna! Não... caralho! — Ela segura o filho da mãe e o lambe, passando a língua lentamente em todo eixo. — Filha da mãe! Você é uma escrota, Honna. Quer me matar! — Minha ereção some outra vez dentro de sua boca, quase vou à nocaute. — Honna, se não quiser sentir o sabor da minha porra, pare de me chupar.

Ergo a cabeça e observo, ela me encara com a boca cheia de pau, e me oferece

um sorriso escroto.

— Honna, solta o osso, ou eu juro que você vai engolir seu primeiro esperma. — Aperto o botão da cabeceira da cama e fico sentado, só assim consigo segurar os dois lados de sua cabeça. —

Amor, é sério, venha cá.

Eu não quero... Na verdade, meu corpo pede para que ela termine o boquete com uma cusparada de minha porra bem no fundo de sua garganta, mas não é justo para ela, pois é a sua primeira vez, tem que ser perfeita, pelo menos eu tentarei que seja.

— Lucca, eu quero, juro. Não faz isso, estava tão bom... — Oh, maldade. Eu sou um escroto do caralho, não mereço um anjo tão inocente. — Deixa, vai. Eu sei que você quer gozar na minha boca, eu sei que os homens gostam e eu sei que você precisa disso.

Não, Honna, não é bem assim. Eu preciso que você sinta prazer, eu preciso que você experimente os prazeres que meu corpo pode dar.

E com todo o amor que estou sentindo por ela, a encaro.

— Vem cá, meu amor. — Seu rostinho está todo lambuzado, é uma imagem foda demais para meus olhos. Eu a puxo com delicadeza e ela se senta de pernas abertas no meu colo, com o vagabundo do meu membro erguido para cima, tocando em seu umbigo, pingando sua gosma em sua pele. — Amor, você deve ser a virgem mais linda do mundo e eu devo ser o filho da mãe mais sortudo do planeta.

Eu quero beijá-la. Seguro os dois lados do seu rosto. — Agora já consigo mover com mais

propriedade o meu lado direito — e junto nossas bocas. Ela cheira à porra, minha porra, está lambuzada, escorregadia, mas é a coisinha mais deliciosa que já provei.

— Amor, não sei como isso vai acontecer, não sei como a farei minha, mas eu quero muito romper o seu lacre e transformá-la em minha mulher.

— Acho que a melhor posição é você por cima. Você consegue? — ela articula, e as palavras soam animadas. Mesmo nervosa, ela quer isso tanto quanto eu.

Mas eu tenho certeza de que não consigo, não dessa forma. Se ela não fosse virgem, não teria problema, quanto mais forte, melhor, no entanto, ela é, e deve ser dolorido pra caralho receber um pau grosso dentro de uma abertura tão pequena.

— Não, depois até podemos fazer dessa forma. — Aliso seus cabelos, enquanto a beijo. — Será sua primeira vez e eu estou fodido, não consigo ainda sustentar meu peso por muito tempo com os braços, principalmente o direito. Não posso ir com força, então acho melhor esta posição em que você está, assim, quem comanda é você. Quando se sentir desconfortável, é só erguer o quadril.

Podemos tentar assim?

— Sim. — Ela sorri aquele sorriso nervoso, medroso.

— Fique de joelhos, quero provar seus seios, quero lamber onde puder lamber.

Já estou quase uivando, parecendo aqueles lobos famintos e no cio.

Ela fica e oferece seus seios fartos e duros. Seguro-a pela cintura enquanto levo um seio à boca, sorvendo um bico bem profundamente. Ela solta um gemido e leva a cabeça para trás, enlouqueço com seu gritinho pretencioso e sorvo o outro seio, mordo o biquinho lentamente sem desviar os olhos dela. Beijo entre os seios, desço a boca um pouco mais, lambo logo abaixo dos seios e depois sigo acima até chegar em seu pescoço.

— Sente-se nele, amor, vá no seu tempo. — Sussurro no ouvido dela.

Com a mão livre, seguro meu pênis e espero que ela se sente. Sua abertura encontra meu eixo, aos poucos seu corpo vai descendo.

Nervoso?

Nervoso é apelido, estou apavorado. Nunca estive com uma virgem. Não quero machucá-la, não quero que ela sinta dor, eu quero que ela se sinta bem, que tenha o melhor orgasmo de sua vida.

— Lucca... — Ela para. Eu tremo. Sinto a pressão e certamente doeu. — Dói...

Eu sei que dói.

— Vá no seu tempo, amor, é por isso que esta posição é melhor, é você quem comanda, você quem me come. — Sorrio para seu rosto assustado, beijo seus lábios, abraço seu corpo.

Ela tenta mais uma vez. Acho que a cabeça do eixo entrou. Ela retesa o corpo, eu a beijo com mais força. Acaricio sua linda bunda. Meus dedos escorregam para o rego e meu dedo do meio começa a fazer massagem em seu ânus, ela arqueia o quadril quando sente o prazer.

— Relaxe, amor, só quero acariciar aqui, só sinta o prazer. — Continuo a massagem e busco sua boca outra vez. Beijo-a com paixão.

Seu corpo ganha prazer, a tensão desaparece e aos poucos seu quadril vai descendo e meu membro vai se enfiando em sua abertura virgem.

É apertada *pra* caralho!

— Lucca...

— Oi, estou com você, quer parar?

Eu morro se você disser sim. Juro, meu pau nunca mais ficará erguido.

— Não. — Ufa!

Ela ganha confiança e desce mais um pouco. Eu estou na beira do precipício, quase jogando o pano, meu pau está pulsando como um epilético em convulsão. Meu eixo escorrega um pouco mais para dentro de sua boceta apertada. Estou preocupado, ela certamente está sentindo dor, porque eu estou.

— Deus! Isso dói, não sabia que doía assim. — Suas mãos se apoiam em meus ombros, sinto suas unhas em minha pele. — Lucca, está doendo...

— Se mova mais rápido, meu amor. Quanto mais lento, pior.

Se ela demorar mais um pouco, mando todo meu fogo se foder e desisto, não

quero que ela sinta dor.

Então escuto um grito. Ela se senta completamente em meu colo. Suas unhas cravam totalmente em meus ombros e o seu corpo encontra o meu, sinto seus dentes me morderem.

— Já foi, amor. Agora você é minha mulher, literalmente. — Nunca pensei que algum dia diria isso. Baixou o alfa em mim. — Quer que eu me mova? — Assente um sim, ainda agarrada a mim. —

Dói? — pergunto e movo o quadril para cima.

— Um pouquinho.

Movo mais rápido e meu medo vai dando lugar ao prazer. Ela vai ganhando confiança e vai se movendo no mesmo ritmo, e logo está cavalgando em meu colo, em seguida estamos nos beijando e eu agarrado ao seu corpo, entrando e saindo dela, meu pau todo enfiado em sua boceta apertada.

Estou no céu, estou fazendo amor.

Isso que é fazer amor.

— Honna, só um minuto... camisinha... — Eu a puxo levemente e meu pênis sai de dentro de seu núcleo quente. — Embaixo do travesseiro, pegue o envelope. — Ela me envia um olhar desconfiado.

— Você já sabia que isso ia acontecer, Lucca Stein?

Ofereço meu riso torto.

— Sim, foi você quem prometeu. — Pisco um olho, sorrio novamente.

Ela pega o embrulho, rasga no dente e eu coloco o preservativo. Agora posso fazer isso.

— Sente-se nele novamente porque agora vou mostrar-lhe o paraíso. — Seguro-a pela cintura e ela se senta de volta em meu pau vestido a rigor. — Segure-se, vamos galopar na melhor foda da nossa vida. — Arqueio o quadril. — Galopa, amor, galopa em mim, deixe-me doidinho com o calor

de sua bocetinha apertadinha. — Ela o faz, só fico apreciando o balançar dos seus seios e o esvoaçar dos seus cabelos. — Linda! — Abraço seu corpo e a beijo, enquanto nossos corpos se sacodem na loucura da nossa foda. Ela grita, se agarrando a mim, e eu solto um rosnado rouco enquanto empurro seu corpo para baixo, enchendo o preservativo com minha porra.

Ela ofega em meu ouvido, beijando meu rosto até sua boca encontrar a minha, e é assim que nosso prazer é consumado, com um beijo feroz enquanto meu corpo se convulsiona dentro do dela.



Capítulo 26

— Você não ficará com ela. Não ficará, otário. Ele não deixará, nós não deixaremos. Ela nunca será sua, você não a merece, ela é nossa. Nossa!

— Não!

— Lucca, amor, acorde. É um pesadelo, meu amor.

— Honna... — Eu a abraço bem apertado, quase a sufoco. Honna começa a tossir. — Perdão, amor, perdão. Só não me deixe, fique aqui. Preciso sentir seu corpo, seu calor, sua respiração. — Ela se aconchega em meu peito, enquanto puxo uma respiração de alívio. Ela está aqui, aqui bem pertinho de mim, ninguém irá tirá-la de mim, ninguém.

— Lucca, se acalme, foi só um pesadelo. — Ela tenta se afastar, aperto-a contra meu peito. —

Amor, relaxe, se acalme, seu coração vai explodir desse jeito. Solte-me, Lucca, preciso aferir sua pressão.

— Não, vou melhorar, só preciso que fique perto de mim. — O pesadelo foi tão real que ainda sinto a sensação desesperadora.

— Amor, não posso, preciso cuidar de você. — Tento mantê-la perto, mas estou me sentindo tão mal que perco as forças.

— Fique quieto, deixe a cabeça no travesseiro, eu já volto.

Ainda vejo seu corpo nu se afastar, se distanciando dos meus olhos. Então vem aquela sensação novamente, a dor no peito, na nuca, a falta de ar. Meu Deus! Será que estou morrendo?

— Honna! — grito. — Honna! — grito outra vez.

Ela vem correndo, tentando dar o nó no roupão que cobre seu corpo.

— Estou aqui, estou aqui. — Ela toca o dorso da mão em minha testa. — Você está gelado, Lucca. O que está sentindo? — Seus olhos preocupados varrem meu rosto.

Deus, não quero deixá-la. Não me leve, não agora.

— Hei, desmanche essas ruguinhas de sua testa. Estou melhorando, acho que fiquei assim porque se afastou de mim. — Tento sorrir, mas aquela sensação de mal-estar ainda está muito presente. — Honna, ficarei bem.

Ela pega a sacola que trouxe no ombro, abre e pega um aparelho. Sinto um aperto no braço.

Fecho os olhos, respiro lentamente.

— Você teve uma queda de pressão, baixou muito, é por isso que se sentiu mal. Vou ligar para o doutor Osmar...

— Não, não precisa, já estou melhorando. Acho que fiquei assustado com o pesadelo. — Só de pensar no maldito pesadelo, volto a me sentir mal.

— Quer falar sobre ele? — Ela continua aferindo minha pressão. Honna sempre faz duas vezes.

— Só lembro de ser horrível, era como se alguém tentasse tirá-la de mim. Não sei explicar, mas parecia que já havia sentido isso antes.

— Lucca, é só um pesadelo.

Ela fala isso porque não foi ela quem sonhou.

— Foi o pior pesadelo de toda minha vida. — Afasto uma mecha de cabelo do seu rosto e levo para trás de sua orelha. — Sabia que estou gostando muito de gostar de amar você?

Ela me encara, com seu olhar preocupado e amoroso, tudo junto.

— Bobo. Eu também gosto muito de gostar de amar você. Agora o senhor ficará quietinho enquanto vou preparar seu banho.

— Honna... — Puxo seu braço quando tenta se afastar. — Promete nunca me deixar?

— Lucca, isso só acontecerá se você me deixar. Não depende de mim, mas de você. — Ela se inclina e me beija a boca, eu a agarro e a trago para cima do meu corpo. Tento desfazer o nó do roupão, mas sua mão segura a minha. — Banho, Lucca. Café da manhã, médico, visitas, safadezas só à noite, quando não pudermos ser incomodados.

— Quero você agora, que se foda o resto.

Desfaço o nó do roupão, jogo os lençóis no chão e ela fica novamente nua em meus braços. Ergo a cabeceira da cama e ela fica sentada em meu colo.

— Isso é seu sangue virgem? — Honna segue a direção dos meus olhos, entre suas coxas.

— Provavelmente. — diz, envergonhada.

— Hei, este sangue é a prova de que me tornei seu homem. — A porra do macho alfa ressurge, estou quase estufando o peito e batendo nele, gritando igual ao

Tarzan. — Se tivesse visto antes, enquanto estava fresco, teria me sujado com ele. — Esfrego meus dedos entre suas coxas e passo em meu rosto. — Pena que está seco. — Olho para meu pau, ainda há vestígio de sangue na virilha, isso me deixa ainda mais orgulhoso.

— Lucca, pare de ficar procurando meu sangue, isso é nojento. — Ela tenta me impedir, até que encontro a camisinha jogada no lençol do colchão e junto a ela a prova final, o forro está com um círculo de sangue.

— Quero guardar esses lençóis para mostrar aos nossos filhos...

— Lucca, como você é bobo! Onde já se viu? Pare com isso. Vou é escondê-lo, antes que a Ruth o veja.

— Não, eu quero que todos vejam, quero que saibam que fui o primeiro e o último homem de sua vida. Para sempre minha, minha, Honna Stein.

Ela para de lutar. Segura os dois lados do meu rosto e me beija apaixonadamente. Já estou com o eixo erguido, então a seguro pela cintura, a ergo e ela se senta em meu membro. Escuto um gritinho de dor assim que meu pênis escorrega para dentro de sua boceta. É tão apertada, que gemo de prazer.

— Doeu? — pergunto enquanto minhas mãos seguram seus quadris e a ajudo a subir e descer em



meu pau.

— Já passou. — Ela me beija e os nossos corpos se juntam quando eu a abraço.

Sucumbimos à devassidão. Puxo seu cabelo, mordo seu queixo, bato em sua bunda, chupo os bicos dos seus seios, mordo-os, ela grita e embrenho meus dedos em seus cabelos novamente, então dou outro puxão, fazendo sua cabeça ir para trás, dando-me acesso ao seu lindo pescoço. Mordo, lambo, e quando ela está gemendo no galope da nossa foda, minha outra mão alcança sua bunda e meu dedo a penetra por trás. Dou-lhe prazer duplo. Honna abre os olhos e me

encara, surpresa.

— Eu a amo, e a quero em todos os sentidos, inclusive aqui. Só confie em mim.

Ela fecha os olhos e se entrega, deixando-me explorar seu corpo. Meu pau, meu dedo e minha boca, em cada parte deliciosa do seu corpo. Só escuto seu grito orgástico, e logo depois meus espasmos e meu rosnado prazeroso é liberado. Só então me dou conta de que não usamos preservativo.

— Caralho! Perdão, amor... — Assustada, ela abre os olhos, ainda está tendo a sensação do orgasmo, eu também, mas a preocupação da minha irresponsabilidade quebra meu gozo. — Honna, me perdoe, juro que não foi de propósito...

— Lucca, se acalme. O que foi?

Ainda estou todo enfiado dentro do seu corpo e duro, mas eu acho que ela nunca mais vai querer fazer amor comigo. Não depois desta cagada do caralho.

— O preservativo, esqueci de usar. Pode brigar, me xingar, me bater, só não me deixe. Prometo que assumo o bebê e me caso com você ainda hoje, e quanto à doença, se tivesse alguma você já saberia. Casa comigo. Não porque fiz amor sem proteção, mas porque não me imagino viver sem você.

— Lucca, respira, se acalme. Eu uso contraceptivo. — Como assim? Ela é virgem. Quer dizer, era, então por que usa anticoncepcional? — Desfaça as rugas. Uso os remédios para controlar minha menstruação, ela era irregular e foi o único remédio que a regulou, e deu um alívio nas cólicas.

— Então, nada de bebê e nada de casamento? Que droga!

— Lucca, você é muito tolo, sabia?

— Então você aceita? Olha, não se diz não para um homem que está com o pau duro todo enfiado em sua bocetinha, é deselegante, se não for cruel. — Recebo um tapa, devolvo com um beijo.

E começamos tudo de novo, dessa vez sem nada entre nós, e sem preocupações.

Acabamos de tomar banho — juntos —, Honna já está vestida e arrumava minha

cama quando a porta do meu quarto é aberta.

Destranquei a porta quando ela foi para seu quarto se trocar.

— Bom dia, senhor Lucca! O café da manhã já está sendo servido. — Ruth está de sorriso aberto, e por um bom motivo.

Honna me convenceu a fazer as refeições fora do quarto, junto com todos da casa. Só concordei

se ela também se juntasse a nós. Foi difícil convencê-la, mas minha namorada não resiste à minha carinha de cachorro abandonado e tarado.

— Obrigado, Ruth, já estamos indo.

Honna está no quarto penteando os cabelos.

— A Honna já trocou os lençóis? — observa Ruth.

Sim, Ruth querida. Os lençóis estavam com o sangue virgem da mulher que amo, e todo galado, você não ia querer ver isso.

Só de pensar no que acabamos de fazer, começo a ficar de pau duro. A Honna tem razão, sou um tarado escroto filho da mãe.

— Sim, tive um pesadelo horrível e acordei muito suado. Como precisei tomar um banho, foi necessário trocar os lençóis e a Honna o fez.

Quando passei a ser um mentiroso?

— Ela deveria ter me chamado. Não é o trabalho dela fazer isso. — *Oh, Ruth, vá por mim, você não ia se sentir bem vendo aquilo*. — Onde estão os lençóis? — Fodeu, e agora?

— Já pus na máquina, Ruth. Eu tinha que lavar minhas roupas. então não me custou nada fazer isso. — Honna sai de seu quarto e enquanto ela mente descaradamente, eu a encaro. Quero muito rir e ela sabe disso, por isso evita me olhar.

— Se o senhor Felipo souber, receberei uma bronca. Ele disse que você tem que

ser tratada como uma princesa.

Nisso eu concordo. Onde assino?

Sorrio torto para ela, e ela revira os olhos.

— O senhor Felipo só saberá se você contar. — Minha ex-virgem vem até mim, belisca meu braço e eu quase grito. — Vamos, senhor Lucca. — Odeio quando ela me chama de “senhor”.

— Senhor Felipo está tão feliz de poder fazer as refeições com o senhor novamente...

Minha cadeira começa a sair do quarto, com Honna do meu lado e a Ruth desandando a falar.

— Eu também, Ruth. Começo a me sentir vivo outra vez.

— Amor! — Minha alegria dura pouco. Suzanne corre em minha direção e se senta em meu colo, começa a beijar meu rosto. — Quando soube que você ia comer juntamente com toda a família, quase tive uma síncope.

— Suzanne, desça do meu colo. — Eu queria poder empurrá-la. Não entendo minha aversão a ela.

Tudo bem que estou apaixonado por outra mulher, mas Suzanne e eu tivemos uma história, namoramos por algum tempo, ficamos noivos, pretendíamos nos casar, eu a amava!

Então, por que tudo mudou? Por que rejeito até seu toque? Não suporto sequer sua voz? Será que é por estar sendo obrigado a continuar fingindo o noivado?

Às vezes, até tento aceitar seus carinhos, mas não sei o que acontece, a aversão vem tão forte

que sinto vontade de gritar com ela. Como nesse exato momento.

— Oh, amor, não estrague minha felicidade. É tão bom ficar assim do seu ladinho.

Put... Merda! Ela segura meu queixo com a curva da mão e beija minha boca. Um beijo de língua. Caralho! Não consigo evitar, viro o rosto imediatamente.

— Comporte-se, porra! — grito. Ela se assusta, olha-me com os olhos nublados, tenho até pena.

— Suzanne, olhe meu estado. — Limpo a garganta e amacio a voz. — Ainda estou necessitando de uma cadeira de rodas, ainda preciso da ajuda de terceiros, então, quando você beija assim, tenho lembranças, e lembrar de coisas que ainda não posso fazer é dolorido, você entende?

Mereço um OSCAR por mentir tão bem.

— Desculpe-me, amor. Prometo que vou tentar me comportar. É que estou com muita saudade de você. — Ela passa os dois braços ao redor do meu pescoço, beijando meu rosto demoradamente.

E como se não bastasse o assédio da Suzanne, escuto outra voz que ultimamente estou sem paciência alguma para ouvir. Othon

— Bom dia, família! Bom dia, linda Honna!! — *Chegue perto dela que você terá um bom dia, idiota.* — Lucca, então teremos sua presença na mesa do café? Que maravilha! E você? — Ele olha para Honna. — Também se juntará a nós?

— Claro que não! — Suzanne desce do meu colo e se joga no ombro do Othon, isso é muito estranho. Por mais que eles tenham se aproximado nesses meses que fiquei em coma, a intimidade que estão tendo é gritante. — Ela vai fazer a refeição junto com os outros empregados. Ela não é da família.

— Nem você é.

Sai sem eu pensar e não me arrependo. Mas os olhares se concentram em mim.

— Claro que sou. Sou sua noiva, se esqueceu?

— Ser minha noiva só quer dizer que fará parte da família, apenas isso. Então eu acho que você também deve fazer suas refeições com os empregados.

Porra! Eu sou um sacana sem coração. O que aconteceu comigo? O Lucca, antes do atentado, jamais falaria isso.

— Lucca! — Othon se afasta da Suzanne, encarando-me. — Pare de brigar com a Suzanne, ela também estava brincando. Não foi, Suzanne?

Suzanne olha para Honna e eu vejo a raiva gritando através do seu olhar. Se ela pudesse voaria na minha namorada.

— Sim, é brincadeira, estou muito feliz de tê-la nos fazendo companhia à mesa. Se você cuida do meu noivo, merece toda minha consideração. Agora vamos comer, antes que eu perca a fome.

— Obrigada, Suzanne. — Honna abaixa a cabeça, ela não está nada confortável com essa situação. Começo a me arrepender em ter aceitado fazer as refeições com a família. Antes tivesse ficado no quarto, somente eu e ela, e depois faríamos amor.

— Honna, você me ajuda com a cadeira? — chamo-a, ela vem. Ela sabe que não preciso de

ajuda, só quero mantê-la perto de mim.

Vejo o olhar acusador da Suzanne e o olhar questionador do Othon. Não me importo, quero que os dois se fodam.

— Ora, que maravilha! Minha família toda reunida. — Papai vem até mim e beija meu rosto. —

Que bom que resolveu escutar a Honna. — Ele pisca um olho para ela. — Bem, vamos tomar café, porque estou morto de fome.

— Deixe-me que o levo. — Nem vi quando a Suzanne se aproximou. Ela pega o braço da Honna e afasta da cadeira. — Eu posso fazer isso. — Seus olhos ficam escuros de raiva. — Ele é meu noivo, não seu. — diz as palavras como se a estivesse acusando.

— Suzanne, que comportamento é esse? — papai a repreende é até melhor, pois se fosse eu, daria um coice que ela não se levantaria tão cedo. — A Honna é a enfermeira do Lucca, e enquanto ele precisar de cuidados, será ela a cuidar dele, portanto, a deixe fazer o trabalho dela.

Isso, senhor Felipo Stein, defenda sua nora, a futura mãe dos seus netos.

Gostaria de poder lhe dar um beijo. Seguro na mão da Honna e apenas faço um carinho. Quero que ela saiba que ninguém a magoará.

— Eu só quero cuidar do meu noivo um pouco, tio. — Suzanne começa sua chantagem emocional. Como não percebia isso antes? Todas as vezes que ela queria algo, e sabia que se pedisse de uma maneira normal, certamente eu diria não, então ela vinha cheia de dengo, chorosa, e eu caía em seus encantos chantagistas.

— Venha comigo, minha filha, vamos para a mesa. Você terá seu noivo inteirinho logo, logo, mas para isso acontecer tem que deixá-lo ser curado.

Olho surpreso para o papai, que já caminha para a sala de jantar.

— Deixe que eu ajudo, Honna . — Surpreso fico eu quando Othon assume o lugar da Honna, guiando a cadeira, mesmo ele sabendo que ela é automática.

— Primo, você precisa ter mais um pouco de paciência com a Suzanne. Ela passou maus bocados enquanto você dormia, quase você a perde. Sinceramente, eu pensei que ela ia morrer.

Então, por que você não fica com ela?

— Não o entendo. Você era tão cego de amor por ela. O que mudou? Será que é uma enfermeira linda que anda virando sua cabeça?

Ele se inclina e destila seu veneno, sussurrando em meu ouvido.

— Se for isso, você não tem nada a ver. — murmuro, mas em um tom de desagrado.

— Foda a enfermeira, mas não foda a cabeça da Suzanne, ela é sua noiva.

Quando já ia responder à altura, entramos na sala de jantar e o papai vem me buscar com um riso largo de orelha a orelha.

Perco completamente o apetite e a conversa que era para ser animada, passa a ser sobre as indústrias. Quando percebo já estamos tendo uma reunião de negócios. Papai percebe a tempo e logo muda de assunto. Honna não fala, come calada, o tempo todo olhando para o prato e para a xícara.

Suzanne não desvia os olhos dela, sinto o ódio crescendo, ela só falta salivar como um animal raivoso. Fico preocupado, não quero que a Honna seja perseguida por alguém como a Suzanne.

— Lucca, o detetive que você mandou contratar virá hoje. — Até que enfim uma notícia boa.

Papai olha para o relógio. — Às dez horas. Você tinha razão, a Lívia é rápida mesmo, ela encontrou um dos bons. Olhei o site dele, já foi policial civil, aqueles investigativos, agora tem uma empresa de investigação. O nome dele é Otávio Pillar...

— Gente, *pra* que envolver outro investigador no caso? Os verdadeiros policiais já não estão investigando? — Othon interrompe papai.

— Qual o problema, Othon? — pergunto. — Quanto mais, melhor, ou por acaso não é do seu interesse descobrir quem mandou me matar?

Há dias estou querendo fazer esta pergunta. Não sei por que, mas sempre que o assunto é investigar meu atentado, Othon fica com o pé atrás.

— O que está insinuando, Lucca? — Ele joga o guardanapo na mesa com força. — Acaso está desconfiado de mim?

— Gente, vamos parar! — Suzanne se levanta também e segura o braço do Othon, observo os dois.

— Sente-se, Othon! — papai chama a atenção dele.

— Não, não me sento, tio. Quero que o Lucca saiba que fui o primeiro a ficar em cima da polícia, cobrando resultados, até ofereci, do meu bolso, dinheiro para eles correrem com a investigação.

Ele afasta a cadeira.

— Othon, por favor, sente-se, querid... — Suzanne se cala e engole as palavras, mas eu sei o que ela ia dizer. Não sou bobo, essa intimidade cheira à traição.

— Solte-me, Suzanne. Não ficarei aqui sendo acusado injustamente, mas antes de ir, irei dizer por que não sou a favor de outro investigador.

— Othon. — Suzanne tenta em vão segurá-lo.

— Fale. Quero saber, “querido” primo. — Olho cinicamente para Suzanne e depois para o Othon.

— Vocês dois, parem! — Papai se levanta e bate forte na mesa, fazendo a louça balançar.

— É perigoso *pra* você, para o tio, *pra* mim, pro papai e até para Suzanne. E se os bandidos descobrem que tem gente demais na cola deles, e resolvem pegar um de nós a fim de nos calar?

Entendeu, seu egoísta de merda?!

Ele sai da sala e a Suzanne vai atrás dele.

— Merda! — papai esbraveja. — Desculpe-me, Honna. Desculpe pelo xingamento e pela falta de controle da minha família.

— Está tudo bem. — Honna segura minha mão, que treme. — Lucca, o que está sentindo?

Raiva.

— Estou bem, só preciso me deitar um pouco.

— Não, Lucca. Acho que teve outra queda de pressão. — Ela olha para o papai. — Logo cedo ele sentiu-se mal, acho melhor chamar doutor Osmar.

— Não precisa, eu só preciso me deitar.

— Está bem, mas chamarei seu médico.

Papai pega o celular, e enquanto Honna guia minha cadeira para o quarto, ele liga para o Osmar.

Não posso falar para eles, mas já vejo pontos brancos diante dos meus olhos, estou suando frio e meu sangue fura minha pele.

Honna percebe que não estou nada bem, se inclina e beija meu rosto.

— Estou aqui, meu amor, ficará tudo bem. — Ela sussurra em meu ouvido. Chegamos em meu quarto, Honna trava a cadeira. — Lucca, consegue ficar de pé? Preciso de sua ajuda para colocá-lo na cama.

Até que tento, mas de repente tudo gira e caio de volta na cadeira. Papai vem em nosso socorro.

— Por Deus, filho, não faça isso com seu velho. Não retroceda, preciso de você, filho, preciso muito... — Ah, merda! Odeio ver papai assim, tão frágil.

— Honna... — Minha língua embola. — Pai...

Sinto a maciez do colchão em minhas costas, e quando penso que vou melhorar, a escuridão toma meus olhos.



Capítulo 27

Abro os olhos e dou de cara com um lindo rostinho me encarando. Olho em seus olhos claros e me recuso a piscar. Eu sei que ela está preocupada. Inferno, e eu estou fodido e começando a ficar excitado.

Transformei-me em um tarado.

— Oi, meu amor, você me deu um susto, sabia? — Por que ela está sussurrando?

Pego-a pelo o braço e já estou pronto para puxá-la para a cama, quando escuto vozes.

— Caralho! — praguejo baixo e solto seu braço.

— Lucca, finalmente você acordou! — Como assim? Não, não dormi por tanto tempo. Ou dormi?

— Em que ano estamos? — pergunto e ao mesmo tempo ergo a cabeceira da cama.

— Devagar, rapaz... — Doutor Osmar se aproxima.

— Chamaram você! — digo enquanto fecho os olhos, apertando-os um pouco. — Ainda é manhã, não é? Não dormi por meses novamente, ou dormi?

— Sim, é manhã, e não, você só ficou inconsciente por uma porção de minutos. Uns quarenta.

Como se sente? — Osmar pega meu pulso, depois retira o termômetro de minha axila direita. —

Temperatura normal, pulsação normal. — Ele me olha esquisito, como se fosse me dar uma bronca.

— Soube que anda saindo da linha. — Meu olhar alcança o rosto de Honna, ela baixa os cílios. —

Lucca, será que não entende a gravidade do seu estado? Você foi baleado na cabeça, ficou inconsciente, foi encontrado após alguns dias, chegou ao hospital quase morto, ficou em coma por meses, sem nem sinal de que iria conseguir acordar, e quando acorda já quer sair lutando boxe por aí? Quer voltar para o hospital?

Eu disse que ele me daria uma bronca.

— Claro que não, só foi um mal-estar. Não precisa essa guerra toda, estou bem.

— Ah, bom, só um mal-estar, duas vezes em um curto intervalo de tempo. Ok, não devo me preocupar. — Ele olha para Honna, franze a testa. — Honna, o Lucca está proibido de sair deste quarto, só sairá para a fisioterapia e para fazer os exames, e já marquei para amanhã logo cedo. Nada de discussões, entendeu?

— Entendi, doutor Osmar. — Encaro o rosto preocupado dela, suspeitando que vá fazer uma pergunta e certamente eu não irei gostar da resposta. — Doutor Osmar, quando o senhor fala de emoções fortes, são todas elas?

Caralho! Até meu pai se aproxima para escutar a resposta, e olha para Honna como se quisesse perguntar do que ela está falando.

Agora eu vejo, ela tem coragem, ou está muito preocupada comigo.

Mas, não estou nem aí para a resposta dele. Se for a resposta que estou pensando, não deixarei de fazer amor com ela, mas nem sob decreto.

— A noiva dele tem andado muito por aqui? — Ah, merda! É isso mesmo, ele vai me proibir de fazer sexo, mas não com minha noiva, e sim com essa espertinha que está bem na minha frente e evitando me olhar.

— Ela vem, sim, afinal, eles são noivos, Osmar. — Papai responde.

— Lucca, você não está proibido de fazer sexo, acho até bom, mas vá com calma, sem aquela euforia com que está acostumado. Você ainda não está cem por cento.

Você que pensa! Meu fogo está no padrão biônico, eu quero fazer é toda hora.

— Não se preocupe, Osmar, vou guardar minha energia para a fisioterapia. Não quero sofrer outra queda de pressão.

Quero rir, mas não posso. A Honna está ficando ruborizada, ela sabe que estou brincando. Onde, mas onde, vou deixar de sentir o calor da minha bocetinha ex-virgem? Nem sonhando!

— Não seja tão exigente com você, Lucca. Uns beijos e uns chamegos não fazem mal nenhum.

Você e sua noiva são jovens, e os jovens precisam disso. Não que nós velhos não precisemos, não é mesmo Felipo? — Ele olha para o papai.

— Não sou a pessoa certa para responder isso. Sexo não me faz falta, deixo isso para vocês...

— Hei, vamos parar, temos uma moça no quarto. Esta conversa já deu. Não farei sexo, nem chamego com a Suzanne, e para isso acontecer, ela e eu só ficaremos juntos por pouco tempo, e a Honna ficará nos fazendo companhia. Só espero que ela entenda isso.

Honna me encara com os olhos arregalados, eu sei que ela não gostou nada da ideia, mas eu amei, isso significava manter as mãos da Suzanne longe de mim. Nem eu me aborrecerei, nem trairei a Honna. Porque mesmo eu não querendo os beijos e os toques da Suzanne, a meu ver é uma traição.

Eu não gostaria de ver nenhum outro homem tocando a Honna, mesmo por amizade.

Agora sou um homem ciumento do caralho.

— Ela não terá escolha, filho. Se ela quiser o noivo inteirinho em pouco tempo, terá que se sacrificar. Que bom que você entendeu.

Entendi, papai. Entre mortos e feridos, eu me salvei.

Cínico. Estou ficando cínico.

— Lucca, não precisa exagerar, já disse. Só precisa ir devagar. — *Impossível, Osmar. Tarado do jeito que estou por uma certa enfermeira*. — Nada de excessos. Seja paciente, logo estará recuperado totalmente.

— Não se preocupe, Osmar. Estou consciente dos meus limites.

Se for em relação a Honna, meus limites são ilimitados.

— E eu que pensei que você ia nos dar trabalho.

Papai, me abraça, beijando o alto de minha cabeça.

E eu pensando: *quando eles vão embora?* Não vejo a hora de ficar a sós com minha enfermeira linda.

— Lucca, seus exames estão marcados para amanhã, às dez horas. Continue firme na fisioterapia, ela fez milagres em você.

Não foi a fisioterapia, Osmar, foi a Honna. Ela é a responsável por levantar a mim e o meu pau.

Olho para ela com aquele olhar de tarado sem nenhum escrúpulo e pisco um olho.

Osmar começa a juntar seu material e os coloca dentro da pasta.

— Eu o acompanho, Osmar. E eu também vou indo, tenho uma reunião às onze horas. — Papai olha para mim. — Era para você estar comandando a empresa, agora tenho que aturar uma porção de gringos chatos e o seu tio Patrício. — Ele acena e segue com o Osmar. — Até mais tarde, filho.

— Não se preocupe, pai. Logo assumirei meu lugar. Até mais.

A porta se fecha e eu a travo. Honna já está a caminho do quarto dela.

— Onde a senhorita pensa que vai?

— Trocar minha roupa. Vestido não é meu uniforme, se esqueceu? — diz, olhando brevemente para o vestido amarelo que está usando.

Ele é todo soltinho, sem nenhum recorte, e desde que a vi vestida nele, fiquei com vontade de enfiar minha mão por baixo para saber o tamanho da sua calcinha.

Desde ontem percebi que ela gosta de calcinhas pequenas, do tipo fio dental, que fica toda enfiada na bunda. Ontem foi uma preta, qual será a de hoje?

— Venha aqui. — Digo com voz dominante, bem durão.

— Lucca? — Olha-me como se dissesse que não vai acatar meu pedido e continuará onde está.

— Você escutou o que o médico disse?

— Escutei, ele disse que posso foder com a mão na cabeça para não perder o resto de juízo que ainda possuo. Então, mulher, venha cá que eu quero te usar bem gostoso. Já tem algum tempo que não sinto o calor da sua bocetinha, e eu acho que foi por isso que passei mal.

Ela me encara.

— Vá sonhando. Minha bocetinha vai ficar bem longe do seu pau tarado e do dono também.

— Quem manda nessa porra? — Ela está distante, mas vê meu olhar de homem das cavernas varrendo todo seu corpo. — Venha logo, ou vou buscá-la.

— Não sei como fará isso. Fica aí quieto que já volto.

A filha da mãe se vira e me deixa de pau duro e boquiaberto.

Ah, isso não ficará assim.

Olho para a cadeira de rodas. Tenho que tentar, o máximo que pode acontecer é tomar um tombo do caralho, me arrebentar todo, mas por aquela boceta apertada vale a pena eu ficar todo estropiado.

Antes de descer da cama, rasgo minha camiseta. Não tenho tempo de despi-la, desço a calça do pijama todo desajeitado e arranco brutalmente minha cueca.

O que um homem não faz por uma boceta?!

Aos poucos vou escorregando o corpo, até sentir meus pés no carpete macio. Seguro-me na cama e com cuidado vou me inclinando até conseguir segurar o braço da cadeira. Lentamente movo uma perna, depois a outra, ainda com a mão apoiada na cama faço força no braço esquerdo e me cagando todo de tanto tremer, consigo me sentar na bendita cadeira. Quase solto um grito de vitória, e só não o faço porque não quero dar munição para o bandido. Se ela escutar, virá correndo em minha direção, e quem vai correr sou eu em direção a ela.

Ah, minha bandidinha, vou fazer amor com você em sua cama.

A porta está aberta e ela está de costas, só de calcinha...

E que calcinha. Branquinha e toda enfiadinha no seu rabinho lindo.

Oh, papai do céu, o senhor gosta mesmo de mim.

Ainda bem que o piso é acarpetado, pois ela sequer percebe que estou bem atrás

dela, basta só esticar a mão para tocar a bunda empinada.

Plaft! Dou-lhe um tapa no seu rabo lindo, logo vejo meus dedos desenhados na pele branca.

Agora me tornei um sádico.

— Meu Deus! — Ela se vira, assustada, olhando-me sem acreditar que está me vendo lindo, gostoso e de pau duro. — Lucca, enlouqueceu?! Que merda! Quer me matar de susto? O que faz aqui?

Você é maluco?

— Sou, sou maluco por você. — Puxo-a pelo braço, ela perde o equilíbrio e cai sentada em meu colo, nossos olhos ainda presos em um impasse. Finalmente, ela não resiste, sorri levemente e, eu que não sou bobo, entrelaço meus dedos em seus cabelos e como um bruto estúpido puxo sua cabeça em minha direção, devorando sua boca gostosa com um beijo tipo desentupidor de pia.

Ah, cacete! Eu sou doido por esta mulher.

— Lucca, seu maluco! — Ela não sabe se me beija, me come, ou se fala. Eu prefiro que me coma, porque estou chorando pelo pau de tanta saudade. — Lucca, você precisa descansar! — Mais uma vez ela fala em tom de indecisão, se beija ou se afasta.

— Sim. — Chupo sua língua. — Eu preciso. — Mordo seu lábio inferior. — Descansar. —

Enfio minha língua em sua boca. — Dentro. — Minha língua luta com a dela. — De você. — Volto a beijá-la, puxando seus cabelos, esfregando meu peito em seus mamilos, mordendo seu pescoço. —

Oh, porra, você é gostosa *pra* cacete! Quero foder você de ladinho.

Assobio.

Afasto o rosto dela o suficiente para olhar para ela. Porra! Que imagem linda! Rostinho todo vermelho, lábios inchados pelos meus beijos animalescos... Ela é a personificação da minha futura mulher.

— Lucca, você...

— Caralho, mulher! Eu quero comer você, pare de bancar a difícil. — Digo, sério, e ela esconde o riso. — *Tá* achando engraçado, né?! Quero ver você rir quando jogá-la naquela cama e enfiar meu pau saudoso todo na sua bocetinha.

— Tarado! Você não se cansa? Fizemos amor antes do café da manhã.

— Sim, agora faremos antes do almoço. — Eu olho para ela e ela passa a mão pelo meu cabelo, observando meu rosto, seu olhar amoroso, do tipo que me transforma em geleia. Eu a amo *pra* caralho! — Deite-se na cama, vou logo em seguida.

— Lucca, minha cama não é igual a sua, você pode cair.

— Conversa! Se eu consegui descer daquela cama alta, essa é moleza. Deite-se e tire esta calcinha do pecado...

Ah, merda! Ela nem espera eu terminar a frase. Fica de pé bem diante de mim e baixa a porra da calcinha, o pedacinho de renda vai escorregando por suas coxas roliças até alcançar o chão.

Se acalme, camarada, já, já você vai brincar com sua amiguinha, digo em pensamento para o escroto do meu pau, que pulsa no meio das minhas pernas.

— Esta calcinha? — Ela vira-se de costas e inclina o corpo, mostrando a rachadura de sua boceta na brecha de suas coxas.

— Ah, sua safada, você quer me provocar! Só faz isso porque não posso me levantar, mas, cuidado, posso surpreendê-la.

Empurro a cadeira até chegar em uma distância que minha boca possa alcançar sua bunda, e a mordo.

— Lucca! — Ela se assusta e perde o equilíbrio, caindo sobre o colchão, de bruços.

— É assim que quero você. — Como eu disse, o que um homem não faz por uma boceta, ainda mais uma boceta quase virgem? Acho que a testosterona alimenta meu corpo fodido, porque em minutos saio da cadeira de rodas, todo

desajeitado, parecendo um boneco doido, mas saio. — Viu?

Por você até corro, se duvidar. Sou louco por você, Honna, louco.

Estou sobre seu corpo, meu pênis no meio de suas coxas. Sei que sou pesado e que posso machucá-la, então faço o possível para me equilibrar com meu braço bom, o direito.

— Lucca, não demora, estou quase gozando só com seu pênis roçando em mim. — Ela abre as pernas e aperta meu pau entre as coxas, isso é suficiente para soltar um assobio.

Começo a mexer meu quadril, para cima e para baixo. Quero-a louquinha. Adoro os gemidos que ela solta quando a provoco.

— Lucca, não faz isso, quero você dentro de mim.

— Quer? Jura? Todinho enfiado, aqui... — A outra mão vai por baixo de seu corpo e alcança sua boceta, meus dedos espalham suas dobras e eu começo a masturbá-la. — Assim? Quer meu pau fazendo isso, quer? Ou quer minha boca chupando bem aqui...

Enrolo o dedo em seu clitóris e varro para cima e para baixo, do mesmo jeito que estou fazendo entre suas coxas com meu pau.

— Lucca, meu Deus! — Ela arqueia o corpo, ou tenta, já que estou por cima dela, então eu me jogo no colchão e a puxo para meu corpo, ficamos de ladinho.

— Só abra um pouco as coxas. — Ela faz o que eu peço, e logo o faminto do meu pau encontra

sua amiguinha toda melada, do jeito que ele gosta. — Safada, estou com fome, ele está com fome, essa sua bocetinha nos deixou viciados.

Enfio lento, bem lento, sentindo o aperto e o calor da abertura dela. Vai tudo, até o talo. Ainda sinto um pouco de resistência, mas desta vez ela não reclama, aguenta a porra do meu pau grosso e grande.

— Está doendo, amor?

— Não, pode fazer o que quiser, eu não quebro.

Ah, safada, não fala assim, espera eu ficar completamente recuperado.

Enfio bem fundo. Ela geme alto. Soco mais forte, mais forte, e a cada estocada ela geme mais alto.

— Gosta assim? Quer mais?

— Mais, Lucca... Oh, Deus!

— Assim... — Estoco o mais forte que posso, ainda não estou cem por centro. — Porra, Honna!

— Mordo sua nuca e aperto seus seios, beliscando seus mamilos, e enquanto faço isso, empurro bem fundo. — Cacete! Que gostosa você é. — Estoco uma, duas, três, até que seu corpo se estica e ela fecha as pernas, prendendo meu membro. — Merda! Vou gozar, desse jeito.

Não consigo segurar, e assim gozamos juntos. É uma gozada poderosa. Meu corpo todo treme enquanto minha porra jorra dentro dela.

Minhas mãos ainda estão acariciando seus seios e minha boca ainda está beijando sua nuca.

— Você está bem? Está dolorida? — pergunto, com a boca em sua pele cheirosa.

— Cansada. Você é demasiadamente tarado. Nunca imaginei que teria uma vida sexual tão intensa. — Meu pênis ainda duro sai de dentro de sua casinha, e ela se vira, ficamos frente a frente.

— Sabe... — Ela beija meus lábios. — Estou gostando muito de gostar de fazer amor com você.

Safada! Minha namorada é safada.

— Roubou minha fala, espertinha. — Beijo a pontinha do seu nariz. — Gosto de gostar de amar você. — Ela ri enquanto acaricia meus cabelos na parte de trás da cabeça. — Eu a amo, Honna.

— Eu o amo, Lucca.

— Casa comigo.

Ela se cala. Eu sei, tenho que estragar tudo, mas não consigo mais fingir. Que se foda a Suzanne, não quero mais fingir que me importo. A verdade é que eu não *tô* nem aí para a Suzanne.

É desumano? pode ser!

Mas, se tem uma coisa que eu não sou, é hipócrita. A Suzanne não faz mais parte de minha vida, então por que manter um compromisso?

— Hei. — Ela continua me olhando. — Falo sério, case-se comigo, seja minha completamente.

— Eu já sou sua, não precisamos nos casar agora.

— Está com medo de quê?

— De você amanhã acordar e perceber que a mulher de sua vida é a Suzanne, que tudo entre nós foi um engano.

— Besteira! — Eu a puxo para meu peito. — Nunca estive tão certo sobre os meus sentimentos como estou agora.

— E antes, quando você estava noivo da Suzanne, quando eram felizes, cheios de planos, quando faziam amor...

— Honna... — Seguro seus cabelos pela nuca e faço com que ela me encare. — Eu posso até ter me apaixonado pela Suzanne, e talvez até tenha achado que o que sentia por ela fosse amor, mas o que sinto por você é diferente. Sabe por quê?

— Não, Lucca, eu não sei, só sei que tudo está acontecendo rápido demais e isso é assustador.

— Eu sei disso, mas eu a amo, e não quero mais nada com a Suzanne. — Eu a puxo para um abraço, e beijo o alto de sua cabeça. — Honna, nunca senti isso que sinto por você com a Suzanne, com ela era tudo no automático. Ela é linda,

boa na cama, insaciável, às vezes até demais, então era cômodo. Nunca fui um homem de sair me aventurando com muitas mulheres, gosto de ficar quieto, gosto de ficar em casa, e Suzanne aceitava isso. Mas eu senti falta *disso*!

— Disso o quê? — Ela volta a me encarar.

— De ficar juntinho depois do sexo, de conversar, de sorrir, de sentir saudade, de correr atrás para fazer amor, e principalmente de olhar em seus olhos e ver o amor que sente por mim. Com a Suzanne eu só via fome de sexo, nossa relação era baseada em sexo, ela usava o sexo para conseguir um sim. Não lembro o dia que precisei dizer que queria fazer amor com ela, porque quando eu piscava ela já estava montada em mim e trepando, não tinha hora nem lugar. Entende a diferença?

— Pensei que os homens gostassem disso. — Acho graça da forma com que ela articula.

— Nós homens somos caçadores. Claro que gostamos de uma mulher fogosa, eu adoro, amo quando fala uma porção de sacanagens e os seus olhos brilham na luxúria, gosto quando você fica boquiaberta quando olha meu pau, isso é muito foda, e gosto quando você toma a iniciativa, mas fazer disso uma rotina, perde a graça. Era bom, não nego, mas a dona do jogo era sempre ela, eu era um mero coadjuvante.

— Aham! Então você quer ser o ator principal?

— Boba. Eu quero que sejamos o par romântico da nossa história, eu e você, você e eu, assim, bem bonitinho e clichê.

— Por que você sempre me convence de tudo?

— Isso quer dizer que você aceita se casar comigo?

— Aceito...

— Caralho, venha cá...

— Hei, vá se acalmando, tarado. Aceito, sim, mas só depois que você se recuperar totalmente e terminar seu relacionamento com a Suzanne, e tem mais, acho que já está na hora de vocês terem uma conversa. Não acho legal ficar

enganando uma pessoa, mesmo que esta pessoa tenha problemas. Ela merece saber a verdade, então converse com seu pai sobre vocês, mas não conte sobre nós, iria

parecer leviano. Resolva primeiro o fim do seu relacionamento e só depois contamos sobre nós, é o tempo de você se recuperar.

Ela se afasta. Veste o roupão e pega minha cadeira.

— Honna, por mim dou um basta no meu relacionamento com a Suzanne hoje mesmo, também não gosto de enganar ninguém, não sei se consigo mentir por muito tempo. E você? Como se sente quando vê a Suzanne me agarrando, me beijando? Porque se fosse eu, partiria logo para a agressão.

— Nossa, meu namorado é ciumento! — Ela nem imagina o quanto. — Não é questão de escolhas, Lucca, é questão de necessidade. Vou precisar suportar, vê-la babando no que é meu...

— Sou seu, é? Jura? Então vem cá, vamos fazer amor na banheira, quero que me mostre o quanto sou seu...

— Lucca! Meu Deus! — Seus olhos seguem direto para meus países baixos, durinho como uma barra de ferro. — Era sempre assim? Ou só é comigo?

— Agora você entende a diferença? Não precisa nem de preliminares, basta você olhar para ele que fica pronto para a amiguinha dele.

— Ah, *tá*, você precisa é de um banho frio. Se esqueceu que terá visitas daqui a pouco?

Tinha me esquecido completamente do investigador.

Escorrego o corpo para a beira da cama e puxo a cadeira de rodas, sem a ajuda dela eu me sento.

— Venha cá, sente-se aqui. — Bato em minhas pernas e estendo a outra mão. Ela a segura e eu a puxo, sentando-a em meu colo. — Fica de frente. — Ela deixa uma perna de cada lado do meu corpo, sentando-se toda esparramada em meu colo. — Temos tempo para uma rapidinha até chegarmos no banheiro. — Suspendo sua bunda e ajeito meu pau em sua entrada. — Rebola, amor, rebola

gostoso.

Ligo a cadeira, com uma mão eu a guio para o banheiro e com a outra agarro Honna pela cintura, ajudando-a a subir e descer lentamente no filho da mãe tarado do meu cacete.

— Lucca, você me deixa insana, sabia?

— Sei. Rebola, amor, é gostoso demais foder você assim.

Porra, caralho! Ela me fode gostoso debaixo do chuveiro. Não estou nem aí para o mundo lá fora, eu quero que o mundo inteiro se foda junto comigo.



Capítulo 28

Enquanto Honna vai até a cozinha preparar um lanche para nós dois – pois foder toda hora dá uma fome do caralho – ligo o notebook para verificar meus e-mails e acabo de descobrir que as pessoas não sabem que sofri um atentado. Pensei que o papai tinha escondido da imprensa, não dos fornecedores e clientes, pois eles continuam me mandando e-mails como se nada tivesse acontecido.

No entanto, percebo que o papai ou a Lívia têm respondido a todos. Claro que não da mesma maneira que eu respondo, mas eles estão se esforçando.

Abro a pasta de alguns e-mails não finalizados e começo a analisá-los.

— Senhor Lucca. — Estou terminando de responder um e-mail de uma empresa italiana quando a Ruth entra no quarto.

— Sim, Ruth. — Desvio meus olhos da máquina e a encaro.

— O senhor Otávio está na sala. Posso mandá-lo vir até aqui?

— Claro. — Fecho o notebook e o espero.

Não vejo a hora de descobrir a verdade sobre os responsáveis, ou o responsável, pelo meu atentado. Ainda não me sinto seguro, e estou preocupado com o papai. Othon até que tem uma certa razão. Se a pessoa descobrir que a polícia está chegando perto demais, ela pode perfeitamente me mandar um recado para que fique quieto. Isso quer dizer que ele ou eles podem usar alguém da minha família para me intimidar.

— Bom dia, senhor Lucca!

Um homem alto, musculoso, moreno, aparentando ter mais de quarenta anos, entra no quarto.

— Aproxime-se, Otávio, fique à vontade. — Olho para Ruth. — Ruth, traga algo para nossa visita. Uma água, suco, café.

— Não precisa, estou bem...

— Eu trarei, senhor Lucca, com licença. — Ruth nos deixa a sós.

— Sente-se, Otávio. — Indico uma poltrona que fica perto da minha cama. — Então, o que quer saber?

Vou direto ao ponto.

Ele limpa a garganta e se ajeita na poltrona. Pega uma pasta e retira de dentro um tablet.

— Quando seu pai me ligou, ele me passou algumas informações, inclusive os nomes dos agentes que estão trabalhando no seu caso. Como tenho informantes na polícia, fiz meu dever de casa antes de vir vê-lo e bem, o que eu posso dizer é que eles não têm um caso montado. Eles praticamente não têm nada.

— Como assim? E os retratos falados? Eu lembro perfeitamente dos rostos de

cada indivíduo,

até o timbre da voz deles.

— Senhor Lucca, eu conheço os agentes, eles não são os melhores da equipe, e o seu caso foi para a fila. Eles pegam os mais fáceis e vão concluindo. Como o do senhor não tem muito o que fazer, está no arquivo de casos não concluídos, buscando provas definidas.

Ele se levanta e vem até mim, mostra-me o tablet com o nome do arquivo.

— Ordinários! Eles vieram até aqui e nos disseram que estavam investigando. Não acredito que mentiram descaradamente.

— Não é que eles não estejam investigando, está na pasta de arquivos a serem investigados, mas não é uma prioridade. Eles alegam poucas pistas para seguir, por isso estão demorando a fechar o caso, o que é ruim, pois dependendo da quantidade de pistas, eles podem encerrar o caso por falta de provas.

— Mas que droga! E o que podemos fazer?

Já estou quase me levantando da cama e indo até a delegacia chamar aqueles dois filhos da mãe para uma conversa não muito agradável.

— Meu amigo infiltrado me passou tudo o que eles têm, e vim buscar mais alguns detalhes com o senhor. Preciso que se esforce mais e me conte com detalhe tudo o que se lembra de antes, durante e depois do atentado.

— O senhor quer saber horas antes?

— Não, dias antes. — Ele pega um gravador. — No relatório diz que o senhor ia para uma reunião em uma das suas filiais, correto?

— Sim, estava marcada há dias, era importantíssima.

— Quem sabia dessa reunião?

— Meu pai, minha secretária, meu tio Patrício, Othon, filho do meu tio, minha noiva e alguns executivos da área internacional.

— Humm. — Ele começa a anotar algo no celular. — Essas pessoas sabiam exatamente sua rota.

— Sim, claro que elas sabiam, é o mesmo que elas seguem quando precisam ir às indústrias.

— Então, o que o senhor fez de diferente um dia antes?

— Não fiz nada. Dormi no apartamento de minha noiva, ficamos conversando até tarde, acordei no outro dia, tomamos café juntos e depois fui para o escritório.

— Não aconteceu nada de diferente nos dias anteriores ou no dia do seu atentado?

— Não, essa reunião já estava marcada há algumas semanas, todos sabiam dela.

— E o senhor foi direto do escritório para a indústria?

Só então eu me lembro de que não fui.

— Não, agora eu lembro. A Suzanne, minha noiva, me ligou quando eu estava a caminho, e me pediu para passar na casa de minha sogra para pegar uma caixa com coisas para doação...

Antes que eu possa terminar a frase, a porta do quarto se abre.

— Bom dia. Desculpe-me, não sabia que o senhor tinha visitas. — Neste momento Honna entra com uma bandeja nas mãos. — Volto depois...

— Não, Honna, pode ficar. — Olho para o Otávio. — Esta é Honna, minha enfermeira. — Volto a encará-la. — Sente-se. — Ela deixa a bandeja na mesa e se senta em uma das cadeiras.

— Bem, como eu ia dizendo, a Suzanne me pediu para pegar uma caixa com coisas para doação.

— O senhor se lembra o nome do lugar?

— Sim, lembro, até achei estranho. Conheço a Suzanne há tanto tempo e não

sabia que ela frequentava aquele tipo de lugar, e tão longe. O nome do lugar é Centro Espírita nos Braços de Jesus...

Honna deixa cair o celular sobre a mesa de vidro. Faz um barulho, o que me leva a olhar para ela. Seus olhos me encaram espantados, como se o que acabo de dizer a tenha a assustado. Ela sorri sem graça e baixa os cílios, voltando sua atenção para o celular

— Continuando... precisei desviar meu caminho e na volta não tive outro jeito a não ser seguir por uma estrada não asfaltada, no meio de uma mata. Eu sabia que ela cortava uma área grande e isso me faria ganhar tempo, foi então que eu percebi que estava sendo seguido por duas motos, daí em diante minha vida se transformou nisso que o senhor está vendo agora.

Ele me olha constrangido.

De todo o meu pesadelo, a única coisa boa que me aconteceu... foi a Honna. Passaria por tudo isso outra vez só para conhecê-la.

— Então todos os que o senhor mencionou sabiam sobre esta reunião e o seu itinerário?

— Sim.

— E as pessoas na indústria? Elas sabiam também?

— Com certeza.

— Preciso dos nomes e dos nomes dos executivos do escritório.

— Os executivos são: Luiz Lins, Alonso Silva, Alberto Souza. Estes são de inteira confiança, trabalham para o papai há muito tempo, creio que não tenham motivos para me querer morto.

— Nunca sabemos o que se passa no coração de um ser humano, senhor Lucca. Não se engane.

Bem, e os outros?

— Eduardo é o diretor de vendas e processamento, já tivemos algumas

discussões, principalmente sobre o desenvolvimento de prazos das entregas e o fechamento de alguns relatórios de vendas, mas resolvemos nossas diferenças e ficou tudo bem. Ah, o Fabricio, ele é o gerente de vendas e filho do Eduardo. Não estou muito satisfeito com trabalho dele, mas é justificável, ele sabe que é preguiçoso e só está trabalhando por consideração ao pai, será demitido assim que eu voltar. E

temos dois advogados que estão ligados diretamente com setor jurídico do escritório.

— Qual é a função do seu tio e do seu primo na indústria?

— Meu tio é diretor de planejamento e o Othon faz parte do setor jurídico, ele é um dos advogados.

— Cargos comuns?

— Sim. Quando o tio começou a trabalhar para o papai, ele já tinha toda a diretoria montada.

Depois, com um tempo o Othon começou a estagiar e foi admitido como funcionário.

— Quem é o diretor do jurídico? É o seu primo?

— Não, é um advogado que trabalha para o papai desde que ele fundou as indústrias.

— Você certamente é o Diretor Presidente.

— Sim. — Não entendo onde ele quer chegar com essa conversa. — Otávio, você acha que uma dessas pessoas possa ser o mandante?

— Eu estou juntando o antes, o durante e o depois, em seguida montarei todos os pedaços, tenho certeza de que encontrarei algo. — diz ele enquanto seu olhar se move de volta para mim.

— Só não sei o que qualquer um deles ganharia com minha morte. Nem meu tio e nem o Othon não ganhariam nada caso algo me acontecesse.

— Eles sabem disso?

— Não, não sabem, mas quando papai tomou a decisão de escolher membros da própria diretoria para assumirem as indústrias caso algo nos acontecesse, tomamos cuidado para que ninguém ficasse sabendo, inclusive contratamos uma firma de advocacia estrangeira para cuidar de toda a papelada. As pessoas escolhidas não fazem ideia de que assumirão todas as responsabilidades por nossa organização.

— Por que seu pai não quer deixar o irmão como herdeiro? Há algum problema entre os dois?

Desculpe-me estar perguntando, mas era o óbvio a fazer no caso de uma tragédia na família.

— É uma decisão dele, e eu respeito e concordo. Quando o papai criou as Indústrias Stein, ele convidou o tio Patrício para se juntar a ele, como sócio, mas meu tio achou que não daria certo e que papai só queria tirar dinheiro dele. Na realidade, papai não queria o dinheiro dele, só queria ajudá-

lo, mas como meu tio só se preocupava em ganhar dinheiro fácil, não se interessou. No entanto, a empáfia dele durou pouco. Quando ele perdeu tudo que tinha, foi perguntar se não estava precisando de um CEO e papai sabia que ele estava na pior, afinal, era ele quem o estava sustentando, então ofereceu um cargo de diretor.

— Creio que seu tio não ficou muito feliz com isso.

— Não, e pediu para o papai demitir o vice-presidente e colocá-lo no lugar dele. É claro que papai não o fez e lhe disse que era pegar ou largar.

Eu fecho meus olhos e vejo o escândalo que tio Patrício fez no dia. Papai estava em casa, mamãe e eu no jardim, e só escutamos os gritos do tio. O nome mais bonito que ele xingou o papai, foi de egoísta. Disse-lhe que ele era da família e seria muito vergonhoso, como irmão mais velho, receber ordens de um estranho na empresa da família. Foi então que escutei o pai esbravejando, dizendo-lhe que as indústrias não eram da família, era dele, e que se ele não quisesse ser um funcionário como os demais, que fosse procurar um emprego em outro lugar. Ele aceitou, mas eu ouvi quando ele revidou, dizendo que um dia papai iria se arrepender por tê-lo feito se humilhar tanto.

— Ok. — Otávio desligou o tablet e guardou todos os seus pertences na pasta. — Já tenho

material suficiente para dar início as investigações.

— Então, o senhor acha que com isso há como descobrir quem foi o mandante do meu atentado?

— Acho que sim, pois com toda a experiência que tenho, de uma coisa tenho certeza: nenhum crime é perfeito e nem o criminoso. Sempre ficam migalhas pelo caminho e eu seguirei cada uma delas.

— Obrigado. — Eu sorrio e estendo-lhe a mão, ele aceita e devolve o riso. — Quando terei notícias suas? — pergunto enquanto balanço a mão dele.

— Assim que tiver algo concreto para compartilhar, espero que seja logo, vou começar com os retratos dos criminosos. Tenho meios de encontrá-los. Se eles estiverem vivos, eu os encontro.

— Assim espero. Acho que eles são a chave de todo esse mistério, então, mais uma vez, obrigado.

— Não precisa agradecer, ainda nem comecei, e tem mais, só estou fazendo meu trabalho. Tenha um bom dia, senhor Lucca. Senhorita. Com licença. — Ele encara a Honna, que está de cabeça baixa mexendo no celular desde a hora em que se sentou, e isso já está me incomodando.

Ela ergue a cabeça, sorri e se levanta, acompanhando Otávio até porta. Já estou com o dedo no botão que trava a porta quando ela é aberta novamente e um homem com um olhar contrariado entra em meu quarto.

— Mas que merda você está fazendo, Lucca?

Tio Patrício despeja seu vocabulário raivoso.

— Bom dia para você também, tio! — digo com ironia.

— Não seja um idiota, Lucca. Você acha que estou achando graça? Pois não estou!

Quero rir, mas acho melhor não o provocar. Não estou com paciência para discussão no momento.

— Tio, não o vejo desde que recebi alta do hospital. Não faço ideia do que está falando.

Na verdade, eu sei.

— Quem era aquele homem que acabou de sair daqui? — Não sei o que ele tem a ver com isso, mas eu respondo mesmo assim.

— Um dos melhores investigadores do país.

— Ficou louco? Quer nos matar? — Seu grito assusta a Honna e isso me deixa puto.

— Hei, baixe o tom de sua voz. O senhor não está falando com o Othon, portanto, modere seu vocabulário e seus gestos. — Ele está vindo em minha direção, só parando quando escuta minha voz.

— E não, não quero matar ninguém, só quero descobrir quem mandou me matar, pois caso o senhor não saiba, eu me lembro perfeitamente quando um dos bandidos ligou para o mandante do atentado e perguntou o que ele queria que fizesse comigo, portanto, não foi um assalto ou uma tentativa de sequestro.

— Lucca, deixe a polícia cuidar disso. Você não se preocupa com o seu pai, comigo, com o seu primo e, principalmente, com sua noiva? E se os bandidos se sentirem acuados e resolverem retaliar?

Esqueça isso, você está bem, está em segurança, certamente os bandidos não tentarão novamente, pois sabem que a polícia está de olho, filho. Deixe a investigação para a polícia de verdade.

— Já acabou? — Meu tio mal falava comigo desde que assumi a presidência das indústrias, a não ser nas reuniões ou quando cruzávamos o mesmo caminho, e agora surge em minha frente todo cheio de exigências. Se eu não o conhecesse bem e soubesse que ele não tem coragem, nem inteligência para planejar minha morte, juro que o colocaria no topo da minha lista de suspeitos.

— Você não está me levando a sério, seu moleque pretencioso.

— Senhor, agora já chega, precisa sair. O senhor Lucca precisa descansar. — Honna fica na frente dele. Ela é baixinha, mas não se intimida com o tamanho do tio.

— Saia da minha frente, sua idiota. — Ele a empurra e ela perde o equilíbrio.

— Pai, que merda pensa que está fazendo? — Já estou com as duas pernas fora do colchão, quando Othon entra e socorre a Honna. Ele praticamente se joga na frente dela para não a deixar cair.

— Ficou maluco? Perdeu a noção do perigo? Vamos embora daqui. O senhor já fez merda demais por hoje. — Você se machucou, Honna? — Ele olha os braços da Honna e eu ficou espumando de raiva vendo-o tocar nela.

— Honna, venha aqui. — Digo, ela olha para mim e percebe que se não vier sou capaz de descer da cama e ir buscá-la. Baixou o macho dominador do caralho.

— Estou bem, Othon. — Ela me ignora e eu não gosto disso, principalmente de ver a mão do Othon em seu braço. — Mas eu acho melhor levar seu pai embora, ele está muito alterado e falta pouco para o Lucca ficar também. — Então seus olhos fixam nos meus mais uma vez, ela me vê, ela sabe o quanto estou me segurando para não bancar o homem das cavernas.

— Besteira! Esse moleque está precisando de um corretivo, já que os pais o criaram como uma moça. Se você fosse meu filho...

— Eu seria um homem...? — Encaro-o e travo as palavras. Não, não, este não sou eu. Por mais filho da mãe que meu tio seja, não preciso perder a cabeça e nem me igualar a ele. — Melhor? —

completo. Honna chega do meu lado, pega meu pulso e começa a medir minha pulsação.

— E ele ainda faz pouco caso de mim.

— Vamos, pai. O senhor quer mesmo entrar em uma briga com o tio Felipo?

Othon segura o pai pelo braço. Ele ainda tenta empurrá-lo, mas meu primo é resistente e o segura com firmeza.

— Aquele lá também é um bunda mole. Deixa esse inconsequente fazer o que quer.

— O senhor não fale do...

— Quieto, Lucca. — Honna ralha comigo e olha na direção dos dois. — Othon, leve seu pai daqui, ou serei obrigada a chamar o Everaldo.

Começo a sentir uma palpitação e minha respiração vem com dificuldade. Controlo-me, não é hora de chilique.

— Vamos, pai, o senhor já deu seu show. — Ele é forçado a sair, mesmo murmurando palavras

as quais não consigo identificar, pois já estou passando mal, meu corpo fica frio e começo a ver pontos brancos diante dos olhos.

— Lucca, meu Deus! — Despenco, quase sem sentido nenhum, no travesseiro. É uma sensação ruim, uma tontura, como se toda minha energia tivesse sido sugada. — Meu amor, o que está sentindo? Lucca, está me escutando?

— Honna, Honna...

Fecho os olhos e tento respirar com calma, não quero deixá-la nervosa.

Deus! Por favor, ajude-me, não me leve agora, ainda tenho muito o que fazer, ainda quero ter alguns filhos com esta moça linda.

Inspiro.

Sinto como se meu sangue estivesse furando minha pele e o suor frio me dá uma sensação de um banho gelado em pleno frio.

— Lucca, fale comigo, olhe para mim, meu amor. Você está tão frio... — Ela pega o celular. Eu sei o que ela pretende fazer, vai ligar para meu médico, e se isso acontecer voltarei para o hospital.

— Não, não faça isso. — Seguro em sua mão. — Estou melhorando, só preciso do seu calor.

Deite-se ao meu lado e me abrace, é só isso que preciso no momento.

— Amor, não sou remédio, sou apenas uma enfermeira e sua namorada, e no momento...

— Namorada? — É a primeira vez que a escuto dizer esta palavra com tanta convicção. —

Quero mais do que isso, mas no momento só quero seu corpo esquentando o meu. Vamos, Honna, suba aqui. — Travo a porta e ela, ao escutar o clique, sobe na cama e se aconchega em meus braços.

— Por Deus! Esse seu cheiro me deixa louco, é como se já o conhecesse há séculos.

Fecho os olhos, inspiro. E enquanto tento recuperar meus sentidos, escuto um murmúrio vindo dos lábios dela, então, abro os olhos um pouco, o suficiente para enxergar o que está acontecendo ao meu redor. Vejo uma das mãos de Honna um pouco acima de minha cabeça. É estranho, mas me sinto bem com esse gesto. Certamente ela está fazendo uma oração, e é com essa sensação de bem-estar que adormeço.



Capítulo 29

Eu não sabia que a reação imediata do meu pai ao saber que o Lucca contratou um investigador para encontrar o mandante do atentado, seria ir de encontro ao meu primo. Pensei que ele ia esperar uma oportunidade e conversar com o tio

Felipo, tentar convencê-lo de que a ideia não era boa. Mas quando eu o vi se levantar da cadeira, pegar a chave do carro e sair do escritório quase soltando fumaça pelas orelhas, não consegui ficar parado, fui atrás dele.

Ainda bem que vim.

— O senhor ficou maluco? — Eu o empurro para o gabinete do tio Felipo e tranco a porta. —

Cacete, velho! Que porra pensou em fazer?

— Cacete, digo eu. — Ele começa a andar de um lado ao outro, passando os dedos entre os fios dos cabelos grisalhos. — Othon, esse moleque precisa parar, será que não entende?

Ele para diante de mim, segurando meus ombros firmemente e me encarando nos olhos.

— Pai, o Lucca é adulto, ele não precisa que digam o que ele deve ou não fazer, isso não é assunto do senhor. Que merda!

— Como não é assunto meu? É meu e seu, e de todos os envolvidos, entendeu, Othon?

Ele me solta e se vira em direção a uma cadeira, e a chuta com força.

— Mas que droga! E agora, Othon? — Está assustado, posso até jurar que está com medo.

— Pai, o que o senhor fez? — Nem sei por que fiz esta pergunta, tenho até medo da resposta.

— O que eu fiz? Você sabe perfeitamente o que fiz, não se faça de desentendido. O que acha que vai acontecer com esse tal de detetive? — Dou de ombros, porque não faço ideia do que ele está falando. Claro que eu me preocupo com um cara fuçando minha vida, mas tenho certeza de que esse detetive não vai encontrar nada que me incrimine.

— Pai, largue de paranoia. O detetive logo irá se cansar, assim como os investigadores de polícia.

— Idiota! O que você tem na cabeça? Se eu não tivesse certeza de que você é meu filho, eu teria minhas dúvidas. Às vezes você é ingênuo demais. Será que não pensa? Aquele detetive vai vasculhar tudo, tudo! Contas, nomes, endereços. Entendeu agora?

Merda! Ele tem razão.

— Eu disse para o senhor esconder aquela porra! Avisei mais de mil vezes para dar um fim em tudo aquilo, mas não, o senhor adora fabricar provas contra o senhor mesmo...

— Pode parar, gênio! Agora não adianta chorar pelo leite derramado. Temos que dar um sumiço naquilo tudo. — Ele passa por mim quase levando meu ombro junto. — Você não vem?

Para, ainda segurando a porta.

— Vá na frente, ainda tenho que conversar com a Suzanne.

— Essa mulher ainda será a sua derrota, Othon. Livre-se dela enquanto é tempo, ela já não nos serve mais. Segundo o seu tio, o Lucca perdeu o interesse completamente por ela.

Papai não gosta muito da Suzanne, ele vive dizendo que ela será minha desgraça. A chama de sanguessuga. O que ele não entende é que eu não tenho sentimentos de paixão por ela, o que eu gosto é do fogo que ela me faz sentir, o sexo é muito bom, e o fato de ser inescrupulosa me atrai muito.

Gosto de comer a mulher do meu primo, de saber que ele, sem saber, estar dividindo sua mulherzinha deliciosa com o priminho pobre.

— Othon!

— Sim?

— Vai mesmo atrás daquela vadia?

— Pai, não fale assim. Vá na frente, quando voltar para o escritório passo na sua sala. Resolva logo suas pendências e jogue fora qualquer pista que possa incriminá-lo.

— Farei isso, e você deveria fazer o mesmo.

Ele sai apressado e eu sigo para o quarto da Suzanne. Ela deve ainda estar dormindo. Suzanne costuma acordar bem tarde, às vezes ela nos dá a honra de sua presença no café da manhã, mas logo depois volta para a cama e só acorda na hora do almoço. Ela costuma dizer que o dia dela só começa após o almoço.

Abro a porta e assim que entro fecho com a chave. Logo vejo sua bunda empinada com uma calcinha indecente toda enfiada no rego. As pernas entreabertas, entrelaçadas nos emaranhados dos lençóis. Fico de pau duro só com esta visão, abro o zíper da calça e puxo meu membro para fora, ficando de pé diante da cama, masturbando-me enquanto penso o que farei com esta bunda firme e grande.

Ajoelho-me no colchão e fico entre suas pernas. Debruço-me sobre seu corpo, ela se mexe e espalha um pouco mais as coxas. Eu sei que ela já sentiu minha presença, como também sei que ela adora ser pega à força. Então, uma mão segura firmemente seus pulsos acima da cabeça e a outra afasta sua calcinha para o lado. Minha enorme ereção já está pronta para devassidão.

Só direciono a cabeça em seu buraco traseiro e enfio tudo de vez.

— Cachorra! Você gosta de ser pega por trás, não é? — Ela finge surpresa e tenta se livrar do meu peso. — Isso, resista. Quanto mais você resiste, mais eu te arrombo. Rosna, cachorra, rosna.

Aplico um tapa bem forte em sua bunda e o estalo soa alto, puxo seus cabelos e sua cabeça vem para trás.

— Put...! Vou deixar esse seu rabinho ardendo.

Estoco com força e enquanto faço isso xingo-a de todos os nomes depravados que conheço. Ela não fala nada, apenas rosna e empina a bunda para que a penetração fique mais dura.

É isso que eu gosto nela, essa devassidão putana, seu lado animalesco. Eu sei que ela tem problemas sérios com o sexo, percebi isso no primeiro dia em que a comi. Ela não ficava satisfeita, então chamei dois amigos para compartilhá-la comigo, transamos a noite toda, eu fiquei acabado,

meus amigos quase jogaram a toalha, e ela sempre queria mais, então a embebedamos, ela apagou e finalmente pudemos descansar nossos paus.

Foi assim que começamos nosso caso. Ela era a namorada certinha do meu primo otário e minha amante insaciável uma vez ou outra. Como não era eu quem tinha que lidar com sua fome por sexo, encarava nossa relação numa boa, e sempre que nos encontrávamos ela reclamava do sexo com o Lucca, dizia que ele não sabia comê-la direito.

Enquanto ela fazia um lanche com o Lucca, era comigo que saciava sua fome de um sexo doloroso e vulgar. Muitas vezes fomos parar em um clube de swing só para que ela se sentisse satisfeita, mesmo assim nunca ficava.

— Porra! — solto um grunhido na última estocada, e antes de gozar, eu retiro meu pau do seu buraco traseiro e enfio em sua vagina, e mais uma vez estoco com toda força até nós dois soltarmos nosso grito de libertação. — Vadia! Adoro essa sua devassidão.

Afasto-me do seu corpo. Ela se vira e me encara.

— Estava com saudade de você, sabia? Ultimamente não tem tido muito tempo para me comer.

Não gosta mais de mim?

Ai, minha porra! Lá vêm as queixas.

— Suzanne, olhe onde você está. Como posso vir até aqui comer você? Aqui é o território do inimigo, só me arrisquei hoje porque estava cheio de tesão, mas já estou indo, não quero que a Ruth me encontre aqui.

Levanto-me, empurro meu pau para dentro da calça e fecho o zíper.

— Othon...

Lá vem novidade, não gosto quando a Suzanne fica melosa. Isso só funciona com o Lucca. Bem, não funciona mais, ele não está tão interessado nela e eu acho que ela já percebeu isso.

— O que foi? — Sento-me na cama e acaricio seu rosto. Ela se joga em meu

corpo, encostando a cabeça em meu peito.

— O Lucca não me quer mais. — Só ela não sabia disso. — Escutei o tio conversando com ele, exigindo que ele ficasse comigo até que eu melhorasse, estou me sentindo tão rejeitada. O Lucca só está comigo por pena, ele não me ama mais, não dá mais para fazer chantagens com ele. E agora, o que eu faço?

— Continue fingindo demência. Finja-se de doente, já que ele só está com você porque pensa que está com depressão. Então finja e seja bem convincente.

— Mas até quando? Você quer assumir a empresa, quer ficar no lugar do Lucca, será que já não percebeu que ele a cada dia está ficando mais forte? Logo voltará a andar e assumirá a cadeira de presidente. E aí? O que faremos? Você acha que sou burra, acha que não percebi o olhar dele para a enfermeira? Ele não me quer mais por causa dela, sabia disso?

— Hei, isso não é assunto seu. Eu perdi a oportunidade de assumir o lugar dele, mas está tudo bem, eu sei que cedo ou tarde assumirei uma cadeira importante nas indústrias, o tio Felipo vai se aposentar e o Lucca vai precisar de alguém ao lado dele, e essa será minha chance.

— Mas você disse que queria assumir o lugar dele, ter a porra toda. Mudou de ideia? Suas chances de ficar mais perto do Lucca e saber os passos dele era se eu continuasse sendo noiva dele, mas se ele desistir de mim, suas chances se acabam.

Ela tem razão, eu também já percebi o interesse do Lucca pela Honna e ela por ele. Por isso preciso agir o mais rápido possível. Primeiro preciso afastar a Honna do Lucca e depois sobrecarregar o Lucca. Não sei como farei isso, mas farei. Já que o inteligente que tentou matá-lo não conseguiu, tenho que encontrar outra maneira de me livrar dele, talvez provando sua incompetência, o que não será fácil, ele é muito certinho.

— Suzanne, não se preocupe, o Lucca pode até voltar à presidência, mas tudo pode acontecer, e enquanto isso, continue fingindo que o ama, aproveite que eles pensam que quer se matar, faça seu teatro.

— Não sei até quando vou suportar isso, eu quero ficar com você. — Fodeu, ela não vai transferir a carência dela para mim, mas nem a pau. — Não me importo se você não tem tanto dinheiro quanto o Lucca. — Mas eu me importo. — Posso

perfeitamente me adequar a sua situação financeira. Você me ama, eu o amo... — Mas quando foi que ela chegou a essa conclusão? — Isso nos basta. — *Não, maluca, isso não me basta. Eu só quero ficar com você para agradar ao meu tio e dar um herdeiro para ele, só isso.* — Seremos felizes, amor. Você gosta das mesmas coisas que eu gosto, então somos perfeitos um para o outro.

Não, não somos perfeitos. Assim que nos casarmos eu compro um amante para lhe satisfazer, tenho outros planos e outros interesses.

— Suzanne, siga nosso plano, continue noiva do Lucca, represente o papel de depressiva, principalmente na frente do tio Felipo, ele é seu maior trunfo, e deixe o resto comigo.

— Othon, estou com medo. O que pensa em fazer? Não vai sujar as mãos. Você não pensa em matar o Lucca, pensa?

— Ficou louca? Claro que não sujarei minhas mãos.

— Othon, agora é diferente, não é simplesmente desviar um monte de dinheiro. Não quero ir para a cadeia.

— De onde você tirou esta ideia? Ninguém será pego, confie em mim. Logo seremos os donos desta casa e de todo o dinheiro dos Stein, e você será minha princesa.

Eu seguro seu queixo e a beijo.

— Seja rápido. Não sei se consigo representar por muito tempo. Estou cansada do Lucca, quero você.

— Paciência. Lembre-se de todo aquele dinheiro e que ele será seu.

A beijo outra vez e me levanto da cama.

— Vou deixar a porta do meu quarto aberta hoje à noite, venha me foder desse jeito outra vez.

— Eu virei. Esteja nua, de bruços e toda aberta.

Ela só balança a cabeça, concordando, e volta a se deitar. Saio do quarto e

caminho em direção às escadas, antes de ir para a porta da frente, dou uma espiada em todos os lados. Não quero ser

pego por algum empregado, descendo as escadas.

Escuto passos e vozes, então saio apressado.

— Senhor Othon, nem o vi chegar. — Ruth me pega com a mão na maçaneta da porta.

— Já cheguei e já estou indo, só vim buscar um documento que esqueci no quarto. — Abro a porta e deixo a Ruth de pé, me encarando desconfiada.



Capítulo 30

Acordo com fios de cabelos loiros emaranhados em meu pescoço e alguns em minha boca.

Sorrio com a cena. Olhando-a do meu ângulo, vejo que ela está muito confortável nesta posição, seu rosto enfiado em meu peito, uma perna por baixo da minha e a outra por cima, chego até sentir o calor de sua boceta em minha coxa, e só de sentir essa sensação começo a ficar excitado. E antes que eu fique muito louco de tesão, viro meu olhar em direção ao grande relógio na parede.

Merda! Não vai dar nem para uma rapidinha. Novamente meus olhos miram a linda cabeleira loira, beijo o alto de sua cabeça e murmuro palavras carinhosas.

— Meu amor... — Continuo admirando o rosto dela. — Acorde, amor.

Assim que fecho a boca, escuto batidas na porta. Não posso abrir, não com a Honna toda enrolada em meus braços. Não que eu me importe que alguém a veja assim, tão íntima do meu corpo, mas ela se importa.

— Honna, acorde, hora do almoço. Ruth na porta, vou abrir...

Ela se move e sua perna se afasta da minha, o calor de sua boceta vai junto.

— Lucca, por que não me acordou? — Levanta-se rapidamente, ajeitando os cabelos, tentando prendê-los novamente no alto da cabeça.

Ela olha para mim do jeito que me deixa louco. Louco para jogá-la na cama, na parede, no chão, no sofá... Não sei, em qualquer lugar, e me enfiar todo dentro dela e fazê-la gritar meu nome enquanto me movo dentro e fora do seu corpo.

Porra! Estou tendo uma ereção.

— Por que soltou meus cabelos? — pergunta enquanto faz sua segunda tentativa de prendê-los.

— Não gosto quando estão presos. — Olho para a frente da minha calça de moletom, onde o desenho de minha enorme ereção fica evidente.

— Por Deus, Lucca! — Os olhos dela atingem a mesma direção que os meus. — Tarado! Não, estou sendo injusta, você é pior do que um tarado.

— A culpa é sua. Basta pensar em você que fico de cacete armado. — Sorrio torto e ela não resiste, vem até mim.

— É melhor cobrir isso, não quero a Ruth olhando para ele.

O lençol é jogado displicentemente na frente de minha calça. E enquanto eu a observo, ela segue até o grande espelho que fica em uma das paredes perto da porta, se observa, passa a mão na blusa branca e em seguida olha para mim. Destravo a porta, Honna a abre e espera Ruth entrar com o carrinho do nosso almoço.

— Desculpe, Ruth por ter encontrado a porta trancada. Fui obrigada a fazer isso antes que mais alguém entrasse no quarto e começasse mais uma discussão. Acho que o senhor Lucca já teve

emoções demais, é melhor não abusar.

Como minha safadinha mente bem. Eu aqui buscando uma desculpa antes do interrogatório e ela já com a resposta pronta antes da pergunta. Ela sequer me olha de volta, pois meus olhos nem piscam, buscando só um minuto pelos seus. Acho que ela sabe que, se me encarar, eu vou rir.

— Eu entendo, Honna. Realmente você tem razão, hoje a manhã foi movimentada, e ainda nem acabou o dia. Oremos para que tudo fique calmo até o jantar.

Eu também espero, Ruth, pois depois da fisioterapia tenho planos para meu banho de hidro.

— Lucca, quer almoçar na mesa ou aí mesmo? — Ela nem precisava fazer a pergunta, pois já estou com os pés fora da cama, pronto para descer. — Quer cair? Não consegue esperar que eu o ajude?

— Quer ajuda, Honna?

Ruth vem em nossa direção e eu logo escondo meu assanhamento. Já ia beijar o

rosto corado de minha linda enfermeira.

— Amo você. — Sussurro ligeiro, antes que Ruth chegue perto.

Deixo-me ser ajudado, não querendo dar munição ao bandido. Mesmo eu não me importando que o mundo saiba que amo a Honna, ela não quer revelar nosso romance. Eu até entendo, pois, querendo ou não, ainda estou comprometido com a Suzanne, embora minha vontade seja de terminar essa palhaçada o mais rápido possível.

A tarde passou rápido e não conforme os meus planos. A ideia do banho de hidromassagem foi, literalmente, ralo abaixo, pois Suzanne resolveu me fazer companhia durante a fisioterapia. Fiquei fulo, não queria a sombra de minha suposta noiva o tempo todo me cercando e afastando a Honna de mim, pois ela ficou sentada em uma poltrona um pouco distante de onde estávamos, fingia ler o nosso livro. Contudo, por um lado foi até bom a Suzanne ter ficado, isso me deu um ânimo para exigir mais de mim, e como recompensa ganhei um par de muletas. Começamos a praticar com ela e já consigo andar alguns passos a usando, acho que até o fim de semana me livro da cadeira de rodas, e como ainda não domino as muletas, as substituí por um andador. Beto disse que a cadeira de rodas será só para o banho, ou quando me sentir cansado.

É, a Suzanne é a responsável por minha evolução. Passei tanta raiva que quase voltei a andar.

No entanto, meu banho de hidro não rolou. Quer dizer, não rolou com a Honna me fazendo companhia. Ela só ficou administrando meu banho enquanto a Suzanne nos observava. Foi algo muito incômodo, vê-la me olhar tomar banho. E pensar que praticamente vivíamos pelados quando estávamos em seu apartamento.

O pior foi logo após o Jantar. Suzanne jantou comigo e a Honna foi jantar com o papai. Só vi a Honna quando ela voltou, mesmo assim, disse-me boa noite e se trancou em seu quarto. Eu percebi o quanto ela estava incomodada com a presença da Suzanne ao meu lado, e a entendo, não é nada fácil ver quem você ama ao lado de outro que não para de beijá-lo e acariciá-lo. Já estava a ponto de mandar Suzanne à merda.

Enfim, tive que aturar os carinhos da Suzanne.

— Suzanne, você não vai para o seu quarto? Já está tarde. — Pergunto.

Ela está deitada em minha cama, acariciando meu peito. Na verdade, ela quer fazer sexo, mas eu lhe disse que o médico proibiu.

— Vou esperar você dormir. Quero ficar mais um pouco ao seu lado. Por favor, não me mande embora. — E pensar que antes eu adorava o jeito manhoso com que ela me pedia as coisas. Hoje eu sinto uma vontade de empurrá-la para bem longe de mim.

— Tudo bem, mas você precisa me prometer que não tentará nada. Eu já disse que não posso me cansar. A fisioterapia foi pesada, então não posso abusar.

Eu conheço a Suzanne. Quando ela quer transar, simplesmente monta em cima e satisfaz sua vontade.

E do jeito que eu estou cansado, certamente apagarei assim que fechar meus olhos.

— Eu juro, amor, só ficarei agarradinha a você.

Nem escuto direito o que ela diz. Meus pensamentos estão no outro quarto. Se eu pudesse sairia desta cama e iria fazer companhia a ela, beijá-la, abraçá-la, fazer amor com ela, e enquanto estivesse dentro do seu corpo, eu repetiria. Eu a amo. Amo muito.

— Amor... amor, que gostoso. Isso, isso, mais rápido, oh, que delícia, mais rápido, amor. Vou gozar, meu amor, vou gozar... oh, que delícia...

Então, quando estou pronto para jorrar meu prazer na mulher que eu amo, abro meus olhos, mas quem está em cima de mim, galopando, não é a Honna e sim a Suzanne. Rapidamente eu a empurro e todo meu tesão vai embora. Meu pau está melado, não sei se de esperma ou do prazer dela.

— Ficou louca? O que eu disse? Como ousa fazer isso? Saia daqui. Saia daqui Suzanne. —

Grito, enfurecido. Pego o lençol e aperto a cabeça do meu pênis para limpá-lo, esfregando com força, como se quisesse esfolá-lo de tanto nojo que fico. Visto minha box e subo o elástico do pijama. Temo que a Honna saia do quarto e me

veja de pau na mão e todo melecado.

— Lucca, por que está me tratando desse jeito? — Suzanne desce da cama. Ainda bem que ela está vestida, apenas afastou a calcinha e montou em mim, como fazia quando namorávamos de verdade. Ela acordava durante a madrugada e tinha o seu prazer.

— Saia da minha frente, Suzanne. Saia! — esbravejo tão alto que só vejo a porta do quarto da Honna se abrir e ela surge toda preocupada.

— O que está acontecendo aqui? — Vem até mim e segura meus ombros, tentando me manter deitado, mas não quero me deitar, quero expulsar a Suzanne do meu quarto.

Desço da cama.

— O andador, Honna.

— Senhor Lucca, por favor, se acalme.

— O andador, Honna! — Encaro-a com um olhar furioso.

— Volte para a cama, por favor.

Empurro-a com cuidado e pego meu andador.

— Saia do meu quarto, Suzanne.

— Lucca, não me trate assim, sou sua noiva...

— Do diabo! Você é a noiva do diabo, não minha. — Seguro-a com uma mão e a empurro quando ela tenta me tocar. — Nunca mais encoste suas mãos em mim. Acabou, Suzanne, acabou!

— Lucca, não, não me deixe, eu o amo...

— Senhor Lucca, não faça nada de cabeça quente.

— Não, Honna, não aguento mais essa situação. Não aguento mais fingir... Acabou! — Encaro a Suzanne como os olhos faiscando raiva. — Acabou, entendeu?! — Puxo a aliança do dedo e jogo-a longe. — Vá embora de minha

casa e da minha vida.

— Meu Deus, que gritaria é essa?

Papai entra em meu quarto, olha para mim, para Honna, e por fim para a Suzanne, que chora copiosamente.

— Suzanne, o que foi que aconteceu? — Othon vem logo depois e segue direto para Suzanne, a abraçando.

— Leve-a daqui, Othon, já que você se importa tanto com ela. E quer saber? Se case com ela também, vocês formam um belo casal. — Digo com raiva.

— Filho, não é assim que se resolve as coisas.

— É assim, papai. Eu não amo mais a Suzanne, não tem por que manter esta farsa. Não posso enganá-la, ela precisa aceitar, acabou e pronto.

— Senhor Lucca, volte para a cama...

— Não, Honna. — Olho para ela, que tenta em vão me levar de volta. — Estou cansado, estou cheio de fingir que está tudo bem, de deixar a Suzanne me usar como se ainda fôssemos íntimos, porque não somos, não sinto mais nada por ela, a não ser pena.

— Lucca, eu o amo, não sei viver sem você. E se você me deixar eu prefiro morrer. Entendeu?

Morrer!

Suzanne puxa os cabelos, bate no rosto enquanto grita feito uma louca. Não consigo reconhecê-

la. Ela empurra o Othon e sai correndo.

— Suzanne! — Othon vai atrás dela, mas antes me encara. — Se acontecer alguma coisa com ela, a culpa será sua, e não o perdoarei por isso.

Ele sai correndo, gritando o nome dela.

— Lucca, pelo amor de Deus, pense melhor. A Suzanne não está bem, ela

precisa de você.

— Então a internem! Não sou médico, não ficarei com uma pessoa que não amo mais. Não posso, pai. Eu sinto muito, leve-a embora. Não quero vê-la aqui amanhã. Se ela precisar de tratamento, eu pago, ela terá todos os cuidados necessários, mas nosso noivado acabou e não tem volta. Já era para eu ter feito isso há muito tempo.

— Filho, eu não entendo. Vocês se amavam tanto, estavam tão empolgados com o casamento.

Como tudo de repente mudou? Como um amor tão intenso pode acabar assim, sem motivos? Quando isso aconteceu, filho?

— Quando eu acordei do coma. — E é verdade. Quando acordei do coma eu sequer me lembrava que tinha uma noiva. — Ela deixou de existir quando acordei, assim que eu a vi, soube na hora que não sentia mais nada por ela.

— Senhor Lucca...

— E pare de me chamar de senhor! — brado com a Honna, olhando-a enfezado. — Odeio quando me chama de “senhor”.

— Lucca, a Honna não tem culpa do que aconteceu.

O que ele diria se eu dissesse que estou apaixonado por ela?

— Eu sei, papai. A única culpa que ela tem é a de me fazer sentir vivo e feliz, é por isso que não gosto quando ela me chama de “senhor”.

Honna fica rubra, acho que neste momento ela acha que eu vou contar toda a verdade para o papai.

— Lucca, você precisa voltar para a cama, está tarde e por hoje já chega de emoções fortes.

Ela segura em meu braço e eu aceito. Estou me sentindo cansado de verdade, o dia de hoje foi intenso, e o final foi o pior de todos. Só espero que a Honna não me culpe quando eu lhe contar o que aconteceu, porque não irei esconder. Se tem uma coisa que aprendi com meus pais, é que mentira tem pernas curtas e cedo ou

tarde ela vem à tona.

— Ela tem razão, filho, você precisa descansar. Amanhã, quem sabe, você acorde com outros pensamentos e mude de ideia. Vou deixá-los descansar, boa noite!

Papai fecha a porta.

Olhamo-nos fixamente, ela está triste e eu puto.

— Preciso ir ao banheiro.

Ela me ajuda, mas eu a impeço de entrar comigo. Preciso ficar sozinho, quero me limpar, quero tirar o cheiro da Suzanne do meu pau. É como se ele estivesse muito sujo.

Seguro-me na bancada, ligo a torneira e abaixo meu pijama e minha box. Começo a lavar meu pênis com sabão e água, meus testículos, minha pélvis, minhas coxas. Pego a toalha e me enxugo, visto meu pijama. Agora estou pronto para me deitar com a Honna.

— Está tudo bem? — ela pergunta quando abro a porta do banheiro. Assinto com a cabeça e me escoro em seu corpo.

Honna me ajuda a subir na cama, e antes que ela resolva voltar para o quarto, seguro em seu braço.

— Por favor, meu amor, sua cama agora é aqui. — Aperto o botão que trava a porta e mantenho minha mão firme em seu braço, impedindo-a que se afaste.

— Lucca, acho que não é uma boa ideia eu me deitar ao seu lado. Está tarde, você teve um dia intenso e um final de noite terrível, o melhor que posso fazer é me sentar na poltrona e ler um pouco para você até que adormeça.

O caralho! Ela vai se deitar ao meu lado ou mudo de nome.

— Honna, não se preocupe, depois dos últimos minutos, não conseguirei ficar de pau duro. Mas preciso do seu calor. Se quiser ler nosso livro, eu aceito, mas você terá que se deitar ao meu lado.

Ela respira profundamente, como se dissesse “é, ele não vai desistir”. E não vou mesmo.

Honna despe-se do robe, pega o livro e se deita ao meu lado. Ela nos cobre e deita a cabeça em meu ombro. Abre o livro e começa a lê-lo.

— Acordei com a Suzanne montada em mim, me fodendo, e pensei que era você.

Digo enquanto ainda tenho coragem. No entanto, meus braços estão segurando seu corpo, caso ela pense em fugir de mim.

Honna para de ler, mas eu sinto sua respiração puxada. Ela está se controlando.

— Foi por isso que gritei com ela. Quando percebi que não era você, eu a empurrei. Ela quase caiu da cama. Perdoe-me, meu amor, não fazia ideia de que ela ia se aproveitar. Estava tão cansado, só queria dormir e ela me prometeu que assim que eu adormecesse iria embora, não sabia que ela tinha outros planos... Honna. Honna, você está me ouvindo?

Ela está tão calada que chega a dar medo.

— Não sei o que dizer, Lucca. — Confessa ela, sem me encarar. — Não gostei de ter escutado isso, por outro lado eu sei que você não teve culpa, é uma situação constrangedora e nojenta, mas mesmo assim isso me incomoda... — Ela larga o livro e se vira, olhando para todo meu rosto com um olhar avaliador, como se quisesse adivinhar meus pensamentos. — Você achava mesmo que era eu?

— Sim, era como se estivesse em transe, só sentia a sensação prazerosa, mas não sabia se estava dormindo ou acordado, até que consegui abrir meus olhos e percebi que não era você.

— Sério? — Ela se senta.

— Sério, amor. Não fique brava, não vá embora... — O medo vem. Aquele medo terrível de ela ir embora.

— Eu quero saber a diferença. — Ai, caralho! Ela puxa a camisola pela cabeça e fica nuazinha, tira a calcinha de qualquer jeito e monta em meu corpo. — Agora

o senhor nunca mais me confundirá com outra mulher.

— Fodeu, mulher. Você disse que só íamos dormir, agora você vai me comer?

— Vou. Quero ter a certeza de que nunca mais serei confundida com ninguém.

— Filha da mãe. Eu bem que queria ficar quieto, mas você não deixa. — Ela puxa meu pijama e o escroto do meu pau pula fora, todo feliz da vida.

— Lucca! — Seus olhos admirados fixam-se em meu presunçoso pau, ereto, melado, com a cabeça brilhando. — Você disse que não conseguiria ficar de pau duro, mas não é isso que estou vendo aqui.

— Ele tem vida própria quando o assunto é você. Agora pare de conversa e me coma.

Honna segura meu membro e o guia em sua entrada. Ele vai entrando lentamente, a boceta dela engolindo o vagabundo do meu pau, polegada por polegada, até que ela fica completamente sentada.

— Galopa. Galopa nele, amor. Me coma, esfola *ele*. Quero amanhecer todo estropiado, não

quero nem conseguir mijar de tanta estocada que sua boceta irá dar nele.

— Cala a boca, Lucca, e me beija, quero comer sua língua também.

— Oh, mulher mandona do caralho. Assim você me mata de tesão. Venha cá, fogosa, vou baixar seu fogo.

Ela chupa minha língua, eu chupo a dela, chupo seus peitinhos durinhos, e depois, pela primeira vez, eu chupo sua boceta.

Honna se segura na grade da cama e me oferece uma sentada na cara, enquanto minhas mãos seguram sua bunda eu me farto de boceta. Ela goza quando enfio meu dedo no seu cuzinho, e enquanto estoco lá, movo minha língua em suas dobras até ela gozar esfregando suas carnes em meu rosto. E

quando eu dou por mim, ela está com meu pau na boca.

— Sacana! Caralho! Honna, porra! Caralho! Eu... não sabia... porra... chupa mais... eu não sabia... que você... puta merda! Sabia chupar um pau... — Ela sorve bem fundo e eu quase vou a nocaute. — Sente-se nele, amor. Sente-se nele antes que eu goze.

Ela se senta e começa a galopar outra vez, até que nosso prazer vem em ondas que impulsionam todo nosso corpo, nos sacudindo, sacudindo a cama. Eu a puxo e abraço seu corpo, empurrando-o para baixo, fazendo meu membro ir bem dentro dela, e posso sentir a contração de suas paredes íntimas. É a porra do orgasmo mais alucinante de toda minha vida sexual.

— Eu a amo!

Beijo Honna enquanto nossos corpos sentem nossos espasmos de prazer. E é assim que adormecemos, ela por cima do meu corpo e eu com meu pau ainda dentro dela.

Duas horas depois acordamos para nos amar outra vez. Que dizer, eu a acordo me movendo dentro dela. Enchendo-a com meu pau duro e grosso. Despertando-a dos seus sonhos e trazendo-a para a realidade do meu desejo.

Já está amanhecendo quando terminamos de nos banharmos e enfim nos jogamos na cama abraçados, então finalmente dormimos nosso sono de descanso.



Capítulo 31

— Viu que eu tinha razão? Você é uma imprestável, não serve nem para enganar um otário.

Olhe para você, nem digna de pena é, imbecil, medrosa. Você precisa morrer. Por que não se mata? Fará um favor para o mundo...

— Cale-se, não vou te escutar. É só uma voz. Cale-se!

— Sim, sou a voz da sua consciência. Mate-se, tome todos aqueles remédios. Não sentirá dor, será rápido...

— Cale-se!

— Suzanne, pare. Pare! Não faça isso, você vai se machucar...

— Faça *elas* se calarem, por favor. Faça *elas* se calarem...

— Quem? Quem? Suzanne, pare, pare.

— As vozes. Por favor, Othon, faça as vozes se calarem.

— Ele não pode me calar. Ele também é culpado, ele não vai protegê-la. Mate-se! Mate-se!

Não, não. Olho para Othon em busca de socorro. Por que ele não escuta as vozes? Elas gritam em meus ouvidos.

Bato em minhas orelhas, puxo meus cabelos, ando de um lado ao outro.

— Mate-se... Você não serve para nada, nem esse aí quer você, ele só quer enganá-la e quando conseguir o que quer ele a trocará pela outra, a outra é especial e ele a ama.

— Por quem você vai me trocar? Quem é a mulher que você ama? — Jogo-me sobre Othon e começo a bater no peito dele com meus punhos, exigindo saber quem é a outra mulher.

— Ficou louca? Pare, Suzanne. Não precisa representar, não tem ninguém aqui para assistir sua cena. Sou eu, lembra?

— Não tente me enrolar. Com quem você anda me traindo? Eu juro, Othon, que

mato você e mato a ordinária que anda se deitando com você.

— Se acalme, sua maluca. Onde você ouviu um absurdo desses? Não existe outra mulher, só existe você. Se acalme, porra!

Othon segura-me por meus pulsos enquanto sacode meu corpo e me olha fixamente.

— As vozes disseram que você vai me abandonar assim que conseguir o que quer, e depois vai me trocar por outra mulher.

— Chega, Suzanne! Não existe nenhuma voz, pare de representar. Quer impressionar alguém com essas suas sandices? Impressione o Lucca e o tio, não a mim.

Ele me solta, segue para a cama, senta-se e fica me encarando.

— Você não escutou, Othon? O Lucca terminou o noivado, ele não quer mais nada comigo, acabou.

Sigo até ele e me sento ao seu lado, encosto minha cabeça em seu ombro.

— Não acabou nada. Olhe para mim. — Suas mãos seguram meus ombros, virando-me para encará-lo, mas continuo com os cílios abaixados. — Hei, olhe para mim! — Olho. — O Lucca é um idiota, e se você fizer do jeito certo ele voltará para você.

— Mas eu não quero, Othon. Quero ficar com você. Não me importo, vamos assumir nosso romance e pronto.

É verdade, não quero mais fingir, não quero mais ficar com alguém só por causa da conta bancária. Eu amo o Othon e não me importo mais se ele tem menos dinheiro do que o Lucca.

— Bobagem. Você merece uma vida de rainha, e só posso dar essa vida se seguirmos o plano.

— Othon, eu não sei, parece perigoso. E se o tio Felipo descobrir? Podemos ser presos, não quero ficar longe de você.

— Hei... — Ele me beija, e quando isso acontece é como se o mundo inteiro desaparecesse e só existisse nós dois. — Quem é a minha cadelinha linda?

— Eu. — Sinto seus lábios sobre os meus, o beijo inocente e ao mesmo tempo tão necessitado mexe com todo o meu emocional. Neste exato momento nada mais importa, só as vontades dele.

— Isso, boa menina. Não tenha medo, não deixarei nada de ruim lhe acontecer, mas você precisa fazer tudo que eu mandar, certo?

— Sim, eu faço.

Eu o amo tanto. E quando ele está perto de mim, assim como está agora, as vozes desaparecem e eu posso voltar a ser eu mesma.

— Você precisa fingir que está bem mal, do jeito que estava quando entrei aqui. Cadê o frasco de antidepressivos com placebo?

— Na gaveta. Eu tenho tomado direitinho, e bem na frente do tio Felipo e da Ruth.

Othon tem amigos. Amigos valiosos. Todos os remédios que foram receitados, ele trocou todos os comprimidos por placebos, assim posso fingir sem precisar me drogar. Mas guardo os comprimidos verdadeiros em outros frascos, no caso de algum dia precisar provar que estou os tomando.

— Se o Lucca ficar resistente em mandá-la embora, quando você chegar em seu apartamento, troque os comprimidos falsos pelos verdadeiros e engole uma grande quantidade de placebos, o resto deixa comigo, garanto que o Lucca reatará o noivado rapidamente.

— Tem certeza de que isso dará certo, Othon? Na outra vez quase que o médico descobriu.

— Não se preocupe, tudo está sob controle. Logo estaremos ricos e você será a minha rainha.

Jogo-me nos braços dele e ele me enche de beijos.

— Idiota! Ele só quer usá-la, só quer o seu corpo. Você não passa de uma

putinha para ele.

Você não é nada, é uma inútil, não sabe fazer nada, é burra e está ficando gorda e feia.

— Othon, estou gorda?

— Não, meu amor, você está gostosa.

Ele me beija outra vez e começa a acariciar meus seios.

— Oh, inteligente... tudo que é gostoso tem gordura. Você já viu algo sem gordura ser gostoso? Gorda, obesa, feia.

— Humm... eles vão começar, é aqui que vou ficar, preciso me alimentar!

— Quem é você, de onde você surgiu?

— Calma, mocinha, só quero ajudar. Não sabia que sexo demais também enlouquece?

Principalmente para encarnados necessitados por luxúria como a sua amiga.

— Ela não é minha amiga. Ela seria minha mãe e ele meu pai, mas os dois me rejeitaram mais uma vez, e agora eu aprendi a me vingar. Ela vai morrer e passará para o lado de cá, e aqui eu a farei sofrer. Ela me pagará por toda a dor que me fez passar.

— Ok, não tem problema, posso até ajudá-la, mas eu preciso me alimentar. Faz tempo que não faço sexo, então eu preciso da energia dela. Vai dar uma volta enquanto eu me divirto um pouco. Quero sugar todo o prazer que eles puderem me dar. Nossas energias estão na mesma sintonia.

— Pode ficar e divirta-se. O que eles vão fazer agora não me interessa.

— Isso, gostosa, se esfrega nele. Oferece esse rabo para ele. Humm, isso, chupa o pau dele.

Assim. Oh, delícia, vai mais fundo. Assim, ele vai gozar, humm... Isso, agora se deite, empine o rabão. Coisa mais linda. Você é linda, gostosa, e ele adora esse

seu rabinho...

— Quer comer meu rabinho, Othon? Eu sou gostosa, confessa. Confessa que sou linda e você adora minha bunda. Lembra que você prometeu me comer assim?

Deito-me de bruços e abro minhas pernas.

— Adoro. Suzanne, eu amo quando você vira uma prostituta.

Ele se joga sobre meu corpo e eu sinto quando seu membro penetra meu buraco traseiro. Eu poderia jurar que ouço uma voz em meu ouvido me dizendo exatamente o que fazer, e isso me dá mais vontade de me entregar à devassidão do sexo.



Hanna

Capítulo 32

Após o trágico rompimento do noivado do Lucca com a Suzanne, parece que tudo dentro da casa melhorou, até a energia que ladeava a mansão. Por diversas vezes eu via sombras se espreitando nos cantos mais sombrios e até gargalhadas sinistras eu consegui escutar. E quando isso acontecia meu corpo inteiro se arrepiava, sentia até ânsia e uma dor enorme em meu estômago. Desde que comecei a ver, ouvir e sentir a presença de espíritos, nunca tinha me sentido tão mal assim.

E quando eu sentia a presença sinistra das sombras, ficava em silêncio e fazia uma prece, me apegava a Deus e aos espíritos de luzes, pedindo que afastasse qualquer maldade das estruturas deste lar. E ontem, antes de a Suzanne ir embora

– o Lucca não voltou atrás e ela teve que retornar ao seu apartamento –, eu a vi no jardim conversando sozinha, batia desesperadamente na orelha, como se quisesse afastar alguma coisa que a incomodava. Temerosa do que ela poderia fazer a si mesma, me aproximei com precaução e observei. Foi então que eu pude ver que ao lado dela havia uma moça de cabelos castanhos, suas vestes estavam em farrapos, a pele grossa de sujeira, ficava ao lado da Suzanne murmurando em seu ouvido.

Suzanne repetia sempre a mesma frase. “Não vou fazer, não vou. Saia, saia de perto de mim”.

Chego à conclusão de que Suzanne já está em um estágio bem avançado de obsessão, pois ela já pode sentir a indução do seu obsessor. As obsessões em que o obsidiado não escuta a voz, só sente, é como se as emoções e sentimentos fossem dele mesmo. Ele pensa, ele fala, ele faz, porque sente vontade. O obsidiado não tem noção do que está acontecendo ao seu redor, e quando o espírito obsessor já domina completamente o encarnado, este consegue escutar a voz e alguns até conseguem ver os espíritos. É o que os médicos chamam de alucinações.

Quando vi a presença espiritual assediando a Suzanne, fechei meus olhos e comecei uma prece, só senti o espírito raivoso próximo a mim, dizendo que nem eu poderia ajudar a Suzanne, ela já era dela. Imediatamente, orei com mais fervor e pedi para que algum amigo espiritual ajudasse aquela irmã tão angustiada. Depois da prece abri meus olhos e estava tudo em paz outra vez. Suzanne só me olhava e depois sorriu. Ela estava tão diferente da mulher que conheci no hospital. Olheiras profundas, pálida, e muito mais magra. A saúde física e mental dela está piorando a cada dia, e se alguém não tomar uma providência, ela irá acabar muito doente, ou internada em um hospital psiquiátrico, talvez coisa pior.

E a Suzanne não é louca. Disso eu tenho certeza.

— Amor, ajude-me aqui.

Lucca me traz para a realidade. Olho para ele, que está tão diferente. Duas semanas já se passaram e ele está quase andando, recuperou a autoconfiança, o sorriso torto está a cada segundo estampado em seu rosto e já cogita a ideia de voltar a trabalhar, nem que seja em home office.

— Onde pensa que vai vestido assim? — brinco.

Ele ainda não consegue ficar completamente de pé, precisa se escorar em algo. Como onde está

não tem onde se encostar, precisa da minha ajuda.

— Onde eu vou, não, onde nós vamos. — Ajudo-o com o nó na gravata enquanto ele tenta me beijar.

O encaro e sorrio, tentando desviar meus lábios dos dele. Esta é uma brincadeira frequente, pois se eu deixar viveremos de beiços colados um no outro. E o fato de estar quase recuperado o deixou muito mais tarado. Parecemos coelhos, não sei onde ele encontra tanto fogo. Se eu permitir, fazemos amor umas dez vezes no dia.

— Lucca! — repreendo-o, encostando meus dedos em seus lábios, pois ele ainda está tentando me beijar.

Ele sabe, não preciso avisá-lo, hoje é sábado e tenho compromisso.

— Shh! Não estrague minha surpresa. Quero levá-la para jantar, só você e eu. Não sei por que, mas essa vontade está em minha cabeça desde o dia em que acordei do coma e a vi a minha frente.

É, ele está se fingindo de morto, ou se esqueceu do meu compromisso. Prefiro acreditar que esqueceu. Não quero magoá-lo, e vê-lo assim tão empolgado, sorrindo com seu jeito torto, deixa-me em êxtase. Ele parece um menino travesso pronto para fazer bagunça no meu coração.

— Hei... namorada... — ele sussurra enquanto estamos de pé frente a frente. Seu cabelo ainda molhado pelo banho, seu cheiro másculo e marcante do perfume sedutor que eu tanto amo, e aqueles lábios carnudos tão próximos da minha orelha. Meu Deus! Este homem é um perigo para minha sanidade. — Podemos sair dessa mansão e sermos pela primeira vez nós mesmos, já pensou? — diz, com seu jeito sedutor e tão feliz que eu já me sinto culpada. — Conheço um restaurante maravilhoso onde podemos ficar à vontade, ouvir uma bela música, comer uma deliciosa comida, conversar, e depois podemos ir para um hotel, ou podemos ir para um hotel e fazer tudo isso e as outras coisas.

Tarado. Meu namorado é um tarado. Ele nunca faz algo sem antes pensar primeiro em fazer amor.

— Lucca, hoje eu não posso. Se esqueceu que aos sábados eu tenho compromisso? — Sinto-me uma idiota quando Lucca faz uma carinha de desânimo. Joguei um balde de água fria em sua noite romântica. — Amor, me desculpe!

— Você não pode desmarcar esse seu compromisso? Marque para amanhã.

Ele ainda não sabe o que faço às quartas-feiras e aos sábados, não tive coragem de lhe contar.

Não sei qual será a reação dele quando souber que falo, vejo e sinto os mortos.

Mas, eu sei.

Ele vai me mandar embora da vida dele.

— Amor, eu não posso desmarcar, é um compromisso firmado há muito tempo, entenda, mas podemos ir jantar amanhã, o que acha?

Ele desfaz o nó da gravata, pega uma das muletas e se afasta em silêncio. Eu sei que ele ficou chateado, eu ficaria se fizesse planos para ficarmos juntinhos sem nos preocuparmos com os olhares dos outros. Mas, estou sem saída.

— Lucca, eu sei que é difícil de entender, mas não posso simplesmente ignorar esse

compromisso, é importante.

— Mais importante do que nós dois? — Os olhos dele se ampliam para dar ênfase. — Seja lá o que for fazer, não sei com quem, será que é muito mais importante do que ficar comigo? — Reviro os olhos, impaciente, não acreditando que ele está questionando o meu amor. — E não revire os olhos, estou mesmo com ciúmes, me mordendo, e a culpa é sua por não me contar nada sobre sua vida fora desta casa. Então, pode me responder?

Toma, Honna! Isso é o que dá manter segredo de algo que, cedo ou tarde, você terá que jogar na cara dele, e provavelmente ele a deixará. Com certeza você,

mais uma vez, será chamada de maluca.

— Sério? Você está mesmo fazendo-me esta pergunta? — pergunto, um pouco magoada, querendo saber se devo ou não abrir o leque do meu grande segredo, e com uma dúvida cruel: será que ele acreditará?

— Estou. — Lucca me encara e eu não gosto de seu olhar questionador. — Será que não tenho direito de saber o que minha mulher faz quando sai desta casa? — Acho tão lindo quando ele se refere a mim como “minha mulher”. — Porque eu a vejo saindo todas as quartas-feiras e todos os sábados, e sequer sei quem é a pessoa que vem buscá-la e trazê-la, e eu fico aqui me comendo de ciúmes, remoendo meus medos de perdê-la para um outro homem.

Só escuto o barulho da muleta quando ela cai no chão, para nossa sorte o piso é acarpetado.

— Lucca, não fique assim, não precisa ficar nervoso. — Ele ainda tem crise de ansiedade, e quando fica muito agitado, sua pressão arterial baixa muito, fazendo com que tenha tonturas. —

Amor...

— Fique aí. — Freio meus passos quando ele leva as mãos à frente do corpo, pedindo-me para não me aproximar. — Porra, Honna, eu a amo e você sabe disso! No entanto, acho que você não confia em mim o suficiente para me contar sobre você. — Ele me encara novamente com seu olhar magoado. — Acha que se eu quisesse descobrir tudo sobre você, eu não saberia? Sim, saberia, mas quando pedi para o papai contratá-la, eu o proibi de investigar sua vida, eu queria que você mesma me contasse, e até hoje estou esperando por isso. Não quero perguntar, tampouco investigar, quero que confie em mim a tal ponto, que possa me dizer seus segredos mais macabros, porque eu já lhe contei tudo sobre mim, inclusive que a amo mais do que tudo na vida.

— Lucca, não é o que...

— Chega! Não precisa se desculpar. — Lucca balança a cabeça. — Vá para seu compromisso, podemos ir jantar qualquer outro dia, um dia em que você não tenha compromissos, afinal, não é importante sair comigo.

É, eu o magoei.

— Ok, você tem razão, mas eu quero salientar que não falei sobre minha vida com você por questão de confiança, mas por medo...

— Medo? De mim? Ah, Honna, se sua intenção foi melhorar a situação, sinto dizer que só piorou. Acho melhor acabarmos com este assunto antes que ele piore ainda mais.

— Hei, quer se acalmar?! Tudo bem, eu já disse, você tem razão, então já que não tenho coragem de contar sobre o que faço todas as quartas-feiras e sábados, por que não vem ver com os

próprios olhos? — digo, tentando sorrir.

Eu sei que ele não irá aceitar, magoei o coração dele, pois ele pensa realmente que não confio nele.

— Fala sério?

— Uhum! — Ele franze a testa, desconfiado. Acho que não acredita que o levarei de verdade.

Mas eu farei isso sim, já está na hora de ele conhecer a “Honna esquisita”.

— Aceito com uma condição. — Eu aceitarei qualquer condição, desde que ele me aceite do jeito que sou.

— Qual?

— Depois iremos jantar e passaremos a noite fora.

Ele endoidou.

— Lucca, ir jantar fora tudo bem, mas passar a noite não dá. O que diremos ao seu pai?

— Foda-se as explicações! Sou adulto e você também, eles que pensem o que quiserem. Acho que já está na hora de assumirmos nosso amor. Não somos criminosos, nem estamos fazendo nada de errado, então chegou a hora da verdade. Topa?

Acho que perdi totalmente o juízo.

— Topo se você me prometer que não me julgará e nem me chamará de maluca quando descobrir a verdade sobre mim.

— Deixe de besteiras, Honna. Eu a amo, será que não é o suficiente? Esta roupa está boa?

Preciso vestir algo menos formal? — Finalmente ele sorri torto, e isso significa que está tudo bem.

— Você está perfeito, só deixe para usar a gravata quando formos jantar. Dobre as mangas da camisa e pronto. — Enquanto ele termina de se arrumar, eu pego meu celular e ligo para Emília. —

Oi, sou eu, não precisa vir me buscar, o motorista do Lucca irá nos levar.

— *Como assim "nos" levar? Ele irá com você?* — ela pergunta, abismada.

— Vai. Chegou a hora da verdade. Nos vemos lá, beijos.

— Sua carona? — Ele pergunta enquanto termina de dobrar a manga da camisa.

— Era. Não se importa de irmos com o motorista? Ou podemos ir de Uber, decida-se. Leva cerca de meia hora para chegar ao nosso destino. Enquanto você chama o motorista, ou o Uber, vou me vestir.

— Quer ajuda?

— Não, engraçadinho. Isso não vai acontecer mesmo, eu o conheço.

Entro no quarto e tranco a porta, caso ele resolva vir atrás de mim. Lucca é terrível quando se trata de me despir.

Bem, seguimos uma boa parte do caminho em silêncio, até que chegamos na via que leva ao centro espírita.

— Eu conheço esta rua, já estive aqui. — *Eu sei, e você não terá só essa surpresa*, penso. —

Lembro-me perfeitamente, eu estive aqui antes do meu atentado. — Lucca vira o

rosto para encontrar o meu. — Honna, para onde estamos indo?

— Você logo saberá. Não se preocupe, estamos perto. — Inclino-me um pouco para frente. —

Everaldo, encoste ali onde está aquele carro preto. Depois você procura um lugar para estacionar.

Lucca preferiu trazer o Everaldo. Já que ele é o segurança da família, e pelo que vi, agora anda armado.

O carro para em frente à casa de oração. Lucca me olha boquiaberto, ele sequer sabe o que virá depois.

Desço do carro e o Everaldo ajuda o Lucca com as muletas. Ele queria usar a bengala, mas achei melhor não, já que ele ainda não tem equilíbrio para andar com ela.

— Honna, o que significa isso? — A mão dele me detém, tocando meu braço.

— Você não queria saber para onde eu venho? Pois então, venho para cá.

— Você vem para este lugar? Fazer o quê? Sabia que já estive aqui?

— Sim, eu escutei quando contou para aquele detetive, e eu venho trabalhar.

— Você trabalha aqui fazendo o quê? Pelo amor de Deus, Honna! Que porra está acontecendo?

Ele encalha no lugar e fica me olhando como se estivesse prestes a dar meia volta e ir embora.

Eu sabia que ele não entenderia.

— Boa noite! — Viro-me e respiro aliviada. Emília está bem atrás de nós. — Você deve ser o Lucca. Prazer, sou a Emília, melhor amiga da Honna e sua motorista oficial para ir buscá-la e levá-

la, mas eu acho que acabo de perder meu posto.

Emília estende a mão e eu fico apreensiva com a reação do Lucca. E se ele der

uma de homem das cavernas, virar as costas e ir embora?

— Muito prazer, Emília. — Ufa! Quase verbalizo o alívio, ele me olha enquanto aperta a mão da Emília. — A Honna não me contou que tem uma melhor amiga.

— Pois é, vai ver ela não me considera melhor amiga. Vai saber, não é “amiga”. — Emília não está me ajudando.

— Ok, ok, agora você sabe que eu tenho uma melhor amiga.

— E um melhor amigo. — Carlos surge entre mim e a Emília. — Então, este é o famoso Lucca, o rapaz que está fazendo o coraçãozinho da minha menina palpitar cheio de emoção. — *Menos, Carlos, menos, pelo amor de Deus*. — Sou o Carlos, prazer em conhecê-lo, finalmente.

— O prazer é todo meu. É bom saber que a Honna é tão querida.

Ele está se comportando muito bem até agora, só espero que continue assim.

— Bem, vamos entrar? Hoje a casa está cheia, o palestrante é muito bom, ele vai nos falar sobre obsessão.

Assim que Carlos se cala, Lucca me olha e dá de ombros, como se perguntasse do que ele está falando.

Lucca não tem tempo de perguntar mais nada, pois Carlos o segura pelo cotovelo e o ajuda a entrar no grande salão. O levamos para um local bem ventilado e na primeira fila, assim ele poderá me ver, pois não ficarei nas cadeiras destinadas ao público.

— Amor, fique aqui quietinho e não se preocupe, depois responderei a todas as suas perguntas, mas, por agora, eu preciso trabalhar, a palestra já vai começar. — Murmurei, inclinando-me e para falar no ouvido dele.

Ele ainda tenta segurar meu braço, mas eu o olho com todo o amor que existe em meu coração, e sua mão solta meu braço assim que nossos olhares se cruzam, então ele diz um “eu amo você” só movendo os lábios, e apenas sorri.

O palestrante se levanta, Carlos pega o microfone e assim que ele toma sua posição, a musiquinha calmante é desligada, as luzes se apagam e apenas as três

luzes azuis ficam acesas.

Carlos começa a oração de abertura e todos ficam em silêncio.

Ao término da oração, o palestrante assume seu lugar e começa a palestra.



Lucca

Capítulo 33

— Possessão ou obsessão espiritual?

O homem alto, magro e sorridente, faz a pergunta.

— "4M uitas vezes fala-se em possessão espiritual, situação em que alguém é possuído por um espírito mau e tem atitudes das mais diferentes. Mas, será mesmo assim?

É muito comum ouvir dizer-se que alguém foi possuído espiritualmente. Geralmente descreve-se a possessão espiritual como a entrada de um espírito no corpo de uma pessoa, obrigando-o a fazer coisas que ele não deseja. De tal modo tais episódios existem, que deram origem a um ritual católico: o exorcismo, cujo objetivo seria expulsar o demónio do corpo dessa pessoa.

Entretanto, com a chegada do Espiritismo, nas suas componentes científica, filosófica e moral, o assunto ganhou novos dados, e acabou por ser desmistificado.

Se consultarmos «O Livro dos Espíritos» bem como «O Livro dos Médiuns», ambos de Allan Kardec podemos encontrar novos conceitos acerca do assunto.

Com o Espiritismo, através da observação, repetição dos fatos e comprovação dos fenómenos, concluiu-se experimentalmente que é possível se comunicar com aqueles que já estão no mundo espiritual, isto é, cujos corpos físicos já morreram. Assim, descobriu-se que nas sessões de exorcismo não era o diabo que se comunicava, mas sim, espíritos perturbados que mais não eram do que as almas de pessoas que viveram na Terra e que continuavam em estado de perturbação.

Nesse sentido, numa sessão espírita não se expulsa o "diabo", mas doutrinam-se aquelas pessoas que por desconhecimento da vida espiritual andam em perturbação nesse mesmo plano.

Os Espíritos interferem positiva ou negativamente na nossa vida, conforme as afinidades que têm conosco

A obsessão espiritual caracteriza-se pela ação de seres espirituais inferiores (em evolução moral) sobre o psiquismo humano.

Allan Kardec distinguiu nas suas pesquisas, três tipos de obsessão: a obsessão simples, a fascinação e a subjugação.

Na obsessão simples, a interferência espiritual atinge a mente causando algumas perturbações.

Na fascinação, essa interferência é mais profunda, afetando a consciência da pessoa, desencadeando processos alucinatórios.

Na subjugação a interferência amplia-se aos centros da afetividade e da vontade, afetando os sentimentos e o sistema psicomotor, levando o obsidiado (a pessoa que sofre o assédio espiritual) a atitudes e gestos estranhos.

Nesse sentido é errado falar-se em termos de possessão espiritual, já que os espíritos não

entram no corpo da pessoa, antes o envolvem procurando intuir ideias que eles querem que a pessoa ponha em prática.

Assim, todos nós, sofremos a influência positiva ou negativa dos espíritos, conforme as nossas afinidades mentais.

A pessoa correta, que respeita o ser humano, que é digna, entra em sintonia (vibratória) mental com espíritos, isto é, pessoas já falecidas, que também são equilibradas e pensam de igual modo.

Quem sofre de perturbação espiritual deve estudar o assunto e pedir auxílio numa associação espírita idónea

Aquela pessoa cujo objetivo é apenas satisfazer o seu próprio egoísmo, a sua vaidade, o seu orgulho, a sua maldade, essa entra em afinidade mental com seres de igual natureza, seja neste mundo seja no mundo dos espíritos.

Nesse sentido, cada um de nós é senhor do seu destino, colhendo os frutos do seu agir no quotidiano.

Quando a problemática da obsessão espiritual aparece, é fundamental que a pessoa peça auxílio numa associação espírita idónea (onde não se cobre nem se aceite dinheiro pelas suas atividades) para que nas sessões espíritas se possa esclarecer não só o espírito necessitado que está a interferir com a pessoa no corpo de carne, como também que essa mesma pessoa seja esclarecida do processo que está a viver e comece a mudar a sua maneira de agir no sentido de alterar essa situação indesejada: a interferência espiritual."

O homem a minha frente fala uma língua que pouco conheço. Não nego que já ouvi falar sobre o assunto. Não sei se foi em algum programa de TV, ou foi alguma conversa inútil entre alguns fornecedores quando nos reuníamos em algum jantar de negócio. No entanto, nunca levei a sério o assunto. Não sou uma pessoa religiosa. Posso não ser descrente, mas não sou praticante, contudo, nunca tive curiosidade em saber coisas do tipo. O que fui em outra vida, ou se existe vida após a morte.

O fato é que, nunca me interessei por fantasias sobre fantasmas ou assombrações. Sei que existe uma doutrina chamada Espiritismo, mas sempre achei o assunto fantasioso, surreal. Coisa de filme ou romance de ficção, terror, suspense. Quando eu ia imaginar que um dia estaria dentro de uma casa espírita, sentado diante de um homem que se dizia palestrante e o ouvindo falar sobre obsessão?

Fiquei louco!

— Bem, meus irmãos, é isso. Se quiserem fazer perguntas, é só levantar a mão

que terei prazer em responder.

Ele sorri, um sorriso amigo, não sei explicar, mas ele tem um semblante fraternal, parece que carrega a paz em seu corpo.

Desvio minha atenção para onde a Honna está, mas não a encontro. Nem ela, nem a Emília.

Ajeito-me na cadeira e tento olhar através do meu ombro, mas só vejo rostos desconhecidos. Volto a minha posição e presto a atenção nas intermináveis perguntas do público e nas respostas do homem simpático.

Por incrível que pareça, eu me lembro do livro que a Honna estava lendo para mim, e a temática do livro é espiritual. Será que ela escolheu aquele livro propositalmente? Já na intenção de me preparar para a bomba que estava por vir?

Namorada esperta.

Contudo, apesar do choque da descoberta, o impacto da verdade passa e todo o leque de conhecimento sendo aberto diante dos meus olhos, me agrada, eu quero saber mais. Sei que os espíritas são pessoas muito sensatas, meticulosas e muito amáveis. E já que estou namorando com uma, por que não aprender um pouco mais? Só preciso entender por que a Honna me escondeu sua crença religiosa. Será que ela estava com vergonha?

— Bem, meus irmãos, vamos dar início à nossa prece de encerramento. Nossos passistas já estão em posição para a aplicação dos passes, peço que permaneçam sentados e se concentrem em suas orações.

Carlos está finalizando a palestra. Quando olho para o meu lado direito, a Emília está perto de mim e ainda busco a Honna, a encontrando do outro lado do grande salão. Ela está de olhos fechados, só seus lábios se movem. Se a conheço bem, ela está ditando uma prece.

As luzes se apagam e o Carlos inicia a prece. Fecho meus olhos e me concentro no que posso pedir.

“Senhor, só peço uma coisa para ti. Eu imploro que nada me separe da Honna, que eu possa fazê-la feliz, que eu possa dedicar cada segundo de minha vida à

felicidade dela. É só isso que eu tenho a pedir. Obrigado.”

Abro os olhos antes do final da prece do Carlos e vejo Emília com as mãos sobre minha cabeça, e assim como a Honna, ela também só move os lábios.

Volto a fechar meus olhos e espero. As luzes se acendem e o burburinho de vozes enche meus ouvidos, as pessoas se levantam, algumas seguem em direção a uma mesa onde há diversas garrafas de água, outras seguem para a saída.

— Lucca, a Honna já está vindo. — Emília se senta ao meu lado. — E aí, o que achou? Gostou da palestra?

— Foi interessante e fiquei surpreso, não sabia que a Honna era espírita. Ela nunca me deu sinal de que acreditava em vida após a morte.

— Você há de concordar comigo que não se pode sair por aí dizendo que conversa com os mortos. — Como assim? Não foi isso que eu quis dizer. — Opa! Pela sua cara eu acho que falei demais. Quer saber? Esqueça o que acabei de falar, vou deixar para Honna explicar isso a você, e falando nela, está vindo aí.

Sigo o olhar da Emília e vejo Honna e Carlos vindo em nossa direção.

— Hoje nossa casa estava cheia, gente dos quatro cantos da cidade, graças a Deus! — Carlos se aproxima e vejo seu olhar brilhante para Emília. Ele olha para ela do mesmo jeito que eu olho para Honna. — E então, meu amigo, o que achou da palestra? Foi bastante intuitiva, não foi? Nos faz imaginar como os nossos amigos espirituais atuam em nossa mente. Dependendo da nossa sintonia, se estamos de bem com o Universo, se estamos em paz e mesmo que estejamos passando por algum tipo

de dificuldade, não podemos deixar que o desespero nos tome, sendo assim, só chamaremos para nós energias boas, isso coibirá o mal de se aproximar.

— Sim, eu também entendi exatamente isso. — Respondo. — Mamãe sempre dizia que somos imãs e puxamos para nós aquilo que pensamos.

— Mulher sábia, sua mãe, preciso conhecê-la. — Carlos diz com um sorriso aberto nos lábios.

— Mamãe não está mais entre nós. Mas ela iria gostar de você, tenho certeza disso. —

Respondo.

— Sinto muito, meu amigo, mas tenho certeza de que ela está orgulhosa do filho que escolheu, e de alguma forma acho que vez ou outra ela vem dar uma espiadinha no filho amado. As mães nunca nos abandonam, tenha certeza disso.

Quando ele diz isso, algo me faz lembrar que de alguma forma eu estive com a mamãe há pouco tempo, é como se eu a sentisse ainda, como se o abraço e o cheiro dela ainda estivessem concentrados em mim.

— Então, por que não vamos todos jantar em um bom restaurante e comemorar nosso encontro?

— Carlos é uma pessoa bem espontânea, e se não fossem os planos que eu tenho com a Honna, ia adorar sair com eles.

— Deixe de ser oferecido, Carlos. Não está vendo que os dois têm outros planos. Vamos embora que você me deve um jantar e uma bela taça de vinho.

— Emília, não responda por nós...

Ah, namorada, você não vai escapar de mim hoje, temos muito que conversar.

— Fica para a próxima vez, pois sinto que nos veremos bastante a partir de hoje.
— Digo e estou sendo sincero. Sinto que acaba de nascer uma grande amizade.
— Mas a Emília tem razão. Já fizemos nossos planos, não é amor?!

Caralho! A Honna me olha de um jeito que posso sentir as flechas saírem dos seus olhos, acertando-me em cheio.

— Honna, não precisa repreendê-lo. Nós já sabemos que entre vocês existe muito amor envolvido, então se acalme e vá curtir a noite com o homem que ama.

Agora é a vez de Emília receber o olhar fuzilante dela.

— Bem, deixe-nos ir, antes que a Honna me mate. — Emília se inclina e beija

meu rosto, depois beija o rosto da amiga. — Divirta-se, amiga, vocês merecem. — Ela olha para o Carlos e chama: —

Vamos, homem, siga-me que eu mostro o caminho do restaurante.

— Foi um prazer, Lucca. Espero vê-lo em breve. — Apertamos as mãos e ele segue atrás da Emília.

Honna fica em silêncio, com as mãos unidas na frente do corpo. Não me encara, continua olhando em direção à porta de saída.

— Vamos jantar, moça? Acho que a nossa noite será longa. — Assim que termino a frase, ela me encara com seu olhar defensivo. — Não me olhe assim. De hoje a conversa que você estava

querendo ter comigo, não passa, então vamos direto para um hotel, conheço um ótimo.

— Lucca, podemos ter esta conversa em casa. — Ela me ajuda a levantar.

— Não, nossa conversa será em um campo neutro e depois não quero só conversar, quero fazer amor.

— Lucca!

Sou repreendido por um olhar estreitado.

— Você é espírita, não eu. Vamos logo, estou com fome.

— Você é impossível, Lucca Stein! Meu Deus!

— Pare de reclamar. Eu sei que você gosta de gostar do meu jeito tarado de ser.

Ela olha para mim sorrindo. Everaldo encosta o carro próximo à calçada e logo depois vem me ajudar a entrar.

— Everaldo, nos leve para o Zank. — Honna vira o rosto em minha direção como se quisesse fazer uma pergunta não muito apropriada para o momento. — Não se preocupe, não costumava levar mulheres para hotéis caros. Motéis, sim, mas hotéis, nunca. O Zank eu conheço os donos e costumo indicá-lo para alguns

fornecedores estrangeiros. Ele e o Hotel Fasano, mas este fica no centro, então é muito longe e eu tenho pressa.

Antes de chegarmos, pego meu celular e ligo para o gerente. Reservo uma suíte, assim nem precisamos passar pela recepção, subiremos direto para o quarto.

Chegamos e a Honna parece nervosa. Não sei se o nervosismo é pelo fato de passarmos a noite fora, ou se pelo fato de que ela tem muito para me explicar.

— Everaldo, você pode ir. Quando quisermos ir embora, eu o chamarei.

Hoje será o primeiro dia de nossas vidas sem segredos.



Capítulo 34

Entramos no quarto. Honna ainda não disse uma palavra, ela só ladeia o olhar por toda suíte, seus olhos admirados apreciam a beleza luxuosa em cada detalhe. Acho que ela nunca esteve em um quarto de hotel tão requintado quanto esse.

Olhando-a com atenção, ela tem um ar aristocrático, como se fosse da realeza, uma postura altiva, andar cauteloso, ombros sempre erguidos, ela poderia simplesmente se sentar à mesa da rainha sem fazer feio.

Deixo minhas muletas ao lado da cama e sento-me sem desviar os olhos de minha enfermeira linda.

Honna anda por todo quarto, tocando nos objetos, até chegar às imensas cortinas que estão fechadas. Ela afasta uma das bandas e olha para o lado de fora por

alguns segundos. Eu me livro dos sapatos e encosto as costas nos diversos travesseiros e almofadas que estão espalhadas pela cama.

— Gosta da vista? Amanhã você a verá com outros olhos, de dia é muito mais bonita. — Ela se vira, soltando o tecido pesado da cortina. Está nervosa, digo isso porque a conheço bem, sei ler sua expressão corporal. Quando ela junta as mãos à frente do corpo e começa a torcer os dedos, é sinal de nervosismo. — Venha aqui, meu amor, sente-se ao meu lado.

Deus! Ela é a personificação da ternura. Até andando faz meu coração disparar de felicidade.

— Quer jantar agora, ou prefere tomar um banho? — Ela despe os pés das suas sapatilhas e senta-se ao meu lado, ficamos lado a lado. Parecemos dois estranhos na mesma cama. — Você sabe que precisamos conversar antes de qualquer outra coisa que tenhamos vindo fazer aqui, não sabe?

— Uhum!

Só articula isso.

— Como é essa relação entre espírito e humano? — Viro-me de lado e meus dedos tocam uma mecha de seu cabelo, enrolando-o em meu dedo indicador. Ela vira o rosto, eu sei que ela entendeu a pergunta.

— Eu não sei direito, Lucca, era muito complicado quando eu era criança, não entendia direito o que os espíritos queriam comigo, por isso...

— Como assim? — eu a interrompo. O que ela quer dizer com “não entendia o que os espíritos queriam com ela”? Que espíritos? — Honna, o que quer dizer com isso?

Ela pisca, acho que estamos seguindo nossa conversa para lado opostos, ou ela não entendeu minha pergunta.

— Você me perguntou como funciona a comunicação espiritual, não foi isso?

Mas que merda é essa? Não perguntei isso...

— Não, eu perguntei como um espírito obsidia uma pessoa? — Seus olhos se

fixam nos meus,

sua testa se enruga, acho que fiz a pergunta errada, ou ela tem algo a mais para me contar. — Honna, não é só isso, não é? Você não faz só aquelas coisas com as mãos, seu universo místico é muito maior do que aquilo. Então, não é só uma palestra sobre um fato no qual a ciência não tem nenhuma explicação, é isso?

O silêncio domina o quarto por alguns minutos. Só ficamos presos por nossos olhares, respirando lentamente, até que sua mão toca meu rosto.

— Lucca, você nunca ficou curioso em saber quem foi a pessoa que ligou para a delegacia e contou sobre seu paradeiro?

Por que ela está tentando mudar o assunto? Será que não quer falar sobre isso?

— Você não quer conversar sobre o que faz no centro espírita?

— Não é isso. A minha pergunta vai ajudá-lo a entender as dúvidas que virão a seguir.

— Sim, eu quis saber, mas o delegado não conseguiu descobrir quem foi, só sabe que foi uma mulher.

Ela faz aquela carinha misteriosa, está tentando me contar algo.

— Você se lembra qual o dia da semana em que foi resgatado da caverna?

— Meu pai me disse que foi em uma quarta-feira a noite.

— Você quer saber o que faço nas quartas-feiras à noite na casa de oração?

Este ar de mistério já está me deixando nervoso. Fiz uma pergunta tão simples e ela vem com tantas outras complicadas.

— Honna, sem arrodeio. Se quer me falar algo que com certeza vai me deixar mais confuso do que já estou, manda logo essa merda na minha cara.

Solta meu rosto e se senta na cama, cruzando as pernas uma dentro da outra.

— Ok — ela diz e limpa a garganta. — Eu sou médium, ou seja, sou uma pessoa capaz de se comunicar com os espíritos. — Paro de respirar por alguns minutos.

— Lucca?

Ela segura em meu braço, sacudindo meu corpo levemente. Pisco os olhos. Será que estou sonhando?

— Honna, eu sei o que é um médium, mas...

Ela se levanta rapidamente, saindo da cama, e começa a calçar as sapatilhas.

— Eu sabia, sabia... você também vai me chamar de maluca, e antes que me mande embora, vou poupar-lhe do trabalho.

Como assim? Ela está indo embora mesmo?

Faça alguma coisa, Lucca!

— Honna, volte aqui! — esbravejo. Ela já está com a mão na maçaneta da porta. — Mas que inferno! Por que está fugindo? — Desço minhas pernas fora do colchão e fico encostado nela, olhando sério para o rosto da moça que está quase chorando. — Quer que eu vá até aí buscá-la, ou prefere vir com as próprias pernas?

Joga os braços ao lado do corpo, solta o ar bruscamente e caminha até a cama.

— Lucca, eu aceito que qualquer um me chame de louca, endemoniada, esquizofrênica ou qualquer coisa parecida, menos você. Se for para me chamar dessas coisas, deixe-me ir embora.

— Hei, quer se acalmar?! — Puxo-a para meu peito, ela já começa a chorar, e vê-la assim deixa-me no chão. — Seja o que for que tenha para me contar, quero escutar, prometo não a interromper e não julgar, certo? — Ela agita a cabeça em afirmativa. — Sente-se na cama e vamos terminar nossa conversa.

Ainda nervosa e com lágrimas nos olhos, volta à cama. Meus dedos limpam as lágrimas teimosas que escorrem por sua face, pego uma de suas mãos e levo-a até meus lábios, beijando-a.

— Eu vejo, escuto e sinto gente morta, desde criança. Nessa fase, eu pensava que eram meus amigos imaginários, meus pais também, mas com o tempo eles foram me acompanhando, pediam coisas as quais eu não entendia, e essas

conversas eram, muitas das vezes, em lugares onde tinha movimento, principalmente na escola. As crianças e os adolescentes não perdoam, eles são as pessoas mais cruéis da face da terra, então, começaram os apelidos e isso me machucava. Cheguei a pensar, mesmo, que eu era doida.

Deus, os soluços vêm. Não estou gostando do que estou vendo, ela está sofrendo muito com essas lembranças. Puxo-a para o meu colo e ela deixa a cabeça em meu peito. Aliso seus cabelos e já estou para pedir que ela deixe essa conversa para depois, quando ela recomeça.

— Vozinha foi meu bálsamo. Quando ela me viu chorando e perguntou o que estava acontecendo e eu contei, ela me disse que não era para eu ligar, pois eu tinha um dom maravilhoso, o dom de ver, sentir e escutar o mundo invisível, o mundo onde só algumas pessoas podiam alcançar. Mas achava mesmo que estava ficando maluca, até o dia que minha vozinha morreu e ela passou a vir me visitar sempre que me sentia perdida, ou triste.

Não sei o que fazer, nem se posso acreditar no que ela está dizendo, talvez ela realmente tenha algum tipo de esquizofrenia, e se for o caso eu a levarei para os melhores médicos, não permitirei que o amor da minha vida continue acreditando nessa baboseira.

— Lucca, você está me escutando? — Ela se afasta do meu peito, está me encarando.

— Estou, meu amor, continue.

Se ela precisava me contar sua história, eu escutaria.

— Você não tem noção do que eu passei. — *Eu faço ideia, meu amor*. — Ficou pior quando me tornei adolescente, até tentava me desligar dos espíritos, mas eles sempre estavam por perto e isso fez com que meus pais começassem meu martírio, levando-me para todos os tipos de tratamentos espirituais, do exorcismo até trabalhos em terreiros de umbanda. Frequentei vários centros espíritas e os espíritos continuavam me procurando, com isso eu me tornei a garota esquisita, maluca, possuída pelo demônio, e eu fui levada a me afastar dos vivos. Quando meus pais não tiveram mais opções, fui levada para os médicos de verdade.

Ufa! Até que enfim! Eu pensei que não chegaria nessa parte. Meu Deus, que pais

são esses, por que eles não fizeram isso logo?

— O tratamento psiquiátrico até que funcionou por um tempo, pois os remédios que passei a

usar me deixavam dopada e isso fazia com que minha mente ficasse bloqueada, mas passei a ficar dependente dos remédios por um bom tempo, e a cada dia me afastava mais e mais do mundo dos vivos, até que completei dezoito anos e resolvi dar um basta, parei de tomar as bolinhas do diabo, é assim que eu chamo os antidepressivos, e fui à procura de explicação. Resolvi buscar eu mesma as respostas, e encontrei no hospital psiquiátrico, foi onde conheci a Emília. Com o desenvolvimento do meu tratamento e minha melhora, ela me convidou para conhecer o Centro Espírita nos Braços de Jesus e quase recusei, pois já havia frequentado outros, mas resolvi dar uma chance, já que ela é médica, e fomos, então eu passei a estudar e junto com os estudos fiz vários tratamentos, até que fui convidada a fazer parte dos trabalhos mediúnicos da casa, onde lá recebemos espíritos que buscam ajuda e respostas.

As lágrimas voltam e brilham em seus olhos quando estes encontram os meus. As safiras tão claras me encaram com um nervosismo medroso, ela teme que eu a chame de doida, ou coisa pior, mas o que é pior do que doida? Sinceramente, não sei. Não sei nem o que pensar e como reagir a sua revelação.

— Você me acha louca, não é? — Baixa os cílios e não resisto, não posso deixá-la sofrer.

— Não, meu amor, não a acho uma louca, só que preciso de tempo para entender tudo isso. Você precisa entender que nunca conheci alguém que fala com os mortos, só via isso nos filmes e livros, mas não acho que seja louca e mesmo que seja, eu não a amo menos por isso.

Eu sei, falei besteira, talvez até tenha piorado as coisas.

Mas que merda!

— Lucca, não sou doida, estou falando a verdade, eu me comunico mesmo com espíritos desencarnados. De todos, o único que não pode duvidar disso é você, pois fui eu quem o salvou...

Entendi direito? Ela disse que foi ela quem me salvou? Como assim?

Seguro-a pelos ombros, ela limpa as lágrimas com o dorso das mãos enquanto me encara.

— O que você quer dizer com isso, Honna? — exijo. Nesse momento passam várias imagens em minha cabeça, várias versões sobre o que ela acabara de confessar. — O que está escondendo de mim? Foi você quem fez a ligação para o delegado? Foi você, Honna?

— Uhum! — Eu a solto. Levanto-me, pego minhas muletas e sigo para a janela. — Lucca! —

Escuto sua voz me chamando, mas não quero olhar para ela, pois neste momento minha mente está em redemoinhos, pensamentos não muito agradáveis me tomam. — Fui eu, sim. No dia em que você entrou em contato comigo, uma quarta-feira, pergunte ao seu pai, é o dia em que há reunião mediúnica. Você gritava por socorro e eu escutei, e por alguns minutos conversamos. Eu pedi para que me desse detalhes do lugar, e como eu conheço a região, sabia mais ou menos onde era sua localização.

Não, Honna, você sabia da minha localização porque você está envolvida com quem mandou me matar! Como fui tolo!

— Jura, Honna? Jura que você quer mesmo que eu acredite nessa baboseira?

— O quê? — Escuto sua voz de espanto bem atrás de minhas costas, e sua mão toca meu ombro, viro-me. — O que está pensando, Lucca?

— O que devo pensar, Honna? — inquiro em tom irônico. — Você surge em minha vida de repente, se torna essencial, eu me apaixono... Como não percebi isso antes?

— Lucca, do que está me acusando? — Ela tenta me deter quando desvio do seu corpo e sigo até a cama. Enquanto tento calçar meus sapatos, eu pego o telefone e ligo para a recepção do hotel.

— Encerrem minha conta e chamem um táxi. — Sem olhar para ela, sigo para a porta. — Vai ficar? Se quiser voltar para casa comigo, se apresse.

— Não, você não vai embora assim. — Ela corre em minha direção e segura a porta, fica de costas para ela e de frente para mim. — O que está acontecendo

aqui? Por que você está me tratando com tanta indiferença? O que eu disse para que me trate tão friamente?

— Mentiu e continua mentindo. Se tem uma coisa que não perdoo, é mentira.

Eu a empurro e saio pelo corredor carregando meu corpo aleijado, desiludido, destroçado, com vontade de dar um *reset* nos últimos meses da minha vida.

— Lucca, por favor, não faça isso...

— Quer lavar a roupa suja aqui mesmo? Porque eu não me importo de desmascará-la na frente de todos.

Ela se cala assim que um casal de hóspedes se junta a nós. Descemos o elevador em silêncio, entrego meu cartão ao recepcionista e Honna fica atrás de mim, uma das recepcionistas não para de olhar para ela, certamente está vendo as lágrimas escorrendo por sua face.

Não sei por que ela continua aqui, pois eu, no seu lugar, já estaria na mansão arrumando minhas coisas e desaparecia, porque eu mesmo a entregarei à polícia.

Passo à sua frente e sigo para o carro que já está me aguardando. Nem a espero entrar, penso até que ela não virá comigo, no entanto, assim que me sento ela entra.

Ficamos em silêncio por todo o caminho, só escutando seus soluços abafados. Algo em mim pede para consolá-la, para acreditar nas loucuras de suas palavras, algo me diz que estou sendo injusto, que ela é inocente, que me ama de verdade, no entanto, não consigo acreditar, tudo o que ela me disse é surreal demais.

Tudo bem, eu sei que os espíritas acreditam mesmo nessa coisa de reencarnação, obsessão, vidas passadas, e que existe comunicação entre vivos e mortos, já li sobre isso, só nunca me aprofundei no assunto porque não acredito em nada disso, mas querer me fazer acreditar que ela conversou comigo enquanto estava inconsciente na caverna e que fui eu quem indicou o lugar para que ela me ajudasse a ser encontrado?

É demais!

Se foi ela quem fez a ligação, é porque ela sabia exatamente onde me encontrar,

talvez tenha se arrependido, ou ficou com medo de a polícia bater em sua porta por ser cúmplice. Não sou um idiota, posso não saber muito sobre esse negócio de espiritismo, mas eu sei que os espíritos só se comunicam com os vivos quando o corpo já está morto e eu não tinha morrido, ainda estava vivo quando me encontraram.

Chegamos e, ao contrário da nossa saída do hotel, ela quem desce primeiro e sai correndo de

dentro do carro. Não me importo, eu só quero nesse momento é cair, bater a cabeça e ficar com amnésia, porque eu a amo tanto que chega dói.

Entro no quarto, e para meu desespero ela se joga em meus braços, chorando desesperadamente.

Tento afastá-la, mas seus dedos se entrelaçam em minha nunca.

— Lucca, eu o amo, não estou mentindo, fui eu quem o ajudou a ser encontrado.

— Eu acredito que foi você, Honna. — Digo em tom frio, quase desumano. Disso eu não duvido.

— Só não queira me convencer de que foi meu espírito quem a procurou em uma sessão espírita e pediu ajuda, pois eu ainda estava vivo, então pare de querer me enganar, sua máscara caiu. Você só tem duas saídas: ou me entrega o nome do seu comparsa, ou vai entregar à polícia.

— Lucca, você... — Ela engole as palavras e me encara com mágoa no olhar.

— Quando você ia me dar o golpe final? Quando ia acabar com o serviço que os seus amigos não conseguiram? Quando, Honna? Responda-me! Ou prefere responder à polícia?

Ela fica pálida. Acho que agora a ficha caiu. Será que ela pensou mesmo que eu ia acreditar nessa história de médium?

— Não, não, você entendeu tudo errado, tudo errado, Lucca. Eu não... meu Deus! Você acha mesmo isso de mim? Eu o amo, Lucca, amo com toda a força do meu coração.

— Conta outra piada, porque essa perdeu a graça, Honna. Você achava mesmo que não ia juntar as coisas? Que eu não chegaria a esta conclusão? Quer sair ilesa dessa história? Juro que não a entrego à polícia, pois apesar de tudo eu a amo. A amo, entendeu? — Seguro-a pelos cotovelos e sacudo seu corpo.

— Lucca, não faça isso, não duvide de mim, nem do meu amor, por favor...

— Amor, o caralho! Honna, você se aproximou de mim a mando daqueles que me querem morto, você é cúmplice deles, não é? Mas estou disposto a não a entregar à polícia se você me disser quem foi.

— Eu não estou envolvida no seu atentado, Lucca. — Ela grita, levando a mão ao peito, por alguns segundos penso que vai desmaiar, pois seu rosto volta a ficar pálido. — Tudo o que aconteceu entre nós dois foi coincidência. Quando fui transferida para a UTI, não sabia quem era você, pois não o reconheci, para mim você era um paciente igual aos outros, só descobri quem era você quando seu pai me contou onde o encontraram e que isso só aconteceu graças a uma ligação anônima. Não tenho nada a ver com seu atentado, não sei quem são os responsáveis pelo crime, e se está duvidando, mande investigar minha vida, chame a polícia e me entregue. Eu o amo.

— Coloque-se em meu lugar, Honna. Se fosse eu, você acreditaria em mim? — Seguro-a pelo cotovelo e aproximo seu rosto do meu, estamos tão próximos que a vontade de a beijar é maior do que minha decepção.

Como eu a amo...

Por que ela tinha que mentir para mim, por que não me contou a verdade? Se ela está com medo de alguma coisa, eu a protegeria...

— Não. — Ela responde e eu a solto antes que a beije e esqueça o que ela fez.

— Arrume suas coisas e vá embora. Não quero vê-la nunca mais, tentarei juntar o resto do meu coração e seguir em frente.

— Lucca, eu o amo, não faça isso, não estou mentindo, não estou envolvida. Acredite em mim, investigue minha vida, mas, por favor, não me deixe.

— Caralho! Honna! Será que não vê o quanto está sendo difícil para mim, porra?! Eu a amo, caralho! Sabe como estou me sentindo? Traído! Acha que não

quero acreditar em você? Claro que quero, não quero perdê-la, mas não posso simplesmente fechar meus olhos para tudo isso. Como você quer que fiquemos juntos depois de tudo isso, mesmo eu querendo ficar? Nosso relacionamento não será o mesmo, Honna. Não até eu descobrir toda a verdade.

— Mas eu sou inocente, Lucca. — Ela vem até mim, agarra-se em meu corpo e o beijo é inevitável. Um beijo dolorido, apaixonado, cruel. — Lucca, eu o amo tanto, não me deixe. — Ela suplica entre lágrimas, soluços e meu beijo cruel.

— Eu também a amo, porra, mas não posso ficar com você, não sem saber a verdade.

— Mas que porra está acontecendo aqui? — Othon invade meu quarto e nos flagra aos beijos e gritos. — Desculpe-me, eu pensei que...

— Saia, saia daqui, Othon. — Grito, apontando a porta com o dedo.

Ele sai apressadamente, mas antes de fechar a porta olha para Honna, que chora copiosamente.

Othon desaparece por trás da porta e volto meus olhos para ela. Deus, ela parece que vai se quebrar em mil pedaços, e eu não quero isso, quero acordar desse pesadelo, acordar ao seu lado, sentindo seu cheiro gostoso, fazendo amor com ela...

— Caralho! — xingo alto. — Honna, por quê? Por que você não me contou?

Estamos tão próximos que meus lábios estão quase tocando os dela.

— Porque eu fiquei com medo, com medo que me achasse uma louca. Todos que souberam quem eu sou, me expulsaram de suas vidas. Não queria que acontecesse o mesmo com você.

Por que ela insiste em continuar mentindo? Se ela pelo menos confessasse a verdade, se ela me dissesse que está arrependida... Se ela disser agora que desistiu de tudo porque está me amando, eu juro que esqueço essa merda toda, até mandarei parar as investigações. Esqueço tudo, tudo por ela.

— Pare, pare, Honna! Pare de foder com minha cabeça, caralho! Não basta ter fodido com meu coração? — Afasto-me dela e me aproximo da parede, encosto

a testa lá e começo bater no concreto com meu punho fechado.

— Lucca, não faça isso, por favor, não se machuque. — Ela vem até mim, segura meu braço, passa para o lado da parede e ficamos mais uma vez frente a frente, minha testa encontra a dela. —

Não quero confundi-lo, só quero que acredite em mim.

Ela volta a chorar, seu corpo escorrega lentamente na parede e ainda tento segurá-la, mas ainda estou sem muita mobilidade.

Ela se senta no chão, escondendo o rosto entre as mãos.

— Honna, não faz isso, eu quero acreditar, mas você me deixa confuso. — Seguro as muletas e

me equilibro nelas até conseguir me sentar no chão, ficando de frente para Honna e tentando afastar suas mãos do rosto. — Honna, olhe para mim.

Os olhos lindos que eu tanto amo me encaram, vermelhos pelas lágrimas, e tristes por esta situação.

Ela inspira.

— Bem que a Emília e o Carlos me avisaram no dia em que você se comunicou.

— Eles também estão evolvidos?

Não, não pode ser.

Oh, Deus, faça com que isso seja só um maldito mal-entendido.

— Não, Lucca! Será que você não está me escutando? Eu não fazia ideia de quem era você. No entanto, quando o escutei e o vi, eu tive a impressão de já conhecê-lo, e quando nossa comunicação foi cortada, entrei em desespero, meu coração doía tanto, fiquei sem ar, passei mal, era como se eu fosse perdê-lo, então resolvi ligar para a polícia. A Emília e o Carlos tentaram me impedir, eles disseram que assim que a polícia o encontrasse eles me acusariam de cúmplice, porque a polícia nunca iria acreditar que o seu espírito tinha entrado em contato comigo pedindo ajuda, mesmo assim corri o risco, mesmo sabendo que a polícia

poderia rastrear minha ligação se eles quisessem. Eu liguei e supliquei para que eles fossem rápidos, mandei que eles fossem com uma ambulância e o que fosse preciso para encontrá-lo o mais rápido possível, pois você tinha pouco tempo...

— É isso que não entendo, Honna. — A interrompo. — Você me disse que conversa com pessoas que já morreram, mas eu não morri, há uma contradição na sua história.

Ela finalmente sorri e me preocupo com a mão que está em seu peito, onde aperta como se estivesse sentindo dor, mesmo puto da vida. A mesma mão vem para meu rosto.

— Lucca, deixa eu explicar direito. A sua comunicação foi diferente. É algo comum, mas confesso que nunca conversei com um espírito de um encarnado, é como no sonho, ou quando se está em coma. Quando sonhamos o espírito sai do corpo, mas continua ligado pelo períspirito, que é como se fosse a cola que gruda o espírito com o corpo. Então foi o que aconteceu com você enquanto estava inconsciente na caverna. Você pediu ajuda e seu grito de socorro foi escutado por mim e eu fiz de tudo para ajudá-lo.

— Honna, não chore. — Eu sou um idiota! *Meu Deus, como fui duvidar dela?*
— Honna, olhe para mim. — Ela leva a mão outra vez ao peito, franzindo a testa. — Venha, vamos nos levantar do chão. Deixemos esta conversa para depois, chega de emoções por hoje.

— Não. — Ela segura minha mão que está apoiada na muleta. — Eu quero terminar. Ou você acredita em mim, ou eu irei embora hoje mesmo, e se você quiser chamar a polícia, fique à vontade.

— Honna...

— Por favor, deixe-me continuar. — Assinto, mas seguro sua mão que está em seu peito. Ela continua: — Quando eu liguei para a polícia e não vi nenhuma notícia sobre um homem encontrado em uma caverna, eu quis ir até a delegacia, só não fui porque a Emília não deixou. Eu precisava saber se você estava bem, durante meses fiquei vendo e lendo jornais, espiando na internet, mas nada

de notícia. — Ela diz e ligo isso ao fato de papai não ter deixado que a imprensa soubesse. — Entrei em desespero, todos os dias eu orava por você, pedia aos espíritos de luzes para protegê-lo, mas caso você não tivesse sobrevivido, que

permitissem que você viesse até mim nas reuniões mediúnicas só para acalmar meu coração.

Ela respira fundo, aperta os olhos. Algo não está bem, e o meu coração começa a acelerar.

— Honna, eu acredito em você, juro que acredito. Sou um idiota, um estúpido. Por favor, vamos parar. Que tal um banho de banheira, hein?! Venha, amor, você precisa descansar.

— Não, eu quero concluir. — Ela está pálida e sua mão está suada e gelada. — Eu já trabalhava no hospital na ala da UTI pediátrica quando me transferiram para UTI de adulto e fui designada a cuidar de você, mesmo não o reconhecendo, tinha a impressão de já tê-lo visto e muitas das vezes tinha a impressão de que você conversava comigo. — Depois de tudo isso que escutei, não duvido de ter conversado com ela. — Só descobri quem era você, quando entrei em seu quarto e vi seu pai sacudindo seu corpo, ele estava chorando suplicando para que você acordasse, então, dei um passe em você e nele, foi aí que descobri o que tinha acontecido com você, imagine meu susto e minha felicidade, daí por diante chegamos aqui, eu me apaixonei por você e você por mim, por favor, Lucca acredite em mim, eu também não quero perdê-lo...

Ela volta a chorar copiosamente e aperta o peito esquerdo, puxa o ar com força.

— Honna, eu acredito em você. Estamos bem, meu amor, só peço que perdoe seu namorado inseguro. — Deus! Honna se deita no chão e eu entro em desespero, seguro seu corpo e o puxo para meu peito. — Meu amor, o que está sentindo? — Seu corpo frio e suado fica colado ao meu. —

Honna, perdoe-me. Não faça isso comigo, meu amor, eu acredito em você.

Ela não responde, sua respiração acelera.

— Amor... — sussurra em meu ouvido. — Lucca, chame uma ambulância. Não... — Ela puxa o ar com força. — Não estou me sentindo bem. Rápido.

Então ela desmaia.

— Ruth, Othon, papai! — grito e ao mesmo tempo eu pego o celular, tentando entrar em contato com a emergência. — Por favor, me ajudem. Minha mulher...

ela desmaiou. — O atendente pede que eu me acalme, mas como posso ficar calmo? Honna está desmaiada em meus braços, com o corpo frio e quase não respira. — Pelo amor de Deus, sejam rápidos! Ela não está respirando... Ruth...

Othon... Pai... — Continuo gritando e o atendente continua me pedindo calma. — Calma o caralho! A minha mulher está em meus braços quase sem respirar, como posso ficar calmo, porra?

— Lucca... — Othon entra em meu quarto. — Cara, o que você fez com ela?

— Ajude-me aqui. Ela desmaiou, preciso me levantar. Ajude-me, Othon.

Ele me ajuda a levantar e depois segura Honna nos braços e a leva para minha cama.

— Meu amor, acorde. Acorde, Honna. Não faz isso comigo, acorde, meu amor! — grito, desesperado, beijando-a nos lábios frios.

— Que gritaria é essa? — Papai entra exatamente nesta hora. — Lucca! O que está acontecendo?

— O que você fez com ela? Lucca, eu vi vocês discutindo minutos antes. — Othon se aproveita da minha vulnerabilidade e me ataca, acusando-me. — Honna...

Ele ousa chamá-la e segura em sua mão, o que faz com que eu perca completamente o controle, certo de que pedi para ele me ajudar a colocá-la na cama, mas isso não lhe dá o direito de tocá-la outra vez.

— Afaste-se dela.

Eu o empurro e ele arma o punho.



Lucca

Capítulo 35

Não me importo com nada, nem com os olhares curiosos das três pessoas que estão me encarando. Ruth acabara de entrar, veio logo depois do papai. Não me interessa os olhares acusadores, perniciosos ou complacentes. Eu só quero que ela esteja bem, eu só quero que não seja nada grave.

— Acalmem-se. Segure sua arrogância, Lucca. O Othon só está preocupado e eu também. O que aconteceu aqui? Já chamaram o médico?

— Ela desmaiou logo depois de sentir uma dor no peito. Já chamei uma ambulância, mas eles estão demorando demais.

— Honna, filha, acorde. — Nervoso, papai toca na testa de Honna. — Lucca, por Deus, ela está gelada. Mas que inferno! Onde está a ambulância?

Toco em sua testa e percebo que papai tem razão, ela está gelada, pálida e mal respira.

— Meu amor, acorde, perdoe-me. A culpa é minha, não deveria ter duvidado de você. Sou um idiota, confesso, o pior de todos. Hei, meu anjo, abra esses olhos lindos, nem que seja para me xingar, para me mandar à merda. Por favor, olhe para mim.

— Boa noite, senhor Felipo. Tem uma ambulância lá fora.

Everaldo vem nos avisar e papai o segue, minutos depois volta com três pessoas.

— Graças a Deus! Por que demoraram? — Afasto-me para dar lugar ao homem baixinho e corpulento que provavelmente é o médico.

— Menos de dez minutos, senhor — ele explica e começa a examinar Honna. — Qual o nome dela?

— Honna. — Respondo.

— Foi o senhor quem ligou para o nosso serviço?

— Sim.

— Bem, só o senhor fica, os outros queiram sair, por favor, e fechem a porta. — Othon, tenta resistir, ainda reclama, mas papai o leva, segurando-o pelo braço. — Ela sentiu falta de ar antes de desmaiar? — o médico pergunta.

— Um pouco, mas me disse que o peito estava doendo. O que ela tem? Por que ela não acorda?

— Oi, Honna, meu nome é Leo, sou médico... — Ele chama o enfermeiro e o homem abre uma valise, só vejo o médico preparando sua veia para administrar a medicação. — Ela é alérgica a algum medicamento?

Eu não sei. Só agora me dou conta de que pouco sei sobre a Honna.

— Eu não sei. — O médico volta a cabeça rapidamente para me encarar. Como se argumentasse

que tipo de homem não sabe nada sobre a namorada.

Eu! Eu sou este homem.

— Hei, mocinha, acorde. — Ele termina de injetar a medicação. — Tem alguém que possa tirar o acesso do braço dela amanhã?

— Eu faço isso. Ela pode me explicar quando acordar, a Honna é enfermeira.

— Ora, temos uma colega. — Leo diz e continua segurando o pulso dela, ao mesmo tempo que usa o estetoscópio para ouvir o coração. — Hei, reaja, querida.

— O que é? Ela vai ficar boa? O que ela tem? Por que o senhor está dizendo isso? — Entro em desespero.

— Acalme-se. — Ele olha para minhas muletas. — Qual é o seu nome? Nem tivemos tempo de nos apresentarmos.

Como ele podia ficar tão calmo?

— Lucca. Lucca Stein. Ela está bem?

— Sua esposa ficará bem, se acalme. Já, já converso com o senhor.

Esposa... Gostei disso.

— Não quero ficar calmo, quero saber o que ela tem e quero saber agora.

— Jair, a observe, por favor. — Ele se levanta, olha para o enfermeiro e lhe dá uma ordem. —

Onde podemos conversar, senhor Lucca?

Eu aponto para o quarto da Honna. Ele me ajuda a caminhar e, não quero, mas preciso, necessito, saber o mais rápido que puder sobre o estado de saúde dela.

Entramos no quarto.

— E então, o que ela tem? — inquiro assim que fecho a porta.

— Eu não sei. — O médico parece preocupado. — Quando chequei a pulsação, os batimentos cardíacos estavam muito altos e a pressão arterial baixa demais, mas assim que apliquei a medicação ela se estabilizou e vai dormir a noite toda. No caso de acordar agitada, é aconselhável levá-la a um hospital imediatamente, e se tudo correr bem até amanhecer, leve-a para se consultar com um cardiologista. Isso é urgente, o senhor entendeu?

— Entendi. O senhor não tem nem ideia do que possa ser?

— Ela é muito jovem e parece saudável. Falta de ar e dor no peito é preocupante. Ela está com algum problema ou sofreu algum choque emocional?

Claro que ela sofreu, e a culpa é sua, Lucca!

— Choque emocional poderia ser a causa do mal-estar?

— Poderia. Se ela sofrer de alguma síndrome, pode, sim, causar um processo grave, então eu acho melhor o senhor levá-la o quanto antes a um especialista, e até lá nada de discussão ou emoções fortes demais.

— Tem a minha palavra, doutor Leo.

Com o coração um pouco mais tranquilo, saímos do quarto e o Leo junta todo seu equipamento.

Despeço-me dele e dos outros dois enfermeiros.

Estou deitado na cama, Honna com a cabeça em meu peito, meus olhos fechados e meus dedos penteando os fios de seus cabelos, quando escuto a porta se abrir. Já sei quem é. Não digo nada, só o deixo se aproximar. Não quero conversar, não quero sequer respirar, só quero ficar com ela presa em meu abraço.

— É verdade o que vi e ouvi, e o que o Othon acaba de me contar? — Eu sei que o papai está de pé diante da cama, com os braços cruzados sobre o peito e me encarando com aquele olhar questionador.

— É, a Honna e eu estamos apaixonados, e sim, tivemos uma discussão idiota e eu fui o culpado, mas isso não acontecerá mais. Eu prefiro perder meus braços e minhas pernas do que discutir com ela outra vez.

— Ficou louco, Lucca? — Abro os olhos, encaro meu pai.

— Papai, o senhor quer mesmo ter esta conversa agora? — sussurro e dirijo meu olhar para a cabeça de Honna.

— Quero. — Ele baixa o tom da voz. — Estou esperando você em meu gabinete. Vou pedir para Ruth vir ficar com a Honna enquanto conversamos. Você tem... — Ele olha a minha tentativa frustrante de descer da minha cama alta. — Você tem três minutos para estar em meu gabinete.

Ele sai e eu espero a Ruth chegar. Um minuto depois ela entra. Viro-me para a cama e digo:

— Meu amor, fique calma. Só vou conversar com meu velho, volto já. —

Acaricio seu rosto. —

Você sabia que estou gostando muito de gostar de amar você? — Beijo seus lábios. — Ruth, se ela acordar me chame imediatamente — peço sem afastar meus olhos do rosto da Honna, beijo-a outra vez e sigo para o gabinete do papai.

Entro no cômodo e o encontro sentado em sua cadeira, que está virada de costas para mim. Ele aprecia o jardim iluminado pelas diversas luzes coloridas, a porta de vidro que dá acesso a ele está completamente aberta, o que traz o ar da noite para dentro do gabinete. Papai está introspectivo e por isso não me nota. Limpo a garganta e assim que me percebe ele vira a cadeira, mas se mantém calado, só me observando.

— Quando isso aconteceu? — Ele se levanta, dá a volta na mesa e se encosta nela, sério, me encara. — Então, a Suzanne estava certa, a Honna estava mesmo interessada em você, os ciúmes dela tinham...

— Besteira. — Digo e me sento na poltrona que fica em frente à mesa. — Eu me apaixonei por ela assim que abri meus olhos e encarei aqueles olhos lindos. A Honna não me seduziu, ela foi profissional e continua sendo.

— Então, quando o envolvimento afetivo começou? Porque pelo que eu vi e ouvi, parece que já está sendo há bastante tempo.

— Aconteceu assim que ela cruzou as portas do meu quarto. Não consegui esconder meu amor.

— E pelo jeito não conseguiu segurar o juízo também. Ficou louco de vez!

Desta vez ele grita e bate a mão espalmada no tampo da mesa.

— Papai, controle-se. — Chamo sua atenção.

— Controlar-me? O doido é você e eu que tenho que me controlar? Você sequer esperou o lugar da outra esfriar e já pôs outra no lugar, e não estamos falando de uma ex normal, estamos falando de uma pessoa que está completamente desiquilibrada, Lucca! Você sabia que a Ruth a pegou por diversas vezes conversando sozinha e batendo nela mesma? Gritando com alguém que não existia? E

você brincando de casinha com a enfermeira.

Ele se aproxima e inclina o corpo, me encarando com aquele olhar que por muitas vezes foi dirigido a mim, quando ainda era uma criança, para me chamar a atenção por alguma coisa errada que havia feito.

— Lucca, a Suzanne não está bem. E o que você acha que vai acontecer quando ela descobrir que você a deixou para ficar com a enfermeira? Diga-me?

Respiro fundo. Eu sei que a Suzanne não está bem, mas não sou médico e não posso simplesmente parar minha vida por causa dela.

Egoísta? Talvez eu seja.

Desumano? Talvez também esteja sendo.

No entanto, não posso enganá-la, não posso fingir que a amo e que estamos bem. Se ela precisa de cuidados, esses cuidados não serão meus, e ela os terá, mas cuidados médicos especializados.

— Ela que pense o que quiser. Suzanne e eu já não tínhamos mais nada desde quando eu acordei do coma. O amor, ou seja, lá o que for que senti por ela, acabara no momento em que acordei. —

Admito e ele me oferece aquele olhar de espanto, como se eu tivesse dito algo muito estúpido. — E

não me olhe assim, é a verdade, e se o senhor me perguntar novamente onde está o amor que eu sentia pela Suzanne, posso até jurar que o que eu sentia pela Suzanne não era amor, em comparação ao que estou sentindo pela Honna. Garanto que não era.

— Então é assim... — Ele ajusta rapidamente a postura, deixando as mãos ao lado dos quadris.

— Você simplesmente descarta a pessoa que o ama e a substitui por outra. Não foi assim que eu o criei. Nem eu nem sua mãe.

— Pai, não é questão de descarte. Eu não amo mais a Suzanne.

— Não ama... Que se dane, Lucca. Aquela moça passou o inferno por sua causa, ela perdeu um filho, um filho seu. Meu neto, entendeu? Eu não estou nem aí para o seu novo amor. Quer ficar com a Honna? Fique! Mas não agora, não esfregue na cara da Suzanne que a substituiu por outra mulher. Ela merece no mínimo um pouco de respeito de sua parte, ela está frágil, doente, e precisa de você, seja homem, não me decepcione.

— E eu, e o que sinto não conta? Não vou abrir mão da minha felicidade, papai. Eu também passei o inferno, quase fui morto, fiquei em coma por meses, perdi uma grande parte de minha história, não tenho culpa do que me aconteceu. A Suzanne sofreu? Sim, ela sofreu, mas eu também sofri, e se não a amo mais, não é minha culpa...

— Vocês iam se casar! Entenda isso, vocês se amavam. — Ele me corta. — E se nada disso

tivesse acontecido, a esta hora você e ela estariam casados, morando na bela cobertura que você comprou e decorou. O que mudou?

— Tudo, papai! Minha vida mudou completamente, inclusive meus sentimentos, e o senhor querendo ou não, já está decidido. A Honna é minha mulher, a Suzanne é meu passado. Se ela precisa de ajuda, ela terá, não a abandonarei, cuidarei dela, mas como um amigo, não mais como noivo. Só lhe peço que não trate mal a Honna, ela não merece.

— Lucca, não tenho nada contra seu envolvimento com a Honna, até gosto muito dela, sinto um grande carinho por aquela moça, mas a Suzanne é minha nora, ou era, e estou muito preocupado com o estado de saúde dela, por isso apelo para sua sensibilidade. Não esfregue seu novo romance na cara da Suzanne, ela merece um pouco de consideração. Lembre-se de que ela está assim porque perdeu um filho seu.

— Eu sei disso. Não se preocupe, a Suzanne terá todo meu respeito. É só isso?

— Sobre a Suzanne, sim, mas quero saber o que aconteceu com a Honna. Ela não está grávida, está?

Solto uma gargalhada.

— Não sou tão rápido assim, papai. — Ele também me oferece um meio sorriso.

— Ela não está grávida. O médico me disse que o mal-estar pode ter sido causado por alguma emoção forte. — Faço uma pausa, engolindo o bolo que se formou só em pensar no motivo da emoção. — Nós tivemos uma discussão acalorada, e se foi esse motivo, precisamos descobrir, então assim que ela acordar a levarei ao hospital e só saio de lá com todos os resultados e o tratamento adequado. Com coração não se brinca.

— Você ama mesmo essa moça, não é?

Claro que amo. O senhor ainda tem alguma dúvida? Eu daria minha vida por ela.

— Sim, mais do que possa imaginar. Nunca imaginei que em algum dia de minha vida amaria alguém assim tão intensamente. Ela se tornou meu mundo. Por ela faço qualquer coisa, qualquer coisa.

Não sei se algum dia eu amei de verdade a Suzanne, ainda fico com a ideia de que entre mim e ela foi sexual, porque ela é boa pra caralho na cama, acho que foi isso, o sexo me seduziu e confundi com amor, mas uma relação amorosa não se sustenta só com sexo. Um dia o desejo iria acabar, deixaria de ser novidade, e o que restaria? Nada.

— Fico feliz, filho, por ter descoberto o amor, só acho que foi tudo rápido demais e aconselho que ponha o pé no freio um pouco. Se realmente for amor, ele não fugirá, então vá com calma.

— Não pai, não irei com calma, não preciso esperar. Eu a amo, ela me ama, por que esperarmos, e esperar o quê? Honna é minha e eu sou dela, o resto que se foda.

— Lucca! — Ele arrasta meu nome, chamando-me a atenção. Sorri. — Às vezes eu acho que você ainda é aquele menino cheio de curiosidades e louco para começar a trabalhar nas indústrias.

Vem cá, filho.

Eu me levanto. Ainda um pouco desajeitado, mas me levanto sem ajuda. Ele me puxa para um

abraço apertado, sinto até as batidas do seu coração em meu peito.

— Filho, eu o amo tanto, você é meu motivo para ainda estar neste mundo, saiba disso. —

Recebo mais um aperto e suas palavras me deixam feliz e ao mesmo tempo preocupado. Ele ainda não superou a morte da mamãe.

— Velho, deixe de coisa. O senhor não se livrará de mim. Quando eu me casar com a Honna, vamos morar aqui.

Ele me afasta um pouco e observa meu rosto, sorrindo.

— E a cobertura em Alphaville? Você estava tão empolgado com ela.

— A cobertura foi ideia da Suzanne, não minha. Eu só queria agradá-la, ela não gostava da ideia de morar em uma casa que não é dela, mas eu tenho certeza de que a Honna não se importará em viver aqui com minhas lembranças, e eu sei que ela não vai querer morar em Alphaville, principalmente em um lugar que foi escolhido por outra mulher, então decidi que darei o apartamento para a Suzanne, ela faça o que quiser com ele.

— Este é o filho que eu criei, sem apego a bens materiais. Orgulho-me de você a cada dia.

— Eu também, papai.

— Então, vamos dormir? Você precisa descansar, e quando for levar a Honna ao médico, mantenha-me a par de tudo. Boa noite, filho.

Ele me acompanha até a porta do meu quarto. Assim que entro, acordo a Ruth que dorme toda torta no estofado. Ela me olha com um sorriso com e os olhos cheios de felicidade.

— Senhor Lucca, estou muito feliz pelo senhor. Agora eu tenho certeza de que será feliz, a Honna é a mulher certa para o senhor. Não me pergunte o porquê, não lhe direi, só quero que saiba que estou muito feliz. Boa noite, até mais.

— Boa noite, Ruth e obrigado. — Ruth já está saindo quando a chamo de volta. — Ruth, ela dormiu todo esse tempo que estive com o papai?

— Sim, mas não se preocupe, senhor Lucca, ela está bem. Vai dormir o resto da

noite e o senhor também.

Ela se vai. Gostei do que ela me disse e realmente agora estou me sentindo muito protegido.

Dispo-me e visto o short do pijama. Engulo meus remédios e deito-me ao lado da mulher que amo e que, por estupidez, quase perdi. Assim que ela me sente, embola as pernas nas minhas e enfia o rosto em meu peito, eu a abraço. Fecho os olhos e espero o sono me levar.



Capítulo 36

— Quanta empáfia você tem, acha mesmo que ficará com ela? Você nunca ficou e não será agora que ficará. O tempo pode até mudar, a modernidade pode até ajudá-lo, mas para nós, espíritos, o tempo não significa nada. Ela é do nosso mestre e continuará sendo.

— Honna!

— Lucca, amor, estou aqui.

— Meu Deus! Vem cá, amor, me abrace, não me solte, não agora...

— Amor, acalme-se, não irei a lugar algum.

Eu a aperto com força, não quero soltá-la.

— Lucca! — Eu me afasto só o suficiente para olhar seu rosto lindo e tão

delicado.

Meu anjo, meu lindo anjo protetor. Como pude pensar aquelas coisas, como pude pensar que ela seria capaz de me machucar? Como fui babaca!

— Você me perdoa? Fui um babaca ao quadrado, não tinha o direito de duvidar de você. Como pude ficar tão cego? Era como vozes sussurrando em meu ouvido, dizendo-me que você era culpada.

Perdoe-me, amor.

— Hei, estamos bem, eu o amo. Até já esqueci o que aconteceu ontem. No entanto... — Eu sabia, ela não me perdoou completamente, lá vem meu castigo. — Eu quero que me prometa uma coisa.

— Eu prometo. — Nem quero saber o que é, faço tudo que ela quiser.

— Aff, Lucca, você nem sabe o que é.

Eu a beijo rapidamente.

— Já disse, prometo. Manda a porrada que eu aguento.

— Bobo. Como posso amar alguém tão bobo? — Pode sim, porque se ainda não me amasse eu faria de tudo para isso acontecer. — Só quero que todas as vezes que você sentir uma vibração ruim o cercando, como se tivesse uma vozinha sussurrando em seu ouvido, tentando induzi-lo a fazer algo que não queira ou que ache ser errado, ore, peça com fervor para Deus, ou seu anjo da guarda, que afaste esses pensamentos de sua cabeça. Você promete?

Só isso? Eu prometeria até me pintar de palhaço e sair cantando nas ruas. Se ela acha que preciso orar, então eu oro quantas vezes por dia ela quiser.

— Prometo. — Ela sorri satisfeita e me abraça.

— Com o que você sonhou para acordar tão desesperado?

— Sonhei que tiravam você de mim, e foi tão real que pensei ser verdade.

— Vamos fazer uma prece, então?

— Agora?

Eu tinha outros planos para o agora, mas lembro-me que ela precisa ir ao médico. Então, por que não orar?

— Lucca, se bem não fizer, mal também não fará. Vamos, me dê sua mão. — Eu dou. — Feche os olhos. — Eu fecho. — Faça a sua oração e eu farei a nossa. — Deus, espíritos de luzes, protetores, amigos, anjos guardiões, Jesus misericordioso, guardai-nos do mal, da inveja, e afastai-nos dos espíritos obsessores...

Deus, não permita que nada nem ninguém a tire de mim, o resto eu dou conta. Amém.

— Amém!

— Amém! — Olho para ela e ainda está de olhos fechados. — Posso beijar você? — Aproximo meu rosto do dela. Ela abre os olhos lentamente e sorri. — Nossa! Posso morrer agora que morreria feliz. — Digo. — Ai...

Recebo um beliscão.

— Nunca mais diga isso, nem brincando. Não quero que morra, mesmo sabendo que o outro plano é melhor do que aqui. Não quero ir agora, nem quero que vá.

Ela leva a mão ao peito esquerdo e franze a testa.

Eu sou mesmo um idiota.

— Honna, meu amor, desculpe-me. Juro que não brinco mais desse jeito. Respire, olhe para mim. — Ela olha e se agarra ao meu corpo, estou começando a ficar desesperado. — Vamos tomar um banho rapidinho e a levarei para o hospital. Não quero nunca mais ver sua mão apertando seu peito desse jeito, nunca mais.

— Lucca, estou bem, foi só um mal-estar, já passou. O paciente aqui é você, sou eu quem tem que cuidar de você.

— Quieta. E fique aí, já volto com suas roupas.

Antes ligo para Ruth e peço nosso café.

Nosso banho foi rápido, mesmo eu cheio de tesão, de pau duro e louco para foder minha namorada.

Entre duros e não fodidos, sobrevivemos.

— Bom dia, Ruth! — Honna diz timidamente e eu sorrio contra minha vontade.

— Bom dia, minha linda, como se sente? Preparei um café da manhã bem reforçado para você.

Venha, sente-se aqui que servirei.

Eu a ajudo a se sentar. Honna ainda está debilitada, percebi isso no chuveiro, pois ela não conseguiu ficar de pé por muito tempo, o que foi foda, já que seu corpo nu, junto ao meu corpo nu, foi como juntar a fome com a vontade de comer, quase me fodo sozinho. Mas, fui forte e resisti.

Enquanto a Ruth a cercava de mimos, fui me trocar, só estava de calça comprida.

Já vestido adequadamente, me sento e engulo o café rapidamente.



— Lucca, você precisa se alimentar direito. — Mordo um pedaço de bolo e deixo o restante no prato. — Não, senhor, coma tudo.

Ela até tenta, mas não tenho tempo para isso, ela é mais importante do que meu bucho cheio.

— Depois eu como alguma coisa. Agora vamos, eu preciso saber o que tem esse coraçãozinho, além de mim, é claro.

— Lucca...

— Sem reclamação. Vamos.

Deixo Ruth recolhendo a louça e rindo de nós dois. Pego minhas benditas muletas e minha linda enfermeira, e seguimos para o carro, onde Everaldo já nos espera.

Já faz mais de três horas que estou no hospital, e quando entro na recepção, Emília me avista e estreita seu olhar. Ela deve estar querendo saber em detalhes o que aconteceu com a Honna. Assim que o médico me disse que a partir daquele momento eu não poderia ficar com a Honna, pois ela precisaria fazer alguns exames, entrei em desespero e a única pessoa que veio em minha mente foi a melhor amiga dela. Dou um sorriso nervoso e ela me lança um sorriso amistoso.

— Então, o que houve com a Honna? — Ela aponta o sofá e me ajuda a sentar, em seguida se senta ao meu lado. — O que aconteceu, Lucca? A Honna estava tão bem ontem...

— Aconteceu que eu, Emília... fui um babaca como sempre. — Deixo minhas mãos entrelaçadas, caídas entre as pernas, e baixo a cabeça, olhando na direção dos meus pés. — Soube que foi ela a mulher quem fez a ligação anônima e ajudou a polícia a me encontrar.

— E você pensou que ela estava envolvida no seu atentado. — diz ela, e surpreso eu a encaro.

— Não me olhe assim. É tão obvio. E digo mais. Se o Carlos e eu não tivéssemos impedido a Honna de ir até a delegacia naquele dia, a esta hora ela estaria presa, ou por ser cúmplice ou por ser mandate. — Emília segura uma de minhas mãos. Eu continuo de cabeça baixa, sentindo-me o pior dos homens. — Não fique assim, Lucca, não tiramos sua razão por pensar assim. Quem em sã consciência iria acreditar que a Honna entrou em comunicação com seu espírito e você que contou em detalhes onde estava? Talvez um espírita e olhe lá, mas uma pessoa que não conhece o mundo espiritual não acreditaria mesmo.

Ainda bem que alguém não me acha tão miserável, porque eu me sinto um merda.

— Eu não podia duvidar do amor dela. Fui duro, frio, estava tão decepcionado que não me importava com nada, eu só queria ficar longe dela, até percebi que

ela não estava bem, mas mesmo assim continuei sendo cruel.

Quando me lembro de tudo que eu disse, da frieza de minhas palavras, odeio-me. Se pudesse, voltaria ao tempo e pularia essa parte.

— Ela sentiu dor no peito, não foi?

Como ela sabe?

— Sim, o coração acelerou e a pressão arterial baixou muito, eu pensei que ela ia morrer.

— Ela sentiu a mesma coisa quando voltou do transe quando atendeu seu pedido de socorro, foi muito difícil trazê-la de volta, e quando voltou, só dizia que precisava ficar com você, que não podia perdê-lo. Acho que a espiritualidade cortou a ligação entre vocês por isso, e logo depois que ela ligou para a polícia ficou muito mal, chegou a desmaiar, ainda bem que sou médica. Só que não parou por aí, a Honna não melhorou, pois não conseguia saber se você tinha sido resgatado, queria ir à delegacia para saber notícias suas, mas imagine se ela fosse, seria presa! Foram dias terríveis!

Graças a Deus e às nossas orações que ela foi se acalmando e aceitando o fato de que a polícia não atendeu o seu chamado e você certamente havia desencarnado. Ela chorou muito, se sentiu culpada, mas finalmente aceitou, então meses depois ela entrou em um quarto de UTI e descobriu que o paciente que estava cuidando era o homem que ela ajudou a salvar.

Eu não fazia ideia de que a Honna havia passado por tudo isso, ela não me contou. Como isso é possível? Nós nem nos conhecíamos, que loucura, meu Deus!

— Emília, eu não sabia de nada disso. Se eu soubesse não a teria acusado daquele jeito.

— Lucca, tudo tem um por que, não foi à toa tudo isso acontecer. Será que você não percebe?

Vocês são espíritos afins, nasceram para ficar juntos.

Espíritos Afins? Que diabo é isso?

— Você quer dizer alma gêmea? — Essa frase eu conheço. Muitas vezes, quando era adolescente e queria conquistar uma garota, eu dizia isso para ela.

— Almas gêmeas não existem, mas muitas pessoas usam este termo, só que a frase certa é espírito afins, e não tenho dúvida, vocês dois são um para o outro, por isso os caminhos de vocês se cruzaram. No mundo espiritual não existe coincidência, meu amigo.

Se realmente nascemos para ser um do outro, então encontrei as respostas que tanto procurava.

Nosso amor não veio do acaso, ele já existia, e foi por isso que assim que a vi eu a amei e ela me amou, como também a impressão de que já a conheço.

— Sabe, eu sempre trouxe na lembrança de já conhecer a Honna, é uma sensação muito forte.

Deve ser isso, somos predestinados, nosso amor não é de hoje, não é isso?

— Tenho certeza disso, Lucca.

— Você como espírita não tem como perguntar aos espíritos?

Emília solta um riso alto, e logo em seguida leva a mão à boca.

— Lucca, eu tenho muitos anos como espírita, mas eu nunca vi, ouvi, senti um espírito. O

máximo que acontece comigo é um arrepio na nuca, ou no corpo, sou uma doutrinadora e muito boa em aconselhar nossos irmãos, mas faço isso através dos médiuns. E não é assim que funciona, mesmo para um médium. Não basta estalar o dedo, ou chamar um irmão espiritual que ele aparece. As pessoas acham que é só entrar em uma casa espírita que verá uma porção de médiuns caídos no chão se debatendo, recebendo os espíritos. Primeiro que espírito nenhum entra no corpo de um médium, a comunicação vem através do próprio espírito, eles sopram suas mensagens nos ouvidos, ou através das mãos, ou eles mesmo surgem para o médium e dizem o que querem dizer.

— Nossa! Será que algum dia eu poderia a assistir um trabalho desses? — Fico curioso. Eu gostaria mesmo de ver a Honna atendendo, como ela mesma diz,

nossos amigos espirituais.

— Se for autorizado por nossos mentores, certamente você assistirá.

— Senhor Lucca? — Nesse instante o médico que atendeu a Honna vem até nós.

— Sim. — Falo e Emília me ajuda a levantar. — Como está minha mulher? — Eu vejo a cara de admiração que a Emília faz, fico com vontade de rir, mas contenho meu riso e presto atenção no médico que tenta me ajudar com as muletas.

— Ela está bem. Ainda sente um pouco de mal-estar, mas é normal. Ela logo ficará bem, só precisa descansar e evitar aborrecimentos.

— Qual o quadro clínico dela, doutor Humberto? — Emília assume a conversa e eu só observo.

— Conversei com a Honna e ela me disse que já havia sentido os mesmos sintomas quando o senhor Lucca sofreu o acidente, e ontem ela me disse que tiveram uma discussão muito séria e ela pensou que ia perdê-lo. — Eu sei que sou culpado, fui um idiota. — Então, depois de fazer uma varredura em todo seu sistema circulatório, respiratório, e outros exames, não encontramos nada.

Chegamos à conclusão de que ela entrou em pânico e foi tão forte que disparou o coração e consequentemente sua pressão arterial baixou demais. É grave? Não é. É sério? É, pois pode se agravar caso isso se torne frequente, por isso é bom ter cuidado e caso volte acontecer, sugiro procurar um psiquiatra.

— Obrigada, Humberto. Podemos levá-la para casa? — Estendo a mão para o médico, sorrindo e aliviado.

— Sim, ela inclusive já trocou de roupa. Acho melhor vocês se apressarem. A propósito, não estranhe se ela ficar sonolenta. Honna tomou uma medicação logo depois que eu saí do quarto, é só uma precaução para a forçar a descansar. Quanto à medicação contínua, sugiro a mesma que o médico do atendimento móvel receitou, só precisa tomá-lo durante uns três dias. — Humberto toca a mão em meu ombro. — Sua mulher está bem, desfaça essas rugas da testa. Ela só precisa de carinho e atenção.

E ela terá, não tenha dúvidas quanto a isso.

Humberto se vai, Emília e eu vamos buscar a Honna.

— Oi... — Assim que ela me vê, sai apressadamente da cama em minha direção, abraçando meu corpo.

— Onde você estava? Por que demorou tanto? Quero ir embora. — Ela começa a me beijar desesperadamente. — Saudade de você, muita saudade.

E haja beijos.

— Hei, moça, vá com calma, você ainda precisa de cuidados, nada de exageros. — Eu a beijo carinhosamente. — Olha quem eu trouxe... — Abro a porta lentamente e a Emília surge.

— Emília? Não acredito que o Lucca fez isso. — Recebo um olhar de repreensão. — Poxa, eu estou bem, não precisava se preocupar.

— Amigos servem para quê? Como você está? Sente alguma dor?

Médico é sempre médico. Ela começa a avaliar Honna.

— Emília, seu colega acabou de sair daqui se acalme. Estou bem, só quero ir para casa e cuidar do meu paciente. Ele não deveria ficar perambulando por aí.

— A paciente agora é você e eu sou seu enfermeiro. Está pronta para voltar para casa?

Beijo sua bochecha, depois os lábios. Ela fica rubra, pois é a primeira vez que a beijo na frente de alguém. Bem, eu a beijei na frente do papai, mas ela não sabe disso.

— Honna, a Emília já sabe sobre nós, não precisa ficar envergonhada.

Emília pega uma cadeira de rodas. Honna não quer se sentar, ao contrário, ela quer que eu me sente, mas nem fodendo, cadeira de rodas nunca mais. Com muita insistência ela se senta e vamos para o estacionamento, onde o Everaldo está. Nos despedimos de Emília, pois ela tem alguns pacientes para atender.

Honna adormece em meu ombro e Humberto tinha razão, a medicação já faz efeito. Everaldo para o carro na frente da mansão e quando a vejo adormecida

fico com raiva de mim mesmo, pois não poderei levá-la para o quarto em meus braços. Já estou com o nome do Everaldo na ponta da língua, pois ia pedir para que ele me ajudasse, quando a porta do carro é aberta e o Othon surge. Bate uma aflição quando ele a pega.

— Deixe, primo, eu a levo.

Quase grito com ele, mas fico com medo de assustá-la e ela já teve sua cota de emoções fortes, então me calo, e mesmo com o coração batendo forte contra meu peito, permito que Othon a leve nos braços.

Ele olha para ela de uma maneira que me dá arrepios, é como se ele dissesse "você é minha e não dele".

— Não, Othon, deixe-a em minha cama. — Ele já estava seguindo para o quarto dela, e mesmo com minha ordem ainda dá um passo na direção dele. — Othon, ela ficará em minha cama, não é mais segredo que a Honna e eu estamos juntos.

Eu o vejo entortar a boca, mas faz o que eu pedi.

Ele a coloca com cuidado na cama, mas não se afasta, continua a observando.

— Sabe, é estranho, mas às vezes eu tenho a impressão de que já a conheço. Há algo nela tão familiar, tão sereno, tão bom...

Ah, ele está querendo me provocar. A sorte dele é que não posso socá-lo.

— Obrigado, Othon, agora deixe-nos a sós. Eu também preciso descansar.

— Você certamente vai precisar tomar um banho, não é? Então eu fico com ela, não se preocupe.

Não provoque um homem ciumento, Othon.

— Não precisa, senhor Othon, eu fico. — Já ia gritar com ele, quando a Ruth entra no quarto e salva a pele dele. — Pode ir, eu fico com a senhorita Honna até o senhor Lucca terminar de tomar banho. Se trocar e comer o lanche que eu trouxe para ele.

Othon me olha dos pés à cabeça, gira pelos calcanhares e sai.

— Obrigado, Ruth. Eu já ia jogá-lo porta afora. Só não sei como, mas ia.

Ela sorri, balança a cabeça e volta à mesa onde começa a arrumar o lanche que trouxe na bandeja. Eu vou para o banho, pois depois do lanche cairei na cama junto com minha mulher. O

cansaço de todo esforço das últimas horas já está vindo em todo meu corpo.



Othan

Capítulo 37

Fecho a porta do quarto do Lucca, encosto minha orelha na madeira e escuto quando ele fala para Ruth que faltava pouco para me chutar de lá.

Ele que tentasse.

Não me conformo com o que vi.

Quando entrei em seu quarto ontem à noite e a vi chorando, quase parti para cima dele.

Porra, ele a fez chorar! Ele a magoou e por causa disso ela está doente. Maldito! Se pudesse, a tiraria de perto dele, ele não a merece.

Meus pensamentos em relação a Honna estão me deixando louco. Por que eu tenho a impressão de que a conheço? Desde que a vi pela primeira vez no hospital, quando o Lucca estava internado, que tenho esta sensação de já conhecê-la, mas de onde?

Namorada ela não foi!

Uma mulher do gabarito da Honna em minha cama, eu jamais esqueceria.

Ela é linda, meiga, atenciosa... Quando a encontrei na cozinha e ficamos conversando, quase a beijei, só não fiz isso porque sei que mulheres iguais a Honna não se conquistam com um beijo roubado ou uma foda bem dura. Ela é uma mulher de comer pelas bordas, primeiro, flores, uma joia, jantares, uma viagem de fim de semana, sem ir com muita sede ao pote, e quando ela estiver sorrindo para mim, do mesmo jeito que ela sorri para Lucca, eu dou o bote.

Com ela eu me casaria, teria uma dezena de filhos, ela seria única.

Desde então, não paro de pensar nela. Nem as fodas com a Suzanne dispersam-na de meus pensamentos.

O Lucca tinha que passar em minha frente..., mas ele não perde por esperar, eu também a roubarei dele. Roubei a Suzanne, com a Honna não será diferente. Só que com ela não quero brincar, ela será minha mulher.

Subo as escadas de dois em dois degraus.

— É, Suzanne, preciso de sua boceta para acalmar meus nervos. Uma foda bem grotesca vai relaxar meu pau e meus pensamentos.

Entro no quarto, dispo-me, seguindo para o banheiro. Uma ducha rápida. Deixo a água morna bater forte em minha nuca enquanto meus dedos ensaboados envolvem meu membro. Meus pensamentos visualizam o que pretendo fazer com a Suzanne, um sexo bem depravado.

Fecho meus olhos e as imagens vêm enquanto movo minha mão.

— Othon! Filho... está no banho?

— Porra! Estou, pai, mas já saio.

Mas que merda! O que meu pai veio fazer aqui uma hora dessas? Empata foda!

Termino meu banho e me embrulho no roupão.

— Pai, o que faz aqui? É tarde, sabia?! — Ele está com problemas, e pela cara não deve ser nada bom. — O que aconteceu?

Ele se senta na cama e eu começo a me vestir. Ainda estou cheio de tesão e não vou desistir de visitar Suzanne.

O Lucca tinha que mandá-la embora! O pior é que eu também preciso voltar para meu apartamento, só fiquei aqui por causa da Suzanne. Logo agora que preciso ficar ao lado da Honna.

— Eles descobriram tudo. — Meu pai diz.

Ele se levanta da cama e começa a andar de um lado para o outro. Termino de vestir a camisa e o encaro, com as mãos nos dois lados dos quadris.

— Cacete! E agora? Eu avisei, pai, avisei para o senhor se livrar de toda aquela merda. Porra!

Esmurro a mesa e passo a mão nos cabelos, olhando na direção dele.

— Eu sei, Othon, eu apaguei a merda toda do computador. — Se senta outra vez. — Seu primo, aquele filho da puta! Ele tinha que contratar um detetive? O homem tem falado com todo mundo das indústrias, fazendo perguntas acusatórias. Você sabia que ele mandou o Felipo fazer auditoria nas indústrias?

— O senhor está fodido agora! — constato e sento-me também.

— Você também, Othon, não se engane. Se ele me pegou, pegará você também.

— Não, pai, não sou lesado igual ao senhor. Eu sei fazer meu dever de casa. Eles nunca me pegarão, pode ter certeza disso.

— Cuidado, Othon. Tudo que sobe, desce. O que vamos fazer? Se ao menos o Lucca tivesse morrido naquele maldito atentado, a esta hora eu seria o presidente e você o CEO.

Olho para ele com os olhos estreitados.

— E o tio Felipo, seria o quê?

— Ora... Você acha que o Felipo iria resistir? Ele está doente e com toda certeza, assim que enterrasse o Lucca, não demoraria para ser enterrado também, e nós seríamos os donos de tudo isso.

Que merda! Seu primo nem para morrer, presta!

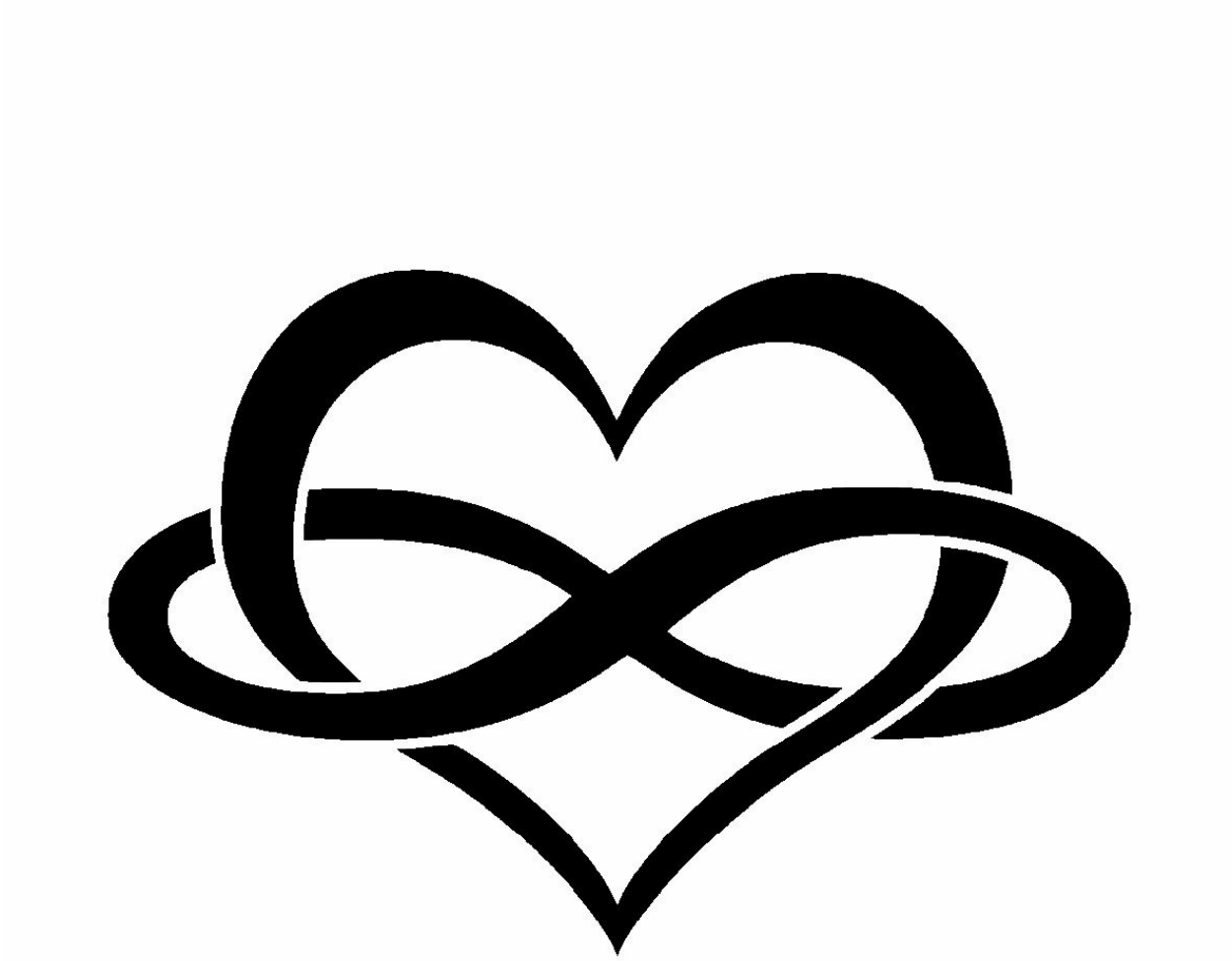
— Acorda, pai. O Lucca é o presidente e CEO das indústrias, e o senhor está com a corda no pescoço. — Levanto-me outra vez, olho para a figura derrotada do meu pai e só espero que a merda não se espalhe para o meu lado. — Quando a bomba vai estourar?

— Provavelmente amanhã, soube através do Osvaldo.

— Seu comparsa. Esse vai pegar cadeia e o senhor também, se não fugir.

— Ele já se mandou. Pegou a mulher, os filhos, e deu no pé, nem me disse para onde. Mas ele está cheio do dinheiro.

— Faça o mesmo, pai, e faça agora. Pegue a mamãe e se mande. Nós não tivemos esta conversa,





acho melhor o senhor se mandar do mesmo jeito que entrou, como um ladrão.

Espero que ninguém o tenha visto entrar.

— Ninguém viu. Deixei meu carro do outro lado da rua e entrei pelo portão dos fundos, ainda tenho a chave.

— Então se mande, pai. Compre um celular pré-pago e me dê notícias. Vai, pai, o que está esperando?

— Othon, se cuide, não deixe que o peguem e acabe logo com isso. Eu sei que conseguirá. —

Ele me dá um abraço e eu retribuo o carinho, mesmo não me importando com o que irá acontecer com ele caso seja pego.

Nunca tive amor por meu pai. Eu o respeito, mas tenho meus limites. Ele sabe que, caso algo aconteça, eu tiro o meu da reta e coloco o dele no fogo.

Ele se vai.

Dou mais alguns minutos e saio também.

Destino...

Foder a Suzanne.

— Por que você não me deixa em paz? Eu não tive culpa, não sabia quem era seu pai. E se o Lucca descobrisse?

— Você é culpada sim, você me matou, você e ele me rejeitaram. Prometeram cuidar de mim e não foi a primeira vez que falharam comigo. É sempre assim, prometem cuidar de mim e, quando não me abandonam, me matam, mas vou me vingar.

— Você é só uma voz, só uma voz, não existe. Você não existe!

— Ela existe sim, e eu também. Ficaremos aqui falando com você o tempo todo, as pessoas vão pensar que é louca... Só tem um jeito. Se mate! Vamos, se mate, será melhor.

— É, mamãe, se mate. Se fizer eu a perdoo, venha ficar comigo, estou me

sentindo tão sozinha. Venha cuidar de mim, por favor, mãezinha...

— Não, não vou, deixe-me em paz, deixe-me em paz. Vão embora, vão embora.

— Não, não vamos. Pense bem, Suzanne. Se vier para nosso lado, ficaremos todos juntos. Eu posso ser sua filha também, e nós duas podemos ajudá-la a se vingar do Lucca. Ele a trocou por outra, sabia? Venha, querida, sua filha precisa de você.

— Não, não vou, vocês são só vozes. Não estou louca, não estou louca.

Corro para debaixo da coberta. As vozes são tão reais e tem vezes que eu até posso ver as duas mulheres. Elas estão tão sujas, seus dentes estão podres. Uma está nua. Muitas vezes, quando estou

me masturbando, ela fica deitada do meu lado, pedindo para eu fazer coisas, e eu faço porque gosto, pelo que vejo ela também gosta.

— Mamãe...

— Vá embora! — grito e fecho os olhos, como se isso fosse impedi-las de me atormentar.

— Mamãe, não me abandone, por favor.

— Vá embora...

— Tá, nós vamos, mas você terá que fazer uma coisa.

— Ah, não, isso não, Lari, masturbação outra vez não, não gosto disso, eu quero que ela sofra, não sinta prazer.

— Cale-se, sua tonta! Qual foi o combinado? Eu lhe ajudo a atormentá-la e em troca eu me divirto um pouco com ela. Também tenho minhas necessidades. Se não quer ver, vá embora.

— Eu vou mesmo.

— Tchau, sua fracote.

Escuto uma risada. Já sei até identificar a risadas das duas, a que sorri alto é a

que anda nua.

— O quer que eu faça? — Eu meio que já sei o que ela quer. Ela gosta quando me masturbo.

Mas eu não quero fazer, não com ela me vendo.

— *Aquilo. Quero que faça aquilo.*

— Não... vá embora, vá embora...

— Oh, meu amor, eu mal cheguei e você já quer que eu vá embora?

— Othon! — Livro-me dos lençóis e vejo o rosto mais lindo do mundo, meu amor, meu Othon.

— *Oba! Será melhor do que eu imaginei.* — a voz articula.

— Cale-se, vá embora.

Olho na direção da mulher e grito com ela.

— Suzanne, com quem está falando?

Olho para Othon, ele me encara desconfiado.

— Com ela, não está vendo? — Aponto para o lado esquerdo da cama.

— Querida, não tem ninguém ali. Venha cá, acho que preciso levá-la para um médico de verdade. Você está confusa da cabeça.

Ele não acredita em mim, então é melhor não dizer mais nada, ou irá pensar que estou ficando louca de verdade. Ignoro a mulher completamente e me concentro no Othon. Jogo-me em seus braços e monto nele.

— Othon, você já está de cacete armado? — Ele está com uma ereção enorme pulsando através da calça.

— Você sabe que sou tarado por você. É só encostar que fico de pau duro.

— Humm, então tenho que baixar essa tora, o que acha?

— É tudo que quero, cadelinha. Quero montar em você a noite toda, meu pau está faminto.

— Então me coma, meu macho.

Não penso em mais nada, só em saciar os meus desejos, pois quanto mais eu faço sexo com ele, mais vontade eu tenho, e ficamos transando até o dia amanhecer.

Quando acordo não vejo mais as duas mulheres. Há momentos em que elas me deixam em paz, é meu momento de lucidez.

Visto um robe e saio à procura do Othon. Ele está preparando nosso café da manhã.

— Bom dia, gostoso!

Ele oferece os lábios para serem beijados. Meu homem é tão lindo.

Moreno, musculoso, alto, olhos cor de mel, aquele peito que nos dá vontade de ficar deitada nele para sempre. Deus! Ele é perfeito! Não posso esquecer do sorriso safado, essa foi a primeira coisa que me conquistou.

— Sente-se na cadeira, já vou servir seus ovos. — Beijo seu ombro e obedeço. — Temos que conversar. — Ah, não, espero que ele não venha falar do Lucca. Não quero mais nada com ele. —

Você não pode desistir do Lucca, querida. — Eu sabia, ele continua com essa ideia. — Querida, eu preciso que insista em reatar, pelo menos até resolvermos as coisas e enquanto há tempo, antes que ele resolva se casar.

— Casar? Com quem? — Isso é novidade. O Lucca se casar? Mas com quem?

— Com a enfermeira sem sal. É sério, acho que você tinha razão, ela estava mesmo tentando conquistá-lo.

— Filha da puta! Eu sabia, sabia, conheço uma piriguete à distância. Cachorra, vagabunda! Ela conseguiu o que queria.

Começo a comer, cheia de raiva. Não estou com ciúmes, estou é furiosa por ter

sido trocada com tanta rapidez.

— Conseguiu nada. Você vai atrapalhar os planos dela. O Lucca sempre obedece ao pai, e eu tenho certeza de que se você fingir um suicídio, o velho vai obrigar o Lucca a reatar o noivado, e com você de volta ele ficará descuidado e tudo pode acontecer, entende? — Ele pisca um olho e come uma garfada de ovos mexidos.

— Othon, não quero fazer isso. Mesmo ficando fula, não quero mais nada com o Lucca, ele que se case com a enfermeira.

— Suzanne, se quiser que nos casemos o quanto antes, terá que fazer isso ou corremos o risco de sermos presos, pois o papai já se deu mal, descobriram os podres do velho, e agora mesmo ele está fugindo do país.

Por essa não esperava.

— Othon, estamos fodidos, não vai demorar para eles chegarem até nós, precisamos fugir.

Eu me levanto e corro para o quarto, pego algumas malas e começo a jogar minhas coisas dentro

de uma delas.

— Suzanne, se acalme. Eles não vão nos descobrir. Não sou otário feito meu pai, ainda temos tempo e vamos dar a volta por cima, ainda tenho esperança de que serei o CEO das indústrias, e com o meu pai fora do meu caminho será melhor ainda, o tio Felipo pode me nomear para o lugar dele, e caso o Lucca não queira mesmo nada mais com você, usaremos sua depressão a nosso favor. Tio Felipo com toda certeza vai querer compensar a negligência do filho, e quando eu contar que me apaixonei por você ele certamente vai me indicar para um cargo alto, e daí para alcançar a glória, será mais fácil de derrubar o Lucca.

— Othon, não vamos nos arriscar. — Jogo as roupas com displicência dentro da mala. — Amor, com o que temos podemos ir para qualquer lugar que quisermos e viveremos bem, pense nisso. Se formos pegos ficaremos sem nada e atrás das grades, vamos embora.

— Não. Se você fizer o que eu mando, em menos de um mês estaremos milionários, seremos os herdeiros daquela porra toda.

— O que garante que seu tio não vá acusá-lo também?

— Me acusar de quê? Não há provas contra mim, estou limpo, eu vou é me fingir de morto e de envergonhado, e você vai dar uma de noiva chorona e traída, mas não faça nada por enquanto, ou eles saberão que fui eu quem contou para você. Espere algum tempo e depois vá até a casa do tio. Se não conseguir pegá-los no flagra, minta, diga que foi a Ruth quem contou para você, os empregados sempre falam demais. Estamos combinados?

Eu não queria, mas o Othon sempre me convence, é como se a voz dele entrasse em minha mente e dominasse todas as minhas vontades.

— Quanto tempo?

— Uma semana. Acho que é o suficiente.

— Então *tá*. Se é assim que você quer... — Olho para a mala, desanimada, minhas roupas bagunçadas em cima da cama. — Olha o que você me fez fazer. Isso aqui está uma zona.

— Então vamos bagunçar um pouco mais.

Ele me puxa e me joga de quatro na cama, puxa minha calcinha e recebo um tapa na bunda.

— Vadia! Eu quero comer você de quatro.

E começamos tudo de novo...



Capítulo 38

Um homem alto e de olhos sagazes entra em meu quarto. Otávio Pillar. Ele me ligou logo cedo, a sorte que estava no banheiro aparando minha barba e meu celular estava do meu lado. Sua voz soava preocupação quando me disse que precisava falar comigo o quanto antes e não dava para ser por telefone. Então, ele veio. E vendo-o pessoalmente, não sei se me traz notícias boas.

Olho para Honna, ela ainda dorme, passou uma noite agitada, horas acordava chorando, horas me chamando. Até pensei em levá-la de volta para o hospital, chegou a ficar febril, mas fiz o que ela pediu. Além da medicação, entoei uma prece implorando para que os espíritos que a acompanham intervissem em seu

sono, e se algo estava acontecendo, eles cuidassem dela. Não sei se foi a medicação, ou se foi a prece, só sei que funcionou e ela levou o resto da noite em um sono tranquilo, e até agora não acordou.

— Bom dia, senhor Lucca! — Ele se aproxima e eu faço um sinal de silêncio com o dedo entre meus lábios, olhando rapidamente para Honna.

— Acho melhor irmos para o gabinete, não quero acordá-la. — Sussurro.

Pego a bengala. Mesmo sem a autorização do Beto, desisti das muletas. Se já consigo me equilibrar em uma bengala, não vejo sentido em usar muletas.

Antes de sair, ligo para a cozinha e peço que Ruth venha até mim. Não demora e ela entra no quarto.

— Ruth, por favor, fique com a Honna. Preciso conversar com Otávio no gabinete, mas caso ela acorde você me chama, ok?

— Não se preocupe, eu cuido dela, senhor Lucca. Vá tranquilo.

Indico o caminho para Otávio e sigo com ele.

Uma das ajudantes da Ruth está limpando o lugar, peço que ela saia e a espero fechar a porta.

— Sente-se, Otávio, e vamos direto ao assunto que o trouxe aqui.

Ele se senta e abre uma pasta, puxando um tablet de dentro dela. O liga e logo depois me entrega.

— O que estes números representam para o senhor?

Olho para três números e depois do ponto uma porção de zeros.

— Significa muito dinheiro, e este montante leva muito tempo para ser conquistado se for com trabalho digno.

— Pois é, quinhentos e sessenta e oito milhões de reais é muito dinheiro, e todo esse montante foi desviado de suas indústrias.

Perco a voz. Engulo o bolo. Pisco várias vezes e sacudo a cabeça levemente para

pôr em ordem

a informação.

— Como assim? De onde o senhor tirou isso? — Fixo meus olhos no homem que também me encara sem nenhum sinal de riso, apenas aquele olhar afirmativo, dizendo-me que estou sendo roubado descaradamente por algum filho da puta.

— É isso mesmo que o senhor entendeu, o senhor foi roubado e os roubos já fazem algum tempo.

— Quem é a pessoa? — Contraio o maxilar e tento manter a calma. — Sem voltas, Otávio, mande a merda em minha cara.

— Senhor Patrício Stein, seu tio e o comparsa do diretor financeiro, senhor Osvaldo Beltrão.

— Filho da put... — Travo o palavrão. Minha avó não merece o xingamento. — Filho da mãe!

Eu já sabia que o tio Patrício não valia nada, é um aproveitador e sanguessuga do caralho, mas roubar o próprio irmão? Isso nunca passou pela minha cabeça. — Encaro-o. — Papai já sabe?

— Não, quis contar primeiro para o senhor.

— Fez bem. — Pego o celular e disco um número. — Alô, Lívia? Sim, sou eu... Sim, estou bem... Lívia, Lívia. — Ela começa a fazer uma porção de perguntas, mas não tenho tempo para isso.

— Lívia, preciso que marque uma reunião urgente, caso de vida ou morte, e para ontem. Reúna todos os diretores e executivos, já estou a caminho. — Encerro a chamada e ligo para o papai. — Papai, já chegou no escritório? — Ele diz que está perto. — Marquei uma reunião de urgência. Não se preocupe, quando chegar no escritório eu explico. Já estou saindo de casa, até mais.

Desligo o celular, desligo de verdade, pois eu sei que papai vai retornar à ligação pedindo explicação, e agora não tenho condições de explicar nada.

— Otávio, você tem tudo detalhado e documentado, então me explique essa porra. Como você descobriu essa merda?

— Eu pedi permissão ao senhor Felipo para fazer uma auditoria nas contas das indústrias.

Ainda não finalizamos, mas achei necessário revelar logo esta descoberta, antes que os culpados roubassem ainda mais. Seu tio e o Osvaldo agiam de uma forma que nenhum contador iria descobrir, e o último desfalque foi durante seu coma. Ele aproveitou para desviar cento e cinquenta milhões...

— Filho da mãe desgraçado, aproveitador vagabundo! E Othon, o filho dele, está envolvido também?

— Não encontramos nada que o envolva por enquanto. Como disse, a auditoria está só no começo, mas isso nos dá o direito de pedir a quebra do sigilo telefônico e bancário de toda a diretoria, executivos e funcionários de alto nível. Se alguém tiver o rabo preso, será descoberto.

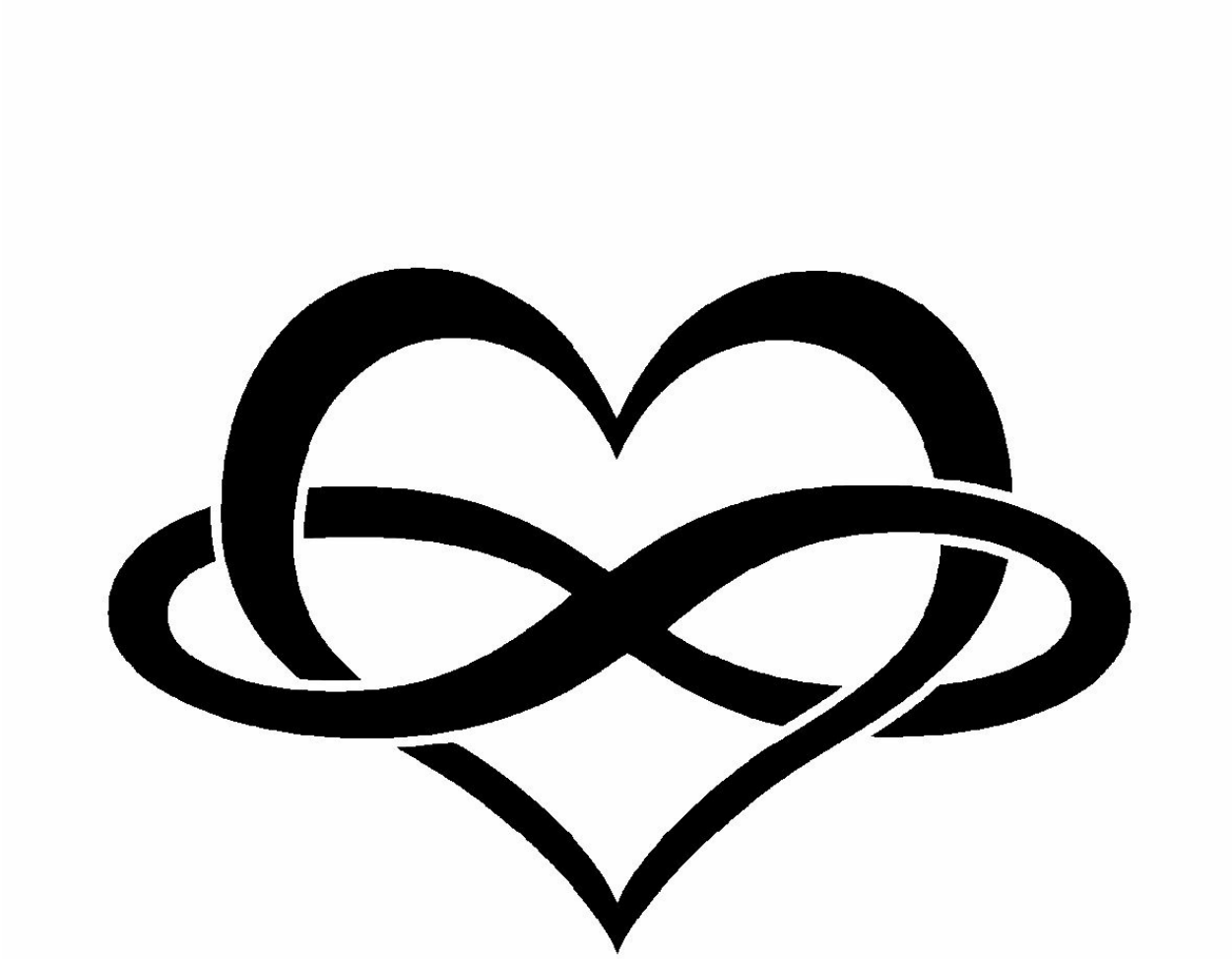
— Merda! Minha própria família me roubando!

— Desconfiei do seu tio quando fiz o levantamento do padrão de vida de cada um, de acordo com o salário que recebiam. E o seu tio tem muito bens que não batiam com a conta bancária dele.

— É, meu tio é metido à besta mesmo. Ainda lembro nos tempos de miséria dele, preferia morrer de fome a perder a pose. Papai que pagava as contas, o supermercado e a educação do Othon.

— Você sabia que ele comprou um carro importado que só quinze pessoas no Brasil possuem?

Ele tem um barco com três suítes, uma fazenda com algumas cabeças de gado e oitenta cavalos de



raça. A esposa dele tem um carro importado que custa meio milhão de reais.

— Nunca me preocupei com a marca do carro do tio, sequer saber que ele tinha um barco. Eu tinha coisas mais importantes para me preocupar, acho que esqueci que vivia em meio a cobras. Meu Deus, ainda não consigo acreditar nisso! Quando o papai souber... não quero nem pensar.

— Eu tive o cuidado de autenticar tudo. As provas são irrevogáveis, seu tio e o Osvaldo não têm como se defender, é cadeia.

Não, eu sei que o que tio Patrício fez é crime, mas duvido que papai o denuncie.

— O Osvaldo até pode ser processado, mas não acho que o papai denunciará o próprio irmão.

Não seria meu pai se fizesse isso.

— E se ele for o mandante do seu atentado? Será que seu pai continuará pensando assim?

Fico pensativo. Não sei responder a esta pergunta, nem eu sei se teria coragem de entregá-lo.

— Só saberemos quando a verdade vir à tona. — Levanto-me. — Vamos? Temos uma reunião nos esperando, só espero que papai aguente a má notícia. — Pego a bengala e saio de trás da mesa.

— Você quer me esperar? Só preciso mudar de roupa e ver como minha mulher está.

Já estou amando chamar a Honna de minha mulher, é como se essa palavra sempre a pertencesse.

— Quer uma carona?

— Não, mas seria bom chegarmos juntos.

— Eu espero.

Entro no quarto e sigo para o closet, troco-me e assim que saio vou até a cama. Faço o mínimo de movimento possível, não quero acordá-la por dois motivos: ela precisa descansar, e se ela souber que estou indo ao escritório, vai tentar me impedir e acabaremos discutindo, mas isso eu não quero.

— Ruth, preciso ir ao escritório. Tentarei ser rápido, quando ela acordar faça se alimentar e tomar os remédios, quando voltar eu me entendo com ela.

Deixo o amor de minha vida dormindo inocentemente, sabendo que quando ela acordar vai me xingar, e quando eu voltar vou ouvir um monte, mas também sei como acalmar minha leoa.

A reunião foi um desastre. Todos ficaram surpresos, alguns não acreditaram, mas quando Otávio apresentou as provas, papai e Othon se calaram, nada disseram, só deixaram o detetive explicar como aconteceram os desvios e as datas de cada envio. As contas foram rastreadas e bloqueadas.

Naquele momento, já sabíamos que tio Patrício e Osvaldo haviam saído do país, foi quando soubemos também que eles conseguiram pegar trinta por cento do montante de tudo que desviaram, o que já era uma grande quantia, e os bens materiais que foram comprados com o dinheiro das indústrias não poderão ser vendidos até o processo ser finalizado. Segundo o diretor do jurídico, levará cerca de um mês só nesse caso, porque provavelmente descobriremos mais coisas e eu tenho absoluta certeza de que o Othon tem o rabo preso.

— Othon, na minha sala.

Ajudo papai a se levantar, ele está em choque, depois dispenso a todos. Papai, Otávio, Othon e eu seguimos para minha sala.

— Onde está seu pai?

Assim que entramos, brado as palavras na cara do Othon.

Papai se senta em minha cadeira, Otávio na poltrona em frente à mesa e eu fico de pé olhando com ódio para o Othon.

— Eu não sei, porra! Acha que não fiquei surpreso com tudo isso? Não sabia dessa sujeira, sequer sabia que papai tinha uma fazenda e um barco daqueles. Do carro eu sabia, mas ele me disse que financiou. Eu sempre soube que ele tinha umas economias guardadas, só não sabia que era tanto dinheiro e oriunda de caixa dois.

— Você não me engana, Othon. Eu sei que está metido nisso também, então confesse logo ou irá para a cadeia junto com seu pai...

— Chega! — Papai bate na mesa e, gritando, olhando para mim. — Ninguém vai para a cadeia.

O estrago já foi feito, já nos roubaram, já fugiram, então deixa *pra* lá...

— Como assim, papai? Deixar *pra* lá? Claro que não! O tio cometeu um crime,

ele tem que pagar por isso.

Eu já desconfiava que ele agiria assim, por que fico surpreso?

— Patrício escolheu o caminho dele, nós escolhemos o nosso, continuo com minha dignidade intacta, dinheiro eu ganho com trabalho honesto. Do mesmo jeito que nós ganhamos aquele montante que nos foi roubado, ganharemos outra vez. Deixe o Patrício viver com o que ele roubou, pode desbloquear as contas dele. Eu sei que ele vai torrar tudo aquilo em pouco tempo, conheço meu irmão, foi assim quando os nossos pais morreram, só que desta vez ele não terá como me pedir ajuda, vai ter que se virar sozinho ou viver das migalhas que o Othon lhe der.

Ele sai de trás da mesa.

— Papai, o tio...

— Chega, Lucca! É preciso saber perdoar, sabia? Do que adianta me vingar com a justiça dos homens? Seu tio continuará o mesmo, então deixe-o a cargo de sua consciência, e tem mais. Se eu descobrisse agora que foi ele o mandante do seu atentado, nem assim eu o mandaria para a cadeia.

Chega! O assunto Patrício acabou!

— Tio. — Othon segura o braço do papai, eu vejo o olhar de cachorro morto dele. — E quanto a mim, vou perder meu emprego? Eu juro, não tenho nada a ver com isso, sequer sabia que o papai estava mentido nessa sujeirada.

Filho da put... mentiroso. Eu tenho quase certeza que ele sabia de tudo, como também ganhou algum. É tão sujo quanto o pai.

— Othon, não quero crer que você fez algo contra mim e contra seu primo, porque eu o tratei como um filho, fui eu que praticamente o criei, então se você fez algo contra a família que o abraçou, confesse, e se está pensando em fazer algo que possa nos prejudicar, desista. Eu sempre soube que seu pai não valia nada, desde criança ele sempre foi ruim, egoísta, miserável, tinha vergonha dos

seus avós, de mim, ele sempre se achou superior a todos, tinha mania de grandeza e nunca aceitou que eu cheguei aonde cheguei. Acha que não sei que ele se achava dono das indústrias? Achava que merecia um cargo alto e o tolo

achava que se eu viesse a morrer, ou o Lucca, ele herdaria tudo isso.

Saiba que eu nunca faria isso, não sou burro. Cada tijolo dessas indústrias custou meu suor, seu pai nunca me ajudou em nada, ele não tinha direito de herdar sequer o reboco. *Pra* quê? Para ele acabar com algo que levou anos para ser construído, em meses? Então, eu conheço seu pai perfeitamente, mas não conheço você, por isso não me decepcione, seja esperto.

— Eu nunca o trairia, tio. Sempre o considerei como um pai. — Mentiroso do caralho, falso.

Ele pode enganar o papai, não a mim. Olho para o Otávio e ele sorri, entendeu meu olhar.

— Lucca, vá para casa. Que eu saiba você ainda não recebeu alta para voltar ao trabalho e sua mulher precisa de você.

Quase grito de euforia ao escutar a palavra “sua mulher”, isso é sinal de que papai aceitou meu relacionamento com Honna.

— Para mim sua mulher ainda é a Suzanne.

Ao passar perto do Othon, ele sussurra.

— Se está com tanta pena, por que não fica você com ela? Vocês fazem um par e tanto. — Dou dois passos e paro, volto a encará-lo. — E tem mais, Othon. Fique esperto, estamos de olho em você.

Essa sua conversa mole não me convence, o que é seu está guardado. Não sou o papai. Ele pode perdoar, eu não.

— Lucca! Chega! A conversa foi encerrada, deixe o Othon. Ele já disse que não tem nada a ver com isso. Vá para casa, ele tem que voltar ao trabalho, eu também, e o Otávio precisa continuar o dele.

Quando papai dá uma ordem, o melhor é obedecer. Pego minha bengala e sigo para fora da sala, Otávio vem logo atrás. Despeço-me da Lívia e antes da porta do elevador se fechar, ainda vejo o brilho raivoso do olhar do Othon dirigido a mim. Ele me odeia mortalmente e nesta hora sinto uma dor no peito, como se uma faca estivesse entrando nele, atingindo meu coração.

Fecho os olhos e me encosto na parede fria do metal, então eu vejo um corpo sendo arremessado, e quando ele cai, por alguns minutos eu vejo a pessoa.

Honna!

— Senhor Lucca, está bem? Quer que eu chame ajuda?

Otávio segura em meu braço, tentando me manter de pé.

Pisco os olhos rapidamente. Inspiro. Solto o ar lentamente, minha testa é tomada por gotículas de suor, mas a dor no peito vai indo embora e a sensação sufocante passa.

Respire, meu filho, respire, não perca a fé, não permita que desta vez eles vençam, seja forte...

— Você disse alguma coisa?

Escuto um sussurro enquanto tento manter meu controle físico e emocional.

— Perguntei se está bem. Você está? — Otávio responde e nesse momento a porta do elevador

se abre, ele me ajuda a sair.

— Estou bem, foi só um mal-estar. Papai tem razão, eu preciso descansar.

Ele me leva até o carro e antes de dar ordem ao Everaldo para irmos, seguro o braço de Otávio.

— Quanto tempo para chegarmos à verdade? — inquiro.

— Estou indo agora até a delegacia, soube que prenderam três dos quatro suspeitos. Com a minha ajuda, é claro. Eu consegui encontrar uma conexão com um traficante que me deve um favor, e achei o esconderijo dos três. Soube que o quarto morreu num confronto com traficantes, por cortesia o delegado me deixou conversar com eles, então, o que eles não contaram aos policiais, contarão a mim. Sendo assim, não vai demorar para pelo menos encontrarmos algo que nos leve ao mandante.

— Solto o braço dele e já vou subindo o vidro do carro quando ele pede para abaixá-lo de volta. —

Hoje vão me entregar o dossiê do Othon e da Suzanne. Assim que montar tudo, eu o procuro.

— Obrigado, Otávio, você está sendo mais rápido do que eu esperava.

— Eu tento fazer meu trabalho. Até mais.

Ele se afasta e o carro segue para meu destino. Para minha mulher.



Capítulo 39

Duas semanas depois...

— Então, Beto, estou ou não estou apto para voltar ao trabalho? Já posso até dirigir, a bengala é só um charme. Você me entende, não é? — Solto a bengala e giro em volta do meu próprio corpo, depois dirijo meu olhar para Honna e pisco um olho. Ela atira uma toalha em minha direção, eu desvio o corpo e ela passa raspando em meu ombro. — Amor, você é péssima de mira.

— E você não tem amor à vida. Me provoque, Lucca Stein. Me provoque.

— Eita, senhor Lucca! Ela o chamou pelo nome completo, não quero estar em sua pele.

Beto esconde o riso e eu solto uma gargalhada.

— Venha cá, minha noiva linda? — chamo e ela vem com um olho aberto e outro fechado, me encarando. — Mostrou ao Beto seu anel de noivado?

Comprei uma aliança de diamantes para Honna dois dias depois que soube do desfalque milionário que meu tio nos deu.

Ela estica a mão direita, mostrando o brilho das pedras.

— Caralho! O que é isso? Não pesa? Minha nossa! O máximo que minha namorada vai usar na mão direita é uma aliança de ouro 18K, e será a mesma que usará em nosso casamento. Cacete, Honna, é muito linda.

— É exagerada. Eu preferia um anel solitário com uma pedrinha bem pequena, mas não tive escolha, esse louco resolveu pedir minha mão em casamento na frente dos meus pais sem me avisar, quase morri de vergonha.

— Não sei onde está a vergonha nisso. Honna, senhor Lucca a ama e eu já sabia disso desde quando ele estava hospitalizado, percebi o olhar dele e a boca aberta, só faltava deixar a baba cair.

— Olho para o Beto e ele encolhe os ombros, sorrindo. — Só a Honna não percebeu isso. — Ele completa.

— Vocês são dois bobos. — Ela se afasta. — Já volto, vou buscar o lanche.

Beto volta a me orientar nos exercícios.

No dia do nosso noivado eu fiz a Ruth preparar um Jantar especial e pedi para papai ir até a casa dos pais da Honna convidá-los para vir conhecer o local de trabalho da filha. Liguei para Emília e o Carlos, contei o que ia fazer. Honna não sabia de nada, ela pensava que estava comemorando minha reabilitação. Mesmo com a chegada dos seus pais, da Emília e do Carlos, ela não desconfiou. Quando todos estavam no jardim saboreando um delicioso café e jogando conversa fora, foi que me ajoelhei e a pedi em casamento. Honna quase não conseguiu dizer a palavra “sim”, precisei ajudá-la.

Decidi não usar anel de noivado. O dono da joalharia me mostrou uma pulseira masculina em couro, com uma placa em ouro branco, na qual eu podia gravar o nome dela e foi o que fiz. Ela fica sempre junto do meu relógio de pulso, achei melhor do que uma aliança, mas já comprei nossas alianças de casamento, tudo

em segredo.

Quero que o nosso casamento seja uma surpresa para ela. Não sei por que, mas ainda sinto

aquele medo de perdê-la, ainda tenho os sonhos pavorosos de que algo muito ruim irá acontecer com um de nós dois, e ultimamente tenho a impressão de que estou sendo vigiado, mesmo quando estou dentro de casa.

Acho que tenho levado a sério demais os estudos mediúnicos.

Honna me convidou para participar do grupo de estudos no centro espírita aos sábados. É um pouco antes da palestra, e assim, enquanto ela organiza a distribuição da sopa que é no mesmo horário do grupo de estudos, eu aprendo sobre a doutrina espírita, e aos domingos fazemos o evangelho no lar. Convidamos todos os nossos empregados e aqueles que têm interesse participam, até o papai se interessou em aprender e está frequentando o grupo de estudos também. Quando nos casarmos prometi ao Carlos que começaremos a ampliação do centro espírita. Já comprei o terreno que fica ao lado, e assim que voltarmos de nossa lua-de-mel, começaremos. Temos planos para a comunidade que é muito carente e precisa de ajuda.

Se tenho muito dinheiro, por que não ajudar?

Nos casaremos daqui a um mês. No outro dia do nosso noivado eu dei entrada na papelada, não quero esperar meses para me casar e eu tive motivos para tanta pressa.

Honna não é mais, minha enfermeira. Não preciso mais dos seus serviços, estou bem, e hoje é o último dia do Beto. Ele só voltará a nos ver no dia do nosso casamento, que será realizado aqui em casa, escolha da Honna.

Ela não quer nada grandioso, disse que o dinheiro que eu pretendia gastar em nosso casamento, poderia doar para uma obra assistencial, e foi o que fiz. Doei duzentos e cinquenta mil reais para o próprio centro espírita, assim o terreno foi comprado. Esse seria o valor que eu pretendia gastar em meu casamento com Suzanne, mas com a Honna não existe valor para o amor que sinto por ela.

— Acabamos, senhor Lucca. — Beto estende a mão e eu me apoio, levantando-me do chão em um impulso. — Já podemos até marcar uma corrida no calçadão

da Barra, o senhor está completamente recuperado. Esqueça aquela coisa ali.

Aponta para minha bengala que está encostada na mesa.

— Que coisa? — Finjo não a ver. — Ah, aquilo ali? — Aponto também. — Nem sei o que é. —

Pego a toalha e envolvo em meu pescoço. — Foi um prazer, Beto. Espero que a nossa amizade não acabe com o final dos seus serviços e quero vê-lo em meu casamento. De acordo?

— Guerreiro, será um prazer assistir à união de duas pessoas tão lindas quanto vocês, e se precisar de qualquer coisa é só me ligar.

— De você eu só quero a amizade. Agora vamos ao lanche.

Saímos da sala de fisioterapia que em breve será desmontada e virará uma academia de ginástica. A Honna gosta de se exercitar, então fiquei pensando nos marmanjos olhando sua bunda desenhada nas calças colantes, barriguinha de fora, instrutor pegando ali, aqui, acolá, e quase entrei em colapso, por isso resolvi contratar um personal. Ela e eu treinaremos juntos. Não é questão de ciúmes, é questão de cuidado.

A quem eu quero enganar?

— Amor, o detetive Otávio está no gabinete, ele quer falar com você. — Recebo um beijo nos lábios.

— Volto já, Beto. Honna ficará fazendo-lhe companhia.

Beijo-a outra vez e a deixo servindo o lanche do Beto.

Entro no gabinete e assim que o Otávio me vê, se levanta. Peço-lhe para que ele fique à vontade e me sento ao seu lado.

— E então, quais as novidades? Conseguiu finalmente descobrir quem foi a pessoa que mandou me matar?

Desde o dia que descobrimos o desfalque nas indústrias, Otávio tenta convencer os três homens que quase me mataram, a confessar quem foi o mandante, mas

eles continuam afirmando que foi o comparsa deles, o que morreu, e se existia um quinto, só quem poderia saber era o morto.

— Não, eles continuam afirmando a mesma história, com isso o delegado vai encerrar as investigações. Os três serão acusados pelo crime. Eu sinto muito, senhor Lucca, pensei que eles falariam, mas continuam afirmando que foi o tal de André quem arquitetou tudo, e tudo leva à vingança. O pai dele trabalhava para sua indústria e dois anos depois que você assumiu a presidência, o demitiu. Segundo o Luiz e o Theo, o pai do André se suicidou por isso. Eu investiguei a informação e confere, então, o delegado encerrará o caso.

— Ainda não estou convencido. Eu ouvi o tal André falar com alguém no celular, não estava delirando, ainda estava consciente. Tem uma quinta pessoa e ela está por aí, talvez até planejando outro atentado contra mim.

Não, a polícia não pode desistir. Eles precisam continuar investigando.

— Eles vão encerrar o caso, senhor Lucca, já me confirmaram isso. Mas não se preocupe, continuarei investigando.

Decepcionado, já estou pronto para me despedir do Otávio, mas pelo olhar dele tem mais coisas, e não são boas.

— Tem mais coisas, não é? É sobre o Othon? — Otávio abre a pasta e começa a procurar algo dentro.

Ele não conseguiu encontrar nada que incriminasse Othon na auditoria que foi feita nas indústrias há duas semanas. Othon está limpo, no entanto, ele fica de investigar com cuidado as ligações telefônicas e duas contas particulares que o Othon tinha antes de começar a trabalhar para o papai. E eu acho que ele descobriu algo muito importante, sua testa enrugada e a expressão no seu olhar afirmam isso.

— O que eu descobri não irá agradá-lo muito. Tem a ver com sua ex-noiva também...

— Não vá me dizer que ela também está envolvida no esquema?

Não consigo ver a Suzanne como uma vilã. Ela é ambiciosa, arrogante, gosta de luxo, no entanto isso não é crime e eu sou um pouco culpado, sempre a cobri de

luxo e fazia todas as suas vontades, mas daí a ser uma assassina ou ladra... Não, não pode ser, ela não é tão inteligente assim.

— Não como o senhor está pensando. — Essa merda está começando a feder, e estou sentindo

que irei me melar todo. — A Suzanne também desviou dinheiro, mas da sua conta. — Ele me mostra o tablet. — Senhor Lucca, o senhor tem que ter mais cuidado com o seu dinheiro, não pode entregar um cartão de crédito sem limites e um cartão de débito de sua conta pessoal para qualquer pessoa, mesmo que esta seja sua noiva.

Eu sei do que ele está falando e estou vendo que faz sentido suas palavras. A Suzanne usava meu cartão de crédito quando queria comprar algo. Eu sempre dizia para ela comprar à vista, mas em algumas vezes ela o usava. Quanto ao de débito, ela tem um vinculado a minha conta pessoal. Nunca fiquei vigiando os gastos da Suzanne, tampouco verificando a fatura do cartão, já que é débito em conta.

Só então me lembro que ela ainda tem meu cartão de débito. Encaro Otávio e me preparo para avisar a ele que Suzanne ainda está em posse do cartão.

— Otávio, eu preciso ligar para o banco...

— Não precisa, já avisei a sua secretária, ela já fez isso e você receberá um novo. Enquanto isso, use o aplicativo do celular.

Eu só uso ele mesmo, por isso dei o cartão para Suzanne.

— Quanto ela usurpou? — Não sei por que fiz esta pergunta. Que diferença fará eu saber ou não? Não receberei o dinheiro de volta.

— Dá para comprar um belo apartamento, um carro de luxo, e viver sem fazer nada por alguns meses. Não foi tanto quanto seu tio, mas é uma quantia razoável.

Acabo de desistir de passar a cobertura para o nome dela. Eu vou é vendê-la.

— E o Othon, o que ele roubou de mim?

— A noiva. — Ele responde assim, como se isso fosse a coisa mais normal do mundo.

Eu fui chifrado! Isso não é normal, não para mim.

— Quando eu estava em coma?

Mesmo o chifre pesando, não é tão duro assim. Quando acordei já não a desejava mais.

— Não, desde o início do seu namoro. O Othon já conhecia a Suzanne, eles tinham uma amizade colorida, e quando o senhor começou a namorá-la, o caso deles se solidificou. Tenho várias ligações nada apropriadas dele para ela, e vice e versa. Inclusive, eles ficavam juntos no apartamento dela, sempre ia visitá-la assim que o senhor saía, e tenho testemunhas de funcionários do seu escritório que flagraram os dois juntos na sala dele muitas vezes, transando.

— Vadia! Cachorra! Vaca! Vagabunda filha da mãe. — Levanto-me e soco o tampo da mesa com meu punho. — Escrota do caralho! Como ela pôde fazer isso? O sacana do meu primo, até entendo, ele sempre quis o que tenho, é invejoso. Mas a Suzanne? Aquela escrota vivia dizendo que me amava, que eu era o amor da vida dela. Puta!

— Eu sinto muito, mas é minha obrigação lhe deixar a par de tudo que descubro.

— Como diz o ditado, o corno sempre é o último a saber. Todos sabiam e ninguém me avisou, são todos uns filhos da puta. — Exaspero. Inspiro e volto ao normal, ser corno dói em todos os

sentidos, até quando você não está mais convivendo com a safada da piranha de sua ex. — Então, é só isso?

Só eu mesmo para pensar desta forma. Fui corneado durante anos e digo “só isso”.

— Bem, não consegui descobrir nada que envolva o Othon com o seu atentado, nem sua ex-noiva. Se foi ele quem pagou para o matarem, soube encobrir as provas, mas como eu disse, nenhum crime é perfeito, nem o criminoso. Cedo ou tarde, ele ou eles, deixam uma ponta solta e estarei lá para puxá-la. Só peço que o senhor tenha cuidado, já que sabemos que o verdadeiro assassino está à solta.

Ele pode, sim, tentar terminar o que começou, por isso aconselho que aumente a segurança da casa, e em torno do senhor e dos que ama, principalmente de sua noiva. Ele pode usá-la contra o senhor.

— Não se preocupe, farei isso. — Garanto. Otávio guarda o tablet e se levanta, eu o acompanho até a porta. — Mantenha-me informado. Amanhã já volto ao trabalho, portanto, será melhor para conversarmos. Mesmo assim, obrigado, você é muito bom no que faz.

— Não precisa agradecer. Estou sendo muito bem pago para executar meu serviço. Até mais, Lucca, e se precisar de ajuda para montar uma equipe de segurança, pode contar comigo.

— Claro, passe no escritório amanhã e já leve tudo que tiver.

Fecho a porta, respiro fundo e lembro-me de toda a cachorrada que o Othon e a Suzanne fizeram, e logo vem uma raiva crescente dentro de mim. Sinto vontade de ir atrás do Othon e bater nele até minhas mãos ficarem completamente sujas do seu sangue.

Escuto uma gargalhada e ao mesmo tempo me sinto um pouco tonto.

— *Otário! Você é um corno, perdeu uma e perderá a outra logo, logo.*

Sento-me no estofado, começo a ver pontos brancos à frente dos meus olhos, uma dor no peito me sufoca. Então eu me lembro da promessa que fiz a Honna.

Todas as vezes que sentir uma energia ruim perto de mim, é para fechar meus olhos e fazer uma prece. É isso que faço.



Honna

Capítulo 40

Um mês depois...

Foi difícil convencer o Lucca a vir sozinha para a reunião mediúnica. Desde que se encerraram as investigações do atentado que quase o levou à morte, ele anda com mania de perseguição. A mansão está cercada por seguranças e de câmeras. Além do Everaldo, ele contratou outro motorista e este também anda armado. Até na casa dos meus pais tem um sistema de alarme e câmeras internas e externas, estou vivendo em um filme de suspense. Hoje ele queria que não viesse, já que o Everaldo não veio, pegou uma virose e está acamado, e o outro motorista está com o senhor Felipo, que foi para um jantar com alguns empresários.

Lucca está em São Paulo resolvendo a abertura de uma nova filial e passará uma semana por lá.

Ele queria me levar, mas não posso me ausentar da casa de oração. Não agora, já que ficarei afastada por um mês durante nossa lua de mel.

— Honna, por que não me avisou que viria sozinha? Eu teria ido buscá-la. Sabia que o Lucca me ligou? Eu tentei ligar para você, mas caiu na caixa-postal. Liguei para a mansão, então a Ruth me avisou que você já havia saído.

Emília fala mais do que eu. Como ela consegue?

— Terminou? Posso falar agora? — Ela aperta os lábios e agita a cabeça dizendo

“sim” com um gesto. — Vim de UBER, estou inteirinha e vou voltar de UBER, caramba! Vocês têm que parar com isso. Às vezes eu me sinto uma inútil. O Lucca, fica o tempo todo perguntando se estou bem, se tem alguém perto de mim... Ele parece paranoico.

— Acontece que ele tem razão. Sabe-se lá se a pessoa não quer usar você para feri-lo? Já pensou nisso? Você sabe que se lhe acontecer algo, o Lucca perde o gosto pela vida, não sabe?

É, eu sei. O Lucca enlouqueceria caso me perdesse. Até nos pesadelos, quando eles vêm, ele fica esgotado e passa o dia inteiro triste, sem ânimo para nada.

— O Lucca tem que entender que ninguém vai me roubar dele. Eu o amo, Emília.

— Ele sabe disso. O problema não é você, o problema é o maluco que está à solta e ninguém sabe quem é. Pense nisso, Honna. Seu noivo tem razão, não vacile.

— *Tá, tá, tá*... vou dar um desconto nos cuidados do Lucca. E mudando de assunto, e aí, como foi a conversa com o Carlos?

Carlos e Emília, enfim, estão namorando, e ontem ela me disse que ele a convidou para dormir no apartamento dele, isso ainda não havia acontecido. Ele é quem dormia no apartamento dela.

— Nem te conto... — Ela me puxa para um canto do salão. Com a reforma que já começou, o salão está puro pó. Lucca não teve paciência de esperar voltarmos da lua de mel para iniciar a obra.

— Ah, vai contar, sim, e vai contar agora. Não vou esperar terminar a reunião.

— Ele me pediu em casamento!

— Meu Deus! — grito, sacudindo as mãos, logo alguns olhos curiosos viram-se em nossa direção. — Você aceitou? Aceitou, não foi?

Emília tem mania de liberdade. Quer um homem, mas cada um no seu canto.

— Olha! — Ela me mostra o anel solitário, lindo de viver. — Ele foi todo

romântico. Quando chegamos no apartamento dele, a mesa já estava posta e o jantar pronto. Flores, pétalas, velas e uma musiquinha romântica ambiente. Como resistir a um pedido desse? Ah, ele se ajoelhou igual ao Lucca. Meu Deus! Quase caí durinha no chão.

Nos abraçamos e quase choro de emoção.

— Amiga, se meu casamento não estivesse na boca, poderíamos casar no mesmo dia.

Faltam nove dias para meu casamento. O apressado do Lucca resolveu tudo sozinho.

Onde já se viu, a noiva sequer escolher o próprio vestido de noiva? Ele me mandou escolher dez vestidos de noiva de um catálogo, de uma loja famosa de noivas. As únicas coisas que pude escolher foram minhas lingeries da noite de núpcias.

— Vamos nos casar só no civil, e será no nosso novo apartamento. Decidimos comprar um novo, o meu e o dele iremos alugar. Ai, amiga, estou me sentindo no céu! Mas não se preocupe, vamos esperar vocês voltarem de lua de mel, já que são os nossos padrinhos.

— Eh, eh, eh, eh, eh... — Bato palmas enquanto solto gritinhos. — Estou tão feliz, tão feliz!

— Garotas, deixem a fofoca para depois. Vamos começar a reunião. — Carlos se aproxima e eu vejo a grossa aliança em seu dedo anelar da mão direita. — Ela já contou, não foi? — Ele olha nos meus olhos.

— Contou, e estou muito feliz por vocês.

Eu o abraço e ele beija o alto da minha cabeça.

Fomos para a mesa e cada um se senta em seu lugar. As luzes se apagam e as luzinhas azuis centrais se acendem. Nos damos as mãos, fechamos os olhos e Carlos começa a oração inicial.

— *Ajude-me. Por favor, ajude-me!*

Escuto um choramingo e pedido de socorro. Tento me aproximar, mas está muito escuro. Para onde fui guiada agora? Está frio, cheira mal e escuto gemidos e choros, algumas palavras obscenas, alguns gritos.

— Ei, onde você está? Não consigo vê-la.

— Estou escondida, não quero que eles me vejam. Estou tão cansada e tão arrependida...

Quero sair daqui, quero ir para um lugar melhor, mas eles não deixam, principalmente ela. Ela fica me puxando para continuar fazendo o mal. Não quero mais fazer isso.

Observo o lugar. Será que estou próxima ao Umbral? Então tento seguir adiante, mas não consigo, não tenho permissão para ir mais longe, só os espíritos mais avançados podem circular por lá.

— Oi. Você pode sair um pouco das trevas? Quero vê-la. Não tenha medo. Enquanto estiver aqui, ninguém lhe fará mal.

— Eles podem me ver e obrigarem a voltar. Não quero ir.

Reticente, ela sai um pouco da escuridão, então posso vê-la. Eu a conheço, já me comuniquei com esse espírito. Mas está tão suja, tão debilitada...

— Você se lembra de mim? Sou a Ella. Você tentou me ajudar um dia, mas eu não quis. Será que pode me ajudar agora?

Alguém grita e ela se assusta, escondendo-se novamente. Outro grito estridente, até eu me assusto.

— Ella, você quer mesmo ajuda? Quer ir para um lugar melhor, se tratar?

— Quero. Você pode me ajudar? Pode me levar daqui?

— Eu não, mas aqueles ali podem. — Aponto para dois espíritos evoluídos que a observam. —

Mas para isso você precisa perdoar, de todo coração, aqueles que lhe fizeram mal. Você está pronta para perdoá-los?

— Estou cansada. Não ligo mais para eles. Não precisam mais de mim para destruí-los, já fazem isso sozinhos. Tenho até dó dela. Está sendo escravizada por uma vampira sedenta por sexo e ele pelo ódio, inveja, e agora o ciúme. Quero ir embora. Eu os perdoo e espero que eles se arrependam.

— Então peça ajuda a eles. Se realmente você se arrependeu e perdoou àqueles que lhe fizeram tanto mal, a ajuda virá. Feche os olhos e peça ajuda a Deus, faça uma prece de coração.

Ela fecha os olhos e de repente uma luz linda e brilhante a cerca. Quando ela abre os olhos novamente, está com uma nova roupa. Ainda está frágil, mas os dois espíritos a seguram, sorriem para mim e a levam. Antes de desaparecer, ela se vira e diz:

— Obrigada mais uma vez. Se cuide. Adeus!'

— Honna! Querida, acorde! — Abro os olhos e meu rosto está tomado pelas lágrimas, uma sensação de dever cumprido, de paz, amor, toma conta de mim. — Oh, querida, chore, chore, porque essas lágrimas são de felicidade. Mais uma vez você conseguiu guiar mais um irmão para a luz.

Refeita da emoção, fechamos os olhos e ficamos atentos para a oração final, mas Carlos começa a falar de uma forma diferente e logo percebemos que não é ele.

— Meus queridos irmãos, que a paz esteja convosco, que a luz e a esperança nunca se apaguem. A vida está seguindo, mas devemos ter cuidado onde pisamos. Não baixem a guarda, não permitam que as trevas cruzem seus caminhos. Sintam, prestem atenção, não se esqueçam: o mal sempre busca uma brecha para entrar e fazer estrago. Então se atenham aos sinais. Esta vida que lhes foi dada é para reparar os erros do passado. Fiquem em paz, meus irmãos.

Carlos volta à oração de encerramento e eu fico confusa com a mensagem. Em dado momento eu achei que o mentor estava conversando comigo.

Carlos e Emília me oferecem carona, mas recuso por já ter chamado um UBER pelo aplicativo.

Nos despedimos e eu fico na calçada conversando com alguns amigos, esperando o veículo.

— Honna! — Escuto uma voz familiar me chamar. — Honna, aqui... — Olho para o outro lado da rua e vejo Othon dentro do carro dele. — Venha cá!

Não sei o que ele está fazendo aqui. Ele está completamente fora da rota de sua casa. Que eu saiba, ele mora no bairro Cidade Jardim, praticamente tem que atravessar toda a cidade para chegar até aqui.

Será que ele está me seguindo?

Tenho notado seus olhares compridos em minha direção sempre que vai jantar ou almoçar na mansão, o que virou um hábito. Ele sempre aproveita um tempinho para conversar comigo, principalmente quando descobriu que sou espírita. Pediu até alguns livros para ler, e eu emprestei, inclusive o livro que estava lendo para o Lucca. Ultimamente não tenho tido muito tempo para ler, o Lucca prefere fazer outras coisas a isso, tipo safadezas, que têm hora para começar, mas não têm para acabar. Ele é um tarado e a cada dia fica pior.

— Othon, o que faz aqui?

Ele sai de dentro do carro, beija os dois lados do meu rosto e depois me dá um abraço. Ele só faz isso quando o Lucca não está por perto, já percebi isso, por isso tenho evitado ficar muito tempo ao lado dele, pois em algumas vezes não me sinto muito bem quando estamos juntos.

— Eu vim pegar umas coisas para a Suzanne. A mãe dela mora aqui perto, não sabia?

Não, eu não sabia. Não fazia ideia.

Meu celular toca e penso ser o Lucca, mas não é ele e sim o motorista do aplicativo.

— O UBER chegou, preciso ir.

— Eu a levo. Estou indo para a mansão, preciso pegar umas coisas minhas que ficaram lá e estou precisando.

O motorista buzina.

— Está bem. Mas preciso pagar o motorista.

— Eu faço isso. — Ele abre a porta do carona e eu entro. Othon vai até o outro carro e eu vejo quando ele abre a carteira e paga o motorista. Ele volta sorrindo. — Pronto, agora podemos ir.

Othon entra no veículo, liga o som do carro bem baixinho e começa a tamborilar os dedos no volante.

— E Suzanne, como está?

O Lucca me contou que ele e a Suzanne estão tendo um caso, ou seja, ela traiu o Lucca com o primo e agora resolveu assumir o namoro, e os dois estão morando juntos. O Lucca acha que é pura encenação, diz que o Othon só quer dar uma de bom moço para impressionar o senhor Felipo.

— Ela está bem, até voltou a estudar. Tem umas recaídas de vez em quando, mas os surtos de querer ficar sozinha, passaram.

A Suzanne tem crises de depressão fortíssimas, algumas vezes se tranca no quarto e só o Othon consegue tirá-la de lá. Segundo o senhor Felipo, ela ficava falando sozinha dizendo que está conversando com a filhinha dela, o que acho que deve ser verdade. Eu vi uma moça ao lado dela quando ainda estava morando na mansão, provavelmente é a filha que ela perdeu. O Lucca me disse que ela comprou uma boneca e ficava dizendo que era sua bebê, mas o Othon tomou dela e a escondeu.

Eles a levaram para um psiquiatra e eu acredito que tenha melhorado com a medicação, tanto que já voltou a estudar.

— E você, está feliz? O casamento é semana que vem, não é?

Ele não olha para mim, presta atenção somente na estrada, mas notei que entortou a boca quando fez a pergunta.

— É sim. Não vejo a hora! Lucca é o amor de minha vida... — Ele acelera, mas depois reduz a velocidade. — E você, quando se casa com a Suzanne?

— Eu não sei... acho que a Suzanne é amaldiçoada.

— Como? Por que diz isso? — Mas que merda ele está falando?

— O Lucca deixou de amá-la porque se apaixonou por outra mulher, no caso, você, e eu também...

— Você está gostando de outra pessoa?

— Estou. Não é louco, isso? Passei anos sendo o outro, apaixonado pela Suzanne, morrendo de vontade que ela se decidisse, e quando finalmente eu consigo, me apaixono por outra.

— E a outra o ama também?

— Não. Quer dizer, ainda não. Ela ainda não sabe que eu a amo.

— E por que não diz? Talvez ela o ame.

— Tem a Suzanne, não quero deixá-la agora. Mesmo não a amando mais, não quero deixá-la sozinha. Mas você deve estar certa, eu preciso confessar o meu amor para a outra. Talvez ela me entenda e resolva me esperar, não é verdade?

— Sim. Espero que tudo dê certo e você consiga encontrar a felicidade, Othon. Todo mundo merece um pouco de amor e carinho.

— Concordo. Começarei a pensar em um jeito de demonstrar meu amor para a mulher que roubou meu coração.

— Faça isso.

Chegamos na mansão e Othon para o carro a fim de que o portão seja liberado.

— Honna, quer comer alguma coisa? Hoje não jantei, precisei ficar até tarde no escritório. Com a ausência do Lucca e o meu tio fazendo companhia ao grupo de investidores que chegou, meu dia foi meio louco e eu odeio comer sozinho.

Ele me ajuda a sair do carro e fecha a porta.

— Claro. — Digo e vamos para a cozinha.

Othon prepara um sanduíche para mim e outro para ele, eu faço um suco e comemos tranquilamente, com ele me contando das aventuras dele com o Lucca quando eram pequenos.

Algumas eu já conhecia, o Lucca me contou.

Othon é um homem bonito, gentil, educado, e sempre fico com esta impressão de já o conhecer, mas tiro logo essa ideia da cabeça. Um homem como Othon nunca se esquece, e ao mesmo tempo que eu sinto simpatia por ele, tenho medo e em algumas horas, como agora, eu fico com vontade de sair correndo para bem longe dele.

— Bem, o lanche foi ótimo, obrigada, mas agora preciso ir. Meu dia também foi bem agitado.

Levanto-me, e quando já estou me afastando, a mão do Othon segura a minha. Ele me puxa e quase sou jogada em seu peito, mas consigo me equilibrar, ele se inclina e beija minha bochecha.

— Obrigado por sua companhia. Posso fazer uma pergunta?

— Pode.

Aproveito e me afasto dele.

— Quer almoçar comigo amanhã? Adoro conversar com você, acho que sua luz me ilumina. —

Ele sorri torto, do jeito que o Lucca sorri.

— Othon, acho que não é uma boa ideia. O Lucca não iria gostar de saber que saí para almoçar com você. Por que você não leva a Suzanne para almoçar, ou convida a moça por quem está apaixonado? É um bom motivo para se aproximar dela. Faça uma surpresa, quem sabe ela não começa a prestar atenção em você?!

— Boa ideia, Honna, farei isso mesmo. Então até mais, preciso ir.

Ele me beija outra vez e vai embora. Eu sigo para o quarto, pois o sanduíche começa a querer sair por minha boca. Sinto um arrepio na nuca e a dor no meu peito volta.

Corro o mais depressa que posso, mas não dá tempo e antes de alcançar as escadas, agacho-me, segurando meu peito, uma sensação de dormência atinge meu corpo.

— Alguém me ajude!

A dor é pontiaguda, por isso não consigo gritar, apenas murmuro.

— *Dessa vez você será dele!*

Escuto um sussurro e em seguida uma gargalhada. Meu corpo inteiro se arrepia e a dor em meu peito aperta.

— Que o amor do senhor nosso Deus o guie, meu irmão... — Mal consigo articular a frase, pois não consigo respirar.

Lucca! Assim que fecho meus olhos a imagem dele surge em minha memória.

Deus! Dê-me forças.



Honna

Capítulo 41

Ofegante, consigo me segurar na parede e tento me levantar, mas logo em seguida minhas pernas cedem e a letargia me toma.

— Honna, querida, o que foi? — Só escuto a voz do senhor Felipo atrás de mim. Viro-me, tento sorrir e perco a noção do tempo e espaço, só sinto meu corpo despencar no chão, e escuto ao longe o grito do senhor Felipo.

Acordo com um médico ao meu lado, olho ao redor e respiro aliviada, estou no quarto do Lucca.

— Bem-vinda, querida! — Senhor Felipo segura minha mão enquanto seus olhos preocupados avaliam meu rosto. — Como se sente?

— Melhor. — Respondo com um sorriso tímido, depois olho para o médico, que termina a avaliação e me encara.

— Olá, Honna, sou o doutor Jorge. Apesar do desmaio, foi só uma queda de pressão, mas sugiro descansar um pouco, até o dia do seu casamento. — Como ele sabe? — Seu sogro me contou e ele me mostrou seu relatório médico, então tente não ficar ansiosa, isso aumentará a adrenalina do seu corpo e pode provocar a dor no peito e a falta de ar.

Ele se levanta da cadeira e guarda seu material de trabalho na valise.

— Ela está bem mesmo? — Eu vejo as três rugas na testa do senhor Felipo franzirem quando faz a pergunta.

— Está. Ela só precisa de uma boa noite de sono.

— E eu terei. — *Ou tentarei ter*. Sem o Lucca ao meu lado é um pouco difícil.
— Obrigada, Jorge. Já estou me sentindo bem melhor.

Só com um pouquinho de dor na cabeça, mas não serei louca de comentar isso. Não com o senhor Felipo me olhando desse jeito, como se eu fosse quebrar em mil pedacinhos.

— Bem, estou indo. Se vir a sentir algo mais, é só me ligar.

— Eu o acompanho, doutor. — Antes de ir o pai de Lucca me encara. — E você fique aí bem quietinha, já volto.

Alguns minutos depois a porta volta a se abrir, e um senhor muito simpático entra no quarto com seu olhar complacente.

— Senhor Felipo, nem pense em contar para o Lucca.

O olhar dele já diz tudo. Vai ligar para o Lucca e contar que me senti mal, e nas primeiras horas da manhã o Lucca estará neste quarto. Não, não quero isso. O Lucca não pode largar tudo que está fazendo sempre que espirro ou sinto uma dor de cabeça. Não sou uma porcelana fina, ele precisa entender isso.

— Não, nem pense em contar ao Lucca. — Articulo, o encarando. — Já estou bem, não sinto nada, é só ansiedade e saudade. Desde que começamos a namorar, não me separei dele, é normal me sentir assim, então, nada de contar. O senhor sabe que ele é bem capaz de alugar um jatinho e voltar.

Deixe-o terminar o que foi fazer em São Paulo, ok?!

— Filha, se o Lucca descobrir que se sentiu mal e eu não contei nada, quem ficará sem fígado serei eu...

— Se o senhor não contar, ele nunca saberá. — Rebato, faço uma carinha de inocente e ele sorri.

— Está bem, este será nosso segredo. Agora durma, mas se amanhã ainda estiver se sentindo cansada, eu mesmo ligarei para o Lucca. Boa noite, querida, durma com os anjos.

Recebo um beijo na testa, depois ele se vai. Já estou fechando os olhos quando meu celular toca.

Levanto-me e procuro minha bolsa, encontro meu celular no fundo dela.

— Amor! Pensei que não fosse me ligar. — Quase fico sem fôlego, articulo as palavras rapidamente. — Estou morrendo de saudade, como você está? Como foi a reunião? Como está o clima em São Paulo? Você pensou em mim...

— Honna, amor, respire. Nossa! Oh, mulher que fala pelos cotovelos. — Ele está rindo. Quanta saudade do seu riso torto, dos seus beijos logo em seguida, de suas mãos ousadas buscando se livrar das minhas roupas. Meu Deus, sou louca por este homem! — Hei, meu amor, você ainda está aí?

— Lucca, sinto sua falta... — Pronto, desabei. Eu jurei não chorar quando ele ligasse, mas é mais forte do que eu. — Acho que não vou conseguir dormir. Não vou, Lucca, a saudade dói, sabia?

— Ah, meu amor, também sinto sua falta. Não fique assim ou pegarei o primeiro voo para Salvador. Não quero que fique triste. — Ele embarga a voz. Por que fui dizer aquilo? Agora ele ficará triste também. — Honna, fale comigo. — Não posso, o nó em minha garganta não deixa. —

Ok, estou indo para o aeroporto agora. Você não ficará mais sozinha, já, já estarei ao seu lado lhe enchendo de beijos.

— Lucca! Não faça isso ou não me perdoarei. Por favor, não faça.

Sou uma boba, mesmo. Por que tinha que fazer cena? Ele está trabalhando e eu sei o quanto desejou estar de volta à sua rotina.

Eu vi sua ansiedade e o brilho dos seus olhos quando vestiu o terno e se olhou no espelho. Deus!

Ele estava tão lindo que cheguei a ficar com ciúmes.

Vi o nervosismo quando pegou a bolsa e a jogou no banco do carona do carro. Quase um ano afastado do mundo dos negócios petroquímicos, finalmente ele está de volta. Ele ama o que faz e eu me orgulho dele. Portanto, não é justo, só por causa da minha saudade – que não é pouca –, afastá-lo do trabalho.

— Amor, não ligo, eu me importo com você, só com você. Por isso estou voltando. Não chore mais, certo?

— Lucca Stein! — Engulo o choro e falo com firmeza. — Se você fizer isso, cancelo nosso casamento e falo sério. — Ele começa a gargalhar. — Lucca, estou falando sério, não ria de mim.

— Oh, mulher braba, fiquei até de pau duro. Eu queria estar agora mesmo ao seu lado, acabaria

com sua brabeza em dois tempos e os únicos gritos que escutaria seria com meu nome saindo de sua boca enquanto empurro meu pau com força dentro de sua bocetinha deliciosa.

Reviro os olhos e sinto minha calcinha molhar. Bate um frisson em todo meu corpo.

— Honna, nem pense em se tocar! Essa boceta gorducha é só minha, nem você pode tocar nela.

Honna, porra!

Oh, meu lindo, tarde demais, meus dedos já estão fazendo o trabalho que seu pau delicioso faz.

— Hein, o que disse? Humm!

— Filha da mãe! Honna, você me paga! Agora vou precisar bater uma punheta em sua intenção, caralho! — Eu escuto seus xingamentos e os grunhidos de prazer que saem de sua garganta. —

Safada, quando eu te pegar vou comer sua bocetinha até ela ficar toda ardida. Essa você me paga...

ah, porra, que caralho!

— Humm! Xinga mais, amor. Meus dois dedos estão todo lá dentro, acho que vou precisar comprar um vibrador para usar quando você estiver viajando.

— O caralho que vai! Acabou a brincadeira. — Só escuto o grito em meu ouvido, preciso até afastar o aparelho. — Brochei. Escute aqui, dona Honna, eu que sonhe que a senhora comprou uma porra dessa para usar sem mim, entendeu?!

— Lucca, não precisa ficar nervosinho. Eu já estava quase gozando — digo, ofegante. Mentira, ainda estou com meus dedos movendo-se dentro de mim. — Oh, meu Deus, Lucca, humm...

— Não acredito que você está gozando. — Ele para de gritar e fica mudo, só escutando meus gemidos, enquanto meu corpo se arqueia no prazer que meus dedos me proporcionam. — Caralho, amor! Eu queria estar aí, queria que no lugar dos seus dedos fosse o meu pau.

Respiro fundo, ainda ofegante, meu coração ainda está batendo com força. Até longe o Lucca consegue arrancar orgasmo do meu corpo como se fosse me devorar.

— Eu também, amor. Eu também gostaria muito que estivesse aqui. Meu Deus! Estou com as pernas tremendo — revelo e puxo o ar com força.

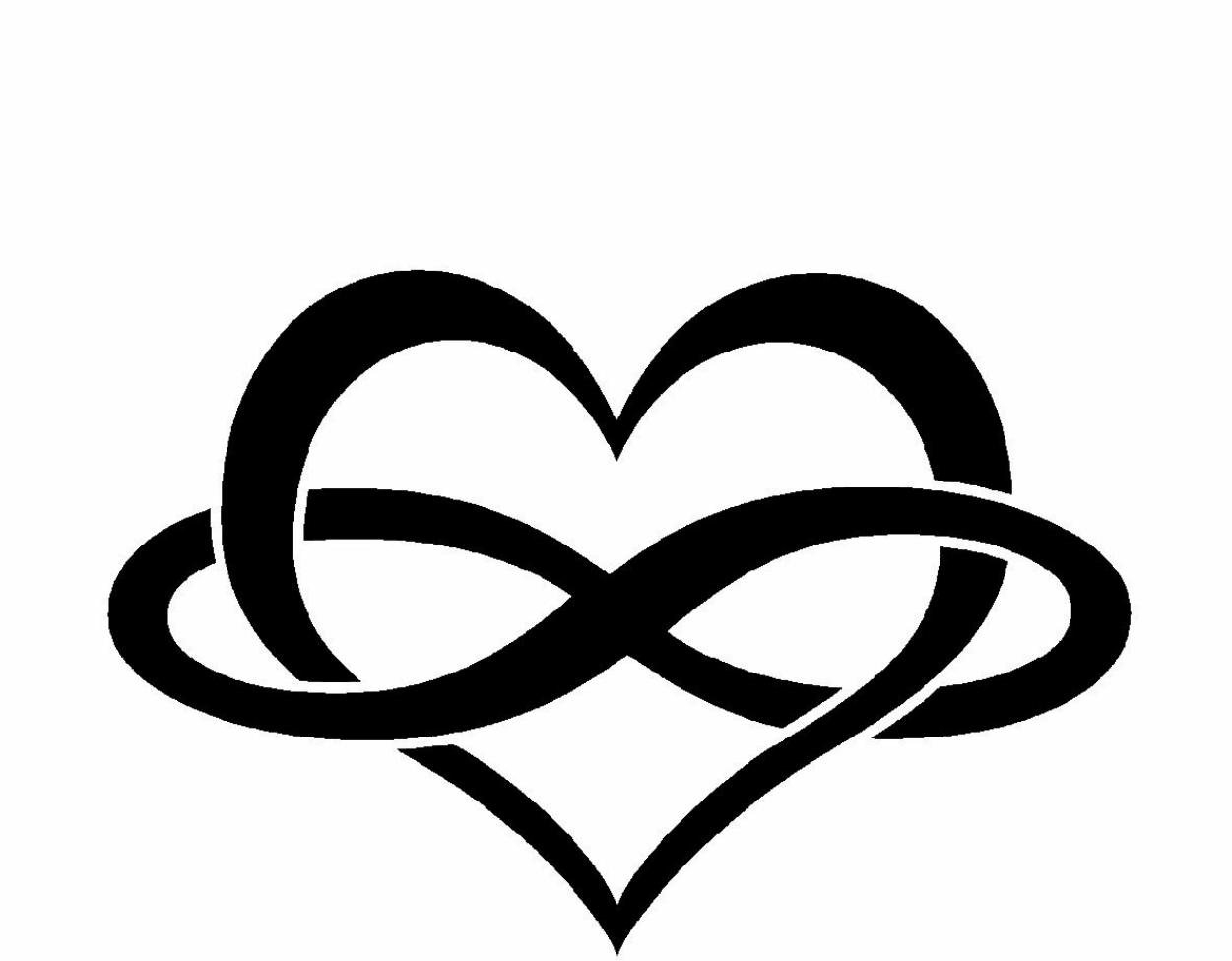
— E eu sobrei. Agora vou ter que me virar sozinho. Se conseguir, pois a imagem de você com um vibrador dentro de sua boceta sem a minha presença, é

brochante. Juro que o quebro em mil pedacinhos e ainda toco fogo no filho da puta.

— Oh, louco, Lucca! Você está com ciúmes de um vibrador?

— *Tô*! E vamos mudar de assunto, chega de falar nessa porra — ele resmunga e começo a rir. Só não faço uma chamada de vídeo porque eu sei que ele vai perceber que não estou bem. — Como foi seu dia? E a reunião mediúnica, como foi?

Ele muda de assunto rapidamente e no instante seguinte já estamos conversando sobre o nosso dia. Ele me conta como foi o dele e eu conto o meu. Sei que ele está fazendo isso apenas para o meu sono chegar logo, afinal, Lucca me conhece. Em tão pouco tempo ele me conhece muito mais do que eu mesma. Sempre que fico nervosa ou ansiosa, ele puxa conversa e ficamos horas rindo, até meu sono chegar, e é assim que acontece desta vez.





Ela vai me amar, vai sim. Farei com que isso aconteça. Poxa, por que não

percebi logo? Se eu tivesse percebido o quanto ela é especial, teria passado à frente do Lucca, e hoje ela estaria de casamento marcado comigo e não com ele.

Por que ele tem de ficar com as melhores coisas? Por que tudo tem que ser dele? Será que não mereço o mesmo também?

O Lucca nasceu com os melhores pais. Como eu queria que meus pais fossem iguais ao tio Felipo e a tia Bárbara, dedicados, amorosos. O Lucca sempre estava em primeiro lugar.

Meus pais? Dois egoístas que só pensam em dinheiro, em grandeza, em ganhar sem fazer esforço, sempre me deixavam por último.

Ainda me lembro que um dia perguntei ao tio Felipo se ele não podia me adotar, pois eu queria muito ser filho dele e da tia Bárbara. O tio me disse que não seria possível, só se acontecesse algo com meus pais, e sabendo disso passei a desejar que eles morressem. Nunca senti remorso por isso.

Eu queria a vida do Lucca, as coisas do Lucca, os pais do Lucca, e como não podia possuí-las, passei a dividir as namoradas do Lucca, as que eu conseguia seduzir, então, sem ele saber, eu as possuía, e sempre fazia de tudo para ser melhor do que ele, tanto que não demorava e elas me escolhiam, mas a partir daí, perdia completamente o interesse e as deixava também.

Só foi diferente com a Suzanne, essa seria mais útil para meus planos. Com ela eu poderia assumir o lugar do Lucca, ela seria meu amuleto da sorte e ainda é, pois fazendo o papel de homem apaixonado e cuidadoso, arrependido por ter me deixado ser um homem vil, traindo meu primo e a confiança do meu tio, recuperei a confiança do tio Felipo e até ganhei um cargo maior, e eu sei que não demorará para me tornar o diretor jurídico das indústrias.

Mas, agora, isso não significa nada para mim, troco tudo por ela.

Não sei em que momento esse amor veio, só sei que ele está dentro de mim, devorando-me, fazendo-me perder meu sono, minha paz. Não consigo fazer mais nada a não ser pensar nela, e só tenho esta semana para fazê-la me amar. Não me importo se irei perder tudo. Com o dinheiro que desviei das indústrias, posso perfeitamente dar a Honna uma vida de rainha em qualquer lugar do mundo.

— Othon, é você, amor?

Tentei fazer o mínimo de barulho possível, não queria acordar Suzanne. Não ando com muita vontade de transar. Desde que me descobri apaixonado por outra mulher, não sinto vontade de foder ninguém a não ser a Honna.

— Sim, amor, desculpe-me, não quis acordá-la. — Ela sai do quarto, nua, joga-se em meus braços, fode minha boca com sua língua, e enquanto tento de alguma maneira corresponder ao seu beijo devasso, ela me empurra em direção ao estofado.

— Foda-me, seu puto, meu corpo está coçando de tanto tesão por seu pau. Quero-o todo enfiado.

E agora? Não estou com vontade de trepar. No início eu até que conseguia espantar meus pensamentos na Honna e transava bem gostoso com Suzanne, mas ultimamente, quando estou trepando, só vejo a Honna em minha frente.

Ontem quase chamei o nome dela, e se fizer isso não sei como a Suzanne se comportará.

— Nossa, amor, isso tudo é saudade? — Beijo-a, tentando afastar minha boca, mas seus dedos seguram meu queixo e novamente minha boca é fodida por sua língua. — Amor, eu preciso de um banho, passei o dia inteiro na rua, estou suado e meu pau deve estar seboso.

— Desde quando me preocupo com isso. E você? Quando passou a se importar com isso também?

Suzanne dá um puxão em minha camisa e os botões se espalham por todo o tapete da sala. Ela já era louca por sexo, mas ultimamente está muito mais insaciável. Tem vezes que, no meio da noite, tenta me acordar, mas claro que finjo estar dormindo. Então ela sobe em mim e me fode, eu só a deixo se satisfazer, e quando termina corre para o banheiro e usa o vibrador.

Gosto de sexo, gosto muito, mas ultimamente estou fugindo da Suzanne. É como estar trepando com uma máquina de sexo.

Sinto falta das risadas, das brincadeiras, do fogo antes e depois da transa. Quando não estávamos morando juntos era mais gostoso, agora virou obrigação e isso não dá tesão.

Seus dedos nervosos abrem o zíper da minha calça e meu pau é puxado para fora da cueca.

Suzanne se senta nele e eu fecho meus olhos, a deixando se satisfazer. Homem é um puto, só bastam algumas enfiadas e já estou pronto, então me entrego à luxúria e dou a ela o que quer, sexo depravado, escroto, sujo, com direito à tapa na cara e palavrões.

— Linda! Eu a amo, sabia? — Puxo-a para perto e seguro os dois lados do seu rosto com minhas mãos. Seus cabelos loiros, seus olhos azuis, a pele branquinha... Meu Deus! Estou fazendo amor com ela, minha Honna. — Hon... — Imediatamente me calo. Quase falei o nome dela, mas ainda bem que a Suzanne não escutou. — Suzanne, rebole mais forte, amor.

Ela o faz e não demora para gozarmos.

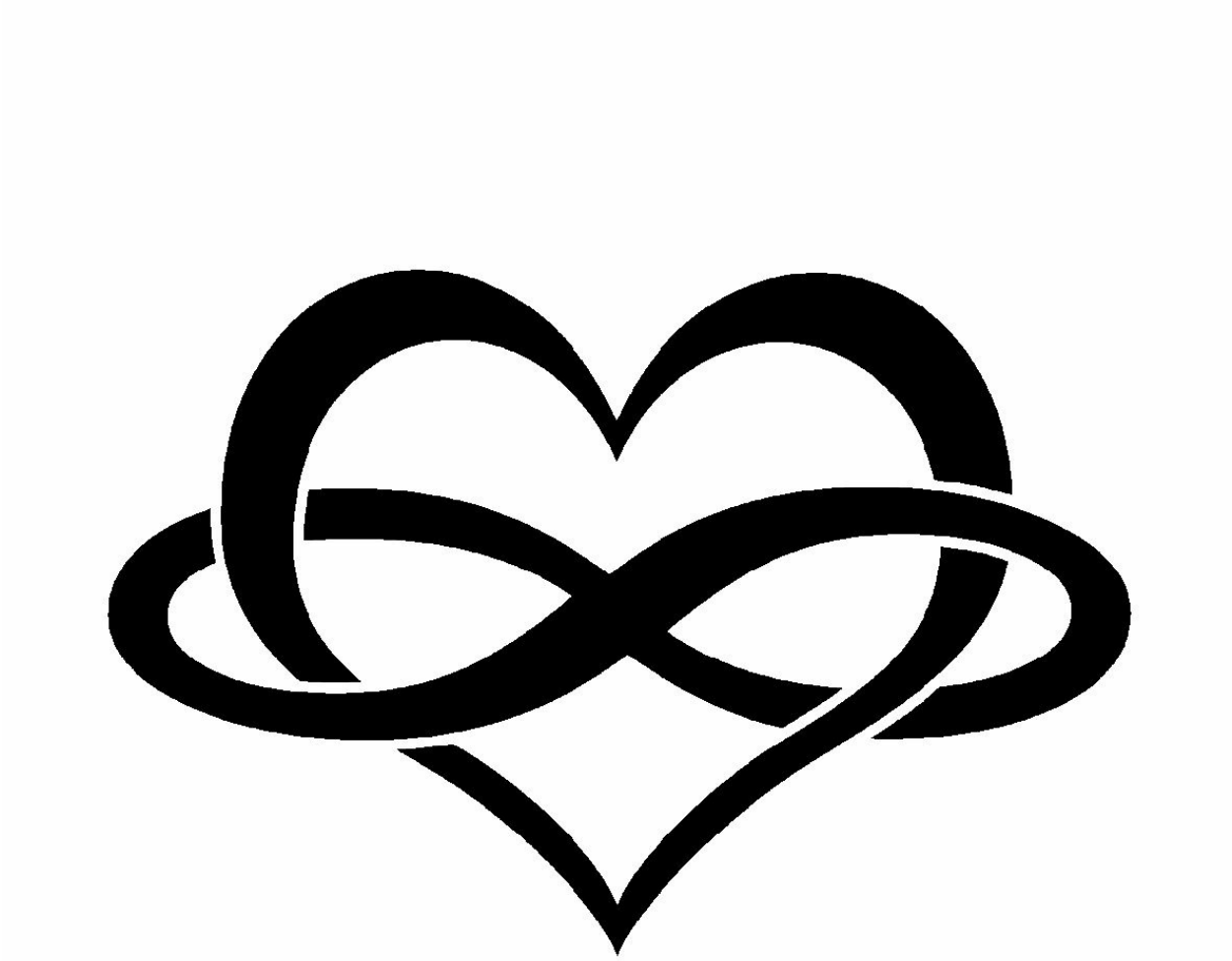
Para disfarçar meu deslize, a levo para o banheiro e fazemos sexo novamente, e antes de dormir eu a enrabo do jeito que ela gosta, com força.

Dormi bem pouco, pois Suzanne estava com fogo, às três horas da manhã fui acordado com um boquete.

Após isso, saí da cama, tomei um banho e fui para o sofá, tirando um cochilo lá mesmo. Não queria correr o risco de acordá-la, pois eu sabia que Suzanne iria querer trepar novamente.

Às oito horas estou no escritório. Desligo meu celular e peço para minha secretária só passar ligações profissionais, nada de particular. Conto os minutos para o horário do almoço, antes ligo para saber onde tio Felipo está e descubro que ele foi para Camaçari, então fico despreocupado.

Ele costuma ficar o dia inteiro por lá, a unidade de Camaçari é a menina dos olhos dele. Adora conversar com os funcionários e tem o costume de almoçar no refeitório com toda peonada. O Lucca



tem o mesmo costume, então tio Felipo só voltará no final do expediente, terei tempo suficiente para dar início aos meus planos.

— Bom dia!

Pego-a de surpresa. Honna está no jardim lendo um livro. Soube que ainda está como contratada do Lucca, mesmo que ele não precise mais dos serviços de enfermagem. Segundo o tio Felipo, é melhor assim, até que eles voltem da lua de mel.

— Othon, que susto! — Ela leva a mão ao peito, até deixar um sorriso escapar de seus lábios.

— O que faz aqui? Senhor Felipo está na filial de Camaçari, não sabia?

Estou aqui por você, minha princesa. Por você.

— Eu sei, mas não vim por ele, vim por você. Sabendo que está sozinha, resolvi me oferecer para lhe fazer companhia durante o almoço. Como eu sei que é horrível fazer as refeições sozinho, estou aqui para ser sua companhia.

Ela me encara como se não estivesse me entendendo, e não precisa me entender, ela só precisa me amar.

— Othon, não precisava se preocupar. Combinei com a Ruth de almoçar com ela.

Mas não vai, mesmo! Enquanto o Lucca estiver fora, serei eu a tomar café da manhã, almoçar e jantar com você.

— Agora não precisa e não aceito um não como resposta. Vamos, já avisei a Ruth para arrumar a mesa. Venha. — Lhe ofereço meu melhor sorriso e minha mão estendida. Reticente, ela aceita e seguimos para nosso primeiro de muitos almoços.

Ela fica em silêncio por alguns minutos, só escuto o barulho do garfo batendo na porcelana fina do prato. Ruth algumas vezes vem até a sala de jantar, acho que para bisbilhotar nossa conversa ou me vigiar, a segunda opção é mais provável.

— Honna! — chamo-a, não suportando este silêncio.

— Oi. — Ela bebe de sua água e me encara.

— Você deve me achar um canalha, não é? Diga a verdade.

— E por que eu o acharia isso? — Ela é uma atriz e tanto, pois está escrito no rosto dela a aversão que tem por mim.

— Não precisa fingir, Honna, eu sei que o Lucca contou sobre meu relacionamento com a Suzanne ter começado bem antes do coma, e você tem

razão em pensar isso de mim, eu fui um canalha, um canalha apaixonado. Não podemos mandar em nosso coração, você mais do que ninguém sabe disso.

Jogo na cara dela o fato de ela ter começado o relacionamento com o Lucca mesmo sabendo que ele era noivo. Ela não diz nada, apenas volta a comer, enquanto eu continuo.

— Eu conheci a Suzanne bem antes do Lucca e tínhamos, sim, um caso. A Suzanne mantinha

relacionamento com quase todos os meus amigos, e apesar de ela não estudar na faculdade em que eu estudava, ela sempre estava lá. Ninguém sabia de nós e eu gostava dela, mas ela só gostava de foder e fodia com qualquer um, até que conheceu o Lucca e se interessou por ele.

— Se a Suzanne não prestava, por que não alertou o Lucca?

— Eu alertei, disse a ele que ela era interesseira, mas ele não acreditou. Então, não me importei e eles começaram a namorar, aí a coisa ficou séria. Já estava me conformando em tê-la perdido, até que ela me procurou e disse que o único que conseguia baixar seu fogo era eu. Porra, eu ainda a amava, então aceitei ser o reserva. Errei, sim, errei, mas quem não erra por amor?

— Othon, não precisa se justificar. Agora a Suzanne é só sua, ela o ama e você a ama.

— Não a amo mais e você sabe disso. Amo outra mulher e não sei o que fazer com a Suzanne, nem desejo por ela sinto mais. — Não minto sobre isso, pois não sinto mesmo. Eu a fodo porque sou um pervertido do caralho. — Estou fodido de amor. Por essa mulher sou capaz de me transformar no melhor homem do mundo.

— Oh, Othon, que lindo! Fico feliz que finalmente tenha encontrado o amor verdadeiro, e espero que logo resolva sua situação. A moça que ganhou seu coração merece um homem sem mentiras e sem algemas, então tome uma atitude correta com a Suzanne.

— Sabe, adoro conversar com você. Não sei explicar, é como se já tivéssemos passado por tudo isso. Como se alguma vez em nossas vidas tivéssemos tido essa mesma conversa. Você não sente o mesmo?

— Esta conversa, não, mas às vezes penso já o conhecer de algum lugar.

Sim, e eu também sinto a mesma coisa. A voz, o jeito meigo, a delicadeza dos gestos... Ela está tão viva em minha memória, mesmo sabendo que nunca a vi na vida. Pelo menos nessa.

— Sinto o mesmo. Você me faz bem, sabia? Perto de você sinto uma necessidade de fazer só coisas boas, de ser outra pessoa, acho que é por isso que me apaixonei por uma mulher tão boa quanto você.

Ela fica rubra e eu fico louco de vontade de beijá-la, provar seus lábios rosados, tocar em sua pele delicada, despi-la com carinho e fazer amor lentamente, como se fosse uma eternidade de sentimentos.

Eu a amo. Amo mais do que tudo.

— Othon, esse amor o mudou, sabia? Não sei dizer, mas até seu semblante está mais vivo, mais feliz.

— Conviver com você fez isso acontecer. — Limpo a boca com o guardanapo. — Ainda tenho tempo para um cafezinho. Vamos até o Jardim?

E antes que ela diga não, eu me levanto, seguro sua mão e a ajudo a se levantar.

Peço a uma das empregadas para nos servir o café no jardim.

Nos sentamos à sombra e ela não diz nada, apenas saboreia o café fresquinho.

— Honna, como é ver espíritos?

Ela sorri, deixa a xícara na mesinha e me encara.

— É como se estivesse o vendo e escutando, não há diferença entre vivos e mortos. Há alguns assustadores, pois trazem na memória a imagem de quando desencarnaram, e outros já estão há tanto tempo neste mundo, que o aspecto se torna horrendo.

— Você nunca ficou com medo?

— Não. A princípio eu pensava serem amigos imaginários, era muito pequena,

depois percebi que eram amigos, mas não imaginários e sim espirituais. Foi complicado, mas hoje é normal.

— Normal... Conte isso a um psiquiatra, ele mandará interná-la.

Ela se levanta, eu também.

— Hoje em dia não é mais assim. Só se a pessoa estiver completamente fora de controle, o que não é o meu caso. Sei separar os vivos dos mortos, mas no início foi complicado, fui chamada de maluca, endemoniada e outras coisas ruins.

— Se eu a conhecesse nessa época, sairia socando cada uma dessas pessoas.

Sem poder evitar, quando percebo já estou segurando a mão dela e levando aos meus lábios.

— Othon! — Ela fica pálida e puxa a mão rapidamente. — Desculpe-me, mas eu acho melhor você ir...

Fecha e abre os olhos, vejo gotículas de suor em sua testa. Ela vai desmaiar.

— Honna, meu Deus! O que você tem? — A pego nos braços e saio à procura de um sofá na sala de estar. — Ruth, ajude-me! — Logo a mulher surge, e quando olha para Honna deitada no sofá, pálida, corre ao socorro dela.

— Querida, eu sabia! Eu sabia! Não era para ter saído do quarto. Agora o senhor Felipo vai querer me matar.

Como assim? Por que a Honna não poderia ter saído do quarto?

— Ela está doente? — Ruth me olha como se estivesse pensando se deve me contar ou não a verdade. — Responda-me, Ruth.

— Ela passou mal ontem à noite e o senhor Felipo me fez jurar que não a deixaria sair da cama...

— Gente, querem para de falar de mim como se não estivesse aqui? Estou bem, deve ser o calor, é isso. Foi só uma tontura. — Ela segura em meu braço e se senta, então olha para meu rosto com aquele olhar lindo. — Othon, pode ir, estou bem. Não se preocupe, ok?!

— Tem certeza? Se quiser eu fico, mando tudo à merda. Só não quero que fique sozinha.

— Ela não está sozinha, senhor Othon. Eu estou cuidando dela, não se preocupe. Acho melhor o senhor se preocupar com a sua noiva, a Honna tem o senhor Lucca.

— Ruth, pega um copo com água *pra* mim? — Honna pede.

Acho que ela percebe meu olhar de assassino, e eu até tento disfarçar, mas não consigo encobrir minha fúria.

— Honna, já estou indo, mas estarei aqui no horário do jantar. Acho que tio Felipo só chegará após às vinte e uma horas, ficarei com você até ele chegar.

Não a espero dar uma resposta, deixo-a sentada no estofado e vou embora.

Faço exatamente como prometi, retornando na hora do jantar. Comemos, ficamos no antigo quarto do Lucca que voltou a ser a sala de TV, e quando estamos vendo um filme muito interessante, o Lucca liga. Quase tomo o celular da mão dela e o jogo longe. Ela se afasta de mim e vai atender, depois disso não a vejo mais, pois meu tio chega e eu vou embora.

Assim que chego em casa, me tranco no banheiro e mando uma mensagem para Honna, perguntando se ela está bem e dizendo que amei o tempo que passamos juntos. Ela responde um

“sim” e me deseja boa noite.

Durante alguns dias eu a tive só para mim, e o meu amor só foi aumentando e minhas esperanças também, apesar de que em todas as vezes que o Lucca ligava, ela se afastava e me esquecia completamente, trancando-se no quarto. Do corredor eu podia escutar sua risada e a porção de vezes em que ela dizia estar com saudades e que o amava. Com ódio dele, descia as escadas e ia embora.

Eu tinha que tê-la, mas para isso acontecer, ela primeiro precisava saber que a amava.

O dia amanhece nublado, estou me sentindo estranho, sem ânimo, quase não consegui dormir de tanto pensar na Honna. Será que valerá a pena afastá-la do

Lucca? Eles se amam de verdade e não sei bem o que fazer, mas uma coisa é certa: ela precisa saber do meu amor e só tenho hoje para me declarar, pois amanhã o Lucca está de volta.

Almoçamos como sempre, e depois vamos tomar nosso café no jardim, lá ninguém nos espiona.

Noto que ela está inquieta, acho que quer me dizer algo, mas antes que ela fale e faça-me perder a coragem, olho seriamente para ela e nem pisco.

— Othon, eu preciso...

— Honna, eu a amo! A mulher misteriosa é você. Não sei quando isso aconteceu, só sei que me apaixonei perdidamente, não paro de pensar em você, respiro você, o meu amor é tão forte que já arrumei minhas malas e estou saindo do apartamento da Suzanne, hoje eu termino meu relacionamento, não dá mais para ficar com ela.

Honna fica boquiaberta, olhando-me com espanto. Certamente, ela não esperava por isso e com certeza está me achando um louco. Sou um louco, mas um louco com esperança de que um dia, quem sabe, ela possa me amar. Um dia, mesmo que não seja hoje.

— Othon... — Ela engole em seco antes de falar. — Você sabe que amo o Lucca e que vamos nos casar daqui a um dia e meio. O que pretende me dizendo isso tudo?

— Não pretendo nada, Honna. Antes eu imaginava que você iria largar o Lucca e ficar comigo, mas nesses dias convivendo com você, vi o quanto vocês se amam e que não tenho chance alguma.

Até pensei em sequestrá-la, levá-la para um lugar longínquo e talvez o tempo a fizesse me amar, juro que pensei mesmo em fazer isso. Mas hoje, vindo para cá, mudei de ideia. Não quero o seu amor à força, e se pudesse tê-la que fosse por sua vontade, mas sei que isso é impossível. Você o ama e acho que nunca irá amar outro homem além do Lucca. Não me sinto um derrotado, porque nunca tive você, não era uma disputa. No entanto, todo esse tempo foi bom para me apontar os caminhos que devo

percorrer, e um deles é romper com a Suzanne. Não a amo, então preciso seguir

em frente e ela também.

Desejo de todo meu coração que você seja muito feliz e o Lucca também.

Honna continua pasmada, quieta, e uma lágrima desce por sua face. Eu queria ter mais coragem e abraçá-la, mas toda minha coragem se foi com as palavras, então eu me levanto.

— Era isso, então. O que você ia me dizer?

— Eu... eu... Não era nada. Mas agora que sei do seu amor, acho melhor nos afastarmos. Não quero machucá-lo e espero que encontre uma mulher que mereça todo esse amor que está dentro de você. — *Esse amor é só seu, Honna. Nenhuma outra mulher o merece*. — Eu sinto muito, Othon, por não poder retribuir o seu amor.

— Honna, concordo com você, eu preciso mesmo me afastar. Não se preocupe, você não me verá por um bom tempo. Adeus e seja feliz.

Eu a deixo rapidamente, pois minhas lágrimas não tardam em saltar dos meus olhos. Corro, me tranco no carro e choro, choro muito. Acho que pela primeira vez em minha vida eu fiz a coisa certa.

Até me sinto aliviado, como se tirasse um peso das minhas costas.

Adeus, Honna. Seja feliz com o seu amor.

— Qual é, chefia? E o nosso acordo, vai amarelar? Se esqueceu das outras vezes, do seu amor do passado, do seu inimigo que sempre fica com sua mulher? Não, chefia, você tem que matá-lo e ficar com a mulher dele.

Escuto um sussurro, é como uma voz martelando em minha cabeça, então olho para trás e vejo dois seguranças conversando baixinho, dou risada.

É, Othon, você passou tempo demais conversando sobre espíritos.

Dou partida no carro e sigo meu caminho.



Capítulo 42

Ficar longe da Honna foi a coisa mais difícil que já fiz em toda minha vida. Mesmo conversando com ela tantas vezes quanto eu pudesse por dia, não eram suficientes. Eu queria tocar, sentir o cheiro, o sabor. É incrível como alguém, em tão pouco tempo, se torna o centro do seu Universo.

E depois dessa experiência de deixá-la em casa sozinha enquanto viajo a negócios, não sei se quero repetir o mesmo processo, ainda mais depois que soube que o Othon andou cercando-a como um urubu em torno da carniça. Quando a Honna me contou o que estava acontecendo, quase peguei o primeiro voo para Salvador. Fiquei espumando de raiva, só não fiz isso porque ela prometeu que teria uma conversa com ele e pediria que se afastasse, só que eu não tive paciência, pois não consegui dormir depois do que soube, por isso resolvi adiantar em algumas horas o meu retorno.

Faz uma hora que cheguei, e antes de ir para nosso quarto resolvi primeiro tomar um banho, afinal, após tantos dias longe um do outro, ela merece um homem cheiroso e com muito fogo. Não querendo acordá-la, pois minha intenção é fazer uma surpresa, já que ela me espera só à noite, decidi usar um dos quartos de hóspedes. Com a saudade que estou sentindo, se entrasse em nosso quarto não teria paciência de primeiro tomar um banho e só depois cair de pau na minha safadinha.

Envolvo meus quadris com a toalha e dou um nó. Escovo meus cabelos com os dedos, uso um pouco do perfume que ela tanto gosta e olho-me novamente no espelho.

Honna, já estamos prontos para você.

Abro a porta do quarto, deixando meu corpo contra a luz, não quero acordá-la. Entro lentamente e vejo que ela dorme enrolada em meu travesseiro, vestida em meu pijama. Acho que foi a forma que ela encontrou para me sentir dormindo ao seu lado. Fecho a porta com a chave, não querendo surpresas. Ela será toda minha o dia inteirinho. Dispo-me da toalha e o monstro do meu pau já está armado, com a cabeça vermelha apontada para cima, babando, a gosma descendo do pequeno orifício.

Antes de chegar perto da cama, limpo a garganta. Ela se move, vira-se de um lado, depois para o outro.

— Bom dia! — Atordoada com minha voz, se senta.

Sou um filho da mãe escroto. Estou nu, de pau duro e com a cara de um tarado louco. E logo a minha frente há um anjo com os cabelos desgrenhados, sentada, ainda de olhos semicerrados, e estou quase pulando em cima dela como um leão pula sobre sua presa.

— Hei, bom dia! — repito.

Dois olhos azuis penetrantes se fixam em mim, corre todo meu rosto, vai baixando e param no todo duro do meu pau safado. Ele só pode estar sorrindo como um cão raivoso do caralho, é um fodido e está doido para foder a amiguinha dele. Ela continua olhando para a porra do meu pau e os

meus olhos se fixam em seus mamilos ressaltados na camisa de seda do meu pijama.

— Você poderia fechar sua boca, amor? Você está quase babando, está se parecendo com ele. —

Aponto com o olhar na direção do meu membro, ela rapidamente ajeita a postura e fecha a boca, encarando-me.

— Lucca, você disse que vinha... — ela comenta enquanto pisca os olhos repetidas vezes, acho que pensa estar sonhando ou algo parecido

— Eu sei bem o que disse. E então, vai ficar aí me olhando? — eu pergunto,

girando os quadris para um lado e para o outro, fazendo meu pau balançar, se exibindo para ela.

— Por Deus, Lucca! Eu quase morri de saudade desse seu tom debochado.

E eu quase matei alguns gringos só de pensar que estava lá com eles e não aqui com você.

Ela desce da cama e corre para os meus braços. Suas pernas abertas envolvem meus quadris, e bem no meio, está ele...

Meu pau babão.

— E eu quase comento um homicídio, amor. — Antes de ela falar, roubo sua boca, chupando sua língua doce e suculenta. — Caralho, você me enfeitiçou, sabia? — Mordo seu lábio inferior e movo minhas pernas em direção à cama, com ela enganchada em mim.

— Lucca, eu o amo tanto. — Não sei bem se é fome, sede, fogo, desejo, saudade, acho que é tudo junto e misturado. Ela me enlouquece e o meu corpo sente necessidade do dela.

— Feiticeira linda. Meu cacete não aguentava mais meus dedos, acho que se ficasse mais um dia o coitado seria esfolado de tanta punheta.

Jogo-a na cama, e antes que ela respire, puxo a calça do pijama, a calcinha, e por último rasgo com brutalidade a camisa de seda.

— Caralho, amor! *Pra* que tanta roupa? — Empurro-a no colchão quando ela tenta segurar meus ombros. — Sinto muito, amor, mas o primeiro round é meu, depois serei só seu.

Estou faminto, meu pau está louco, então eu preciso só me enfiar nela e bater forte, até escutar seus gritos desesperados enquanto minha porra enche seu canal.

Jogo-me por entre suas pernas e a penetro de uma só vez.

— Lucca, por Deus! — ela grita e ofega quando sente o primeiro impacto da minha estocada. —

Lucca, isso tudo é fome?

Ela não viu nada, não estou só com fome, estou é fodido de tesão.

— Uhum! — Seguro seus braços acima de sua cabeça enquanto empurro tudo. Entro e saio com força. — Gostoso *pra* cacete, amor! — Inclino minha cabeça em direção aos seus seios, e enquanto aumento a intensidade de minhas estocadas, chupo os biquinhos durinhos, mordendo-os, lambendo-os. — Caralho! Boceta apertada da porra. Oh, delícia...

— Mais forte, amor. — Por um segundo a encaro. Ela disse isso mesmo? Não, vou esperar um segundo pedido. Meto com mais força e quando estou todo enfiado, rebolo dentro dela. — Mais, Lucca! — Sorrio feito um depravado. Entrelaço meus dedos em seus cabelos e puxo-os, levantando

sua cabeça, fazendo-a me encarar.

— Caralho, amor, quanta selvageria! Gosto disso, safadinha. É forte que quer? Então tome. —

Digo, quase sem fôlego. Ela morde os lábios e me puxa para um beijo depravado do cacete, língua brigando com língua, o duelo é tão intenso que babo.

— Amo você, tarado. — Ela arqueia o quadril e eu enfio com mais força. — Tarado gostoso. —

Ela quer me provocar. — Depravado. — Sim, ela quer meu lado insaciável.

— Sou... e você gosta? — Sorri e faz uma careta quando estoco com mais força. — Assim?

Quer assim? — Ela abre e fecha os olhos, oferecendo-me os seios. — Safada filha da mãe! Quer que eu mame *eles*, não é?

Estoco outra vez, ela ofega e eu abocanho um seio, sorvendo-o.

— Lucca! — Seus braços me puxam, e assim juntamos nossos corpos. — Amor, eu...

Eu sei, ela está na borda e eu também.

— Porra! — grunho. Ela aperta os braços em volta dos meus ombros, soltando um gemido prazeroso lindo de se ouvir, e eu jorro meu prazer dentro dela enquanto meu corpo se sacode com espasmos duros.

Ficamos presos em nosso abraço, esperando nossos corações se acalmarem e a respiração voltar ao normal. E quando eu a sinto se mover por baixo de mim, levanto-me rapidamente e a pego em meus braços.

— Lucca! — Honna exclama.

Ela ainda não se acostumou com meu novo eu. Desde que me recuperei totalmente, não a deixo pôr os pés no chão, é sempre assim após fazermos amor. Eu a pego nos braços e vamos para o banho.

— Banho e amor, amor e banho, safada do caralho. — Digo, com aquele olhar de advertência e ela cora. Ligo a ducha e entramos, os jatos grossos da água relaxam nossos corpos. Viro-a de costas para mim e ensaboo sua bunda, suas dobras, seus seios...

Porra! Meu pau endurece e eu flexiono um pouco os joelhos, o deixando entre as dobras dela.

Começo a roçar. Vai e vem, vai e vem... Caralho! O fogo sobe, tanto o meu quanto o dela.

— Lucca, mais, quero mais. Mete em mim, de vez, amor. Com força, do jeitinho que você fez quando chegou...

Ela empina a bunda, empurrando-me, forçando meu pau duro contra sua entrada enrugada.

Honna tem mesmo a intenção de me enlouquecer. Anal? Não sei se é uma boa ideia, principalmente sendo sua primeira vez.

— Só a cabecinha, amor. Anal é dolorido na primeira vez.

A porra do homem das cavernas incorpora. Eu quero é enfiar tudo, faz tempo que não como um cuzinho, aliás, nunca comi um cu virgem. Bate o medo de machucá-la e ao mesmo tempo a vontade de me enfiar naquele buraco virgem como um cão no cio.

— Eu quero, Lucca. Me come aí também. — Essa bunda redonda roçando no escroto do meu pau, e a voz manhosa carregada de desejo, atiçando o vagabundo do dono dele.

Oh, Deus! Faz isso não...

— Amor, se doer, afaste-me com força. Aqui no banheiro não tem um gel lubrificante, então vou usar sabonete.

Ensaboo meu membro, deixando-o com bastante espuma. Seguro-a pela cintura e inclino um pouco seu corpo para frente.

— Honna, primeiro vou lubrificar aqui. — Toco seu buraquinho apertadinho. — Com meus dedos. Quero sentir o quanto posso ir fundo.

— Uhum! — ela murmura e tenho até dó, porque não tem noção da dor que vai sentir. No entanto, meu lado escroto vence, eu quero muito fazer isso.

Meu dedo vai ralando em suas preguinhas e logo ele some dentro do seu buraquinho, depois enfio outro. Ela solta um gemido e rebola, movendo o quadril para frente e para trás. Caralho! Ela está gostando. Introduzo três dedos, ela contrai o ânus.

— Tudo bem, amor? — Não sei se conseguirei parar quando estiver aqui dentro.

— Estou bem. — Ela vira a cabeça e eu a beijo, e enquanto a minha língua a distrai, movo meus dedos rapidamente. — Oh, Deus! Isso é bom, é muito bom...

Ah, caralho! Já estou com ciúmes dos meus dedos.

— Vou comer você agora, safada. — Sussurro em seu ouvido e chupo o lóbulo de sua orelha, lambendo o rosto dela logo em seguida. Miro a cabeça do meu membro em seu buraquinho apertadinho e aos poucos vou empurrando. — *Tá* gostoso, safadinha? Esse seu cuzinho agora é meu também.

— Uhum. É sim, amor, todinho seu. — Ela quer tanto quanto eu, não está com medo, tampouco com receio, ela quer se entregar ao prazer desconhecido. — Mais, Lucca.

A cabeça já passou e eu sei que está doendo, pois sinto a contração do seu ânus

em torno do meu pau, mas ela não reclama, sequer se afasta, pelo contrário, empina mais a bunda para me receber.

— Amor, você é foda *pra* caralho! — Enfio tudo. Ela solta um grito e eu paro. — Mexa você, meu amor, faça no seu tempo. — Estou quase no fundo do abismo de tanto tesão, minha vontade é entrar e sair, mas é a primeira vez dela, que é a atriz principal do espetáculo.

— Lucca... — Deus! Ela me olha por cima do ombro, é a mulher mais linda do mundo, os olhos brilhando de desejo, a boca semiaberta... Não resisto, beijo seus lábios deliciosos. — Foda-me, Lucca. — Ela diz sem afastar a boca da minha e eu a fodo. Lento e duro, e não demora para o êxtase extravasar nossos corpos, o frisson arrebentando cada pelo de nossa pele.

Eu a aperto contra meu peito e bombeio, jorrando meu esperma dentro dela e ela soltando gemidos orgásticos violentos. É necessário segurá-la, mesmo que minhas pernas estejam como espaguetes bem cozidos. Eu me afasto e a viro de frente para mim. Beijo-a com paixão avassaladora.

— Você nasceu para ser minha, sabia? — Nós dois estamos ofegantes, mas eu consigo verbalizar as palavras.

Depois de tanto amor, só conseguimos chegar à cama e nos embrulharmos um no outro, nossos corpos precisam de um pouco de fôlego, afinal, o dia apenas está começando e a noite é uma criança,



mas amanhã é nosso grande dia.

O Grande dia...

Não sei como a Honna e eu conseguimos sair do quarto. Na verdade, eu sei, ela foi praticamente arrancada dos meus braços, mas tudo bem, foi por um bom motivo. Mesmo assim foi difícil. A saudade não foi pequena, era como se não nos víssemos há muito tempo, não saímos um de perto do outro nem por um segundo e foi preciso um esforço incomum para deixá-la ir até o quarto ao lado, onde nesse exato momento está experimentando o vestido de noiva.

Em algumas horas estaremos, finalmente, nos casando.

Só o que me resta é tomar meu café da manhã e ficar longe da minha futura esposa. Hoje é o seu dia de noiva e só a verei no altar, no jardim da mansão.

— Posso entrar? — Viro a cabeça em direção à porta e sorrio para o homem que é meu exemplo de vida em todos os sentidos.

— Claro, papai. Veio me fazer companhia? Fui abandonado por minha noiva, que me deixou sozinho e morto de saudade. — Faço drama. Aliás, me tornei um dramático, principalmente quando o assunto é a Honna.

— Nossa! Quanto drama! Sua noiva está no quarto ao lado, é só bater que a encontrará lá, mas eu duvido que a mulherada o deixe sequer esticar a cabeça através da porta. Não basta ter escolhido o vestido da noiva, também quer vê-la vestida antes do casamento?

Ele estende a mão e a pego, recebendo seu carinho amoroso, e logo ela acaricia meu rosto.

— Não entendo por que não posso. Se já fiz a escolha de tudo, qual o problema de ela se vestir em minha frente?

— Lucca, filho, quando foi que você se transformou neste homem tão possessivo? Deixe a Honna curtir um pouco do momento dela. Fique tranquilo, ela está se divertindo.

Já ia argumentar quando meu celular vibra sobre a mesa. Atendo.

— Amor, amor, amor! Ele é lindo, lindo! E você mandou acrescentar flores, ficou perfeito, é o vestido de noiva mais lindo do mundo! Eu amei, amei! Oh, Lucca, eu o amo tanto...

Ela começa a chorar, e a cada segundo seus soluços aumentam.

— Quer saber? Que se foda, eu vou aí!

Levanto-me e saio levando cadeira, tapete e o que encontro pela frente. Papai até tenta me impedir, mas não lhe dou ouvidos, escancaro a porta do quarto e em menos de um minuto estou batendo na porta do quarto de hóspede.

— Lucca, não faça isso, elas não deixarão você entrar.

Eu meto o pé nesta porra se não me deixarem entrar.

— Honna, amor, abra. Eu *tô* aqui, Honna.

— Lucca! — ela diz meu nome entre soluços, isso me mata.

— Amor, não chore, estou aqui. Abra a porta, vem cá.

— Não posso. Você não pode me ver vestida, a estilista disse que não pode.

— O caralho que eu não posso! Abram essa porra de porta, ou meterei o pé nela. — Exaspero.

— Lucca, pelo amor de Deus, volte para o quarto, ela ficará bem.

Papai tenta me afastar da porta. Não quero machucá-lo, por isso não o empurro. No entanto, meus punhos cerrados batem fortemente na madeira da porta e no terceiro murro ela se abre, então uma moça linda, toda enrolada em um edredom, com os olhos vermelhos de tanto chorar, surge diante dos meus olhos e eu a puxo para meu peito, abraçando-a apertado.

— Amor, não chore, estou aqui. — Seguro os dois lados do seu rosto com as palmas das minhas mãos e beijo seus lábios, em seguida todo seu rosto, enxugando suas lágrimas com meus beijos.

— Lucca, desculpe-me, é que sou sensível demais, e quando escutei sua voz vieram todos os momentos que vivemos juntos, o dia que o conheci, o dia em que você acordou do coma, e bateu um medo tão intenso de perder você... Não sei explicar, mas fiquei com medo.

— Shhh, eu estou aqui, nada no mundo vai me tirar de você, não fique assim.

Abraço seu corpo outra vez, acariciando suas costas como se esse gesto fosse afastar os medos dela. Não sei se isso vai funcionar, porque comigo não está funcionando, meu coração parece um trem bala, e para piorar tudo, estou tendo aquela sensação esquisita de que algo muito ruim irá acontecer.

— Lucca, deixe-a ir, filho. Solte-a. — Simplesmente não posso, é como se

deixasse isso acontecer, ela pudesse nunca mais voltar para os meus braços. — Lucca, se você quiser se casar, terá de deixá-la se preparar para a cerimônia.

— E precisa? — Encaro meu velho. — Chame o juiz e nos casamos agora, não quero mais cerimônia.

— Lucca... — Honna segura meu queixo e eu encaro seus olhos lindos. — Mas eu quero. Agora que vi o vestido, quero muito mostrá-lo a você no meu corpo.

— Mostre agora e nos casamos aqui mesmo.

— Não, eu quero tudo que você preparou para mim. Estou bem, foi só a emoção, mas já passou.

Não, não passou, porque quem está com medo agora sou eu.

— Lucca, deixe-a ir, ou chamarei os seguranças para levá-lo à força para seu quarto. Onde já se viu isso? — Eu sei que papai fará isso, então dou um sorriso amigável enquanto pisco os olhos.

— Desculpe, amor, estou fodido de saudade, mas se precisar de mim, me ligue. — Beijo-a novamente, desta vez um beijo intenso *pra* cacete.

Volto para o quarto. Sento-me outra vez na mesma cadeira, próximo à varanda, e de lá posso observar o movimento dos funcionários da empresa responsável por toda a organização da cerimônia. Entre os meus e os da Honna, são mais ou menos cem convidados. Mais convidados meus do que dela, o que significa que ela falou sério quando disse que não tinha amigos, pois os convidados de sua lista foram todos dos pais dela, com exceção da Emília, do Carlos e seus amigos do centro espírita, que agora são meus também. Só tínhamos em comum o Otávio e o Beto, este pediu para acrescentar a namorada. Enfim, resolvemos fazer uma cerimônia simples, pois o espiritismo prega a humildade e caridade, focando sempre no amor e nos laços de outras vidas. Sendo assim, o

mais importante é a alegria e a nossa celebração, amigos e familiares presentes e evitando desperdícios.

— Está ficando lindo, não é mesmo? — papai articula enquanto nos serve café. Ele está de pé e vez ou outra olha o movimento lá embaixo.

— Está sim. As flores brancas fazem parecer que estamos no céu. — Escolhi copos de leite e jasmim. — Quando a Honna surgir no início do tapete, ela ficará parecendo um anjo.

— E por falar nisso, os pais da Honna são estranhos. Eu só os vi no dia do noivado, os convidei várias vezes para virem jantar e passar os finais de semana aqui conosco, eles agradeceram, mas nunca vieram. A Honna não se dá bem com os pais?

Eu sabia que cedo ou tarde papai me faria esta pergunta, o conheço e sei como ele valoriza a união da família. Mas não posso dizer que os pais da Honna sejam um exemplo de amor familiar.

— Ao contrário, papai, são os pais dela que não se dão bem com ela. Eles não aceitam que ela seja espírita. Acreditam que a Honna seja amaldiçoada e talvez carregue dentro dela um demônio, pelo menos é isso que eu penso, pois a Honna me contou que quando ela aceitou a mediunidade, os pais lhe viraram as costas. Eles continuaram falando com ela, mas só o necessário, e ela acha até que eles deram graças a Deus quando veio trabalhar aqui. Honna diz que não se importa, mas eu sei que isso a machuca. Seus próprios pais pensarem que ela é maluca, ou pior, está possuída por espírito ruim? Qual filho não ficaria triste com isso?

— Jesus, Lucca! Os pais dela vão vir para o casamento ou não vão? Porque se for o caso, eu a levo até o altar.

Se eles não viessem, eu mesmo iria buscá-los, e o pai querendo ou não, iria levá-la para mim.

Ninguém magoaria a Honna, nem os pais.

— Claro que irão vir. Eu mesmo me encarreguei disso. Avisei que se eles fizessem a Honna derramar apenas uma lágrima, eu os faria se arrepender.

Papai solta uma gargalhada.

— O velho Aphonso deve ter arregalado aqueles olhos azuis de susto. Eu queria ter visto a cena.

— E a Beatriz? Começou a gaguejar, dizendo que era o sonho da vida dela ver a filha se casar.

A mulher quase perdeu a voz.

Papai morde uma fatia de bolo e se senta, servindo-se de mais uma xícara de café.

— Sabe quem está grávida? — Cruza a perna e me encara.

— Não faço ideia. — E não faço mesmo.

— Suzanne. — Cuspo todo o suco que acabara de beber. — Jesus! Coitada desta criança. E

quem é o pai?

— Lucca, não criei um filho malicioso. O pai é o Othon.

— Então ele deve estar a esta hora, bem longe do Brasil. — digo com ironia.

— Engano seu. Ele me surpreendeu, sabia? Eu já estava esperando o término do relacionamento com a Suzanne, não via mais sentimentos, pelo menos nele, mas quando ele veio me contar ontem que

seria pai, fiquei surpreso em saber que ele resolveu assumir a criança e a Suzanne. Eles vão se casar mês que vem.

Surpreso fico eu. Primeiro porque estava desconfiado de que ele estava flertando com a Honna.

Quando ela me contou que o Othon estava agindo de forma estranha com ela, a cercando por todos os lados, quase peguei o primeiro avião só para amassar aquela cara cínica com meu punho fechado. Se ele achava que faria com a Honna o mesmo que fez com Suzanne, estava muito enganado. Honna não é da mesma laia daquela vadia filha da puta. Agora, assumir um filho e, não bastando isso, se casar, é uma novidade e tanto. A não ser que ele esteja fazendo isso só para me imitar, já que ele sempre vive atrás de mim feito uma sombra.

Ainda desconfio que tenha dedo dele no meu atentado. Tenho quase certeza de que ele está envolvido.

— Jura, pai? Não é só para comovê-lo, ou convencê-lo de que ele agora é uma

boa pessoa? O

Othon não me engana, para mim ele é um cínico filho da mãe, um aproveitador, e não é tão melhor quanto o pai, é igual ou pior, manipulador do caralho. Eu o quero bem longe de mim e da Honna.

— Lucca, você precisa aprender a perdoar, filho.

— Perdoar o Othon? Nunca! O que ele fez comigo não tem perdão. Ele só precisa ficar bem distante de mim.

— Filho, o perdão é essencial para se viver em paz, ainda mais agora que você está mudando completamente sua vida. A doutrina espírita nos ensina que sem caridade não há salvação, e o perdão faz parte da caridade.

De certa forma papai tem razão, mas ainda não posso me considerar um espírita. Estou frequentando as reuniões, não só eu, ele também, mas estamos estudando a doutrina, participamos de grupos e todos os sábados vamos às palestras, como também aos domingos fazemos o evangelho no lar. Convidamos todos os nossos empregados a participar e os que querem comparecem.

— Eu sei, papai, mas ainda sou uma lagarta, vai demorar um pouco para a metamorfose. Estou caminhando para isso, e enquanto não acontece, sem perdão para o Othon.

— Ok, então vamos mudar de assunto. — Ele percebe que vez ou outra meus olhos miram o celular, é a vontade de ligar para Honna. — Como vai a obra no centro? O Carlos me contou que você resolveu construir, além da escola, um centro médico? Achei ótima a ideia! Tanto achei que resolvi me envolver também, convidei um amigo construtor e com a ajuda do Carlos vamos abrir uma espécie de filial do centro espírita em outro bairro da periferia, e faremos o mesmo que estão fazendo no CENBJ.

Esta é a melhor notícia do dia.

— Jura, velho? Porra, papai, formidável! Que bom que se uniu a mim. Estou tão empolgado com os projetos, sinto que posso ajudar tantas crianças, adolescentes e jovens. Já mandei abrir vagas para estágios remunerados nas nossas indústrias só para candidatos da comunidade. Sabe, papai, eu nunca me senti assim, é como se eu tivesse nascido para ajudar aquelas pessoas, e quanto mais eu faço, mais

ideias vêm em minha cabeça.

E é verdade, sinto como se algum dia eu já tivesse feito tudo isso, mas em outro lugar, e é uma

sensação boa de se ter.

— Sabia que a Honna vai cursar medicina? — conto, e papai me encara, surpreso. — Pois é, ela quer se especializar em psiquiatria, e com a construção do centro médico, será muito útil para a comunidade. Estou tão orgulhoso dela...

— E eu de você. — Ele diz. — Se sua mãe estivesse entre nós, ela estaria muito feliz também.

Mas agora que eu sei que a morte é só uma passagem, tenho certeza de que ela está muito feliz com o filho que ajudou a trazer à Terra.

— Espero um dia receber um recado dela, pai. A Honna disse que, se a espiritualidade permitir, ela se comunicará.

Alguém bate à porta e nossa conversa é interrompida.

— A porta está destrancada, pode entrar. — Eu digo.

— Senhor Felipo, estão chamando os senhores lá embaixo, é sobre o buffet.

E assim acaba o nosso descanso. Papai e eu descemos, mas antes olho no relógio de pulso e começo a contar as horas. Exatamente às dezoito horas estarei no altar repleto de flores brancas, afirmando diante dos homens e diante de Deus, o meu amor pela Honna.



Capítulo 43

O Casamento...

O dia se arrastou como um aleijado sem as pernas e os braços, quase entrei em parafuso, pois papai me cercou por todos os lados, mantendo-me afastado do primeiro andar de nossa casa. A cada puxada de respiração eu pensava nela, como um viciado em abstinência. Não foi fácil segurar meu ímpeto de fugir dos olhos do senhor Felipo e ir roubar a Honna daquele quarto. Mas, finalmente, chegou à noite, e cá estou diante do altar, esperando-a.

— Nossa, como o noivo está belo! — Emília me abraça, em seguida beija meu rosto, e Carlos dá alguns tapas em minhas costas.

— Calma, rapaz, a noiva não vai fugir.

Ele percebe meu nervosismo, estou tremendo, acho até que todos os convidados que estão sentados já perceberam isso.

— Já repeti esta mesma frase um trilhão de vezes, Carlos, mas não adianta. Temo que antes que a noiva aponte entre as flores, ele já esteja caído no chão.

— Papai, não brinque com coisa séria. — Ralho com ele. Estou só tremores, suores, e meu coração parece que vai explodir. — E se ela desistir? E se ela de repente chegar à conclusão de que não sou o homem certo? Ela desistiu, não foi? Vocês só não têm coragem de me dizer...

— Minha nossa, Lucca, se acalme! Eu vou lá ver como minha amiga está, já, já eu volto.

Emília segura o vestido entre as pernas para não tropeçar. Ele é tão justo e longo que eu nem sei como ela consegue andar com aquilo. Vejo-a desaparecer entre os arranjos de flores.

— Respira, filho, a Honna não vai fugir e não tem nem como, se isso acontecesse já teriam nos avisado. É normal a noiva se atrasar.

— Foi por isso que aceitei me casar aqui, para evitar atrasos, mas acho que não deu muito certo.

— Ajeito o nó da gravata. — Quer saber? Eu vou lá.

— Não vai, não — Carlos e papai falam ao mesmo tempo, meu velho segurando em meu braço.

— Quer ficar calmo? Meu Deus! Lucca, até eu já estou ficando aflito. Não com a Honna, mas com o seu nervosismo. E por falar em atrasos, onde estão os pais dela?

Por que meu pai perguntou isso?

Fico mais nervoso. E se os pais dela, de alguma forma, a convenceram a não se casar mais? Eu preciso ir até ela, preciso saber o motivo do atraso.

E quando já estou com um pé na frente do outro, meus olhos se arregalam quando a vejo entre os enormes arranjos de copos de leite. Ela parece uma miragem entre tanto branco. Usa um lindo vestido branco, esvoaçante, salpicado por flores de tecido, com miolos com pequenos cristais, o corte imperial a deixa parecendo uma virgem da Roma antiga, os cabelos trançados com várias flores brancas entre elas dão-lhe um ar de uma linda princesa africana. Em suas mãos um arranjo de copos de leite e os pés descalços vão em breve pisar nas pétalas de rosas brancas, tudo ideia minha. Não sei explicar, mas eu só conseguia vê-la assim em nosso casamento. A música *Only Time*, Enya, começa a tocar, e o meu coração se enche de felicidade.

Ela sorri, sorri para mim, as lágrimas saltam dos meus olhos e quando Aphonso começa a guiá-

la até mim, meus soluços são audíveis. Nunca vi algo tão lindo quanto ela, não resisto e caio de joelhos, unindo minhas mãos. Fecho meus olhos e faço uma prece, agradecendo ao Universo e a todas as forças que me uniram a algo tão puro e belo. E toda essa beleza pueril me deixa em êxtase, e diante de minha visão, tudo de repente se ilumina. Não é algo que os outros possam ver, mas eu posso. Um grito ecoa mudamente dentro de mim, como se fosse um alívio, um alívio de finalmente estarmos juntos.

Ela chega até mim, abro os olhos e ergo minha cabeça. Ela também chora, talvez sinta o mesmo que eu. Estou de joelhos diante dela, admirando a mulher que será minha por todo o sempre.

Construiremos um lar, teremos filhos e traremos felicidade para aqueles que nos cercam. Seguro sua mão e a levo aos meus lábios. Beijo e a acaricio com meu rosto molhado por minhas lágrimas. Ela faz o mesmo e movendo apenas os lábios diz que me ama, repito o gesto.

Levanto-me, beijo sua testa e juntos seguimos para o altar. Paramos diante do Juiz e ao lado dele está o Carlos, que no final dirá algumas palavras. Todos se sentam e o Juiz dá início à cerimônia.

Depois de um tempo, ele me pergunta se aceito me unir a Honna, o que para mim é um desperdício.

Se estou aqui, todo empacotado para presente e ela vestida como uma fada, a resposta é única: sim!

Mesmo achando desnecessário ter que dar essa resposta, pois está escrito em minha cara, respondo:

— Sim.

A mesma pergunta é repetida para Honna, e ela que não é besta em brincar com meus sentimentos, pois caso resolvesse fazer isso, seria viúva antes mesmo de se casar, responde:

— Sim.

Trocamos as alianças, escrevemos nossos nomes no livro, nos beijamos e finalmente o juiz diz as palavras mais esperadas por nós.

— De acordo com a vontade que ambos acabam de afirmar perante a mim, de vos receberdes por marido e mulher, eu, em nome da lei, vos declaro casados.

Caralho, eu quase me caguei nas calças de tão nervoso que estava! E quando escuto isso, quase grito, mas faço pior, eu a pego nos braços e rodopio em volta de mim mesmo, gritando:

— Finalmente, agora você é minha, perante a lei dos homens e de Deus.

Eu sei que foi bobo, pois apesar de pouco tempo estudando a doutrina espírita, eu sei que para os espíritas não é necessária uma cerimônia para oficializar a união de duas pessoas, pois Deus já abençoa o casal, pelo amor, quando ele é verdadeiro todos os dias.

Refeito do meu entusiasmo, apertamos a mão do juiz e ele dá lugar ao Carlos. Ele hoje será nosso palestrante.

Carlos não quis ficar atrás da mesa, sequestrou o microfone e veio para perto de nós, ficando entre a Honna e eu. Limpa a garganta, fecha os olhos, baixa a cabeça e faz uma prece silenciosa.

Fazemos o mesmo.

— Meus queridos amigos e irmãos, serei breve, pois não tenho muito a dizer neste momento, o

casal em si já nos diz tudo, não é mesmo? Mas, mesmo assim, este momento tão lindo e intenso não poderia passar em branco por todos nós, e por que não celebrar com uma cerimônia especial? Alguns aqui presentes já sabem que a noiva, nossa Honna, segue a doutrina espírita, e quem já é adepto ao espiritismo, acredita em Jesus como o Messias, porém, não da mesma maneira que o catolicismo, protestantismo e os evangélicos. Para os espíritas, as almas reencarnam e existe um plano além do material. Por isso, segundo a doutrina espírita, o casamento nada mais é do que a união de duas almas. Sendo assim, não há a necessidade de um ritual ou sacramento que sele o amor dos noivos.

Para os princípios espíritas, a verdadeira união é a união da alma, a união do amor. Mesmo assim, como disse antes, é sempre louvável celebrar o amor, e eu tenho certeza de que o amor dos nubentes não aconteceu hoje, nem ontem, vem de muitos e muitos tempos. Eles estão entrelaçados por séculos e séculos, e

quando o amor vem de outras vidas a cumplicidade é muito maior, a responsabilidade triplica, e o amor se torna um oceano de águas profundas e calmas.

Neste momento eu percebo a voz do Carlos mudar, e depois de escutar da Honna que os espíritos superiores se comunicam, muitas das vezes, através da voz do médium, eu tenho a certeza de que alguém muito especial está presente, nos saudando com sua presença espiritual.

— Meus filhos amados, chegou o grande dia, e é a partir daqui que a promessa que foi feita no outro plano, será finalmente concretizada. Não pense que será fácil a vossa caminhada, os espinhos e as pedras vos esperam, mas vocês têm um ao outro e isso será o bálsamo de tudo o que vir. O amor, a fé, a esperança, a caridade dos vossos corações, serão suas armas. Amem-se, respeitem-se, perdoem-se, pois ninguém é perfeito nesta terra. Fiquem em paz, meus filhos e queridos irmãos.

Todos nós respondemos:

— Que assim seja.

— Bem, meus amigos antes de terminarmos, quero lembrar daqueles que fizeram parte da vida deste jovem casal e que não se encontram fisicamente nesta cerimônia, mas que acreditando em sua presença espiritual, se fazem presentes em nossos corações. Lembramo-nos com especial saudade de dona Genoveva, avó de Honna, e da amada esposa do senhor Felipo, Bárbara, mãe do Lucca, a quem os noivos sempre dedicarão parte de sua felicidade. Agora, peço a todos aqui presentes, a gentileza de se levantarem e erguerem suas mãos, mentalizando Jesus e pedindo que cada dia deste casal seja abençoado por Deus nosso pai. Então vamos juntos fazer a prece que Jesus nos ensinou, para harmonizar sempre estes votos.

“Pai nosso que estais nos céus, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra como nos céus, o pão nosso de cada dia nos daí hoje, perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido, e não nos deixeis cair em tentação, mas, livra-nos de todo o mal, pois teu é o reino, o poder e a glória, para todo o sempre, que assim seja, graças a Deus!”

Após o término do momento espiritual. as pessoas se levantam de suas cadeiras e

vêm, perfiladas, nos cumprimentar. Carlos é um dos primeiros a nos abraçar, em seguida Emília, meu pai, Ruth, e todos os outros convidados.

Já estou começando a ficar cansado de sorrisos e apertos de mão. Eu quero mesmo é pegar minha mulher e fugir daqui, de preferência para o nosso quarto. É justo que nossa primeira foda após

casados seja em nossa cama, nada de hotel. A cama na qual vamos dividir noites e noites de muita sacanagem tem que ser a primeira, mas pelo andar da caminhada eu terei sorte de foder minha esposa no hotel, pois acho que a noite será longa e cansativa.

— Venham, o fotógrafo está esperando para cortar o bolo e depois a dança, depois a Honna precisa posar para ele...

— Hei, pode parar! A Honna não vai posar *pra* ninguém. — O homem das cavernas, possessivo do caralho, dá o sinal da graça. — Nem fodendo. Se ele quer pose da minha mulher, eu terei que estar presente. A porra que ela vai sozinha!

— Puta merda! Você é ciumento de verdade. Eu não acreditei quando a Honna me contou.

Olho para a carinha de inocente da minha mulher, e ela dá de ombros, sorrindo como se dissesse

“não tenho nada a ver com isso”.

Cortamos o bolo, dançamos, e eu a levo para a sessão de fotos com o tal do fotógrafo, ficando o tempo todo ao lado dela, sorrindo e de olho em cada gesto do cidadão, que está tocando nela mais do que o necessário. Já estou a ponto de perguntar se há necessidade de ficar mexendo nas tranças, no vestido, no queixo. Acho que ele percebeu que estou ficando puto, então me chama para tirar as últimas fotos e eu vou. Juro que adoro fazer isso, pois os beijos e os olhares me deixam duro de tesão. Enfim acaba e o sujeito vai registrar os momentos dos convidados, então finalmente eu posso ficar com a Honna.

— Já te disse como está linda? — sussurro no seu ouvido.

É incontrolável, não consigo desviar os olhos da minha linda esposa desde o

início da cerimônia.

— Você também está parecendo um CEO todo fodão nessa roupa super sexy. Já estou visualizando como me livrarei de cada peça quando estivermos a sós.

Ah, querida, não brinca assim com meu pau. Ele já anda todo carente, sentindo falta da amiguinha dele, e você vem com conversas melosas? Quer me foder de vez.

— Que tal uma amostra grátis? Vamos lá no banheiro e eu deixo você abrir meu zíper e depois se livrar da calcinha, então se senta nele, juro que será rapidinho.

Ela ri alto.

— Meu Deus, Lucca! Nem no nosso casamento você consegue não pensar em sacanagem?

Ela olha para a frente da minha calça.

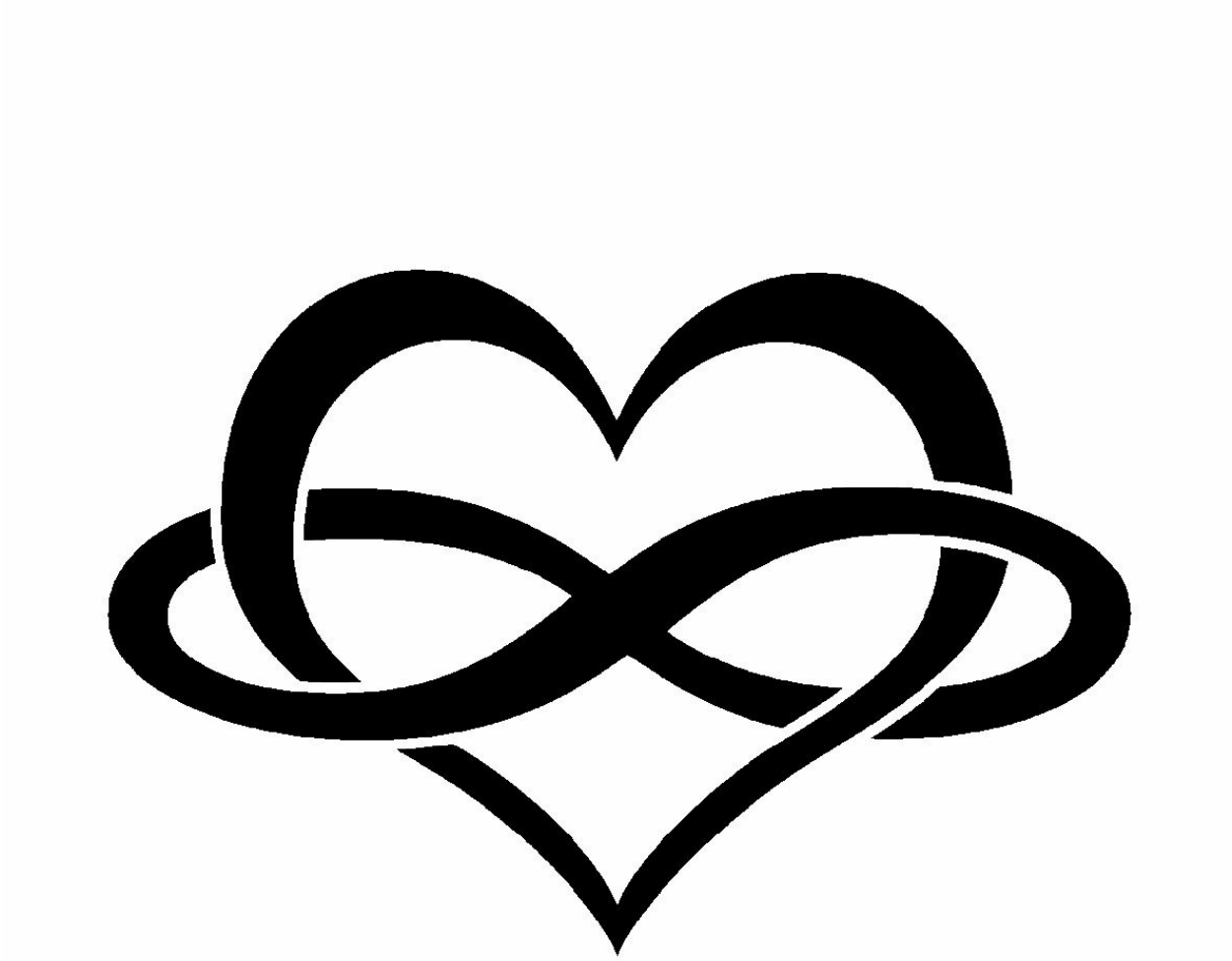
O que eu fiz? Só completei o pensamento dela.

— Foi você quem começou, eu até que estava me comportando. — Meus olhos baixam, mirando o zíper. — Você levantou, tem que abaixar. Bora logo no banheiro resolver esse problema, estou de barraca armada.

— Cristo! Casei-me com um tarado incorrigível. Ok, vamos lá!

— Ah, safada, era só charme... Você quer chupar a bala com papel e tudo.

Ela pisca o olho, segura minha mão e sai me puxando apressadamente, eu todo entusiasmado e o





filho da puta do meu pau mais duro do que uma barra de ferro.

— Hei, onde vocês pensam que vão? — Merda! Foi a rapidinha mais rápida da história, nem meti e já saiu. A Emília nos interpela no meio do caminho. Empata foda do caralho. — Lucca, preciso da Honna, hora do buquê. A mulherada está esperando.

— Desculpa, amor. Isso ficará para depois. — A ordinária olha para a frente da minha calça mais uma vez, pisca o olho e vai embora sorrindo.

— Aguarde-me, Honna Stein, o que é seu está guardado. — Aponto para o meu pau e ela dá um tchauzinho.

Fui pego pelo Carlos e levado para o brinde. Nem sei quantas taças de champanhe bebi, quantos uísques engoli e quantas tulipas de chopp virei na boca, só sei que quando eu parei para respirar, tudo girava.

— Cadê a Honna? — pergunto ao meu pai quando ele chega perto de mim.

— Foi trocar a roupa. Se esqueceu do horário do seu voo? Everaldo já está esperando vocês, acho melhor se apressar.

E eu tinha me esquecido completamente, mesmo. Entrego a taça para o papai e corro para a mansão.

— Oh, amiga, esse vestido é lindo demais! E pensar que foi o Lucca quem escolheu... — Emília diz, emocionada, enquanto baixa o zíper do meu vestido. — Você imaginava que um dia se casaria com um homem milionário e super apaixonado?

— Eu não me imaginava namorando um, muito menos me casando. Nunca pensei sobre isso.

Qual homem em sã consciência que se casaria com uma esquisita, e que além disso fala como os mortos? — indago e começo a me livrar das flores do meu cabelo, Emília continua me ajudando.

— Qual homem? — ela repete e começa a me pentear. — O Lucca. Para uma mulher especial, um homem especial. Tinha que ser ele, concorda?

Ela tem razão, meu marido é um homem especial, pois não me julgou, não me olhou como se eu fosse uma aberração, e como se não bastasse, ele abraçou

minha crença.

— Pois é, o Lucca é mais do que especial, e eu o amo tanto... — vocifero de felicidade.

— Amém, amiga. — Emília junta as mãos e olha para cima. Prendo meu cabelo em um rabo de cavalo e começo a me vestir. Escolhi uma calça de alfaiataria, uma blusa de seda branca e um casaquinho de tricô, bege. — E o Othon, eu não o vi na recepção? Você contou para o Lucca o que aconteceu?

— Nem a pau! Ficou louca? Se o Lucca souber que Othon se declarou para mim, certamente a

coisa ficará feia para o lado dele. Não quero ser a causadora de uma guerra entre famílias.

— Então, o que aconteceu?

— Eu só disse que o Othon estava ficando muito próximo de mim, então o Lucca pediu que eu desse um basta, ou ele mesmo faria isso, mas não foi necessário porque o próprio Othon fez isso.

Não entendi nada. Ele se confessou, disse estar apaixonado por mim e depois falou que ia se afastar.

Foi muito doido isso.

— Será que o Lucca ligou para ele e o ameaçou? O Lucca contou para o Carlos que ele tem quase certeza de que foi o Othon quem mandou matá-lo, só não tem como provar.

— Ah, Emília, não consigo ver o Othon como um assassino. Ele pode ser um cretino, egoísta, safado, até mau caráter, mas assassino, não. Sabia que até fiquei com pena dele quando ele disse que me amava, mas iria me deixar em paz? — Emília faz uma cara de incrédula. — Juro, acho o Othon tão triste... Não sei, Emília, mas eu o vejo sempre na sombra do Lucca. Ele nunca teve nada dele, tudo por culpa dos pais, que não deram o que ele precisava. Se o Othon precisava de amor, alimento, roupa, educação, brinquedos, e quando ficou adulto, a faculdade, o primeiro automóvel, eram os pais do Lucca quem dava. Até as namoradas ele usava as do Lucca.

— Deve ser por isso que ele planejou a morte do primo. Talvez pensasse que se o Lucca morresse, ele assumiria o lugar do primo, não acha?

— Não acho, Emília. Já disse, o Othon pode até ser ladrão, mas não o vejo planejando a morte do Lucca.

Eu me levanto rapidamente para pegar minha bolsa e esse gesto me deixa tonta. Seguro-me no ombro de Emília.

— Honna, o que foi? Você está bem?

De repente o quarto começa a girar e eu sinto um mal-estar. Sento-me, respiro fundo. Emília vai até o banheiro e volta com um copo com água.

— Beba isso. Nossa, você está pálida, deve ser o cansaço. Hoje o seu dia não foi fácil. Se alimentou direito?

— Não. Passei o dia inteiro enjoada, estava muito nervosa e ansiosa, mas já estou melhorando.

Emília, não conte para o Lucca, ele é capaz de cancelar nossa viagem de lua de mel.

— Pode deixar, mas se você não melhorar, é melhor procurar um médico.

Assinto.

Alguém bate na porta e ficamos caladas. Emília vai até lá e a abre.

— Vamos, Honna, ou perderemos nosso voo. — Lucca me chama e apressadamente me levanto.

Abraço minha amiga e aceito a mão estendida do Lucca.

Emília nos acompanha até o carro. Entramos no veículo e partimos para o aeroporto, finalmente estamos indo a caminho de São Paulo, e no dia seguinte seguiremos para o Caribe.



Capítulo 44

Uma coisa é certa, ela nasceu para ser minha.

Vê-la com a cabeça recostada em meu ombro, quieta, e sentir só seus dedos passearem delicadamente na pele de meu braço, para alguns é só um carinho, para mim é como se estivesse no paraíso.

Finalmente chegamos. Nos despedimos do Everaldo e entramos no aeroporto apressadamente, mas quando olho para os nomes luminosos dos voos, desacelero. Nosso voo está atrasado, então vamos fazer o *check-in* sem pressa. O alarme de celular atrás de mim soa, chamando minha atenção.

Nem vi quando Honna puxou a manga da minha camisa, e quando a encaro, ela está pálida, segurando meus braços como se fosse cair.

— Amor, o que foi? — Meus braços rapidamente puxam seu corpo de encontro ao meu. —

Querida, fale comigo. — Alguém atrás de mim avisa-me que é minha vez. Que se foda! Olho para a pessoa com um olhar assassino. — Só um minuto, cara! — digo-lhe enquanto olho com toda minha atenção para o rosto pálido da Honna.

— É sua vez. Se você não vai, saia da fila, meu amigo.

Seu amigo é o caralho! Ah, porra! Alguém não tem amor à vida. Volto meu olhar para o cidadão e desta vez o olhar assassino fala:

— Cara, se quer passar, esteja à vontade, só não me encha o saco. — Ele passa quase me levando junto. Saio da fila, ficar ali não adiantaria em nada. — Sente-se aqui, meu amor. Quer uma água?

— Não. Se eu beber qualquer líquido, ele voltará pelo mesmo lugar que entrou. Só quero ficar um pouco deitada no seu ombro. Vai passar, estou melhorando.

Olhando para ela, já vejo tudo. Não, ela não está melhorando. Toco o rosto dela com a palma da minha mão, está gelado, já vejo gotículas de suor em sua testa e ela continua pálida demais.

— Honna, o que está sentindo? Devo me preocupar?

— Estou tonta, enjoada e com dor de cabeça. — Ela deita a cabeça em meu colo. Put... merda, fodeu, agora é que não ficarei tranquilo.

— Será que foi algo que comeu? — A bem da verdade, eu não vi a Honna comendo nada durante nossa festa.

— Lucca, eu só comi um pedacinho do nosso bolo e bebi um gole de champanhe, e meu almoço foi frutas. Estava tão nervosa que perdi o apetite.

— Então deve ser isso, estômago vazio. Consegue ficar aqui sozinha enquanto vou comprar algo para você comer?

— Não! — Ela leva a mão à boca e faz uma cara esquisita como se fosse vomitar. — Não quero

comer, só preciso descansar um pouco.

Três minutos depois ela se senta, respirando fundo.

— Acho que podemos ir, já estou melhor. — Eu me levanto e a ajudo a se levantar, preocupado avalio seu rosto, que ainda está pálido, a pele ainda fria, não sei se é uma boa ideia ela andar. Ela segura minha mão e eu me viro, dando um passo à frente.

E nesse momento eu perco o chão.

Só escuto sua voz me chamando como se estivesse bem distante, e sua mão se

soltando da minha, alguém grita:

— Ela vai desmaiar...

Viro-me rapidamente e só dá tempo de segurá-la em meus braços, nós dois caímos.

— Alguém me ajude! — grito! Rapidamente a pego nos braços e me levanto, saio gritando, pedido ajuda, até que dois seguranças chegam até mim, orientando-me para onde seguir.

Minutos depois estamos em uma ambulância a caminho do hospital. Honna está desmaiada e segundo o paramédico, ela está com pulsação e pressão arterial baixas demais. Não consigo pensar neste momento, só seguro a sua mão, só tento manter a calma. Imagens passam por minha cabeça e elas não são nada boas, todos os meus pesadelos vêm à tona, vejo a Honna ser arremessada para o alto, vejo-a gritando meu nome, vejo-a tentando me alcançar...

— Meu amor, não me deixe. Por favor, não me deixe. — As lágrimas saltam dos meus olhos, trago sua mão para meus lábios, acariciando-a lentamente.

— Senhor, chegamos, solte a mão dela. — Eu a solto, desço da ambulância e sigo a maca até onde posso.

Uma pessoa vem até mim e começa a me fazer perguntas, respondo tudo automaticamente, nem presto a atenção na pessoa com quem estou conversando, apenas respondo. Sou guiado para o segundo andar e depois para uma sala de espera.

— Senhor Lucca, aguarde aqui, logo um médico virá falar com o senhor.

Sento-me e encosto minha cabeça no encosto do sofá, fecho os olhos, inspiro. Os minutos passam, olho o relógio, impaciente, levanto-me, sigo até um balcão de atendimento e pergunto pela Honna, mas ninguém tem nenhuma informação.

— Mas que merda de hospital é esse? Cadê os médicos desta porra? — Bato fortemente com a palma da mão no tampo de madeira do balcão. — Eu preciso de notícias da minha mulher, entendeu?

Encaro a moça com aquele meu olhar peculiar — assassino —, ela simplesmente

me diz que eu preciso me sentar e ficar calmo.

— Calmo? É sério? Nem fodendo ficarei calmo! Eu quero alguém aqui com notícias da minha esposa, e tem que ser agora!

Meus gritos não adiantam. Fui até ameaçado de ser retirado do andar caso eu continuasse fazendo barulho. Desesperado, procuro meu celular, não quero preocupar o papai, mas preciso dele.

— Lucca, não acredito que já chegaram em São Paulo.

Solto o ar, fortemente, que estava preso em meus pulmões.

— Nem saímos de Salvador, pai. Estou no hospital, a Honna passou mal.

Silêncio.

— Qual hospital, filho?

Escutei a voz dele chamando o Everaldo.

— Pai, peça para Emília vir também. Não tenho cabeça para ligar para ela.

Digo-lhe o endereço e desligo.

Estou com os olhos vidrados no vidro da janela, olhando para um ponto fixo qualquer, quando uma mão toca meu ombro.

— Lucca, filho. E aí, alguma notícia?

Ergo a cabeça e encontro um par de olhos verdes me encarando com preocupação.

— Pai, que bom que chegou! — Ele se senta ao meu lado e me abraça.

Emília e o Carlos chegam logo depois. Eles se sentam na outra poltrona.

— Querido, o que houve? — Emília segura minha mão e pergunta.

— Ela se sentiu tonta, enjoada, estava tão gelada... Pensei até que fosse algo que tivesse comido na festa, mas ela me disse que só comeu um pedaço de bolo. —

Inspiro. — Eu pensei que ela ia melhorar, mas minutos depois desmaiou. Meu Deus! E os médicos que não me dizem nada?! Já faz mais de duas horas que ela está lá dentro.

— Não se preocupe, eu irei até lá, já, já trago notícias.

Emília se levanta e vai à procura de notícias.

O medo bate em meu corpo como uma navalha afiada cortando filetes em minha carne. Só de pensar que...

— Não... não!

— Filho, não fique assim, não deve ser nada. — Papai puxa minha cabeça para seu ombro, ele sempre faz isso quando estou passando por um momento difícil.
— Se eu soubesse que ela voltaria a sentir isso novamente, teria insistido que ela procurasse um médico.

Mas que conversa é essa? Encaro meu pai, à procura de uma explicação, ele me encara de volta.

— Além daquele mal-estar que a Honna teve, ela voltou a se sentir mal? Quando foi isso? Por que não estou sabendo?

— Você estava em São Paulo e ela me fez jurar não contar a você.

— Pai! Mas que merda! Será que não percebe o quanto a Honna é importante em minha vida? O

senhor devia ter...

— Lucca, se acalme. Gritar com o seu pai não vai adiantar. Ele fez o que achou melhor e foi um pedido da Honna, acalme-se.

— Me acalmar, Carlos? Toda vez que fecho os olhos, eu vejo meus pesadelos se realizarem,

vejo a Honna ser levada de mim, vejo-a sendo arremessada não sei de onde, gritando meu nome, é aterrorizante.

Cubro meus olhos com as mãos.

— São só pesadelos, Lucca, isso não quer dizer que irá acontecer. Mas podemos fazer algo agora. Que tal fazermos uma prece? A Honna precisa estar cercada de energia positiva, então vamos dar as mãos e começarmos uma prece.

Como a Honna mesmo diz, se bem não fizer, mal também não fará. É melhor do que ficar parado imaginando besteiras.

Estamos finalizando a prece quando escuto passos, abro os olhos e vejo a Emília vindo com um médico ao seu lado. Levanto-me e nem os espero se aproximarem, sigo rápido até eles. Papai e Carlos me seguem.

— Como ela está? — Nem sei como consegui dizer as palavras.

— Lucca, ela está bem, está dormindo. — Emília responde, mas isso não me convence. — Este é o doutor Murilo, é ele quem está cuidando da Honna. — Encaro o médico com um olhar cheio de interrogações.

— É grave? Ela vai precisar ficar internada? — O médico sorri. Sério? Como uma pessoa pode sorrir numa situação dessas?

— Não é grave, se acalme, mas é delicado e exige cuidados, principalmente nos três primeiros meses...

Ah, porra! Ele só pode estar de sacanagem. Não se brinca com os nervos de um homem no meu estado mental.

— Escute aqui, doutor...

— Lucca!

Todos vociferaram ao mesmo tempo, enquanto eu seguro o médico pelo colarinho do jaleco.

— Sua esposa está grávida, acalme-se. — Articula o médico, tentando se soltar das minhas mãos.

— Grávida? Minha esposa está grávida? Vocês escutaram isso? — Não solto o médico e viro o rosto na direção do papai e do Carlos, que neste instante estão

sorrindo. O tempo para, agito a cabeça e depois volto a encarar o rosto sorridente do médico. — Grávida! Você disse grávida?

A ficha cai.

— Sim, foi o que eu disse. Agora está mais calmo? — Put... merda! Calmo? Como ficar calmo?

Ela está grávida, serei pai, acho que vou precisar comprar uma arma, ou contratar alguns seguranças...

Mas que merda estou pensando?

— Lucca, você está bem? — Sinto a mão de alguém em meu braço. — Lucca? — Olho para Emília, eu sei que é ela, mas não a vejo.

— Filho? — Escuto meu pai me chamar.

— Lucca, você está bem? — Carlos toca em meu ombro.

— Não, não estou bem, preciso me sentar. — Meus olhos vasculham em vão um lugar onde eu possa me sentar. — Grávida! Gente, a Honna está grávida, eu sou pai! — Na altura do campeonato já estou com lágrimas escorrendo de meus olhos. — Bati um bolão, fiz um gol e nem percebi.

— Lucca! Mesmo chorando você ainda faz piada? — Papai me abraça. — Parabéns, filho, você será um pai tão maravilhoso quanto eu. Nossa!

Meu velho também está chorando e eu o abraço bem apertado.

— Tentarei ser parecido com o senhor, farei de tudo para amar meu filho como fui amado pelo senhor. — Eu o beijo. — Caralho! O senhor agora é avô?

— E o Carlos e eu, tios. — Emília completa.

— Ela está bem mesmo? Por que você disse que o estado dela é delicado e exige cuidados? Há algum risco? Nosso bebê está bem? — Olho para o médico e pergunto.

Logo lembro da Suzanne, papai disse que ela perdeu o bebê devido a todo o

susto e os momentos difíceis do meu atentado.

— Não se preocupe, Lucca, é normal pedirmos que a gestante tenha cuidados no primeiro trimestre. O corpo da mulher precisa se adaptar ao novo. Ela precisa consultar o quanto antes um obstetra, ele vai examiná-la e prescrever todos os exames necessários, e enquanto isso eu sugiro repouso, já que ela tem tido dores no peito e falta de ar. E nada de viajar de avião, não por agora.

Ele nem precisava falar isso, eu já desisti de viajar. Não colocarei a vida de minha mulher e do meu filho em perigo. Viagens só quando o obstetra liberar.

— Quando posso vê-la?

— Quando você quiser. Ela estava dormindo quando saímos do quarto, mas será bom você estar ao lado dela quando acordar.

E eu vou. Transbordando de felicidade, louco para olhar nos olhos da Honna e dizer:

— Estou gostando muito de gostar de ser pai do nosso bebê.



Capítulo 45

Olhando para ela, vejo seus olhos azuis se abrirem, sonolentos. Aproximo-me da cama e me inclino para frente, admirando seu rosto lindo, e ela desperta. Um olho espreita aberto e ela pisca os olhos repetidamente. Eu tento manter minha calma, pois minha vontade é puxá-la para meu peito e afogá-la de beijos melosos.

— Olá, amor. — Eu sussurro tão perto dela que posso sentir sua respiração em meu rosto.

— Oi, amor. Você anotou a placa do caminhão que me atropelou? — diz ela, bocejando, e eu começo a rir.

— Não sei se foi bem um caminhão que a atropelou. — Eu brinco.

— Se não fui atropelada, então passou perto, porque é assim que me sinto. — Seus olhinhos espertos me encaram. — Por que você está com essa cara de bobo?

Porque vou ser pai, porque você me faz bem. Ela sorri para mim e eu juro que meu coração só falta gritar seu nome. Porque o meu olhar e o meu sorriso já transmitem toda a felicidade que estou sentindo.

— Porque fico me parecendo um bobo perto de você. — Admito e ela se senta, se alongando.

Eu não consigo segurar a novidade por muito tempo. — Amor, está se sentindo bem?

— Agora estou. Também, só podia estar, com todos esses medicamentos em minha veia... Devo ficar acesa por muito tempo. Será que ainda dará tempo de pegarmos um avião hoje?

Ah, meu amor, avião nem pensar. Você está prestes a descobrir a maior surpresa de nossas vidas. Sequer tínhamos conversado sobre filhos. Claro que eles viriam, e serão mais de três, mas não estava cogitando a ideia de um pirralhinho em nosso calcanhar tão cedo, acho que nem ela pensou nessa hipótese.

— Meu amor, pelo menos vai levar cerca de uns três meses para que você possa pisar dentro de um avião...

Acho que se minha intenção foi mantê-la calma, isso não funcionou. Honna me encara com um olhar alarmado e cheio de dúvidas.

— Estou muito doente? Lucca, o que eu tenho?

— Um bebê. — Preciso ser rápido antes que ela começasse a chorar.

— Lucca, não brinca. Diga logo, eu sou forte, seja o que for, prometo que lutarei até o fim.

Eu sei que lutaria, ela é forte feito uma rocha, enfrentaria qualquer tempestade, mas não é o caso.

— Amor... — Seguro os dois lados do seu rosto com minhas mãos. — Não estou brincando, estamos grávidos. Aquela tontura, enjoo, é o nosso bebê nos avisando que ele está entre nós, entendeu?

— Bebê? Jura? — Seus olhos brilhantes estão fixados em meu rosto, agora ela entendeu.

Assinto. — Meu Deus! — A palma de sua mão vai até seu ventre, seus cílios baixam e ela olha ternamente para sua mão enquanto alisa a barriga. — Nosso filho, amor! Nosso filho está aqui dentro! Foi tanto amor que ele aconteceu antes do tempo.

Ela volta a me encarar e desta vez as lágrimas cedem, mas agora são de felicidade.

Eu a beijo. Estou muito emocionado para dizer qualquer coisa, talvez até eu fale alguma besteira que não condiz com o momento, então, beijá-la é a melhor maneira de expressar a felicidade que inunda minha alma.

— Estamos atrapalhando? — Escutamos a voz da Emília e não me afasto da Honna, apenas uno minha testa a dela e sorrimos um para outro.

— Ela já sabe? — papai pergunta.

— Acabei de contar.

— Honna, filha, você nem imagina o quanto estou feliz. Um neto, uma criança para encher aquela casa enorme de choro, risos, malcriações. Só espero viver o bastante para pelo menos escutá-

lo me chamar de vovô.

— Venha cá, senhor Felipo. — Muito emocionado, ele vai, Honna o abraça. — O senhor ficará conosco por muito tempo, tempo esses que verá outros netinhos nascerem, pois segundo seu filho ele quer mais ou menos uma dezena de moleques.

Papai finalmente sorri e a beija no rosto.

Bem, de uma coisa não posso me queixar, papai está mais saudável, até os risos voltaram, e a força de vontade para trabalhar triplicou. Acho que apesar do diagnóstico dos médicos, ele está surpreendendo a todos.

— O Carlos e eu queremos pelo menos ser padrinhos de algum. Será pedir

muito?

— Assino embaixo. — Carlos reafirma.

— Mas enquanto os dez moleques não chegam, precisamos cuidar deste que está vindo. Você já está de alta médica, já podem ir para casa, mas nada de exageros, entendeu, Lucca Stein? A Honna precisa de um descanso por alguns dias.

Eu entendi a indireta, mas não sei como resolverei a questão.

Tesão.

Pau duro.

Uma mulher bem safada e gostosa.

Mas que venham os jogos.

Quero ver como me sairei no quesito “nada de sexo, só punheta”.

— Estou sabendo, Emília. Acho que posso ficar quieto por uns dias.

Tudo balela.

No fundo eu sei que será quase impossível me manter longe da Honna, mas tentarei.



Que Deus me ajude!

Um mês depois...

A encaro aturdido por um momento. Ela está nua, com aqueles peitões à mostra, bicos duros e me convidando para chupá-los. Faz trinta dias que corro da Honna. Corro de pau duro. Aliás, vivo de pau duro. Não posso sequer sentir seu cheiro que o escroto do meu pênis endurece. Os últimos dias têm sido um tormento de tesão acumulado.

Estou passando por isso porque seguimos à risca os conselhos médicos – nada de sexo –, mas no quarto dia fomos liberados. Caralho, parecíamos dois esfomeados que há tempos não veiam uma migalha de pão. Foi pau *pra* toda obra, juntamos a fome com a vontade de comer, e quando estávamos no auge da sacanagem, Honna começou a sentir cólicas, e logo em seguida um pequeno sangramento, quase enlouqueci. Ela precisou ficar internada por dois dias, até termos a certeza de que nosso bebê estava bem. Hoje, segundo a médica, não há mais perigo, desde que não exageremos na dose. Mesmo assim não me sinto seguro, apesar de ela já estar com um pouco mais de cinco meses. Gostaria de esperar um pouco mais. No entanto, quem não quer esperar é a safada da minha mulher.

Olhando-a de onde estou – deitado na cama lendo um livro sobre maternidade –, vejo a escrota com aquela cara de quem diz "ou me dá *saporra*, ou pego a força".

Meu instinto protetor diz "corra que a mulher vai cair de boca e você é um puto quando se trata de ficar enfiado nela.

Corra, porque com ela você não tem força nas palavras e também não quer tê-las".

Deveria escutar a voz da experiência.

— Como é que é? Vai ficar aí me olhando igual a um cachorro babão? — Eu *tô* fodido, e a escrota ainda balança os quadris desafiadoramente. — Lucca Stein. — Fodeu, ela disse meu nome completo. — Quer jogar essa merda de livro longe e cuidar das minhas necessidades?!

Engulo em seco. Não sei se conseguirei resistir a tudo isso.

Lucca, você precisa ser forte. Só mais um dia e meio, só mais um dia e meio...

— Amor, vamos esperar um dia. Não quero passar por tudo aquilo novamente, meu coração não vai resistir caso você passe mal.

— Deixe de besteira, Lucca. — Lá vem ela, desfilando em direção à cama, movendo os quadris *pra* lá e pra cá, os peitões durinhos suplicando por minha boca. — Eu quero, ele quer. — A filha da mãe se ajoelha no colchão e engatinha em minha direção, apontando com o olhar para o escroto miserento do meu pau, todo duro e deixando a baba marcar a frente da calça do meu pijama cinza. —

Ele quer, olha que lindeza, durinho e babando por mim.

Ela puxa o tecido do pijama e a porra da minha ereção pula fora. Largo o livro que estou lendo e cubro minha porra.

— Honna, só mais um dia! Eu juro que tiramos o atraso.

Durante esses dias, não fizemos nada. Nadinha de nada. Ela não podia sentir orgasmo.

— É... tem certeza? — Assinto com a cabeça, rezando para que ela não insista, pois caso isso aconteça, eu pularei, mas em cima dela. — Ok, então.

Ufa! Gelo, e a vejo descer da cama, indo direto para o closet.

Fecho meus olhos, sentindo-me um fodão vencedor por ter conseguido convencer minha mulher a desistir de me foder.

— Bem, se eu não tenho um pau de verdade, vou brincar com um de borracha e você vai me assistir gozando com ele todo dentro de mim...

Ah, caralho!

Fico sem palavras, até engasgo. La está ela, com um vibrador em formato de pênis, quase do mesmo tamanho e grossura do meu, balançando o sujeito, quase o esfregando em minha cara com aquele sorriso sacana esticado nos lábios. Ah, perco o juízo completamente e em um pulo já estou segurando o filho da puta do pau de borracha com uma mão, e com a outra seguro seus cabelos entre meus dedos, puxando-os com força, fazendo-a me encarar.

— Mas nem a pau você vai enfiar isso na boceta que me pertence. — Digo, quase cuspindo em seu rosto. — Essa porra vai para o lixo. — Jogo aquela coisa longe. — É um caralho grande e duro que você quer? — Ela nem pisca, só me olha fixamente. — Responda, porra, você quer a porra de um pau enfiado até o talo dentro de você?

Filha da mãe...

Ela sorri, lambe os lábios e só sinto seus dedos segurarem minha ereção dura.

— Finalmente, o gigante acordou. — Ah, sua escrota, ele nunca dormiu. — Quero, o quero todo enfiado na frente, atrás e em minha boca, marido indecente do caralho.

Quem é você?

O que a falta de sexo não faz com uma mulher...

— Escrota! — articulo com um sorriso sacana nos lábios.

— Safado! — A resposta obscena vem em palavras e no aperto na cabeça do meu membro. —

Solte-me e deixe-me mostrar minha escrotidão. — Ah, meu pai, eu criei uma monstrinha. — Eu a solto e ela me joga sem nenhum cuidado no colchão da cama. — Essa coisa linda e dura vai agradar a minha língua.

Put... merda!

Quase solto um urro quando sinto o calor e a maciez de sua língua na cabeça do pau. Fecho os olhos e me entrego à libertinagem da boca de minha esposa. Que seja feita a vontade dela.

— Honna, chupa, *saporra*, mulher! Não me sacaneie, caralho!

A perversa só me lambe, e quando chega na cabeça do caralho ela só insinua, engolindo-a até que tento empurrar sua cabeça para baixo, mas a escrota empurra minha mão e sorri. E quando sinto o chupão em minhas bolas, ela quase me mata.

— Caralho, Honna! Assim, amor, me mata com sua boca, morde... ah, caralho! Morde, amor, chupa! Humm! — Ela para e eu travo. — Honna! — Abro os olhos, sustentando meu corpo nos cotovelos.

— Lucca Stein, seu pau é delicioso, mas eu o prefiro dentro de mim.

Filha da mãe maliciosa. Não conto conversa, puxo-a e vem para cima de mim.

— Sacana escrota, é pau que quer? Então é pau que vou dar. — Ela se senta em mim. — Monta nele e vamos terminar nossa obra de arte. Nosso bebê precisa de

capricho, não acha?

As palmas de minhas mãos se espalmam em seu ventre durinho e um pouco avantajado. Ela nua já dá para notar a bolinha se formando e é lindo de se ver.

— Lucca, você é um tarado, sabia?

— Tarado? Porra nenhuma! Sou um viciado em você. Agora monte no meu caralho e me coma, mulher, porque estou passando fome.

Ela monta, cavalga, e enquanto se delicia, eu sacio minha fome em seus peitos, chupando-os, mordendo-os, lambendo-os.

— Que saudade do seu pau, Lucca. — Ainda mamando o seio dela, olho para seu rosto, e quando pensei que íamos gozar juntos, ela eleva o quadril um pouco, segura meu membro e o guia para seu buraco traseiro.

Ao sentir o aperto do seu ânus em torno do meu eixo, engulo em seco e me entrego à devassidão do nosso êxtase. Não fazemos sexo, recarregamos nosso amor, e todas as vezes que meu corpo se une ao dela, quando eu me enfio todinho nela, trocamos nossa energia. Juntos nos tornamos um só.



Capítulo 46

Já faz alguns dias que quero muito conversar com o tio Felipo. Nossa última conversa foi quando descobri da gravidez da Suzanne.

Estava disposto a terminar meu relacionamento com ela. Não abandonarei, claro

que não. No fundo, gosto dela, fomos companheiros por muitos anos e, querendo ou não, ela foi minha namorada secreta, mesmo sabendo que não era amor o que sentia por ela. Algo me dizia que não era ela, até cheguei a pensar que realmente a amava, no entanto, eu entendi que não era amor no dia em que conheci a Honna.

Evidente que não me apaixonei por ela instantaneamente, não foi assim que aconteceu. Senti, sim, uma grande atração física, ela é uma mulher linda, gostosa, mas não é o suficiente para dizer que a amo. Tudo aconteceu aos poucos, todas as vezes que eu a via, era como se já a conhecesse, como se já tivéssemos vivido aquele momento. A voz, o sorriso, o cheiro, vinham como lembranças, e quando fui perceber, já estava pensando nela, já a desejava, já a queria.

Suzanne foi um capricho, eu queria roubar a namorada do Lucca, como sempre fazia todas as vezes que ele conhecia uma mulher. Era para ser só um passatempo, até a Suzanne preferir a mim e não a ele. Contudo, quando vi, já estava entrelaçado na vida dela, queria ficar com ela, trepar com ela, e a sensação de estar traindo meu primo com sua futura esposa e continuar traindo depois do casamento, era poderoso demais. Então eu continuei e não queria que a Suzanne desistisse de mim, por isso fiz de tudo para ela se apaixonar, para ela pensar que de alguma forma ficaríamos juntos.

A iludi, dizendo que se algo acontecesse com o Lucca eu assumiria o lugar dele e ela seria minha esposa, e assim continuaria sendo uma Stein.

Não nego, eu gostava da Suzanne, era prático ficar com ela. Ao contrário do papai, que não gosta de trabalhar e só está nas indústrias por status, eu adoro meu trabalho e quase não me sobra tempo para diversão, por isso, ficar com a Suzanne me poupava tempo. Sempre que queria a companhia de uma mulher, ela estava disponível, e como qualquer macho egoísta, me preocupava, sim, com o fato de ela algum dia se interessar por outro homem, ou simplesmente se apaixonar pelo Lucca de verdade, mas não era amor. Era um vício fodido do cacete.

Só que agora, depois que descobri estar amando uma pessoa de verdade, sabendo o que é o amor, o respeito, o comprometimento, a responsabilidade e a certeza de que amar não é simplesmente o eu, e sim o outro, é o outro que importa. Ao perceber que aos olhos da Honna eu sou apenas o primo hipócrita do Lucca, o

primo descarado que comia a sua noiva sem nenhum escrúpulo.

Ela nunca poderia me amar, sequer me respeitar, então eu tomo uma decisão. Se não podia ter o amor dela, pelo menos teria o respeito, por isso decidi terminar meu relacionamento com a Suzanne.

Cuidaria dela, mas como um bom amigo, e seguiria minha vida. Trabalhando e, dessa vez, com honestidade.

No entanto, as coisas nunca são como queremos. Quando voltei para casa após ter me

convencido de que não era merecedor de uma pessoa como a Honna, mas estava disposto a fazer as coisas certas, Suzanne veio com a bomba em minha cara. Ela está grávida. Respirei, me acalmei e cheguei à conclusão de que estava na hora de fazer o certo, afinal, a Suzanne me ama, eu gosto dela e ela espera um filho meu, não seria justo abandoná-la agora, por isso tomei a decisão de assumir meu filho e a mulher que o carrega no ventre.

Estamos casados e ela está feliz, até parou de falar sozinha. Acho que a gravidez lhe trouxe um momento de lucidez, ela está bem e estou seguindo adiante.

Mas, como diz o ditado, nem sempre tudo é luz. Faz alguns dias que minha mãe me ligou. Eu não tinha notícias dos meus pais desde o dia em que fugiram. Foi então que soube onde estão e como estão. Eles fugiram para Las Vegas.

Como não havia pensado nisso?

Papai tem amigos lá. Amigos não muito confiáveis, amigos da jogatina. Essas pessoas são daquelas que só ficam perto enquanto se tem algo a oferecer. E não demorou muito para os “amigos”

desaparecerem. Papai montou uma supercasa e estava vivendo uma vida de glamour, e como ele é o tipo de pessoa que não gosta de trabalhar, quer ganhar dinheiro fácil – foi o que ele me ensinou e eu quase me afundei com ele –, ao invés de montar um negócio e ganhar a vida honestamente, ele resolveu jogar. Jogou e perdeu tudo, e como se não bastasse, perdeu a casa.

Sem escolhas, mamãe me ligou pedindo ajuda. Eu ajudei, comprei um apartamento modesto para eles, em meu nome é claro, assim papai não o vende

ou o dá como garantia, e todo mês deposito uma quantia para o essencial, só que não está sendo o suficiente. Mamãe me contou que meu pai se envolveu com agiotas e eles estão precisando de mais dinheiro. Não sei mais o que fazer, então resolvi criar coragem e contar para o tio Felipo.

Estou há quase quinze minutos criando coragem para entrar na sala do tio.

— Senhor Othon, vai criar raízes aí? — Lívia me encara com aquele olhar costumeiro, sempre amistoso. — Seu tio está sem ninguém na sala, o fornecedor já saiu há quase vinte minutos.

Eu sei, o vi sair.

Levanto-me, respiro fundo, sorrio para Lívia e sigo.

— Tio, podemos conversar um pouco? — Ele está assinando alguns papéis. Olhando para ele agora, não se parece em nada com o homem de antes do acidente do Lucca. Eu pensava, mesmo, que em menos de um ano ele não sobreviveria à depressão e o problema de saúde que havia adquirido, mas pelo visto ele superou a dor de perder a esposa.

— Claro, meu filho. Entre e sente-se. — O sorriso franco, carinhoso e tão peculiar, é como um abraço sem os braços. Eu o amo como um pai, sempre invejei o Lucca por ter uma família tão dedicada e amorosa. Sento-me. — Aconteceu alguma coisa com a Suzanne? Ela está bem? A gravidez está indo bem, não está? Precisa de algo... — Ele se levanta. Não dá para esconder nada do tio, ele me conhece. — Othon, o que foi agora?

— Antes de lhe dizer o real motivo que me trouxe aqui, eu quero entregar isso. — Entrego a ele um envelope lacrado de um banco estrangeiro. — Estou pronto para arcar com as consequências, mas antes gostaria que me escutasse.

Tio Felipo abre o envelope e lê o que está escrito no conteúdo, mas sua expressão facial é indecifrável, sequer tem uma ruga na testa. Ele devolve as folhas timbradas para o envelope e o deixa sobre a mesa, em seguida me encara.

— Sou todo ouvidos. — Volta para sua cadeira e se acomoda nela.

— É sobre o papai e a mamãe. — Ele continua sério, me encarando, então, antes que eu perca a coragem, conto tudo. — É isso, tio. Não sei mais o que fazer,

papai não aprende. Será que o senhor não pode perdoá-lo e trazê-lo para o Brasil? Acho que, estando perto do senhor, ele não fará merda...

— Perdoar? — Viro-me e vejo o Lucca com aquele olhar raivoso. Era só o que me faltava.

Enfrentar o tio Felipo eu consigo, agora o Lucca, não sei se tenho coragem. — Nem fodendo! Aquele ladrão deveria estar na cadeia. — Esbraveja meu primo, e quando ele souber o que eu fiz, vai me desejar ter o mesmo destino. — Nós não vamos perdoar o seu pai, e se ele voltar ao Brasil, tenha certeza de que eu mesmo...

— Chega! — Até eu me assusto com o rompante do tio Felipo. A força da mão dele sobre o tampo da mesa é tão forte que os objetos dançam sobre ela. — Lucca, você precisa se livrar desta sua mágoa...

— Mágoa, pai? O seu irmão nos roubou...

— Eu disse que chega! Será que você não aprendeu nada nesse tempo todo em que frequenta os estudos no centro espírita? Perdão, filho.

— Papai, ser espírita não é ser otário. O tio Patrício nos roubou, ele cometeu um crime, precisa ser punido, se não fizermos isso ele sempre cometerá os mesmos erros.

— Erros dele, consequências dele. Ele aprenderá, filho. De uma maneira ou de outra, ele aprenderá.

Tio Felipo volta a me encarar. Fico calado, estou envergonhado, sei que não sou um santo, sei que fiz coisas das quais não me orgulho, mas amo esta família, e ver os olhos tristonhos do tio Felipo por causa das escolhas do meu pai, dói. Não imaginava que magoar meu tio doeria tanto em mim.

— Lucca, seu tio já está colhendo o que plantou. Eu já sabia que isso iria acontecer, que quando o dinheiro que ele me roubou acabasse, sairia vendendo o que tinha e o que não tinha, mas desta vez ele não virá atrás de mim para socorrê-lo, então... — Volta a encarar o Lucca. — Não guarde mágoa, raiva, vingança, dentro de você. Tudo que fazemos, recebemos de volta, entenda isso. O dinheiro que o Patrício nos roubou não está nos fazendo falta, mas está fazendo falta para ele.

— Pai... — Lucca tenta argumentar.

— Filho, liberte seu coração, deixe seu tio ir embora. Ele fez as escolhas dele e só tem dois caminhos: ou tenta se erguer honestamente, ou se afunda de vez. — Tio Felipo volta a me olhar. —

Entregue isso a sua mãe. — Ele me devolve o envelope. — Eu só espero que seu pai seja mais esperto desta vez, e use isso sabiamente. É a última vez que eu o ajudo e espero que você faça o mesmo, caso contrário, ele sempre cometerá erros e erros mais graves, e virá atrás de você.

— Isso aqui é muito...

— Eu sei, mas não é mais meu, é seu, faça o que quiser com ele.

Dentro do envelope há o número da conta e senha de uma conta no exterior, na qual fica o dinheiro que levei anos para desviar, totalizando cerca de duzentos milhões de reais. Resolvi devolver tudo, cada centavo. Se é para começar uma vida nova, tenho que começar do zero, tenho que ser honesto.

Lucca nos olha sem entender nada.

— Não, esse dinheiro não é meu, nunca foi. — Deixo o envelope sobre a mesa. — Continuarei sustentando minha mãe e o apartamento em que eles moram não pode ser vendido. O senhor tem razão, meu pai tem que aprender. De um jeito ou de outro, ele precisa aprender. Quanto a mim, vou esvaziar minha mesa e...

— Cale-se, Othon. Volte ao trabalho, demorou, mas você aprendeu o significado de honestidade e família, no fundo eu sabia que o tempo que conviveu em nossa família iria servir para algo, só não repita mais os mesmos erros, prove-me que você tem meu sangue e não do seu pai, pois eu sempre o considerei como um filho.

— Espere um pouco, que merda está acontecendo aqui? — Lucca tenta pegar o envelope, mas tio Felipo é mais rápido. — É sério pai?

— Isto aqui é assunto encerrado, e você precisa aprender a perdoar, caso contrário na outra encarnação talvez nasça pai, ou filho do Patrício.

— Nem fodendo. — Eu ri da cara de desgosto que o Lucca fez. — Acabo de

perdoar o desnaturado do tio Patrício, e seja o que você fez, e o que já fez também, eu o perdoo. — Ele estendeu a mão, eu a aceitei, não sei se o Lucca falava sério, só sei que aquele ressentimento que eu sentia em relação a ele, não existia mais.

— Perdão primo por eu ter sido um babaca idiota, invejoso de merda, não mereço seu perdão e se não quiser nunca mais falar comigo, entenderei.

— Espero que esteja falando sério, só não espere um convite para o churrasco de fim de semana, isso não vai rolar, mas espero de todo coração que você e a Suzanne sejam felizes.

— Talvez um dia, quem sabe, possamos unir nossos filhos e todo rancor possa finalmente ser dissipado de nossos corações.

— Espero, Othon, mas por enquanto, cada um no seu lugar, não sou hipócrita, nem você, não vamos fingir amizade, ainda não gosto de você e ainda acho que você é o responsável por meu atentado, espero estar errado, espero mesmo.

Sempre soube que o Lucca desconfiava de mim, não tiro a razão dele, se tem uma pessoa que lucraria com a sua morte, essa pessoa sou eu.

— Bem, só vim aqui avisar ao papai que a reunião com o grupo Canadense vai começar assim que chegarmos à sala de reunião, espero o senhor lá.

Lucca se foi. Tio Felipo se levantou e eu o acompanhei até a porta, mas antes eu precisava fazer uma pergunta.

— Tio o que o senhor fará com todo esse dinheiro?

— Será o futuro de sua filha ou filho, assim que souber o nome do bebê, abrirei uma conta de

investimento e quando ele completar vinte e um anos, poderá fazer o que quiser com sua pequena fortuna. Agora volte ao trabalho.

Um dia, quem sabe, meu filho ou filha sinta orgulho de mim do mesmo jeito que eu sinto do tio Felipo?!



Capítulo 47

Alguns meses depois...

— Oh, seu babaca, acorde! Sua hora está chegando, cretino. Mesmo que o nosso mestre tenha desistido do acordo que fez no outro plano, nós faremos por ele e, enfim, ele terá a mulher que amou por séculos, ela será dele, só dele, e você será nosso. Essa sua raiva, mágoa, sede por vingança, nos alimenta e o trará para o lado de cá, e vamos cuidar perfeitamente de você.

— Otário!

Escuto gargalhadas e elas me assustam, deixando-me desesperado, suado, febril, sem ânimo.

Tento acordar, mas não consigo abrir meus olhos, agito-me na cama, quero gritar, mas minha língua está presa, mal consigo movê-la. Não! Não...

Honna! Honna! Amor!

Preciso me mexer, preciso fazer algo para sair deste pesadelo. Mãos me seguram, agarram, unhas me arranham.

Honna! Ajude-me!

Ela não me escuta. Tento me mexer novamente, mas meu corpo não me obedece, estou paralisado. Deus! O que está acontecendo?

— Cara, será que podemos levá-lo agora? Ele está preso no sono, sequer consegue se mexer, talvez, se dermos um susto grande nele, possa vir desencarnar, o coração dele ainda tem as sequelas da vida anterior.

Não, cara, quem tem as sequelas é a amada do nosso mestre, ela quem se jogou no punhal, lembra-se? O coração dela que é frágil, esse babaca foi morto por nosso chefe, esse idiota é forte feito um touro.

— Quem são vocês, o que querem? Deixem-me em paz, vão embora, sigam a luz...

Escuto mais gargalhadas.

— Olha o otário, ele acha que, só porque anda enfiado em um centro espírita, é um deles! Vá sonhando! Não seguimos luz nenhuma, seguimos as trevas, e você em breve estará nos fazendo companhia. Continue nos alimentando com ódio, mágoa, rancor, despeito, na primeira oportunidade nós o pegamos, e não adianta rezar, orar, ou caralho que seja. Quando o coração está cheio de ressentimento, nenhuma oração vai livrá-lo de nós. Nos alimente, guerreiro de merda, nos alimente...

— Lucca, amor, acorde!

— Honna! Meu Deus! Que porra foi essa? — Eu me embrulho em seu corpo. — Eles gritavam comigo, dizendo que em breve eu faria companhia a eles...

— Misericórdia, Lucca, que pesadelo medonho foi esse? — Apoio minha cabeça em seu lindo barrigão, ela está com quase oito meses. — Amor, faça uma prece. É um pesadelo bem ruim, não alimente seu medo. Ore que lhe fará bem.

Beijo sua barriga.

— Honna, você tem razão, é só um pesadelo. Vou orar e vai passar, não precisa ficar preocupada. — Garanto, ela se deita e inspira fundo.

Ultimamente tem dormido mal. Ela é pequena e a barriga é imensa, isso faz com que fique difícil de respirar e o nosso meninão é grandão.

Faz um mês que descobrimos que vamos ter um filho com um pinto enorme. A Obstetra fez questão de nos mostrar os países baixos do meu filho, claro que

fiquei todo orgulhoso, até nesse quesito ele puxou ao pai.

— Honna, está se sentindo bem? — Vivo preocupado com ela. Agora que está perto de o bebê nascer, todo cuidado é pouco, e essa falta de ar e dor no peito é muito preocupante, por isso tenho evitado ir para o escritório. Não saio de perto dela nem quando vou ao banheiro. Ela vai junto.

— Estou bem, amor, é seu filho que não para de fazer bagunça em minha barriga.

Até me esqueço do pesadelo. Levanto-me e a ajudo a se levantar.

Escuto batidas em nossa porta.

— Fique aqui quietinha. — Deixo-a sentada na poltrona.

Abro a porta e dou de cara com o papai.

— Você não atende celular? O Carlos está precisando de você no centro espírita, aconteceu um acidente com a obra, parece que uma das colunas rachou e eles estão loucos, o engenheiro culpa o empreiteiro e o empreiteiro culpa os pedreiros.

— Merda, pai! Logo agora? Eu preciso levar a Honna ao médico, hoje é a última ultrassonografia.

— É rápido, leve-a junto. Faz tempo que ela não vai à casa de oração, assim ela matará a saudade. — Honna depois do sexto mês só vai à casa de oração aos sábados e faz dois sábados que não está indo, seus pés estão muito inchados e não é bom ficar muito tempo sentada. —Depois vocês vão para a consulta, aproveito e irei também, quero ver meu neto na televisão.

Papai quando viu a foto do ultrassom, ficou todo empolgado e nos disse que na próxima consulta iria junto.

— É melhor eu me vestir. — diz Honna, que escutou e se levanta toda feliz.

A obra da escola já ficou pronta, só falta a licença para funcionamento e a papelada do MEC.

Quanto aos professores, já fizemos a seleção, acho que no próximo ano a escola já estará a todo vapor, com muitas crianças e adolescentes correndo pelos corredores. O Problema é o posto de atendimento médico. Já é a segunda vez que erram no projeto, estou pensando seriamente em mandar derrubar tudo e recomeçar.

Chegamos e já escutamos vozes alteradas, uma delas é do engenheiro, ele é o mais nervosinho de todos, e logo com quem ele está querendo gritar, com o Carlos, mas não vai mesmo.

Desço do carro e ajudo Honna a sair. Primeiro levo-a para dentro do centro espírita, eu sei que ela quer conversar com suas amigas. Esse mês é o projeto para recolher doações para as grávidas da comunidade, isso mexeu com a sensibilidade da Honna, e todas as vezes que ela compra algo para o nosso filho, ela compra duas peças iguais para doação, seja o que for.

— Amor, fica aqui bem linda e quieta, nada de fazer bobagens. — Beijo o alto de sua cabeça e vejo quando revira os olhos. Então, como conheço a sua teimosia, encaro as três mulheres que nos olham suspirando. — Vocês três são responsáveis por ela, cuidem dos dois.

Elas sorriem, e eu tenho certeza de que Honna será bem cuidada.

Deixo-a e sigo para a obra que fica a duas casas após a construção da escola. Antes mesmo de chegar aos muros de tapumes que estão protegendo a rua dos entulhos da obra, já escuto papai bradando com alguém.

— Não, senhor Edgar, o certo é derrubar e construir outra. Nada de remendos, o senhor entendeu? — Eu vejo a cara de contragosto do engenheiro assim que entro na obra, e vejo também a merda da rachadura na viga de entrada.

— Mas nem fodendo esta porra será remendada! Não sou engenheiro, mas já prevejo essa merda caindo e ferindo uma porção de pessoas, então derrube esse caralho agora. — Ordeno.

— O senhor disse certo, não é engenheiro. Confie em mim, não há perigo depois do remendo chumbado. — *Chumbado seu fiofó*. Me dá vontade de verbalizar o palavrão. — Não terá perigo algum, se derrubamos vai atrasar a obra em pelo menos dois meses, fora o desperdício de material.

Ah, porra! E quem está pagando esta merda, sou eu ou ele?

— Derrube! — ralho, sem desviar os olhos do engenheiro brutamontes. — De quem é o dinheiro, meu ou seu? E se está preocupado com o tempo da obra, não temos pressa...

E começa a discussão. Vamos para a sala dos fundos onde estão todos os projetos, sabendo que a conversa vai ser demorada, mas por mais que o engenheiro me mostre suas razões para não derrubar a viga, já decidi jogá-la no chão. Com vidas não se brinca.



Capítulo 48

Othon tem sido o marido perfeito. Ele a cada dia demonstra seu amor de várias maneiras, e nunca imaginei que estar casada com ele seria tão maravilhoso. Logo no início eu pensei que ele tinha ficado comigo por pena ou obrigação, mas quando meus pais sofreram aquele acidente que os levou à morte, o carinho, a atenção, a paciência e os cuidados, nos uniu muito mais. Foi terrível perder meus pais nos primeiros meses de minha gravidez, foi um choque, e eu pensei que a escuridão iria me levar com ela, mas Othon foi firme, ele ficou ao meu lado, cuidando de mim, doando seu amor, e foi aí que percebi que ele realmente me amava.

— Amor, você sabe o endereço de e-mail do decorador? Ele me pediu para mandar as cores do quarto da nossa filha.

— Vida, vai mudar a cor novamente?

Eu sabia que o Othon iria argumentar isso. Já é a terceira vez que redecoro todo o quartinho da bebê.

O primeiro quis tons pastéis; no segundo, tons de pêssego; e agora resolvi mudar tudo, até os papéis de parede. Dessa vez quero alegria, pois acho que nossa filha será uma menina muito feliz.

— Quero um arco-íris, muita alegria, muita cor, muita vida. Ela... — Aliso minha barriga enquanto sorrio para o homem que faz dos meus dias os mais felizes de todos. — Ela será só risos e vai nos dar muito orgulho.

Ele vem até mim com aquele sorriso lindo esticado nos lábios.

— Você é um sol, sabia? Estou muito orgulhoso de você, e quer saber? Acho que tem razão, vamos pôr cor neste quarto. Essa menininha merece as cores do arco-íris.

Ele me beija, primeiro no alto da cabeça e depois em meus lábios. Othon mudou muito. Antes eu sabia que o amava mais do que ele a mim, mas hoje, olhando para ele, sinto seu amor transbordar através dos seus olhos. Ele faz de tudo para me manter segura, amada, desejada, é como se a vida tivesse me dado uma segunda chance de ser feliz. Não nego que às vezes tenho pensamentos sombrios, como se as vozes quisessem voltar. Ainda escuto, às vezes as vejo, mas fecho meus olhos e converso com minha filha e elas desaparecem, e quando o Othon está comigo eu me esqueço de toda escuridão, ele é minha luz.

— Não, você é o sol, meu sol, e eu o amo tanto que prefiro morrer a perdê-lo. — Por que disse isso? Logo me arrependo, vendo a tristeza nos olhos do Othon. — Desculpe, amor!

— Nunca mais diga isso, ok?! Vocês duas são muito importantes para mim, e se hoje sou o que sou, foi por vocês duas, então não quero escutar isso nunca mais. Entenda, você nunca irá me perder, nunca.

Como não me derreter com palavras tão expressivas como essas? Ele me beija com amor enquanto sua mão acaricia minha barriga de quase nove meses, e assim que nossa filha sente o

carinho, ela me dá um chute e o Othon sente. É sempre assim, basta ele ficar perto que ela fica toda assanhada.

— Oi, meu amor, é o papai. Não chuta a mamãe assim. Nós sabemos que você quer vir logo para nossos braços, mas tenha paciência, está perto, viu?!

Ela se acalma.

— Ela o ama, sabe disso, né?

Eu me sinto tão feliz... Acho que não me sentiria assim se estivesse ao lado de outra pessoa.

— Eu sei, minha vida. Bem, eu preciso trabalhar. Tem certeza de que ficará bem? — Assinto e ele me beija. — Você sabe a senha do meu e-mail pessoal? O endereço do decorador está nele, é só procurar por Hamilton, ou digite H. Não tem muito nomes com esta letra. Qualquer coisa me ligue, você sabe que virei correndo.

Eu o levo até a porta, ele se agacha e beija minha barriga, depois volta a me beijar e desta vez com mais ousadia.

Sento-me na escrivaninha, abro o laptop e digito o endereço de e-mail e senha, fazendo como o Othon mandou. Digito a letra H, e assim que abrem as opções de nomes, o primeiro que aparece salta aos meus olhos, não posso acreditar. Por que o Othon tem o nome dela no endereço de e-mails?

Honna. Clico nele e abre um rascunho. Não foi enviado, mas está lá...

Leio ou não leio? Eu o abro, começo a ler, e a cada palavra meu coração sangra.

Honna,

Não sei nem como começar, mesmo assim deixarei as palavras virem, e mesmo sem procurar as frases certas para abrir meu coração para você, irei escrever meus sentimentos. Não me pergunte quando aconteceu, nem os por quês, não saberei explicar, mas posso afirmar que a amo com toda força do meu coração, a amei quando a vi sorrir para mim, acho que a certeza aconteceu naquela noite na cozinha do tio Felipo. Nossa! Meu coração bateu tão forte que pensei que ele ia explodir. Eu a amo, e por você faria qualquer coisa. Eu sei que talvez não tenha chance alguma, não neste momento, pois eu sei que o Lucca está muito presente em sua vida, mas se algum dia você quiser me dar alguma chance, eu a agarrarei com unhas e dentes e correrei para seus braços. Contudo, no

momento, eu a deixarei em paz.

Othon.

— Maldito! Traidor! Como você pôde, Othon, como? — Pego meu celular. Preciso esfregar estas palavras na cara daquela vagabunda e depois darei cabo da vida dela. Se ele não ficará comigo, também não ficará com ela. — Alô? Quem está falando? Solange, como vai? Queria mesmo conversar com você. É o seguinte, separei umas roupas que tenho certeza de que não caberão mais em mim, algumas ainda estão com a etiqueta, quero que fique com elas. Você aceita? Que bom! Então mandarei entregar aí. Ah, outra coisa, a Honna está aí? Não? Sabe para onde ela foi? Eu preciso falar com ela. Uhum... Eu sei onde fica o centro espírita, obrigada.

Pego as chaves do carro, minha bolsa, e saio. Honna Stein, a santa, não perde por esperar. Não bastava ter me roubado o Lucca, agora ela quer me tirar o Othon, mas isso não conseguirá, mesmo, eu a mato antes.

Quarenta minutos depois

Estou a quase uma hora à espreita daquela vagabunda. Eu sei que ela está lá dentro, vi o Lucca sair com o tio Felipo de carro, então, com certeza a putinha está esperando o corno do marido. Cedo ou tarde ela sairá de lá, e se não for hoje, dedicarei cada segundo da minha vida para persegui-la até que tenha uma oportunidade de acabar com ela.

Como Othon teve coragem de fazer isso comigo? Eu o amo tanto, fiz coisas absurdas por ele...

Meu Deus!

Ah, não, ele precisa saber que eu sei. Ele precisa saber que serei eu a matar a mulher da vida dele. Vou enviar uma mensagem, sei que ele só a lerá mais tarde, hoje estará fechado em uma reunião pelo menos pela manhã, então, quando ele ler já terá acontecido, e se não tiver, saberá que eu já sei e saberá o que sou e fui capaz de fazer por ele.

Othon, como você pôde fazer isso? Eu o amo e pensei que me amava... Eu li o e-mail que você enviou para a Honna. Vocês dois estavam de caso e você a ama, como pôde mentir para mim?

Como pôde viver confessando um amor que não é meu? Eu! Eu, Othon, que mereço ser amada daquele jeito, depois de tudo que fui capaz de fazer por você! Mas você vai se arrepender, isso não ficará assim. Vou acabar com isso e será agora, você não ficará nem comigo, nem com ela. Adeus, Othon. Você acaba de me matar. E fique com sua consciência pesada, sabendo que a mulher que você deveria amar, foi capaz de tudo por você. Fui eu, Othon. Fui eu quem contratou aqueles homens para matarem o Lucca. Você vivia dizendo que se algo acontecesse com o Lucca, o tio Felipo iria colocá-lo no lugar dele, e adorei a ideia, pois não precisaria me casar com o babaca do Lucca. Eu teria você e o dinheiro da família Stein, então eu me antecipei. Eu tinha a grana para pagar aos assassinos, dinheiro que eu consegui do próprio Lucca. Ele nunca verificava as contas dele, nem os cartões de crédito, foi muito fácil encontrar os caras, e eles fizeram o trabalho, só não contava que o idiota sobrevivesse. Mas fui eu, e estava disposta a fazer novamente, acontece que ele contratou um detetive particular e começou a desconfiar de você, então fiquei quieta. Eu fui capaz de matar por você, Othon, e serei capaz de matar novamente, só que desta vez com minhas próprias mãos.

Aperto para enviar a mensagem e não afasto meus olhos da porta de entrada do centro espírita.

Se a Honna sair por um momento, não desperdiçarei a oportunidade, pisarei no acelerador e só pararei quando meu carro tiver passado por cima dela.

Isso mesmo, querida, mate a puta, a ladra de homem, do seu homem. Ela não merece viver, ela é uma puta, mate-a, mate-a...

Sim, sim, vou matá-la. Aquela puta ladra de homem vai morrer hoje, ela não perde por esperar.

Sim, depois você e o seu macho poderão ser felizes finalmente, ela só precisa desaparecer, faça isso, você está certa, você tem que se vingar.

É, Suzanne, vingança! Você precisa se vingar! O Othon vai entender, ele vai voltar a me amar assim que eu matar a Honna.

As vozes não se calam, elas continuam em todos os lados, e não me importo, é até bom voltar a escutá-las, porque me dão força, me encorajam. Meu celular toca, olho no visor e é o Othon.

Atenda, Suzanne, atenda.

— O que você quer? Eu já sei de tudo, Othon. E ela vai morrer. Aquela vaca vai morrer!

— Suzanne, meu amor, aquele e-mail nem foi enviado, eu só o escrevi e foi antes de você me dizer que estava grávida, nem sinto mais nada pela Honna. Ela está casada e feliz, e eu também, vida. Não faça nada, já estou a caminho.

Ele está mentindo. Ele só quer ganhar tempo.

— Você não sabe onde estou, portanto, não se dê ao trabalho de vir salvar sua amante.

— Eu sei onde você está, a Ruth me contou. Honna foi para o centro espírita, mas não faça nada, minha vida, estou indo buscá-la. É você quem eu amo, a Honna não significa nada para mim.

É mentira...

— Mentiroso! Eu li a porra do e-mail...

— Vida, estou estacionando, já vi seu carro, fique aí.

Vejo Othon saindo do automóvel e vejo a filha da puta da Honna saindo do centro espírita, atravessando a rua, até que Othon grita o seu nome. Fico cega, só ligo meu carro e piso fundo no acelerador, guiando-o na direção da Honna.

— Honna! Cuidado!

Escuto o grito desesperado de Othon e o vejo empurrar a Honna. Desacelero o veículo, mas é tarde demais. Ainda tento desviar do Othon e só vejo seu corpo passar por cima do meu carro. Olho para trás e o vejo cair no asfalto.

— Não! Não!

Grito, perco o controle do veículo, e só sinto a explosão dos airbags em meu peito. Um poste consegue finalmente parar o carro, sinto muita dor e vejo muito sangue, muito sangue.

Começo a gargalhar e chorar ao mesmo tempo, minha visão fica turva e só escuto vozes por todos os lados.

Minha filha! Deus, salve minha filha! Não me importo mais comigo, eu matei o amor de minha vida, mas salve minha filha.



Lucca

Capítulo 49

Estou saindo da construtora, a caminho do estacionamento onde papai me espera para voltarmos para o centro espírita, quando de repente me sinto mal e tudo gira diante dos meus olhos.

Levo a mão ao peito e o aperto, falta-me ar.

Deus!

Olho para o papai, que está próximo ao meu carro, e aceno com a mão, chamando-o. Vendo que algo não está bem, ele corre em minha direção.

— Filho, o que está sentindo? — Ele me segura e quase me arrastando, sigo de volta para dentro do prédio da construtora. — Lucca, respire fundo, fique aqui, vou buscar uma água.

Enquanto papai vai buscar água, inclino minha cabeça para trás e respiro fundo, fecho meus olhos e tento fazer uma prece. Meu celular vibra em meu bolso e eu sei que não é a Honna, pois é outro toque, então o pego e dou uma rápida olhada.

É o Carlos.

Será que aconteceu mais alguma coisa? Era só o que me faltava. Atendo.

E assim que escuto a voz desesperada do Carlos, eu sei que minha vida acabou.

— Lucca, a Honna sofreu um acidente. Estamos a caminho do hospital... Lucca, Lucca, você escutou o que eu disse? Alô? Alô?

Não escuto mais nada, caio de joelhos com o celular na mão, não acreditando que meus pesadelos acabaram de virar realidade.

— Lucca! Filho, o que houve? — Papai tenta me segurar, mas sou muito pesado e despenco no chão. — Lucca! Alguém me ajude!

Ele clama por ajuda e sinto o seu corpo tremer, posso até escutar as batidas desesperadas do seu coração.

Escuto vozes em torno de mim, sinto meu corpo ser levantado e logo estou sentado na poltrona do hall de entrada. Papai pega meu celular que ainda está preso entre meus dedos.

— Alô? Carlos? — Ao escutar as mesmas palavras, ele me olha consternado, vejo as lágrimas saltarem dos seus olhos, então me entrego ao desespero.

Eu a perdi! Perdi a mulher da minha vida!

— Ela se foi, não é? A Honna nos deixou? Ela nos deixou?

— Filho, você precisa ser forte. Precisamos ir ao hospital, o Carlos não sabe nos dizer o estado da Honna, ele só me disse que o Othon salvou a vida dela, e que foi a Suzanne a causadora de toda essa catástrofe, só não sabe dizer os motivos. Mas os três foram para o hospital. Força, filho, precisamos ir até lá.

Não pergunto nada, não quero saber os motivos que levaram a louca da Suzanne a fazer isso, simplesmente deixo-me ser guiado por meu pai.

Entramos no hospital e papai me ajuda a sair do carro, nesse momento sou guiado por mãos invisíveis.

— Tenha fé, filho, ela ficará bem, está sendo assistida por nossos irmãos

celestiais.

Escuto um sussurro e a pele na parte de trás do meu pescoço se arrepia. Observo o meu pai, sabendo que não veio dele o sussurro, pois nesse momento ele está muito concentrado. Entramos no elevador e seguimos para o terceiro andar, há um movimento muito grande no andar, médicos e enfermeiras se misturam em todos os lados. Seguimos até a recepção e de longe avisto o Carlos, assim que ele nos vê, corre ao nosso encontro.

— Lucca, meu amigo, como você está?

Sou abraçado.

Como estou? Como deveria estar?

Deus, por que as pessoas fazem essas perguntas? E eu sei lá como estou!

Morto?

Não, mas estarei se algo acontecer a Honna. Agora eu entendo a dor do papai quando a mamãe morreu. Só sabemos o tamanho da dor quando a sentimos no mesmo grau de intensidade do outro.

— Honna, como ela está, posso vê-la? — eu quase grito, já sentindo o desespero se aproximando, já escutando meus próprios batimentos cardíacos. — A Honna, Carlos, o que aconteceu com minha mulher? Onde ela está?

— Lucca, se acalme...

— Me acalmar o caralho, pai! — vocifero em pleno corredor lotado de médicos e enfermeiros.

— Que se fodam! O que estão olhando? — Olho fixamente para cada um que ousa me encarar.

— Lucca, de nada vai adiantar gritar e xingar. A Honna está lá dentro sendo atendida, a Emília está lá, logo teremos notícias.

— Não, não... eu quero notícias agora! Agora ou a porra vai ficar feia! — esbravejo e desta vez sigo até a recepção, papai vem logo atrás de mim.

— Lucca, quer ficar calmo?! Se insistir com esse comportamento, será expulso do hospital, é isso que quer?

Papai tem razão, preciso me acalmar, mas como?

Passo a mão por meus cabelos de um jeito impaciente e me encosto na parede.

— Como isso aconteceu? Eu a deixei dentro do centro espírita, pedi para ela me esperar lá dentro, por que ela saiu, por quê?

— Honna e Leila, a secretária do centro, saíram para comprar geladinho na casa da frente. Leila precisou voltar para pegar o dinheiro, e quando estava voltando, viu o Othon gritando e empurrando a Honna, foi muito rápido, eu só escutei os gritos e o barulho da batida do carro no poste. Em questão de minutos a rua se encheu de pessoas, foi quando eu vi o corpo da Honna caído na frente do centro e

o corpo do Othon a alguns metros de distância. Parecia uma cena de filme de terror.

— Deus do céu! E o que levou Suzanne a fazer isso?

Loucura, só podia ser. Aquela louca era para estar trancafiada em um hospital psiquiátrico, eu já sabia disso.

— Alguns rapazes disseram que o Othon voou por cima do carro, e se ele não tivesse empurrado a Honna, seria ela no lugar dele. Suzanne tinha mesmo a intenção de atropelar Honna.

— Maldita! Espero que ela tenha morrido nesse acidente, pois se não morreu, eu a mato.

Esbravejo, cheio de raiva. Papai tenta me deter, mas eu o empurro e sigo até uma das portas onde só quem trabalha no hospital tem acesso. Já estou pronto para invadir quando o Carlos me segura, trazendo-me de volta.

— Lucca, se acalme. Eu sei que não é fácil, mas não adianta você invadir, você gritar, xingar ou qualquer outra coisa. Não podemos fazer nada, a não ser esperar, então acalme-se homem.

Me acalmar... me acalmar...

— Eu não quero me acalmar, eu quero minha mulher e meu filho. Quero saber se os dois estão bem, se eles sobreviveram, e quero matar a louca da Suzanne, é isso que eu quero.

Carlos segura firme em meu braço e me leva para bem longe da recepção. Sou forçado a me sentar, e assim que sou jogado no estofado, papai me oferece um copo com água. A vontade que tenho é jogá-lo longe, mas eu o pego e seguro.

— E Othon? Será que vai sobreviver? E a Suzanne, o bebê dela? Meu Deus, que loucura! —

Papai se senta ao meu lado e sua mão se espalma em meu ombro. — Ela só podia estar fora de si para pôr a vida da filha em perigo. O que será que aconteceu?

— Eu sonhei com tudo isso. Por que não cuidei dela? Em meus pesadelos eu via a Honna sendo arremessada, escutava os gritos dela me chamando, por que não a protegi, por quê?

— Porque você não é um vidente, Lucca. Era só um pesadelo, e não foi a Honna quem foi arremessada, foi o Othon.

Papai agita meu corpo enquanto fala.

— O senhor não escutou. O Othon empurrou a Honna, era para ser ela no lugar dele. — digo e levanto-me. Sigo para a recepção, pois não ficarei parado, eles terão que me dar alguma notícia sobre a Honna. E assim que chego no balcão, vejo Emília saindo através da porta.

— Graças a Deus! — Papai une as mãos e as leva ao alto.

— Meu querido! — Emília me abraça e eu deixo aquele abraço amigo cercar meu corpo. —

Acalme-se. Eu sei que quer quebrar todo o hospital, mas não irá adiantar fazer isso, a Honna vai precisar de você calmo e o seu filho também.

— Como ela está? — Estou quase chorando, meu coração quase saindo pela

boca. — Por favor, Emília, diga-me que eles estão bem e que eu posso vê-los, por favor.

Deixo as lágrimas saltarem de meus olhos, agarrando-me ao último fio de esperança.

— Vamos nos sentar em um lugar mais calmo. — Carlos articula e nos guia para uma antessala.

Papai, Carlos, Emília e eu nos sentamos, ela bem próxima a mim, segurando minha mão, só este gesto me deixa desesperado.

Todos ficam tensos, e a tensão nos deixa em um silêncio melancólico. Baixo a cabeça e espero a má notícia.

— Meu querido, olhe para mim. — Seus dedos alisam a pele de minha mão e as lágrimas descem com mais força. Eu sei que minha vida acabou. Encaro-a. — A Honna sofreu algumas escoriações nos braços, pernas e joelhos, no entanto, eles precisaram adiantar o parto, pois ela bateu com força a barriga no asfalto. Fizeram uma cesariana de emergência. Seu filho nasceu perfeito, contudo, a Honna teve duas paradas cardíacas e entrou em coma.

Solto a mão dela e apoio as palmas das minhas mãos na testa, baixando a cabeça, o choro compulsivo vem com força. Balanço meu corpo para frente e para trás.

— Filho, ela sairá dessa. A Honna é forte. Você voltou para nós, ela voltará para você e para o filho de vocês. Acalme-se, Lucca. — Papai se agacha diante de mim, segurando meus braços. —

Lucca, estamos aqui e ficaremos ao seu lado, você não está sozinho.

— E... e se ela se for, pai? Se ela se for... minha vida acabará. Não saberei viver sem ela, pai, não saberei.

— Ela sobreviverá, ela é forte e o ama, tenha fé, meu amigo. — Carlo se agacha também e me olha com aquele olhar compreensivo, cheio de amor.

— Lucca, Honna não irá embora. Eu sei que ela está lutando pela vida, e acredite, vocês superarão isso, mas agora tem uma pessoinha que está no berçário, seu filho precisa de você, nesse momento ele só tem o pai, então vamos

lá, vá segurar seu filho um pouco, vá acalmá-lo. Ele não para de chorar, hein!

Como ébrio, sigo a Emília, papai e o Carlos nos acompanham.

Visto uma roupa especial e entro no berçário. Há três crianças nos bercinhos, mas logo que escuto o choro desesperado, já sei que é nosso filho.

— Olha o chorão. — Ele é tão lindo, tão gordinho, cabelos pretos, parecem com os meus. —

Ele precisou de oxigênio, pois nasceu antes do tempo, por isso está usando o cateter nasal, mas você poderá segurá-lo um pouco.

Emília o pega com cuidado, ele está muito agitado e chorando muito, ela o coloca em meus braços.

— Oi, meninão, é o papai, lembra da minha voz? Nós já tivemos altos papos quando você resolvia fazer festa dentro da barriga da mamãe durante a madrugada, acordando-a, era cada chute que cheguei a pensar que lá no útero havia um campinho de futebol.

Ele para de chorar e começa fazer pequenos barulhos com a garganta, como se estivesse conversando. Suas mãozinhas se agitam no ar e os pezinhos também. Emília me mostra uma cadeira, eu me sento.

— Olha, mamãe ficou muito cansada e vai precisar de um tempinho para se recuperar, então só seremos você e eu por enquanto, por isso preciso que colabore, não faça escândalo, você é o único

rapaz do berçário, há duas gatinhas do seu lado. Você não vai querer assustar as meninas, elas precisam se sentir seguras, então seja bonzinho, a mamãe logo, logo virá vê-lo.

Levanto-me e o inclino um pouco para a grande parede de vidro.

— Olha, aquele ali é o vovô, e o outro com cara de bravo é o tio Carlos. — Papai e Carlos acenam. — Agora, eu preciso ir, e você precisa dormir um pouquinho, amanhã eu volto para vê-lo.

Beijo-o e o devolvo para Emília. Ele adormeceu, ela o devolve ao bercinho.

— Essa menininha é a filha do Othon. — Emília me mostra um bercinho que está do lado direito do berço do meu filho. — Ela é um doce, as enfermeiras disseram que nem chorou quando nasceu, é bem-comportada. A menina nasceu a caminho do hospital. — Emília a pega e começa a niná-la. — O

Othon está em coma, também, ele quebrou duas costelas, as duas pernas, e está com um trauma na cabeça. Já a Suzanne perdeu o juízo completamente, eles precisaram sedá-la, pois só gritava e gargalhava. Será avaliada por um psiquiatra, mas pelo que eu vi, e por experiência, ela está completamente fora de controle, não tem condição nenhuma de cuidar da filha. Infelizmente essa princesa ficará sozinha, e oremos para que o Othon acorde logo, caso contrário não sei qual o destino dessa menininha linda.

— Se Othon não acordar, eu cuidarei dela. — Digo, afinal, Othon está longe da filha porque salvou a Honna e meu filho, é justo cuidar da filha dele.

— É um gesto muito nobre, Lucca. Ouviu isso, princesa? O tio Lucca cuidará de você.

Eu a seguro e ela resmunga. Levo-a até o vidro e mostro a pequena princesa para meu pai e o Carlos, dizendo-lhes mudamente que é a filha do Othon.

Não sei o que acontecerá daqui por diante, mas vendo meu filho e a filha do Othon, sinto uma energia enorme crescer dentro de mim.

Antes de sair do berçário, olho outra vez para meu filho.

— Filho, papai lutará por sua mãe, ela irá sair do coma e logo estaremos juntos. Não desistirei, terei fé, e todos os dias estarei aqui com você. Ela é uma lutadora, assim como você, e ela nos ama, não nos deixará.



Hanna

Capítulo 50

Dizem que anjos voam. Eles batem suas imensas asas em torno do ar e isso faz com que eles voem como pássaros gigantes. Neste momento é como me sinto. Um anjo. Flutuando em ventos suaves, sobrevoando um mar azul com águas calmas e pequenas ondas brancas. Sinto o cheiro salgado... maresia. Ah, como é bom esse cheiro. A brisa salina bate em meu rosto fazendo cócegas, brinca com meus cabelos, acaricia minha pele, é tão bom, tão calmo.

Devo estar sonhando, e se for um sonho não quero acordar, não agora. Estou gostando de voar, estou gostando de ser livre. Será que posso abrir os olhos? Tenho medo de fazer isso, pois acho que se o fizer acordarei e não sentirei mais esta sensação tão prazerosa. Não custa tentar, talvez não acorde, talvez possa ficar um pouco mais voando. Crio coragem e tento entreabrir um olho lentamente... depois o outro.

Oh, Deus! Estou voando de verdade! Ao longe avisto um navio daqueles que passam nos filmes do antigo Egito, e tento chegar perto, não muito, mas aproveito que o vento me leva para mais próximo, e ao piscar meus olhos, vejo um casal abraçado.

Ela com seus cabelos negros e sua roupa exótica; ele com um traje dourado. Acho que deve ser um rei, ou um príncipe egípcio, mas percebo que se olham muito apaixonadamente. Quando estão perto de se beijarem, um outro egípcio surge e diz algo, na sequência puxa a moça para si e o puxão é tão violento que ela perde o equilíbrio, tropeçando em alguma coisa, para então ser lançada ao mar.

Eu a vejo afundar lentamente, com a mão estendida, chamando por seu amor.

O rapaz enamorado, vendo a amada se afogar, se joga também ao mar, mas ele tem o mesmo destino dela, afoga-se. O outro homem fica observando e desesperado, ele também se lança ao mar.

Por que tenho a sensação de já ter visto essa mesma cena antes? Sinto meu corpo tenso e, como mágica, eu me vejo no corpo da egípcia e vejo o Lucca no corpo do príncipe egípcio. Não... não pode ser! O outro homem é, é... o Othon? Que loucura é essa?

Será que é uma das minhas muitas vidas? Bem que a Emília me disse que o Lucca e eu somos espíritos afins. Talvez em outra vida eu tenha sido uma princesa egípcia e o Lucca um príncipe. O

que eu sei é que durante os sonhos podemos viajar por diversos lugares e muitas das vezes nos lembrarmos de nossas vidas passadas. Se for o caso, não quero lembrar que em algum tempo passado eu perdi o Lucca. Não, não quero.

Aperto meus olhos com força e peço para acordar, faço uma prece silenciosa pedindo para que o Lucca faça algum movimento e eu acorde, pois eu sei que não lembrarei deste sonho confuso.

— *Honna... Honna, querida, pode abrir os olhos, não há perigo aqui.*

Reconheço a voz. Faz tanto tempo que não a escuto, quanta saudade tenho de suas risadas, do seu jeito irônico de dizer certas verdades.

— *Vozinha?* — Abro os olhos e lá está aquele sorriso espontâneo, caloroso, sorriso de vó. —

Meu Deus, quanto tempo não a vejo! Por que me abandonou, vó?

Corro para os braços dela e sinto aquele calor amoroso.

— *Venha, não temos muito tempo*. — Só então percebo que ela está acima de mim, como se estivesse flutuando.

Assustada, fecho e abro os olhos. Onde estou? Dou uma olhada rápida em mim... O que aconteceu? Estou em uma cama hospitalar, vestida em uma camisola de

hospital... minha barriga, o que aconteceu?

— Meu filho! Onde está meu filho? Vozinha, eu morri? Não, não pode ser, não quero deixá-

los. Eu os amo, eles precisam de mim.

— Acalme-se, minha filha! Tudo ficará bem, você não morreu, está dormindo, seu corpo físico precisa de descanso, precisa se recuperar, e enquanto isso não acontece, seu espírito está livre para fazer uma pequena viagem ao meu lado. Vamos?

Vovó me oferece a mão e me puxa para cima. Olho para baixo e me vejo deitada sobre a cama, meu corpo coberto por fios e em minha boca um tubo, igual ao que Lucca usava quando estava em coma.

— Estou em coma? Mas o que aconteceu? Por que não me lembro de nada?

— Porque você não viu acontecer, alguém a salvou, minha querida. Você foi amparada pela espiritualidade que a protege, eles anestesiaram sua consciência e você não viu e nem sentiu nada, mas foi preciso deixá-la dormindo um pouco mais, o corpo físico é muito frágil e o seu coração não estava muito bem, por isso intervimos e, os médicos encarnados, com a ajuda dos nossos amigos espirituais, conseguiram resolver seu pequeno problema coronário. Agora é vida, muita vida, minha querida.

— E o meu filho? Ele... ele...

— Hei, se acalme, eu já disse, está tudo bem. Venha comigo, vamos fazer um pequeno passeio.

Seguro em sua mão e flutuo ao seu lado. Passamos por várias alas do hospital, e em cada uma delas vejo vários espíritos, alguns felizes por sua passagem para a outra vida, outros tristes e agarrados àqueles que deixaram. Choram junto com eles. Se os encarnados soubessem que o desespero e a tristeza deles, muitas das vezes fazem os espíritos sofrerem tanto quanto eles, e isso os impedem de partir para o outro lado, fazendo-os ficar ao lado daqueles que sofrem, e isso não é bom, nem para o encarnado, nem para o desencarnado...

Há aqueles que entram em desespero e não aceitam de jeito algum o desencarne,

e fogem daqueles que os vêm buscar. Estes permanecem zanzando neste mundo; alguns pensam que ainda estão vivos, até a realidade bater na cara de cada um deles; mas tem alguns que, mesmo assim, preferem ficar por aqui, se alimentando da energia dos encarnados, os seus iguais.

Eu olho para baixo e vejo muitos espíritos, parece uma nuvem de gafanhoto, se batendo nos encarnados, e eles nem percebem o que acontece em torno deles.

— Pronto, meu bem, chegamos. Não faça muito movimento, os bebês e as crianças até os seus sete anos podem nos ver e até conversar. Você sabe perfeitamente do que estou falando, não sabe?

Sim, eu sei, ainda lembro de quando era pequena e meus amigos invisíveis vinham brincar em meu quarto ou no jardim. Mamãe vivia dizendo que eu estava conversando com meu amiguinho imaginário, mas quando eu contestava e dizia que não era imaginário, que eles eram de verdade, mamãe e papai riam de mim. No entanto, quando ganhei mais idade, acabou a graça e eu me tornei uma aberração.

— Sim, eu me lembro. — Respondo e escuto muitos chorinhos, o que é música para meus ouvidos.

Passamos através do vidro e, para minha surpresa, vejo a cena mais linda do mundo.

O Lucca está com o nosso filho no colo, ele tenta alimentá-lo com uma pequena chuquinha e cai mais leite fora da boquinha do nosso pequeno do que dentro.

— Eles serão grandes amigos. O Lucca sentirá muito orgulho do filho. — Vovó me diz, cheia de orgulho.

Eles são lindos juntos, mesmo. Nosso filho é uma mistura minha e dele, os cabelos negros do Lucca e meus olhos azuis, já prevejo uma porção de moças ao redor dele.

— Posso chegar perto deles?

— Claro, vá em frente.

Agacho-me e tento acariciar os cabelos do Lucca enquanto escuto a conversa

que ele está tendo com nosso filho.

— Filho, você precisa mamar. Eu sei que esta merda não é as tetas lindas de sua mamãe. Ela tem lindas tetas, durinhas e pontudas, você vai adorar mamar naqueles peitões... — *Meu Deus, Lucca, isso é coisa que se diga ao seu filho?* — Eu adoro, e vamos precisar entrar em um acordo. Você vai ter que dividi-las comigo. A mamãe também é minha, então, nada de fazer birra, você vai precisar entender que durante algumas horas ela será só sua, mas quando for a minha vez, vai nos deixar namorar, combinado?

Este homem não tem jeito. Mesmo eu em coma, ele está pensando em sacanagem, e já está tentando chantagear nosso filho a dividir-me com ele. Jesus!

— *Tarado! Você é um tarado, Lucca Stein.*

— Eu sei que se sua mãe estivesse nos escutando, ela iria me chamar de tarado, mas eu sou mesmo. Por ela eu sou, só por ela. Eu amo muito a sua mamãe. Ela, e agora você, são a minha razão de viver. Agora beba seu leitinho e vá dormir seu soninho.

— *Obedeça ao papai, beba tudinho...* — Acho que ele me escuta, pois começa a chupar o biquinho da chuquinha, e quando termina solta um suspiro.

— Isso, bom menino. Agora vamos arrotar. — Fico abismada com o Lucca. Ele sabe, melhor do que eu, segurar nosso filho. O pega com cuidado e o coloca de pé em seu peito, massageando suas costas até que escutamos um pequeno arroto. — Pronto. Vamos para a caminha porque eu preciso alimentar sua priminha...

Priminha? Que priminha?

— *Ela, aquela menininha linda, ali.* — Vozinha aponta para um bercinho que fica ao lado do

bercinho do nosso filho — *, é a filha do Othon e da Suzanne.*

— *O que aconteceu, vovó?*

Ainda não estou me lembrando de nada.

— *Feche os olhos.* — Ela pede e eu fecho.

Sinto a palma de sua mão em minha testa e de repente, como em uma cena em câmara lenta, eu vejo tudo. Vejo-me ser empurrada pelas mãos do Othon, vejo um carro em alta velocidade vindo em minha direção e a motorista é a Suzanne. Vejo-me caindo no chão, batendo minha barriga com força no asfalto, e vejo Othon ser arremessado por cima do veículo, caindo a alguns metros de distância do meu corpo, para logo depois o carro da Suzanne bater violentamente contra um poste.

— *Meu Deus! Eles... eles... morreram?* — pergunto enquanto meus olhos assistem o Lucca segurar a pequena menina nos braços e alimentá-la.

— *A Suzanne está bem, mas vai precisar de ajuda, espiritual e humana. Está desorientada e nunca mais será a mesma, mas se obtiver a ajuda certa, viverá uma vida tranquila. Longe da realidade, mas em paz. Othon, assim como você, está em coma, e é para lá que vamos agora. Acho que vocês precisam conversar.*

— *Posso falar com o Lucca antes?* — Vovó assente. Inclino meu corpo na direção dele e sinto o seu cheiro gostoso. — *Oi, amor.* — Sussurro e ele prende a respiração por alguns segundos, como se estivesse me escutando. — *Estou bem, não fique triste, não perca a fé. Em breve voltarei para vocês, cuide bem do nosso filho.*

Eu o beijo e ele sorri.

Eu os deixo, mesmo não querendo sair de perto do meu amor, mas sei que é preciso ir.

Rapidamente entramos em outro quarto e vejo o Othon estirado em uma cama, envolvido por fios e respirando por aparelhos. Suas pernas estão imobilizadas e ele tem muitas escoriações pelo corpo.

— *Ele ficará bem?* — Aproximo-me do corpo dele, que parece tranquilo, deve estar medicado para não sentir dor.

— *Ficará sim. Espero que ele aproveite a segunda chance que o Criador está dando para ele resgatar alguns males de outras vidas*. — Minha avó também se aproxima dele. — *Othon, acorde, não temos tempo.*

Ele abre os olhos lentamente e tenta se acostumar a claridade.

— *Eu a conheço.* — Ele se senta, fixando os olhos em minha avó. — *Só não lembro de onde.*

— *Sim, você me conhece, somos velhos conhecidos, em muitas vidas*. — Ele parece confuso.

Coitado, não tem noção do que ela está falando. — *Conhece esta moça também?*

Saio de trás da vovó.

— *Honna, você está bem?* — Ele se levanta da cama e vem até mim, começa a avaliar meu rosto, meus braços, até chegar em meu ventre. — *Ah, não! Ah, não! Eu sinto muito, sinto mesmo, juro que tentei salvá-la. A Suzanne ficou louca. Ela leu um e-mail que escrevi, no qual eu*

confessava o meu amor por você, e pensou que nós dois estávamos tendo um caso, perdeu completamente a razão. Meu Deus! Honna, a culpa é minha, perdoe-me...

— *Othon, se acalme, está tudo bem. Nossos filhos estão bem, estão no berçário. Venha. Vamos levá-lo para conhecer sua filha.*

— *Calma aí...* — Acho que finalmente ele cai em si e percebe o que está acontecendo. Olha para trás e se vê deitado. — *Não, não, eu... eu morri?*

— *Não, meu filho, você está dormindo, descansando seu corpo físico.* — Minha avó esclarece.

— *Agora, vamos, eu não tenho muito tempo com vocês.*

— *Espere.* — Ele solta minha mão. — *Há quanto tempo estou aqui?*

— *Três dias para os encarnados.* — Vovó responde e segura nossas mãos novamente.

Três dias! Meu Deus! O Lucca deve estar desesperado de medo. Lembro-me de quando ele acordava de seus pesadelos, o medo estampado em seus olhos e corpo por receio de me perder. É

como se tudo o que ele mais temia virasse realidade. Eu sei, ele deve estar se fingindo de forte, mas já o vejo entre lágrimas e desespero quando está na solidão do nosso quarto, quando não há ninguém por perto. Sinto sua dor, seus medos, sinto sua saudade.

Passamos pelos mesmos corredores e chegamos no berçário. O Lucca está se despedindo do nosso filho, ele deixa um beijo na cabecinha peluda dele e depois volta-se para o bercinho da pequena.

— Oi, minha lindinha. Tenho que ir, mas amanhã eu volto para vê-los outra vez. Não se preocupe, seu papai e mamãe estão bem, logo virão vê-la. Bons sonhos.

Vejo o semblante atordoado do Othon quando vê o Lucca conversando com sua filha, e os seus olhos marejados seguem o primo até que ele desaparece, deixando o berçário.

— *É a minha filha?* — Othon se aproxima da pequena, eu apenas confirmo com a cabeça. —

Oi, princesa. Você é tão linda, se parece tanto com sua mamãe... Não se preocupe, farei o impossível para voltar para você, tá?! — Ele tenta segurar a pequena mãozinha, mas é em vão.

— Ela está bem, Othon. E quanto à Suzanne, sua esposa nunca mais será a mesma. Eu sinto muito, mas foram as escolhas dela. Não iremos vê-la, pois devido ao seu estado mental, poderá nos ver e isso só vai piorar. Mas não se preocupe, você ficará bem e espero que aproveite sua segunda chance.

Othon se cala, passando a um estado introspectivo. Respeitamos seu silêncio e saímos do berçário, voltando para o quarto dele. Assim que entramos, ele fixa os olhos em vozinha.

— De onde eu a conheço? — ele pergunta. *— Essa impressão que sinto é a mesma que eu sentia quando via a Honna.*

— Feche os olhos, meus filhos. — Ela toca em nossas testas com as palmas de suas mãos.

Fechamos os olhos e, como por mágica, vemos algumas de nossas vidas, e a anterior a esta fica mais vívida, bem real, então eu reconheço a vozinha, ela é a

minha mãe. — *Sim, meu amor, fui sua mãe por algumas vidas, e a Emília também, por isso você tem tanta afinidade com ela. Quanto a você, Othon, na sua reencarnação anterior a esta, eu tentei chamá-lo à razão quando percebi sua*

paixão avassaladora pela Honna, que se chamava Katuh, mas você ficou tão obcecado que planejou outra vez a morte do Lakuf, que hoje é o Lucca. Sempre acontecia a mesma coisa, em todas as vidas. Por mais que você tenha se comprometido a deixá-los em paz, a seguir seu caminho, a resgatar suas dívidas com o casal, você sempre se deixava se envolver pelas más influências espirituais e dos encarnados, se esquecendo dos seus compromissos com outros espíritos encarnados. Felizmente você entendeu, você aceitou seu destino e conseguiu fazer o certo. Só espero que a partir de agora siga por caminhos diferentes, assuma seus erros e faça daqueles com os quais se comprometeu, felizes. Não desperdice a oportunidade de resgatar suas falhas, meu filho.

— *Então é verdade o que algumas pessoas dizem, que existe vida após a morte e que tivemos e teremos outras vidas? Nunca acreditei nessas coisas, aliás, sou materialista, só creio naquilo que posso ver, sentir e tocar. Isso tudo parece loucura, irreal. Quando acordar, se acordar, vou me lembrar de tudo isso?* — Ele está incrédulo e não tiro a razão dele. Acho que se não tivesse vivido tudo que vivi desde criança, nem eu acreditaria.

— *Não, mas sentirá sensações diferentes, sensações de renovação, de felicidade, de esperança, e são essas sensações boas que precisa seguir e entender.*

Ele me encara e antes mesmo de eu respirar, sinto seu abraço.

— *Perdoe-me, Honna, fui um babaca, realmente eu me apaixonei por você, eu a queria para mim, mas quando vi o amor que sentia pelo Lucca em seus olhos, pude perceber que nunca teria isso de você, por isso desisti, e quando descobri a gravidez da Suzanne resolvi dar uma chance para nós dois, já que eu a convenci a fazer um aborto meses antes. Eu aprendi a amá-la e realmente queria construir uma família com ela.*

— *Eu sinto muito pela Suzanne.* — Fico sentida quando escuto a última frase. Acho que ele realmente aprendeu a amar a Suzanne e é triste saber que ela perdeu completamente a razão.

— *Honna, o Othon não tem culpa quanto à Suzanne. Ela fez as escolhas dela,*

temos o livre arbítrio, ninguém é responsável por nossos erros. Temos escolhas e as consequências, a Suzanne preferiu o caminho mais fácil, então ela está colhendo o que plantou. Agora o que podemos fazer é ajudá-la, não abandonar a nossa irmã. A ame, cuide dela, e siga sua vida. Você ainda tem muitas surpresas pelo caminho, e dependendo de suas escolhas, serão surpresas boas. Seja feliz, meu filho, e faça os que vivem em torno de você, felizes também.

— *Obrigado!*

Vovó o abraça, e quando dou por mim Othon está de volta em seu corpo, dormindo. E assim que fecho os olhos e os abro, estou de volta ao meu quarto. E quando me vejo deitada na cama já não estou mais entubada, mas mesmo assim meu corpo continua ligado em aparelhos

— *Antes de ir, preciso que veja uma pessoa.* — Ela aponta para a porta e uma moça linda e sorridente vem em nossa direção.

— *Eu... eu conheço você.* — Ela me abraça e beija minha bochecha.

— *Você me conheceu com o nome de Ella, aquele espírito revoltado.*

Oh, meu Deus, sim.



Eu a abraço novamente.

— Estava endurecida de rancor e raiva com aqueles que se comprometeram a serem meus pais por muitas reencarnações, mas, tudo bem, depois de tanto tempo sofrendo, enfim pude escolher pais diferentes, acho que em breve nos veremos outra vez.

Recebo a notícia com tanta alegria que começo a chorar. Eu sei que não lembrarei de nada quando acordar e que a reencarnação de Ella vai demorar um pouco, mas fico muito feliz com a notícia.

— *Bem, precisamos ir, você tem visitas.* — Olho para meu corpo e vejo o Lucca ao meu lado.

Ele está triste, chorando. — *Adeus, meu amor. Acho que levará um tempo para nos reencontrarmos, mas sempre olharei por você. Seja feliz.*

E do mesmo jeito que ela surgiu, ela se vai.

Volto meu olhar para o homem que faz meu coração bater como a bateria de uma escola de samba. Agacho-me, ele está segurando a cabeça com as mãos, chorando compulsivamente.

— Por favor, meu amor, não me deixe, não me deixe. Não consigo mais voltar para casa, estou dormindo no carro, no estacionamento do hospital, porque não posso ficar em nosso quarto, naquela cama vazia. Sinto você em todos os cantos, é tão desesperador, tão angustiante. Já pensei em fazer uma loucura, só não fiz porque o nosso filho precisa de mim, mas não estou suportando, a dor é muito grande, o vazio é imenso. Estou com medo, Honna, medo de perdê-la para sempre.

Ele soluça e as lágrimas saltam como cascatas de seus olhos. Meu amor sofre e eu me sinto uma inútil e culpada.

— *Hei, amor, estou aqui...* — Sopro em seu rosto, e como por mágica ele leva a mão à frente de sua face, tangendo algo como se fosse um mosquito, em seguida ele limpa as lágrimas. E eu posso ver seus olhos vermelhos, as olheiras profundas, a barba por fazer. Ele está um desastre. Um desastre lindo de se ver. — *Meu amor, estou voltando, segure minha mão, aperte-a, estou voltando...*

Lucca encosta o queixo no colchão e segura minha mão, começa a acariciá-la, a beija, esconde o rosto entre o braço e recomeça a chorar.

— Honna, eu a amo tanto, não me deixe.

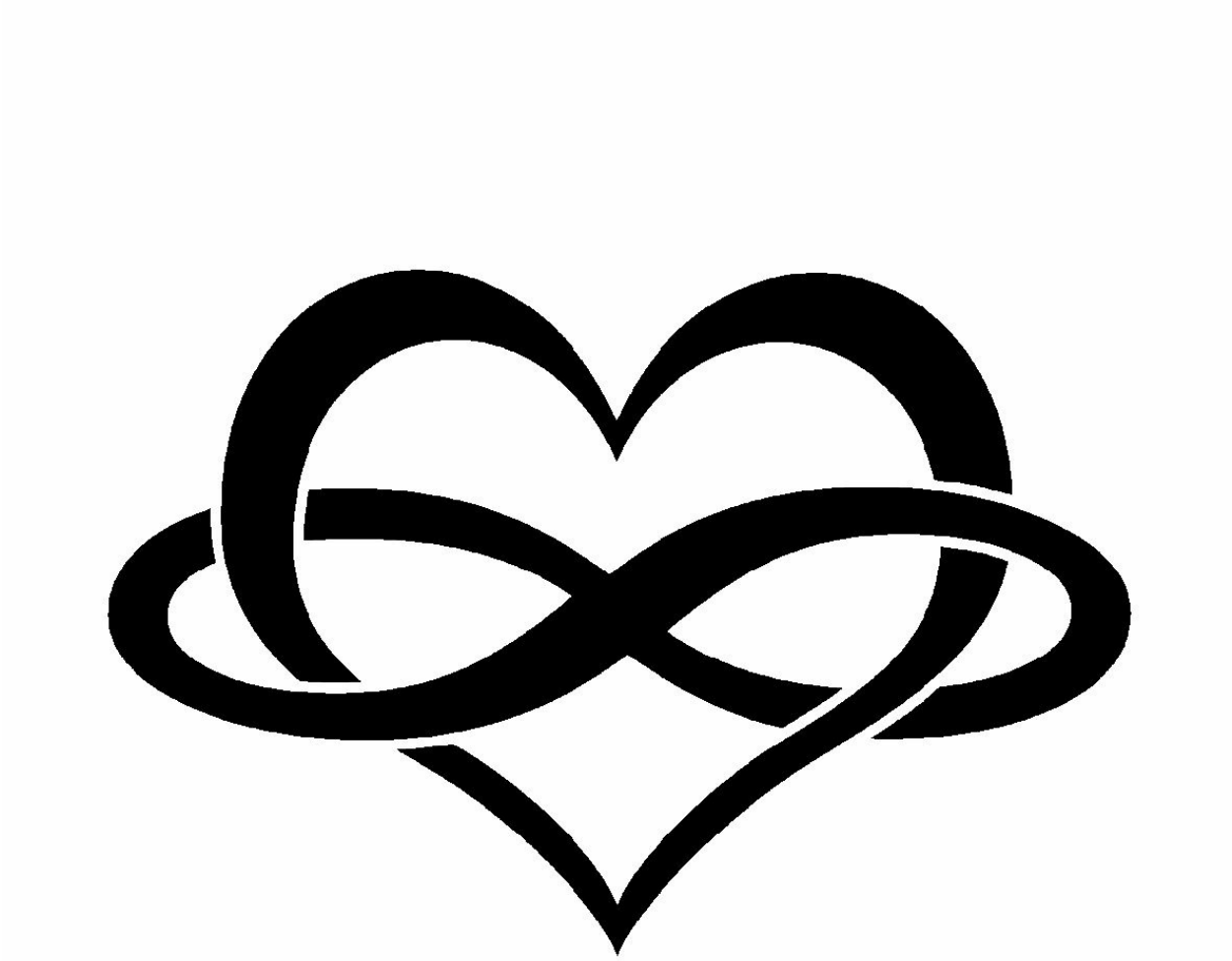
Volto para meu corpo, deito-me sobre ele e aos poucos a escuridão vai tomando meus olhos, o silêncio me toma e não vejo, não sinto e não escuto mais nada.

Alguém está chorando e murmura bem próximo de mim. Tento abrir meus olhos, mas eles estão pesados, algo está prendendo meu corpo. Onde estou? O que aconteceu? Escuto outra vez um sussurro, então reconheço a voz. É a voz do

Lucca. Ele está chorando, está segurando minha mão, então eu me lembro do acidente, me lembro do Othon...

Meu filho! Onde está o meu filho?

Sinto a carícia e o aperto da mão do Lucca sobre a minha, então, junto todas as minhas forças e devolvo o aperto. É um aperto tímido, mas ele sente.





— Honna, você apertou minha mão? Por favor, meu amor, aperte novamente. —

Aperto, desta vez com mais força e aos poucos meus olhos vão se abrindo e vejo seu sorriso torto. Parece uma eternidade desde que vi esse sorriso pela última vez.

— Oi... — sussurro enquanto tento sorrir.

— Você voltou! Voltou para mim! Oh, meu Deus! Eu a amo tanto, tanto...

Ele me segura nos braços e eu sinto seus lábios sobre os meus, então o beijo é inevitável.

Sinto frio e algo arranha minha garganta. Quero gritar, pedir ajuda, ainda tento me mexer, mas as minhas pernas não se movem, estão pesadas. Então eu abro meus olhos e com esforço consigo erguer um pouco minha cabeça. Por Deus! Estou entubado? Meus olhos avaliam ao meu redor. Não há ninguém, só minha cama e alguns aparelhos que estão ligados ao meu corpo.

Só então eu me lembro de tudo que aconteceu. Honna, Suzanne, eu... Minha filha, meu Deus!

Minha filha!

Levanto minha mão e tento retirar o tubo que está em minha garganta. Um dos aparelhos começa a apitar e logo duas enfermeiras entram no quarto.

— Senhor Othon, tente ficar calmo, o médico já está vindo.

Calmo? Como ficar calmo? Estou preso a fios, com um tubo enfiado em minha garganta, minhas pernas estão duras, não sei se minha mulher e filha estão vivas, e eu tenho que ficar calmo? Fodam-se todos vocês!

Agito-me na cama, afastando as mãos que tentam me deter. Eu quero é gritar, esmurrar alguém.

— Calma, calma, meu amigo. Para onde vai com tanta pressa? — Acho que o homem com voz rouca é o médico. Se ele retirar o tubo de mim, eu digo-lhe com toda certeza para onde eu vou. —

Senhor Othon, se continuar lutando assim, mandarei acalmá-lo e o senhor voltará a dormir. É isso que quer?

Não, não é isso que quero. Relaxo, e logo as mãos que tentavam me manter quieto se afastam.

— Vou retirar o tubo e o senhor vai me prometer que não tentará falar, ok? — Assinto com uma piscada. Ele me livra do tubo e rapidamente vem um ardor do cacete arranhando minha garganta. —

Engula a saliva lentamente. Uma das enfermeiras lhe trará água e o senhor tentará bebê-la. Faremos alguns exames e, se tudo correr bem, o senhor será transferido para um quarto particular. Quer que chamemos alguém?

— Lucca... — sussurro e assim que me calo sinto-me cansado, e mesmo que lute para manter minhas pálpebras abertas, não consigo e vejo tudo escurecer novamente.



Capítulo 51

Após um dia de exames, finalmente a Honna foi liberada para ir para casa. As orações de todos e a grande equipe médica foram cruciais para a sua recuperação. Não nego que fiquei preocupado que acontecesse com ela o mesmo que aconteceu comigo, de ela ficar meses dormindo, pois isso seria o inferno, não sei se suportaria. Mas, felizmente, ela não sentiu nada depois que acordou, estava tão bem que queria se levantar para ir até o berçário. Depois de muita chantagem emocional – estou ficando bom nisso –, ela cedeu e resolveu esperar a pediatra liberar nosso filho.

E agora ela está lindamente amamentando um bebê muito guloso.

— Amor, ajuda aqui, estou muito cansada. Seu filho é um esfomeado, ele suga até a última gota.

— Antes de pegá-lo, olho expressivamente para as tetas magníficas de minha adorável mulher e quase babo. — Lucca Stein, estes peitos por enquanto são do seu filho. Pare de olhar para eles como um lobo faminto.

Reviro os olhos.

— Nem fodendo! Assim que chegarmos em casa e a médica liberar geral, será uma teta dele e outra minha... Psiu, calada! — Ela tenta argumentar. — Ele e eu já tivemos um papo de pai para filho.

A mãe é dele, mas a mulher é minha e eu estou subindo pelas paredes. Quase esfolei meu pau com a punheta que dei hoje cedo no banheiro, então se prepare para descabelar a espiga de milho.

— Lucca, veja como fala! Seu filho está em seu colo. — Ela arremessa uma fralda toda melecada de leite de peito em minha cara. Não deu para desviar porque estou com o bebê no colo.

— A propósito, já decidiu qual nome daremos ao nosso bebê lindo?

Deixamos para escolher o nome quando ele nascesse, assim seria um nome escolhido sem pensarmos e sem pressão, o primeiro que surgisse seria o eleito.

— Ian. Eu queria Lucca Filho, mas acho que nosso filho merece um nome só dele. O que acha?

— Perfeito. — Concordo. — Viu filho, como seu nome é lindo? Já estou vendo um monte de meninas gritando seu nome na escola... Ian, Ian... e com esse pintão, vai mandar ver!

— Meu Deus, Lucca! Você está impossível hoje.

Ela não viu nada. Estou louco para cair de boca na sua bocetinha apertadinha, pena que terei que esperar.

Ainda com nosso filho no colo, eu pisco um olho e me inclino para fazer algumas safadezas com a sua boca.

Já estou pronto para roubar um beijo daqueles de desentupir pia quando a porta do quarto é aberta e doutor Osmar entra com seu sorriso habitual, fechando-a atrás dele. Honna me empurra, eu lhe entrego o Ian e refaço minha postura.

— Eu não perderia isso por nada no mundo. — Ele sorri quando me vê com uma fralda no

ombro. — Como é bom vê-lo tão feliz, Lucca. Feliz e pai.

É verdade. Acho que todos neste hospital se surpreenderam quando me viram cuidando do Ian no berçário enquanto a Honna estava em coma. Tudo bem que foram só três dias, mas foram os dias mais apreensivos e felizes da minha vida. Apreensivos porque passei o inferno sem saber se ela acordaria, e felizes porque cuidei do meu filho.

— Pois é. Quem iria imaginar que depois de meses eu seria pai e estaria casado com a minha enfermeira?

Ela me envia um olhar amoroso.

— Alguma notícia do Othon? — Honna pergunta.

— É por isso que estou aqui. Othon acordou e quer falar com você, Lucca. Ele está bem, já está no quarto e daqui a alguns dias poderá voltar para casa. Claro que precisará de cuidados, mas o período em que ficou em coma ajudou bastante em sua recuperação. Ele tem pressa, quer cuidar da filha.

— Ele se lembra de tudo? — eu pergunto, pois quero saber o que fez a Suzanne tentar matar Honna.

— Lembra sim, inclusive já mandou chamar o delegado, mas quer falar com você antes. Só com você. — Osmar olha para Honna, que estreita os olhos em frustração.

— Ok, então vamos. Amor, quer que eu chame alguma enfermeira?

— Não, eu me viro bem com o Ian.

Seguimos para o quarto do Othon. Não faço ideia do que ele quer falar comigo. Desde que se casou com a Suzanne, pouco conversamos. Nos vemos no

escritório, mas nosso vocabulário é restrito a um “bom dia”, “boa tarde” e um “boa noite”, isso quando nos encontramos na garagem. Ainda sinto um pouco de mágoa e posso afirmar que a raiva era verdadeira, principalmente quando eu me lembrava do meu atentado. Ainda desconfio dele, mas depois que ele salvou a vida da Honna, não o vejo mais como um inimigo. Não sei se poderemos ser amigos algum dia como éramos quando crianças, mas não o odeio mais.

Entramos no quarto. Othon está com dois enfermeiros e eles estão o livrando do gesso das pernas e das ataduras que cercam seu corpo.

— Lucca, sente-se. Veja você, agora sou eu quem está em uma cama hospitalar e precisando de ajuda. — Ele parece diferente, aquela arrogância desapareceu de seu rosto.

— Bem, vou deixá-los a sós. Se precisarem de mim, peçam informação a alguém lá fora eles saberão onde me encontrar. — Osmar articula e em seguida se vai.

Eu me sento e espero os enfermeiros saírem. A curiosidade me toma, realmente não sei o que o levou a me chamar aqui e nem à polícia. Será que finalmente ele irá confessar seus crimes? Se fosse há alguns dias eu iria adorar escutá-lo admitir que foi ele quem contratou aqueles bandidos para me matarem, no entanto, hoje, depois de tudo que passei e ele também, sabendo que ele tem uma filha para criar, não sei se quero realmente vê-lo atrás das grades.

— Othon. — Limpo a garganta. — Seja o que for que você irá me dizer, não quero saber. Acho

que nós dois já tivemos nossas parcelas de desavenças, já chega de brigas e acusações. Somos pais agora e sua filha precisa de você...

— Lucca! — ele me interrompe. — Deixe-me falar. Independentemente do que você vai pensar ou não, eu também estou cansado de toda essa merda. Nem sei quando tudo isso começou, erámos tão amigos e de repente eu me tornei seu rival, mas não é para falar sobre isso que eu o chamei.

Eu me ajeito na cadeira e ele fecha os olhos por um momento, acho que o que tem a me dizer é muito difícil, talvez seja melhor deixar para outro dia.

— Só peço que não me interrompa. — Já estou pronto para fazer isso, então eu fico quieto e o deixo extravasar toda sua dor. — Não pense que estou feliz por

contar isso a você, poderia até admitir a culpa, mas minha filha ficaria sem pai e sem mãe, e ela é toda a razão de minha vida. —

Acredito nele, pois agora que sou pai me sinto exatamente assim. — Eu não sabia, juro que não sabia, mas antes de contar essa parte tão difícil, quero que você saiba as razões as quais levaram Suzanne a querer tirar a vida da Honna.

Porra! Será que eu quero mesmo saber sobre isso? A Honna está bem, nosso filho também, a Suzanne já obteve seu castigo, então, por que tocarmos em uma ferida que está sendo cicatrizada.

— Eu me apaixonei pela Honna. — Levanto minha cabeça e o encaro com fogo nos olhos. Ele tem sorte de estar em uma cama de hospital. — Mereço seu ódio, eu também ficaria. — Ele também me encara, mas logo depois baixa o olhar. — Até tentei conquistá-la, mas aquela moça o ama mais do que tudo na vida. — *Eu sei disso, seu babaca.* — Quando confessei meu amor por ela e vi em seus olhos o amor que ela sentia por você, desisti e resolvi deixá-la em paz.

Então, as palavras começam a desenrolar e Othon me conta tudo. Diz que antes de resolver confessar seu amor para Honna, escreveu um e-mail confessando o mesmo, só que não teve coragem de enviá-lo. Até havia se esquecido dele, pois quando soube da gravidez da Suzanne, resolveu assumir a paternidade. Foi a partir daí que descobri que o filho que a Suzanne perdeu não era meu, era dele, e foi ele quem a convenceu a abortar. Eu quase salto da cadeira e o encho de porrada, mas me seguro e espero toda sua confissão. Talvez ele tenha salvação.

— Lucca, eu sei que fiz muita merda, até roubei meu tio... — Disso eu não sabia. — Sim, eu fiz isso, desviei uma pequena fortuna das indústrias, mas eu o devolvi. Lembra-se do dia em que me pegou na sala do tio Felipo com um envelope na mão? Pois é, estava devolvendo cada centavo. Ser pai e me casar com a Suzanne mudou minha vida. Eu quero que minha filha sinta orgulho de mim, por isso resolvi acertar as coisas.

Ele engole o bolo da garganta. Fecha e abre os olhos. Coloco-me em seu lugar, afinal, não é fácil confessar tanta merda. Ele tem coragem, disso eu tenho certeza. Outro no lugar dele deixaria para lá.

— E como diz o ditado, um dia toda mentira será descoberta, e a Suzanne descobriu. Ela precisou de algo que estava em meu e-mail pessoal e eu a mandei procurar. Como disse, já tinha me esquecido, mas ela encontrou e em sua cabeça

doentia distorceu tudo, achando que a Honna e eu estávamos tendo um caso. Acho que naquele momento ela enlouqueceu de vez, não pensou em nada, nem na nossa filha. O ódio foi maior do que seu amor de mãe. Ela me enviou esta mensagem, foi assim que descobri o que ela pretendia fazer, por isso eu cheguei a tempo de salvar a vida da Honna.

Ele me entrega o celular e escuto toda a mensagem em áudio. A cada palavra da Suzanne, fico boquiaberto. Não consigo acreditar que ela fosse capaz de tanta maldade. E eu que pensei que ela me amava, me desejava... Como ela pôde ser tão dissimulada, traiçoeira? Onde ficaram os “eu te amo”,

“sou louca por você”, “não vejo a hora de nos casarmos”? E eu, como pude ser tão cego? Como não percebi que ela só estava interessada em meu dinheiro?

— Meu Deus, Othon!

— Eu também fiquei assim, boquiaberto, quando escutei a confissão. Juro que sequer imaginei que tinha sido ela. Eu pensei que tivesse sido meu pai, ele quem queria ocupar o lugar do tio Felipo e o seu. Confesso que cheguei a pensar em ocupar o seu lugar também, mas nunca pensei em mandar matá-lo. Posso ser um escroque, mas não sou um assassino.

— Até agora não consigo acreditar. A Suzanne arquitetou tudo, e sozinha? — Levanto e começo a andar de um lado a outro. Eu dormia ao lado dela sem saber que planejava me matar. É muita loucura! — O que vai fazer, Othon? Por que mandou chamar o delegado?

— Por mais que seja difícil, eu tenho que fazer a coisa certa. Vou entregar esta mensagem para ele.

— Não, não faça isso. — Eu me aproximo da cama e toco em seu ombro. — Othon, a Suzanne já vai responder por tentativa de homicídio. Ela provavelmente ficará trancafiada em um manicômio judiciário, sua esposa nunca mais será a mesma, então deixe as coisas como estão. Os bandidos que atiraram em mim já estão presos, eles são os culpados e pronto. Não quero acusar a Suzanne de mais um crime, vamos esquecer isso, ela responderá por tentar matar a Honna e só. Vamos seguir nossas vidas, e apesar de saber que não será nada fácil para você, quero que saiba que sou muito grato por ter salvado a Honna, por isso vamos esquecer nossas desavenças do passado e vamos construir um presente e um futuro novo. Nossos filhos merecem isso e você pode contar com

a minha ajuda e a ajuda da Honna.

— Lucca, você me perdoa? Meu Deus, eu fui um canalha, fui uma pessoa sem nenhum escrúpulo.

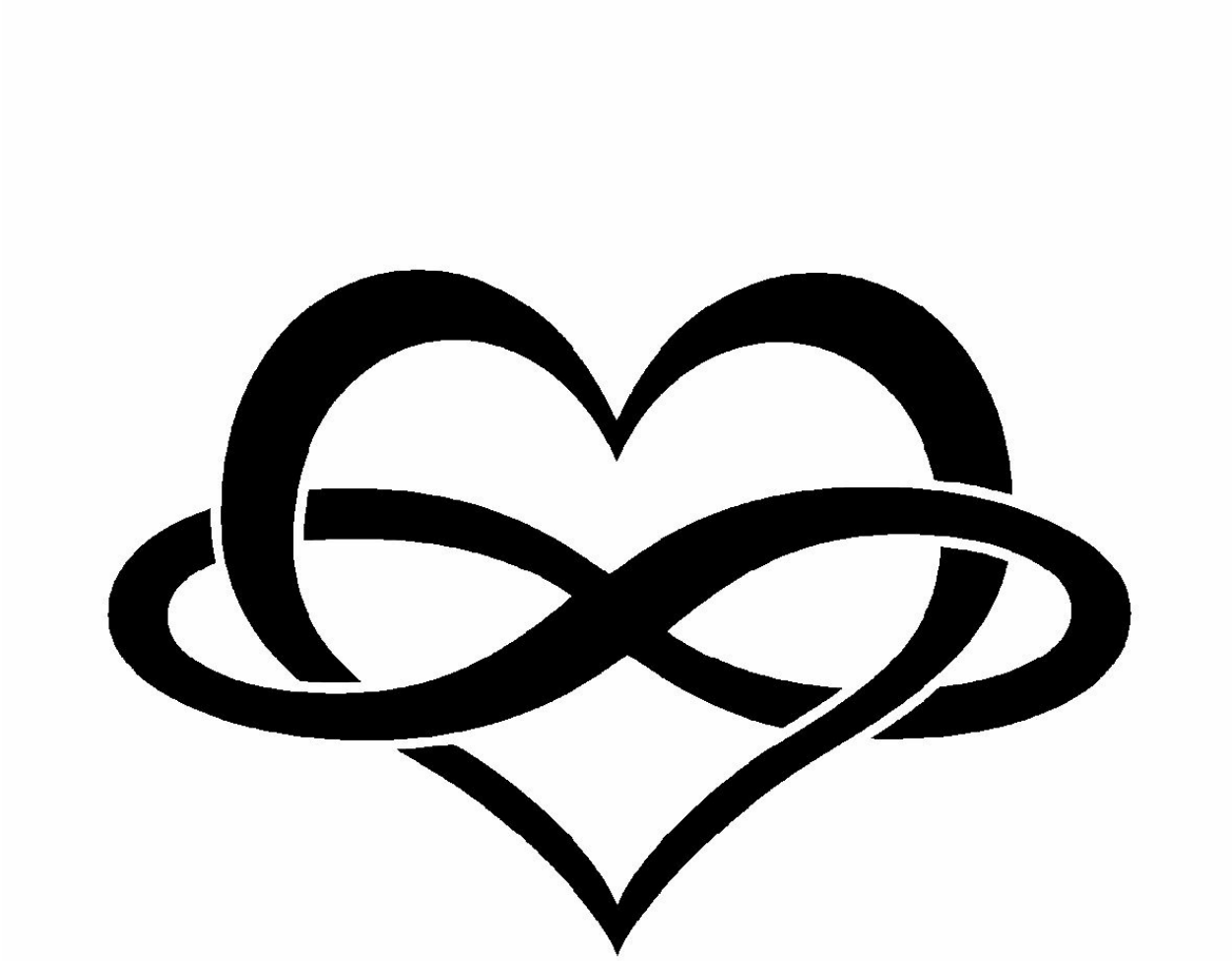
Fui eu quem convenceu a Suzanne a fingir que estava doente, até fui capaz de trocar a medicação dela por placebo. Estou tão envergonhado. Eu fui criado praticamente pelo tio Felipo e pela tia Barbara, erámos como irmãos e eu os apunhalei pelas costas. Perdoe-me. Será que algum dia poderemos ser amigos novamente?

Bem, eu não sei responder a esta pergunta. Foram anos de mágoa, rancor e ódio de ambas as partes, não sei se só um pedido de desculpas e perdão fará cicatrizar as feridas. Acho que só o tempo nos responderá isso.

— Vamos viver um dia de cada vez. Teremos tempo para selarmos uma amizade. Eu o perdoo, Othon, e quero muito que nossos filhos sejam amigos. — O abraço e sinto que suas lágrimas são reais. Ele está disposto, mesmo, a recomeçar. O amor que sente pela filha é a cura para todos os seus males. — Você já viu sua filha? Eu cuidei dela enquanto você estava em coma.

— A enfermeira a trará hoje para que eu possa segurá-la. Já pedi para minha secretária providenciar uma babá e um novo apartamento. Não quero voltar para o antigo.

— Nada disso. Você vai morar na mansão, a casa é enorme e o papai vai amar o choro das nossas crianças. É o melhor para sua filha e para você. A propósito, ela já tem nome?



— Sim, tem. Espero que você não se incomode, mas eu resolvi dar o nome de sua mãe para minha princesa.

— Barbara é um lindo nome e papai ficará muito feliz.

— Tia Bárbara foi a única mãe que eu conheci. Ela me amava como um filho. — Ele limpa a garganta e me encara, segurando minha mão. — Lucca, saiba que todo sentimento de amor que eu nutria por sua mulher, acabou. Eu amava e ainda amo a Suzanne, mesmo sabendo que ela não é mais a minha Suzanne, mesmo sabendo que preciso me divorciar dela e seguir minha vida. Então, não se

preocupe, hoje o que sinto pela Honna é admiração e amizade.

— Assim espero, porque caso contrário eu não pensarei duas vezes antes de acabar com a sua raça. Por ela eu mato e morro.

Talvez eu seja um tolo por perdoar o Othon, mas algo me diz que esse perdão já era para ter acontecido há muito tempo. E eu espero mesmo que possamos um dia voltar a ser amigos, como éramos quando criança.

Eu me afasto quando a porta do quarto se abre e o delegado pede licença. Ao lado dele está outro policial. Fico do lado da cama escutando o depoimento do Othon. Ele conta tudo, ou quase tudo, só oculta o fato de a Suzanne ser a mandante do meu atentado.

Saio do quarto sem eles perceberem em dado momento. Estou me sentindo mais leve, livre de alguns sentimentos que eu sei que só me faziam mal. Hoje começo um novo ciclo de minha vida.

Vinte e quatro de dezembro, oito meses depois...

— Meus queridos irmãos, hoje é um dia especial, muito especial. Como todos sabem, normalmente o centro espírita fica em recesso nos dias de Natal e Ano Novo, no entanto, resolvemos receber alguns amigos para uma ceia de Natal especial.

Carlos nos convidou para passarmos a véspera de Natal com alguns membros da casa de oração. Ele nos disse que os mentores pediram que nos reuníssemos. As crianças ficaram com a babá que cuida da Bárbara, na brinquedoteca da escola, enquanto fazemos uma reunião mediúnica especial.

Honna, papai, Othon, Emília, Carlos, mais três médiuns, um doutrinador e eu, nos sentamos em torno da mesa, as luzes são apagadas e três luzes azuis são acesas, uma música ambiente começa a tocar.

Carlos nos pede para darmos as mãos e fecharmos os olhos, nos concentrarmos. É a primeira vez que temos autorização para participar deste tido de reunião, apesar de estarmos bem engajados no meio espírita. Papai participa de quase tudo, está estudando muito sobre a doutrina e é o principal colaborador financeiro da casa. Eu também estou comprometido, não só financeiramente como também no que diz respeito à ajuda humanitária.

Carlos começa a oração inicial e neste momento só escutamos a voz dele.

Em dado momento ouvimos o som da voz de Honna, está diferente, entrecortada, e quando ela limpa a garganta, ouço a voz do papai.

— Bárbara!

Ele se cala e eu entendo sua emoção, pois eu também pensei ter escutado a voz da minha mãe, mas sei que é a Honna quem está falando.

— Boa noite, meus queridos, que a paz do nosso senhor Jesus Cristo esteja sempre em nossos corações, que a força do amor de nosso Deus Criador seja a energia que nos guia para redimir nossas falhas.

Todos repetem no mesmo tom:

— Que assim seja!

— Como é bom estar aqui novamente ao lado daqueles que eu amo, dos meus queridos amores. Eu fui agraciada com este presente, em revê-los, e quero só agradecer por vocês se conscientizarem de que só o amor e a caridade podem nos levar à salvação. Aquele que se encontrava perdido no mar do orgulho, da inveja, da ambição exacerbada, das paixões grotescas e puritanas, enfim conseguiu se libertar, conseguiu encontrar o caminho para a felicidade. Creio que voltar atrás foi o melhor recomeço e daqui por diante a recompensa virá, mas não pense que acabou, ainda há muito o que resgatar, e se não for nesta vida será na próxima, mas as consequências serão mais brandas.

Eu sei que ela está falando com o Othon, e acho que ele também sabe disso.

— Meus filhos queridos, finalmente o amor conseguiu uni-los, e agora vocês poderão cumprir suas promessas, que é ajudar ao próximo. A felicidade cobrirá a vida de vocês, e por onde

passarem deixarão um rastro de gratidão. O pequeno fruto que seguram em suas mãos é o segmento do amor e comprometimento de vocês, ele seguirá o exemplo dos pais e fará sempre o certo.

Agora eu tenho certeza de que ela está falando sobre mim, Honna e Ian.

— Em breve uma nova luz surgirá em seus caminhos, acolham-na, amem-na, ela precisará da confiança e do exemplo de todos vocês. Não só dos pais, mas de todos que a cercam.

Este recado eu não entendi.

— Meu querido, meu amor, estou muito orgulhosa de como conduziu sua vida e daqueles que o seguia. Você foi justo, correto e amoroso. Não pense que seu tempo acabou, você ainda guiará outros do seu rebanho, eles precisam do seu amor, da sua compaixão e da sua hombridade. Não se preocupe porque o esperarei, mas não será agora, você ainda é necessário entre os que ama.

Este recado é para o papai.

— Bem, meus amados, sejam felizes, se amem e se respeitem, cuidem uns dos outros e nunca percam a fé. Mesmo que a situação não seja favorável, jamais perca a fé. Os caminhos às vezes são tortuosos, mas foram os caminhos que escolhemos para percorrer, e se os escolhemos é porque sabíamos que lá na frente o júbilo seria a nossa recompensa. Fiquem em paz, meus queridos.

O silêncio nos deixa pensativos, só escutamos nossas respirações. Eu... Bem, eu estou atordoado, pois não sei o que pensar. Em minha mente escutei a voz de minha mãe, mas eu sabia que quem falava era a Honna. Nunca tinha visto a Honna se comunicar com um espírito, mesmo acreditando que ela tenha esse dom.

Foi ela quem me salvou, foi ela quem ajudou a polícia a me encontrar. Sem o seu envolvimento, a esta hora já teria virado comida de verme. Não me lembro de nada. Ainda que tente, não consigo me lembrar, mas acredito, e hoje eu tenho certeza, de que se ela tivesse procurado a polícia para dizer que sabia onde eu estava, teria sido acusada pelo crime, por isso nunca contei ao papai. Eu não sei como ele reagiria se soubesse, então será um segredo meu e dela.

— Bem, meus irmãos, vamos dar início ao final... — Carlos quebra o silêncio e, antes da oração final, um dos mentores do centro espírita faz os agradecimentos, nos agraciando com uma mensagem linda de encerramento.

As luzes se acendem e então vemos as lágrimas do papai.

— Meu velho, o que foi? — Corro até ele e o abraço. Honna vem logo em

seguida e assim que a ver, meu pai se joga nos braços dela.

— Obrigado, minha filha, por este presente. Eu sempre quis escutar a voz do meu amor uma última vez e você fez com que isso acontecesse. Obrigado, filha, muito obrigado.

Honna o beija na testa e o encara com aquele olhar bondoso que só ela tem.

— Senhor Felipo, não fiz nada, só fui o instrumento da comunicação. Sua esposa tem autorização para se comunicar e veio até nós, foi a espiritualidade que permitiu.

— Você a viu? — Ele sabe que Honna também pode ver os espíritos.

— Sim, ela é uma mulher muito bonita e aquela mecha de cabelo branco na longa franja deu-lhe

um charme e tanto. — Assim que ela se cala, tanto eu quanto papai olhamos, pasmados, para ela. —

Gente, o que eu disse?

— Como você sabe da mecha de cabelo? — pergunto, ainda perplexo.

— Ora... Eu vi. Ela usava um vestido azul e os cabelos pretos estavam soltos, o que destacava a grande mecha branca na franja.

— Só quem sabe que o cabelo da mamãe era preto e que tinha uma mecha branca era o papai, o cabelereiro e eu. A mamãe tingia o cabelo de loiro para encobrir a mecha, ela não gostava, dizia que a envelhecia cem anos.

— Pois, ela estava se sentindo muito à vontade com seus cabelos pretos.

— A ceia, meu povo! Estou morto de fome!

Carlos vem até nós e nos abraça, logo atrás Emília chega com a pequena Gabriela. Eles resolveram aumentar a família, adotaram a pequena ruivinha e em breve o irmãozinho dela estaria ao seu lado. Como o menino é menorzinho, vai demorar cerca de um mês para ele se juntar à irmã.

— Vamos comer, antes que meu marido caia duro no chão. — brinca Emília, abraçando Honna.

— E o nosso filho, amor, onde ele está? — indago e passo um olhar rápido por todo salão.

Ian já está andando e mesmo todo desengonçado, ele é apressado, não quer dar passadas.

Prefere sempre correr, por isso temos sempre que ficar de olhos bem abertos.

— Ele está com o Othon e a Bárbara. Você sabe perfeitamente que ele não desgruda da prima.

Honna aponta para um canto onde a árvore de Natal foi armada e colocamos muitos presentes para as crianças da comunidade.

— Vou até lá. Vá comer, depois como qualquer coisa. — Eu a beijo, Emília a segura pela mão e as duas vão em direção à grande mesa farta.

— Estão dando muito trabalho? — Othon está sentado no chão, vendo nossos filhos brincarem, e eu me junto a ele.

— Se todo trabalho fosse esse, não me cansaria nunca. — Othon desabafa. Ele mudou muito, nem se parece com aquele escroque filho da mãe de alguns meses atrás. — Sabe, estou pensando em tirar uns dias de férias, viajar com a Bárbara. Só fico com ela à noite e nos fins de semana. Eu quero mais tempo com minha mocinha.

— Nem me fale. Ando pensando muito nisso também. Um lugar calmo, onde possamos ficar juntos sem muitas pessoas ao redor. — Esses meses têm sido um inferno. Abrimos uma filial em São Paulo e eu fico me desdobrando, uma semana lá e outra cá, é cansativo *pra* caralho, sem contar que fico sem minha safadinha e meu filho.

— Eu sei como se sente. Deve ser difícil se dividir, a saudade machuca.

— Othon, já faz algum tempo que quero perguntar... Você tem visto seu pai?

Desde o enterro da tia Belle não vi mais o irmão de meu pai.

A mãe do Othon sofreu um AVC fulminante, mas já esperávamos por isso, foi muito sofrimento para ela. Eles perderam tudo, até o apartamento que o Othon comprou. Não sei como, mas tia Belle

convenceu o Othon a passar o apartamento para o nome dela, e assim que ele fez isso, tio Patrício o vendeu, daí por diante foi ladeira abaixo.

— Eu o vi mês passado, estava debaixo de uma marquise, pedindo esmolas. Posso estar errado, mas fingi não o reconhecer. Depois do que ele fez comigo, não quero sequer saber se está vivo ou morto.

Tio Patrício tentou sequestrar a Bárbara em troca de dinheiro. Ele aproveitou que a babá levava a menina todas as tardes para o parquinho, se aproveitou que ela não o conhecia e tentou levar o carrinho com a neta dentro. Ele só não sabia que a moça sabe lutar karaté. Foi preciso apenas um golpe e muitos gritos. Ele conseguiu escapar, desaparecendo do nosso radar, mas depois disso as babás só saem com a companhia de algum segurança.

— E como está a Suzanne? Desculpe-me, cara, mas não tenho coragem de ir visitá-la. — Desde que a Suzanne foi internada, nem a Honna e nem eu fomos vê-la. Sabemos notícias através da Emília, mas faz seis meses que ela foi transferida para um hospital psiquiátrico.

— A Suzanne não reconhece mais ninguém, vive em seu mundo próprio, conversando com seus amigos espirituais. Tentei falar com ela, mas não deu em nada, ela só balançava o corpo e não falava coisa com coisa. Ela se perdeu completamente, então resolvi pedir o divórcio. No estado dela o Juiz concedeu logo, agora sou um homem livre, quero esquecer esta parte triste de minha vida e me dedicar à minha filha. Não é, minha princesa?

Bárbara se joga nos braços dele, mostrando um boneco que o Ian deu para ela.

— Neneco, papa, nindo. — Ela já fala quase perfeitamente.

— Sim, é muito lindo o boneco do Ian. — Ian passa os braços em volta do pescoço do Othon.

— Titio, eu amo você. — Eles se entendem muito bem, e o Ian tem verdadeira adoração por Othon.

— Lucca, ainda vai querer que eu fique com o Ian esta noite?

Apesar de termos uma babá, nós demos folga a ela. Só a do Othon escolheu folgar no Ano Novo, por isso está conosco esta noite. Então, eu pedi ao Othon para ficar com o Ian. Quero fazer uma surpresa para Honna.

— Claro, e se puder ser agora eu agradeço. Vou roubar Honna para mim agora mesmo, antes que algo interrompa meus planos.

— Vai lá, divirta-se.

Beijo meu filho e o deixo com o tio.

Honna está conversando com Emília, então eu a cerco com meus braços e grudo minha boca em sua orelha.

— Preciso falar com você lá fora.

Ela junta a cabeça ao ombro quando sente a sensação prazerosa da minha mordida.

— Lucca Stein, o que está aprontando?

— Só me siga. Garanto que você vai adorar. — Pego sua mão e a guio para fora. Antes de ela



entrar no carro, mostro-lhe uma venda. — Não pergunte, só obedeça. — Cubro seus olhos e a ajudo a entrar no carro. — Senhora Stein, hoje papai Noel vai chegar mais cedo.

— Lucca... — Beijo-a e mordo seu lábio.

— Quieta, ou não ganhará seu presente de Natal. — Ligo o carro e sigo para nosso destino libertino.

— Amor, não faz assim... O que vai fazer comigo?

Muitas coisas, minha safada.

Durante todo nosso trajeto, não disse sequer uma palavra, só acariciava sua perna e agora estou a guiando pela mão, a caminho do elevador. Ajudo-a a entrar e aperto o botão da cobertura.

— Lucca? — *Oh, mulher! Fica quieta, não me tenta.* Deixo-a com meu silêncio misterioso, pois o que tenho para ela é algo que havia planejado há alguns meses, só que meu orgulho fodido de merda não permitiu que se concretizasse.

Abro a porta e continuo guiando-a até entrarmos na suíte presidencial.

— Meu amor, só me obedeça, não pergunte nada, apenas fique de olhos fechados e permaneça com a venda, prometo que não se arrependerá.

— Ai, ai... Lucca!

Ai, ai digo eu. Já estou de pau dolorido só em pensar no que farei com você.

— Shh! — A beijo e a deixo de pé em frente à cama.

Ela é uma boa garota e fica quieta, tipo uma estátua, acho que tentando descobrir o que há por trás dos pequenos movimentos que estou fazendo enquanto me dispo.

— Lucca, isso é o barulho de uma fivela de um cinto? — Puxo o cinto de uma só vez, acho que o tilintar da fivela que chamou sua atenção. — Amor, o que vai fazer comigo? — *Não me dê ideias, mulher.* Jogo o cinto de qualquer jeito no chão, depois rapidamente me livro da calça, dos sapatos, da camisa e da cueca. — Lucca, se não responder eu vou me livrar da venda. — *Não ouse*. Ah, caralho! Apenas o som de sua voz já me deixa pronto para todas as safadezas que quero fazer com ela.

Nu, de pau duro e salivando de desejo, estou pronto para a segunda fase.

Pego a pequena valise que trouxe com nossas roupas – já havia deixado na mala do carro –, dentro dela há algo que usarei para surpreender minha safadinha. Depois da Honna, minha imaginação alcançou outras dimensões. Deito-me na cama e olho para minha linda mulher, que está usando um lindo vestido vermelho, justo, curto, saltos altíssimos. Quando a vi vestida desse jeito, quase

desisti de ir à ceia de Natal.

— Pronto, amor, abra os olhos e se livre da venda. — Honna acata minha ordem.

— Lucca! — exclama, boquiaberta, olhos esbugalhados e com o dedo indicador apontando para minha ereção. — Não acredito!

Continua com os olhos fixados em meu pau.

— Pois acredite. Você achava mesmo que paupau Noel não viria lhe entregar seu presente de Natal?

— Lucca Stein, quando penso que não tem mais como me surpreender, você vem com essa? —

Ela sorri enquanto leva a mão à boca. — Isto é um gorro?

— É. Não ficou bonito *pra* caralho? E, ele vem com dois sacos. — Mostro minhas bolas adornadas com um cordão dourado em forma de laço.

— Você é doidinho, sabia?!

— Sei disso, mas sou doidinho por você e se depender de mim, nossa vida será sempre uma surpresa atrás da outra. — Pisco um olho e estendo o dedo indicador, chamando-a. — Vai ficar aí só admirando o paupau Noel?

Ela calmamente faz o seu caminho para a cama.

— Vou, mas antes vou desembrulhar seu presente, posso?

Ah, sua safada, atiça o bicho feroz que está louco para comê-la.

Honna vira-se de costas e sua bunda fica no nível do meu rosto. Eu olho para ela, nem pisco, só falta minha língua sair da boca e babar. Acho que a baba vai escorrer quando toda aquela fartura de carne ficar nua diante dos meus olhos. Só sigo o movimento de seus dedos descendo o zíper e já começo a perder o ar. Ela sabe me provocar.

Primeiro uma alça do vestido, depois a outra.

— Put... a merda, você estava esse tempo todo sem sutiã? — Honna adora me

provocar. Ela não responde meu questionamento.

O vestido vai escorregando por seu corpo lentamente.

— Honna, eu me levanto e rasgo esta porra! — ameaço, arrastando as palavras.

Caralho! Merda! Ela inclina seu corpo até suas mãos tocarem os tornozelos e eu vejo aquela calcinha indecente do caralho no vão de suas coxas molhadinha com sua excitação.

— Filha da mãe! Você gosta de me ver feito um bicho louco, não é, mulher? — Já estou de joelhos sobre o colchão, pronto para correr em direção à presa.

— Gosta do que está vendo, Lucca Stein? — Adoro quando ela me chama assim, principalmente quando estou prestes a enfiar meu pau na sua bocetinha apertadinha.

— Não provoca, porra, ou o paupau Noel vai perder o gorro. — O escroto do meu pau meleca todo o gorro com sua porra.

Ah, minha porra! Ela se ergue e vira de frente. A porra da calcinha é de renda transparente e posso ver toda sua ralinha penugem loira desenhada através dela. Eu quero enfiar minha língua bem no meio de suas dobras.

— Com ou sem, tarado? — Escrota do caralho! Lá está ela, com os dedos entre os finos elásticos da calcinha indecente, me encarando com aquele olhar de quem diz: se for homem vem me comer, seu puto!

A filha da mãe abre as pernas e em minha imaginação eu a vejo nua, com um cinturão de faroeste com dois revólveres, um de cada lado. Botas e chapéu de cowboy, pronta para um duelo, no qual o prêmio sou eu. Acho que esta será nossa próxima fantasia.

— Lucca, você já está pensando em um monte de sacanagens, não é mesmo? — Seus lábios se curvam em um sorriso malicioso. Ela me conhece melhor do que eu mesmo, ela sabe que minhas duas cabeças são um jogo erótico atrás do outro.

— Estou, mas essa fantasia ficará para a próxima vez. Agora eu quero você aqui, segurando os sacos do paupau Noel.

Agarro meu pau e puxo o gorro vermelho da cabeça lambuzada do todo escroto do meu caralho.

Eu a vejo juntar as pernas, como se também visse o brilho de excitação através do tule branco de sua calcinha depravada. E quando eu seguro meu ferro com uma mão e começo a guiar meus dedos em todo o eixo, para cima e para baixo, o melando todo com minha porra, ela lambe os lábios.

— Vem cá, safada, vem prová-lo. Só uma chupadinha na cabecinha...

Dou a ela meu sorriso mais libertino enquanto aperto a cabeça do meu pênis. Se ela demorar um tantinho mais, gozarei em meus próprios dedos.

— Jesus, Lucca! — geme ela quando sua mão cerca meu eixo, me encarando daquele jeito faminto. Não conseguindo ficar quieto, seguro seu rosto com minhas mãos e a beijo. Um beijo animal, guloso, e quando sinto que ela está com falta de ar, eu me afasto. Ela está com o cabelo loiro solto, lábios cheios, sexy e inchados de meu beijo.

— Chupa *ele*, vai. Chupa gostoso, safada.

Caralho, eu não sei falar de modo romântico. Com ela não dá, acho que não iria funcionar se acaso eu dissesse:

— *Oh, amor, faz um oral gostoso.*

Não, essa fala não é minha. Pode ser de outro cara, mas eu sou mais de pedir para me engolir com a porra de um boquete bem gostoso. E ela ficou boa nesse quesito, aliás, ficou em todos os quesitos. O ditado está certo.

A prática leva à perfeição.

A escrota sorri e, sem desviar dos meus olhos, leva meu caralho à boca, o engolindo lentamente.

— Escrota! — rosno. — Ah, porra, morde, amor, morde a cabeça.

Ela morde e chupa uma dezena de vezes, não necessariamente nesta ordem, mas é a porra da sensação atordoada do inferno. Eu quero gozar e ao mesmo tempo não quero.

Não dá para mantê-la com meu pau na boca, ou eu porei tudo a perder, então empurro sua cabeça para fora e a puxo para mim. Antes que ela perceba, já está deitada de costas para o colchão e com minha cabeça enfiada em sua boceta molhada.

— Lucca, seu... seu sacana! — Minha língua vai e vem em suas dobras, meus dedos fodendo-a em seus dois buracos. Eu só escuto os gemidos e sinto minha cabeça sendo empurrada com força eu sua boceta. — Lucca, eu...

Eu o caralho! Se eu não gozei, você também não vai gozar.

Rapidamente me livro de suas mãos e me enfio nas coxas de Honna. Puxo o bendito laço que adorna minhas bolas e miro meu pau duro em sua entrada.

— Minha linda, seu presente chegou. — Eu sou um filho de uma mãe escroto. Empurro tudo de vez, só escutando o engasgo que sai de sua garganta quando me sente todo dentro de si. — Gostou?

— Saio e enfio de volta com mais força. — Quer mais?

— Lucca, eu não quebro, mete essa porra todinha em mim.

Ah, safada, você quer pau? Então terá pau. A porra fica feia, é um vuco-vuco do caralho, aquele barulho de pau batendo em boceta. Acho que se tivermos vizinhos, ou eles vão ligar para a recepção, ou vão querer fazer o mesmo.

— Quer mais forte, amor?

— Sem piedade.

Essa é a minha mulher. Riso rouco escapa de mim quando seguro em seu pescoço e faço um pouco de pressão, enfiando tudo com força.

— Acho que vou fazer você gritar.

Não a deixo respirar, entro e saio, e quando sinto que seu êxtase está vindo, tiro o pau de dentro dela e a viro de bruços.

— Abra um pouco as pernas, amor. — peço e ela parece já saber o que vou fazer. Honna atende meu pedido e eu me enfio em seu buraquinho apertadinho, me

perdendo em suas delicadas pregas, me sentindo ser engolido.

Meus quadris se sacodem contra ela em impulsos não controlados, os dedos queimam contra a carne de sua boceta. Sinto o aperto do seu ânus enrolando-se em torno do meu membro e isso me fode, pois o gozo está próximo. Honna grita enquanto sente minhas estocadas.

Ela espalha mais as pernas, deixando-me mais à vontade para fazê-la ir ao máximo do prazer.

Eu já fiz sexo anal um trilhão de vezes, só que fazer com Honna é algo fora do meu contexto emocional. Como se o ato fosse a cumplicidade do nosso amor, é necessário.

Enterro minha cabeça em sua nuca e mordo enquanto sinto o êxtase vindo como uma explosão de sensações, tanto minhas como dela. É uma mistura complexa, algo que nos faz sentir juntos.

Ela solta um grito; eu grunho.

— Eu amo você, Honna. — Sussurro em seu ouvido. — Para sempre.

Separamo-nos e eu a levo para um banho. Seguimos o ritmo debaixo da ducha, agora lentamente...

Na cama, ela embrulhada em mim, nua, cheirosa e dengosa, solta um suspiro e eu sei que vem uma pergunta, então continuo calado.

— Lucca? — Eu sabia, conheço, minha dona. — Você me mostrou os sacos do paupau Noel, mas não me mostrou o que tinha dentro dele. — Ah, caralho! Não consigo ficar sério, solto uma gargalhada e, para fugir dos tapas, saio fora da cama.

Corro para a cadeira onde está meu paletó e enfio a mão dentro dele. Ela está com aquela carinha emburrada, a que sempre fica quando sorrio de alguma bobagem que ela diz.

— Aqui está seu presente. — Entrego-lhe um envelope. Ela o pega, abre e eu vejo o brilho de felicidade em seus olhos.

— Caribe! É sério? — Assinto, sorrindo. — Quando?

— Semana que vem. — Então eu vejo a sombra da tristeza e isso me incomoda.

— Lucca, e as indústrias? E o Ian? Não podemos ir, você tem responsabilidades.

— O Ian ficará com o papai e a babá. São vinte dias, acho que podemos dar conta da nossa saudade. Só acho que não teremos tempo para saudade quanto às indústrias, as daqui papai dará conta. Com relação a de São Paulo, já faz alguns meses que tenho pensado nisso e farei uma proposta para o Othon, vou promovê-lo a CEO da filial de São Paulo. Ele já tinha me contado que quer sair um pouco de Salvador, então, acho que vai aceitar.

Ela pula em meu pescoço e me enche de beijos.

— Claro que ele vai amar! Só fico triste porque ficaremos longe da Bárbara e o Ian sentirá muita falta da prima.

— Pensei nisso também, por isso já dei entrada em duas casas em um condomínio de luxo, uma bem próxima da outra. Será uma para nós e outra para o Othon, e todos os fins de semana ficaremos juntos. Quando ele não puder vir, iremos nós. E aí, o que acha?

— Eu acho que você é o melhor homem do mundo.

— De todas as suas vidas, eu sei disso, como também sei que nascemos para sermos um do outro, e se não fosse nessa vida, nasceríamos outra vez e quantas vezes fossem necessárias para ficarmos juntos. Não é a nossa vontade, é a vontade do Universo.

— Lucca Stein, eu o amo hoje e o amarei nas próximas vidas.

— Assim espero, porque vou procurá-la em todos os cantos da Terra.

Ela se enrosca em mim, me beija, se embrulha, e eu a puxo para perto, assim ficamos até adormecermos.



Lucca

Epílogo

Dois anos depois...

— Todos os convidados já chegaram. — Eu digo antes de abrir a porta do nosso quarto, onde Honna está se vestindo.

— E as crianças, como elas estão? Comportadas? — Eu sorrio. — O Ian e a Bárbara estavam com a corda toda, foi necessário um batalhão para convencê-los a ir tomar banho.

Quando entro no quarto, mordo meu lábio e passo levemente a mão na frente da minha calça para acalmar o incorrigível do meu pau. Ela está linda, usando um vestido um pouco acima dos joelhos que expõe seu barrigão de sete meses.

Deus, eu a amo!

— Não olhe para mim desse jeito. — diz ela. — Eu o conheço, Lucca Stein, sei perfeitamente o que está se passando pelas suas duas cabeças. — Ela sabe o que quero fazer, caralho, e já estou vendo a cena. Ela sem aquele vestido, toda nua, esparramada na cama, e eu com minha língua entre suas dobras, chupando aquela boceta gostosa. — Lucca, pare aí mesmo, nem pense nisso. Se você fizer o que está pensando, os convidados do seu filho e da sua sobrinha ficarão esperando um longo tempo até poderem cantar os parabéns.

— Acho que é uma boa ideia, não acha? — pergunto já a dois passos do seu corpo. Puxo-a para mim e beijo sua testa. — Assim, batemos os parabéns

rapidamente e os convidados irão embora logo, então teremos mais tempo para terminarmos o que começaremos agora.

— Meu Deus, Lucca, você é terrível! Nem no aniversário do nosso filho você não para de pensar em sexo?

— E eu tenho culpa se você fica muito mais gostosa grávida? — Esfrego minha ereção, ou tento, em sua barriga. — Acho que teremos mais de uma dezena de filhos, amor. A cada gravidez eu fico com mais tesão.

— Tarado. — Ela rebate e recebo um tapa no peito, na sequência ela recebe um na bunda.

A segunda gravidez não foi acidental. Honna parou a medicação e eu não uso preservativo desde que começamos a fazer amor. Queremos filhos, o quanto pudermos ter. Eu sei que trabalho demais.

As indústrias Stein estão se ampliando e, além das filiais em São Paulo, teremos uma na Argentina, e em dois anos, se Deus quiser, iremos para a Europa, mesmo assim queremos alguns pirralhos para me ajudar no comando do patrimônio da família. As filiais de São Paulo, passei o comando para o Othon, agora ele é o CEO das duas. Othon tem sido meus pés e minhas mãos, demonstrando muita competência em sua administração. No início foi difícil para o Ian se acostumar com a mudança do Othon para a capital paulistana, ele sentia muita falta da prima, mas resolvemos isso nos fins de semana. Ou vamos para São Paulo, ou eles vêm para cá.

— Filhos, vocês estão sabendo que todos os convidados já chegaram? — Papai me interrompe.

Já estava quase a convencendo a irmos para o banheiro dar uma rapidinha na bancada de mármore.

— Meus pais não vieram, não foi? — Honna questiona em tom de afirmação e olho para meu pai. Pela expressão dele, percebo que ela está certa. — Tudo bem, no fundo eu já sabia que eles não viriam. Só sinto pelo Ian, ele ainda é muito inocente e não sentiu a indiferença dos avós.

Se eu pudesse faria com que os pais da Honna virassem poeira cósmica. Eles não perdoaram a Honna por se tornar espírita e por permitir que o Ian converse com

seus amigos espirituais. A última vez que eles vieram visitar nosso filho, o surpreenderam conversando com um amiguinho, o que fez com que tentassem convencer Honna a chamar o padre para “expulsar o demônio que estava no corpo do neto”, palavras deles. Honna e eu lhes dissemos poucas e boas, e após esse incidente eles nunca mais voltaram para ver o neto, só conversam com ele via videochamada e por pouco tempo.

Eu sei que isso machuca o coração da Honna. Ela se faz de forte, diz não se importar, mas é filha, e qual o filho não sentiria falta do amor dos pais?

— Meu amor, quando o Ian entender certas coisas, nós explicaremos para ele o motivo pelo qual os avós se afastaram de nós. Lembre-se, as escolhas são dos seus pais, não nossas. Fizemos de tudo para aproximá-los da gente, então, não se sinta culpada, ok?!

Ela puxa o ar com força enquanto alisa o ventre avantajado.

— Você está certo, amor. Só fico triste por nossos filhos. Eles, de certa forma, estão sofrendo bullying dos próprios avós, mas a vida segue e temos dois aniversários para comandar.

Descemos para o jardim, o qual foi cuidadosamente arrumado para os aniversários de dois anos de Ian e Bárbara. Eles escolheram como tema o zoológico, e depois de muita conversa consegui convencer aos dois de que não tinha condição alguma de trazer os bichos de verdade para a festa, e eles tinham que se contentar com os de pelúcia.

Valeu a pena. A decoração está linda e olhando de onde estou, parece que são duas realidades.

Em alguns ângulos vejo uma selva com bichos entre as vegetações, ou espalhados pelo gramado; e em outros vejo bichos presos em jaulas, como se realmente estivéssemos em um zoológico.

— Vocês capricharam. — Othon comenta, parando entre nós com seu sorriso peculiar. Ele mudou muito, não o vejo mais como um egoísta escroto filho da puta, agora o vejo como meu querido amigo de infância. Parece que o Universo passou uma borracha em nosso passado sombrio e o que ficou foram as lembranças boas de nossa infância.

— Então, cunha, gostou? — Honna o considera um cunhado, é como se ele fosse meu irmão, o que não deixa de ter um pouco de verdade.

— Ficou perfeito! A Bárbara não parava de falar no “vevesário” dela durante toda a semana.

Giulia às vezes precisava vir me acordar porque Bárbara despertava na madrugada e queria ficar vendo as fotos de como seria sua festa.

— Giulia, hein... Hum...

Digo, entortando a boca, e Honna me belisca.

— Ai, amor, isso dói. Não disse nada demais.

— Você é muito indiscreto, sabia?

— Pode parar, Lucca, com suas insinuações. A Giulia é a babá da minha filha, só isso. Eu a respeito muito.

— Ah, *tá*, não estou falando sobre respeito, não disse que você faltou com respeito com a moça, só que ela é uma moça bonita, educada, solteira, adora sua filha, é formada em psicologia, e eu acho

que tem uma queda por você. Repito, só acho.

— Lucca Stein, para de colocar coisas na cabeça do Othon. A Giulia é uma excelente profissional e precisa desse emprego.

— Vamos mudar de assunto, gente, a Giulia está vindo.

Othon pede, demonstrando nervosismo e a face ruborizada. Fico com vontade de gargalhar, mas não sou doido, porque correria o risco de dormir no quarto de hóspedes, e do jeito que estou cheio de tesão, não sobreviveria.

— Desculpe incomodar. — A Giulia se aproxima de nós e fala. Acho que ela adivinhou que estávamos falando dela.

Olhando-a de perto, agora tenho certeza de que gosta do Othon. Sei disso porque a Honna fazia o mesmo quando ainda não estávamos namorando. Giulia não

consegue encarar Othon enquanto fala com ele, sempre baixando os cílios.

— Não está nos incomodando, Giulia, pode falar. O que foi? Algum problema com a Bárbara?

E eu acho que o Othon sabe disso, pois ele evita olhar para ela.

— Eu... — Ela limpa a garganta. — Eu gostaria de saber se posso ir visitar minha família hoje e passar a noite lá. Prometo que logo cedo estarei de volta.

Giulia é órfã de mãe, e antes de vir trabalhar para o Othon ela morava com o pai e a irmã de dez anos. A menina está doente e o tratamento da doença é caro, por isso ela deixou a profissão de lado e se candidatou à vaga de babá. O salário que ambos pagamos às babás é quatro vezes maior que o piso salarial de um psicólogo com carteira assinada. Quando Othon soube do problema de saúde da menina, ele passou a custear todo o tratamento dela.

— Sim, claro que pode, eu mesmo a levarei assim que a festa acabar, e não se preocupe em voltar amanhã, na segunda-feira mandarei o Everaldo ir buscá-la. Está bem assim?

— Está ótimo. Obrigada, senhor Othon.

Agora ela olha para ele com aquele mesmo olhar que a Honna me olha. A moça está apaixonada pelo patrão. Tem coisa mais linda do que isso?

— Que cara é essa, Lucca? — Othon pergunta enquanto eu fico vendo a Giulia se afastar de nós.

— Lucca, desfaça esse riso escroto dos lábios. A Giulia é uma boa moça e muito grata por tudo que estou fazendo por sua irmã. Se trata de reconhecimento e admiração, só isso.

— Sim, é... Se você quer pensar desse jeito, então pense, mas quer um conselho? Aproveite a oportunidade que a vida está lhe dando, pois se depender da Giulia ela jamais vai se declarar para você, o profissionalismo dela não deixará. Então cabe a você a iniciativa.

— Eu, hein, palhaçada! Quero que saiba que não estou interessado em relacionamentos, nem curtos e nem longos, já tive meu quinhão de aventuras e

ela não foi nada boa, acho que não sirvo para esse lance de relacionamento amoroso. Minha atenção será toda para minha filha, e quer saber? Vou à procura dela. Nosso papo já deu. Eu, hein, a Giulia apaixonada por mim, era só o que me faltava.

Ele nos deixa e vai atrás da filha, mas eu sei que pus uma pulguinha atrás da orelha dele, e a partir de hoje ele olhará para a Giulia com outros olhos. Posso apostar meu dedinho mindinho, se em

alguns meses não vamos ficar sabendo de um certo romance com uma certa babá.

— Você não é fácil, Lucca. Tinha que tocar no assunto da Giulia? Deixe o Othon fazer suas próprias descobertas. Ele é muito capaz de reconhecer os suspiros da Giulia quando ele passa.

— Às vezes um empurrãozinho cai bem. — Justifico, afinal, foi a própria Honna quem me contou sobre o interesse da Giulia pelo Othon. Ela viu e ouviu os suspiros e os olhares que ela dava quando o Othon passava não muito próximo a ela.

Eu sei o que passei. Quase morri. Sei quem foram os culpados por tudo. Se os perdoei? Sim.

Demorou cerca de alguns meses para que finalmente todo meu rancor desse lugar à empatia, e hoje eu tento demonstrar um pouco de amor para a pessoa que mais me prejudicou. Eu sei o que o Othon fez, eu sei como se comportou, eu sei de sua inveja, mágoa, e posso até dizer que ele sentia raiva de mim, mas eu sei também que ele mudou, e não foi após o acidente que sofreu. A mudança aconteceu no dia em que ele não quis mais ser aquele ser hostil. Acho que isso aconteceu a partir do momento em que ele percebeu o amor verdadeiro da Honna por mim, e o perdão do papai por seu pai, mesmo ele o prejudicando.

Não foi fácil olhar para o Othon com outros olhos, eu sempre ficava com um pé atrás, sempre esperava que em algum momento ele me apunhalasse pelas costas, no entanto, ele no dia a dia me provou que eu podia confiar nele. Então, sim, eu o perdoei.

E isso me faz um bem danado.

Sim também perdoei a Suzanne.

Othon e eu nos juntamos para ajudá-la, já que fomos de certa forma o símbolo de amor aos olhos dela, apesar de ela não nos reconhecer. Ela sequer se lembra que deu à luz a uma menina. Lembra, sim, de um filho, mas aquela em que o Othon a convenceu a abortar, e esse fato o Othon carregará em sua memória enquanto a Suzanne viver, pois todas as vezes que vamos visitá-la ela está com uma boneca nos braços, ninando seu bebê morto.

Conseguimos, finalmente, com ajuda judicial, já que a Suzanne de certa forma não existe mais, pois perdeu completamente a razão, transferi-la para um hospital psiquiátrico particular, onde ela está sendo cuidada com dignidade e amor. Todas as quintas-feiras, eu, Othon, Honna, papai, Emília e o Carlos, vamos visitá-la, oramos em silêncio para que seus obsessores se afastem e sigam seu caminho. Damos passe nela, levamos brinquedos, acho que o momento é de muita felicidade para ela.

A Suzanne que eu conheci não existe mais, ela continua uma mulher bonita, mas não tem mais aquele brilho nos olhos, hoje o seu olhar é distante, sombrio e triste, como o Carlos mesmo diz todas as vezes que vamos visitá-la. Ela fez as próprias escolhas, e os problemas que tinha com os obsessores não surgiram quando ela conheceu o Othon, eles existiam há mais tempo do que podemos imaginar.

Contudo, hoje, pelo menos, ela tem uma excelente assistência médica e espiritual, pois diferente do que ela estava no manicômio judiciário, está mais calma, até sorri, e ao olhar mediúnico da Honna e do Carlos, não há "5obsessores vampiros" perto dela. Ela ainda sofre com o assédio de alguns obsessores – em um hospital psiquiátrico é o que mais existe –, aqueles que está na sua mesma sintonia, ou seja, com a mesma energia, mas estamos sempre perto para protegê-la e ela está sempre em nossas orações.

Eu sei que o Othon ainda sofre muito com o estado mental da Suzanne, e hoje eu sei que ele se apaixonou mesmo por ela, por isso se sente culpado, mas tenho fé que um dia ele encontrará finalmente a paz e conhecerá alguém, e esse alguém irá amá-lo e ele a amará.

Cantamos os parabéns e foi aquela melequeira de bolo para todos os cantos. O Ian e a Bárbara, depois de muito correr com os amiguinhos, vários deles do

centro espírita, se cansaram, e a Honna, junto com as babás, foram levá-los para o quarto. Para eles a festa acabou.

— Então, filho, dois anos se passaram, como se sente? — papai pergunta.

— Velho. — Solto uma gargalhada. — E muito feliz. Tenho uma mulher maravilhosa e dois filhos, recuperei meu irmão... — Seguro a mão de Othon, ele está na mesma mesa que nós. — O

senhor está completamente saudável, feliz, nossa indústria está progredindo, estou em paz. Ajudo muitas pessoas, o que mais eu quero? Saúde e vida longa, só isso.

— Concordo. — Othon solta minha mão e abraça o papai. — Eu fui um merda, menti, roubei, fiz muita cagada e precisei quase perder a vida para entender que só o amor, a confiança e honradez, são o caminho para a felicidade e prosperidade. Obrigado por me darem um crédito de confiança.

— Você fez por merecer. Tudo o que conquistou foi por mérito, e acho que muitas coisas boas virão. — Papai o beija na testa. — Eu sempre o amei como um filho, só não confiava muito nas suas ações e nas do seu pai, mas deixemos isso para lá, são águas passadas.

— Teve notícias do tio Patrício? — eu pergunto.

— Nunca mais. A última vez que o vi foi debaixo daquela marquise. Não me importo mais com o que aconteceu com ele, agora só me importo com o que conquistei e com meus novos amigos, e por falar em amigos, cadê a Emília e o Carlos?

— Foram para a Itália, segunda lua de mel. Eles e os dois filhos. Viriam para a festa, mas a Emília passou mal ontem, e quando fizeram os exames descobriram que está grávida, então o médico pediu que ela evitasse viajar de avião por pelo menos dez dias.

— Cara, que notícia maravilhosa, imagino a felicidade dos dois. — Othon articula, com explícita felicidade.

— Pois é. Emília está com quarenta e cinco anos, é uma gravidez de alto risco, o Carlos não permite nem que ela se agache. Ela contou para Honna que nem sexo

ele quer fazer.

— Fodeu...

— Pai! — digo, alarmado. Fazia tempo que não escutava meu pai xingar.

— O que foi? Você pode verbalizar todos os palavrões pelos quatro cantos e eu não posso? Pois é, fodeu mesmo, eu sei como é esse negócio de não fazer sexo. Me comportei assim no início da gravidez da Bárbara, achava que podia machucar o Lucca e foi ela quem tomou a iniciativa, quase fui amarrado à cama.

Caímos na gargalhada.

— Senhor Othon, quando o senhor quiser ir, estou pronta, a menina Bárbara já está dormindo e a Jamile ficou de cuidar dela.

Somos interrompidos por Giulia.

Paramos de rir e ficamos observando os dois. O Othon todo tenso e a Giulia ruborizada. Ele se levanta.

— Continuamos nossa conversa quando eu voltar, preciso levar a Giulia em casa. — Ele comunica e sai andando. Ela na frente e ele atrás.

— Essa moça olha para o Othon do mesmo jeito que a Honna olha para você, só ele não percebe isso.

— Papai, até o senhor já percebeu? — Caímos novamente na gargalhada.

Deixo Papai conversando com alguns membros do Centro espírita, despeço-me e saio em busca do amor das minhas muitas vidas.

Hoje, eu sei que ela é meu espírito afins.

Entro no quarto que, por incrível que pareça, está completamente escuro. Mesmo assim eu me dispo completamente, já sei onde ela deve estar, na banheira, pois sinto o cheiro gostoso do seu sabonete. Abro a porta lentamente.

— Achei você. — Apresento-me completamente de pau duro, ereto, babando, com aquela cabeça inchada toda melecada, parecendo um bicho raivoso do

caralho.

— Lucca, que susto! Eu queria fazer uma surpresa, mas você sempre sai na frente, isso não vale... — Ela salpica água em mim.

— Adoro pegar você de surpresa, amo comer minha mulher de todas as formas. — Entro na banheira e me sento de frente para ela. Uma mão encontra a parte de trás do seu pescoço e a puxo para mim. Quando nossas bocas colidem, a mão envolve minha nuca e nosso beijo se torna quente.

Quando minha língua mergulha na sua boca, ela geme. Ela se senta de pernas abertas em meu colo, sentindo meu comprimento duro pressionando contra sua entrada, causando um delicioso ardor entre suas pernas. O beijo é feroz, nós dois agarrados um ao outro.

Olhando para seus olhos claros, respiro profundamente, e quando a penetro, digo-lhe:

— Eu a amo. Obrigado por ter me salvado e por ser o anjo da minha vida.

Sim, ela é meu anjo. Porque quando ela me salvou, ela salvou nosso amor, salvou nosso compromisso de ficarmos juntos em todas as vidas.

— Eu o amo também, Lucca Stein, nessa vida e em todas as vidas que tivermos. Nunca deixarei de procurá-lo.

— Nem eu. Sabe que estou gostando muito de gostar de gostar de construir uma família com você? — Acaricio sua barriga, ela sorri e eu a beijo apaixonadamente, deixando a água fazer o movimento do nosso amor.

Nossa filha nasceu no tempo certo, parto normal, sem nenhum incidente. Pesando quase quatro quilos, e cinquenta e nove centímetros. Loirinha, olhos verdes, calminha e gulosa. Honna já tinha decidido o nome dela desde o dia que ficou sabendo que teríamos uma menina.

Ella.

O nome da nossa filha é Ella Lordello Stein.

PRÓXIMO ROMANCE

TUDO O QUE EU QUISER

Ele é viciado em CONTROLE e DOMÍNIO

Will Drakon Brachmann

Controle e domínio duas palavras que regem minha vida totalmente, tanto a pessoal, quanto a profissional. No mundo em que vivo se você perder essas duas coisas perde tudo. As pessoas me acham perigoso, feroz, prepotente. E elas estão certas, eu sou tudo isso e mais algumas coisas, não admito erros, dúvidas e desobediência.

Sou o senhor do meu mundo, onde só eu mando, e todos obedecem.

Com exceção de uma mulher... Donna.

Quando tive o desprazer de conhecê-la, soube naquele momento que ela seria uma pedra dolorida dentro do meu sapato. E foi.

Aquela “coisinha bonita” é o ser mais insuportável que já conheci. Presunçosa e boca suja.

Donna atiça meu eu dominador perverso. Todas as vezes que a encontro quero jogá-la sobre meus joelhos e espancar seu traseiro empinado e firme. Ela me deixa literalmente louco. Aquela demônia está conseguindo o impossível; tirar meu controle, minha sanidade e meu sono. Ela atravessou meu caminho, entrou em um jogo perigoso e agora está em minhas mãos, e só há um jeito de sair dele. Se submetendo.

Só tem um problema; estou completamente viciado.

Pois ficar longe dela será minha destruição.

Mantê-la, será minha morte.

Entre a morte e a destruição, qual dos dois devo escolher?

Donna van de Berg

Eu sei que estou no fundo do poço, estou precisando desesperadamente de

dinheiro, e para consegui-lo preciso esquecer meus malditos valores morais. E justamente o homem que odeio mais que tudo tem o controle sobre isso.

Ele comprou minha dívida.

E o pagamento é a minha submissão.

Não sei como isso vai acontecer, não admito se quer que um homem me olhe torto, quanto mais um que queira me dar ordens.

Will Drakon Brachmann é cru, frio, arrogante, perigoso, bilionário, e lindo de molhar a calcinha. Aquele demônio emana soberania, o homem nem precisa abrir a boca para se impor, basta apenas um olhar.

Ele quer me possuir, quer me controlar. E eu só preciso manter o controle de minha mente e da minha maldita vagina, principalmente quando suas mãos tocam meu corpo.

Notes

[←1]

Capítulo 2, página 41, primeiro parágrafo do livro Cidade dos Deuses, da escritora Evanice Maria Pereira

[←2]

A mediunidade ostensiva nada mais é do que a expressão máxima da capacidade individual para fazer a ligação entre o plano espiritual e material. Como são vários os tipos de mediunidade, é possível que sua forma ostensiva se manifeste de modos diferentes.

[←3]

A psicografia é a técnica utilizada pelos médiuns para que estes escrevam um texto sob a influência de um espírito desencarnado, utilizando para isso sua própria mão, o que deu origem à "psicografia direta" ou "psicografia manual". De todas as formas de comunicação, a escrita manual é a mais simples e a mais completa porque permite estabelecer relações permanentes e regulares com os espíritos.

[←4]

https://espirito.org.br/artigos/possessao-espiritual-3/

[←5]

Vampirismo é um tipo de obsessão caracterizado pela condição de parasitismo psíquico, quando um ou mais, dentre os envolvidos — Espíritos desencarnados, almas encarnadas e a mescla destes — se nutrem das forças vitais de suas vítimas, comumente em associação a prazeres viciosos. É, portanto, um processo obsessivo mais ou menos grave, que consiste no envolvimento de um agente ativo (vampirizador) e outro passivo (vampirizado), havendo ainda casos de ação mútua (quando os mesmos envolvidos ora vampirizam e ora são vampirizados), cuja solução muitas vezes requer uma caridosa intervenção de terceiros em socorro aos, tanto aos vampirizadores quanto aos vampirizados.

Document Outline

- Agradecimentos
- Mensagem
- SINOPSE
- Prólogo
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26
- Capítulo 27
- Capítulo 28
- Capítulo 29
- Capítulo 30

- Capítulo 31
- Capítulo 32
- Capítulo 33
- Capítulo 34
- Capítulo 35
- Capítulo 36
- Capítulo 37
- Capítulo 38
- Capítulo 39
- Capítulo 40
- Capítulo 41
- Capítulo 42
- Capítulo 43
- Capítulo 44
- Capítulo 45
- Capítulo 46
- Capítulo 47
- Capítulo 48
- Capítulo 49
- Capítulo 50
- Capítulo 51
- Epílogo
- PRÓXIMO ROMANCE